

JANE EYRE

Charlotte Brontë

InfoLivros.org



SINOPSE DE JANE EYRE

Jane Eyre é um clássico da literatura inglesa e mundial que ainda hoje tem leitores em todo o mundo. É uma história de amor que se passa sob as sombras do mistério, um elemento muito típico do romantismo vitoriano.

Jane é uma jovem que ficou órfã quando criança. Seu destino parecia ser normal e sem muita excitação, mas sua vida toma um rumo inesperado quando é contratada como governanta em Thornfield, onde conhece o Sr. Rochester. Lá, uma série de eventos estranhos começa a acontecer e, ao mesmo tempo, o amor começa a crescer entre eles.

Neste romance, testemunhamos como uma mulher desenvolve sua capacidade de amar e como, apesar de como a vida pode ser dura, o amor pode sobreviver.

Se você quiser ler mais sobre este livro, você pode visitar o seguinte link

[Jane Eyre por Charlotte Brontë em InfoLivros.org](http://InfoLivros.org)

Lê. Aprende. Cresce.

Este documento foi baixado de InfoLivros de forma legal, e isso é incrível!

Em InfoLivros, nos esforçamos incansavelmente para que livros excepcionais estejam disponíveis gratuitamente para todos.

Mas este livro não é o final...



Milhares de Livros Grátis: Com mais de 3.500 livros em nosso catálogo, sua próxima grande leitura está esperando por você. Procura inspiração, aventura ou



Sem Custos, Sem Complicações: Em InfoLivros, acreditamos no acesso livre e fácil ao conhecimento. Todos os nossos livros estão disponíveis sem nenhum custo e sem necessidade de registro. Sim, é tão simples assim!



Descubra e Aprenda: Mergulhe em nossa ampla variedade de temas e encontre exatamente o que você precisa. Desde clássicos literários até livros contemporâneos, nosso conteúdo é projetado para enriquecer sua mente e espírito.

**Para ler e baixar
livros grátis, visite**

InfoLivros



infolivros.org/livros-pdf-gratis/

Se desejar ler este trabalho noutras línguas, basta clicar nos links correspondentes:

- Inglês InfoBooks.org: [Jane Eyre author Charlotte Brontë](#)
 - Espanhol InfoLibros.org: [Jane Eyre autor Charlotte Brontë](#)
 - Francês InfoLivres.org: [Jane Eyre auteur Charlotte Brontë](#)
-

Se quiser aceder à nossa biblioteca digital com mais de 3.500 livros para ler e descarregar gratuitamente, convidamo-lo a visitar esta página:

- [+3,500 livros gratuitos em formato PDF em InfoLivros.org](#)

PREFÁCIO

Não fiz um prefácio à primeira edição de “Jane Eyre” por ser desnecessário. Esta segunda edição, porém, requer algumas palavras, tanto de agradecimento quanto de comentários.

Meus agradecimentos são devidos a três grupos distintos.

Ao Público, pela indulgência com que acolheu este conto simples de poucas pretensões.

À Imprensa, pelo amplo espaço que seu julgamento honesto abriu a um obscuro aspirante.

Aos meus Editores, pela ajuda que o seu tato, energia, senso prático e franca liberalidade proporcionaram a um autor desconhecido e sem qualquer recomendação.

A Imprensa e o Público são apenas vagos personagens para mim, e devo agradecer-lhes em termos vagos também. Mas meus Editores são conhecidos, assim como certos críticos generosos que me encorajaram, como somente os homens magnânimos e de altos princípios sabem fazer para encorajar um escritor novato e batalhador. A esses Cavalheiros, isto é, aos meus Editores e aos seletos Críticos, agradeço do fundo do meu coração.

Tendo assim reconhecido o que devo àqueles que me ajudaram e me aprovaram, volto-me para outro grupo: é um grupo pequeno, tanto quanto sei, mas que não deve, por esse motivo,

ser ignorado. Refiro-me aos poucos temerosos e críticos que duvidam da tendência de livros como “Jane Eyre”. Aos olhos deles o que é incomum é errado, seus ouvidos detectam em cada protesto contra a intolerância – esta fonte do crime – um insulto à piedade, que é a regente de Deus na terra. Eu sugeriria a esses descrentes algumas distinções óbvias; gostaria de lembrá-los de certas verdades simples.

Convencionalismo não é moralidade. Integridade própria não é religião. Atacar o primeiro não é investir contra o último.

Arrancar a máscara da face dos Fariseus não é estender uma mão ímpia para a Coroa de Espinhos.

Essas coisas e esses atos são diametralmente opostos e tão distintos quanto o vício da virtude. Os homens frequentemente os confundem, mas eles não devem ser confundidos: a aparência não deve ser tomada equivocadamente pela verdade. As estreitas doutrinas humanas, que apenas tendem a encher de júbilo e engrandecer alguns poucos, não devem substituir a crença universalmente redentora em Cristo. Existe – repito – uma diferença. E é uma boa ação, e não má, marcar ampla e claramente a linha de separação entre elas.

O mundo pode não gostar de ver essas ideias separadas, pois foi acostumado a misturá-las – achando conveniente fazer a manifestação externa passar-se pelo valor autêntico e permitindo que as paredes caídas prestem testemunho da

limpeza dos santuários. O mundo deve odiar aquele que ousa investigar e expor; destruir o revestimento dourado e mostrar a base de metal por baixo dele; penetrar no sepulcro e revelar as relíquias mortuárias. Mas, mesmo odiando, estará endividado com ele.

Ahab não gostava de Micaiah, porque este nunca profetizou-lhe o bem, mas o mal – provavelmente gostava mais do filho sicofanta de Chenaannah. Ainda que Ahab possa ter escapado a uma morte sangrenta, não o teria conseguido se não tivesse cerrado os ouvidos à lisonja e aberto aos conselhos fiéis.

Existe um homem em nossos dias cujas palavras não são articuladas para encantar ouvidos delicados. Este homem, no meu entender, vem à frente dos grandes homens da sociedade, tanto quanto o filho de Tmlah vem à frente dos reis entronizados de Judá e Tsrael. É ele quem fala a verdade com profundidade, com um poder profético e vital, e um semblante tão destemido quanto ousado. O satirista de “Feira das Vaidades” é admirado nos lugares mais elevados? Não sei dizer, mas acho que se alguns daqueles contra quem ele arremessa o fogo grego[1] do seu sarcasmo, e sobre quem ele lança a brasa acesa da sua denúncia, houvessem considerado suas advertências a tempo – eles mesmos ou as

sementes que deixassem poderiam talvez ter escapado de uma fatal Rimoth-Gilead.[2]

Por que aludi a este homem? Aludi a ele, Leitor, porque acredito ver nele um intelecto mais profundo e mais original do que seus contemporâneos reconheceram até agora. Porque o considero o primeiro regenerador social dos nossos dias, o verdadeiro mestre desta unidade trabalhadora que poderia reconduzir à retidão o deformado sistema de coisas. Porque acredito que nenhum comentarista dos seus escritos achou ainda a comparação adequada a ele, os termos que caracterizem corretamente o seu talento. Dizem que ele é como Fielding[3]: falam de sua sagacidade, humor e talento cômico. Ele se parece com Fielding como uma águia a um abutre: Fielding poderia arrebatá-la, mas Thackeray[4] jamais. Sua sagacidade é brilhante, seu humor atraente, mas ambos mantêm a mesma relação com seu gênio sério que o simples e rápido relâmpago brincando sob a beira da nuvem de verão mantém com a faísca elétrica mortal escondida no seu ventre. Finalmente, aludi a Mr. Thackeray porque a ele – se vier a aceitar o tributo de um completo estranho – dediquei esta segunda edição de “Jane Eyre”

CAPÍTULO I

Não havia qualquer possibilidade de fazer uma caminhada naquele dia. Na verdade, estivéramos perambulando durante uma hora, pela manhã, sob as árvores nuas. Mas desde o almoço (Mrs. Reed almoçava cedo, quando não havia visitas) o vento frio do inverno trouxera nuvens tão pesadas e uma chuva tão penetrante, que qualquer exercício ao ar livre estava agora fora de cogitação.

Fiquei contente com isso, nunca gostara de longas caminhadas, especialmente em tardes frias. O mais terrível para mim era a volta para casa no frio entardecer, com os dedos e artelhos congelados, o coração entristecido pelas repreensões de Bessie, a ama, e humilhada pela consciência de minha inferioridade física em relação à Eliza, John e Georgiana Reed.

Os tais Eliza, John e Georgiana estavam agora na sala de estar, agrupados em torno de sua mãe. E ela, reclinada no sofá junto à lareira, com seus queridos em volta (no momento nenhum deles discutia nem gritava), parecia perfeitamente feliz. Ela me dispensara do grupo dizendo que “lamentava que fosse necessário manter-me à distância, mas até que ouvisse de Bessie, e pudesse ela mesma constatar que eu estava me esforçando sinceramente para adquirir uma disposição mais sociável e própria de uma criança, maneiras mais vivas e atrativas... alguma coisa mais suave, mais franca e mais

natural... ela realmente devia me excluir dos privilégios destinados apenas às criancinhas felizes e contentes.”

- O que Bessie disse que eu fiz? – perguntei.
- Jane, não gosto de espertezas nem de discussões; além disso, é muito errado uma criança enfrentar os mais velhos dessa maneira. Sente-se em algum lugar, e até que possa falar de modo agradável trate de ficar em silêncio.

Junto à sala de estar ficava a sala de almoço, e deslizei para lá. Ali havia uma estante; logo tomei posse de um livro, assegurando-me que fosse algum que tivesse figuras. Pulei para o vão da janela, e puxando os pés para cima sentei-me de pernas cruzadas, como um turco. Fechei quase totalmente a cortina de damasco vermelha e me encastelei em duplo isolamento.

As dobras da cortina escarlata fechavam minha visão do lado direito; à esquerda estavam as claras vidraças da janela, que me protegiam, embora não me separassem, do sombrio dia de novembro. Vez por outra, enquanto folheava as páginas do meu livro, eu estudava o aspecto daquela tarde de inverno. Ao longe aparecia um pálido clarão de nuvens e névoa; mais perto uma paisagem de relva molhada e arbustos batidos pela tempestade, com uma chuva incessante que caía com força selvagem em longas e lamentosas rajadas.

Voltei ao meu livro – a “História dos Pássaros Ingleses”, de Bewick. Eu ligava pouco para as letras impressas, de modo geral, mas havia algumas páginas introdutórias que, sendo eu uma criança, aguçavam a minha curiosidade. Eram aquelas que tratavam dos refúgios das aves marinhas, das “rochas e promontórios solitários”, habitados apenas por elas; da costa da Noruega, salpicada de ilhas desde a sua extremidade sul, o cabo Lindenness ou Naze, até o Cabo Norte,

Onde o Mar do Norte, em vastos rodopios, Ferve ao redor das nuas e melancólicas ilhas da mais longínqua Thule; e o Atlântico surge jorrando entre as turbulentas Hébridias.

Nem poderia deixar passar em branco a sugestão das costas desertas da Lapônia, Sibéria, Spitzbergen, Nova Zembla, Islândia ou Groenlândia, com “a vasta vertigem da Zona do Ártico e aquelas espaçosas regiões desabitadas e tristes... esse reservatório de gelo e neve, onde campos de gelo sólido, acumulados em centenas de invernos, vitrificados em cumes e mais cumes alpinos, rodeiam o pólo e concentram os múltiplos rigores do frio extremo”. Formei minha própria ideia desses

reinos brancos como a morte, um pouco vaga, como todas as noções apenas meio compreendidas que flutuam confusamente nas mentes infantis, mas curiosamente

impressionante. As palavras dessas páginas introdutórias se ligavam aos desenhos que vinham a seguir, e conferiam significado à rocha que surgia solitária em meio a um mar bravio de vagalhões e espumas; ao bote quebrado encalhado numa praia desolada; à lua fria e lívida, vislumbrando por entre as barras de nuvens as ruínas de um navio recém naufragado.

Não sei dizer que sentimento assombrava o solitário cemitério com suas lápides, o portão, as duas árvores, o horizonte opressivo, cingido pelos muros arruinados, e o crescente da lua recém surgido atestando a hora do entardecer.

Os dois calmos navios num mar entorpecido me pareciam fantasmas marinhos.

Passei rapidamente pelo demônio cravado no saco que um ladrão levava às costas: era motivo de terror para mim.

E também uma coisa negra com chifres, sentada ao longe numa rocha, observando uma multidão distante a rodear um patíbulo.

Cada figura contava uma história, frequentemente misteriosa para o meu pouco entendimento e meus sentimentos imperfeitos, ainda que profundamente interessante. Eram tão interessantes quanto as histórias que Bessie às vezes contava nas noites de inverno, quando acontecia de estar de bom humor. Nessas ocasiões, trazia sua tábuca de passar para junto da lareira da sala de recreio e nos permitia sentar ao redor. Enquanto passava os babados de renda de Mrs. Reed e

ondulava as bordas de suas toucas de dormir, alimentava nossa ávida imaginação com passagens de amor e aventura tiradas de antigos contos de fadas e outras baladas. Ou então (como mais tarde descobri) das páginas de Pamela, e Henry, conde de Moreland.

Eu me sentia feliz então, com o Bewick no colo. Feliz do meu jeito, pelo menos. Não temia nada, a não ser que me interrompessem, e isso logo aconteceu. A porta da sala se abriu.

- Ei! Dona Zangada! - exclamou a voz de John Reed.

Ele então parou, achando que a sala estava vazia.

- Onde diabos ela se meteu? - ele continuou. E chamou as irmãs

- Lizzy! Georgy! Joan não está aqui. Diga à mamãe que ela saiu na chuva... aquela peste!

“Ainda bem que fechei a cortina” pensei, e desejei fervorosamente que ele não descobrisse o meu esconderijo. Não que John Reed fosse capaz de descobri-lo sozinho, ele não era rápido nem de visão nem de raciocínio. Mas Eliza apenas pôs a cabeça pela porta e disse de uma vez:

- Ela deve estar no vão da janela, pode ter certeza, Jack.

Apareci imediatamente, pois tremia ante a ideia de que o tal Jack me arrastasse para fora.

- O que você quer? – eu perguntei, com uma irritação desconfiada.
- Veja como fala. Diga “o que o senhor quer, Senhor Reed?”
- foi a resposta. – Quero que você venha aqui.

E sentando-se numa poltrona, indicou com um gesto que eu devia me aproximar e ficar de pé em frente a ele.

John Reed era um colegial de quatorze anos de idade, quatro anos mais do que eu, que tinha dez. Grande e robusto para a idade, tinha uma pele fosca e doentia, traços grosseiros numa cara grandalhona, membros grossos e mãos e pés grandes. Costumava empanturrar-se à mesa, o que o tornava bilioso, e lhe conferia um olhar turvo e sombrio e faces flácidas. Ele devia agora estar na escola, mas sua mãe o trouxera para casa por um ou dois meses “por causa de sua saúde delicada”. O professor, Mr. Miles, afirmava que ele ficaria bem melhor se não lhe enviassem de casa tantos bolos e gulodices. Mas o coração da mãe desconsiderava essa opinião tão dura, e preferia acreditar na ideia mais refinada de que a lividez de John se devia à excessiva aplicação aos estudos e, talvez, porque o importunavam longe de casa.

John tinha pouca afeição pela mãe e pelas irmãs, e me detestava. Ele me intimidava e me batia, não duas ou três vezes na semana, não uma ou duas vezes por dia, mas continuamente. Todos os meus nervos o

temiam, e cada músculo do meu corpo se contraía quando ele se aproximava. Havia momentos em que eu ficava atordoada com o terror que ele me inspirava, pois não tinha a quem apelar contra suas ameaças ou castigos. Os criados não queriam ofender seu jovem patrão tomando meu partido contra ele. E Mrs. Reed, nesse assunto, era cega e surda: nunca via ele me bater, nem jamais ouvia os insultos que ele me fazia, embora ele fizesse ambas as coisas em sua presença a toda a hora e, com mais frequência ainda, pelas costas dela.

Como me acostumara a obedecer a John, aproximei-me da poltrona. Ele passou uns três minutos esticando a língua para mim, tanto quanto podia sem arrancá-la das raízes. Eu sabia que logo ele iria me bater e, enquanto temia a pancada, meditava sobre sua aparência asquerosa e feia, tão horrível de se ver. Imaginei que ele percebera esse pensamento pela minha expressão, pois, num único golpe, sem falar nada, ele de repente me bateu com toda a força. Eu cambaleei e, recuperando o equilíbrio, afastei-me um ou dois passos da poltrona.

- Isto é pelo seu atrevimento de responder à mamãe - ele disse - e por ficar se escondendo atrás das cortinas, e também pelo jeito que me olhou há dois minutos, sua rata!

Acostumada aos maus tratos de John, nunca pensara em responder-lhe. Minha preocupação era como aguentar o golpe que certamente se seguiria aos insultos.

- O que estava fazendo atrás da cortina? – perguntou ele.
- Estava lendo.
- Mostre-me o livro.

Voltei ao vão da janela e peguei o livro.

- Você não tem nada que ficar pegando os nossos livros, a mamãe diz que você é uma dependente. Não tem dinheiro, seu pai não lhe deixou nada, você devia estar pedindo esmolas, e não vivendo aqui com filhos de cavalheiros como nós, comendo a mesma comida e vestindo as roupas que a mamãe lhe dá. Agora vou lhe ensinar a remexer nas minhas estantes, porque elas são minhas, está ouvindo? Toda esta casa me pertence, ou vai

pertencer em pouco tempo. Vá e fique junto da porta, longe do espelho e das janelas.

Fui me colocar ali, sem me dar conta, a princípio, de sua intenção. Mas quando o vi levantar o livro, equilibrá-lo e parar no ato de arremessá-lo contra mim, imediatamente me joguei para o lado, gritando alarmada. Mas não fui rápida o bastante. O livro foi atirado, me atingiu e eu caí, batendo a cabeça contra a porta e fazendo um corte. Comecei a sangrar e senti uma dor aguda, mas o terror passou do limite e outros sentimentos tomaram o seu lugar.

- Garoto cruel e perverso! – gritei. – Você parece um assassino, um feitor de escravos... parece os imperadores romanos!

Eu havia lido a “História de Roma” de Goldsmith, e formara minha própria opinião sobre Nero, Calígula, etc. Também traçara esses paralelos em silêncio, mas nunca pensara em exprimi-los em voz alta.

- O quê? O quê?... – ele gritou. – Como ela ousou me dizer estas coisas? Vocês ouviram isso, Eliza e Georgiana? Não devo contar tudo à mamãe agora mesmo? Mas antes disso...

Ele atirou-se contra mim, senti que agarrava meu cabelo e meu ombro: estava desesperado. Via nele um tirano, um assassino, de verdade. Senti que algumas gotas de sangue da minha cabeça desciam pelo pescoço e me dei conta do agudo sofrimento que enfrentava. Tais sensações foram mais fortes do que o medo e eu o enfrentei de modo desvairado. Não sei exatamente o que fiz com as mãos, mas ele gritava “rata! rata!” em altos brados. Logo ele receberia ajuda, pois Georgiana e Eliza haviam corrido para chamar Mrs. Reed, que nesse momento subia as escadas. Ela chegou à sala, seguida por Bessie e pela sua criada, Abbot. Fomos separados e ouvi essas palavras:

- Menina! Menina! Que fúria é essa contra Mr. John?

- Alguém já viu tanta raiva assim? Então Mrs. Reed acrescentou:

- Levem-na para o quarto vermelho, e que fique trancada lá!

Quatro mãos imediatamente me levantaram e me arrastaram escada acima.

CAPÍTULO II

Resisti durante todo o caminho. Era uma atitude nova para mim, e uma circunstância que aumentou bastante a má opinião que Bessie e Miss Abbot estavam dispostas a acalantar a meu respeito. O fato é que eu estava um pouco além de mim, ou fora de mim, como diriam os franceses. Tinha consciência que minha rebeldia de um momento já me expusera a castigos fora do comum e, como qualquer outro escravo rebelde, estava disposta a ir até o fim.

- Segure os braços dela, Miss Abbot. Parece uma gata brava.
- Que vergonha! Que vergonha! - exclamava a criada de Mrs. Reed. - Que conduta mais chocante, Miss Eyre! Atacar um jovem cavalheiro, o filho da sua benfeitora! Seu patrãozinho.
- Meu patrão! Por que meu patrão? Por acaso sou uma criada?
- Não, a senhorita é menos que uma criada, pois não faz nada para pagar o seu sustento. Sente ali, vamos, e pense sobre a sua maldade.

A esta altura já me haviam trazido até o quarto indicado por Mrs. Reed, e me jogaram sobre um banco. Meu impulso foi pular dali como uma mola, mas seus dois pares de mãos me imobilizaram no mesmo instante.

- Se não sentar-se quieta, vamos amarrá-la - disse Bessie. - Miss Abbot, me empreste as suas ligas, as minhas não aguentariam.

Miss Abbot voltou-se para despir a robusta coxa das ligas pedidas. Essa preparação para me amarrar, e a ignomínia contida nesse ato, acalmaram um pouco a minha excitação.

- Não precisa tirá-las - gritei. - Não vou me mexer. Como garantia, agarrei-me ao banco com as mãos.

- Pense bem nisso! - disse Bessie.

Quando se certificou de que eu fora subjugada, soltou-me. Então ela e Miss Abbot pararam com os braços cruzados, olhando de maneira sombria e duvidosa para o meu rosto, como se desconfiassem de minha sanidade mental.

- Ela nunca fez isso antes - disse Bessie, voltando-se para Abigail.

- Mas sempre carregou isso dentro de si - foi a resposta. - Já

falei várias vezes a minha opinião sobre essa menina para a senhora, e ela concorda comigo. Ela é uma coisinha dissimulada: nunca vi uma menina dessa idade tão fingida.

Bessie não respondeu, mas olhou-me longamente antes de se dirigir a mim. Então disse:

- Fique ciente, Miss Eyre, de que tem obrigações para com Mrs. Reed. É ela que a mantém. Se chegar a mandá-la embora daqui, você teria que ir para o asilo.

Eu não tinha nada a dizer sobre essas palavras, nem representavam novidade para mim. Minhas mais remotas recordações incluíam insinuações do mesmo tipo. Essa acusação de dependência se tornara uma vaga cantilena em meus ouvidos: muito dolorosa e opressiva, mas apenas meio inteligível. Miss Abbot acrescentou:

- E não ouse pensar que é igual às meninas Reed ou ao jovem Mr. Reed, só porque a senhora bondosamente permitiu que fosse criada junto com eles. Eles terão muito dinheiro e você não vai ter nenhum. É sua obrigação ser humilde e tentar tornar-se agradável para eles.

- Estamos falando isso para o seu bem - disse Bessie, numa voz um pouco menos áspera - deve tentar ser útil e agradável, então talvez consiga ter um lar aqui. Mas se tornar-se violenta e rude, a senhora vai mandá-la embora, tenho certeza.

- Além disso - disse Miss Abbot - Deus vai puni-la, pode fazê-la cair morta no meio de um ataque de pirraça, e então para onde iria? Venha, Bessie, vamos deixá-la. Não queria ter um coração assim, por nada no mundo. Reze, Miss Eyre, reze quando estiver sozinha. Se não se

arrepende, algo muito ruim vai descer pela chaminé e carregá-la para longe.

Elas saíram, e trancaram a porta atrás de si.

O quarto vermelho era uma peça quadrada, onde raramente alguém dormia. Posso até dizer que nunca, na verdade, a menos que houvesse um fluxo extraordinário de visitantes em Gateshead Hall, tornando necessário utilizar todas as acomodações possíveis. Ainda assim era um dos maiores e mais imponentes quartos da mansão. A cama ficava ao centro, como um tabernáculo, circundada por maciços pilares de mogno, fechados por cortinas de damasco de um vermelho profundo. As duas enormes janelas, com suas persianas sempre baixadas, ficavam meio encobertas pelas pregas e drapejados do mesmo tecido. O tapete era vermelho. A mesa ao lado da cama, coberta por uma toalha carmesim. As paredes tinham um tom bem suave de castanho claro, com pitadas de rosa. O guarda-roupa, o toucador e as cadeiras eram de mogno antigo, escuro e polido. Destoavam dessas sombras de rosa profundo que circundavam a peça, fulgurando em sua brancura, o felpudo colchão e os travesseiros da cama, coberta por uma colcha de Marselha de um branco nevado. Um pouco menos requintada era uma ampla poltrona estofada, também branca, que se encontrava à cabeceira da cama, com uma banquetela para os pés à frente. Na minha imaginação assemelhava-se a um trono pálido.

O quarto era frio, pois raramente se acendia a lareira ali. Também era silencioso, uma vez que ficava distante da sala das crianças e da cozinha. Era solene, pois raramente era habitado. Apenas a criada entrava ali aos sábados, a fim de retirar dos espelhos e móveis a quieta camada de pó que se acumulara durante a semana. E a própria Mrs. Reed, a intervalos mais distantes, visitava o quarto para revisar o conteúdo de certa gaveta secreta dentro do armário, onde estavam guardados alguns pergaminhos, o estojo de jóias e uma miniatura de seu falecido marido. Nestas últimas palavras residia o segredo do quarto vermelho... o feitiço que o mantinha tão solitário, a despeito de sua imponência.

Mr. Reed morrera há nove anos: fora nesse quarto que exalara o último suspiro. Ali jazera em câmara ardente até que o caixão fosse levado

pelos homens do serviço funerário. E, desde esse dia, um sentido de melancólica consagração resguardara o aposento de intrusões frequentes.

O banco, no qual Bessie e a amarga Miss Abbot me haviam deixado imóvel, era uma otomana baixa próxima à cornija de mármore da lareira. A cama se estendia à minha frente. À direita estava o alto e escuro guarda-roupa, cujos painéis brilhavam em reflexos tênues e fragmentados. No lado esquerdo ficavam as opressivas janelas. Um enorme espelho

entre elas refletia a vazia majestade da cama e do quarto. Eu não estava bem certa se haviam efetivamente trancado a porta, e quando ousei me mover fui lá verificar. Ai de mim! Nenhuma jaula seria mais segura! Ao voltar tinha que passar em frente ao espelho, e meu olhar fascinado involuntariamente explorou a profundidade que ele revelava. Tudo parecia mais frio e escuro naquele vazio fantasioso do que na realidade. E a pequena e estranha figurinha que me olhava dali, com a face branca e os braços como manchas na escuridão do cômodo, os olhos brilhantes de medo que se moviam enquanto todo o resto estava imóvel, causava o efeito de uma verdadeira assombração. Parecia-me um daqueles pequeninos fantasmas, meio fada, meio diabinho, que nas histórias de Bessie sempre eram representados saindo dos pequenos e solitários vales cobertos de fetos das charneças, e apareciam diante dos olhos dos viajantes retardatários. Voltei ao meu banco.

A superstição me dominava naquele momento, mas ainda não chegara a hora da sua vitória definitiva. Meu sangue ainda estava quente. Ainda trazia dentro de mim a ira do escravo rebelde, que me enchia de amargo vigor. Tinha que fazer uma rápida retrospectiva para me fortalecer, antes de voltar ao sombrio presente.

Todas as violentas tiranias de John Reed, toda a orgulhosa indiferença de suas irmãs, toda a aversão de sua mãe, toda a injustiça dos criados vieram à minha mente transtornada como um negro sedimento depositado no fundo de um poço turvo.

Por que eu estava sempre sofrendo, sempre amedrontada, sempre sendo acusada, para sempre condenada? Por que eu nunca conseguia agradar? Por que era inútil tentar conseguir a simpatia de alguém? Eliza, teimosa e egoísta como era, tinha o respeito de todos. Georgiana, com seu temperamento mimado, seu áspero rancor, sua conduta artilosa e insolente, gozava da indulgência geral. Sua beleza, as

faces rosadas e os cachos dourados, parecia deliciar a todos que a olhavam e lhe garantia o perdão para qualquer falta que cometesse. E John, que nunca foi contrariado e muito menos punido, embora torcesse o pescoço dos pombos, matasse os pintinhos, aticasse os cachorros contra os rebanhos, tirasse os frutos verdes das parreiras e quebrasse os enxertos das plantas mais selecionadas da estufa. Também chamava a mãe de “velhota”, e às vezes lhe dirigia insultos por ter a pele morena, como a dele. Desconsiderava os desejos dela de modo afrontoso, e muitas vezes cortava e estragava suas roupas de seda. Ainda assim era “seu queridinho”. Eu não ousava cometer falta alguma, esforçava-me por cumprir todas as minhas obrigações e, da manhã à tarde, da tarde à noite, era chamada de malcomportada e cansativa, carrancuda e dissimulada.

Minha cabeça ainda doía e sangrava por causa do golpe e da queda que sofrera. Ninguém reprovava John por ter me batido de forma tão cruel. E eu, por ter me rebelado contra ele para

evitar que aquela violência irracional continuasse, fora coberta com a injúria geral.

“Injustiça!... Injustiça!” dizia-me a razão, forçada pelo agoniado estímulo a um poder de raciocínio precoce, embora transitório. E a Resolução, igualmente excitada, sugeria alguns estranhos expedientes para escapar dessa insuportável opressão... como fugir, ou, se isso não fosse possível, nunca mais comer nem beber nada, até morrer.

Como minha alma estava transtornada naquela tarde triste! Minha mente inteira estava em tumulto, e meu coração em completa revolta! Em que negra escuridão, em que densa ignorância eu travava essa batalha mental! Não conseguia responder às incessantes questões que surgiam dentro de mim... Por que sofria assim? Agora, a uma distância de vários anos, vejo tudo claramente.

Eu era uma nota dissonante em Gateshead Hall, não me parecia com ninguém ali. Não tinha nada em comum com Mrs. Reed ou seus filhos, ou mesmo com a criadagem predileta. Se eles não me amavam, tampouco eu os amava. Não estavam destinados a sentir afeição por uma coisa que não conseguia atrair-lhes a simpatia; uma coisa heterogênea, oposta a eles em temperamento, capacidades e inclinações; uma coisa inútil, incapaz de servir aos seus interesses ou acrescentar aos seus

prazeres; uma coisa nociva, que acalentava em si os germes da indignação contra o tratamento que recebia e do desprezo contra os seus conceitos. Reconheço que se tivesse sido uma criança espontânea, brilhante, descuidada, exigente, bonita e travessa – ainda que sem dinheiro ou amigos – Mrs. Reed teria suportado minha presença com mais complacência. Seus filhos teriam sido companheiros mais cordiais e os criados estariam menos propensos a fazer de mim o bode expiatório entre as crianças.

A luz do dia começava a deixar o quarto vermelho. Passava das quatro horas, e a tarde nublada se encaminhava para a melancolia do crepúsculo. Ouvia a chuva que ainda batia continuamente contra a escada externa, e o vento uivando no bosque, atrás da casa. Aos poucos fui ficando gelada como uma pedra, a coragem me abandonou. As brasas da ira que me havia sufocado foram se extinguindo sob o meu estado habitual de ânimo: humilhação, dúvidas a respeito de mim mesma, desânimo e depressão. Todos diziam que eu era má, e talvez eu fosse. Que outro pensamento tivera, além de me imaginar definhando até a morte? Isso era um crime, sem dúvida. E eu estava preparada para morrer? Ou seria aquele túmulo, sob a capela da igreja de Gateshead, uma morada convidativa? Haviam me dito que Mr. Reed estava enterrado ali. Deixei-me levar por esses pensamentos enquanto o evocava e isso me apavorou. Não conseguia lembrar-me dele, mas sabia que era meu único tio – o irmão de minha mãe

- e que me levara para sua casa ainda criança, quando ficara órfã. E que nos seus últimos momentos exigira de Mrs. Reed a promessa de que iria me educar e manter como qualquer um de seus próprios filhos. Mrs. Reed com certeza imaginava que cumprira a promessa, e realmente o fizera, tanto quanto lhe permitia sua natureza. Mas como ela poderia de fato suportar uma intrusa, que não era sua parenta, depois da morte do marido? Que laços poderiam garantir isso? Deve ter sido a coisa mais aborrecida do mundo achar-se presa a uma promessa extorquida à força, tendo que representar o papel de mãe para uma criança desconhecida a quem não conseguia amar, e ver uma estranha desajustada, sem ligações de sangue, permanentemente enfiada no seu grupo familiar.

Um pensamento singular me arrebatou. Eu não duvidava - jamais duvidei - que se Mr. Reed fosse vivo teria me tratado com bondade.

Agora, enquanto estava sentada olhando para a cama branca e as paredes na penumbra - ocasionalmente lançando um olhar fascinado para o espelho, vago e indistinto - comecei a lembrar-me do que ouvira a respeito de pessoas mortas perturbadas em suas tumbas pela violação de seus últimos desejos, e que voltavam a terra para punir os perjuros e vingar os oprimidos. Pensei que o espírito de Mr. Reed, transtornado pelas maldades sofridas pela filha de sua irmã, podia deixar sua morada - fosse ela no jazigo da igreja ou no desconhecido

mundo dos mortos – e aparecer diante de mim nesse quarto. Enxuguei minhas lágrimas e calei meus soluços, profundamente temerosa de que qualquer sinal de violenta tristeza acabasse por acordar alguma voz sobrenatural e trazê-la para me dar conforto. Ou então fazer surgir da escuridão do quarto algum rosto coberto por uma auréola, para se debruçar sobre mim com expressão piedosa. Tal ideia, teoricamente consoladora, seria terrível se chegasse a se tornar realidade, e usei todos os poderes mentais de que dispunha no esforço de afastá-la – tentava me manter firme. Afastando os cabelos dos olhos, levantei a cabeça e tentei corajosamente olhar em volta do quarto escuro. Neste momento uma luz brilhante atingiu a parede. Seria algum raio de luar penetrando pela veneziana da janela? Não, a luz da lua era imóvel, e essa estava se movendo. Enquanto olhava fixamente, a luz subiu até o teto e começou a tremular sobre a minha cabeça. Agora posso facilmente supor que aquele fecho de luz era, provavelmente, o brilho de uma lanterna carregada por alguém que atravessasse o gramado. Mas naquele momento, com a mente predisposta ao terror e os nervos em frangalhos, imaginei que o rápido e fugidio fecho de luz fosse o arauto de alguma visão trazida do outro mundo. Meu coração batia forte, minha cabeça queimava, um som penetrou nos meus ouvidos – algo que me pareceu um bater de asas – e senti que havia alguma coisa junto de mim. Eu estava oprimida, sufocada, sem forças. Corri para a porta e sacudi a maçaneta, num esforço desesperado. Ouvei passos apressados

no corredor, a chave girou na fechadura, e Bessie e Abbot entraram no quarto.

- Está doente, Miss Eyre? – perguntou Bessie.
- Que barulheira horrível! – exclamou Abbot.
- Leve-me daqui! Deixe-me ir para o quarto das crianças! – gritei, desesperada.

- Por que, menina? Está ferida? Viu alguma coisa? – Bessie perguntou de novo.
- Oh! Eu vi uma luz, e pensei que um fantasma tinha chegado. Então apertei a mão de Bessie, e ela não a retirou.
- Ela gritou de propósito – declarou Abbot, com ar de desgosto. –

E que gritaria! Se estivesse sofrendo alguma dor, até se poderia aceitar, mas ela só queria nos trazer até aqui. Conheço bem seus truques!

- O que está acontecendo aqui? – indagou uma voz autoritária.

Mrs. Reed vinha pelo corredor, a capa esvoaçando, o vestido a farfalhar ruidosamente.

- Abbot! Bessie! Creio ter ordenado que Jane Eyre ficasse no quarto vermelho até que eu mesma viesse buscá-la.
- Miss Jane gritou tão alto, madame... – justificou Bessie.

- Deixe-a - foi a única resposta. - Largue a mão de Bessie, menina, esteja certa que não vai conseguir sair usando esses expedientes. Eu abomino qualquer tipo de fingimento, especialmente em crianças. É minha obrigação ensinar-lhe que truques não vão adiantar. Você vai ficar aqui por mais uma hora, e só vai sair se estiver perfeitamente calma e submissa.

- Ah, tia! Tenha piedade! Perdoe-me! Não posso suportar isso... peço que me castigue de alguma outra maneira! Quero morrer se...

- Silêncio! Esse fingimento é extremamente repulsivo.

Mrs. Reed com certeza pensava assim: aos seus olhos eu era uma atriz precoce. Via-me, sinceramente, como uma mistura de paixões virulentas, espírito maligno e perigosa hipocrisia.

Bessie e Abbot recuaram. Mrs. Reed, impaciente com os soluços selvagens e o frenesi de angústia que se apossara de mim, empurrou-me para o quarto bruscamente e trancou a porta, sem dizer mais nada. Ouvi o farfalhar do seu vestido, enquanto se afastava. Logo após eu acho que tive uma espécie de convulsão: a perda de sentidos encerrou a cena.

C A P Í T U L O III

A próxima coisa de que me lembro foi ter acordado com uma estranha sensação, como se houvesse tido um pesadelo assustador, e vendo diante de mim um terrível clarão vermelho, atravessado por grossas listas negras. Também ouvia vozes ao longe, como se fossem abafadas pelo rumor do vento ou da água. A agitação, a incerteza e, acima de tudo, uma profunda sensação de terror, embotavam meus sentidos. Em pouco tempo percebi que alguém me levantava, segurando-me numa postura reclinada, de um jeito mais terno do que jamais alguém me segurara antes. Deitei a cabeça contra um travesseiro, ou um braço, e me senti mais à vontade.

Cinco minutos depois aquela nuvem de desorientação dissolveu-se. Percebi que estava em minha própria cama e que o clarão vermelho era a lareira do dormitório. Era noite e um candeeiro queimava sobre a mesa. Bessie estava parada aos pés da cama com uma bacia na mão. Ao lado do meu travesseiro, sentado numa cadeira, achava-se um cavalheiro que se inclinava sobre mim.

Senti um alívio inexprimível, uma sensação de proteção e segurança profundamente tranquilizadora, quando percebi que havia um estranho no quarto – uma pessoa que não pertencia a Gateshead, nem tinha qualquer relação com Mrs. Reed. Desviei o olhar de Bessie (embora a presença dela fosse muito menos

repulsiva para mim do que a presença de Miss Abbot, por exemplo) e examinei a face do cavalheiro. Eu o conhecia: era Mr. Lloyd, o farmacêutico. Mrs. Reed às vezes o chamava, quando os criados adoeciam. Para si mesma e os filhos ela chamava um médico.

- Bem, quem sou eu? - ele perguntou.

Disse o seu nome enquanto lhe oferecia a mão. Ele a tomou, sorrindo, e disse:

- Acho que, aos poucos, vamos melhorando.

Ele então me ajeitou na cama e, dirigindo-se a Bessie, encarregou-a de tomar todo o cuidado para que eu não fosse perturbada durante a noite. Depois de dar mais algumas instruções, e avisando que viria no dia seguinte, finalmente partiu. Fiquei bastante triste, pois me sentira protegida e benquista enquanto Mr. Lloyd estivera sentado na cadeira ao meu lado. E quando ele fechou a porta atrás de si o quarto todo escureceu e o meu coração ficou pequeno de dor. Uma inexprimível tristeza pesava-me no peito.

- Acha que consegue dormir, senhorita? - perguntou Bessie, em tom mais brando.

Eu mal ousava responder-lhe, com medo de que a próxima frase fosse áspera.

- Vou tentar dormir.

- Gostaria de beber ou comer alguma coisa?
- Não. Obrigada, Bessie.
- Então acho que vou me deitar, pois já passa da meia-noite. Mas pode me chamar, se precisar de alguma coisa durante a noite.

Que maravilhosa civilidade! Isso me encorajou a fazer uma pergunta.

- Bessie, o que se passa comigo? Estou doente?
- A senhorita ficou doente no quarto vermelho, creio que de tanto gritar. Logo estará melhor, sem dúvida.

Bessie dirigiu-se ao quarto das criadas, que ficava perto. Ouvi quando disse:

- Sarah, venha dormir comigo no quarto das crianças. Não tenho coragem de ficar sozinha com essa pobre menina esta noite. É capaz de morrer. Que coisa estranha aquele desmaio dela, deve ter visto alguma assombração. A senhora foi muito dura com ela.

Sarah veio com ela e ambas se deitaram. Cochicharam durante uma meia hora, antes de dormir. Peguei pedaços da conversa, e só pude deduzir, distintamente, o assunto principal dos comentários.

“Alguma coisa apareceu para ela, toda vestida de branco, e desapareceu”... “Um grande cão negro atrás dele”... “Três pancadas fortes na porta do quarto”... “Uma luz no cemitério, bem em cima do túmulo dele”... etc. etc.

Por fim as duas dormiram. Os fogos da lareira e do candeeiro se extinguiram. Para mim, as horas dessa noite se arrastaram numa tenebrosa insônia, acossada pelo terror. O terror que apenas as crianças conseguem sentir.

Nenhuma doença severa ou prolongada seguiu-se àquele incidente no quarto vermelho. Deixou-me apenas um trauma, do qual ainda hoje sinto as consequências. Sim, Mrs. Reed, devo à senhora algumas crises de sofrimento mental. Mas devo perdoá-la, pois a senhora não sabia o que fazia. Enquanto arrancava as fibras do meu coração, achava que estava apenas extirpando meus maus instintos.

No dia seguinte, antes do meio-dia, já estava de pé e vestida. Enrolei-me num xale e me sentei junto à lareira do quarto. Sentia-me fisicamente fraca e com o espírito alquebrado. Mas a minha pior doença era um indizível sofrimento que tomava conta de minha mente e me arrancava lágrimas silenciosas, uma atrás da outra. Nem bem enxugava uma gota salgada da face, outra se seguia. Assim mesmo eu devia estar feliz, pensei, pois nenhum dos Reed estava ali, haviam saído de carruagem com a mãe. Abbot estava costurando num outro quarto, e Bessie, enquanto se movia de um lado para outro, guardando brinquedos e arrumando as gavetas, vez por outra me dirigia

uma palavra com uma bondade que não lhe era habitual. Esse estado de coisas devia ter sido um paraíso de paz para mim, acostumada como estava a uma vida de incessantes reprimendas e fadigas ingratas. Mas, na verdade, meus nervos torturados estavam em tal estado que nenhuma calma podia tranquilizá-los e nenhum prazer fazê-los vibrar de alegria.

Bessie havia descido até a cozinha, e na volta trouxera um pedaço de torta num brilhante prato de porcelana pintado, cujo desenho de uma ave do paraíso, aninhada numa guirlanda de convólculos e botões de rosa, costumava provocar-me a mais entusiasmada admiração. Muitas vezes pedira permissão para segurar o prato em minhas mãos, para admirá-lo

mais de perto, mas até agora sempre havia sido considerada indigna de tal privilégio. Essa louça preciosa agora fora posta no meu colo, e fui cordialmente convidada a comer o delicado doce contido nele. Inútil favor! Como tantos outros favores, longamente desejados e sempre adiados, chegava tarde demais! Não conseguia comer a torta, e a plumagem do pássaro, o colorido das flores, pareciam estranhamente desbotados: coloquei-os de lado. Bessie perguntou-me se queria um livro. A palavra livro agiu como um estímulo temporário, e pedi-lhe que trouxesse “As Viagens de Gulliver” da biblioteca. Havia lido esse livro muitas e muitas vezes, com grande encantamento. Eu o considerava como uma narrativa real, e descobri-lhe um interesse mais profundo do que aquele

que eu encontrava nos contos de fadas: isso porque, depois de ter procurado em vão pelos elfos entre as folhas das dedaleiras e campânulas, embaixo dos cogumelos e sob as heras rasteiras que cobriam os cantos dos velhos muros, finalmente aceitei a triste verdade. Todos haviam para sempre deixado a Inglaterra e partido para algum país selvagem, onde as florestas fossem densas e agrestes, e a população menos numerosa. Ao passo que, na minha crença, Lilliput e Brobdinag eram partes sólidas da crosta terrestre, e eu não duvidava que um dia, se fizesse uma longa viagem, poderia ver com meus próprios olhos os pequenos campos, casas e árvores daquele reino, as pequeninas vacas, ovelhas e pássaros. E do outro reino, os enormes milharais, os imensos mastins, os gatos monstruosos, as mulheres e homens altos como torres. Ainda assim, quando esse amado volume foi colocado em minhas mãos – quando folhee as suas páginas, e procurei nas suas figuras maravilhosas o encantamento que até agora nunca deixara de encontrar ali – tudo era estranho e melancólico. Os gigantes eram duendes macilentos, os pigmeus eram demônios malevolentes e temerosos, Gulliver era o mais triste dos peregrinos, perambulando nas mais terríveis e perigosas regiões da terra. Fechei o livro, pois não ousava mais lê-lo, e coloquei-o sobre a mesa, ao lado da torta intacta.

Bessie terminara de arrumar e limpar o quarto e, depois de lavar as mãos, abriu uma certa gavetinha cheia de lindos

retalhos de seda e cetim. Começou a fazer uma touca nova para a boneca de Georgiana, enquanto cantava assim:

No tempo em que andávamos vagando, foi há muito tempo.

Eu já ouvira a canção muitas vezes antes, e sempre com prazer, pois Bessie tinha uma linda voz. Pelo menos, eu achava. Mas agora, embora sua voz ainda fosse muito doce, achei uma indescritível tristeza na melodia. Às vezes, preocupada com suas tarefas, ela cantava o refrão bem baixinho, bem devagar. “Foi há muito tempo”... o verso saiu com a triste cadência de um hino fúnebre. E Bessie passou a cantar outra balada, dessa vez uma realmente triste.

Meus pés estão feridos, e meu corpo está cansado. Longo é o caminho, e as montanhas são agrestes Logo a noite cairá, melancólica e sem luar

Sobre o caminho da pobre orfãzinha

Porque me deixam, tão longe e sozinha?

Lá onde se espalham as urzes e se erguem as rochas? Os homens são cruéis, e apenas os anjos bondosos Protegem os passos da pobre orfãzinha

Sopra a brisa da noite, branda e distante

As nuvens se foram, e brilham suaves as estrelas Deus, em sua misericórdia, oferece amparo Consolo e esperança à pobre orfãzinha

Mesmo que eu caia sobre a ponte destruída

Ou me perca nos pântanos, iludida por falsas luzes Ainda assim meu Pai, com bênçãos e promessas Acolherá em seu seio a pobre orfãzinha

Há só um pensamento, cuja força me consola

Ainda que sem parentes nem abrigo

O céu é um lar, onde poderei descansar Deus é amigo da pobre orfãzinha

- Vamos, Miss Jane, não chore - disse Bessie, quando terminou de cantar.

Ela bem podia ter dito ao fogo “não queime”. Mas como poderia adivinhar o mórbido sofrimento que tomava conta de mim? Mais tarde naquela manhã, Mr. Lloyd veio novamente.

- Como? Já levantou? – disse ele, quando entrou no quarto.
- Bem, ama... como ela está?

Bessie disse-lhe que eu estava bem melhor.

- Então devia parecer mais alegre. Venha cá, Miss Jane. Seu nome é Jane, não é?

- Sim, senhor. Jane Eyre.

- Bem, vejo que andou chorando, Miss Jane Eyre. Pode me dizer por quê? Sente alguma dor?

- Não, senhor.

- Oh! Com certeza ela está chorando porque não pôde sair de carruagem com a senhora – interpôs Bessie.

- Claro que não! Ela já está muito crescida para uma bobagem

dessas.

Eu pensava o mesmo, e sentindo meu amor próprio ferido pela falsa acusação, respondi prontamente:

- Nunca chorei por uma coisa dessas em toda a minha vida. Odeio andar de carruagem. Estou chorando porque sou infeliz.

- Ah! Que bobagem, Miss! – disse Bessie.

O bondoso farmacêutico pareceu ficar um pouco confuso. Eu estava de pé à sua frente, e ele então me olhou atentamente. Seus olhos eram miúdos e acinzentados; não eram muito

brilhantes, mas ousou dizer que naquele momento mostravam grande sagacidade. Tinha um rosto de

traços duros, mas bondosos. Percebendo que eu confiava nele, perguntou-me:

- Por que sentiu-se mal, ontem à noite?
- Ela teve uma queda - disse Bessie, intrometendo-se de novo.
- Queda! Isso é coisa de criança! Será que ela não consegue andar, nessa idade? Já deve ter oito ou nove anos.
- Eu fui derrubada - foi a seca resposta que dei, arrancada de mim num ímpeto de orgulho ferido. - Mas não foi isso que me deixou doente - acrescentei.

Mr. Lloyd presenteava-se com uma pitada de rapé e estava guardando a caixinha de volta no bolso do colete quando soou o gongo. Era a hora do almoço dos criados, e ele bem sabia.

- Estão chamando, ama - disse ele. - Pode descer, vou fazer uma preleção para Miss Eyre enquanto isso.

Bessie teria preferido ficar, mas era obrigada a ir, pois a pontualidade às refeições era rigorosamente observada em Gateshead Hall.

Depois que Bessie saiu, Mr. Lloyd continuou:

- Se a queda não a deixou doente, o que a fez adoecer, então?
- Eu fui trancada num quarto onde existe um fantasma... ele aparece no escuro da noite.

Vi Mr. Lloyd franzir o cenho, com expressão risonha.

- Fantasma? Bem, então você ainda é uma criança, afinal de contas. Tem medo de fantasmas?
- Do fantasma de Mr. Reed eu tenho. Ele morreu naquele quarto e ficou exposto ali. Nem Bessie nem ninguém mais entra nesse quarto à noite, se puderem evitar. E foi muito cruel terem me trancado lá, sem um candeeiro... tão cruel que acho que nunca esquecerei.
- Bobagem! É isso então que a torna tão infeliz? Tem medo agora, em plena luz do dia?
- Não, mas logo a noite virá. Além disso... eu sou infeliz... muito infeliz, por causa de outras coisas.

- Que outras coisas? Quer me contar algumas delas?

Como eu desejava responder a esta questão com todos os detalhes! Como era difícil explicar tudo! As crianças podem sentir, mas não conseguem analisar seus sentimentos. E se conseguem analisar uma parte em suas mentes, não sabem como expressar o resultado em palavras. No entanto, temerosa de perder esta primeira e única oportunidade de aliviar minha

dor partilhando-a com alguém, depois de uma perturbadora pausa esforcei-me para elaborar uma resposta que, embora insuficiente, era verdadeira.

- Tem uma coisa: não tenho pai nem mãe, nem irmãos ou irmãs.

- Você tem uma tia bondosa e primos.

Fiz uma nova pausa. Então falei, sem muito jeito:

- Mas John Reed me bateu, e minha tia me trancou no quarto vermelho.

Mr. Lloyd voltou a tirar a caixa de tabaco do colete.

- Não acha Gateshead Hall uma casa muito bonita? - perguntou. - Não se sente grata por ter um lugar tão lindo para morar?

- Essa casa não é minha, senhor. E Abbot diz que tenho menos direito de estar aqui do que os criados.

- Bobagem! Não pode ser tão boba a ponto de querer deixar esta esplêndida casa!

- Se eu tivesse outro lugar para ir, ficaria contente de deixá-la.

Mas não posso deixar Gateshead até que eu fique mais velha.

- Talvez possa... quem sabe? Tem outros parentes, além de Mrs.

Reed?

- Acho que não, senhor.
- Não tem ninguém da parte do seu pai?
- Eu não sei. Uma vez perguntei à Mrs. Reed e ela disse que

talvez eu tivesse alguns parentes pobres e sem importância chamados Eyre, mas não sabia nada deles.

- E se tivesse esses parentes, gostaria de ir para junto deles?

Refleti. A pobreza parece horrível para os adultos, e ainda mais para as crianças. Não conseguem imaginar a pobreza respeitável, ativa e trabalhadora. Essa palavra para os pequenos lembra apenas roupas esfarrapadas, comida escassa, lareiras sem fogo, maneiras rudes e vícios infamantes. Pobreza, para mim, era sinônimo de degradação.

- Não. Não gostaria de pertencer a gente pobre – foi a minha resposta.
- Nem mesmo se eles fossem bondosos com você?

Neguei com a cabeça. Não compreendia como pessoas pobres poderiam ser bondosas. E apreender a falar como eles, adotar suas maneiras, crescer como uma daquelas pobres mulheres que eu via algumas vezes, embalando os filhos ou lavando roupas às portas dos casebres do vilarejo de Gateshead... Não,

eu não era heróica o bastante para comprar a liberdade com o sacrifício da classe social.

- Mas seus parentes são tão pobres assim? São pessoas trabalhadoras?

- Não sei dizer. Minha tia diz que se eu tenho alguns parentes, devem ser um bando de mendigos. Não gostaria de ser uma mendiga.

- Gostaria de ir para a escola?

Refleti novamente. Eu mal sabia o que era uma escola. Bessie às vezes falava disso como um lugar em que jovens damas sentavam-se nas carteiras, vestiam uniformes e deviam ser excepcionalmente gentis e corretas. John Reed odiava a escola, e insultava o professor. Mas os gostos de John Reed não serviam de exemplo para mim; e se os relatos de Bessie sobre a disciplina escolar (obtidos com as jovens damas de uma família a quem servira antes de vir para Gateshead) eram um pouco assustadores, os detalhes de algumas conquistas alcançadas por essas mesmas jovens damas me pareciam atraentes. Ela se gabava das belas paisagens e flores que elas pintavam, das canções que cantavam e peças que representavam, das bolsinhas que teciam e dos livros franceses que eram capazes de traduzir. Quando ouvia essas coisas me sentia impelida a fazer o mesmo. Além do mais, a escola representaria uma completa mudança: implicava

uma longa jornada, uma separação total de Gateshead e o começo de uma nova vida.

- Eu gostaria de ir para a escola, sim – foi a conclusão audível das minhas meditações.
- Bem, bem! Quem sabe o que pode acontecer? – disse Mr. Lloyd enquanto se levantava.

“Essa criança precisa de uma mudança de ares e de cenário” pensou consigo mesmo. “Seus nervos estão um pouco abalados.”

Bessie voltou do almoço. No mesmo instante ouviu-se o ruído das rodas da carruagem sobre o caminho de cascalho.

- É a sua patroa que está chegando, ama? – perguntou Mr. Lloyd.
- Gostaria de falar com ela antes de ir.

Bessie convidou-o a dirigir-se à sala de almoço, e acompanhou-o até lá. Na conversa que se seguiu entre ele e Mrs. Reed, eu imagino, pelos eventos que se seguiram, que o farmacêutico arriscou-se a sugerir que eu fosse mandada para a escola. A recomendação foi prontamente aceita, sem dúvida. Como Abbot disse a Bessie, quando as duas sentavam-se no meu quarto costurando certa noite, depois que eu já estava na cama e pensavam que eu havia adormecido “a senhora estava bastante contente por se livrar de uma criança tão incômoda e geniosa, que parecia estar sempre vigiando as pessoas e

traíçoeiramente tramando alguma coisa”. Acho que Abbot imaginava que eu fosse um tipo de Guy Fawkes[1] infantil.

Na mesma ocasião eu soube, pela primeira vez, pelo que Abbot contou à Bessie, que meu pai fora um pobre clérigo; que minha mãe se casara contra a vontade da família, que considerava o casamento indigno de sua condição; que meu avô Reed ficou tão irritado com a desobediência da filha que a cortou do testamento, deixando-a sem um tostão; que meus pais estavam casados há apenas um ano, quando ele pegou a febre tifóide, ao visitar a população pobre de uma grande cidade industrial pertencente à sua paróquia e onde predominava a epidemia dessa doença; que minha mãe pegou a doença dele, e ambos morreram com um mês de diferença um do outro.

Bessie, ao ouvir esse relato, suspirou e disse:

- Devemos ter pena da pobre Miss Jane também, Abbot.
- Sim - respondeu Abbot - se ela fosse uma menina bonita e gentil, podíamos ter pena do seu abandono. Mas ninguém pode realmente ligar muito para uma sapinha como essa.
- É, não muito, com certeza - concordou Bessie. - De qualquer forma, uma beldade como Miss Georgiana causaria mais compaixão numa situação semelhante.
- Sim, eu adoro Miss Georgiana - exclamou Abbot, com ardor. - Tão querida!... Com aqueles longos cachos e os olhos

azuis, e uma tez tão linda. Parece uma pintura!... Bem, Bessie, posso imaginar um coelho à moda galesa para o jantar...

- Eu também... e com cebolas assadas. Venha, vamos descer.

[1] Guy Fawkes (1570-1606) – soldado inglês católico que participou da “Conspiração da Pólvora” na qual se pretendia assassinar o rei protestante Jaime I e todos os membros do Parlamento durante uma de suas sessões, objetivando com isso iniciar um levante católico. Guy Fawkes era perito em explosivos e seria o responsável pela detonação da pólvora.

CAPÍTULO IV

Do meu diálogo com Mr. Lloyd, e da conversa entre Bessie e Abbot que acabei de relatar, juntei esperanças suficientes para desejar que algo melhor acontecesse: uma mudança se aproximava. Eu desejava e esperava por ela em silêncio. Mas tardava, no entanto. Passaram-se os dias e as semanas, voltei ao meu estado normal de saúde e nenhuma alusão era feita sobre o assunto que me preocupava. Mrs. Reed às vezes me olhava de forma severa, mas raramente me dirigia a palavra. Desde que eu ficara doente ela traçara com mais firmeza ainda a linha de separação que me isolava dos seus próprios filhos. Determinou que eu devia dormir sem companhia num pequeno quartinho, fazer as refeições sozinha e passar todo o tempo no quarto das crianças, enquanto meus primos viviam constantemente na sala de estar. Mas não fez uma insinuação sequer sobre mandar-me para a escola. Eu tinha uma certeza instintiva de que ela não conseguiria mais suportar-me sob o mesmo teto. Seu olhar, quando se voltava para mim, expressava uma profunda e insuperável aversão, agora mais do que nunca.

Eliza e Georgiana, evidentemente cumprindo ordens, falavam comigo o menos possível. John botava a língua para fora sempre que me via, e uma vez tentou me castigar. Mas como me virei contra ele imediatamente, agitada pelo mesmo espírito de profunda ira e desesperada revolta que me havia feito

reagir na outra vez, ele achou melhor desistir, e correu para longe de mim, lançando improperios e jurando que eu tinha rebentado seu nariz. Eu havia, efetivamente, lançado contra esse traço proeminente da sua cara um soco tão forte quanto me permitiam as minhas forças. E quando vi que tanto o soco quanto a minha expressão o assustavam, senti muita vontade de prosseguir no meu propósito. Mas ele já se encontrava junto da mãe. Ouvi quando começou a contar-lhe que “essa asquerosa Jane Eyre” tinha pulado para cima dele como uma gata enlouquecida, mas foi rapidamente interrompido.

- Não me fale dela, John! Eu já lhe disse para não se aproximar dessa menina, ela não é digna de atenção. Não quero que nem você nem suas irmãs se misturem com ela.

Ao ouvir isso, recostada no corrimão, gritei de repente, sem pensar no que dizia:

- Eles é que não são dignos de conviver comigo!

Mrs. Reed era uma mulher robusta, mas, ao ouvir essa declaração estranha e audaciosa, correu agilmente escada acima, lançou-me com um puxão para dentro do quarto das crianças e, empurrando-me contra a beirada da cama, desafiou-me a sair dali ou falar uma só palavra durante o resto do dia.

- O que diria o tio Reed se estivesse vivo? – foi a pergunta quase involuntária que fiz.

Digo que foi quase involuntária porque parecia que as palavras saiam dos meus lábios sem que minha vontade consentisse no seu sentido. Eram coisas que saíam de dentro de mim, sobre as quais eu não tinha controle.

- O quê? – disse Mrs. Reed, sem fôlego. Seus olhos cinzentos, usualmente frios, pareciam ostentar um brilho parecido com o medo. Ela largou o meu braço e me olhava fixamente, como se não soubesse se eu era uma criança ou um demônio. Eu agora estava mais para demônio.

- Meu tio Reed está no céu, e pode ver tudo que a senhora faz e pensa. Papai e mamãe também. Eles sabem que a senhora me deixa trancada todo o dia, e que quer me ver morta.

Mrs. Reed recobrou o espírito: sacudiu-me violentamente, estapeou-me as orelhas, e então saiu sem dizer uma palavra. Bessie ocupou o tempo com um sermão que durou uma hora, no qual ela provava sem sombra de dúvida que eu era a criança mais perversa e abandonada por Deus que já se abrigara sob um teto. Acreditei um pouco nela, pois sentia surgirem em meu peito os mais terríveis sentimentos.

Novembro, dezembro e a metade de janeiro passaram. O Natal e o Ano Novo foram celebrados em Gateshead com a habitual ceia festiva. Trocaram-se presentes, organizaram-se jantares e reuniões. Eu fora

excluída de todas as festividades, é claro. Minha parte na alegria geral consistia em testemunhar diariamente enquanto Georgiana e Eliza se preparavam, e vê-las descer à sala de jantar com seus vestidos de musselina, faixas escarlate, os cabelos em cachos elaborados; e, mais tarde, ouvir lá embaixo o som do piano ou da harpa, o passar apressado do mordomo e dos lacaios, o tinido dos cristais e porcelanas enquanto serviam as bebidas e comidas, o som abafado das conversas quando a porta da sala se abria e fechava. Quando me cansava disso, subia a escada em direção ao solitário quarto das crianças. Ali, embora triste, não me sentia infeliz. Para falar a verdade, não tinha a menor vontade de estar na companhia dos outros, porque eu raramente era notada entre os demais. E, se Bessie fosse bondosa e compassiva, eu podia considerar a possibilidade de passar a noite calmamente com ela, ao invés de passá-la sob o formidável olhar de Mrs. Reed, numa sala cheia de damas e cavalheiros. Mas Bessie, assim que terminava de vestir as duas jovens, costumava escapar para a alegre vivacidade da cozinha ou do quarto das criadas, e geralmente levava o candeeiro com ela. Eu então me sentava, com minha boneca no colo, até que o fogo se extinguisse, olhando ao redor de vez em quando para ter certeza que ninguém além de mim assombrava o quarto escuro. E quando as brasas atingiam uma cor rubra, quase negra, eu rapidamente me despia, puxando os laços e nós da roupa da melhor forma que podia, e abrigava-me do escuro e do frio na minha cama. Levava sempre a boneca comigo ao deitar-me. Seres humanos devem

amar alguém, e na falta de objetos de afeição mais valiosos, resolvi achar prazer em amar e acarinhar uma figurinha desbotada, desprezível como um pequeno espantalho. Hoje me espanta lembrar com que absurda sinceridade eu amava aquele pequeno brinquedo, imaginando até que fosse vivo e capaz de sentimentos. Não podia dormir sem que ela estivesse enrolada na minha camisola. E quando repousava ali, segura e quentinha, eu ficava feliz acreditando na felicidade dela.

As horas se passavam lentamente, enquanto eu esperava a partida dos convidados e o som dos passos de Bessie nas escadas. Algumas vezes ela vinha no intervalo para procurar seu dedal ou sua tesoura, ou para me trazer alguma coisa para cear – um pãozinho ou um bolo de queijo. Sentava então na cama, esperando que eu acabasse de comer e, quando eu

terminava, ajeitava as cobertas a minha volta e me beijava enquanto dizia “boa noite, Miss Jane”. Quando era gentil assim eu achava Bessie o melhor, mais bonito e mais bondoso ser humano da face da terra. Desejava ardentemente que ela continuasse sendo sempre tão agradável e amistosa, e nunca mais me desse ordens de maneira insultuosa, ou ralhasse comigo, ou me exigisse coisas pouco razoáveis, como fazia com tanta frequência. Bessie Lee devia ser, eu creio, uma moça de grande talento natural, pois era esperta em tudo que fazia e tinha grande habilidade para narrativas. Ou eu assim julgava, pela impressão que me deixaram as histórias de criança que

ela costumava nos contar. Era bonita também, se minha lembranças não me enganam. Lembro-me dela como uma jovem magra, de cabelos negros, olhos escuros, traços muito bonitos e a tez clara e suave. Tinha, porém, um temperamento caprichoso e áspero, e era indiferente às ideias de justiça e de princípios. Mas, mesmo sendo assim, eu a preferia a qualquer outro ser humano em Gateshead Hall.

Quinze de janeiro, por volta de nove horas da manhã. Bessie descera para o café. Meus primos ainda não haviam sido chamados pela mãe. Eliza estava colocando sua touca e o casaco de jardinagem para sair e alimentar as aves. Ela adorava isso, e adorava também vender os ovos para a governanta e guardar o dinheiro que obtinha desse jeito. Tinha uma queda pelo comércio e uma forte propensão a acumular dinheiro, demonstrada não apenas pela venda de ovos e aves, mas pelas duras negociações que entabulava com o jardineiro quanto às mudas de flores, sementes e enxertos. O empregado recebera ordens estritas de Mrs. Reed de comprar de sua jovem patroa todos os produtos de seus canteiros que ela quisesse vender. E Eliza teria vendido os cabelos da cabeça, se obtivesse um bom lucro... Quanto ao dinheiro, ela no início guardava-o nos cantos mais estranhos, enrolado num trapo ou embrulhado em velhos papéis. Mas como a criada de quarto descobrira alguns desses esconderijos, Eliza, com medo de vir a perder seu valioso tesouro, consentiu em confiá-lo à mãe, cobrando uma taxa de juros extorsiva... cinquenta ou sessenta por cento.

E calculava os lucros a cada trimestre, anotando os valores num livrinho com ansiosa minúcia.

Georgiana sentava-se num banco alto, em frente ao espelho, penteando os cabelos e entremeando os cachos com flores artificiais e

penas desbotados, que encontrara estocadas numa gaveta do sótão. Eu fazia a minha cama, após receber ordens estritas de Bessie para arrumá-la antes que ela voltasse (Bessie agora frequentemente me empregava como uma espécie de auxiliar de criada, para arrumar o quarto, tirar o pó das cadeiras, etc.) Depois de estender a colcha e dobrar a camisola, fui até o vão da janela para arrumar alguns livros de gravuras e os móveis da casinha de bonecas que se achavam espalhados por ali. Georgiana interrompeu-me com uma ordem abrupta para que largasse seus brinquedos (pois as minúsculas cadeiras e espelhos, os lindos pratos e copos eram propriedade dela). Então, na falta do que fazer, comecei a respirar sobre os vidros gelados decorados com flores que ornavam as janelas. Com isso abri um espaço limpo no vidro, através do qual podia olhar para os terrenos que circundavam a casa, onde tudo estava rígido e petrificado, coberto por uma camada de geada.

Da janela eu podia ver a guarita do porteiro e o caminho da carruagem, e quando dissolvi o suficiente da crosta branco-prata que empanava as vidraças, deixando um espaço para

olhar para fora, vi os portões se abrirem e uma carruagem entrar. Olhei com indiferença enquanto ela subia o caminho, pois carruagens vinham constantemente a Gateshead, mas nenhuma trazia algum visitante que me interessasse. O veículo parou em frente a casa, a campainha tocou com força e o visitante entrou. Como nada disso me interessasse, minha atenção logo encontrou um objetivo mais atraente num pequeno tordo faminto, que começou a gorjear nos ramos nus da cerejeira encostada à parede, perto do batente da janela. Os restos do meu café da manhã, pão e leite, estavam sobre a mesa; parti um pedaço do pão em pedacinhos e estava tentando puxar o caixilho da janela para colocar as migalhas no parapeito, quando Bessie subiu correndo as escadas e entrou no quarto.

- Miss Jane, tire seu avental! O que está fazendo aí? Já lavou as mãos e o rosto esta manhã?

Dei mais um puxão na janela antes de responder, pois queria garantir que o passarinho pegasse o pão. A vidraça cedeu e espalhei as migalhas; algumas caíram no peitoril de pedra, outras no galho da cerejeira. Então, fechando a janela, respondi:

- Não, Bessie. Acabei agora de tirar o pó.

- Criança irritante e descuidada! E o que faz aí parada? Está vermelha, como se tivesse feito alguma coisa errada. Por que estava abrindo a janela?

Fui poupada do trabalho de responder, pois Bessie parecia apressada demais para ouvir alguma explicação. Arrastou-me para o lavatório, esfregou-me as mãos e o rosto sem piedade, ainda que brevemente, com água, sabão e uma toalha áspera; penteou-me os cabelos com uma escova velha, tirou meu avental e me apressou até o alto das escadas, mandando que descesse imediatamente. Eu estava sendo chamada na sala do almoço.

Queria perguntar quem estava me chamando. Queria saber se Mrs. Reed estava lá, mas Bessie já tinha ido, fechando a porta do quarto às minhas costas. Desci as escadas lentamente. Por quase três meses não tinha sido chamada à presença de Mrs. Reed. Confinada por tanto tempo ao quarto das crianças, as salas de estar e do almoço se tornaram territórios estranhos para mim, onde não me animava a entrar.

Estava agora no corredor vazio, diante da porta da sala do almoço. Parei ali, tremendo de medo. Que miserável e pequena covarde eu me tornara naquela época, por conta do medo gerado pelas injustas punições que recebia! Temia voltar ao quarto e temia entrar na sala. Fiquei dez minutos nessa agitada hesitação, até que o veemente toque da sineta da sala me decidiu: eu devia entrar.

“Quem será que quer me ver?” perguntei a mim mesma, enquanto torcia com as duas mãos a pesada maçaneta da porta que, por um ou dois segundos, resistiu aos meus esforços. “Quem eu veria na sala, além da minha tia?... Um homem ou uma mulher?” A maçaneta cedeu, a porta se abriu e eu entrei, fazendo uma mesura. Olhei para cima e vi... uma coluna negra! Ou, pelo menos, assim me pareceu à primeira vista a figura estreita e rígida, vestida de zibelina, que parava ereta sobre o tapete: a face sinistra parecia uma máscara entalhada, colocada acima da coluna à guisa de capitel.

Mrs. Reed ocupava seu lugar habitual junto à lareira e fez-me um sinal para que me aproximasse. Cheguei mais perto e ela então me

apresentou ao empedernido estranho, dizendo:

- Esta é a menina sobre quem lhe falei.

Ele, pois se tratava de um homem, voltou lentamente a cabeça na minha direção e, depois de me examinar com seus olhos cinzentos e inquisitivos, que cintilavam sob um par de espessas sobrancelhas, disse solenemente numa voz baixa:

- Ela é pequena. Que idade tem?

- Dez anos.

- Tanto assim? - foi a duvidosa resposta.

Ele prolongou o exame por mais alguns minutos. Então dirigiu-se

a mim:

- Qual é o seu nome, pequenina?

- Jane Eyre, senhor.

Quando pronunciei essas palavras olhei para cima: ele me parecia

um cavalheiro bastante alto. Mas naquela época eu era muito pequena, suas feições eram graúdas, e toda a sua compleição era áspera e empertigada.

- Bem, Jane Eyre, você é uma boa menina?

Era impossível responder afirmativamente. Meu pequeno mundo professava uma opinião contrária e eu fiquei em silêncio. Mrs. Reed respondeu por mim, sacudindo a cabeça de forma expressiva. E logo acrescentou:

- Talvez seja melhor não falar muito disso, Mr. Brocklehurst.

- Que pena ouvir tal coisa! Ela e eu devemos ter uma conversa. abandonando sua posição de pé, instalou-se na poltrona em frente

à Mrs. Reed.

- Venha cá - ele disse.

Dei uns passos sobre o tapete e ele me colocou de pé na sua frente. Que rosto impressionante ele tinha, agora que podia observá-lo do mesmo nível que o meu! Que nariz enorme! E que bocarra! E que dentes grandes e salientes!

- Nada é pior que uma criança malcriada - ele começou - especialmente uma menina. Você sabe para onde vão os maus depois que morrem?

- Vão para o inferno - foi minha pronta e convencional resposta.

- E o que é o inferno? Pode me dizer?

- É uma cova cheia de fogo.

- E você gostaria de cair nessa cova e ficar queimando para

sempre?

- Não, senhor.

- E o que deve fazer para evitar isso?

Pensei por um momento. Minha resposta, quando veio, era questionável.

- Devo manter minha boa saúde e não morrer.
- E como vai manter a boa saúde? Crianças menores que você morrem todos os dias. Eu enterrei uma criancinha de cinco anos há apenas um ou dois dias... uma criança boa, cuja alma está agora no céu. É possível que a mesma coisa não aconteça com você, se fosse chamada agora.

Não estando em condições de responder à sua dúvida, apenas baixei os olhos em direção aos dois enormes pés plantados sobre o tapete e suspirei, desejando estar muito longe dali.

- Espero que esse suspiro seja sincero, e que você se arrependa de alguma vez ter causado aborrecimento à sua bondosa benfeitora.

“Benfeitora! Que benfeitora?” pensava eu, intimamente. “Todos dizem que Mrs. Reed é minha benfeitora; se benfeitora é isso, deve ser uma coisa muito ruim.”

- Você reza, de manhã e à noite? - continuou o meu interrogador.
- Sim, senhor.
- Você lê a Bíblia?
- Às vezes.

- Lê com prazer? Gosta da Bíblia?

- Gosto das Revelações, e do livro de Daniel, e da Gênese e de Samuel. E um pouco do Êxodo, e algumas partes dos Reis e das Crônicas, e de Jó e Jonas.

- E os Salmos? Imagino que goste deles?

- Não, senhor.

- Não? Estou chocado!... Tenho um menino, mais novo que você, que conhece seis Salmos de cor. E se lhe perguntamos o que prefere, um biscoito de gengibre para comer ou um Salmo para ler, ele diz: “Oh! Os versos dos Salmos, que os anjos cantam!... Queria ser um anjo aqui na terra”. E então ele ganha dois biscoitos, como recompensa por sua piedade infantil.

- Os Salmos não são interessantes – observei.

- Isso prova que você tem um coração malvado. E deve rezar e pedir a Deus que mude isso: que lhe dê um coração novo e limpo. Que leve seu coração de pedra e lhe dê um de carne.

Eu estava a ponto de perguntar de que modo essa operação de mudança do meu coração aconteceria, quando Mrs. Reed se interpôs, mandando que eu me sentasse. Resolveu então assumir ela mesma a conversa.

- Mr. Brocklehurst, eu creio ter sugerido na carta que lhe escrevi três semanas atrás que esta menina não tem o caráter

e a disposição que eu desejaria. Se o senhor admiti-la na escola de Lowood, eu ficaria feliz se o diretor e os professores fossem solicitados a mantê-la sob vigilância e, sobretudo, precaverem-se da sua pior falta: uma tendência ao fingimento. Falo isso na sua frente, Jane, para que não tente enganar Mr. Brocklehurst. Como eu temia, como detestava Mrs. Reed: pois estava na sua natureza ferir-me cruelmente. Nunca fui feliz em sua presença. Por mais que a obedecesse rigorosamente, por mais que lutasse com vigor para agradá-la, meus esforços eram sempre rechaçados e recebia em retorno frases como essa. Tal acusação, feita na frente de um estranho, feriu-me no fundo do coração. Percebi vagamente que ela já estava destruindo as esperanças da nova fase de vida a que me destinara. Senti, embora não conseguisse expressar o sentimento, que ela estava semeando a aversão e o

desamor pelo meu caminho futuro. Vi-me, aos olhos de Mr. Brocklehurst, transformada numa criança astuta e nociva. O que poderia fazer para remediar essa injúria?

“Nada, realmente” pensei, enquanto lutava para reprimir um soluço e enxugar rapidamente algumas lágrimas, provas impotentes da minha angústia.

- O fingimento é, de fato, uma falta muito grave numa criança - disse Mr. Brocklehurst. - É semelhante à falsidade, e todos os mentirosos terão sua parte no inferno, queimando no

fogo e enxofre. Ela certamente deve ser vigiada, Mrs. Reed, vou falar com Miss Temple e com os professores.

- Gostaria que ela fosse educada de acordo com suas perspectivas de vida – continuou minha benfeitora – de modo a ser útil e manter-se humilde. Quanto às férias, ela deve passá-las sempre em Lowood, se o senhor concordar.

- Suas decisões são extremamente sensatas, madame – respondeu Mr. Brocklehurst. – A humildade é uma virtude cristã, e especialmente adequada aos alunos de Lowood. Eu cuido, pessoalmente, para que seja constantemente cultivada entre eles. Estudei a melhor maneira de mortificar-lhes o mundano sentimento da vaidade. Ainda outro dia tive a mais agradável prova do meu sucesso. Minha segunda filha, Augusta, foi visitar a escola com a mãe, e ao retornar disse: “Oh, papai querido! Como as meninas de Lowood parecem calmas e simples, com seu cabelo penteado para trás das orelhas, seus longos aventais, e aqueles bolsinhos por fora dos vestidos... quase parecem filhas de gente pobre! Olharam para o meu vestido e o da mamãe como se nunca tivessem visto um vestido de seda!”

- Esse é o tipo de sistema que conta com minha inteira aprovação

- retornou Mrs. Reed. – Se eu procurasse por toda a Inglaterra, dificilmente encontraria um sistema que se adequasse com mais perfeição a uma criança como Jane Eyre.

Firmeza, meu caro Mr. Brocklehurst, defendo a firmeza em todas as coisas.

- A firmeza, madame, é a primeira das obrigações cristãs, e é observada em tudo que se refere ao nosso estabelecimento em Lowood.

Alimentação comum, vestimentas simples, acomodações modestas, hábitos ativos e árduos. Essa é a ordem do dia - para a casa e os seus habitantes.

- Muito certo, senhor. Posso então contar que essa menina será recebida como aluna em Lowood, e receberá educação de acordo com sua posição e perspectivas de vida?

- Pode, madame. Ela será colocada na nossa estufa de seletas plantas, e acredito que saberá mostrar-se grata pelo inestimável privilégio de ter sido escolhida.

- Vou mandá-la o mais breve possível, então, Mr. Brocklehurst. Estou ansiosa para me livrar de uma responsabilidade que está se tornando pesada demais, asseguro-lhe.

- Sem dúvida, madame, sem dúvida. Então, desejo-lhe um bom dia. Devo retornar à Brocklehurst Hall dentro de uma ou duas semanas. Meu bom amigo, o arqui-diácono, não permitirá que eu o deixe antes disso. Mandarei informar a Miss Temple

que ela deve esperar uma nova aluna, assim não haverá dificuldades. Adeus.

- Adeus, Mr. Brocklehurst, dê minhas lembranças a Mrs. e Miss Brocklehurst, e a Augusta e Theodore, e a Mr. Broughton Brocklehurst.

- Darei, madame, obrigado. Menina, aqui está um livro intitulado “Guia das Crianças”. Leia-o com fé, especialmente a parte que contém “Um relato da terrível e súbita morte de Martha G.”, uma criança má, adepta da falsidade e fingimento.

Com essas palavras Mr. Brocklehurst colocou em minhas mãos um livrinho encadernado e, tendo chamado a carruagem, partiu.

Mrs. Reed e eu ficamos sozinhas. Alguns minutos se passaram em silêncio. Ela costurava enquanto eu a observava. Nessa época Mrs. Reed devia ter por volta de trinta e seis ou trinta e sete anos. Era uma mulher robusta, de ombros quadrados e membros fortes. Não era alta e, apesar de robusta, não era obesa. Tinha um rosto largo e a papada desenvolvida e sólida. As sobrancelhas eram baixas, o queixo grande e proeminente, boca e nariz suficientemente regulares. Sob as sobrancelhas finas brilhavam os olhos cruéis; a pele era morena e baça, o cabelo quase da cor do linho. Sua

constituição era tão sólida quanto um sino, a doença jamais chegara perto dela. Era uma administradora competente e

esperta. A família e os rendeiros estavam totalmente sob seu controle. Apenas os filhos às vezes desafiavam sua autoridade e troçavam dela. Vestia-se bem e tinha uma aparência e porte calculados para valorizar as belas roupas.

Sentada num banco baixo, a poucos passos da sua poltrona, eu a examinava, perscrutando-lhe os traços. Segurava em minha mão o tratado contendo a súbita morte da Mentirosa, cuja narrativa me fora indicada como um aviso necessário. O que acabara de se passar, o que Mrs. Reed dissera a Mr.

Brocklehurst a meu respeito, o completo teor da conversa deles estava vivo e cru na minha mente, causando-me imensa dor. Sentia cada palavra como se as ouvisse outra vez com clareza, e uma revolta surda apoderou-se de mim.

Mrs. Reed levantou os olhos do trabalho e fixou-os em mim, enquanto seus dedos suspendiam os ágeis movimentos.

- Saia da sala, volte para o quarto - foi a sua ordem.

Meu olhar ou alguma coisa em mim deve ter-lhe parecido ofensivo, pois ela falou com extrema irritação, embora se controlasse. Levantei-me e fui até a porta. Mas voltei. Caminhei em direção à janela, cruzei o cômodo e parei diante dela.

Eu devia falar. Tinha sido severamente ofendida, e devia revidar. Mas como? Que força tinha eu para lançar alguma retaliação contra a minha antagonista? Reuni as forças que possuía e lancei-as nessa frase cortante:

- Não sou fingida. Se eu fosse, diria que amo a senhora. Mas afirmo que não a amo, eu a odeio mais do que qualquer pessoa no mundo, exceto John Reed. E esse livro sobre a mentirosa, a senhora devia dar para a sua filha Georgiana, pois é ela que conta mentiras, e não eu.

As mãos de Mrs. Reed ainda repousavam sobre o trabalho inerte em seu colo. Os olhos de aço continuavam fixos em mim, como gelo.

- Tem mais alguma coisa a dizer? – ela perguntou, num tom que se costuma usar para falar com um oponente de idade adulta, e não com uma criança.

Aqueles olhos dela, aquela voz, despertaram toda a minha raiva. Tremendo dos pés à cabeça, tomada por uma ira ingovernável, eu continuei:

- Fico feliz que a senhora não seja minha parenta. Nunca mais vou chamá-la de tia enquanto viver. Jamais virei visitá-la depois que crescer. E se alguém me perguntar se gosto da senhora e como costuma me tratar, vou dizer que só pensar na senhora me deixa doente e que sempre me tratou com miserável crueldade.

- Como ousa dizer isso, Jane Eyre?

- Como ousa, Mrs. Reed? Como ousa? Ouso porque é a verdade. A senhora acha que não tenho sentimentos, que posso

viver sem uma migalha de amor ou bondade. Mas não posso viver assim, e a senhora não tem pena. Devo lembrar-lhe como a senhora me empurrou – me empurrou violenta e cruelmente – para o quarto vermelho, e me trancou lá para que morresse. Mesmo eu estando em agonia, mesmo gritando sufocada de angústia “Tenha piedade! Tenha piedade, tia...” E me fez sofrer essa punição apenas porque o malvado do seu filho me atacou – bateu-me a troco de nada. Vou contar essa história a todos que me perguntarem. As pessoas pensam que a senhora é boa, mas a senhora é má e sem coração. A senhora é fingida.

Logo que disse essas palavras minha alma ficou aliviada. Senti-me exultante, com uma estranha sensação de liberdade, de triunfo, como nunca sentira antes. Parecia que um limite invisível havia sido rompido e eu obtivera uma liberdade inesperada. E esse sentimento não era sem razão: Mrs. Reed parecia apavorada, o trabalho escorregara do seu colo. Levantava as mãos e mexia-se desordenadamente, contraíra até o rosto, como se fosse chorar.

- Jane, você está enganada. Qual é o problema com você? Por que está tremendo tão violentamente? Quer beber um pouco de água?

- Não, Mrs. Reed.

- Deseja alguma outra coisa, Jane? Eu lhe asseguro, quero ser sua

amiga.

- Não quer não. A senhora disse a Mr. Brocklehurst que eu tinha mau caráter, uma propensão ao fingimento, e vou deixar que todos em Lowood saibam quem a senhora é, e o que fez.
- Jane, você não entende essas coisas. Devemos corrigir os erros das crianças.
- O fingimento não é um dos meus erros! – gritei em voz alta, com selvageria.
- Mas você é passional, Jane, deve admitir isso. E agora volte para o quarto das crianças, minha querida... e descanse um pouco.
- Não sou sua querida, e não posso descansar. Mande-me logo para a escola, Mrs. Reed, pois odeio viver aqui.

“Vou mandá-la logo para a escola, de fato” murmurou Mrs. Reed, em voz bem baixa. E pegando seu trabalho deixou a sala abruptamente.

Fui deixada sozinha... vencedora no campo de batalha. Fora a batalha mais dura que travara, e a minha primeira vitória. Fiquei um pouco de pé sobre o tapete, onde Mr. Brocklehurst estivera, e desfrutei da minha solidão de conquistadora. Primeiro, sorri para mim mesma e me senti tomada de júbilo. Mas o orgulhoso prazer que sentia acalmou-se em minha mente tão rápido quanto o sangue pulsando em minhas veias. Uma criança não podia enfrentar os adultos como eu havia feito.

Não podia dar vazão à sua fúria incontrolável, como eu fizera, sem sentir depois a pontada do remorso e o frio da reação. Uma montanha de urzes, viva, queimando, tomada por um incêndio devorador, teria sido uma comparação adequada para a minha mente quando acusei e ameacei Mrs. Reed. A mesma montanha, negra e devastada depois de apagado o incêndio, representaria igualmente bem minha condição quando, após meia hora de silêncio e reflexão, vira a loucura da minha conduta, e a tristeza de minha odiosa e odiada situação. Pela primeira vez sentira o gosto da vingança. Parecia-me um vinho aromático, quente e estimulante, mas que deixava na boca um gosto metálico e corrosivo, que me dava a impressão de envenenamento. De bom grado eu teria ido até Mrs. Reed agora e implorado seu perdão. Mas eu sabia, parte por experiência, parte por instinto, que isso a faria sentir

ainda mais repulsa por mim, desprezando-me duplamente, e assim tornaria a despertar todos os impulsos violentos da minha natureza.

De bom grado eu cultivaria alguma qualidade melhor do que a de fazer discursos ásperos. De bom grado nutriria algum sentimento menos maligno que a minha sombria cólera. Peguei um livro – algum conto árabe. Sentei-me e fiz um esforço para ler. Não consegui entender do que se tratava, meus pensamentos se interpunham sempre entre mim e as páginas

do livro, que em outra ocasião teria me fascinado. Abri a porta envidraçada da sala de almoço. O arvoredo estava imóvel e a geada cobria os campos, ainda intocada pelo sol ou vento. Cobri a cabeça e os braços com a aba do vestido e fui caminhar na parte mais deserta da propriedade, mas não encontrei prazer algum nas árvores silenciosas, nas pinhas caídas, nas relíquias congeladas do outono - folhas avermelhadas, varridas e amontoadas pelo vento. Recostei-me no portão e olhei para os campos vazios, onde não havia rebanhos pastando e a relva era gelada, crestada pelo frio. Era um dia completamente cinzento, e um céu opaco cobria tudo. Flocos de neve caíam, a intervalos, e se acumulavam sobre o caminho endurecido e as pastagens cinzentas. E ali fiquei, uma criança infeliz, murmurando comigo mesma “que devo fazer? que devo fazer?”

Ouvi, então, uma voz clara chamando:

- Miss Jane, onde está você? Venha almoçar!

Era Bessie, eu sabia muito bem. Mas não me mexi, e logo ouvi seus passos leves tropeçando no caminho.

- Sua coisinha malcriada! - ela disse. - Por que não aparece quando é chamada?

A presença de Bessie, comparada aos pensamentos que me toldavam o espírito, parecia-me alegre. Mesmo que, como sempre, ela estivesse um tanto mal humorada. O fato é que, depois do meu conflito e conseqüente vitória sobre Mrs. Reed,

não estava disposta a ligar muito para a raiva passageira das criadas. E queria deleitar-me com a leveza do seu jovem coração. Eu apenas a abracei e disse:

- Venha, Bessie! Não ralhe comigo.

Esse gesto foi mais espontâneo e corajoso do que eu estava acostumada, e ela pareceu gostar.

- Você é uma menina estranha, Miss Jane - disse ela, enquanto me olhava - uma coisinha um tanto solitária e arredia. Está indo para a escola, então?

Assenti com a cabeça.

- E não vai lamentar deixar a pobre Bessie?

- Lamentar por quê? Bessie vive ralhando comigo.

- Porque você é uma coisinha muito estranha, tímida e assustada.

Devia ser mais corajosa...

- O quê? Para apanhar mais?

- Bobagem! Você vai se sair bem, tenho certeza. Minha mãe me disse, quando veio me ver na semana passada, que não gostaria de ter uma filha dela na sua situação... Agora venha, tenho boas notícias para você.

- Acho que não tem, Bessie.

- Menina! O que quer dizer? Por que me olha com esses olhos tão tristes? Venha, a senhora, o senhor John e as meninas vão sair para tomar chá esta tarde, e você vai tomar chá comigo. Vou pedir à cozinheira para fazer um pequeno bolo e então você vai me ajudar a examinar as suas gavetas. Tenho que fazer a sua mala logo, a senhora quer que você parta dentro de um dia ou dois, e você tem que escolher os brinquedos que quer levar.

embora?

- Bessie, você promete que não vai ralhar comigo até eu ir

- Bem, prometo. Mas lembre-se que você é uma boa menina e

não tenha medo de mim. Não fique nervosa se eu falar de modo mais ríspido, é muito irritante.

- Acho que não vou ter medo de você de novo Bessie, já estou acostumada com você. E logo terei outras pessoas a quem temer.

- Se fizer isso elas não gostarão de você.

- Assim como você, Bessie?

- Não desgosto de você, Miss Jane. Acho até que gosto mais de você do que qualquer um dos outros.

- Mas não demonstra.

- Coisinha atrevida! Que maneira nova de falar é essa? O que a deixou assim tão ousada e amarga?

- Bem, logo vou deixar você e, além disso...

Estava a ponto de contar o que havia se passado entre Mrs. Reed e eu, mas pensando bem achei melhor não dizer nada sobre o assunto.

- Então está contente de me deixar?

- De modo algum, Bessie. Na verdade, justamente agora é que tenho mais motivos para estar triste.

- Justamente agora! Mais motivos! Com que frieza a minha pequena dama diz essas coisas! Garanto que, se eu lhe pedisse um beijo, você não me daria. Diria que justamente agora teria mais motivos para negar.

- Vou lhe dar um beijo com muito gosto. Abaixei a cabeça.

Bessie parou. Nos abraçamos e eu a segui até a casa. Sentia-me bastante confortada, e a tarde transcorreu em paz e harmonia. À noite Bessie contou-me as suas histórias mais

belas e cantou as canções mais doces que conhecia. Mesmo para mim, a vida tinha clarões de sol.

CAPÍTULO V

Mal passava das cinco horas da manhã do dia dezenove de janeiro, quando Bessie entrou no meu quarto com o candeeiro. Eu já estava de pé e quase vestida. Havia me levantado meia hora antes, e tinha lavado o rosto e me vestido sob a escassa luz da meia lua que se punha, cujos raios entravam pela estreita janela ao lado da cama. Eu devia deixar Gateshead naquele dia pela diligência que passava nos portões às seis da manhã. Bessie era a única pessoa que já levantara. Havia acendido um fogo no quarto e agora preparava o meu café da manhã. Poucas crianças conseguem comer quando excitadas pela ideia de uma viagem, eu também não. Bessie, depois de insistir em vão para que eu tomasse algumas colheradas do leite quente com pão que ela preparara, enrolou alguns biscoitos num papel e colocou-os na minha valise. Então me ajudou a vestir o capote e a touca e, enrolando-se num xale, deixou o quarto junto comigo. Quando passamos pelo quarto de Mrs. Reed ela disse:

- Gostaria de entrar e dar adeus à senhora?
- Não, Bessie. Ela veio até minha cama na noite passada, quando você desceu para a ceia, e disse que eu não precisava perturbá-la esta manhã, nem aos meus primos. E me disse para não esquecer que ela sempre havia sido minha amiga, e que eu devia me lembrar de mencioná-la com gratidão.

- E o que você respondeu?
- Nada. Cobri a cabeça com as cobertas e me virei para a parede.
- Isso foi muito errado, Miss Jane.
- Não, foi muito certo, Bessie. A sua patroa nunca foi minha amiga, ela foi minha inimiga.
- Oh, Miss Jane! Não diga isso.

- Adeus, Gateshead – exclamei, quando passamos pelo vestibulo e nos dirigimos à porta da frente.

A lua já se pusera e estava muito escuro. Bessie carregava uma lanterna, cuja luz brilhava nos degraus úmidos e no caminho de cascalho molhado pelo degelo recente. A manhã de inverno era fria e áspera. Meus dentes batiam enquanto me apressava pela estrada. Havia uma luz na guarita do porteiro. Quando nos aproximamos encontramos sua esposa alimentando o fogo. Minha bagagem, que fora trazida na noite anterior, estava amarrada junto à porta. Faltavam poucos minutos para as seis, e logo após esse horário ouvimos o ruído distante das rodas anunciando a chegada da diligência. Fui até a porta e vi os faróis que se aproximavam lentamente através da escuridão.

- Ela está indo sozinha? – perguntou a esposa do porteiro.
- Sim.

- E é muito longe?
- Oitenta quilômetros.
- Que viagem longa! Pergunto-me se Mrs. Reed não tem medo de mandá-la para tão longe sozinha.

A diligência parou. Chegara, enfim, ao portão, com seus quatro cavalos e carregada de passageiros. O condutor pedia pressa, em voz ríspida. Minha bagagem foi içada e eu fui arrancada do colo de Bessie, a quem enchera de beijos.

- Cuide bem dela! – gritou Bessie para o condutor, enquanto ele me acomodava dentro do carro.
- Está bem, está bem! – foi sua resposta.

A porta foi fechada, uma voz exclamou “pronto” e partimos. Assim fui afastada de Bessie e de Gateshead, assim fui lançada em direção ao desconhecido e a remotas e misteriosas paragens, conforme eu imaginava na ocasião.

Lembro de muito pouco daquela viagem. Só sei que o dia me pareceu ter uma duração sobrenatural e parecia que viajávamos centenas de quilômetros pela estrada. Passamos por diversas cidades e, numa das

maiores, a carruagem parou. Os cavalos foram desatrelados e os passageiros desceram para almoçar. Fui levada para dentro da estalagem, onde o cocheiro insistiu para que eu comesse alguma coisa. Como eu não tinha apetite, deixou-me num

imenso salão, com uma lareira de cada lado, um enorme candelabro suspenso do teto e uma pequena galeria alta junto à parede, cheia de instrumentos musicais. Fiquei andando no cômodo por um longo tempo, sentindo-me deslocada e com um medo mortal de que alguém me raptasse. Eu acreditava em raptos de crianças, pois suas aventuras figuravam muitas vezes nas histórias que Bessie contava ao pé do fogo.

Finalmente o cocheiro retornou, fui acomodada de novo na diligência, meu protetor subiu ao seu assento, tocou a buzina e saímos sacolejando pela “rua calçada” de L...

A tarde chegou, enevoada e úmida. Quando se aproximava o crepúsculo comecei a sentir que estava muito longe, na verdade, de Gateshead. Não passávamos mais pelas cidades e a paisagem mudara. Enormes montanhas cinzentas erguiam-se ao longe. Enquanto a noite caía, descemos um vale escuro coberto de bosques. Assim que a escuridão impediu a visão do horizonte, ouvi um vento forte rugindo entre as árvores.

Embalada por esse som, finalmente caí no sono. Não cochilava por muito tempo quando o súbito cessar do movimento me acordou. A porta da diligência se abriu e, à luz dos lampiões, vi uma espécie de criada parada ali.

- Tem uma menininha chamada Jane Eyre aqui? - ela indagou.

- Sim - eu respondi.

Tiraram-me do carro, desceram minha bagagem, e a diligência imediatamente seguiu caminho.

Eu estava entorpecida por ficar tanto tempo sentada, e confusa com o barulho e o movimento da diligência. Reunindo as minhas energias, olhei ao redor. Chuva, vento e escuridão enchiam o ar. Ainda assim, distingui vagamente um muro à minha frente com um portão aberto. Passei por ele com a minha guia, que fechou e trancou o portão atrás de si. Agora conseguia ver a casa, ou as casas – pois era um prédio extenso – com muitas janelas, algumas iluminadas. Seguimos por um largo caminho

de pedras molhado pela chuva e entramos pela porta. A criada conduziu-me por um corredor até uma sala com lareira, onde me deixou sozinha.

Fiquei de pé junto ao fogo e aqueci meus dedos paralisados pelo frio, então olhei ao redor. Não havia candeeiro, mas a incerta luz da lareira mostrava, a intervalos, as paredes forradas de papel, o carpete, as cortinas e os brilhantes móveis de mogno. Era uma sala sem o espaço ou o esplendor da sala de estar de Gateshead, mas bastante confortável. Estava tentando entender o tema de uma pintura na parede, quando a porta se abriu e entrou uma pessoa carregando uma lamparina, seguida de perto por outra.

A primeira era uma dama alta de cabelos negros, olhos escuros e uma testa larga e pálida. Estava parcialmente envolta num xale e seu semblante era grave, a postura rígida.

- A criança é pequena demais para ter viajado sozinha – disse ela, colocando o candeeiro sobre a mesa.

Olhou-me atentamente por um ou dois minutos, então acrescentou:

- É melhor levá-la logo para a cama, ela parece cansada. Está cansada? – perguntou ela, colocando a mão sobre o meu ombro.

- Um pouco, senhora.

- E está faminta também, sem dúvida. Leve-a para cear antes que vá para cama, Miss Miller. É a primeira vez que deixa seus pais para vir a escola, minha menina?

Expliquei-lhe que não tinha pais. Ela perguntou-me há quanto tempo haviam morrido; depois, que idade eu tinha, como me chamava, se eu sabia ler, escrever e costurar um pouco. Então tocou meu queixo gentilmente com o dedo e, dizendo que “esperava que eu fosse uma boa menina”, dispensou-me junto com Miss Miller.

A dama que eu acabara de deixar devia ter por volta de vinte e nove anos, a que me acompanhava parecia alguns anos mais jovem. A primeira me impressionara pela voz, a aparência e o porte. Miss Miller era mais comum. Tinha a tez rosada, embora

o semblante fosse ansioso; dava a impressão de estar sempre apressada, tanto no passo quanto nas ações,

como se tivesse muitas tarefas para dar conta. Parecia, na verdade, o que mais tarde descobri que realmente era: uma professora auxiliar. Guiada por ela, passei de cômodo em cômodo, de corredor em corredor, através do edifício grande e irregular. Então, emergindo do completo e lúgubre silêncio que invadia a ala que acabáramos de atravessar, ouvimos o zumbido de muitas vozes e entramos numa sala ampla e comprida. Ali havia muitas mesas, duas de cada lado, cada uma delas com um par de candeeiros. Sentadas nos bancos ao redor estava uma congregação de meninas de todas as idades, dos nove ou dez até os vinte anos. Vistas à vaga luz das lâmpadas elas me pareciam incontáveis, embora na verdade não passassem de oitenta. Vestiam-se de maneira uniforme, com um vestido marrom de feitio antiquado e longos aventais de linho. Era a hora do estudo, estavam trabalhando nos temas para o dia seguinte, e o rumor que eu ouvira era a constante repetição de suas lições.

Miss Miller fez-me um sinal para sentar num banco perto da porta, e dirigindo-se ao fundo da sala ela gritou:

- Monitoras, recolham e guardem os cadernos!

Quatro meninas altas levantaram-se de mesas diferentes e deram a volta na sala, recolhendo os cadernos. Miss Miller deu uma nova ordem:

- Monitoras, tragam as bandejas da ceia.

Novamente as meninas altas saíram e retornaram, cada uma trazendo uma bandeja com porções de alguma coisa, eu não sabia o quê, dispostas em volta de um cântaro de água e uma caneca. As meninas pegavam as porções com as mãos e quem queria tomava um gole de água da caneca, comum a todas. Quando chegou minha vez eu bebi a água, pois tinha sede, mas não toquei na comida. A excitação e a fadiga haviam me tirado a fome. Agora eu sei, no entanto, que se tratava de um fino bolo de aveia, partido em pedacinhos.

Depois da refeição Miss Miller recitou as orações, e as classes saíram, subindo as escadas em fileiras de duas. A essa altura, dominada pelo cansaço, mal reparei no dormitório, vi apenas que era muito comprido, como a sala de aulas. Nessa noite eu dividiria a cama com Miss Taylor, e ela ajudou a me despir. Quando me deitei olhei para as longas

fileiras de camas, cada uma delas ocupada por duas meninas. Em dez minutos a única luz do dormitório se apagou, e caí no sono.

A noite passou rapidamente. Eu estava cansada demais até para sonhar. Acordei apenas uma vez, ouvindo o vento em

furiosas rajadas e a chuva caindo em torrentes, e reparei que Miss Miller ocupara seu lugar ao meu lado. Quando abri novamente os olhos havia um sino alto tocando, e as meninas já estavam se vestindo. O dia ainda não clareara, e uma ou duas luzes fugazes iluminavam o quarto. Levantei-me também, a muito custo. Estava um frio cortante e me vesti tão bem quanto pude enquanto tremia. Lavei-me assim que consegui uma bacia livre, o que demorou um pouco, pois havia apenas uma bacia para seis alunas, dispostas em plataformas baixas no meio do dormitório. O sino tocou outra vez, as meninas formaram fileiras, duas a duas, e desceram as escadas em ordem, entrando na sala de aulas. A sala estava escura e fria e Miss Miller leu as preces. Depois ordenou:

- Formem as classes!

Seguiu-se um grande tumulto por alguns minutos, durante os quais Miss Miller continuamente exclamava “Silêncio!” e “Ordem!”. Quando por fim o ambiente acalmou-se, percebi que as alunas estavam dispostas em quatro semicírculos, diante de quatro cadeiras junto às quatro mesas. Todas seguravam seus livros e um livro grosso, parecido com uma Bíblia, jazia sobre cada mesa, em frente à cadeira vaga. Seguiu-se uma pausa de alguns segundos, cortada pelo ruído baixo e indistinto de alguém contando. Miss Miller andava de classe em classe recitando os números.

Uma campainha soou à distância e imediatamente três damas entraram na sala, ocupando seu lugar em cada uma das

mesas. Miss Miller assumiu a quarta mesa, a mais próxima da porta, junto da qual se encontravam as meninas menores. Fui colocada nessa classe e ocupei um dos últimos lugares.

Começaram os trabalhos. Repetimos a Oração do dia, e então foram lidos trechos das Escrituras. Seguiu-se uma prolongada leitura de capítulos da Bíblia, que durou uma hora. Quando esse exercício terminou o dia já havia amanhecido. O incansável sino tocou pela quarta vez. As classes se organizaram e marcharam para outra sala, para a refeição da

manhã. Como fiquei feliz com a perspectiva de comer alguma coisa! Eu estava quase doente de tanta fome, depois de não ter comido quase nada no dia anterior.

O refeitório era uma sala grande e lúgubre, de teto baixo. Havia duas mesas compridas, com tigelas fumegantes contendo alguma coisa quente, mas, para o meu desgosto, o odor estava longe de ser convidativo. Percebi uma manifestação geral de descontentamento, quando o desagradável cheiro da refeição atingiu as narinas daquelas que deviam comê-la. Das fileiras veio o sussurro das meninas mais velhas, da primeira classe:

- Que horror! Queimaram o mingau outra vez!
- Silêncio! - exclamou abruptamente uma voz.

Não era Miss Miller, mas uma das professoras titulares. Era uma figura miúda e sombria, vestida com elegância, mas de

aspecto um tanto taciturno, que se instalara na cabeceira de uma das mesas, enquanto uma dama mais robusta presidia a outra. Procurei em vão pela senhora que me recebera na noite anterior, mas ela não estava à vista. Miss Miller ocupou a outra ponta da mesa em que eu estava e uma estranha e idosa dama, de aspecto estrangeiro – a professora de francês, como descobri mais tarde – ocupou o mesmo lugar na outra mesa. Rezou-se uma longa oração e cantou-se um hino. Uma criada trouxe chá para as professoras e a refeição teve início.

Sentindo-me muito fraca, devorei vorazmente uma ou duas colheres da minha ração, sem atentar para o gosto. Aplacada a violência da fome, percebi que se tratava de uma mistura nauseante. Mingau queimado é quase tão ruim quanto batatas podres. A própria fome o rejeita. As colheres se moviam lentamente, vi as meninas provarem e tentarem comer aquilo. Mas, na maioria dos casos, desistiam em seguida. A refeição terminou e ninguém havia comido. Demos graças pelo alimento que não comemos e cantamos um segundo hino, deixando então o refeitório em direção à sala de aulas. Fui uma das últimas a sair e, passando pelas mesas, vi uma das professoras pegar uma tigela de mingau e prová-lo. Olhou para as outras – todas expressavam seu desprazer – e uma delas, a mais robusta, disse à meia voz:

- Que porcaria! É vergonhoso!

Passou-se um quarto de hora antes que as aulas começassem outra vez, e durante esse tempo a sala estava num glorioso tumulto. Parece que nesse período de tempo era permitido falar alto e livremente, e todas aproveitavam a oportunidade. A maioria das conversas era sobre a refeição, e a reprovação era unânime. Coitadinhas! Só tinham esse consolo. Miss Miller era agora a única professora na sala; um grupo de meninas mais velhas a rodeava, falando e gesticulando de modo grave e sombrio. Ouvi o nome de Mr. Brocklehurst ser mencionado por algumas e Miss Miller sacudindo a cabeça em desaprovação. Mas ela não fez esforço algum para aplacar a cólera geral, com certeza participava dela também.

O relógio bateu nove horas. Miss Miller deixou seu lugar e, parada no meio da sala, gritou:

- Silêncio! Aos seus lugares!

A disciplina prevaleceu. Em cinco minutos a confusa multidão retornou à ordem, e o silêncio sufocou o clamor daquela Babel de línguas. As professoras titulares pontualmente retomaram seus lugares. Todos pareciam esperar. Enfileiradas nos bancos dispostos ao longo das paredes, as oitenta meninas sentavam-se eretas e imóveis. Pareciam uma singular assembleia, com seus cabelos penteados para trás, sem nenhum cacho à vista, os vestidos marrons abotoados até o pescoço, circundado por uma gola estreita, com saquinhos de linho (cortado no feitio dos escoceses) atados à frente dos vestidos, servindo de bolsa de trabalho. Todas usavam meias de lã e sapatos de

caminhada, fechados por fivelas de latão. Cerca de vinte das que envergavam esse uniforme eram moças crescidas, quase jovens mulheres, e a roupa lhes conferia um ar estranho, mesmo à mais bonita.

Eu ainda estava olhando para elas, e também, de vez em quando, examinando as professoras. Nenhuma delas me agradou exatamente. A robusta era um tanto áspera, a sombria não era orgulhosa o suficiente, a estrangeira era rude e grotesca, e Miss Miller – coitadinha! – parecia vermelha, maltratada pelo tempo e sobrecarregada. Enquanto os meus olhos vagavam de um rosto a outro, toda a escola se levantou ao mesmo tempo, como se movida por uma mola.

O que estava acontecendo? Não ouvira nenhum comando, estava confusa. Enquanto me recobrava, a classe inteira se sentou novamente. Agora, porém, todos os olhos se voltavam para um ponto. Meus olhos logo seguiram na direção geral e encontraram a personagem que havia me recebido na noite anterior. Ela estava parada no fundo da longa sala, junto à lareira, pois havia uma lareira em cada ponta. Observava as duas alas de meninas, silenciosa e gravemente. Miss Miller aproximou-se, pareceu perguntar-lhe alguma coisa e, tendo recebido a resposta, voltou ao seu lugar e disse alto:

- Monitora da primeira classe, traga os globos!

Enquanto a ordem era executada, a dama consultada movia-se vagarosamente pela sala. Suponho que devo tê-la considerado um objeto de veneração, porque me lembro até mesmo do senso de reverência com que meus olhos seguiam seus passos. Vista assim, em plena luz do dia, ela parecia alta, bonita e bem-feita. Olhos castanhos que irradiavam uma luz benigna, e uma linha fina de longos cílios quebravam a alvura da fronte larga. Os cabelos, de um castanho escuro, estavam presos nas têmporas em longas mechas, de acordo com a moda da época, quando não estava mais em voga nem as ondas suaves, nem os cachos. Seu vestido, também na última moda, era de tecido púrpura, adornado com uma espécie de enfeite espanhol de veludo negro. No seu cinto brilhava um relógio de ouro (os relógios não eram tão comuns naquela época como são hoje). Se completarmos esse quadro com traços refinados, uma tez clara sem ser pálida, um ar e porte imponentes, teremos, finalmente, tão claro quanto as palavras são capazes de descrever, uma ideia do aspecto exterior de Miss Temple. Maria Temple, como depois vi escrito num livrinho de orações que me foi confiado para levar à igreja.

A superintendente de Lowood (pois esse era o cargo da dama), tomando seu lugar diante de um par de globos colocados sobre uma das mesas, chamou a primeira classe para junto dela e começou a dar uma aula de geografia. As classes menores foram chamadas pelos professores: repetições de história, gramática, etc. por uma hora. Seguiram-se as lições de

caligrafia e aritmética, e Miss Temple deu aula de música para algumas das meninas mais velhas. A duração de cada aula era marcada pelo relógio, que afinal bateu meio-dia. A superintendente levantou-se.

- Tenho uma palavra a dizer às alunas – ela disse.

O tumulto do fim das aulas já irrompera, mas cessou ante a voz dela. Miss Temple continuou:

- Hoje de manhã vocês tiveram uma refeição que não conseguiram comer. Devem estar com fome. Dei ordens para que seja servido um lanche de pão e queijo para todas.

As professoras olharam para ela com surpresa.

- Sob a minha responsabilidade – ela acrescentou, num tom de explicação a elas. E deixou a sala imediatamente.

O pão e o queijo foram então trazidos e servidos, para grande delícia e alívio de toda a escola. Foi então dada a ordem:

- Para o jardim!

Todas colocaram um rude chapéu de palha com laços de algodão colorido e uma capa cinzenta. Fui equipada do mesmo modo e, seguindo o grupo, sai em direção ao ar livre.

O jardim era um vasto terreno, cercado por muros tão altos que impediam qualquer vislumbre do horizonte. Num dos lados estendia-se uma varanda coberta e largos caminhos levavam a

uma parte central, dividida em pequenos canteiros. Esses canteiros eram cultivados pelas alunas e cada uma possuía o seu. Quando cobertos de flores sem dúvida deviam ser bonitos, mas agora, no final de janeiro, tudo estava tomado pelas pragas e castigado pelo frio. Eu tremia enquanto parava e olhava ao redor, pois era um dia de tempo inclemente para atividades ao ar livre. Não chovia, mas tudo estava coberto por um espesso nevoeiro amarelado, como uma garoa. O solo ainda estava molhado pelo aguaceiro do dia anterior. As meninas mais fortes começaram a jogar animadamente, mas as mais magras e pálidas amontoavam-se juntas na varanda, buscando abrigo e calor. E entre estas, enquanto tremiam ao vento que lhes penetrava os ossos, frequentemente eu ouvia o som de uma tosse profunda.

Eu ainda não falara com pessoa alguma, e ninguém parecera notar minha presença. Fiquei sozinha, mas já estava habituada a esse isolamento, não me oprimia muito. Apoiei-me num pilar da varanda, apertei a capa à volta do corpo e, tentando esquecer o frio que me

castigava e a fome que me consumia por dentro, dediquei-me a observar e refletir. Minhas reflexões eram muito fragmentadas e indefinidas para merecer alguma lembrança, eu mal sabia quem eu era. Gateshead e o meu passado pareciam pairar a uma distância imensurável. O presente era estranho e indefinido, e sobre o futuro eu não podia fazer

nenhuma conjectura. Olhei para o jardim que se parecia com um convento e para cima, na direção do prédio. Era um edifício grande, metade do qual parecia antiga e cinzenta e a outra metade quase nova. A parte nova, onde ficavam a sala de aulas e o dormitório, era iluminada por janelas gradeadas com maineis, o que lhe dava um aspecto de igreja. Sobre a porta, uma placa de pedra com esta inscrição:

“ INSTITUIÇÃO LOWOOD. ESTE EDIFÍCIO FOI RECONSTRUÍDO POR NAOMI BROCKLEHURST, DE BROCKLEHURST HALL, NESTE CONDADO.”

“ DEIXE QUE A TUA LUZ BRILHE SOBRE OS HOMENS, PARA QUE ELES VEJAM AS TUAS BOAS AÇÕES E GLORIFIQUEM O PAI, QUE ESTÁ NO CÉUS. - SÃO MATEUS, V.16”

Li e reli a inscrição diversas vezes. Sabia que devia ter algum significado, mas era incapaz de descobri-lo. Ainda estava meditando sobre o significado da palavra “instituição” e tentando fazer uma ligação entre as primeiras palavras e o verso da Escritura, quando o som de alguém tossindo perto de mim me fez virar a cabeça. Vi uma menina sentada num banco de pedra próximo. Estava inclinada sobre um livro, e parecia absorta na leitura. De onde estava podia ver o título, era “Rasselas”, um nome que me encantou pela sua estranheza. Ao

virar a página ela acidentalmente olhou para mim, e então me dirigi a ela diretamente:

- Seu livro é interessante?

Já tinha decidido pedir-lhe que me emprestasse o livro, qualquer dia.

- Eu gosto - ela respondeu, depois de me observar por um segundo ou dois.

- Sobre o que é? - continuei.

Não sei dizer onde consegui coragem para iniciar uma conversa com uma estranha, essa atitude era contrária à minha natureza e aos meus hábitos. Mas acho que a sua ocupação despertara a minha simpatia, pois eu também gostava muito de ler, embora as minhas leituras fossem de um tipo mais frívolo e infantil. Ainda não conseguia compreender assuntos sérios e importantes.

- Dê uma olhada - respondeu a menina, oferecendo-me o livro.

Assim fiz. Um breve exame convenceu-me que o conteúdo era menos atraente do que o título: "Rasselas" parecia entediante para o meu gosto frívolo. Não havia fadas, nem gênios, nenhuma brilhante variedade estampada nas páginas cobertas

de letras miúdas. Devolvi-lhe o livro. Ela o recebeu e, sem dizer uma palavra, preparou-se para voltar à sua atitude estudiosa. Novamente me atrevi a perturbá-la.

- Pode me dizer o que significa essa inscrição sobre a porta? O que é Instituição Lowood?
- É esta casa para onde você veio.
- E por que chamam de Instituição? Ela é diferente das outras escolas?
- É em parte uma escola de caridade: você, eu e todas as outras somos asiladas. Creio que você é órfã, não é? Seu pai ou sua mãe não morreram?
- Ambos morreram antes que eu tivesse entendimento.
- Bem, todas as meninas aqui perderam o pai ou a mãe, ou ambos, e por isso Lowood é chamado de uma instituição para a educação de órfãs.
- Não pagamos nada? Vivemos aqui de graça?
- Pagamos, ou nossos parentes pagam, quinze libras por ano cada uma.

- Então porque somos consideradas asiladas?
- Porque quinze libras não são quase nada para pagar o estudo,

abrigo e refeições. A diferença vem dos doadores.

- Quem são os doadores?
- Várias damas e cavalheiros de coração benevolente, aqui na região e em Londres.
- Quem foi Naomi Brocklehurst?
- A dama que construiu a parte nova do edifício, onde está a inscrição. O filho dela é quem dirige e controla tudo aqui.
- Por quê?
- Porque ele é o administrador e o tesoureiro do estabelecimento.
- Então essa casa não pertence àquela moça alta que usa um relógio, e que disse que íamos comer pão e queijo?
- Miss Temple? Oh, não! Antes fosse! Ela tem que prestar contas a Mr. Brocklehurst de tudo que faz. É Mr. Brocklehurst quem compra toda a nossa comida e todas as nossas roupas.
- E ele mora aqui?

- Não, mora numa mansão a três quilômetros daqui.
- Ele é um homem bom?
- Ele é um pastor, e dizem que faz muita caridade.
- Disse que a moça alta se chama Miss Temple?
- Sim.
- E como se chamam as outras professoras?
- A que tem as bochechas coradas se chama Miss Smith. Ela cuida do trabalho, e ensina corte e costura... fazemos nossas próprias roupas aqui, os uniformes, os casacos e tudo o mais. A baixinha de cabelo escuro é Miss Scatcherd, ela ensina história e gramática e cuida dos repetentes da segunda classe. A que veste um xale e usa um bolsinho de lenço preso ao cinto amarelo é Madame Pierrot, ela vem de Lisle, na França, e ensina francês.
- Você gosta das professoras?
- O suficiente.
- Gosta daquela morena baixinha e de Madame... não sei pronunciar o nome tão bem como você.
- Miss Scatcherd é impaciente... tome cuidado para não ofendê-la. E Madame Pierrot não é má pessoa.
- Mas Miss Temple é a melhor, não é?

- Miss Temple é muito boa e muito inteligente. Está acima das outras, porque sabe muito mais do que elas.
- Você está aqui há muito tempo?
- Dois anos.
- E você também é órfã?
- Perdi minha mãe.
- E é feliz aqui?
- Você pergunta demais. Já lhe respondi o bastante por hoje, agora quero ler.

Mas nesse momento tocou o sino para o almoço e entramos de novo no prédio. O odor que invadia agora o refeitório era apenas um pouco mais apetitoso do que aquele que regalara nossos narizes no café da manhã. A refeição era servida em duas enormes vasilhas de lata, de onde saía um espesso vapor cheirando a gordura rançosa. Vi que a mistura consistia em um ensopado de batatas sem sabor e esquisitos pedaços de carne frita. Foi servida uma porção toleravelmente abundante para cada aluna. Comi o que pude, e perguntei-me se seria assim todos os dias.

Depois do almoço seguimos imediatamente para a sala de aula.

As lições recomeçaram e estenderam-se até cinco horas.

O único evento marcante da tarde foi que vi a menina com quem conversara na varanda ser dispensada da aula de história por Miss Scatcherd, e como castigo foi mandado que sentasse no meio da enorme sala de aula. A punição me pareceu degradante em excesso, especialmente para uma menina tão crescida... ela me parecia ter treze anos ou mais. Achei que daria sinais de grande sofrimento e vergonha, mas, para minha surpresa, ela não chorou nem ficou ruborizada. Manteve-se ali no centro da sala, composta e grave, suportando os olhares de todas.

“Como ela suporta isso com tanta calma, tanta firmeza?” perguntei a mim mesma. “Se eu estivesse no lugar dela pediria que a terra se abrisse para me engolir. Parece estar pensando em alguma coisa mais além do seu sofrimento... além da sua situação. Alguma coisa que não está ao seu redor nem diante dela. Ouvei falar de gente que sonha acordada... será que é o caso dela? Seus olhos estão fixos no chão, mas tenho certeza que ela não o vê... Seu olhar parece voltar-se para dentro, para o seu próprio coração. Está se lembrando de alguma coisa, eu acho. Não olha para o que acontece ao seu redor. Me pergunto que tipo de menina ela é... será boa ou má?”

Pouco depois das cinco horas serviram outra refeição, que consistia de uma pequena caneca de café e meia fatia de pão preto. Devorei o pão e o café com prazer, mas ficaria mais satisfeita se a porção fosse maior... ainda sentia fome. Seguiu-

se meia hora de recreação, depois mais estudos. E então o copo de água e o pedaço de bolo de aveia, as orações e a cama. Assim se passou meu primeiro dia em Lowood.

C A P Í T U L O VI

O dia seguinte começou da mesma forma: levantar e vestir-se antes do amanhecer, mas nessa manhã fomos dispensadas de lavar o rosto, pois a água congelara nos cântaros. Na noite anterior ocorrera uma mudança no tempo, e um cortante vento nordeste assobiou a noite toda nas frestas das janelas. Trememos de frio embaixo das cobertas e a água congelou nos jarros.

Antes que terminasse a longa hora e meia de orações e leitura da Bíblia, eu estava a ponto de morrer de frio. Por fim chegou a hora do café da manhã e dessa vez o mingau não estava queimado. Já dava para comer, mas a quantidade era pouca. Como minha porção parecia pequena! Eu desejava que fosse pelo menos o dobro.

No decorrer do dia fui inscrita na quarta classe, e me designaram as tarefas e ocupações regulares da turma. Até ali eu havia sido apenas uma espectadora de todas as atividades de Lowood, agora me tornara uma participante ativa. A princípio, ainda não acostumada a decorar, as lições me pareceram longas e difíceis. A mudança frequente de uma atividade para outra também me confundia. Fiquei contente quando, lá pelas três da tarde, Miss Smith me pôs nas mãos um pedaço de musselina de quase dois metros, junto com agulha e dedal, e me mandou sentar num canto quieto da sala e fazer a

bainha. Nessa hora, muitas das outras alunas também estavam costurando. Uma classe, no entanto, continuava lendo, sentada ao redor de Miss Scatcherd. Como tudo estava quieto, eu podia ouvir o assunto das suas lições, bem como o desempenho de cada aluna e as reprimendas ou elogios de Miss Scatcherd. Era a história inglesa. Entre as meninas que liam vi minha conhecida da varanda. No começo da lição ela ocupava a frente da classe, mas, por algum erro de pronúncia ou alguma desatenção quanto à pontuação, foi mandada para o final. Mesmo nessa obscura posição Miss Scatcherd continuava a implicar com ela. Dizia-lhe frases como essas:

- Burns (parece que esse era o seu nome: as meninas aqui eram todas chamadas pelo sobrenome, como os rapazes), Burns, você está pisando com o lado do sapato, endireite os pés imediatamente.
- Burns, você cutuca o queixo de forma muito desagradável! Olhe a postura!
- Burns, você levanta a cabeça com ar superior. Não admito essa atitude diante de mim!

E assim sucessivamente.

Depois que as alunas leram o capítulo duas vezes, os livros foram fechados e passou-se ao exame. A lição incluía parte do reinado de Carlos I e havia questões diversas sobre tonelagem, taxas alfandegárias e impostos sobre a construção de navios,

que muitas delas pareciam incapazes de responder. No entanto, quando chegou a vez de Burns todas as perguntas foram respondidas imediatamente, sem hesitação. Parecia ter gravado toda a lição na memória e ter as respostas prontas. Fiquei esperando que Miss Scatcherd elogiasse seu desempenho, mas, em vez disso, ela gritou de repente:

- Menina suja e desleixada! Você não limpou as unhas esta manhã!

Burns não respondeu. Eu me espantei com seu silêncio. Pensei: “Por que ela não explica que não pôde limpar as unhas nem lavar o rosto, pois a água estava congelada?”

Miss Smith chamou minha atenção nesse momento, pedindo-me que segurasse um carretel. Enquanto ela enrolava a linha, dirigia-se a mim de vez em quando, perguntando se eu nunca havia estado na escola, se eu sabia fazer marcações, costurar ou tricotar. Até que ela me dispensasse, não pude observar os movimentos de Miss Scatcherd. Quanto voltei ao meu lugar, a professora estava justamente dando uma ordem cuja importância eu não percebi. Burns, no entanto, levantou-se imediatamente e, indo até a pequena sala interna onde ficavam os livros, voltou um minuto depois carregando nas mãos um feixe de galhos atados na ponta. Com uma cortesia respeitosa apresentou este nefasto utensílio a Miss Scatcherd. Então, quietamente e sem que fosse preciso mandar, ela tirou o

avental. A professora, de forma rápida e agressiva, infringiu-lhe uma dúzia de vergastadas no pescoço com o feixe de galhos. Nem uma lágrima caiu dos olhos de Burns. Enquanto eu fazia uma pausa na costura, pois meus dedos tremiam diante deste espetáculo com um sentimento de raiva inútil e impotente, nem um traço se alterou em sua face pensativa.

- Menina teimosa! - exclamou Miss Scatcherd. - Não tem o que a corrija desses hábitos desleixados! Leve a vara embora.

Burns obedeceu. Olhei para ela de relance, quando voltava da salinha dos livros. Acabava de guardar o seu lençinho e havia traços de lágrimas no seu rosto fino.

A hora do recreio, ao entardecer, era a parte mais agradável do dia em Lowood. O pedaço de pão, o gole de café, se não me saciavam a fome pelo menos me reanimavam. A rígida disciplina do dia inteiro era relaxada, a sala de estudos estava mais quente do que de manhã. As lareiras eram avivadas para suprir, de algum modo, as luzes dos candeeiros que ainda não haviam sido acesos. O róseo entardecer, o alvoreço permitido, o ruído de muitas vozes traziam uma bem-vinda sensação de liberdade.

No entardecer do dia em que vi Miss Scatcherd açoitar sua aluna, Burns, eu vagava, como de costume, entre as mesas e os grupos risonhos, sem uma companheira, embora não me sentisse solitária. Quando passava pelas janelas, de vez em quando levantava a persiana e olhava para fora. Nevava

intensamente, e já se formara uma camada nos peitoris das janelas. Colando o ouvido à vidraça, distinguia, apesar do alegre tumulto que reinava dentro do cômodo, o gemido desconsolado do vento lá fora.

Provavelmente, se eu tivesse deixado um lar feliz e pais bondosos, esta teria sido a hora em que eu sentiria mais intensamente a separação. Esse vento teria entristecido meu coração. Esse caos obscuro teria perturbado minha paz! Como a situação era outra, isso me deixava estranhamente exaltada, afoita e inquieta. Desejava que o vento uivasse com mais força, que a escuridão se transformasse em treva, e a confusão crescesse até o clamor.

Pulando os bancos e deslizando sobre as mesas, fui até uma das lareiras. Ali, ajoelhada junto à alta grelha de proteção, encontrei Burns.

Estava silenciosa e absorta, distraída de todo o barulho ao redor pela companhia de um livro, que lia à luz fraca das brasas.

- Ainda é “Rasselas”? - perguntei, chegando junto dela.
- Sim - ela disse. - Estou terminando de ler agora.

Cinco minutos depois ela fechava o volume. Fiquei contente. Pensei: “Bem, agora talvez ela queira conversar”. E sentei-me no chão, ao seu lado.

- Qual é o seu nome, além de Burns?
- Helen.
- Você veio de longe?
- Sim, muito longe. Vim do norte, quase na fronteira com a

Escócia. futuro...

- Pretende voltar?
- Espero que sim. Mas ninguém pode estar certo quanto ao
- Você deve ter vontade de deixar Lowood, não tem?
- Não! Por que deveria? Vim a Lowood para receber uma

educação, e seria inútil ir embora antes de alcançar esse objetivo.

- Mas aquela professora, Miss Scatcherd, é tão cruel com você.
- Cruel? Não, de jeito nenhum! Ela é severa: corrige minhas faltas.

- Se eu fosse você, não gostaria dela. Eu a enfrentaria. Se ela me

batesse com aquela vara eu a arrancaria das mãos dela e a quebraria debaixo do seu nariz.

- Provavelmente não faria nada disso. Mas, se fizesse, Mr. Brocklehurst expulsaria você da escola. Seria uma grande infelicidade para os seus parentes. É infinitamente melhor aguentar com paciência um castigo que só atinge você, do que cometer uma ação impensada cujas consequências atingiriam todas as pessoas da sua família. E a Bíblia diz que devemos pagar o mal com o bem.

- Mas parece uma desgraça ser açoitada e depois mandada para o meio de uma sala cheia de gente. E você já está crescida... Eu sou bem mais nova que você e não suportaria isso.

- Ainda assim, seria sua obrigação suportar, se não tem como evitar. É tolice e fraqueza a gente dizer que não suporta algo que o destino quer que suportemos.

Eu a ouvi com espanto. Não entendia aquela doutrina de resignação. E menos ainda conseguia entender ou simpatizar com a paciência que ela demonstrava para com os seus carrascos. Senti que Helen Burns via as coisas através de uma luz invisível aos meus olhos. Talvez ela estivesse certa, e eu

errada, mas não pensei muito no assunto. Como Felix, deixei para uma ocasião mais propícia.

- Você diz que comete faltas, Helen. Que faltas são essas? Para mim você parece boa.

- Ouça o que lhe digo: não julgue pelas aparências. Eu sou desleixada, como Miss Scatcherd disse, nunca consigo manter as coisas em ordem. Sou descuidada; esqueço as regras; fico lendo quando deveria estar estudando. Não sou organizada, e às vezes eu digo, como você, que não suporto me sujeitar às convenções. Isso tudo é muito irritante para Miss Scatcherd, que é naturalmente limpa, pontual e minuciosa.

- E rabugenta e cruel - acrescentei.

Helen Burns, porém, não aceitaria a minha adição. Manteve-se silenciosa.

- E Miss Temple é tão severa com você como Miss Scatcherd?

Ao ouvir o nome de Miss Temple, um suave sorriso passou pelo seu rosto grave.

- Miss Temple é extremamente bondosa, não consegue ser severa com ninguém, nem com a pior aluna da escola. Ela vê os meus erros e me corrige com gentileza. E se faço alguma coisa digna de elogios, ela me recompensa amplamente. Uma prova cabal da minha natureza tristemente defeituosa é que, mesmo as suas admoestações, tão meigas, tão racionais, não

conseguem me curar das minhas faltas. E mesmo os seus elogios,

embora eu os valorize imensamente, não conseguem me estimular a ser cuidadosa e prudente.

- Isso é curioso - eu disse - é tão fácil ser cuidadosa.
- Para você, sem dúvida, deve ser. Eu a observei durante a aula, esta manhã, e vi que você é muito atenta. Seus pensamentos nunca pareciam vagar enquanto Miss Miller explicava a lição ou lhe fazia perguntas. Já eu estou sempre devaneando; quando parece que estou ouvindo Miss Scatcherd e aprendendo tudo o que ela diz, muitos vezes não escuto nem o som da sua voz. Eu entro numa espécie de sonho. Às vezes penso que estou em Northumberland, e que o barulho que ouço ao meu redor é o ruído da água de um pequeno riacho que corre perto da nossa casa em Deepden. E aí, quando chega minha vez de responder, tenho que ser despertada. E sem ter ouvido nada da leitura para ouvir o fantasioso riacho, não sei o que responder.
- Ainda assim, respondeu muito bem esta tarde.
- Foi puro acaso, o assunto que estávamos lendo me interessou. Esta tarde, ao invés de sonhar com Deepden, eu me perguntava como um homem bem intencionado podia agir de modo tão injusto e imprudente, como Carlos I às vezes fazia. Lamentei que, com toda sua integridade e consciência, ele não

conseguisse enxergar nada além das prerrogativas da coroa. Se apenas tivesse sido capaz de olhar mais longe, e ver para onde o levava o que chamam de espírito dos tempos! Ainda assim, gosto de Carlos I... eu o respeito... tenho pena dele, pobre rei assassinado! Sim, seus inimigos eram piores: derramaram um sangue que não tinham o direito de derramar. Como ousaram matá-lo?

Helen estava falando consigo mesma, esquecer-se que eu não podia entendê-la muito bem... Que eu era ignorante no assunto de que falava, ou quase isso. Eu a trouxe de volta para o meu nível.

- E quando Miss Temple lhe dá aula, seus pensamentos se dispersam também?

- Não, quase nunca... Miss Temple geralmente tem coisas a dizer que são mais novas do que as minhas reflexões. A linguagem que ela usa

me agrada especialmente, e as coisas que diz coincidem com aquilo que quero aprender.

- Bem, então com Miss Temple você é boa.

- Sim, mas de um modo passivo. Não faço nenhum esforço, apenas deixo a intuição me guiar. Não há mérito em tal tipo de bondade.

- É uma grande conquista: você é boa com aqueles que são bons com você. Isso é tudo que sempre desejei para mim. Se as pessoas fossem sempre boas e obedientes com aqueles que são cruéis e injustos, os maus teriam tudo a seu modo. Nunca sentiriam medo e assim nunca mudariam, mas se tornariam cada dia piores. Se nós apanhamos sem razão, devemos bater de volta com mais dureza. Estou certa disso... com tanta dureza que a pessoa que nos bateu nunca se atreva a fazer isso de novo.
- Você mudará de ideia quando crescer, espero. Por enquanto é apenas uma menina ignorante.
- Mas eu sinto isso, Helen. Devo desprezar aqueles que, não importa o que eu faça para agradá-los, continuam a me ferir. Devo resistir àqueles que me punem injustamente. Isso é tão natural quanto amar aqueles que me querem bem, ou submeter-me ao castigo quando sei que é merecido.
- Os pagãos e as tribos selvagens sustentam essa doutrina. Mas os cristãos e as nações civilizadas a repudiam.
- Como? Não entendo.
- Não é a violência que vence o ódio... nem a vingança é o melhor caminho para curar a injúria.
- E o que é então?
- Leia o Novo Testamento, e observe o que Cristo diz e faz. Tome a sua palavra como regra e os seus atos como exemplo.

- E o que ele diz?
- Ama aos teus inimigos. Abençoa os que te ofendem. Faça o bem àqueles que te odeiam e se utilizam de ti.

- Então eu teria que amar Mrs. Reed, o que não consigo fazer. E devia abençoar seu filho, o que é impossível.

Helen Burns, por sua vez, pediu-me que explicasse.

Imediatamente comecei a relatar, do meu jeito, a história dos meus sofrimentos e das indignidades que sofri. Quando provocada tornava-me agressiva e amarga, e contei da forma como sentia, sem suavizar nem ocultar coisa alguma.

Helen ouviu-me com paciência até o fim. Esperava que ela fizesse algum comentário, mas ela não disse nada.

- Bem - perguntei, impaciente - Mrs. Reed não é uma mulher má e sem coração?
- Ela foi dura com você, sem dúvida. Mas, você vê, é porque ela não gosta do seu feitio de caráter, assim como Miss Scatcherd não gosta do meu. Mas como você lembra com detalhes tudo que ela lhe fez ou disse! Que impressão profunda e singular a injustiça deixou no seu coração! Não guardo comigo nenhuma crueldade desse tipo. Você não seria mais feliz se tentasse esquecer a severidade de Mrs. Reed, junto com as apaixonadas emoções que provocou? A vida me parece curta demais para ser gasta nutrindo animosidades ou

recordando erros. Nós somos, e devemos ser, todos e cada um, sobrecarregados de pecados neste mundo. Mas logo virá o tempo, acredito, em que nos livraremos desses erros, livrando-nos do nosso corpo corruptível. Quando a degradação e o pecado deixarão nosso corpo mortal... e restará apenas a centelha do espírito: o impalpável princípio da luz e do pensamento, puro como o Criador nos legou para inspirar a criatura. Como a alma veio, retornará. Talvez volte a existir em algo maior que o homem. Talvez passe da degradação à glória, da pálida alma humana ao brilho dos anjos! E passará, ao contrário, do homem para o demônio? Não, não posso acreditar nisso. Mantenho outra crença, que ninguém nunca me ensinou, e à qual raramente me refiro. Mas é nela que me delicio e a ela que recorro, pois estende a esperança a todos e faz da eternidade um descanso... um poderoso lar, não um terror ou um abismo. Além disso, com essa crença consigo separar o criminoso do seu crime. Posso sinceramente perdoar o primeiro, enquanto abomino o segundo. Com ela, a vingança nunca perturba meu coração, a degradação

nunca me atinge profundamente, a injustiça nunca me deprime demais. Eu vivo em paz, à espera do fim.

Helen falava de cabeça baixa e, ao terminar a frase, sua cabeça pendeu ainda mais. Vi pelo seu olhar que não desejava mais falar comigo, preferindo conversar com seus próprios pensamentos. Não teve muito tempo para meditar, pois a

monitora, uma menina grandalhona e rude, aproximou-se dizendo com sotaque forte de Cumberland:

- Helen Burns, se você não colocar agora mesmo sua gaveta em ordem, e não guardar seu trabalho neste minuto, vou chamar Miss Scatcherd para ver!

Helen suspirou como se o sonho lhe fugisse e, levantando-se, obedeceu imediatamente sem responder.

C A P Í T U L O VII

Meu primeiro trimestre em Lowood pareceu um século. E não era, decerto, o século de ouro. Implicava uma cansativa luta com a dificuldade de me habituar a novas regras e tarefas indesejadas. O medo de falhar nessas questões me perturbava mais do que os sofrimentos físicos que me cabiam, embora não fossem poucos.

Durante janeiro, fevereiro e parte de março, as fortes nevascas e, depois que derreteram, as estradas quase intransitáveis, impediam que fôssemos além dos muros do jardim, a não ser para ir à igreja. Mas, mesmo dentro desses limites, tínhamos que passar uma hora ao ar livre, todos os dias. Nossas roupas eram insuficientes para nos proteger do frio severo: não tínhamos botas, a neve entrava pelos nossos sapatos e derretia ali; nossas mãos sem luvas ficavam entorpecidas e cobertas de escaras provocadas pelo frio, assim como nossos pés. Lembro-me bem da irritação que sentia todas as noites, por causa disso, quando meus pés se inflamavam; e a tortura de enfiar os dedos inchados, duros e em carne viva para dentro dos sapatos, todas as manhãs. Além disso, o escasso suprimento de comida era angustiante: com o aguçado apetite de crianças em crescimento, recebíamos apenas o suficiente para manter vivo um frágil doente. Essa deficiência de alimento era um abuso que atingia com mais dureza as alunas mais jovens: sempre que as mais velhas tinham uma oportunidade,

ameaçavam ou coagiam as mais novas para obter as suas rações. Muitas vezes tive que dividir entre duas reclamantes o precioso pedaço de pão preto distribuído na hora do chá. E depois de ter renunciado em favor de uma terceira à metade da minha caneca de café, bebi o restante com o acompanhamento de lágrimas secretas, arrancadas pelo tormento da fome.

Os domingos eram dias melancólicos, naquela estação gelada. Tínhamos que caminhar três quilômetros até a Igreja de Brocklebridge, onde oficiava o nosso patrono. Saíamos com frio e chegávamos com mais

frio ainda: durante o serviço religioso estávamos quase paralisadas. Como era muito longe para retornar para o almoço, um pedaço de pão com carne fria era servido durante os serviços, nas mesmas miseráveis proporções das nossas refeições diárias.

Ao final do serviço da tarde retornávamos por uma estrada aberta e montanhosa, onde o amargo vento do inverno – que soprava de uma cadeia de montanhas nevadas ao norte – quase nos arrancava a pele do rosto.

Lembro-me de Miss Temple caminhando leve e célere ao longo da nossa fila cabisbaixa, a capa xadrez esvoaçante ao seu redor, nos encorajando, com seu exemplo, a manter o ânimo e seguir em frente, dizia ela, “como leais soldados”. As outras

professoras – coitadas! – geralmente estavam por demais abatidas para conseguirem animar alguém.

Como ansiávamos pelo calor e a luz do fogo quando voltávamos! Mas isso era negado, pelo menos às menores. Cada lareira da escola era imediatamente cercada por duas fileiras das meninas mais velhas, e atrás delas as pequenas se agachavam, em grupos, enrolando os braços gelados nos aventais.

Um pequeno consolo vinha na hora do chá, na forma de uma ração dupla de pão: uma fatia inteira, em vez de metade, com a deliciosa adição de uma finíssima camada de manteiga. Era o presente semanal que todas nós esperávamos, de domingo a domingo. Eu geralmente conseguia defender a metade desse generoso repasto para mim. Mas a outra metade, invariavelmente, era obrigada a entregar.

Passávamos a noite de domingo repetindo, de cor, o catecismo da igreja, o quinto, sexto e sétimo capítulos de São Mateus, e ouvindo um longo sermão, lido por Miss Miller, cujos irreprimíveis bocejos atestavam o seu cansaço. Um interlúdio frequente nessa atividade era a representação de parte do Eutychus[1] por meia dúzia das meninas menores que, mortas de sono, quase caíam. O remédio era levá-las ao centro da sala e obrigá-las a assistir de pé ao fim do sermão. Algumas vezes suas pernas não aguentavam, e elas desabavam umas sobre as outras. Eram então colocados sobre os banquinhos das monitoras.

Ainda não aludi às visitas de Mr. Brocklehurst. Na verdade, ele não se encontrava em sua residência durante a maior parte do mês que se seguiu à minha chegada. Talvez tenha prolongado a visita ao seu amigo, o arqui-diácono. Sua ausência fora um alívio para mim. Não preciso dizer que tinha minhas razões para temer a sua vinda: mas ele veio, afinal.

Certa tarde (eu estava em Lowood há três semanas) encontrava-me sentada com um ábaco nas mãos, quebrando a cabeça para encontrar o resultado de uma longa conta de dividir, quando olhei distraída pela janela e vi uma figura passando: reconheci quase instintivamente aquela silhueta macilenta. E, dois minutos depois, quando toda a escola se levantou em massa, inclusive as professoras, não precisei olhar para saber quem havia entrado para receber a saudação. Passadas largas mediram a sala. E agora, ao lado de Miss Temple, postava-se aquela mesma coluna negra que me reprovava de forma tão nefasta no tapete da lareira de Gateshead. Olhei pelo canto do olho para essa peça de arquitetura. Sim, eu não me enganara: era Mr. Brocklehurst, abotoado num sobretudo, e parecendo mais alto, mais esguio e mais rígido do que nunca.

Tinha minhas razões para me sentir infeliz com essa aparição. Lembrava-me muito bem das pérfidas insinuações de Mrs. Reed sobre o meu caráter, e da promessa feita por Mr. Brocklehurst de informar Miss Temple e as professoras sobre a

minha natureza maldosa. O tempo todo temera o cumprimento dessa promessa... Procurava diariamente pelo “Homem Chegado” cujas informações sobre a minha vida passada iriam me tachar para sempre como uma criança má: e agora ele estava ali.

Ele permaneceu ao lado de Miss Temple, falando baixo em seu ouvido. Não duvidava que ele estivesse fazendo uma revelação sobre a minha vilania. Fiquei observando os negros olhos dela, em dolorosa ansiedade, esperando que a qualquer momento me dirigisse um olhar de repugnância e desprezo. Fiquei ouvindo também, e como acontecera de eu estar sentada bem na frente da sala, consegui ouvir a maior parte do que ele disse. O conteúdo das suas palavras aliviou-me de alguma preocupação imediata.

- Miss Temple, acho que a linha que comprei em Lowton vai servir. Por sorte era exatamente o tipo certo para as camisas de algodão, e

eu trouxe as agulhas também. A senhora deve dizer a Miss Smith que me esqueci de mandar o pedido das agulhas de cerzir, mas que vou mandar até a semana que vem. E ela não deve, em hipótese alguma, entregar mais de uma agulha de cada vez para cada aluna, do contrário tornam-se descuidadas e acabam por perdê-las. Ah! Outra coisa: acho que as meias de lã precisam ser remendadas! Quando estive aqui a última vez

fui até o jardim e observei as roupas penduradas no varal. Havia muitas em péssimo estado de conservação. Pelos buracos percebi que não têm sido remendadas.

Ele fez uma pausa.

- Suas ordens serão cumpridas, senhor.
- Madame – ele continuou – a roupeira me disse que algumas das meninas receberam duas camisas limpas esta semana. É muito. O regulamento só permite uma.
- Acho que posso explicar isso, senhor. Agnes e Catherine Johnston foram convidadas para tomar chá com alguns amigos em Lowton na última quinta-feira, e eu lhes dei permissão para usar camisas limpas naquela ocasião.

Mr. Brocklehurst assentiu.

- Bem, por uma vez passa. Mas não deixe que essa circunstância ocorra com muita frequência. E há mais uma coisa que me surpreendeu. Descobri, vendo as anotações da governanta, que um lanche de pão e queijo foi servido duas vezes às meninas na última quinzena. Como foi isso? Olhei nos regulamentos e não havia nenhum lanche mencionado ali. Quem introduziu esta inovação? E com que autoridade?
- Eu fui a responsável por isso, senhor – respondeu Miss Temple.

- O café da manhã foi tão mal preparado que as meninas não tiveram como comer. E não ousei permitir que ficassem em jejum até o almoço.

- Madame, um momento... permita-me uma observação. A senhora está ciente que minha ideia de educar essas meninas não é acostamá-las ao luxo e à indulgência, mas torná-las fortes, pacientes e capazes de renúncia. Se houver algum desapontamento do paladar – comida estragada, mais ou menos guarnição num prato – não deve ser

reposto com uma refeição mais saborosa, pois seria mimar o corpo e atentaria contra os objetivos desta instituição. Isso deve contribuir para a edificação moral das alunas, para encorajá-las a tornar-se fortes sob condições de privação. Uma breve oração nessas ocasiões não deve ser subestimada, quando a oradora poderá aproveitar a oportunidade para referir-se aos sofrimentos dos primeiros cristãos, ao tormento dos mártires, às exortações do nosso próprio mestre, conclamando os discípulos para levantarem a cruz e segui-lo. Aos seus ensinamentos de que nem só de pão vive o homem, mas de cada palavra saída dos lábios de Deus para sua divina consolação. “Benditos sejam os que têm fome e sede”. Ah, madame, quando a senhora pôs pão e queijo na boca dessas crianças, ao invés de mingau queimado, alimentou seus corpos vis, mas nem imagina como esfomeou suas almas imortais!

Mr. Brocklehurst fez outra pausa, talvez tomado pela emoção. Miss Temple olhou para baixo quando ele começou a falar. Mas agora olhava direto para frente, e sua face, naturalmente pálida como o mármore, parecia ter assumido também a frieza e a rigidez da pedra. Especialmente a boca, fechada como se talhada pelo cinzel de um escultor, e as sobrancelhas que gradualmente se fechavam numa expressão de rígida austeridade.

Enquanto isso Mr. Brocklehurst, de pé junto à lareira com as mãos às costas, observava toda a escola com ar majestoso. De repente ele piscou, como se visse alguma coisa que o tivesse confundido ou chocado. Voltando-se, disse em tom mais intenso do que usara até então:

- Miss Temple, Miss Temple, o quê... o quê significa essa menina com o cabelo cacheado? Cabelo ruivo, Miss Temple... e todo cacheado? - E estendendo a bengala apontou para o estranho objeto, com a mão tremendo.

- Trata-se de Julia Severn - respondeu calmamente Miss Temple.

- Julia Severn, madame! E por que ela, ou qualquer outra, está usando cabelo cacheado? Por que, desafiando todos os preceitos e princípios desta casa, ela faz uma concessão tão escancarada ao mundo - aqui, neste estabelecimento de caridade evangélica - a ponto de usar seu cabelo todo em cachos?

- O cabelo de Julia é naturalmente cacheado - respondeu Miss Temple, ainda mais calma.

- Naturalmente! Sim, mas não devemos nos conformar à natureza. Quero que essas meninas sejam filhas da Graça. E por que tanta abundância? Já falei muitas e muitas vezes que quero que as meninas usem os cabelos presos, modestos e simples. Miss Temple, o cabelo dessa menina deve ser cortado inteiramente. Mandarei o barbeiro amanhã. E vou ver se outras estão usando essa excrescência... Aquela menina alta, diga-lhe que se vire. Mande que a primeira fila inteira se levante e vire para a parede!

Miss Temple passou o lenço pelos lábios, como para disfarçar o sorriso involuntário que surgira neles. Ela deu a ordem, no entanto, e assim que as meninas entenderam, viraram-se todas. Recostando-me um pouco no banco, podia ver os olhares e caretas com que elas troçavam da manobra. Era uma pena que Mr. Brocklehurst também não os visse, pois ele talvez sentisse que, não importa o que fizesse com o exterior, o interior estava mais longe da sua interferência do que ele supunha.

Durante cinco minutos ele escrutinou o reverso dessas medalhas vivas, então pronunciou a sentença. Suas palavras soaram como um dobre de finados.

- Todos esses penachos devem ser cortados. Miss Temple pareceu protestar.
- Madame – ele prosseguiu – eu sirvo a um Mestre cujo reino não é deste mundo. Minha missão é abrandar nessas meninas a tentação da carne. Ensiná-las a vestir-se com pudor e sobriedade, não com cabelos cacheados e roupas caras. E cada uma dessas meninas tem uma trança de cabelos que a própria vaidade deve ter trançado. Essas tranças, repito, devem ser cortadas. Pense no tempo perdido, se...

Mr. Brocklehurst foi interrompido. Três outros visitantes entravam agora na sala, três damas. Deviam ter chegado mais cedo para ouvir seu sermão sobre roupas, pois estavam esplendidamente trajadas em veludo, seda e peles. As duas mais jovens do trio (belas meninas de dezesseis e dezessete anos) usavam chapéus de castor cinza, então na

moda, sombreados com plumas de avestruz. Debaixo da aba desses graciosos ornamentos de cabeça, saía uma profusão de leves madeixas, caprichosamente cacheadas. A dama mais velha estava envolta em uma caríssima estola de veludo, entremeada de arminho, e usava um aplique de cachos franceses.

As damas foram recebidas com deferência por Miss Temple, pois se tratava da senhora e das senhoritas Brocklehurst. Miss Temple as conduziu aos lugares de honra, na frente da sala.

Parece que tinham vindo na carruagem com seu marido e pai, o reverendo, e estiveram fazendo um rigoroso exame no andar superior, enquanto ele tratava de negócios com a governanta, questionava a roupeira e pregava sermões na superintendente. Elas agora começavam a fazer diversas críticas e reprovações a Miss Smith, que era encarregada de cuidar da roupa de cama e dos dormitórios. Mas eu não tinha tempo para ouvir o que diziam. Outros assuntos mais importantes exigiam minha atenção.

Até agora, enquanto ouvia a conversa de Mr. Brocklehurst e Miss Temple, não havia poupado precauções para garantir minha segurança pessoal. Pensei que estaria garantida, desde que ninguém me notasse. Para esse fim havia me sentado nos bancos mais afastados, e enquanto aparentava estar ocupada com minhas contas, segurava o ábaco de modo a esconder meu rosto. Eu teria conseguido, se o traiçoeiro ábaco não tivesse escorregado das minhas mãos e caído no chão com um estrondoso baque, fazendo com que todos os olhos se virassem para mim. Eu sabia que era o fim. Enquanto me abaixava para juntar os dois pedaços do ábaco, reuni forças para enfrentar o pior. E ele veio.

- Menina descuidada! - disse Mr. Brocklehurst. E imediatamente acrescentou - Ah! É a aluna nova.

E antes que eu recuperasse o fôlego:

- Não me deixe esquecer que tenho uma palavra a lhe dizer sobre

ela.

Então ele falou alto. E quão alto me pareceu!

- Deixem a menina que quebrou o ábaco vir até a frente!

Eu não conseguiria me mexer, se dependesse da minha vontade. Estava paralisada. Mas as duas meninas que sentavam nos meus lados puseram-me de pé e me empurraram na direção do terrível juiz. Miss Temple, então, gentilmente me auxiliou a chegar aos pés dele, e ouvi suas palavras sussurradas:

- Não tenha medo, Jane, eu vi que foi um acidente. Você não será

punida.

O bondoso sussurro entrou no meu coração como uma adaga. “Daqui a pouco vai achar que sou uma hipócrita” pensei. E um

impulso de fúria contra Reed, Brocklehurst e Cia. latejou nas minhas veias, ante essa convicção. Eu não era Helen Burns.

- Tragam aquele tamborete! - disse Mr. Brocklehurst, apontando para um tamborete bem alto de onde uma monitora acabara de se levantar. O tamborete foi trazido.

- Coloquem a menina sobre ele.

E fui colocada ali, não sei por quem. Não estava em condições de perceber detalhes, só sei que fui alçada até a altura do nariz de Mr. Brocklehurst, que estava a um metro de distância. Vi um clarão de seda laranja e púrpura e uma nuvem de plumas prateadas que balançavam sobre mim.

Mr. Brocklehurst pigarreou.

- Senhoras - disse ele, dirigindo-se à família. - Miss Temple, professoras e alunas, vocês estão vendo essa menina?

Claro que eles viam. Pois eu sentia todos os olhos como lentes sobre minha pele que queimava.

- Observem que ela ainda é uma criança. Vejam que possui a forma de uma criança normal. Deus graciosamente lhe deu a mesma forma que deu a todos nós. Nenhum sinal denuncia que é um caráter marcado. Quem poderia dizer que o próprio

demônio achou nela uma seguidora e agente? Todavia, lamento dizer, essa é a verdade.

Uma pausa. Comecei a conter a paralisia dos meus nervos, e a sentir que passara o Rubicão. E que o julgamento, não podendo mais ser

evitado, devia ser firmemente enfrentado.

- Minhas queridas crianças - prosseguiu, patético, o clérigo de mármore negro - esta é uma ocasião triste e melancólica! É minha obrigação prevenir-vos que essa menina, que devia ser uma das ovelhas do Senhor, é uma pequena pária. Não é um membro do verdadeiro rebanho, mas uma intrusa, uma forasteira. Deveis ficar em guarda contra ela, deveis evitar o seu exemplo, evitar até mesmo a sua companhia. Deveis excluí-la das vossas brincadeiras e bani-la das vossas conversas. Professoras, deveis observá-la, vigiar os seus movimentos, pesar as suas palavras, examinar minuciosamente as suas ações, punir seu corpo para salvar sua alma! Se esta salvação for realmente possível, pois (meus lábios tremem ao dizer isso) esta menina, esta criança, esta nativa da terra cristã, é pior do que muitos pagãos que dirigem suas preces a Brahma e se ajoelham diante de Juggernaut. Esta menina, senhoras, é uma mentirosa!

Então houve uma pausa de dez minutos, durante a qual eu, a esta altura em pleno domínio das minhas faculdades, observei

todas as damas da família Brocklehurst pegarem seus lençinhos e limpar as lentes. A dama mais velha balançava-se para lá e para cá, e as duas mais novas sussurravam “É chocante!”. Mr. Brocklehurst retomou o discurso.

- Soube disso pela sua benfeitora. A senhora caridosa e devota que a adotou quando ficou órfã, e a criou como sua própria filha. Essa bondade, essa generosidade, a infeliz menina pagou com uma ingratidão tão tenebrosa, tão terrível, que ao fim a sua benfeitora foi obrigada a separá-la de seus próprios filhos, temerosa de que seu mau exemplo contaminasse a pureza deles. Ela veio para cá para ser curada, assim como os antigos judeus mandavam seus doentes para o turbulento poço de Bethesda. E vós, professoras e superintendente, peço-vos que não permitam que as águas fiquem estagnadas em volta dela.

Com esta sublime conclusão, Mr. Brocklehurst ajustou o botão da gola do sobretudo e murmurou alguma coisa para sua família, que se levantou, fez uma reverência para Miss Temple – e então essas altas personagens saíram da sala em cortejo. Virando-se da porta, meu juiz disse:

- Deixe que ela fique mais meia hora nesse tamborete, e não permita que ninguém fale com ela durante o resto do dia.

E ali estava eu, sentada no alto de um banco. Eu, que havia dito que não suportaria a vergonha de ficar sobre os meus próprios

pés no meio da sala, estava agora exposta à visão geral no alto de um pedestal de infâmia. O que eu senti então, não há palavras que possam descrever. Mas quando a emoção me dominou, paralisando minha respiração e contraindo minha garganta, uma menina veio e passou por mim. Ao passar ela levantou os olhos. Que luz estranha brilhava neles! Que sensação extraordinária este raio de luz me trouxe! Como esse novo sentimento me deu forças para suportar! Foi como se um mártir, um herói, passasse por um escravo ou uma vítima e transmitisse sua força a ele. Dominei a euforia que me invadia, levantei a cabeça e sentei-me firme no banquinho. Helen Burns perguntou qualquer coisa sobre seu trabalho a Miss Smith, foi repreendida pela trivialidade da questão, e sorriu para mim quando se afastou. Que sorriso! Recordo-o agora e sei que foi a emanção de uma grande inteligência, de uma verdadeira coragem! Iluminava seus traços marcantes, seu rosto fino, seus fundos olhos cinzentos, como o reflexo da aura de um anjo! Ainda assim, naquele momento Helen Burns usava no braço a “insígnia da desordeira”. Apenas uma hora atrás eu a vira ser condenada por Miss Scatcherd a um jantar de pão e água no dia seguinte, porque manchara um exercício ao copiá-lo. Assim é a imperfeita natureza humana! Borrões como esse existem no disco do planeta mais brilhante. Mas os olhos de pessoas como Miss Scatcherd só conseguem ver esses pequenos defeitos, e são cegos ao brilho intenso do universo.

[1] Eutychus era um jovem discípulo de São Paulo, que caiu no sono durante um longo discurso do mestre. Foi cuidado e alimentado e recuperou-se. Conforme o Novo Testamento, Livro dos Atos, 20:9-12.

C A P Í T U L O VIII

A meia hora passou, e o relógio bateu as cinco. A classe foi dispensada e todas se dirigiram ao refeitório para o chá. Aventurei-me a descer. Já estava bem escuro, retirei-me para um canto e sentei no chão. O encantamento que me fizera suportar até agora começou a dissolver-se. Senti a reação, e logo o pesar que tomou conta de mim era tão esmagador que me senti prostrada, o rosto colado ao chão. Então chorei. Helen Burns não estava ali e ninguém me consolou. Deixada por minha conta, abandonei-me e minhas lágrimas lavaram o assoalho. Eu pretendia ser tão boa, e fazer tanta coisa em Lowood: fazer muitas amigas, ganhar o respeito e a afeição de todos. Já tinha até feito progressos, nessa manhã havia conquistado o primeiro lugar da minha classe. Miss Miller havia me elogiado calorosamente. Miss Temple sorria com aprovação. Prometeu ensinar-me a pintar e permitir que eu aprendesse francês, se eu continuasse melhorando nos próximos dois meses. E estava sendo bem recebida por todos, era tratada como igual pelas meninas da minha idade, e ninguém me incomodava. Agora jazia ali, esmagada e pisoteada. E quando poderia me reabilitar?

“Nunca” pensei, e desejei ardentemente morrer. Enquanto pedía o meu fim, em palavras entrecortadas por soluços, alguém se aproximou. Olhei para cima e vi Helen Burns de novo

junto a mim. O fogo pálido apenas mostrou-a atravessando a sala longa e vazia. Trouxe-me pão e café.

- Vamos, coma alguma coisa - ela disse.

Mas eu os pus de lado. Na minha atual condição não conseguia engolir nada. Helen me olhou com surpresa. Eu não conseguia controlar minha agitação, embora me esforçasse, e continuava a chorar convulsivamente. Helen sentou-se no chão ao meu lado, abraçou os joelhos com os braços e apoiou a cabeça neles. Permaneceu nessa posição, silenciosa como um indiano. Fui a primeira a falar:

- Helen, por que você fica com uma menina que todos julgam ser uma mentirosa?

- Todos, Jane? Por quê? Há apenas oitenta pessoas que ouviram você ser chamada assim, e o mundo contém centenas de milhões.

- Que me importam esses milhões? Só sei que as oitenta me desprezam.

- Jane, você se engana. Provavelmente nem uma das meninas despreze ou desgoste de você. Muitas, tenho certeza, devem sentir pena.

- Como podem sentir pena de mim, depois do que Mr.

Brocklehurst disse?

- Mr. Brocklehurst não é uma pessoa boa, nem é um grande homem por quem se sinta admiração. As pessoas não gostam muito dele por aqui, e ele nunca faz nada para ser benquisto. Se ele a tratasse como sua protegida, você encontraria inimigas ao seu redor, ocultas ou declaradas. Do jeito que estão as coisas, a maioria só não lhe oferece simpatia porque não ousa. As professoras e alunas talvez sejam um pouco reservadas com você por um ou dois dias, mas os sentimentos amigáveis vão continuar nos seus corações, e se você continuar se comportando bem, esses sentimentos logo vão ressurgir, ainda mais fortes do que antes. Além disso, Jane...

Ela fez uma pausa.

- Sim, Helen? - disse eu, pondo a mão sobre a dela.

Ela esfregou meus dedos gentilmente, para aquecê-los. Então continuou:

- Mesmo que o mundo inteiro a odeie e a julgue má, enquanto sua consciência estiver tranquila e isentá-la de culpa, você nunca ficará sem amigos.

- Não. Sei que tenho razões para pensar bem de mim mesma, mas isso só não basta. Se os outros não gostarem de mim, prefiro morrer a viver... Não consigo suportar a solidão ou o ódio dos demais, Helen. Veja o que acontece aqui. Para ganhar o seu afeto, ou o de Miss Temple, ou o de alguém a quem eu realmente estimo, de bom grado aceitaria que

quebrassem o meu braço, ou deixaria que um touro me atacasse, ou ficaria atrás de um cavalo selvagem para que jogasse as patas contra o meu peito...

- Silêncio, Jane! Você dá um valor excessivo ao amor dos seres humanos. Você é muito impulsiva, muito passional. O ser soberano que a criou e lhe deu a vida, deu-lhe outros recursos além desse fraco “eu” e os de criaturas fracas como você. Mais além deste universo e da raça humana, existe um mundo invisível e um reino de espíritos. Esse mundo está ao nosso redor, está em toda a parte. E esses espíritos estão aqui para nos observar, pois foram designados para nos proteger. E se estivermos morrendo em dor e vergonha, se o desprezo nos sufocar por todos os lados e o ódio nos esmagar, os anjos vêem as nossas torturas e reconhecem a nossa inocência (se formos inocentes, como eu sei que você é dessa acusação que Mr. Brocklehurst colheu de segunda mão de Mrs. Reed, e repetiu com tanta covardia e tanta pompa; eu vejo a sua natureza sincera nos seus olhos brilhantes e na sua frente clara). E Deus espera apenas que nossa carne se separe do espírito para nos conceder a merecida recompensa. Por que, então, devemos nos sentir aterrados pelo sofrimento, quando a vida é tão curta, e a morte nos garante a felicidade eterna... e a glória?

Fiquei em silêncio. Helen conseguira me acalmar. Mas na tranquilidade que ela transmitira havia uma mistura de inexprimível tristeza. Tive uma impressão de desgosto enquanto ela falava, mas não sei dizer de onde vinha. E então, após ter

falado, ela arquejou e tossiu uma tosse curta. Esqueci por um momento minhas tristezas para sentir uma vaga preocupação a seu respeito.

Descansei a cabeça no ombro de Helen, coloquei meus braços em volta da sua cintura e repousamos em silêncio. Estávamos assim há pouco tempo quando outra pessoa se aproximou. As nuvens pesadas, varridas do céu pelo vento cortante, descobriram a lua. Sua luz, filtrando-se por uma janela próxima, brilhou em cheio sobre nós duas e a figura que se aproximara. Reconhecemos Miss Temple.

- Vim a sua procura, Jane Eyre - disse ela. - Quero que vá até o meu quarto. E como Helen Burns está com você, ela pode vir também.

Nós fomos, guiadas pela superintendente. Tivemos que nos enfiar por algumas passagens intrincadas e subir uma escada, antes de chegarmos ao seu apartamento. Tinha uma boa lareira e parecia acolhedor. Miss Temple mandou que Helen Burns sentasse numa poltrona baixa, ao lado da lareira. E, sentando-se na outra, chamou-me para junto dela.

- Já acabou? - ela perguntou, olhando para o meu rosto. - Já esqueceu a tristeza?

- Receio que isso não aconteça nunca.

- Por quê?

- Porque fui acusada injustamente. E a senhora e todo mundo vão pensar que sou malvada.
- Vamos pensar que é aquilo que você demonstrar, minha criança.

Continue e agir como uma boa menina e ficaremos satisfeitas.

- Acha que posso, Miss Temple?
- Você deve – disse ela, envolvendo-me com o braço. – E agora me conte quem é a dama que Mr. Brocklehurst chamou de sua benfeitora.
- É Mrs. Reed, a esposa do meu tio. Ele morreu e deixou-me aos cuidados dela.
- Ela então não a adotou por sua própria vontade?
- Não, senhora, ela não queria fazer isso. Mas o meu tio, como ouvi muitas vezes os criados dizerem, antes de morrer conseguiu dela a promessa de que sempre tomaria conta de mim
- Bem, Jane, você sabe – ou então eu posso lhe dizer – que quando um criminoso é acusado ele sempre tem o direito de falar em sua defesa. Você foi acusada de falsidade, defenda-se perante mim, tão bem quanto possa. Diga tudo que a sua memória lhe disser que é verdade. Mas não acrescente nem exagere nada.

Resolvi, do fundo do coração, que seria o mais moderada e precisa possível. E, tendo refletido alguns minutos para

organizar mentalmente o que tinha a dizer, contei-lhe toda a história da minha desventurada infância. Exaurida pela emoção, minha linguagem era mais serena do que o normal quando falava desse triste assunto. Lembrando-me

dos conselhos de Helen contra a indulgência do ressentimento, relatei tudo com muito menos amargura e irritação do que o habitual. Assim resumido e simplificado, meu relato parecia até mais digno de confiança. Senti enquanto falava que Miss Temple me acreditara inteiramente.

No decorrer da história mencionei que Mr. Lloyd viera me ver após o meu desmaio, pois eu nunca esquecera o aterrorizante episódio do quarto vermelho. Ao contar os detalhes, no entanto, minha excitação conseguiu extravasar, de algum modo. Nada poderia suavizar na minha memória a lembrança do espasmo de agonia que esmagara meu coração, quando Mrs. Reed rejeitou minha desesperada súplica por perdão, e me trancou de novo no cômodo escuro e assombrado.

Terminei de falar. Miss Temple olhou-me em silêncio por alguns minutos, então disse:

- Eu conheço Mr. Lloyd, vou escrever para ele. Se a resposta coincidir com o que você disse, será publicamente inocentada de qualquer acusação. Para mim, Jane, você já está absolvida desde agora.

Ela me beijou, e ainda me mantendo ao seu lado (onde eu estava bem contente de ficar, pois sentia um prazer infantil em contemplar o seu rosto, o seu vestido, seus poucos enfeites, sua fronte alva, seus cachos fartos e brilhantes e os luzentes olhos negros) dirigiu-se a Helen Burns.

- Como se sente esta noite, Helen? Tossiu muito durante o dia?
- Nem tanto assim, senhora.
- E a dor no peito?
- Está um pouco melhor.

Miss Temple ergueu-se, pegou a mão de Helen e tomou-lhe o pulso. Então retornou ao seu lugar. Ouvi que suspirava baixinho enquanto se sentava. Ficou pensativa por alguns minutos, depois se levantou e falou animadamente:

- Vocês são minhas convidadas esta noite, devo tratá-las como tal.

E tocou a sineta.

- Barbara - ela disse para a criada que atendera o chamado - eu ainda não tomei chá. Traga a bandeja e coloque xícaras para estas duas senhoritas.

E logo foi trazida a bandeja. Como eram lindos, aos meus olhos, as xícaras e o brilhante bule de porcelana, colocados na mesinha redonda ao lado do fogo! Como o odor do chá era delicioso, e também o cheiro das torradas! No entanto, para minha tristeza, pois começava a sentir fome, notei que as porções eram muito pequenas. Miss Temple também notou.

- Barbara - disse ela - pode nos trazer um pouco mais de pão e manteiga? Aqui não há o bastante para três pessoas.

Barbara saiu e logo retornou:

- Madame, Mrs. Harden disse que mandou a quantidade de sempre.

Mrs. Harden, observe-se, era a governanta. Feita à imagem e semelhança do próprio coração de Mr. Brocklehurst - metade barbatana de baleia, metade aço.

- Oh, muito bem! - respondeu Miss Temple - vamos nos arranjar como der, Barbara.

E quando a moça saiu ela acrescentou, sorrindo:

- Por sorte, estou preparada para remediar deficiências desse tipo.

Depois de convidar a mim e a Helen para nos aproximarmos da mesa, colocou diante de nós uma finíssima, embora deliciosa, fatia de torrada. Então levantou-se, abriu uma gaveta e,

pegando um pacote envolto em papel, abriu-o revelando um lindo e aromático bolo.

- Eu pretendia dar um pedaço a cada uma para levar - ela disse - mas como há tão poucas torradas acho melhor comerem logo.

E começou a cortá-lo em fatias generosas.

Festejamos aquela noite como uma dádiva de néctar e ambrosia. E o sorriso de gratidão que nossa anfitriã nos dirigia, enquanto satisfazíamos nosso apetite voraz com a delicada iguaria que ela provera com tanta generosidade, não foi a menor das alegrias que tivemos.

Depois que terminamos o chá e a bandeja foi retirada, ela nos chamou outra vez para junto do fogo. Sentamos cada uma de um lado, e Miss Temple passou a conversar com Helen. Ouvir essa conversa foi um privilégio para mim.

Miss Temple tinha sempre um ar de serenidade no porte, de nobreza no semblante, de refinada precisão na linguagem, que impedia o ardor excessivo. Um controlado senso de reverência que dava prazer aos que a ouviam. Era o que eu sentia naquele momento. Mas fiquei paralisada de espanto com Helen Burns.

A saborosa refeição, o fogo brilhante, a beleza e a bondade da nossa amada professora ou, talvez, mais do que essas coisas juntas, alguma virtude da sua mente única, despertou-lhe as

energias. E essas energias se agitavam. Primeiro, surgiram na brilhante cor da sua face, que até agora eu só vira pálida e exangue. Depois brilharam nos seus olhos, que adquiriram uma beleza ainda mais singular que os de Miss Temple. Uma beleza que não repousava na cor da pele, nem nos longos cílios, nem nas sobrancelhas, mas na intenção, no movimento e na vivacidade. Depois foi a alma que pousou nos lábios e as palavras fluíram, não sei dizer de qual fonte. Como pode uma menina de quatorze anos ter um coração grande e vigoroso o suficiente para manter a mais pura, vívida e fervente eloquência? Tal era a característica das palavras de Helen nessa noite, para mim, memorável. Seu espírito parecia ávido por viver, num breve espaço de tempo, mais do que muitos vivem durante uma prolongada existência.

Elas falaram de coisas que eu nunca ouvira. De povos e eras passadas. De países distantes. De segredos da natureza, conhecidos ou suspeitados. Falaram de livros, e quantos elas haviam lido! Quanto conhecimento acumulado possuíam! Pareciam tão familiarizadas com palavras e autores franceses! Mas o meu espanto chegou ao máximo quando ouvi Miss Temple perguntar se Helen às vezes dedicava um momento a recordar o latim que o pai lhe ensinara. Pegando um livro da estante pediu-lhe que lesse um trecho de Virgílio. Helen obedeceu, e meu assombro crescia a cada linha. Mal tinha terminado quando soou o sino anunciando a hora de dormir. Ali

não se admitiam atrasos. Miss Temple abraçou-nos e disse, do fundo do coração:

- Deus as abençoe, crianças.

Abraçou Helen um pouco mais longamente, e foi com relutância que a deixou ir. Foi a Helen que seus olhos seguiram, e foi por ela que deu um segundo suspiro triste. Por ela derramou uma lágrima.

Quando alcançamos o dormitório ouvimos a voz de Miss Scatcherd. Estava examinando as gavetas e acabara de abrir a de Helen. Quando entramos Helen foi saudada com uma violenta repreensão, e soube que no dia seguinte teria meia dúzia de cartazes infamantes pendurados nos seus ombros.

- Minhas coisas estavam em vergonhosa desordem, é verdade - murmurou-me Helen, numa voz baixa. - Pretendia arrumá-las, mas acabei esquecendo.

Na manhã seguinte Miss Scatcherd escreveu em grandes letras num pedaço de papel a palavra “desleixada” e o pregou como um selo na larga, meiga, inteligente e bondosa fronte de Helen. Ela usou-o até a noite, pacientemente e sem rancor, achando que a punição era merecida. Quando Miss Scatcherd retirou-se, após as aulas da tarde, corri para Helen, cortei o papel fora e joguei-o no fogo. A fúria que ela era incapaz de sentir havia me queimado a alma durante o dia todo, e lágrimas grossas e

quentes haviam corrido pelo meu rosto sem parar. Meu coração sofria de forma intolerável com a triste resignação de Helen.

Aproximadamente uma semana depois dos incidentes que acabo de narrar, Miss Temple, que escrevera a Mr. Lloyd, recebeu a resposta. Parece que a carta de Mr. Lloyd confirmava a minha história. Miss Temple, após reunir toda a escola, anunciou que havia feito um inquérito sobre as acusações contra Jane Eyre, e que sentia-se feliz em dizer que ela estava isenta de qualquer culpa. As professoras, então, me apertaram a mão e me beijaram, e um murmúrio de satisfação correu entre as fileiras das minhas colegas.

Aliviada de uma carga tão penosa, dali por diante voltei a trabalhar com afinco, decidida a abrir meu caminho através de qualquer dificuldade. Lutei duramente, e meu sucesso foi proporcional aos meus esforços. Minha memória, que não era muito boa, melhorou com a prática. O exercício aprimorou a minha inteligência. Em poucas semanas passei

para uma turma mais avançada. Em menos de dois meses fui autorizada a aprender francês e pintura. Aprendi os dois primeiros tempos do verbo *être* e desenhei minha primeira casinha (cujas paredes, a propósito, nada deviam em inclinação às da torre de Pisa) no mesmo dia. Nessa noite, ao ir para a cama, esqueci de preparar na minha imaginação a ceia de Barmecide[1], de batatas assadas ou pão branco e leite

fresco, com o que costumava deleitar os meus anseios interiores... Em vez disso, deliciei-me com as belas pinturas que eu via no escuro. Tudo feito por mim: casas e árvores livremente pintadas, rochedos e ruínas pitorescos, rebanhos em pequenos grupos à maneira de Cuyp[2], doces pinturas de borboletas sobrevoando botões de rosas, pássaros bicando cerejas maduras, ninhos de cambaxirras contendo ovos do tamanho de pérolas, tecidos com gravetinhos de hera. Pensei também na possibilidade de algum dia traduzir um conto em francês que Madame Pierrot havia me mostrado naquele dia. Nem bem havia acabado de solucionar esse problema quando adormeci suavemente.

Como Salomão dissera com muita propriedade: “Mais vale ao boi comer ervas onde está o amor, do que viver em estábulo com o ódio e o pavor.” Eu agora não trocava Lowood, com todas as suas privações, por Gateshead e seus luxos cotidianos.

[1] Barmecide é o personagem de um dos contos árabes das “Mil e Uma Noites”, que oferece um jantar de pratos imaginários como se fossem reais.

[2] Aelbert Jacobsz Cuyp (1620/1691) – pintor holandês do período barroco, conhecido por suas pitorescas paisagens campestres.

C A P Í T U L O IX

Mas as privações, ou melhor, as adversidades de Lowood, diminuíram. A primavera estava chegando. Na verdade, já estava no ar. As geadas do inverno cessaram, as neves derreteram, os ventos cortantes amainaram. Meus pobres pés, esfolados e inchados pelo agudo frio de janeiro, começaram a cicatrizar, e recuperavam-se aos suaves ares de abril. As noites e as manhãs do inverno, de temperaturas canadenses, não mais congelavam o próprio sangue em nossas veias. Agora já podíamos suportar a hora do recreio no jardim. Às vezes, num dia ensolarado, podia até ser agradável e revigorante. Uma camada verde começava a despontar nos canteiros marrons, que dia após dia se tornavam mais verdejantes, como se a esperança passasse por eles à noite, e a cada manhã deixasse traços mais brilhantes de sua passagem. Algumas flores espreitavam por entre as folhas: campânulas brancas, açafrões, aurículas, e amores-perfeitos salpicados de dourado. Na tardes de quinta-feira (que era meio feriado) fazíamos caminhadas, e encontrávamos flores ainda mais lindas sob as sebes, ao longo do caminho.

Descobri também que, além dos muros altos e guardados por estacas de ferro do nosso jardim, havia um grande prazer, uma alegria limitada apenas pelo horizonte. Esse prazer consistia na visão dos majestosos picos que circundavam um grande vale, rico em verde e sombra, e num brilhante riacho, coberto de

pedras escuras e redemoinhos faiscantes. Como esse cenário agora parecia diferente daquele que eu vira contra o céu cinzento do inverno, enrijecido pelo gelo e coberto de neve como uma mortalha! Quando a névoa, gelada como a morte, errava ao sabor dos ventos do leste por aqueles picos, rolando de um lado a outro, até fundir-se com a gelada neblina do riacho! Esse riacho agora era uma torrente, turva e indomável, cortando o bosque ao meio, e lançando ao ar um estrondo, muitas vezes abafado pelo barulho da chuva selvagem ou do granizo que descia em rodopios. E havia a floresta, que em suas margens mostrava apenas filas de esqueletos.

E abril se transformou em maio. Que belo e sereno maio foi aquele! Dias de céu azul, um sol que brilhava placidamente e suaves ventos do sul ou do oeste a permear a estação. A vegetação agora chegava ao apogeu e Lowood sacudia suas tranças. Tudo se tornou verde e florido! Os esqueletos dos grandes olmos, freixos e carvalhos foram devolvidos à sua majestosa vida; as plantas rasteiras espalhavam-se em profusão; inúmeras variedades de musgo enchiam as ribanceiras e a riqueza das primulas selvagens criava um estranho brilho colorido no solo. Vi seu brilho de ouro pálido ofuscando os olhos como o mais suave lustro. De tudo isso eu desfrutava muito e plenamente – livre, sem ninguém me observar, e quase só: pois havia um motivo para esse prazer e liberdade tão fora do comum, o qual devo agora referir.

Não descrevi um belo lugar para construir uma residência, quando falei desse lugar situado entre as montanhas e o bosque, às margens de um riacho? Realmente, bastante agradável: mas se era salubre ou não é outra questão.

Essa floresta-vale, onde ficava Lowood, era o berço da névoa. E essa névoa, carregada de pestilência, com o andar da primavera deslizou para o Asilo das Órfãs, e levou o tifo à sala de aulas e ao dormitório. E, mal chegara maio, transformou o educandário num hospital.

A nutrição deficiente e os resfriados mal curados haviam predisposto muitas das alunas à infecção: quarenta e cinco das oitenta meninas caíram doentes ao mesmo tempo. As classes foram suspensas e as normas afrouxadas. Às poucas que não adoeceram era concedida uma liberdade quase ilimitada. O médico assistente insistira na necessidade de exercícios para mantê-las saudáveis. E mesmo que assim não fosse, ninguém tinha tempo para observá-las ou reprimi-las. Toda a atenção de Miss Taylor era dedicada às suas pacientes: passava o tempo na enfermaria, não a abandonando senão para descansar algumas horas à noite. As professoras estavam inteiramente ocupadas em fazer as malas e outros arranjos necessários para a partida daquelas meninas que eram afortunadas o bastante para ter parentes ou amigos capazes e dispostos a tirá-las da fonte de contágio. Muitas, já bastante afetadas pela doença, iam para casa apenas para morrer. Outras morriam na escola,

e eram enterradas rápida e discretamente, pois a natureza da moléstia não permitia demora.

Enquanto a doença assim se tornava uma habitante de Lowood, e a morte uma visita frequente; enquanto havia tristeza e medo entre seus muros; enquanto as salas e passagens cheiravam a hospital - e as drogas e pastilhas eram inúteis para superar o surto de mortalidade - aquele rutilante mês de maio brilhava sem nuvens sobre as majestosas montanhas e os belos bosques que se estendiam para além dos portões. E o jardim, também, se engalanava com flores: as malvas haviam se tornado altas como árvores, os lírios abriram, as tulipas e as rosas estavam em flor; as bordas dos pequenos canteiros estavam salpicadas de relva-do-olimpico e rubras margaridas duplas; rosas amarelas espalhavam, da manhã à noite, a sua doce fragrância. Esses tesouros de perfume eram inúteis para a maior parte das internas de Lowood, exceto para fornecer, de vez em quando, um punhado de flores para adornar um caixão.

Nesse meio tempo, eu e as outras que continuavam boas aproveitávamos plenamente as belezas do cenário e da estação. Deixavam-nos perambular pelos bosques, como ciganas, da manhã à noite. Fazíamos o que queríamos, íamos aonde gostávamos e vivíamos melhor também. Mr. Brocklehurst e família agora nem chegavam perto de Lowood. As contas da despensa não eram mais examinadas. A

rabugenta governanta se fora, afugentada pelo pavor da infecção. Sua sucessora, que fora responsável pelo dispensário de Lowton, ainda não acostumada aos costumes do seu novo emprego, agia com certa liberalidade. Além do mais, havia menos pessoas para alimentar, as doentes comiam pouco, e as nossas tigelas estavam mais cheias. Quando não havia tempo para preparar um almoço convencional, o que acontecia com frequência, ela costumava nos servir um grande pedaço de torta fria, ou uma generosa porção de pão com queijo. Levávamos a refeição para o bosque, onde cada uma escolhia o lugar que mais gostava para sentar-se, e almoçávamos suntuosamente.

Meu lugar favorito era uma pedra grande e lisa, que surgia, branca e seca, do meio do riacho. O único modo de chegar até ela era andar pela água rasa, o que eu fazia de pés descalços. A pedra tinha espaço apenas para acomodar, com conforto, outra menina além de mim, minha companheira predileta nessa época: Mary Ann Wilson. Sagaz e observadora, sua companhia me dava satisfação, parte porque ela era inteligente e original, parte porque suas maneiras me deixavam à vontade.

Mary Ann era mais velha que eu alguns anos, conhecia mais do mundo e podia contar-me muitas coisas que eu gostava de ouvir: minha curiosidade se sentia satisfeita com ela. Perdoava largamente os meus erros, e não punha entraves nem coibia nada do que eu dizia. Ela tinha pendor para a narrativa e eu

para a análise. Ela gostava de responder, eu de perguntar. Nos entendíamos com facilidade, e o nosso relacionamento, se não nos trouxe alguma melhoria, proporcionou a ambas grande diversão.

E onde andava Helen Burns, enquanto isso? Por que eu não passava com ela esses doces dias de liberdade? Será que a esquecera? Ou era tão injusta a ponto de ter cansado de sua companhia tão pura? Certamente Mary Ann Wilson era inferior à minha primeira amiga: apenas contava-me histórias engraçadas e retribuía alguns mexericos atrevidos e mordazes que eu lhe contava. Enquanto que Helen, se falei a verdade, estava qualificada a dar àqueles que tinham o prazer de ouvi-la o gosto de coisas muito mais elevadas.

É verdade, leitor. Eu sabia e sentia isso. E embora eu fosse um ser imperfeito, com muitas falhas e poucas coisas para me redimir, ainda assim nunca me cansei de Helen Burns. Nunca deixei de nutrir por ela um sentimento de afeto, tão forte, terno e respeitoso como nenhum outro jamais animou meu coração. Como poderia ser de outra forma, quando Helen, sempre e em qualquer circunstância, mostrou por mim uma serena e fiel amizade, que o mau humor nunca azedou e a irritação nunca perturbou? Mas Helen estava doente naquela época: fazia algumas semanas que fora removida para algum quarto no andar superior, eu não sabia qual. Disseram-me que ela não estava nas enfermarias destinadas às pacientes com febre, pois sua doença era a tuberculose, não o tifo. E por tuberculose

eu, na minha ignorância, entendia alguma coisa leve, que o tempo e os cuidados certamente aliviarão.

Essa ideia se confirmou quando ela, uma ou duas vezes, estando a tarde excepcionalmente quente e ensolarada, desceu para o andar térreo. Miss Temple a levou até o jardim, mas eu não tinha permissão para me aproximar dela. Apenas a vi vagamente à distância, pela janela, muito agasalhada e sentada na varanda.

Uma tarde, no começo de junho, demorei-me no bosque com Mary Ann. Tínhamos nos separado das outras, como de hábito, e perambulado até mais longe. Tanto que nos perdemos e tivemos que perguntar pelo caminho de volta numa cabana isolada, onde vivia um casal que cuidava de um rebanho de porcos meio selvagens. Quando voltamos, a lua já havia nascido. Defronte da porta estava parado um pônei, que sabíamos pertencer ao médico. Mary Ann observou que alguém devia estar muito doente, para que Mr. Bates fosse chamado àquela hora da noite. Ela entrou na casa. Eu fiquei para trás, decidida a plantar no meu canteiro algumas mudas que colherei na floresta, e que eu achava que ficariam inutilizadas se esperasse até o dia seguinte. Feito isso, ainda fiquei por ali mais um tempo, pois as flores tinham um suave perfume quando o orvalho caía. Era uma noite tão agradável, tão serena, tão tépida! As últimas luzes do oeste prometiam outro belo dia ao amanhecer. A lua subia majestosa no oriente grave.

Eu observava essas coisas e as apreciava, como pode uma criança apreciar, quando tive um pensamento que nunca me ocorrera antes:

- Que tristeza estar agora doente numa cama, correndo o risco de morrer! O mundo é belo... Não seria terrível ter que deixá-lo e ir para não se sabe onde?

Minha mente então fez seu primeiro esforço sério para lembrar o que lhe haviam ensinado a respeito do céu e do inferno. E pela primeira vez recuou, confusa. E pela primeira vez, olhando para trás, para os lados e para frente, viu ao seu redor um incomensurável abismo. Sentiu que havia apenas um ponto de apoio: o presente. Todo o resto era uma nuvem sem forma e um vazio profundo. E tremeu ao pensar em vacilar e mergulhar no caos. Enquanto ponderava essa nova ideia, ouvi a porta da frente abrir-se. Mr. Bates saiu, acompanhado de uma enfermeira. Depois de vê-lo partir ela preparou-se para fechar a porta. Corri em sua direção.

- Como está Helen Burns?

- Muito mal – foi a resposta.

- Foi ela que Mr. Bates veio ver?

- Sim.

- E o que ele disse sobre ela?

- Disse que ela não ficará aqui por muito tempo.

Esta frase, se me fosse dirigida na véspera, teria apenas me transmitido a ideia de que ela estava para ser transferida para sua própria casa, em Northumberland. Não teria suscitado seu significado de que ela estava morrendo. Mas agora eu soube imediatamente! Compreendi claramente que Helen Burns estava vivendo seus últimos dias na terra, e que estava para ser levada à região dos espíritos – se existisse tal lugar. Sofri um choque terrível, depois um violento arrepio de tristeza, depois um desejo... uma necessidade de vê-la. Perguntei em que quarto ela estava.

- Está no quarto de Miss Temple – disse a enfermeira.
- Posso subir e falar com ela?
- Oh, não, minha filha! Não é possível. E depois está na hora de você entrar. Vai pegar uma febre se ficar aí no sereno.

A enfermeira fechou a porta. Passei pela entrada lateral que levava à sala de aulas, bem a tempo. Eram nove horas, e Miss Miller estava chamando as alunas para dormir.

Duas horas mais tarde, provavelmente às onze, não conseguindo dormir – e sentindo, pelo perfeito silêncio do dormitório, que minhas colegas estavam em profundo sono – levantei-me silenciosamente. Coloquei o vestido sobre a camisola, e assim descalça saí do dormitório à procura do quarto de Miss Temple. Ficava quase no outro lado do prédio, mas eu conhecia o caminho, e a luz da lua, entrando de vez em quando pelas janelas, permitia-me encontrá-lo sem dificuldade.

Quando me aproximava da enfermaria senti um odor de cânfora e vinagre queimado. Passei pela porta rapidamente, temerosa de que a enfermeira que permanecia ali toda a noite me ouvisse. Temia ser descoberta e mandada de volta, porque eu precisava ver Helen. Tinha que abraçá-la antes que morresse, dar-lhe um último beijo e trocar com ela uma derradeira palavra.

Desci uma escada e atravessei um pedaço do andar de baixo. Depois de abrir e fechar duas portas sem fazer barulho, encontrei-me diante de outro lance de escadas. Subi e me achei em frente ao quarto de

Miss Temple. Uma luz brilhava por baixo da porta e pelo buraco da fechadura. Os arredores estavam em profundo silêncio. Ao me aproximar vi que a porta estava levemente entreaberta, provavelmente para permitir a entrada de um pouco de ar no quarto da doente. Sem hesitação e impaciente – minha alma e meus sentidos palpitavam em profunda angústia – empurrei a porta e olhei para dentro. Meus olhos procuraram Helen, e temi encontrar a morte.

Havia uma caminha de criança, meio encoberta pelo dossel branco, perto da cama de Miss Temple. Vi uma silhueta debaixo das cobertas, mas o rosto estava encoberto pelo dossel. A enfermeira com quem eu falara no jardim dormia numa espreguiçadeira. Na mesa, uma vela queimava debilmente.

Miss Temple não estava à vista, soube depois que ela fora chamada à enfermaria para ver uma paciente que delirava. Eu avancei e parei ao lado da caminha. Estendi a mão para a cortina, mas achei melhor falar antes de puxá-la. Eu ainda recuava ante a ideia de ver um cadáver.

- Helen - sussurrei suavemente - está acordada?

Ela se mexeu e puxou a cortina. Vi seu rosto, pálido e cansado, mas composto. Parecia ter mudado tão pouco que o meu medo se dissipou.

- Será você, Jane? - ela perguntou, na sua voz gentil.

“Oh!” pensei “Ela não vai morrer! Eles estão enganados. Se estivesse morrendo não pareceria tão calma, no aspecto e na voz.”

Fui até a cama e beijei-a. Sua testa estava fria, e suas faces também, frias e esquálidas, assim como as mãos e os pulsos. Mas ela sorria como sempre.

- Por que veio aqui, Jane? São mais de onze horas, acabei de ouvir bater.

- Vim para ver você, Helen. Ouvi dizer que está muito doente, e não podia dormir se não falasse com você.

- Veio para me dizer adeus, então. Chegou bem na hora, com certeza.

- Está indo para algum lugar, Helen? Vai para casa?

-Sim, para o meu lar eterno... Minha última morada.

- Não, não, Helen! - interrompi-a, infeliz.

Enquanto tentava evitar as lágrimas, Helen teve um acesso de tosse. A enfermeira não acordou, porém. Depois que passou ela ainda arquejou por alguns minutos, exausta. Então sussurrou:

- Jane, seus pezinhos estão descalços. Deite-se e cubra-se com a minha coberta.

Assim fiz. Ela colocou o braço sobre mim e me aconcheguei a ela. Depois de um longo silêncio, ela retomou, ainda sussurrando:

- Sou muito feliz, Jane. E quando você souber que morri, deve ficar feliz e não triste: não há nada para lamentar. Todos vamos morrer um dia, e a doença que está me levando não é dolorosa: é gentil e gradual. Minha mente está descansada. Não deixo ninguém que lamente muito a minha perda. Tenho apenas meu pai, que se casou novamente e não sente falta de mim. Morrendo jovem escaparei de grandes sofrimentos. Não tenho talentos ou qualidades para facilitar meu caminho no mundo. Eu estaria sempre em erro.

- Mas para onde está indo, Helen? Você sabe? Já viu como é?

- Eu creio, tenho fé. Estou indo para junto de Deus.

- Onde está Deus? O que é Deus?
- O Criador, meu e seu, que nunca destruirá o que criou. Eu confio no poder dele, e acredito na sua bondade. Conto as horas até o momento em que serei devolvida a ele, e ele será revelado a mim.
- Tem certeza, Helen, que existe mesmo o céu, e que nossas almas vão para lá quando morremos?
- Tenho certeza que há uma existência futura. Acredito que Deus é bom. Posso entregar-lhe sem receio a parte imortal do meu ser. Deus é meu pai, é meu amigo. Eu o amo e acredito que ele me ame também.
- E vou vê-la de novo, Helen, quando eu morrer?
- Você virá para o mesmo lugar de felicidade. Será recebida pelo mesmo pai poderoso e universal, sem dúvida, querida Jane.

Fiz outra pergunta, mas apenas em pensamento. “Onde ficará esse lugar? Será que existe?” E apertei os braços em torno de Helen. Ela me parecia mais querida do que nunca, sentia que não poderia deixá-la ir. Meu rosto estava escondido em seu pescoço. Ela disse, então, no seu tom mais doce:

- Como me sinto bem! Esse último acesso de tosse me deixou um pouco cansada. Acho que vou dormir. Mas não vá embora, Jane, gosto de ter você perto de mim.

- Vou ficar com você, querida Helen. Ninguém vai me tirar daqui.
- Está aquecida, querida?
- Sim.
- Boa noite, Jane.
- Boa noite, Helen.

Ela me beijou, eu a beijei, e ambas pegamos no sono.

Quando acordei já era dia, e havia um movimento pouco habitual. Olhei para cima: estava nos braços de alguém. A enfermeira me segurava e estava me carregando pelo corredor, de volta ao dormitório. Não fui repreendida por deixar a minha cama. As pessoas tinham mais em que pensar. Ninguém respondeu às minhas inúmeras questões. Mas um ou dois dias depois eu soube que Miss Temple, retornando ao seu próprio quarto ao amanhecer, me encontrara deitada na pequena cama. Meu rosto apoiado no ombro de Helen, meus braços rodeando seu pescoço. Eu estava dormindo e Helen... morta.

Seu túmulo está no cemitério da igreja de Brocklehurst. Durante quinze anos após a sua morte ficou coberto apenas por um montículo de grama. Mas agora uma placa de mármore cinza marca o lugar, com o seu nome e a palavra “Resurgam” [1].

[1] Resurgam= eu renascerei. Em latim no original.

CAPÍTULO X

Até aqui, recordei em detalhes os eventos da minha insignificante existência. Dediquei quase todos os capítulos aos dez primeiros anos da minha vida. Mas esta não pretende ser uma autobiografia comum. Só me permiti invocar a memória quando sei que as suas respostas possuíam algum grau de interesse. Portanto, vou avançar oito anos sem muito a dizer. Apenas algumas linhas são necessárias para manter a sequência da história.

Quando a febre tifóide completou sua missão de devastar Lowood, gradualmente desapareceu. No entanto, a virulência do surto e o número de vítimas já haviam despertado a atenção pública sobre a escola. Fez-se um inquérito sobre a origem do flagelo, e pouco a pouco se tornaram públicos vários fatos que despertaram um clamor de indignação geral. A natureza insalubre do local, a quantidade e qualidade da comida das crianças, a água salobra e fétida utilizada na preparação da comida, as roupas e acomodações deploráveis – tudo isso foi descoberto. E a descoberta produziu um resultado mortificante para Mr. Brocklehurst, mas benéfico para a instituição.

Muitas pessoas ricas e benevolentes da região fizeram generosas contribuições para a construção de um prédio mais conveniente e melhor localizado. Foram criados novos

regulamentos. Promoveu-se a melhoria da alimentação e do vestuário. Os fundos da escola foram confiados à administração de um comitê. Mr. Brocklehurst, que não poderia ser ignorado devido à sua riqueza e conexões familiares, permaneceu no posto de tesoureiro, mas passou a ser ajudado nessa tarefa por cavalheiros de mente mais aberta e compassiva. Seu cargo de administrador também era compartilhado por aqueles que sabiam como combinar bom senso com rigor, conforto com economia, compaixão com honradez. A escola, assim aprimorada, tornou-se em breve uma instituição verdadeiramente útil e nobre. Depois dessa reforma permaneci como interna dentro dos seus

muros por oito anos: seis como aluna e dois como professora. E, em ambas as condições, dou meu testemunho do valor e importância da instituição.

Durante esses seis anos minha vida foi a mesma, mas não era infeliz, porque não era inativa. Tinha ao meu alcance os meios para obter uma excelente educação. Os meus maiores incentivos eram o gosto pelo estudo de algumas disciplinas e o desejo de distinguir-me em todas, além do grande prazer de agradar às minhas professoras, especialmente aquelas que eu mais gostava. Servi-me amplamente das vantagens que me foram oferecidas. Tornei-me a primeira aluna da classe mais adiantada, então fui investida no cargo de professora, que

desempenhei com zelo durante dois anos. Ao fim desse tempo, no entanto, eu mudei.

Miss Temple, apesar de todas as mudanças, continuou como superintendente do internato. Devo aos seus ensinamentos a maior parte do que sei. Sua amizade e companhia foram meu contínuo consolo. Ela esteve ao meu lado no lugar de mãe, mestra e, nos últimos tempos, companheira. Nessa época ela se casou e foi morar com o marido (um pastor, homem excelente, quase merecedor de uma esposa como ela) num condado distante. E assim perdi sua companhia.

Desde o dia em que ela partiu não fui mais a mesma. Com ela partiam todos os sentimentos estáveis, a ligação que, de alguma forma, tinha feito de Lowood o meu lar. Eu havia absorvido um pouco da sua natureza e muitos dos seus hábitos. Meus pensamentos eram mais harmoniosos.

Sentimentos mais controlados tornaram-se meus companheiros. Fizera um pacto com a ordem e o dever. Vivia tranquila e creio que até contente. Aos olhos dos outros, e até mesmo aos meus, eu parecia um caráter disciplinado e dócil.

Mas o destino, na forma do Reverendo Mr. Nasmyth, interpôs-se entre mim e Miss Temple. Eu a vi, no seu vestido de viagem, subir na diligência, logo após a cerimônia de casamento.

Observei enquanto a diligência subia a montanha e desaparecia de vista. Voltei ao meu quarto, e ali passei solitária quase todo o resto daquele meio feriado, concedido em honra ao acontecimento.

Passei a maior parte do tempo caminhando pelo quarto. Lamentava minha perda e pensava em como repará-la. Mas quando

concluí minhas reflexões, ao olhar para fora e ver que a tarde se fora e a noite avançava, outra descoberta surgiu na minha mente. Senti como se nesse intervalo eu houvesse passado por um processo de transformação, em que minha mente pusera de lado tudo que eu havia tomado emprestado de Miss Temple. Ou antes, como se ela tivesse levado consigo a serena atmosfera que eu respirara junto dela – e me deixado entregue ao meu elemento natural, começando a sentir a agulhada de antigas emoções. Não era como se eu perdesse um apoio, mas a motivação. Não era a capacidade de ser calma que me abandonara, só não havia mais razão para estar tranquila. Durante alguns anos o meu mundo fora Lowood, toda minha experiência de vida consistia nas suas regras e sistemas. Agora eu me dava conta que o mundo real era vasto, e que uma gama variada de esperanças e temores, de sensações e vibrações, esperava por aqueles que tivessem coragem de seguir em frente e de buscar entre os seus perigos o verdadeiro conhecimento da vida.

Fui até a janela, abri-a e olhei para fora. Lá estavam as duas alas do prédio, lá estava o jardim, lá estavam os limites de Lowood, lá estava o horizonte de colinas. Meus olhos deixaram todo o resto para se fixar naqueles remotos picos azuis no

horizonte, que eu ansiava transpor. Tudo dentro dos seus limites de rocha e urzes parecia-me o terreno de uma prisão, os limites do exílio. Acompanhei o traçado do caminho branco que serpenteava ao pé de uma montanha, e desaparecia numa garganta encravada entre as outras. Como desejava segui-lo até mais longe! Lembrei-me do dia que passara por ali de carruagem, descendo a montanha ao crepúsculo. Parecia ter se passado um século desde que eu chegara a Lowood, de onde nunca mais saíra. Passara todas as minhas férias na escola. Mrs. Reed nunca me chamara a Gateshead, e nem ela nem ninguém da sua família jamais me visitaram. Eu não tinha comunicação alguma com o mundo exterior, nem por cartas ou mensagens. Regulamentos escolares, hábitos e noções escolares, deveres escolares, e vozes, e rostos, e frases, e costumes, e preferências, e antipatias... Isso era tudo que eu conhecia da vida. E agora sentia que não era o bastante. Cansei-me da rotina de oito anos em apenas uma tarde. Desejei a liberdade, ansiei por liberdade, disse uma prece pela liberdade. Tive a sensação que ela se desfazia ao vento que soprava fracamente. Abandonei-

a e fiz uma humilde súplica: pedi por mudança, por estímulo. Este pedido, também, pareceu dissolver-se no espaço indistinto.

- Então - exclamei, meio desesperada - conceda-me pelo menos alguma outra servidão!

Nesse momento tocou o sino para a ceia, chamando-me ao andar de baixo.

Não tive liberdade para retomar a cadeia interrompida dos meus pensamentos até a hora de dormir. Mesmo então uma professora, que dividia o quarto comigo, manteve-me longe do tema com uma prolongada conversa sobre trivialidades. Como eu desejava que o sono a silenciasse! Tinha a impressão que, se eu pudesse retornar à ideia que me ocorrera quando estava na janela, alguma coisa útil e inventiva surgiria para o meu alívio.

Por fim, Miss Gryce começou a risonar. Era uma galesa pesadona, mas até agora seus esforços nasais sempre haviam sido encarados por mim apenas como um transtorno. Nessa noite, porém, saudei aqueles primeiros sons com satisfação. Estava livre de interrupções. Meus pensamentos meio apagados retornaram imediatamente.

“Uma nova servidão! Há alguma coisa aí.” disse a mim mesma (mentalmente, bem entendido, não falava em voz alta). “Sei que há, porque não soa doce demais; não é como as palavras Liberdade, Vibração, Alegria, que são verdadeiramente deliciosas, mas são apenas palavras para mim. E tão vazias e transitórias que é pura perda de tempo ouvi-las. Mas, Servidão! Essa era real. Qualquer um pode servir: eu servi aqui por oito anos. Tudo o que desejo agora é servir em outro lugar. Será que posso desejar tanto? Será viável? Sim... sim... O objetivo não é tão difícil; se ao menos eu tivesse um cérebro ativo o suficiente para achar os meios de conseguir isso.”

Sentei-me na cama de modo a ativar o referido cérebro. Era uma noite fria. Cobri os ombros com um xale e então novamente me pus a pensar com todas as minhas forças.

“O que eu quero? Um lugar diferente, uma nova casa, cercar-me de novos rostos, sob novas circunstâncias. Desejo isso porque é inútil desejar coisa melhor. Como as pessoas fazem para conseguir outro lugar? Apela para os amigos, suponho, mas eu não tenho amigos. Há muita gente que não tem amigos, e que deve cuidar e ajudar a si própria. Quais são os seus recursos?”

Não sabia dizer. Nada me respondia. Ordenei ao meu cérebro que achasse uma resposta, e logo. Ele trabalhou, e trabalhou mais rápido. Senti a pulsação na minha cabeça e nas têmporas. Por quase uma hora, minha mente trabalhou no caos, mas os esforços não deram resultado. Febril com o trabalho perdido, levantei-me e dei uma volta no quarto. Entreabri a cortina, observei uma ou outra estrela, tremi de frio e voltei para a cama.

Uma fada bondosa, na minha ausência, certamente deixou a solução no meu travesseiro. Pois, quando me deitei, ela me veio à mente, rápida e facilmente. “Os que desejam uma colocação anunciam no jornal. Você deve pôr um anúncio no Herald.”

“Mas como? Não sei nada de anúncios.” As respostas vinham suave e prontamente.

“Deve colocar o anúncio e o dinheiro para pagá-lo num envelope

dirigido ao editor do Herald. Deve levá-lo, então, na primeira oportunidade que tiver, ao correio de Lowton. As respostas devem ser endereçadas a J.E. para a posta restante de lá. Deve ir perguntar por elas uma semana depois que mandar a carta. Se houver alguma, é só agir de acordo.”

Revi o esquema, uma, duas, três vezes, até que ficasse gravado em minha mente. Fixei-o de forma clara e prática e fiquei satisfeita. Então caí no sono.

Levantei-me bem cedinho. Antes que tocasse o sino para o despertar, já tinha o anúncio escrito, envelopado e endereçado. Era assim:

“Jovem dama acostuada a lecionar (eu não havia sido professora por dois anos?) deseja encontrar colocação em casa de família com crianças abaixo de quatorze anos (pensei que, como mal tinha feito dezoito anos, não seria possível educar crianças quase da minha idade).

Está qualificada a ensinar as matérias usuais da boa educação inglesa, além de francês, pintura e música (naquela época, leitor, essa relação de habilidades que agora parece pouca, era considerada bastante abrangente). Respostas para J.E., Posta Restante – Lowton, Condado de...”

Esse documento ficou trancado na minha escrivaninha o dia todo. Após o chá, pedi licença à nova superintendente para ir a Lowton, para resolver alguns encargos para mim e um ou dois para minhas colegas professoras. A permissão foi rapidamente concedida, e eu fui. Era uma caminhada de mais de três quilômetros, e o entardecer estava úmido, mas os dias ainda eram longos. Visitei uma ou duas lojas, coloquei a carta no correio, e voltei debaixo de um aguaceiro, com as roupas encharcadas, mas o coração aliviado.

A semana seguinte me pareceu interminável. Finalmente chegou ao fim, no entanto, como todas as coisas mundanas. E, uma vez mais, ao entardecer de um agradável dia de outono, encontrei-me caminhando pela estrada de Lowton. Era um caminho pitoresco, a propósito, acompanhando o regato e as doces curvas do vale. Mas nesse dia eu pensava mais nas cartas, que podiam ou não estar me esperando no vilarejo, que nos encantos da pradaria ou das águas.

Minha tarefa declarada nessa ocasião era tirar as medidas para um novo par de sapatos. Assim, desincumbi-me primeiro dessa tarefa e depois segui pela quieta e limpa ruazinha do sapateiro até o correio. Era dirigido por uma velha senhora, que usava óculos de chifre no nariz e luvas pretas nas mãos.

- Há alguma carta para J.E.? - perguntei.

Ela me observou por sobre os óculos, então abriu uma gaveta e remexeu-lhe o conteúdo por longo tempo - tão longo que a

esperança começou a me abandonar. Por fim, segurando um envelope diante dos óculos por quase cinco minutos, entregou-me o documento por sobre o guichê, acompanhando o gesto com outro olhar inquisitivo e desconfiado... este dirigido a J.E.

- Só tem uma? – perguntei.
- Não tem nenhuma outra – disse ela.

Então meti o envelope no bolso e me dirigi para casa. Não podia abri-la ali. O regulamento me obrigava a estar de volta até as oito horas e já eram mais de sete e meia.

Quando cheguei tinha várias obrigações me esperando. Devia acompanhar as meninas enquanto faziam as lições. Depois era a minha vez de ler as preces e levá-las para a cama. Então tinha que ceiar com as professoras. Quando finalmente me retirei para o quarto, ainda tinha a companhia da inevitável Miss Gryce. Havia apenas um toco de vela no candelabro, e temi que ela falasse até que a vela queimasse inteiramente. Para minha sorte, todavia, a pesada ceia que ela devorara surtira um efeito soporífero. Já estava roncando antes que eu terminasse de me despir. Restava ainda uma polegada de vela. Peguei a carta. O lacre continha um

F. Quebrei-o. O conteúdo era breve.

“Se J.E., que anunciou no Herald de quinta-feira passada, possuir as qualificações mencionadas, e se estiver em

condições de fornecer referências satisfatórias quanto a caráter e competência, oferece-se uma colocação onde há apenas uma aluna, uma menina de dez anos de idade; salário de trinta libras por ano. Pede-se a J. E. que mande referências, nome, endereço e todos os detalhes para:

Mrs. Fairfax, Thornfield, perto de Millcote, Condado de...”

Examinei longamente o documento. A letra era antiquada e um tanto irregular, como a de uma senhora idosa. Essa circunstância me agradou: sentia um medo muito grande de que, agindo por minha própria conta e segundo meu discernimento, pudesse cair em alguma cilada. E, acima de tudo, desejava que o resultado de meus esforços fosse algo respeitável, apropriado, en règle. Senti que uma senhora idosa não era algo ruim no negócio que eu tinha em mãos. Mrs. Fairfax! Vi-a num vestido preto e véu de viúva. Fria, talvez, mas não indelicada: um modelo da antiga respeitabilidade inglesa. Thornfield! Sem dúvida era o nome da sua residência: um lugar limpo e ordeiro, eu estava certa, mas talvez falhasse em imaginar corretamente todas as premissas. Millcote, condado de... Busquei nas minhas lembranças o mapa da Inglaterra. Sim, agora via o condado e a cidade, ficava cem quilômetros mais perto de Londres do que

o lugar remoto em que eu vivia, o que para mim era uma recomendação. Ansiava por ir a lugares onde houvesse vida e movimento. Millcote era uma grande cidade industrial, um lugar agitado, sem dúvida. Melhor assim, pelo menos seria uma mudança completa. Não que a minha imaginação fosse muito atraída por altas chaminés e nuvens de fumaça... “Mas” imaginava eu “Thornfield provavelmente deve ficar a uma boa distância da cidade.”

Nesse momento o pavio do candeeiro acabou, não havia mais luz. No dia seguinte novas providências tinham que ser tomadas.

Meus planos não podiam mais ficar confinados em minha cabeça, devia

partilhá-los para que pudesse ter sucesso. Solicitei e obtive uma audiência com a superintendente, no recreio do meio-dia.

Disse-lhe que tinha a possibilidade de obter uma colocação com um salário que era o dobro do que recebia em Lowood (onde ganhava apenas quinze libras por ano). Pedi-lhe que falasse por mim com Mr. Brocklehurst, ou com alguém do comitê, e perguntasse se podia mencioná-los como referência. Ela amavelmente concordou em servir de intermediária. No dia seguinte expôs o assunto a Mr. Brocklehurst, que disse que deviam escrever a Mrs. Reed, pois era minha tutora oficial. Um bilhete foi enviado à dama, que respondeu dizendo que “eu podia fazer o que desejasse, pois há muito tempo desistira de interferir nos meus negócios”. Esse bilhete foi apresentado a

todos os membros do comitê e, finalmente, após o que me pareceu a mais aborrecida demora, deram-me licença para procurar outra colocação melhor, se desejasse. Forneceram-me uma declaração de que eu sempre me conduzira corretamente, tanto como aluna quanto como professora em Lowood, e um atestado de bom caráter e da minha capacidade, assinado pelos inspetores da instituição.

Esse documento me foi entregue cerca de um mês depois e mandei uma cópia para Mrs. Fairfax. Recebi a resposta da dama, dizendo-se satisfeita e fixando um prazo de quinze dias para que eu assumisse o cargo de governanta em sua casa.

Comecei a ocupar-me com os preparativos, e a quinzena passou rapidamente. Não tinha um guarda roupa muito grande, embora fosse

adequado às minhas necessidades. O último dia foi suficiente para arrumar o meu baú... o mesmo que trouxera de Gateshead oito anos atrás.

Amarrei e etiquetei o baú. Em meia hora chegaria o carregador para levá-lo a Lowton, para onde eu mesma devia me dirigir muito cedo na manhã seguinte para pegar a diligência. Escovei meu vestido de viagem preto, preparei o chapéu, as luvas e o agasalho para as mãos. Olhei todas as gavetas para ver se não esquecera de nada. E não havendo nada mais a fazer, sentei-me e tentei descansar. Não consegui. Embora tivesse

ficado de pé o dia todo, não conseguia descansar, estava muito excitada. Uma fase da minha vida se encerrava hoje e outra começava amanhã. Era impossível dormir nesse intervalo, devia permanecer em ardente vigília enquanto essa mudança acontecia.

- Miss - disse uma criada que me encontrou no saguão, vagando como uma alma penada - Tem uma pessoa lá embaixo que quer lhe falar.

“Deve ser o carregador” pensei.

Desci as escadas sem fazer perguntas. Estava me dirigindo à cozinha e passava pela sala das professoras, cuja porta estava entreaberta, quando alguém saiu correndo em minha direção:

- É ela, tenho certeza!... Eu a reconheceria em qualquer lugar! - exclamou a pessoa, interpondo-se no meu caminho e pegando minha mão.

Olhei para uma mulher que parecia uma criada bem vestida, matronal, mas ainda jovem. Tinha ótima aparência, olhos e cabelos negros e um semblante vivo.

- Bem, quem sou eu? - ela perguntou, com uma voz e um sorriso que não me eram estranhos. - Será que se esqueceu de mim, Miss Jane?

Num segundo abracei-a e beijei-a com entusiasmo.

- Bessie! Bessie! Bessie! - era tudo que eu conseguia dizer.

Ela ria e chorava, e nos dirigimos para a sala de visitas. Perto do fogo sentava-se uma criaturinha de três anos de idade, de calça e blusa xadrez.

- Este é o meu menino – disse Bessie.
- Então casou-se, Bessie?

- Sim, há quase cinco anos, com Robert Leaven, o cocheiro. Tenho uma menininha além do Bobby aqui, que batizei com o nome de Jane.
- Então não mora mais em Gateshead?
- Moro no chalé da portaria. O antigo porteiro foi embora.
- Bem, e como vão todos por lá? Conte-me tudo sobre eles, Bessie. Mas, sente-se. Bobby, quer vir sentar-se no meu colo?

Mas Bobby preferiu ficar ao lado da mamãe.

- Você não cresceu muito, nem ficou robusta, Miss Jane – continuou Mrs. Leaven. – Acho que não a trataram direito na escola. Miss Eliza é mais alta e mais forte. E Miss Georgiana daria duas de você na largura dos ombros.
- Georgiana deve estar muito bonita, não é, Bessie?
- Muito. Ela passou uma temporada em Londres com a mãe, no inverno passado, e foi muito admirada por todos. Um jovem cavalheiro apaixonou-se por ela, mas a família dele foi contra o casamento. E então... o que acha que aconteceu? Ele e

Miss Georgiana tentaram fugir, mas foram encontrados e impedidos. Foi Miss Eliza quem os encontrou, acho que estava com inveja. Agora as duas vivem que nem cão e gato, sempre discutindo...

- Bem, e John Reed?

- Ah, ele não está se saindo tão bem quanto a mãe deseja. Foi mandado para o colégio, mas acabou sendo expulso... Depois os tios queriam que ele se tornasse advogado, e estudasse leis. Mas ele é um jovem tão dissoluto que acho que não vai servir para nada.

- E que aparência ele tem?

- Ele é bem alto, muitos dizem que é um belo rapaz. Mas tem os lábios tão grossos...

- E Mrs. Reed?

- A senhora parece forte e aparentemente bem, mas seu espírito não tem paz. A conduta de Mr. John lhe dá muito desgosto... ele gasta um

monte de dinheiro!

- Foi ela que lhe mandou vir, Bessie?

- Não, que ideia! Faz muito tempo que queria vê-la, e quando soube que chegou uma carta dizendo que estava se

mudando para outra parte do país, pensei que era o momento de vir, antes que ficasse fora do meu alcance.

- Temo que tenha se desapontado comigo, Bessie.

Disse isso rindo, pois notei que o olhar de Bessie, embora mostrasse afeto, não mostrava admiração.

- Não, Miss Jane, não exatamente. Você está bastante educada, parece uma dama. Está como eu esperava: nunca foi uma grande beleza quando criança.

Sorri ante a franca resposta de Bessie. Sabia que ela tinha razão, mas confesso que não era indiferente ao que dissera. Aos dezoito anos a maioria das moças quer agradar, e a convicção de que não possuem um aspecto exterior que possa dar suporte a esse desejo, não é agradável para ninguém.

- Mas imagino que é bastante inteligente - continuou Bessie, como forma de consolo. - O que sabe fazer? Toca piano?

- Um pouco.

Havia um piano na sala. Bessie foi até ele e abriu-o, depois me pediu que tocasse uma melodia. Toquei uma ou duas valsas e ela ficou encantada.

- As duas senhoritas Reed não tocam tão bem! - disse ela, exultante. - Eu sempre disse que a senhorita iria passar na frente delas nos estudos. E sabe pintar, também?

- Essa pintura sobre a lareira é trabalho meu - disse.

Era uma aquarela representando uma paisagem. Eu a dei de presente à superintendente, para agradecer sua amável mediação perante o comitê. Ela mandara emoldurar e colocar um vidro.

- Nossa! Que linda, Miss Jane! É tão linda quanto qualquer das pinturas do professor de Miss Eliza. Sem falar nas duas moças, que nem podem se comparar a você. Aprendeu francês?

- Sim, Bessie. Leio e falo francês.

- E sabe bordar em musselina e tela?

- Sei, sim.

- Ah! É uma verdadeira dama! Eu sabia que seria. Vai conseguir se sair bem, quer seus parentes saibam ou não. Mas há uma coisa que quero lhe perguntar. Alguma vez soube notícias dos parentes de seu pai, os Eyre?

- Jamais.

- Bem, sabe que Mrs. Reed sempre disse que eles eram uns pobretões desprezíveis. Pode ser que sejam pobres, mas são tão nobres quanto os Reed. Um dia, há quase sete anos, um certo Mr. Eyre veio a Gateshead perguntando por você. Mrs. Reed então disse que você estava na escola, a oitenta quilômetros dali. Ele ficou muito desapontado, pois não podia se demorar. Ia embarcar para o exterior, num navio que sairia

de Londres dali a um ou dois dias. Parecia um verdadeiro cavalheiro, e acho que era o irmão do seu pai.

- Para que país ele estava indo, Bessie?
- Uma ilha, distante milhares de quilômetros, onde fazem vinho...

O mordomo foi quem me falou...

- Ilha da Madeira? - eu sugeri.
- Sim, é essa! O nome é esse.
- Então, ele partiu?
- Sim, não ficou muito tempo na casa. A senhora foi muito altiva com ele, chamou-o depois de “comerciante desonesto”. O meu Robert acredita que ele é um comerciante de vinhos...
- Provavelmente - respondi - ou talvez um representante ou agente de um mercador de vinhos.

Bessie e eu ainda conversamos por uma hora sobre os velhos tempos, até que ela foi obrigada a partir. Na manhã seguinte ainda a vi de novo, enquanto esperava a diligência em Lowton. Nos despedimos, finalmente, na porta de Brocklehurst Arms. Cada uma tomou seu rumo. Ela dirigiu-se para perto de Lowood, onde pegaria o transporte para Gateshead. Eu tomei o veículo que me levaria às minhas novas obrigações e a uma nova vida, nos desconhecidos arredores de Millcote.

C A P Í T U L O X I

Um novo capítulo num romance é como um novo ato numa peça teatral. E desta vez, quando eu levantar a cortina, leitor, deve imaginar que está num quarto da Hospedaria George, em Millcote. As paredes são forradas pelo mesmo papel de parede estampado que todos os quartos de estalagem têm; possui o mesmo carpete, o mesmo mobiliário, os mesmos ornamentos sobre a lareira, as mesmas gravuras, incluindo um retrato de George III e outro do Príncipe de Gales, e uma representação de morte de Wolfe. Tudo isso pode ser visto à luz de uma lamparina a óleo que pende do teto e ao clarão do excelente fogo, junto ao qual estou sentada de capa e chapéu. Minha sombrinha e o agasalho estão sobre a mesa. Estou tentando me aquecer para espantar o frio e o entorpecimento contraídos em dezesseis horas de exposição à crueza de um dia de outono. Deixei Lowton às quatro horas da manhã, e o relógio de Millcote acaba de bater oito da noite.

Bem, leitor, embora eu pareça confortavelmente instalada, não estou muito tranquila. Pensei que quando a diligência chegasse haveria alguém me esperando. Olhei ao redor ansiosamente, enquanto descia a escadinha de madeira colocada junto ao estribo para minha conveniência. Esperei ouvir o meu nome ser pronunciado, e ver uma carruagem qualquer esperando para me transportar a Thornfield. Não havia nada disso à vista. E quando perguntei a um atendente se alguém tinha perguntado

por Miss Eyre, recebi uma resposta negativa. Assim não tive outro recurso senão solicitar um quarto. E aqui estou à espera, enquanto todo o tipo de dúvidas e temores me assalta o espírito.

É uma sensação muito estranha para uma jovem inexperiente sentir que está totalmente sozinha no mundo, sem contato com qualquer parente, sem saber se o porto de destino pode ser alcançado e impedida, por muitas razões, de voltar ao lugar que deixou. A emoção da aventura atenua essa sensação, a chama do orgulho a aquece. Mas depois a pulsação

do medo volta a perturbar. Esse medo se tornou mais intenso quando, passada meia hora, eu ainda estava só. Resolvi tocar a campainha.

- Existe um lugar chamado Thornfield, aqui nas redondezas? – perguntei ao criado que atendeu ao chamado.
- Thornfield? Não sei, senhora. Vou perguntar no bar. E ele desapareceu, para reaparecer logo em seguida.
- Seu nome é Eyre, Miss?
- Sim.
- Tem uma pessoa lá embaixo lhe esperando.

Pulei, peguei meu agasalho e a sombrinha, e corri para a entrada. Um homem estava de pé junto à porta aberta, e à luz dos lampiões da rua pude ver vagamente um veículo atrelado.

- Esta é a sua bagagem? – disse ele de modo um tanto abrupto, apontando para o baú.

- Sim.

Colocou-o no veículo, que era uma espécie de caleça, e entrei. Antes que ele fechasse a porta perguntei-lhe a que distância ficava Thornfield.

- Mais ou menos dez quilômetros.

- Quanto tempo leva para chegar lá?

- Uma hora e meia, mais ou menos.

Fechou a porta do carro, subiu à boleia e partimos. Nosso progresso era lento, e tive bastante tempo para refletir. Sentia-me contente por estar tão perto do fim da jornada. Reclinei-me no assento do veículo, que era confortável, mas não elegante, e meditei à vontade.

Pensava comigo: “A julgar pela simplicidade da carruagem e do criado, acho que Mrs. Fairfax não é uma pessoa muito elegante. Melhor assim. Só uma vez vivi no meio de pessoas elegantes, e fui muito infeliz. Será que ela vive só, apenas com essa menina? Se for assim, e se ela for um pouquinho amigável, certamente nos daremos bem. Farei o melhor que puder. É uma pena que fazer o melhor nem sempre seja suficiente. Em

Lowood eu tomei essa resolução, perseverarei nela e tive sucesso. Mas com Mrs. Reed o meu melhor foi sempre tratado com desprezo. Peço a Deus que Mrs. Fairfax não seja uma segunda Mrs. Reed. E se for não fico com ela, de jeito nenhum! Pior por pior, sempre posso colocar outro anúncio. Quanto será que já rodamos?”

Baixei a janela e olhei para fora. Millcote ficara para trás, e a julgar pela quantidade de luzes devia ser um lugar de tamanho considerável, muito maior que Lowton. Agora estávamos numa espécie de propriedade comum, tanto quanto pude ver. Mas havia casas espalhadas por todo o caminho. Senti que estava numa região bem diferente de Lowood, mais populosa e menos pitoresca; mais movimentada e menos romântica.

Os caminhos estavam pesados e a noite enevoadada. O condutor deixou o cavalo trotar na maior parte do caminho, e a hora e meia se esticou para duas, pelo menos. Por fim ele voltou-se no assento e disse:

- A senhora não tá muito longe de Thornfield agora.

Olhei para fora de novo. Passávamos por uma igreja. Vi sua torre larga e baixa contra o céu; o sino batia o quarto de hora. Vi também uma estreita galáxia de luzes numa colina, assinalando um vilarejo ou aldeia. Dez minutos depois, o cocheiro desceu e abriu um portão. Passamos e o portão se fechou às nossas costas. Subimos lentamente uma rampa e chegamos à frente de uma ampla casa. A luz de um candeeiro

filtrava-se pela cortina de uma janela em arco. Tudo o mais estava escuro. O carro parou na frente da porta, que foi aberta por uma criada. Apeei-me e entrei na casa.

- Por aqui, por favor, madame - disse a moça.

Eu a segui através de um saguão rodeado de portas altas. Ela conduziu-me a uma sala duplamente iluminada, pelos candeeiros e pela lareira, o que a princípio me ofuscou, pelo contraste com a escuridão a que meus olhos tinham se habituado nas últimas duas horas. Quando consegui enxergar, no entanto, encontrei-me diante de um quadro agradável e delicioso.

Uma sala pequena e confortável. Uma mesa redonda ao lado da aconchegante lareira. E uma poltrona antiquada de espaldar alto, onde se sentava a mais caprichosa velhinha, com um chapéu de viúva, vestido de seda preta e um avental de musselina impecavelmente branco. Era exatamente como eu imaginara Mrs. Fairfax, apenas parecia menos imponente e mais suave. Estava ocupada em tricotar. Aos seus pés sentava-se um gato enorme e cheio de pose. Em resumo, não faltava nada para completar o ideal da felicidade doméstica.

Raramente se poderia imaginar uma recepção mais tranquilizadora para uma governanta nova. Não havia grandeza para oprimir, nem pompa para envergonhar. Logo

que entrei a velha senhora levantou-se prontamente, e veio ao meu encontro com a maior gentileza.

- Como vai, minha querida? Temo que sua viagem tenha sido muito aborrecida, John dirige tão devagar! Deve estar com frio, venha para junto da lareira.

- Miss Fairfax, imagino - disse eu.

- Sim, sou eu. Sente-se, por favor.

Levou-me até a sua própria cadeira, e começou a retirar meu xale e desatar as fitas do meu chapéu. Supliquei-lhe que não se incomodasse.

- Oh! Não é incômodo algum! Acho que suas mãos estão quase paralisadas de frio. Leah, traga um pouco de vinho do porto quente e uns dois sanduíches: aqui estão as chaves da despensa.

Tirou do bolso um típico chaveiro de dona-de-casa, e entregou-o à criada.

- Agora, chegue mais perto do fogo - ela continuou. - Trouxe sua

bagagem com você, não trouxe, minha querida?

- Sim, senhora.

- Vou mandar que levem para o seu quarto - disse, e saiu apressada.

“Ela me trata como uma visita” pensei. “Não esperava essa recepção, achei que encontraria frieza e secura. Isso não é nada parecido

com o que ouvi sobre o tratamento dispensado às governantas. Mas não devo cantar vitória tão cedo.”

Mrs. Fairfax retornou. Tirou o material de tricô e um ou dois livros que estavam sobre a mesa, para dar lugar à bandeja que Leah trouxe em seguida. Ela mesma serviu o lanche. Senti-me um pouco confusa por ser objeto de uma atenção maior do que jamais recebera na vida – ainda mais que vinha da parte da minha patroa e superiora. Mas como ela parecia não estar fazendo nada fora do comum, achei melhor aceitar sua cortesia sem protestar.

- Devo ter o prazer de conhecer Miss Fairfax ainda esta noite? – perguntei, depois de aceitar a refeição.

- O que você disse, minha querida? Eu sou um pouco surda – respondeu a boa senhora, aproximando o ouvido da minha boca.

Repeti a questão com mais clareza.

- Miss Fairfax? Ah, você quer dizer Miss Varens! Varens é o nome da sua futura aluna.

- É mesmo? Então ela não é sua filha?

- Não, não tenho filhos.

Eu teria prosseguido com as questões, perguntando de que modo Miss Varens se relacionava com ela, mas me dei conta que não seria educado fazer tantas perguntas. Além disso, saberia com o tempo.

- Estou tão feliz - ela disse, sentando-se à minha frente e pegando o gato no colo - estou tão feliz que tenha vindo. Será muito agradável viver aqui com uma companheira. Por certo que é bom a qualquer tempo, pois Thornfield é uma bela mansão antiga, talvez um pouco negligenciada nos últimos anos, mas ainda assim bastante respeitável. No inverno, porém, sentimos uma terrível solidão até nos melhores lugares. Quero dizer... Leah é uma boa moça, e John e a esposa são ótimas pessoas, mas, você sabe, são apenas criados, e não se pode conversar com eles em plano de igualdade. Deve-se manter a devida distância, ou então se perde a autoridade. No último inverno (que foi muito severo, você se lembra, quando não nevava, chovia e ventava) não recebemos nenhuma criatura aqui, a não ser o açougueiro e o carteiro, E assim desde novembro até

fevereiro. Fiquei realmente melancólica de sentar-me aqui sozinha, noite após noite. Pedia a Leah que lesse para mim às vezes, mas creio que a pobre moça não gosta muito disso, acha escravizante. Na primavera e no verão passamos melhor, o sol e os dias mais longos fazem muita diferença. E então, logo no começo do outono, a pequena Adele Varens veio com a

sua ama. Uma criança enche uma casa de vida. E agora que você está aqui, vou ficar bem feliz.

Meu coração ficou encantado com a velha senhora, enquanto a ouvia falar. Puxei minha cadeira um pouco mais para perto, e expressei meu sincero desejo de que ela achasse minha companhia tão agradável quanto imaginava.

- Mas não vou mantê-la acordada até tarde - disse Mrs. Fairfax - já é quase meia-noite, e você viajou o dia todo. Deve estar cansada. Se já aqueceu bem os pés vou mostrar-lhe o seu quarto. Mandei preparar o quarto ao lado do meu. É apenas um apartamento pequeno, mas creio que gostará mais dele do que dos quartos grandes da frente. É claro que os da frente têm uma mobília mais fina, mas são tão tristes e solitários que nem eu costumo dormir neles.

Agradei pelo cuidado na escolha e, como realmente me sentia cansada da longa viagem, declarei-me pronta para me retirar. Ela pegou o candeeiro e eu a segui. Primeiro verificou se a porta do vestíbulo estava trancada, depois retirou a chave da fechadura e dirigiu-se às escadas. Os degraus e o corrimão eram de carvalho, e a janela ao lado era alta e gradeada. Tanto a escada quanto o longo corredor para onde davam as portas dos quartos pareciam mais de igreja do que de residência. Um ar frio de cemitério as invadia, sugerindo tristes ideias de amplitude e solidão. Fiquei feliz quando finalmente entrei no meu quarto, pequeno e mobiliado em estilo moderno comum.

Mrs. Fairfax deu-me um gentil boa-noite e fechei a porta. Olhando tranquilamente em volta, senti que de certo modo se apagava a lúgubre impressão que me causara o amplo vestíbulo, a escadaria escura e espaçosa, e aquele corredor comprido e gelado. O meu pequeno quarto tinha um aspecto aconchegante e lembrou-me um céu seguro, após um dia de cansaço físico e ansiedade mental. Senti um impulso de gratidão tomar

conta do meu coração, ajoelhei-me ao lado da cama e dei graças a quem devia. Não me esqueci de pedir ajuda no meu caminho futuro, e o poder de merecer a bondade que me era oferecida tão generosamente antes mesmo que eu a merecesse. Minha cama não tinha espinhos naquela noite, e meu quarto solitário não abrigava temores. Contente e cansada ao mesmo tempo, logo dormi profundamente. Quando acordei já era dia alto.

O quarto parecia um pequeno cantinho brilhante, pois o sol filtrava-se pelas alegres cortinas de tecido azul. Meu espírito se animou com a visão das paredes forradas de papel e do piso acarpetado, tão diferente das tábuas nuas e do reboco manchado de Lowood. O ambiente tem uma grande influência sobre os jovens. Pensei que uma etapa nova e mais feliz da vida estava começando para mim, e que teria flores e prazeres, tanto quanto espinhos e trabalhos. Meus sentidos pareciam todos em movimento, animados pela mudança de cenário e

pelo novo campo que se oferecia às minhas esperanças. Não sei definir o que esperava, mas era algo agradável: não para hoje ou para este mês, mas para um período ainda indefinido no futuro.

Levantei-me e me vesti com cuidado. Obrigada à simplicidade – pois não possuía peça alguma de vestuário que não fosse extremamente modesta – era instada agora a ser mais caprichosa. Não tinha por hábito ser descuidada com a aparência, nem era indiferente à impressão que pudesse causar. Pelo contrário, sempre me esmerei para passar a melhor impressão possível, e agradar tanto quanto a minha falta de beleza me permitisse. Algumas vezes lamentava não ser bonita. Algumas vezes desejava possuir faces rosadas, nariz retilíneo e uma boquinha de cereja. Desejava ser alta, imponente e bem proporcionada. Achava um infortúnio ser tão pequena, tão pálida, e com traços tão angulosos e irregulares. E por que sentia essas aspirações e essas tristezas? Seria difícil dizer: não podia responder com certeza nem para mim mesma. Ainda assim havia uma razão, e bastante natural. No entanto, quando escovei o cabelo até brilhar, vesti meu vestido preto – que apesar do estilo puritano, pelo menos tinha o mérito de ser elegante – e ajustei o avental de imaculada brancura, pensei que parecia respeitável o suficiente para aparecer diante de Mrs. Fairfax, e que a minha nova aluna pelo menos não recuaría diante de mim com

antipatia. Abri a janela do quarto e verifiquei se deixara todos os artigos de toalete organizados sobre a mesa. Então, aventurei-me a ir em frente.

Atravessando o longo corredor coberto por painéis descí os escorregadios degraus de carvalho. Cheguei ao vestíbulo e parei ali por um minuto. Olhei para alguns quadros na parede (lembro-me bem que um deles representava um homem sinistro numa couraça, e outro uma dama de cabelo empoado e colar de pérolas). Vi também uma luminária de bronze que pendia do teto e um grande relógio cujo caixa era de carvalho e ébano, curiosamente esculpida e enegrecida pelo tempo. Tudo me parecia muito elegante e imponente, pois naquela época eu quase não estava acostumada ao luxo. A porta do vestíbulo, metade em vidro, estava aberta. Parei no limiar. Era uma bela manhã de outono. O sol brilhava sereno no arvoredo escurecido e nos campos ainda verdes. Avançando pelo gramado, olhei para cima e observei a fachada da casa. Tinha três andares e proporções consideráveis, embora não fosse vasta. O solar de um cavalheiro, não a vivenda de um nobre. As ameias ao longo do teto davam-lhe um ar pitoresco. Seu frontispício cinzento ficava nos fundos de um viveiro de gralhas, cujos inquilinos barulhentos estavam agora em pleno vôo: pairavam sobre o gramado e os terrenos, para pousar num grande prado, do qual estavam separados por um fosso profundo. Ali, um grupo de poderosos e antigos espinheiros – tão fortes, grandes e nodosos como carvalhos – finalmente explicava o nome dado à

mansão. Ao longe, as montanhas. Não tão grandiosas quanto aquelas que rodeavam Lowood, nem tão escarpadas, nem tão parecidas com um cordão de isolamento do mundo vivo. Mas suficientemente serenas e solitárias, parecendo abraçar Thornfield com uma solidão que eu não esperava encontrar num lugar tão perto da agitada Millcote. Uma pequena aldeia, cujos telhados eram pontuados por árvores, perdia-se pela encosta de uma dessas montanhas. A igreja da paróquia ficava perto de Thornfield. Sua antiga torre parecia um outeiro entre a casa e os portões.

Eu ainda estava apreciando a bela vista e o agradável ar fresco, ouvindo com prazer o grasnar das gralhas, observando a ampla e respeitável frente da casa, e pensando que era grande demais para uma velhinha solitária como Mrs. Fairfax morar, quando ela apareceu na porta.

- Como? Já está de pé? - disse ela. - Vejo que é madrugadora.

beijo.

Fui até ela, que me recebeu com um afável aperto de mãos e um

- O que está achando de Thornfield? Disse-lhe que estava gostando muito.

- Sim, é um belo lugar - ela disse - mas temo que acabe se

deteriorando, se Mr. Rochester não vier residir aqui permanentemente. Ou, ao menos, venha visitar-nos com mais frequência. Casas grandes e extensos campos necessitam da presença do dono.

- Mr. Rochester! - exclamei. - Quem é ele?

- O proprietário de Thornfield - ela respondeu tranquilamente. - Não sabia que ele se chama Rochester?

Claro que eu não sabia. Nunca nem ouvira falar dele... Mas a velha senhora parecia encarar a existência desse cavalheiro como uma verdade universalmente conhecida, que todos deviam conhecer por instinto.

- Pensei que Thornfield pertencesse à senhora - continuei.

- A mim? Deus lhe abençoe, minha filha! Que ideia! Imagine... eu sou apenas a encarregada da casa, a administradora. Na verdade sou parente distante dos Rochester, por parte de mãe, ou pelo menos meu marido era. Ele era o pastor de Hay... aquele vilarejo além da montanha. A igreja onde ele oficiava é aquela perto dos portões. A mãe de Mr. Rochester era uma Fairfax, prima em segundo grau do meu marido. Mas nunca tirei partido dessa ligação, na verdade não

representa nada para mim. Considero-me apenas uma encarregada comum. Meu empregador é sempre educado comigo, e não espero nada além disso.

- E a menina, minha aluna?
- Ela é apenas uma protegida de Mr. Rochester. Ele me encarregou de encontrar-lhe uma governanta, pretende que ela seja educada no condado, eu creio. Aí vem ela, com a sua “bonne”. Ela se refere à ama assim.

O enigma estava explicado, então: essa afável e bondosa viúva não era uma grande dama, mas uma subalterna como eu. Não a estimei

menos por isso, pelo contrário, fiquei mais feliz do que nunca. A igualdade entre nós era real, e não o resultado de alguma condescendência da parte dela. Tanto melhor... minha posição se tornava ainda mais livre.

Enquanto eu meditava sobre essa descoberta, uma menininha veio correndo pelo gramado, seguida pela ama. Olhei para minha aluna, que de início pareceu não perceber a minha presença. Era bem pequena, talvez sete ou oito anos, de constituição miúda, com uma face pálida de traços delicados e uma cascata de cachos caindo até a cintura.

- Bom dia, Miss Adele – disse Mrs. Fairfax. – Venha conhecer a dama que vai ser sua professora, e fazer de você uma moça instruída.

Ela se aproximou.

- C'est là ma gouvernante?[1] – disse ela, dirigindo-se à ama e apontando para mim.

- Mais oui, certainement.[2]

- Elas são estrangeiras? – perguntei, espantada de vê-las falando em francês.

- A ama é estrangeira, e Adele nasceu no continente. Creio que nunca saiu de lá até seis meses atrás. Quando veio para cá não falava uma palavra de inglês, agora já consegue falar um pouquinho. Eu não consigo entendê-la, ela mistura o inglês com o francês. Mas você vai entendê-la bem, imagino.

Felizmente eu tinha a vantagem de ter aprendido francês com uma francesa. Fazia questão de conversar com Madame Pierrot sempre que podia. Além disso, nos últimos sete anos, estudava um pouco de francês diariamente, sofrendo para imitar o mais possível a pronúncia da professora, por isso havia adquirido certo grau de correção e fluência na linguagem. Não era provável que tivesse alguma dificuldade com Mademoiselle Adele. Ela veio me apertar a mão, quando soube que eu iria ser sua governanta, e enquanto a acompanhava para tomar o café da manhã, dirigi-lhe algumas frases em sua própria língua. Adele respondeu laconicamente, no início. Porém, quando nos

sentamos à mesa, e depois de me examinar por dez minutos com seus grandes olhos cor de avelã, de repente começou a conversar sem parar.

- Ah! - disse ela, em francês. - Você fala a minha língua tão bem quanto Mr. Rochester. Posso falar com você como falo com ele, e Sophie também. Ela vai ficar contente, pois aqui ninguém entende o que ela fala. Madame Fairfax é toda inglesa. Sophie é a minha ama. Ela veio comigo pelo mar, num grande navio com uma chaminé que soltava fumaça... um monte de fumaça! Eu fiquei doente, e Sophie também, e Mr. Rochester também. Mr. Rochester ficava num divã num quarto bonito que chamavam de salão, e eu e Sophie ficamos em duas camas pequenas em outro quarto. Eu quase caí da minha, era que nem uma concha. E você, Mademoiselle... qual é o seu nome?

- Eyre... Jane Eyre.

- Aire? Ah! Não consigo falar isso direito... Bem, nosso navio parou de manhã, antes do dia nascer, numa grande cidade... uma cidade enorme, com casas muito escuras e cheia de fumaça. Não é nem parecida com a cidade limpa e bonita onde eu morava. E Mr. Rochester me carregou no colo por cima de uma prancha até a terra. Sophie veio depois e nós entramos numa carruagem, que nos levou para uma casa grande e bonita, maior e mais fina que esta, chamada de hotel. Ficamos

quase uma semana lá, e eu e Sophie saímos para passear todos os dias, num lugar grande e cheio de árvores chamado de parque. E tinha muitas crianças lá, além de mim, e um lago com uns pássaros bonitos. Eu dava migalhas para os passarinhos.

- Você consegue entendê-la, quando ela fala tão rápido? - perguntou Mrs. Fairfax.

Eu a entendia muito bem, pois estava acostumada com a língua fluente de Madame Pierrot.

- Gostaria que perguntasse a ela alguma coisa sobre seus pais - continuou a boa senhora. - Será que ela se lembra deles?

- Adele - eu perguntei - com quem você vivia quando morava nessa cidade limpa e bonita da qual me falou?

- Há muito tempo atrás eu vivia com a mamãe. Mas ela foi para junto da Virgem Santa. Mamãe me ensinava a dançar e cantar, e a dizer versos também. Muitos cavalheiros e damas importantes vinham ver a

mamãe, e eu costumava dançar para eles, ou então sentava no colo deles e cantava. Eu gostava muito disso. Quer me ouvir cantar agora?

Ela havia acabado a refeição, assim permiti que desse uma pequena amostra de seus talentos. Adele desceu da cadeira e veio sentar-se no meu colo. Depois, cruzando as mãos com

modéstia, jogando os cabelos para trás e levantando os olhos para o teto, começou a cantar uma ária de ópera. Tratava-se da história de uma dama abandonada, que vendo a perfídia do amado chama o orgulho em seu auxílio; deseja que ele a veja nas suas jóias mais brilhantes e nos mais ricos trajes, e resolve encontrar um falso amante no baile daquela noite, para provar-lhe, pela sua alegria e indiferença, quão pouco o abandono dele a afetou.

O tema parecia estranhamente inadequado para uma criança cantar. Imagino que o ponto alto da exibição consistia em ouvir as notas de amor e ciúme cantadas pela voz suave de uma criança. Mas era de muito mau gosto, pelo menos assim me pareceu.

Adele cantou com suficiente afinação, e com a ingenuidade própria da idade. Depois disso, pulou do meu colo e disse:

- Agora, mademoiselle, vou recitar um pouco de poesia. Assumindo uma postura teatral, ela começou:

- La ligue des rats: fable de La Fontaine[3].

Declamou o pequeno texto com toda atenção à pontuação, à ênfase, às nuances de voz e aos gestos, o que era muito incomum na sua idade – e provava que fora cuidadosamente treinada.

- Foi a sua mamãe que lhe ensinou isso? – eu perguntei.

- Sim, e ela sempre dizia assim: “Qu’avez vous donc? lui dit un des ces rats; parlez!”[4] Ela me fazia levantar a mão... assim... para me lembrar de levantar a voz quando dizia a pergunta. Agora quer que eu dance para você?
- Não, está bem assim. Mas depois que a sua mãe foi para junto da Virgem Santa, como você diz, com quem você vivia?
- Com Madame Frédéric e o marido dela. Ela tomou conta de mim, mas não é minha parenta. Acho que ela é pobre, pois a casa dela não

era tão linda como a da mamãe. Eu não fiquei muito tempo lá. Mr. Rochester me perguntou se eu gostaria de viver com ele na Inglaterra, e eu disse que sim. Eu conhecia Mr. Rochester antes de conhecer Madame Frédéric, e ele sempre era bom para mim e me dava lindos vestidos e brinquedos. Mas ele não cumpriu sua promessa, você vê, pois me trouxe para a Inglaterra, mas foi embora e eu nunca o vejo.

Depois da refeição, Adele e eu nos retiramos para a biblioteca, cuja sala Mr. Rochester determinou que fosse usada para as aulas. A maior parte dos livros estava trancada nas estantes envidraçadas. Uma das estantes, porém, fora deixada aberta, e continha todos os livros necessários para o ensino elementar e vários volumes de literatura leve, poesia, biografias, viagens, alguns romances, etc. Creio que ele considerou que isso era tudo que uma governanta poderia precisar para suas leituras.

E, na verdade, eles me satisfaziam amplamente no momento. Comparada com os raros volumes que eu tinha conseguido desencavar em Lowood, essa parecia uma farta colheita de entretenimento e informação. Nessa sala havia também um piano, novo em folha e de qualidade superior, além de um cavalete para pintura e um par de globos.

Achei minha aluna dócil o suficiente, ainda que pouco afeita à disciplina. Ela não estava acostumada a qualquer ocupação regular. Achei que seria pouco sensato confiná-la por muito tempo na primeira vez. Assim, depois de falar por bastante tempo e fazê-la aprender um pouquinho, já perto do meio-dia, permiti que voltasse para sua ama. Propus-me então a ocupar meu tempo até o almoço desenhando alguns esboços para utilizar nas aulas.

Estava subindo as escadas para pegar minha pasta e os lápis, quando Mrs. Fairfax me chamou:

- Já terminou as aulas da manhã, imagino.

Ela se encontrava num cômodo cujas portas estavam abertas. Entrei quando ela se dirigiu a mim. Era uma sala grande e imponente, com cadeiras cor de púrpura e cortinas, um tapete turco, as paredes forradas com painéis de noqueira, uma ampla janela de belos vidros sobrepostos, e um teto alto, finamente modelado. Mrs. Fairfax estava tirando o pó de alguns vasos de fina porcelana púrpura, arranjados sobre um aparador.

- Que sala bonita! – exclamei, olhando ao redor, pois nunca vira nada que tivesse nem metade dessa imponência.

- Sim, é a sala de jantar. Acabei de abrir as janelas, para deixar entrar um pouco de sol e de ar. Tudo fica muito úmido nas peças que são raramente habitadas. A sala de visitas, ali adiante, parece um túmulo.

Ela apontou para um enorme arco em frente à janela, fechado por uma cortina púrpura de Tiro, agora levantada. Subi até lá por dois largos degraus e, olhando para dentro, pensei vislumbrar um lugar paradisíaco, tão deslumbrante parecia aos meus olhos de noviça a visão daquele lugar. Ainda assim era apenas uma sala de visitas muito bonita, e anexa uma pequena sala íntima, ambas com carpetes brancos decorados com flores coloridas e brilhantes e tetos decorados em branco com cachos de uva e folhas de videira. Debaixo deles, em rico contraste, havia sofás e otomanas carmesins. Sobre o console da lareira parisiense em cor clara, havia ornamentos de cristal da Boêmia vermelho-rubi, e os enormes espelhos entre as janelas repetiam a mistura geral de neve e fogo.

- Como a senhora mantém esses cômodos bem cuidados, Mrs. Fairfax! – eu disse. – Não há poeira, nem panos cobrindo os móveis. Se não fosse o ar frio, daria para pensar que são usados todos os dias.

- Sabe, Miss Eyre, apesar das visitas de Mr. Rochester serem raras, são sempre repentinas e inesperadas. E como eu sei que ele se aborrece de ver tudo coberto por panos, e todos se agitando para arrumar as coisas quando ele chega, achei melhor manter as salas em ordem.
- Mr. Rochester é um tipo de homem meticoloso e detalhista?
- Não muito. Mas ele tem os gostos e hábitos de um cavalheiro, e espera ter as coisas arranjadas de acordo com isso.
- A senhora gosta dele? Ele é benquisto por todos?
- Oh, sim! A família sempre foi muito respeitada por aqui. Quase todas as terras nas vizinhanças, tanto quanto a vista alcança, pertencem aos Rochester desde tempos imemoriais.
- Mas deixando as terras de lado, a senhora gosta dele? Ele é estimado por si próprio?
- Não tenho motivos para não gostar. E acredito que seus arrendatários o considerem um senhorio justo e generoso, mas ele nunca viveu muito entre eles.
- E ele não tem peculiaridades? Como é o caráter dele?
- Oh! Seu caráter é irrepreensível, eu creio. Um tanto peculiar, talvez. Acho que ele já viajou muito e conhece quase o

mundo todo. Penso que é instruído, mas nunca conversei muito com ele.

- De que modo ele é peculiar?
- Não sei dizer ao certo... não é fácil de explicar. Não é nada surpreendente, mas você sente isso ao falar com ele. Nunca se pode dizer com certeza se ele está falando sério ou brincando, se está contente ou o contrário. Não dá para entendê-lo totalmente, pelo menos eu não consigo. Mas isso não tem importância, ele é um patrão muito bom.

Isso foi tudo que consegui de Mrs. Fairfax sobre o patrão dela e meu. Há pessoas que não sabem definir um caráter, ou observar e descrever os pontos importantes das pessoas ou das coisas. A boa senhora evidentemente pertencia a essa categoria. Minhas questões a confundiram, mas não a fizeram decidir-se. Aos olhos dela Mr. Rochester era apenas Mr. Rochester, um cavalheiro, um proprietário de terras... nada mais. Sua curiosidade terminava aí, e naturalmente se espantava com meu interesse em ter uma noção mais nítida da identidade dele.

Quando deixamos a sala de jantar, ela propôs mostrar-me o resto da casa. Eu a segui para cima e para baixo, pasma de admiração, pois tudo era bonito e bem decorado. Os quartos da frente eram especialmente grandes e imponentes, e alguns do terceiro andar, embora escuros e abafados, tornavam-se interessantes pelo seu ar de antiguidade. Os móveis dos

quartos mais baixos eram eventualmente levados para lá, à medida que a moda mudava. E a iluminação deficiente, proporcionada pelas janelas estreitas, mostrava cabeceiras de cama de cem anos atrás; baús em carvalho ou noqueira com estranhos relevos de palmas ou cabeças de querubins, parecidos com as arcas hebraicas; fileiras de veneráveis cadeiras, estreitas e de espaldar alto; bancos ainda mais antiquados, cujos assentos estofados mostravam os traços de antigas tapeçarias, tecidas por dedos que estavam na poeira do túmulo há duas gerações. Todas essas

reliquias davam ao terceiro andar de Thornfield Hall o aspecto de um lar do passado, um santuário da memória. Eu gostava da quietude, da escuridão e do aspecto exótico desses ambientes retirados, mas apenas durante o dia. Jamais me permitiria passar a noite numa daquelas camas largas e pesadas. Alguns dos quartos eram fechados por portas de carvalho, outros por tapeçarias inglesas antigas, com trabalhos rústicos representando estranhas flores, pássaros bem mais estranhos, e seres humanos mais estranhos ainda... Tudo isso teria parecido bem estranho, de fato, à pálida luz do luar.

- Os criados dormem nesses quartos? - perguntei.
- Não, ocupam um grupo de apartamentos menores nos fundos. Ninguém nunca dorme aqui. Pode-se até dizer que, se existe um fantasma em Thornfield Hall, esse seria o seu refúgio.

- Também acho. Então não há fantasmas aqui?
- Que eu saiba, nenhum – respondeu Mrs. Fairfax, sorrindo.
- Nem sequer uma tradição? Não há nenhuma lenda ou história de fantasmas?
- Acho que não. Ainda assim dizem que os Rochester eram um tanto violentos em épocas passadas. Talvez seja por isso que agora dormem tranquilos nos seus túmulos.
- Sim... “depois da febre festiva da vida, eles dormem bem”[5] – eu murmurei. – Mas onde está indo, Mrs. Fairfax?
- Vou até o terraço. Quer ver a vista de lá?

Eu a segui por uma escada muito estreita até o sótão. Dali, subimos por uma escadinha de ferro e, depois de abrir um alçapão, saímos no telhado. De onde estava agora eu podia ver os ninhos dos corvos. Inclinando-me sobre as ameias, olhei à distância para os campos dispostos como num mapa. O gramado brilhante e aveludado que circundava a base cinza da mansão. O vasto parque coberto de árvores antigas. O bosque, escuro e cerrado, atravessado por um caminho visivelmente coberto de vegetação, mais verde com o musgo do que as árvores com a folhagem. A igreja e os portões, a estrada, as montanhas tranquilas, tudo repousava sob o sol daquele dia de outono. O horizonte limitado por um oportuno céu

azul, que as nuvens pintavam com tufos de branco-perolado. Não havia nada de extraordinário naquela cena, mas tudo era agradável. Quando desci e passei de novo pelo alçapão, mal podia enxergar a escada abaixo. O sótão parecia negro como um túmulo, comparado ao arco de céu azul que havia me encantado, e ao ensolarado cenário do bosque, das pastagens e das montanhas verdes em cujo centro ficava a casa – e que eu admirara com tanto deleite.

Mrs. Fairfax ficou para trás um momento, para fechar o alçapão. Tateando às cegas, achei a entrada para o sótão e comecei a descer pela estreita escadinha. Entrei pelo longo corredor que separava os quartos da frente e dos fundos, no terceiro andar. O corredor era estreito, abafado e escuro, com apenas uma pequena janelinha no final e – com suas longas fileiras de portas fechadas, pequenas e escuras – parecia com alguma passagem do castelo do Barba Azul.

Enquanto caminhava sem fazer barulho, o último som que eu esperava ouvir num lugar tão quieto feriu-me os ouvidos: um riso. Era um riso curioso: distinto, maquinal e horripilante. Parei. O riso cessou, mas apenas por um instante. Depois recomeçou mais alto, pois a princípio, apesar de distinto, era muito baixo. Expandia-se pelo ar numa enorme gargalhada, que parecia provocar um eco em cada quarto vazio. A origem do riso estava num daqueles quartos, e eu podia apontar a porta da qual ele vinha.

- Mrs. Fairfax! – chamei, ao ouvi-la descendo as escadas. – A senhora está ouvindo esse riso alto? De quem é?
 - De alguma das criadas, provavelmente – ela respondeu. – Talvez Grace Poole.
 - A senhora está ouvindo? – perguntei de novo.
 - Sim, claramente. Eu a escuto muitas vezes. Ela costuma costurar num desses quartos, às vezes Leah a acompanha. Elas fazem um bocado de barulho juntas.
- O riso repetiu-se num tom mais grave, silábico, e terminou num murmúrio estranho.
- Grace! – exclamou Mrs. Fairfax.

Eu realmente não esperava que nenhuma Grace respondesse. O riso era o mais trágico e sobrenatural que eu já ouvira. E, se não fosse pleno meio-dia, se eu não soubesse que os fantasmas não se fazem acompanhar desse curioso gargalhar, e se o cenário e a beleza da estação não espantassem o pânico, teria sentido um medo supersticioso. No entanto, o acontecimento me mostrou que eu era uma tola por mostrar até mesmo alguma surpresa.

Abriu-se a porta mais próxima e uma criada apareceu – mulher entre trinta e quarenta anos, figura quadrada e rígida, ruiva, rosto duro e comum. Dificilmente se poderia imaginar uma figura menos romântica ou menos fantasmagórica.

- Está fazendo muito barulho, Grace – disse Mrs. Fairfax. –
Lembre-se das ordens!

Grace fez uma reverência em silêncio e saiu.

- É uma pessoa que temos para costurar e ajudar Leah com
o trabalho da casa – continuou a viúva. – Embora não seja
perfeita, sabe fazer algumas coisas suficientemente bem. Por
falar nisso, como se saiu com sua aluna hoje de manhã?

Assim, a conversa mudou para Adele, e continuamos até
chegar ao iluminado e acolhedor andar térreo. Adele veio
correndo em nossa direção, exclamando:

- Mesdames, vous êtes servies! – e acrescentou – J’ai bien
faim,

moi![6]

Encontramos o almoço pronto e esperandopor
nós no

apartamento de Mrs. Fairfax.

[1] Em francês no original: “É a minha governanta?”

[2] Em francês no original: “Sim, certamente.”

[3] Em francês no original: “A liga dos ratos: fábula de La Fontaine.”

[4] Em francês no original: “Que é que você tem? diz-lhe um dos ratos; fale!”

[5] Citação de Shakespeare, em “Macbeth”, ato III, cena II. No original: “After life’s feastful fever he sleeps well”.

[6] Em francês no original: “Senhoras, o almoço está servido! Estou com muita fome!”

C A P Í T U L O X I I

A perspectiva de uma carreira tranquila, que a minha calma introdução à Thornfield Hall parecia prometer, não foi desmentida com o conhecimento mais profundo do lugar e dos seus habitantes. Mrs. Fairfax revelou-se o que realmente parecia: uma pessoa de temperamento plácido, natureza bondosa, boa educação e inteligência mediana. Minha aluna era uma menina viva, que havia sido mimada, e por isso às vezes era um tanto voluntariosa. Mas como foi confiada inteiramente aos meus cuidados, e não havia interferência de parte alguma que prejudicasse meus planos para sua educação, ela logo esqueceu seus pequenos ataques e tornou-se obediente e dócil. Não possuía grandes talentos, nenhum traço marcante de caráter, nenhum desenvolvimento singular de gosto ou sentimentos que a elevasse uma polegada sequer acima do nível normal da infância. Mas também não tinha deficiência ou vício algum que a deixasse abaixo disso. Fez progressos razoáveis, e mantinha por mim uma ardente afeição, embora talvez não fosse profunda. E sua simplicidade, sua alegre tagarelice e seus esforços para me agradar, inspiraram-me, em retorno, um grau de afeição suficiente para deixar a nós ambas contentes com o relacionamento.

Isso, verdade seja dita, seria chamado de frieza de linguagem por aquelas pessoas que nutrem solenes doutrinas sobre a natureza angelical das crianças e a obrigação das pessoas

encarregadas da sua educação de lhes votar uma idolatrada devoção. Mas não estou escrevendo para exaltar a vaidade dos pais, fazer eco à hipocrisia ou apoiar falsidades. Estou apenas dizendo a verdade. Sentia uma conscienciosa preocupação com o bem estar e o progresso de Adele, e um grande apreço por seu pequenino ser, da mesma forma que era grata a Mrs. Fairfax pela sua bondade, e pelo prazer da sua companhia, proporcionado pelo tranquilo afeto que ela tinha por mim e a moderação de sua mente e caráter.

E quem quiser pode culpar-me, se eu ainda disser mais do que isso. Vez por outra, quando fazia uma caminhada sozinha pelo parque, ou quando ia até os portões e olhava a estrada mais além, ou então – enquanto Adele brincava com a ama e Mrs. Fairfax fazia geleias na despensa – subia os três lances de escada, levantava o alçapão do sótão e chegava até as ameias, olhando em direção às montanhas e campos e mais além da vaga linha do horizonte... que eu aspirava um poder de visão que pudesse transpor aquele limite. Que atingisse o mundo movimentado, as cidades e regiões trepidantes de vida de que ouvira falar, mas nunca vira. Nesses momentos desejava mais experiência prática do que possuía, mais relacionamento com a minha espécie, mais conhecimento das variedades de caráter do que eu tinha ao meu alcance. Valorizava o que havia de bom em Mrs. Fairfax e em Adele,

mas acreditava na existência de outros e mais vívidos tipos de bondade. E o que eu supunha existir, queria ver de perto.

Quem poderia culpar-me? Muitos, sem dúvida, e me chamariam de descontente. Mas eu não podia evitar: a inquietação estava na minha natureza e às vezes arrastava-me ao sofrimento.

Então, meu único consolo era caminhar pelo corredor do terceiro andar, de um lado a outro, segura no silêncio do lugar, e deixar que os olhos da mente pousassem nas brilhantes visões que surgiam diante deles. E, certamente, eram profundas e radiantes. Assim permitia que o meu coração suspirasse pelo movimento exultante, que apesar de lançá-lo num turbilhão, enchia-o de vida. E, melhor do que tudo, abria o meu ouvido interior para um conto que nunca tinha fim – um conto que minha imaginação criara e narrava continuamente. História cheia de acontecimentos, de vida, fogo, sentimentos e emoção – coisas que eu desejava e não possuía na minha vida atual.

É inútil dizer que os seres humanos devem contentar-se com a tranquilidade. Eles precisam de ação. E tem que buscá-la, se ela não vier ao seu encontro. Milhões são condenados a uma vida mais pacata do que a minha, e milhões se revoltam em silêncio contra a sorte. Ninguém sabe quantas rebeliões, além das políticas, fermentam nas massas de homens ao redor da terra. Supõe-se que as mulheres devem ser bem calmas, geralmente, mas elas sentem o mesmo que os homens. Precisam de exercício para suas faculdades mentais, e campo para os seus esforços,

tanto quanto seus irmãos. Sofrem com restrições muito rígidas, com a estagnação absoluta, exatamente como os homens devem sofrer na mesma situação. E é uma estreiteza de mente de seus companheiros mais privilegiados dizer que elas devem ficar limitadas a fazer pudins, tricotar meias, tocar piano e bordar bolsas. É insensatez condená-las, ou rir delas, se procurarem fazer mais ou aprender mais do que o costume determinou que é necessário ao seu sexo.

Quando estava assim sozinha, frequentemente ouvia a risada de Grace Poole. A mesma gargalhada, o mesmo baixo e lento ha! ha! ha! – que me fizera tremer ao ouvi-lo pela primeira vez. Ouvia também seus murmúrios excêntricos, mais estranhos que seu riso. Havia dias em que ela ficava quase em silêncio, mas em outros suas risadas eram incontáveis. Algumas vezes a via, saindo do quarto com uma tigela, um prato ou uma bandeja na mão, indo até a cozinha e voltando rapidamente, geralmente (ah! leitor romântico, perdoe-me se digo a simples verdade!) carregando uma caneca de cerveja preta. Sua aparência sempre parecia uma ducha de água fria na curiosidade despertada por suas esquisitices orais: feições grosseiras e sombrias, não tinha nada para atrair o interesse. Fiz algumas tentativas para conversar, mas ela parecia uma pessoa de poucas palavras: uma resposta monossilábica geralmente cortava qualquer tentativa desse tipo.

Os outros membros da casa, a saber, John e a esposa, Leah, a responsável pelo cuidado da casa e Sophie, a ama francesa, eram boas pessoas, mas sem maiores atrativos. Com Sophie eu falava francês, e algumas vezes lhe fazia perguntas sobre sua terra natal. Mas ela não tinha pendor para a narração ou descrição, e normalmente dava respostas tão insípidas e confusas que mais pareciam destinadas a desestimular do que a incentivar perguntas.

Outubro, novembro e dezembro passaram. Certa manhã de janeiro, Mrs. Fairfax pediu-me que desse uma folga para Adele, que estava resfriada. E como Adele secundou o pedido com um ardor que me lembrou o quanto eram preciosos os feriados que eu tinha na minha infância, acabei por concordar. Achei que tinha feito bem em ceder aos pedidos. Era um dia bonito e calmo, embora frio. Cansei-me de ficar sentada na biblioteca durante toda aquela longa manhã. Mrs. Fairfax acabara de escrever uma

carta que precisava ser postada, assim coloquei o chapéu e a capa e me ofereci para levá-la ao correio em Hay. A distância até lá, três quilômetros, seria uma agradável caminhada numa tarde de inverno. Depois de ver Adele sentada em sua cadeirinha junto à lareira da sala de estar de Mrs. Fairfax, de ter dado a ela sua melhor boneca (que eu normalmente mantinha embrulhada em papel laminado dentro de uma gaveta) para brincar e um livro de histórias para variar de

distração, respondi com um beijo ao seu “Revenez bientot, ma bonne amie, ma chère Mlle. Jeannette”[1], e saí.

O terreno estava firme, o ar estava quieto e a estrada solitária. Caminhei depressa até me aquecer, depois diminuí o passo para apreciar e analisar os variados prazeres que a hora e a situação me ofereciam. O relógio da igreja bateu três horas quando passei junto ao campanário. O encanto daquele momento devia-se ao crepúsculo que se aproximava, ao sol poente com seu pálido calor. Eu já estava a um quilômetro e meio de Thornfield, num trecho da estrada famoso por suas rosas selvagens no verão e pelas nozes e amoras silvestres no outono. Ainda agora possuía alguns belos espinheiros, mas seu maior prazer consistia na total solidão e na calma das árvores nuas. Se um sopro de vento passasse, não faria barulho algum aqui, pois não havia nem um azevinho, nem uma sempre-viva para farfalhar, e os espinheiros e aveleiras nuas estavam tão imóveis quanto as pedras brancas e gastas que calçavam o meio da estrada. Mais ao longe, de cada lado do caminho, havia apenas as amplas pastagens, agora desertas. E os pequenos pássaros marrons, que voavam ocasionalmente nas sebes, pareciam dispersas folhas secas que se esqueceram de cair.

A estrada subia montanha acima, na direção de Hay. Chegando ao alto, sentei-me numa porteira que dava para um prado. Enrolada na capa e com as mãos abrigadas no agasalho, não sentia o frio, embora fosse intenso – como

provava o manto de gelo que cobria o caminho, onde alguns dias atrás havia um pequeno regato, agora congelado. Do lugar em que estava eu podia ver Thornfield à distância, lá embaixo. A casa cinza com suas ameias era a vista principal do vale. Seus bosques e os escuros ninhos de gralhas erguiam-se a oeste. Fiquei sentada até que o sol se escondeu atrás das árvores, onde mergulhou em reflexos brancos e vermelhos, cheios de brilho. Então olhei para o leste.

No alto da colina à minha frente surgiu a lua. Ainda pálida como uma nuvem, embora brilhando de quando em quando. Parecia cobrir o vilarejo de Hay que, meio perdido no meio das árvores, lançava ao ar a fumaça azul das suas poucas chaminés. Ainda faltava um quilômetro e meio, mas no silêncio absoluto eu podia ouvir seus suaves murmúrios de vida. Meu ouvido também captava o fluxo das águas, mas não saberia dizer em que pedras ou profundezas se moviam. Mas havia muitas montanhas para além de Hay e, sem dúvida, muitos regatos passavam por ali. Esse calmo entardecer traía tanto o rumor dos riachos próximos quanto o suspiro dos mais distantes.

Um ruído abrupto, ao mesmo tempo distante e nítido, sobrepôs-se a esses murmúrios e sussurros. Um toc-toc metálico, bastante audível, que suplantava o suave murmurar dos riachos. Como numa tela a sólida massa de um rochedo, ou o grosso tronco de um grande carvalho, pintados no primeiro

plano, suplantam a distante montanha azulada, o horizonte ensolarado e as nuvens indefinidas ao fundo, onde as tintas se misturam.

O ruído vinha da estrada: um cavalo se aproximava. Ainda estava encoberto pelas curvas do caminho, mas aproximava-se. Eu estava justamente deixando a porteira, mas como o caminho era estreito, fiquei sentada para esperar que ele passasse. Naquela época eu era muito jovem e todos os tipos de fantasias, belas e horríveis, acudiam à minha mente. As memórias das histórias de criança estavam lá, entre outras bobagens. E agora, ao recordá-las, minha juventude emprestava-lhes um vigor e uma vivacidade que a infância não poderia lhes dar. Enquanto esperava que o cavalo aparecesse em meio ao crepúsculo, lembrei-me de algumas das histórias de Bessie em que figurava um espírito da Inglaterra-do-Norte chamado de “Gytrash”. Na forma de uma mula, de um cavalo ou de um enorme cão, assombrava os caminhos desertos e às vezes atacava os viajantes retardatários, como aquele cavalo que agora vinha em minha direção.

Ele agora estava bem perto, apesar de fora de vista. Nesse momento, além do toc-toc, ouvi um roçar nas sebes, e um cão enorme surgiu, passando entre as aveleiras – um cão branco e preto que se destacava entre as árvores. Tinha a forma exata do Gytrash de Bessie – uma criatura parecida com um leão, com pelo longo e a cabeça enorme –

mas passou calmamente por mim, não me olhou no rosto com seus estranhos olhos caninos, como pensei que fosse fazer. Em seguida vi o cavalo – uma montaria alta, carregando um cavaleiro. O homem, um ser humano, afinal quebrou o encanto. Ninguém jamais montava o Gytrash – ele estava sempre sozinho. E os duendes, tanto quanto eu sabia, embora pudessem ocupar as mudas carcaças das bestas, dificilmente iriam cobiçar a forma comum de um homem. Esse não era um Gytrash – apenas um cavaleiro tomando um atalho para Millcote. Ele passou e eu segui meu caminho. Mas dei alguns passos e voltei-me: o som de um escorregão, a exclamação “Que diabos faço agora?” e um baque violento prenderam minha atenção. Homem e cavalo estavam no chão. O cavalo escorregara na lâmina de gelo que cobria o caminho. O cão acudiu, e vendo seu mestre em apuros e o cavalo relinchando, começou a latir até que as montanhas distantes ecoassem o som – que era muito forte, proporcional ao seu tamanho. Ele farejou em volta do grupo caído e correu para mim. Era tudo que podia fazer, não havia qualquer outro tipo de ajuda para chamar. Eu o obedeci e caminhei de volta em direção ao viajante, que a essa hora lutava para se livrar do animal. Pelos seus esforços vigorosos percebi que não estava muito ferido. Mas perguntei mesmo assim:

- Está ferido, senhor?

Acho que ele estava praguejando, mas não tenho certeza. No entanto, resmungava alguma coisa que o impedia de responder-me imediatamente.

- Posso ajudá-lo em alguma coisa? – perguntei de novo.
- Apenas fique afastada – ele respondeu, enquanto se levantava, primeiro sobre os joelhos, depois sobre os pés.

Fiz o que ele pedira. Então começou um tumulto de puxões, arquejos, bater de pés e algazarra, acompanhado de latidos e acuos que me manteve efetivamente alguns passos para trás. Mas não fui embora antes de ver o que aconteceria.

Finalmente ele teve sucesso. O cavalo se aprumou e o cão foi silenciado com um “Quieto, Pilot!” O viajante então abaixou-se e procurou sentir o pé e a perna, para ver se estavam ilesos. Aparentemente alguma coisa o afligia, pois ele parou na porteira que eu acabara de deixar e sentou-se.

Eu estava disposta a ser útil, ou pelo menos intrometida, pois voltei para junto dele.

- Se o senhor está ferido, posso tentar chamar alguém de Thornfield Hall ou de Hay.
- Obrigado. Eu me arranjo. Não tenho nenhum osso quebrado, foi só uma torção.

E novamente se levantou e testou o pé, mas o esforço resultou num “Ai!” involuntário.

Ainda havia um resquício de luz do dia, e como a lua estava brilhante eu podia vê-lo claramente. Estava envolto numa capa de viagem, com gola de pele e presilhas de metal. Não via muitos detalhes, mas notei de forma geral a altura mediana e o tórax consideravelmente largo. Tinha a face morena, de traços severos e semblante fechado. Seus olhos e sobrancelhas franzidas pareciam cheios de cólera. Já não era jovem, mas ainda não chegara à meia-idade. Trinta e cinco anos, talvez. Não tive medo dele, só um pouco de timidez. Se ele fosse um jovem cavalheiro, bonito e heroico, não teria ousado parar ali questionando-o contra sua vontade, e oferecendo meus serviços não solicitados. Eu raramente vira um jovem bonito, e nunca falara com um em toda a minha vida. Tinha uma reverência teórica pela beleza, a elegância, a galanteria e a fascinação. Mas se encontrasse essas qualidades encarnadas na forma masculina, saberia imediatamente que elas jamais poderiam ter simpatia por alguém como eu, e as teria evitado como faria com o fogo, a luz, ou qualquer coisa que fosse brilhante, mas hostil.

Se ao menos esse estranho tivesse sorrido e se mostrado bem humorado comigo, se tivesse dispensado minha oferta de ajuda de modo educado e agradecido, eu teria seguido meu caminho sem fazer mais perguntas. Mas o cenho franzido e a rudeza do viajante me deixaram à vontade. Mantive-me firme quando ele me acenou para ir embora, e anunciei:

- Enquanto o senhor não estiver em condições de montar, não posso deixá-lo neste lugar deserto a uma hora tão tardia.

Ele me encarou quando eu disse isso. Antes, mal tinha voltado os olhos na minha direção.

- Acho que você é quem deveria estar em casa agora - ele disse - se é que reside na vizinhança. De onde está vindo?

- Vim lá de baixo. E realmente não tenho medo de andar à noite, quando há luar. Posso ir correndo até Hay, com prazer. Na verdade, estou mesmo indo para lá postar uma carta.

- Então mora ali embaixo... quer dizer, na casa com as ameias? - e apontou para Thornfield Hall, sobre a qual o luar jogava uma luz esbranquiçada, mostrando-a distinta e pálida em meio aos bosques. Estes agora pareciam uma massa de sombra, em contraste com o céu do oeste.

- Sim, senhor.

- De quem é aquela casa?

- De Mr. Rochester.

- Conhece Mr. Rochester?

- Não, nunca o vi.

- Ele não reside lá, então?

- Não.

- Pode me dizer onde ele está?

- Não sei.
- Você não é uma criada, é evidente. Deve ser... - ele parou.

Passeou o olhar pelas minhas roupas que, como sempre, eram bastante simples: uma capa modesta de lã preta, um boné de castor preto. Nenhum deles tinha a metade da beleza necessária para o traje da criada de uma dama. Ele parecia indeciso quanto ao que eu era. Ajudei-o.

- Sou a governanta.
- Ah! A governanta! - ele repetiu. - Diabos me levem se eu não esqueci! A governanta! - E de novo a minha indumentária passou por um escrutínio.

Em dois minutos ele se levantou da porteira. Quando tentou se mover, sua expressão foi de dor.

- Não posso encarregá-la de buscar auxílio - ele disse - mas você mesma pode me ajudar um pouco, se fizer a bondade.
- É claro, senhor.
- Não teria uma sombrinha que eu possa usar como apoio?
- Não.
- Tente segurar as rédeas do cavalo e traga-o para mim. Não tem medo?

Eu teria medo de tocar num cavalo se estivesse sozinha, mas quando ele me pediu para fazê-lo dispus-me a obedecer. Tirei o agasalho das mãos e coloquei-o sobre a porteira. Tentei pegar as rédeas, mas o animal estava agitado e não me deixaria chegar perto da cabeça. Fiz vários esforços, todos em vão. Estava com um medo mortal de que ele me desse um coice. O viajante esperou, observando, durante algum tempo, e então deu uma risada.

- Bem - ele disse - já que a montanha nunca virá a Maomé, então terá que ajudar Maomé a ir até a montanha. Peço-lhe que venha até aqui.

Eu fui.

- Desculpe-me - ele continuou - a necessidade me obriga a utilizá-la.

Colocou uma mão pesada sobre o meu ombro e, apoiando-se em mim com algum esforço, moveu-se com dificuldade até o cavalo. Pegando o bridão, dominou-o e subiu para a sela. Fez uma careta enquanto subia, pois movimentara os músculos machucados.

- Agora - ele disse, distendendo os lábios - apenas me alcance o rebenque; ficou lá embaixo da porteira.

Fui procurá-lo e o trouxe.

- Obrigado. Agora se apresse para levar sua carta a Hay, e volte o mais rápido que puder.

Um toque da espora fez o cavalo agitar-se e retroceder, e então partiu. O cão seguiu apressado no rastro deles, e os três desapareceram de vista.

“Como a urze que no descampado, o vento selvagem dispersa”.[2]

Peguei meu agasalho e segui em frente. Para mim o incidente já estava encerrado. Foi um incidente, sem romance nem interesse em certo sentido. Ainda assim marcou com alguma agitação uma única hora de uma vida monótona. Minha ajuda foi pedida e foi necessária, e eu a tinha dado. Fiquei feliz por ter feito alguma coisa. Apesar de aspecto trivial e transitório da minha ação, tinha sido uma coisa ativa, e eu estava cansada da passividade da minha existência. O rosto, novo para mim, foi como um novo quadro introduzido na galeria da memória, e era diferente de todos que já estavam pendurados lá. Primeiro, porque era masculino. Depois porque era moreno, forte e severo. Ainda estava vivo na minha mente quando cheguei a Hay e despachei a carta no correio. Eu o via durante todo o caminho para casa, descendo a colina. Quando cheguei à porteira, parei um minuto, olhei ao redor e escutei, achando que poderia ouvir o barulho das patas de um cavalo, e de novo aparecesse um cavaleiro com uma capa e um cão parecido com o Gytrash. Vi apenas a encosta da montanha e um salgueiro desfolhado à minha frente, elevando-se reto e tranquilo na direção do luar. Ouvi apenas a fraca aragem

passando por entre as árvores que circundavam Thornfield, mais de um quilômetro adiante. E, quando olhei na direção do murmúrio, meus olhos percorreram a fachada da casa e viram luz numa das janelas. Lembrei-me de que já era tarde e apressei o passo.

Não gostei de voltar a Thornfield. Passar pelos portões era retornar à estagnação. Cruzar o saguão silencioso, subir a escada escura e entrar no meu pequeno quarto solitário, e então encontrar a tranquila Mrs. Fairfax e passar a longa noite de inverno com ela, e apenas com ela, seria como sufocar totalmente a suave excitação despertada pelo passeio... e mergulhar outra vez todos os meus sentidos nos grilhões invisíveis de uma vida uniforme e sossegada. De uma vida cujos privilégios de segurança e facilidades eu estava me tornando incapaz de apreciar. Que bem teria me feito, naquela época, ser jogada nas incertezas de uma vida de lutas, e aprender, com as experiências duras e amargas, a ansiar pela calma em

meio a qual eu agora me lamentava! Sim, tanto bem quanto teria feito uma longa caminhada a um homem cansado de ficar sentado numa cadeira “confortável demais”. E meu desejo de movimento, nas minhas atuais circunstâncias, era tão natural quanto teria sido o dele.

Demorei-me nos portões. Demorei-me no jardim. Fiquei andando de um lado a outro na calçada. As persianas da porta

envidraçada estavam abaixadas e eu não podia ver o interior. Tanto os meus olhos quanto o meu espírito pareciam querer afastar-se daquele triste casarão, daquela massa cinzenta cheia de células sombrias, e dirigir-se ao céu que se expandia sobre mim, como um mar azul sem manchas de nuvens. A lua se elevava em sua solene marcha para o alto, como se quisesse deixar para trás os topos das montanhas de onde surgira. E, cada vez mais alto, aspirava ao zênite – escura meia-noite na sua profundidade insondável e distância imensurável – e à companhia daquelas estrelas tremeluzentes que lhe seguiam o curso. Ao vê-las, sentia meu coração agitado e meu sangue latejando nas veias. Mas são as pequenas coisas que nos chamam de volta à terra: o relógio bateu no saguão, e foi o que bastou. Dei as costas à lua e às estrelas, abri uma porta lateral e entrei.

O saguão não estava escuro, nem iluminado apenas pela lâmpada de bronze pendurada no teto. Um brilho suave se alastrava por ele e pelos degraus mais baixos da escada de carvalho. Aquele fulgor róseo vinha da sala de jantar, cujas portas duplas estavam abertas e mostravam um esplêndido fogo na lareira, luzindo nos mármore e nos metais e revelando, na sua mais bela radiância, as tapearias púrpura e os móveis envernizados. Mostrava também um grupo de pessoas junto ao consolo da lareira. Mal tinha visto o grupo e me dado conta da mistura de vozes, entre as quais distingui a de Adele, quando a porta se fechou.

Apressei-me em direção à saleta de Mrs. Fairfax. Ali também havia um fogo, mas nenhum candeeiro e nem Mrs. Fairfax. Em vez disso, sozinho, sentado no tapete e olhando fixo para o fogo, vi um cão enorme, de longo pêlo branco e preto, bem parecido com o Gytrash da estrada. Era tão parecido que fui até ele e chamei “Pilot”, e aquela coisa levantou-se e veio farejar-me. Eu o acariciei e ele abanou a enorme cauda. Mas parecia uma criatura assustadora para se ficar sozinho e eu não atinava como viera

parar ali. Toquei o sino para pedirum candeeiro, e também uma explicação para a presença daquele visitante. Leah atendeu.

- Que cão é este?
- Ele veio com o patrão.
- Com quem?
- Com o patrão... Mr. Rochester. Ele acaba de chegar.
- É mesmo? E Mrs. Fairfax está com ele?
- Sim, e também Miss Adele. Estão na sala de jantar e John foi buscar o médico, pois o patrão sofreu um acidente. Seu cavalo caiu e ele machucou o tornozelo.
- E foi na estrada de Hay que o cavalo caiu?
- Sim, descendo a montanha. Escorregou no gelo.

- Ah! Pode me trazer um candeeiro, Leah?

Leah voltou com o candeeiro, seguida de Mrs. Fairfax, que repetiu as novidades. Acrescentou que Mr. Carter, o médico, já chegara e estava com Mr. Rochester nesse momento. Depois saiu apressada para providenciar o chá, e eu subi para trocar de roupa.

[1] Em francês no original: “Volte logo, minha boa amiga, minha cara Srta. Janete.”

[2] Verso do poeta irlandês Thomas Moore (1779/1852).

C A P Í T U L O XIII

Por ordem do médico, parece, Mr. Rochester foi cedo para a cama naquela noite. E também não se levantou cedo na manhã seguinte. Quando desceu foi para tratar de negócios. Seu procurador e alguns dos arrendatários haviam chegado, e esperavam para falar com ele.

Adele e eu tivemos que liberar a biblioteca, que seria necessária diariamente para receber os visitantes. Uma lareira foi acesa num dos apartamentos do andar superior, levei nossos livros para lá e arrumei-o para servir de sala de aulas. Durante a manhã percebi que Thornfield Hall estava mudada. Não havia mais aquela solidão de igreja. A cada hora soava uma batida na porta, ou o sino tocava. Havia gente também cruzando as escadas a todo o momento, e se ouviam novas vozes, em diferentes tons, no andar de baixo. Um sopro do mundo exterior corria pela casa. Agora havia um patrão. Para mim era melhor.

Não foi fácil ensinar Adele naquele dia. Ela não conseguia se concentrar. Passou o tempo correndo até a porta e olhando sobre o corrimão, para ver se conseguia vislumbrar Mr. Rochester. Ou procurava pretextos para ir ao andar de baixo, para a biblioteca, como eu sabiamente suspeitava, onde sua presença era indesejada. Então, quando me aborreci um pouco com ela e a fiz sentar-se quieta, continuou a falar sem parar em

seu “ami, Monsieur Edouard Fairfax de Rochester” como ela o chamava (eu ainda não ouvira seus prenomes) e a conjecturar quais os presentes que lhe trouxera. Parece que ele insinuara na noite passada que, quando seus pertences chegassem de Millcote, haveria uma pequena caixa que poderia interessá-la.

- Et cela doit signifier - disse ela - qu’il aura là dedans un cadeau pour moi, et peut-être pour vous aussi, mademoiselle. Monsieur a parlé de vous ; il m’a demandé le nom de ma gouvernante, et si elle n’était pas une petite personne, assez mince et un peu pâle. J’ai dit qu’oui: car c’est vrai, n’est pas, mademoiselle?[1]

Eu e minha aluna almoçamos na sala de Mrs. Fairfax, como de costume. À tarde nevou e fez frio, e ficamos na sala de aulas. No final da tarde permiti a Adele largar os livros e os trabalhos e correr para o andar de baixo, pois pelo relativo silêncio, e pelo cessar dos toques na campainha, imaginei que agora Mr. Rochester estaria livre. Sozinha, fui até a janela. Mas não conseguia ver nada lá fora, pois a fraca luz do crepúsculo somada aos flocos de neve que caíam sem cessar turvavam o ar, e impediam a vista até dos arbustos no gramado. Fechei a cortina e voltei para junto da lareira.

Estava olhando as brasas e imaginando uma paisagem, não muito diferente de uma gravura que vira do castelo de Heidelberg, no Reno, quando Mrs. Fairfax entrou, quebrando

com sua presença o belo mosaico que eu estivera montando, e espantando também alguns pensamentos indesejáveis, que começavam a povoar minha solidão.

- Mr. Rochester gostaria que você e a sua aluna tomassem chá com ele esta tarde, na sala de visitas - disse ela. - Ele esteve tão ocupado o dia todo, que não pôde solicitar sua companhia antes.

- A que horas ele toma chá?

- Às seis, ele gosta de fazer as refeições cedo aqui no campo. Seria melhor trocar seu vestido agora, vou junto para ajudá-la. Aqui está o candeeiro.

- É preciso trocar de roupa?

- Sim, seria melhor. Eu sempre me visto para a noite quando Mr.

Rochester está aqui.

Essa cerimônia adicional me pareceu um tanto pomposa. No entanto, dirigi-me ao quarto e, com a ajuda de Mrs. Fairfax, troquei meu vestido preto caseiro por outro de seda preta. Era o melhor que eu tinha e o único sobressalente, além de um cinza claro que, nas minhas noções de elegância adquiridas em Lowood, considerava por demais requintado e próprio apenas para ocasiões muito especiais.

- Coloque um broche - disse Mrs. Fairfax.

Eu tinha apenas um pequeno adorno de pérola, que Miss Temple me dera como recordação na minha despedida. Coloquei-o e descemos as

escadas. Pouco acostumada a estranhos, era como uma prova aparecer assim formalmente convocada à presença de Mr. Rochester. Deixei que Mrs. Fairfax tomasse a dianteira na sala de jantar, e fiquei à sua sombra enquanto cruzamos o aposento. Passando o arco, cuja cortina agora estava erguida, entramos na elegante sala.

Dois candeeiros brilhavam sobre a mesa e dois outros no consolo da lareira. Aquecendo-se à luz e ao calor de um soberbo fogo, jazia Pilot. Adele ajoelhava-se ao lado dele. Mr. Rochester, meio reclinado no sofá, apoiava o pé numa banquetta estofada e olhava para Adele e o cão. A luz do fogo atingiu em cheio a sua face. Reconheci o meu viajante, com suas sobrancelhas espessas e arqueadas, a fronte quadrada, ainda mais angulosa pelo corte horizontal do cabelo negro. Reconheci o nariz enérgico, mais notável pelo caráter do que pela beleza e as narinas infladas que eu julgava denotarem irritação. A boca, o queixo e a mandíbula eram cruéis... sim, todos os três eram bastante cruéis, posso afirmar. A silhueta, agora sem a capa, me pareceu em harmonia com a fisionomia quadrada. Achei que era uma bela figura, no sentido atlético do termo. Peito largo e corpo esbelto, embora não fosse alto nem gracioso.

Mr. Rochester devia ter sido avisado da entrada de Mrs. Fairfax e minha, mas parecia não querer notar a nossa presença. Nem sequer levantou a cabeça enquanto nos aproximávamos.

- Aqui está Miss Eyre, senhor - disse Mrs. Fairfax, no seu modo calmo.

Ele fez uma pequena reverência, sem tirar os olhos da criança e do cachorro.

- Convide Miss Eyre a sentar - disse ele.

Havia algo na sua cortesia forçada, no tom impaciente apesar de formal, que parecia dizer: "Que diabos me interessa se Miss Eyre está aqui ou não? Nesse momento não tenho disposição para prestar atenção nela."

Sentei-me com bastante desembaraço. Uma recepção de fina polidez provavelmente teria me deixado acanhada, pois não poderia retribuí-la com a graça e a elegância necessárias. Mas essa atitude grosseira não me obrigava a nada. Pelo contrário: uma quietude decente

diante de tais maneiras excêntricas me deixava em vantagem. Além disso, a excentricidade da sua atitude era instigante: senti vontade de ver o que ele faria em seguida.

Ele fez o que faria uma estátua, isto é, nem falou nem se moveu. Mrs. Fairfax pareceu achar que alguém devia ser amável, e começou a falar. Bondosamente, como sempre... e também, como sempre, um tanto trivial. Lamentou que a pressão dos negócios tivesse absorvido todo o seu dia, ainda mais com o aborrecimento dessa dolorosa torção, e elogiou a paciência e empenho dele em manter os compromissos.

- Gostaria de um pouco de chá, madame - foi a única resposta que ela obteve.

Mrs. Fairfax tocou a sineta e, quando chegou a bandeja, passou a arrumar as xícaras e colheres com a diligência do costume. Eu e Adele fomos para a mesa, mas o patrão não deixou o sofá.

- Pode alcançar a xícara de Mr. Rochester? - pediu-me Mrs. Fairfax. - Adele é capaz de derramar...

Fiz o que ela pediu. Enquanto ele pegava a xícara das minhas mãos, Adele, achando o momento propício para fazer um pedido a meu favor, exclamou:

- N'est pás, monsieur, qu'il y a um cadeau pour Mademoiselle Eyre dans votre petit coffre?[2]

- Quem falou em "cadeaux"?- disse ele, rispidamente. - Espera algum presente, Miss Eyre? Gosta de presentes?

E procurou meu rosto com seus olhos negros, irados e penetrantes.

- Não saberia dizer, senhor. Tenho pouca experiência deles: costumam dizer que são agradáveis.
- Costumam dizer? Mas o que você pensa?
- Acho que precisaria de tempo, senhor, antes que possa dar-lhe uma resposta digna de sua aprovação. Um presente pode ter muitos significados, não é? E devem-se considerá-los todos, antes de opinar sobre a sua natureza.

- Miss Eyre, você não é tão ingênua quanto Adele. Ela me pede um “cadeau” abertamente, sempre que me vê. Você rodeia o assunto.
- Porque tenho menos confiança nos meus méritos do que Adele. Ela pode dispor da vantagem de um conhecimento antigo e também do hábito, pois diz que o senhor costuma lhe dar brinquedos. Mas se eu tivesse que alegar alguma coisa ficaria embaraçada, pois sou apenas uma estranha, e não fiz nada para merecer um agradecimento.
- Oh! Não precisa ser tão modesta! Observei Adele e vi que você tem se esforçado bastante com ela. Adele não tem talentos e nem é brilhante, ainda assim melhorou muito em pouco tempo.
- Bem, senhor, acaba de me dar o meu “cadeau”. É muito amável. Essa é a recompensa mais cobiçada pelos professores: o elogio ao progresso dos alunos.

- Hum! – exclamou Mr. Rochester, e tomou o chá em silêncio.
- Venham para perto do fogo – ordenou o patrão, quando a bandeja foi retirada.

Mrs. Fairfax sentara-se a um canto com seu tricô, enquanto Adele me levava pela mão em volta da sala, mostrando os belos livros e ornamentos nos consolos e armários. Nós obedecemos, como manda a obrigação. Adele quis sentar-se no meu colo, mas lhe mandaram brincar com Pilot.

- Então mora na minha casa há três meses?
- Sim, senhor.
- E vem de...?
- Da escola de Lowood, senhor.
- Ah! Uma instituição de caridade. Quanto tempo ficou lá?
- Oito anos.
- Oito anos! Deve ser muito resistente. Acho que metade desse tempo num lugar como aquele deve acabar com a saúde de qualquer um! Não é de estranhar que tenha esse olhar do outro mundo. Pensava em como tinha conseguido esse tipo de cara. Quando veio em minha direção na

estrada de Hay, na noite passada, pensei em contos de fadas e estive a ponto de perguntar se havia enfeitiçado meu cavalo. E ainda não tenho certeza se não o fez. Quem são os seus pais?

- Não tenho pais.
- Nunca teve, imagino. Lembra-se deles?
- Não.
- Achei que não. Então estava esperando pelo seu povo sentada naquela cancela?
- Esperando quem, senhor?
- Pelos homenzinhos de verde. Era uma noite de lua cheia, propícia a anõezinhos. Será que apareci durante a sua ronda, para que você espalhasse aquele gelo na estrada?

Balancei a cabeça.

- Os anõezinhos todos abandonaram a Inglaterra centenas de anos atrás – eu disse, falando de modo tão sério quanto ele.
- E nem mesmo na estrada de Hay, ou nos campos ao redor, encontrará algum traço deles. Acho que nenhum verão, ou colheita, ou lua de inverno, jamais voltarão a alegrar os seus divertimentos.

Mrs. Fairfax largara o tricô e, de sobrancelhas erguidas, parecia perguntar-se que tipo de conversa era aquela.

- Bem – retomou Mr. Rochester – se você nega ter pais, deve ter algum tipo de parentes: tios e tias?

- Não, nenhum que eu conheça.
- E a sua casa?
- Não tenho casa.
- E onde vivem seus irmãos e irmãs?
- Não tenho irmãos nem irmãs.
- Quem lhe recomendou para este posto?
- Coloquei um anúncio, e Mrs. Fairfax respondeu.

- Foi - interpôs Mrs. Fairfax, que agora sabia pelo menos o terreno em que pisava. - E todos os dias agradeço à Providência pela escolha que me levou a fazer. Miss Eyre tem sido uma inestimável companhia para mim, e uma professora boa e carinhosa com Adele.
- Não se dê ao trabalho de definir-lhe o caráter - respondeu Mr. Rochester. - Elogios não vão me influenciar. Prefiro julgar por mim mesmo. Ela começou derrubando meu cavalo.
- Senhor?... - disse Mrs. Fairfax.
- Tenho que agradecer a ela por esta torção. Mrs. Fairfax parecia espantada.
- Miss Eyre, já viveu numa cidade?
- Não, senhor.
- Já teve muitas companhias?

- Ninguém, a não ser as alunas e professoras de Lowood. E agora os habitantes de Thornfield.
- Tem lido muito?
- Somente os livros que me caíram nas mãos. E eles não foram muito numerosos nem muito diversificados.
- Viveu uma vida de freira. Não há dúvida que conhece bem a religião. Brocklehurst, que eu acho que dirige Lowood, é um pastor, não é?
- Sim, senhor.
- E vocês, meninas, provavelmente o adoravam. Assim como num convento as religiosas adoram o seu mentor.
- Oh, não!
- Você é muito fria! Não! Imagine uma noviça não adorar o seu pastor! Parece blasfêmia.
- Eu não gostava de Mr. Brocklehurst, e não era a única. Ele é um homem muito duro, ao mesmo tempo pomposo e intrometido. Ele mandava cortar nossos cabelos, e para fazer economia comprava agulhas e fios ruins, que mal podíamos costurar.
- Que economia malfeita! – observou Mrs. Fairfax, que agora voltara a seguir o diálogo.
- E isso era tudo que tinham contra ele? – perguntou Mr.

Rochester.

- Ele nos fazia passar fome, quando era o único superintendente de Lowood, antes de o comitê ser constituído. E nos aborrecia com longos sermões, uma vez por semana; e com leituras noturnas diárias de livros indicados por ele, que tratavam de mortes súbitas e julgamentos. Tínhamos até medo de ir para a cama.

- Que idade tinha quando foi para Lowood?

- Dez anos.

- E ficou lá por oito anos, então agora tem dezoito? Assenti.

- A aritmética, como vê, é bastante útil. Sem ela eu mal poderia adivinhar a sua idade. É difícil determinar a idade, quando os traços e a aparência são tão inexpressivos quanto os seus. E o que aprendeu em Lowood? Sabe tocar piano?

- Um pouco.

- Claro, essa é a resposta padrão. Vá até a biblioteca – quer dizer, se desejar. Desculpe meu tom de comando. Estou acostumado a dizer “faça isso” e ser obedecido. Não posso alterar meus modos usuais por causa de uma nova hóspede. Vá até a biblioteca, então, leve um candeeiro com você. Deixe a porta aberta, sente-se ao piano e toque alguma coisa.

Saí, obedecendo as instruções.

- Já basta! – ele exclamou, alguns minutos depois. – Você toca um pouco, já vi. Como qualquer outra estudante inglesa. Talvez melhor que algumas, mas não toca bem.

Fechei o piano e voltei. Mr. Rochester continuou.

- Adele me mostrou alguns desenhos esta manhã e disse que foram feitos por você. Não sei se é totalmente obra sua. Teve a ajuda de um professor?

- Não, realmente – objetei.

- Ah! Feri o seu orgulho. Bem, traga-me a sua pasta, se pode garantir que os quadros são originais. Mas não dê sua palavra se não tiver certeza. Posso reconhecer uma cópia.

- Então não vou dizer nada, e o senhor julgará por si mesmo. Trouxe a pasta da biblioteca.

- Aproxime a mesa – ele disse.

Arrastei-a até o sofá. Adele e Mrs. Fairfax também se aproximaram para ver os desenhos.

- Não se amontoem! – disse Mr. Rochester – Peguem os desenhos da minha mão, assim que eu os vir. Mas não se empurrem para cima de mim.

Ele examinou com atenção cada esboço e cada pintura. Separou três delas. As outras foram afastadas, depois que as viu.

- Leve-as para a outra mesa, Mrs. Fairfax – ele disse – e olhe junto com Adele. Você (dirigindo-se a mim), volte para o seu lugar e responda às minhas perguntas. Vejo que essas pinturas foram feitas pela mesma mão. Essa mão é a sua?
- Sim.
- E quando encontrou tempo para fazê-las? Elas devem ter tomado muito tempo e alguma reflexão.
- Pinte-as nas duas últimas férias que passei em Lowood, quando não tinha mais o que fazer.
- E onde conseguiu os modelos?
- Na minha cabeça.
- Essa mesma cabeça que vejo agora sobre os seus ombros?
- Sim, senhor.
- Existe mais alguma coisa do mesmo gênero, aí dentro dela?
- Acho que deve haver. Ou melhor: espero que haja.

Ele espalhou as pinturas diante de si e observou-as outra vez, alternadamente.

Enquanto ele está ocupado com isso eu lhe digo, leitor, em que consistiam. Mas primeiro devo advertir que não eram nada de extraordinário. Os temas, realmente, tinham surgido vívidos na

minha mente. Enquanto eu os via com os olhos do espírito, antes de tentar transpô-los para o papel, eram admiráveis. Mas a minha mão nem sempre obedece à minha fantasia, e em cada caso acabou por produzir um pálido retrato do que eu havia concebido.

Eram aquarelas. A primeira representava nuvens baixas e lívidas, mesclando-se sobre um mar encapelado. Todo o fundo estava oculto, assim como o primeiro plano, ou melhor, os vagalhões mais próximos, pois não havia terra. Um raio de luz punha em relevo um mastro meio submerso, onde pousava um corvo marinho grande e escuro, com as asas salpicadas de espuma. Seu bico sustentava um bracelete de ouro cravejado de pedras preciosas, que eu pintara com as cores mais brilhantes que a minha paleta podia produzir e a mais esplêndida distinção que o meu lápis podia conferir. Embaixo do pássaro e do mastro, destacando-se na água esverdeada, jazia um cadáver de afogada. Um lindo braço era o único membro claramente visível, de onde o bracelete fora arrancado.

A segunda continha no primeiro plano apenas o agudo pico de uma montanha, com o capim alto e alguns ramos inclinados, como se fossem agitados pelo vento. Acima e além espalhava-se o céu azul profundo do crepúsculo. Erguendo-se para o alto estava o busto de uma mulher, pintado com as tintas mais sombrias e suaves que eu conseguira combinar. A fronte pálida era coroada por uma estrela, e os traços do corpo visíveis através de uma névoa difusa. Os olhos brilhavam, escuros e

selvagens. O cabelo esvoaçava vagamente, como uma nuvem de tormenta atravessada por um raio ou uma descarga elétrica. No colo via-se um suave reflexo do luar. O mesmo pálido reflexo tocava a massa de finas nuvens, de onde saía e se inclinava esta visão da Estrela Vésper.

A terceira mostrava a ponta de um iceberg perfurando um céu de inverno polar. A aurora boreal erguia seus pálidos e cerrados raios ao longo do horizonte. Tudo isso ficava ao fundo, para deixar transparecer no

primeiro plano uma cabeça colossal, apoiada na massa de gelo do iceberg. Duas mãos diáfanas e juntas, dispostas no primeiro plano, abriam um negro véu. Via-se apenas um semblante muito pálido, branco como os ossos, e um olho cavernoso e fixo, vazio de qualquer significado que não fosse o brilho vítreo do desespero. Sobre a testa, entre as dobras de um turbante de tecido negro, vago e inconsistente como uma nuvem, brilhava um halo de chamas pálidas, cravejado de lampejos de um matiz ainda mais pálido. Esse pálido crescente era “a imagem de uma coroa real” e o que ele coroava era “a forma que não tem forma”.

- Você estava feliz quando pintou esses quadros? -
perguntou então Mr. Rochester.

- Eu estava concentrada, senhor, e também feliz. Pintá-las representou, pelo menos, desfrutar de um dos maiores prazeres que já conheci.
- Isso não explica muita coisa. Seus prazeres, pelo que contou, têm sido poucos. Mas eu imagino que você estava numa espécie de êxtase artístico enquanto misturava e compunha essas tintas estranhas. Dedicava muito tempo do seu dia a elas?
- Não tinha nada mais a fazer, pois estava de férias. Trabalhava nelas da manhã até o meio-dia e do meio-dia à noite. Fui favorecida pela longa duração dos dias de verão.
- E ficou satisfeita com o resultado dos seus ardentes esforços?
- Longe disso. Ficava atormentada pelo contraste entre a minha inspiração e o meu trabalho. Em cada um dos casos, imaginei algo que eu fui inteiramente incapaz de realizar.
- Não inteiramente. Conseguiu transpor a sombra da sua ideia, mas não muito mais. Você não tinha suficiente técnica e habilidade artística para dar a forma completa à sua inspiração. Ainda assim, para uma colegial, os desenhos são muito singulares. Quanto aos temas, são sobrenaturais. Esses olhos na Estrela Vésper, você deve ter visto em algum sonho. Como pôde fazê-los tão claros, e ainda assim sem nenhum brilho? Pois o planeta acima domina os seus raios. E que

significado escondem na sua solene profundidade? E quem lhe ensinou a pintar o vento? Há uma

grande ventania nesse céu e no cume dessa montanha. Onde foi que viu Latmos?[3] Porque isto é Latmos!... Aqui estão! Pode guardá-los.

Eu mal tinha fechado os cordões da pasta quando, olhando para o seu relógio, ele disse abruptamente:

- São nove horas. O que acha que está fazendo, Miss Eyre, permitindo que Adele fique acordada até esta hora? Leve-a para a cama.

Adele foi beijá-lo antes de sair da sala. Ele suportou a carícia, mas pareceu apreciá-la apenas um pouco mais do que Pilot teria feito.

- Desejo-lhes boa noite - disse ele, fazendo um gesto com a mão em direção à porta, como se estivesse cansado da nossa companhia e quisesse nos dispensar. Mrs. Fairfax pegou o tricô, eu peguei a pasta e fiz uma reverência para ele. Recebi um frio aceno de cabeça em retribuição e saí.

- A senhora disse que Mr. Rochester não era uma pessoa esquisita, Mrs. Fairfax - observei quando me juntei a ela em seu quarto, após colocar Adele na cama.

- Bem, acha que ele é?

- Acho que sim. Ele é muito instável e rude.

- É verdade. Sem dúvida, ele pode parecer assim para uma estranha. Mas estou tão acostumada aos modos dele que nunca penso nisso. E se ele tem esquisitices de temperamento, merece ser perdoado.
- Por quê?
- Parte porque é da sua natureza, e nenhum de nós pode ir contra a própria natureza. E parte porque ele tem dolorosas recordações que o assaltam, e tornam seu espírito instável.
- O que houve?
- Problemas de família.
- Mas ele não tem família!
- Agora não, mas já teve. Ou pelo menos, parentes. Perdeu seu irmão mais velho faz alguns anos.
- Seu irmão mais velho?
- Sim. O atual Mr. Rochester não está de posse da propriedade há muito tempo. Faz apenas nove anos.
- Nove anos é um tempo razoável. Ele era tão ligado ao irmão para ainda estar inconsolável com a sua perda?
- Por quê? Não... talvez não. Creio que houve alguns desentendimentos entre eles. Mr. Rowland Rochester não foi muito correto com Mr. Edward. Parece que influenciou o pai contra ele. O velho senhor era muito apegado ao dinheiro e

ansioso por manter o patrimônio familiar intocado. Não queria dividir a propriedade para não desvalorizá-la, mas estava ansioso para que Mr. Edward fosse rico também, para manter o bom nome da família. E logo que ele atingiu a maioridade, foram tomadas algumas providências que não foram muito justas e provocaram uma grande discórdia. O velho Mr. Rochester e Mr. Rowland combinaram de colocar Mr. Edward numa posição que ele considerou humilhante, para que fizesse fortuna. Qual a exata natureza dessa posição eu nunca soube, mas seu espírito nunca superou o que sofreu com ela. Mr. Rochester não é de perdoar. Brigou com a família e por muitos anos viveu um tipo de vida errante. Não creio que tenha residido em Thornfield por mais de quinze dias, desde que a morte do irmão, sem deixar testamento, tornou-o dono da propriedade. E, no entanto, não admira que ele evite essa velha mansão.

- Por que ele a evita?
- Talvez ache que é muito sombria.

A resposta fora evasiva. Eu teria preferido algo mais positivo. Mas Mrs. Fairfax não queria, ou não podia, dar-me informações mais explícitas sobre a origem e natureza das provações de Mr. Rochester. Assegurou que era um mistério até mesmo para ela, e que tudo eram conjeturas. Na verdade, era evidente que pretendia que eu deixasse o assunto de lado, o que concordei em fazer.

[1] Em francês no original: “E isso significa que lá dentro tem um presente para mim, e talvez um para a senhorita. Mr. Rochester falou da senhorita; perguntou-me o nome da minha governanta, e se ela não era uma moça pequena, bem magra e um tanto pálida. Eu disse que sim: porque é verdade, não é, senhorita?”

[2] Em francês no original: “Não é verdade, senhor, que há um presente para a senhorita Eyre na sua pequena caixa?”

[3] Latmos, na mitologia grega é uma montanha onde a deusa Selene viu pela primeira vez e apaixonou-se por Eudimião, prometendo protegê-lo para sempre.

C A P Í T U L O XIV

Nos dias seguintes quase não vi Mr. Rochester. Durante as manhãs estava muito ocupado com os negócios, e à tarde os cavalheiros de Millcote e das vizinhanças costumavam visitá-lo, ficando às vezes para jantar. Quando seu tornozelo ficou bom o suficiente para permitir que montasse, passou a cavalgar durante boa parte do tempo. Talvez estivesse retribuindo as visitas, pois não voltava senão tarde da noite.

Nesse período, até mesmo Adele raramente era chamada à sua presença. Todo o meu relacionamento com ele limitava-se a um ocasional encontro no saguão, nas escadas, ou no corredor. Às vezes passava por mim com seu ar arrogante e frio, só demonstrando notar a minha presença com um cumprimento vago ou um olhar distante. Outras vezes fazia uma reverência ou sorria com a afabilidade própria de um cavalheiro. Suas mudanças de humor não me ofendiam, porque eu sabia que não tinha nada a ver com elas. O fluxo e o refluxo da maré tinham causas que não dependiam de mim.

Certa noite, ele tinha companhia para jantar e mandou pedir a minha pasta, sem dúvida para mostrar as pinturas. Os convidados partiram cedo para atender a um compromisso público em Millcote, conforme me informou Mrs. Fairfax. Como a noite estava chuvosa e fria, Mr. Rochester não os acompanhou. Logo que eles saíram, tocou a sineta e veio uma

mensagem para que eu e Adele descêssemos. Escovei o cabelo da menina e arrumei-a. Como eu usava o meu traje puritano usual não havia necessidade de retoques – tudo era muito simples e discreto, incluindo as tranças, para evitar desalinho. Descemos. Adele se perguntava se o petit coffre afinal tinha chegado, pois, devido a algum engano, sua chegada havia sido retardada. Ela teve sorte: ali estava ela, uma caixa pequena sobre a mesa, que vimos quando entramos na sala de jantar. Ela parecia saber disso por instinto.

- Ma boîte! Ma boîte![1] – exclamou, correndo em direção a ela.

- Sim, aí está a sua “boîte” finalmente. Leve-a para um canto, sua parisiense da gema, e divirta-se estripando-a – disse a voz profunda e um tanto sarcástica de Mr. Rochester, vinda das profundezas de uma imensa poltrona ao lado do fogo.

- E lembre-se – continuou ele – não me aborreça com detalhes do processo anatômico nem notícias sobre a condição das entranhas. Faça tudo em silêncio. Tiens-toi tranquille, enfant. Comprends-tu?[2]

Adele parecia nem precisar da recomendação. Já havia se retirado com o seu tesouro para um sofá e ocupava-se em desatar o nó que o prendia. Depois de remover esse empecilho e levantar algumas folhas de papel prateado, apenas exclamou:

- Oh ciel! Que c'est beau![3] – e quedou-se em extática contemplação.
- Miss Eyre está com você? – perguntou o patrão, levantando-se a meio na poltrona para lançar um olhar na direção da porta, junto à qual eu estava de pé.
- Ah, bem... venha sentar-se aqui – disse ele, puxando uma cadeira para perto da sua. E continuou – Não gosto muito da conversa das crianças porque, velho solteirão que sou, não tenho nenhuma recordação feliz associada à sua linguagem ceceada. Não conseguiria passar uma manhã inteira num tête-à-tête com um fedelho. Não afaste a cadeira, Miss Eyre, sente-se exatamente aí onde eu mandei... isto é, faça o favor. São tão confusas essas civilidades! Sempre me esqueço delas. Também não aprecio particularmente velhas senhoras simplórias. A propósito, tenho que me lembrar da minha, não posso esquecer-la. Afinal ela é uma Fairfax, ou foi casada com um, e dizem que o sangue é mais espesso do que a água.

Ele tocou a sineta e mandou chamar Mrs. Fairfax, que logo chegou, com a cestinha de costura na mão.

- Boa noite, madame. Eu a chamei com um propósito caridoso. Proibi Adele de falar comigo sobre os presentes e ela está queimando de impaciência. Tenha a bondade de servir-lhe de ouvinte e interlocutora. Será um dos atos mais benevolentes que a senhora já praticou.

De fato, assim que Adele viu Mrs. Fairfax chamou-a para o sofá, e então encheu-lhe o colo com os objetos de porcelana, de marfim e de cera da sua “boite”, enquanto despejava exclamações e mostras de enlevo, naquele inglês quebrado em que ela era mestra.

- Bem, agora que já cumpri meu papel como bom anfitrião - continuou Mr. Rochester- colocando meus hóspedes a se entreterem uns com os outros, estou livre para cuidar do meu próprio prazer. Miss Eyre, coloque sua cadeira um pouco mais à frente, ainda está muito longe. Não posso vê-la sem modificar minha posição nesta confortável poltrona, o que não pretendo fazer.

Fiz como ele pediu, embora tivesse preferido ficar um pouco mais na sombra. Mas Mr. Rochester tinha um modo tão incisivo de dar ordens, que parecia natural obedecer-lho prontamente.

Nós estávamos, como eu disse, na sala de jantar. O lustre, que havia sido aceso para a refeição, inundava o ambiente com sua luz festiva. Um enorme fogo crepitava na lareira, todo rubro e claro. As cortinas púrpura pendiam, ricas e amplas, diante da alta janela e do arco mais alto ainda. Tudo estava imóvel, fora os sussurros de Adele (que não ousava falar alto) e, preenchendo todas as pausas, o bater do vento de inverno contra as vidraças.

Mr. Rochester, sentado na sua poltrona forrada de damasco, parecia diferente daquele que eu conhecia antes. Não tão

sério... e muito menos melancólico. Havia um sorriso nos seus lábios e os olhos brilhavam, talvez por efeito do vinho... não tenho certeza, mas acho bastante provável. Para resumir: ele estava em seu humor pós jantar, mais expansivo e cordial, e também mais indulgente consigo próprio que o seu humor frio e rígido da manhã. Ainda assim, parecia afetadamente severo, apoiando a cabeça maciça contra o espaldar da poltrona, a luz do fogo batendo-lhe em cheio sobre os traços graníticos e os olhos grandes e negros. Porque ele possuía grandes olhos negros, e muito bonitos também... não sem uma certa mudança nas suas profundezas que, se não era suavidade, pelo menos dava essa impressão.

Ele ficou olhando o fogo por uns dois minutos, enquanto eu passava esse mesmo tempo a olhá-lo. De repente ele virou-se, e viu meus

olhos cravados no seu rosto.

- Está me examinando, Miss Eyre - disse ele. - Acha que sou bonito?

Se tivesse tido tempo para pensar, teria respondido a essa questão

com uma evasiva convencional e polida. Mas a resposta escapou-me dos lábios antes que eu me desse conta:

- Não, senhor!

- Ah! Palavra de honra que existe alguma coisa de singular em você! – disse ele – Quando senta assim, com as mãos cruzadas no colo e os olhos no tapete (exceto, é claro, quando estão fixos no meu rosto, como agora, por exemplo), tem o aspecto de uma pequena nonnete – uma noviça
- modesta, quieta, grave e simples. E quando a gente lhe faz uma pergunta ou uma observação que é obrigada a responder, você dá uma resposta direta que, se não é indelicada é pelo menos brusca. O que quer dizer com isso?
- Fui muito franca, senhor, peço-lhe perdão. Eu deveria ter respondido que não é muito fácil dar uma resposta imediata sobre questões de aparências, que os gostos variam muito, e que a beleza é de pouca importância, ou algo assim.
- Não devia ter respondido nada disso. Dizer que a beleza não tem importância, francamente! E desse modo, com a pretensão de suavizar seu ultraje anterior e abrandar-me até a placidez, você enfia uma faca afiada no meu ouvido! Vá em frente: quais os defeitos que encontra em mim? Será que não tenho os membros e as feições de qualquer outro homem?
- Mr. Rochester, permita-me retirar minha resposta anterior. Não pretendia fazer uma réplica espirituosa. Foi apenas um erro.
- Apenas isso. Também acho. Mas você deve assumir a responsabilidade dele. Vamos, faça-me uma crítica: meu semblante não lhe agrada?

Levantou as ondas negras do cabelo, que se atravessavam em sua testa, e mostrou uma cabeça bastante sólida, denotando o poder de suas faculdades intelectuais, mas com uma abrupta deficiência onde o suave sinal da benevolência devia elevar-se.

- E agora, senhora: sou algum tipo de bobo?
- Longe disso, senhor. Acharia rude da minha parte perguntar-lhe se é um filantropo?
- Mais essa! Outra estocada com a faca afiada, quando ela pretende elogiar minha cabeça! E isso só porque eu disse que não gostava da companhia de crianças e de mulheres mais velhas (faamos baixo!). Não, minha jovem, geralmente não sou um filantropo, mas tenho consciência.

E ele apontou, na própria cabeça, as proeminências que se imagina indiquem a consciência e que, para sorte dele, eram bastante desenvolvidas e emprestavam à parte superior da sua cabeça uma largura marcante.

- Além disso - ele continuou - eu já tive um tipo de rude ternura no coração uma vez. Quando tinha a sua idade eu era um rapaz sentimental, defensor dos imaturos, infelizes e desvalidos. Mas o Destino me maltratou desde então: até mesmo me amassou entre os dedos, e agora me orgulho de ser duro e rijo como uma bola de borracha indiana. Permeável, talvez, através de uma ou duas frestas, e com um ponto

sensível no meio da massa bruta. E então: há alguma esperança para mim?

- Esperança de quê, senhor?
- De minha re-transformação de borracha indiana em carne humana?

“Ele com certeza bebeu demais” pensei, e não soube o que responder a essa estranha questão. Como eu podia dizer se ele era capaz de ser re-transformado?

- Você parece muito embaraçada, Miss Eyre, e já que não é mais bonita do que eu sou, um ar de embaraço fica-lhe bem. Além disso, ajuda a manter esses olhos penetrantes longe do meu rosto e os distrai com as piores flores do tapete. Assim, continue embaraçada. Minha jovem, estou disposto a ser comunicativo e sociável esta noite.

Com esse anúncio ele levantou-se e ficou de pé, apoiando o braço no consolo de mármore da lareira. Nessa posição seu corpo era claramente visível, assim como o rosto. O tórax muito largo era quase

desproporcional aos membros. Muitos talvez o considerassem um homem feio, mas havia tanto orgulho inconsciente no seu porte, tanta desenvoltura nas maneiras, um olhar de tanta indiferença quanto à própria aparência, uma confiança tão arrogante no poder de suas outras qualidades, intrínsecas ou

não, que não se atentava para a falta de atrativos pessoais. Olhando para ele, imediatamente se compartilhava dessa indiferença que, mesmo num sentido cego e imperfeito, revelava fé em si próprio.

- Estou disposto a ser comunicativo e sociável esta noite - ele repetiu - foi por isso que a chamei. O fogo e o lustre não são companhia suficiente para mim, nem mesmo Pilot, pois nenhum deles pode falar. Adele seria um pouquinho melhor, mas ainda está bem longe do esperado. Mrs. Fairfax idem. Assim, presumo que você pode me acompanhar, caso deseje. Deixou-me intrigado na primeira noite que a convidei a descer. Quase me esqueci de você desde então: outras ideias afastaram-na da minha cabeça. Mas esta noite estou decidido a ficar à vontade, dispensar o que me incomoda e procurar o que me agrada. Agora me agradaria ajudá-la a se sentir mais à vontade... saber mais a seu respeito. Portanto, fale.

Em vez de falar eu sorri. E não era um sorriso nem complacente nem submisso.

- Fale! - insistiu ele.
- Sobre o quê, senhor?
- Sobre o que quiser. Deixo o assunto e a maneira de abordá-lo inteiramente à sua escolha.

Assim, sentei-me e não disse nada.

“Se ele espera que eu fale pelo simples prazer de falar e me exibir, vai perceber que bateu na porta errada” pensei.

- Você é muda, Miss Eyre?

Eu estava muda e imóvel. Ele inclinou levemente a cabeça na minha direção, e com um simples e rápido olhar pareceu mergulhar nos meus olhos.

- Teimosa e irritada... - ele disse - Ah! Tem alguma razão. Fiz meu pedido de modo absurdo, quase insolente. Peço-lhe perdão, Miss

Eyre. O fato é que não desejo tratá-la como uma subalterna, isto é (corrigindo-se), reconheço apenas a superioridade que resulta de uma diferença de vinte anos na idade e um século de adiantamento na experiência. Isso é legítimo e j'y tiens, como diria Adele. E é apenas em função dessa superioridade que lhe peço que tenha a bondade de conversar um pouco comigo e distrair o meu espírito, que está atormentado por pensar constantemente numa coisa só... gangrenando como um prego enferrujado.

Ele se dignara a dar uma explicação, quase uma desculpa, e não fiquei insensível à sua condescendência, nem queria parecer assim.

- Estou disposta a entretê-lo, se puder, senhor... bastante disposta. Mas não posso escolher o assunto, pois como saberei

o que pode interessá-lo? Pergunte alguma coisa e responderei da melhor forma possível.

- Bem, então para começar você concorda comigo que tenho o direito de ser um pouco autoritário e brusco. Talvez até exigente algumas vezes, nos terrenos estabelecidos. A saber: que sou velho o suficiente para ser seu pai, e que tive experiências variadas com muitos homens de muitas nações e vaguei por metade do globo, enquanto você viveu calmamente com um grupo de pessoas numa casa?

- Como quiser, senhor.

- Isso não é resposta. Ou melhor, é uma resposta muito irritante, porque é muito evasiva. Responda claramente.

- Eu não acho, senhor, que tenha o direito de me comandar só porque é mais velho do que eu, ou porque viu mais do mundo do que eu. O seu direito à superioridade depende do que fez com seu tempo e experiência.

- Muito bem! Resposta pronta! Mas não vou permitir isso, não favorece a minha causa, pois fiz um uso indiferente, para não dizer mau, dessas duas vantagens. Deixando a superioridade de lado, ainda assim concorda em receber minhas ordens agora e sempre, sem ficar ressentida ou magoada com o meu tom de comando? Promete?

Sorri. Pensei comigo que Mr. Rochester era mesmo esquisito. Esquecera-se que me pagava trinta libras por ano para receber suas ordens.

- O sorriso é muito bom – disse ele, captando imediatamente a expressão. – Mas fale, também.
- Estava pensando, senhor, que muito poucos patrões se dariam ao trabalho de perguntar se os seus subordinados assalariados ficaram ressentidos ou magoados com as ordens que receberam.
- Subordinados assalariados! Que é isso? Você é minha subordinada assalariada? Ah, sim, havia me esquecido do salário! Bem, então, nesse terreno mercenário me permitirá ser um pouco prepotente?
- Não, senhor. Nesse terreno não. Mas naquele em que o senhor esquece isso e se preocupa se uma empregada está feliz ou não sob a sua dependência, concordo de todo o coração.
- E concordará em dispensar uma porção de fórmulas e frases convencionais, sem considerar que a omissão é uma insolência?
- Estou certa que nunca confundiria informalidade com insolência. Da primeira eu gosto bastante. Quanto à outra nenhum ser humano nascido livre pode submeter-se, mesmo por um salário.
- Bobagem! A maioria dos seres humanos nascidos livres se submeteria a qualquer coisa por um salário. Então, guarde isso

para si e não se aventure em generalidades nas quais é extremamente ignorante. No entanto, eu a cumprimento mentalmente pela resposta, a despeito da sua imprecisão. Quanto ao modo com que foi dito, ou a substancia do discurso, foi franca e sincera. Não se vê tais maneiras com frequência. Não! Ao contrário! Afetação, frieza, estupidez, injúrias, mal entendidos são as recompensas usuais da franqueza. Nem três em três mil governantas mal saídas do colégio, teriam me respondido da maneira que você fez. Mas não pretendo envaidecê-la. Se foi moldada de um modo diferente da maioria, não é mérito seu: a natureza é que a fez assim. E, além de tudo, estou indo muito longe em minhas conclusões: pelo que sei até agora você pode não ser melhor do que o resto. Pode ter defeitos intoleráveis, para contrabalançar seus pontos positivos.

“E o senhor também” pensei. Enquanto essa ideia cruzava a minha mente meu olhar encontrou o dele. Mr. Rochester pareceu ter lido a

mensagem, pois respondeu como se eu tivesse expressado em voz alta esse pensamento.

- Sim, sim, você está certa... - disse ele. - Eu também tenho muitos defeitos. Sei disso e não pretendo disfarçá-los, acredite. Deus sabe que não preciso ser muito severo com os outros. Eu tenho um passado, uma série de ações, uma vida de erros

dentro do meu próprio peito, que pode muito bem atrair para mim os escárnios e censuras dos meus vizinhos. Eu entrei, ou antes, fui empurrado (como outros pecadores também gosto de atribuir metade da culpa à má sorte ou adversidade) para o caminho errado quando tinha vinte e um anos, e desde então nunca recuperei o caminho certo. Mas eu devia ser bem diferente, devia ser tão bom quanto você... mais sensato, quase sem mácula. Eu invejo sua paz de espírito, sua consciência limpa, sua memória impoluta. Menina, uma memória sem nódoa ou contaminação deve ser um tesouro valioso... uma fonte inexaurível de puro consolo. Não é assim?

- E como era a sua memória aos dezoito anos, senhor?
- Muito bem, então. Era límpida e saudável. Nenhum jato de água suja a tinha transformado numa poça fétida. Aos dezoito anos eu era como você, exatamente assim. A natureza pretendia que eu fosse, de forma geral, um homem bom, Miss Eyre, da melhor qualidade. Mas, como vê, eu não sou. Você pode dizer que não me vê assim (pelo menos é o que me orgulho de ler em seus olhos, portanto, tome cuidado com o que expressar com o olhar, sou perito em interpretar sua linguagem). Aceite minha palavra quanto a isso, não sou um vilão. Você não supõe tal coisa... não me atribui uma fama tão ruim. Mas acredito sinceramente que, tanto pelas circunstâncias quanto pelo meu dom natural, sou um banal e vulgar pecador, acostumado a todas as infames dissipações que os ricos e imprestáveis puseram na vida. Você se espanta

de me ouvir confessar isso? Saiba que, no curso da sua vida futura, muitas vezes vai perceber que foi eleita a involuntária confidente dos segredos dos seus amigos. As pessoas vão instintivamente perceber, como eu percebi, que o seu forte não é falar de si própria, mas ouvir o que os outros têm a falar sobre si mesmos. Eles sentirão, também, que você ouve sem fazer nenhum julgamento maldoso da indiscrição alheia, mas com um tipo de simpatia inata, que só não é

mais confortadora e encorajadora, porque é muito modesta em sua manifestação.

- Como o senhor sabe?... Como pode adivinhar tudo isso?
- Eu sei disso muito bem. Por isso prossigo falando com tanta liberdade, como se estivesse escrevendo meus pensamentos num diário. Você pode dizer que eu devia ter sido superior às circunstâncias. Eu sei que devia. Mas vê que não sou. Quando o destino me traiu, não tive a sabedoria para permanecer frio. Fiquei desesperado e assim degenerarei. Agora, quando qualquer simplório desperta minha cólera por sua insignificante velhacaria não posso me orgulhar de ser melhor do que ele. Sou forçado a confessar que ele e eu estamos no mesmo nível. Quem me dera tivesse resistido... Deus sabe que eu queria. Cuidado com o remorso, quando tiver a tentação de cair em erro, Miss Eyre. O remorso é o veneno da existência.
- Dizem que a sua cura é o arrependimento, senhor.

- Não, o arrependimento não é a cura. A regeneração é que pode ser a cura, e eu podia me regenerar. Ainda tenho força suficiente para isso, se... Mas qual é a utilidade de pensar nisto, tolhido, oprimido e amaldiçoado como estou? Além disso, como a felicidade me é irrevogavelmente negada, tenho direito de conseguir o prazer fora da vida, e hei de consegui-lo, custe o que custar.
- Então vai degenerar ainda mais, senhor.
- Possivelmente. E porque me preocupar, se posso conseguir um doce e suave prazer? E posso obtê-lo tão doce e fresco como o mel silvestre que as abelhas colhem das plantas.
- Esse mel será ácido... terá um gosto amargo, senhor.
- Como é que você sabe? Nunca o provou. Você parece tão séria, tão solene e, no entanto, é tão ignorante nessa questão quanto esta cabeça de camafeu (e apanhou uma cabeça de camafeu que estava sobre o consolo da lareira). Você não tem o direito de me passar sermões, é uma novata que nem passou pelo pórtico da vida, e não tem intimidade alguma com os seus mistérios.
- Lembro-lhe apenas de suas próprias palavras: o senhor mesmo disse que o erro traz o remorso e que o remorso é o veneno da existência.

- E quem está falando de erro agora? Eu dificilmente acharia que a ideia que atravessou o meu cérebro é um erro. Acho que é mais uma inspiração do que uma tentação. Foi muito suave, muito branda... Já sei. Aí vem você de novo! Não é nenhum demônio, garanto-lhe. E se for, veio vestida como um anjo de luz. Acho que devo admitir uma hóspede tão linda, quando pede abrigo no meu coração.

- Desconfie dela, senhor, não é um anjo de verdade.

- Mais uma vez: como pode saber? Por qual instinto pretende distinguir entre um anjo caído vindo do abismo e um mensageiro do trono eterno? Entre um guia e um tentador?

- Eu julgo pela sua expressão, senhor, que estava perturbada quando disse que a visão tinha voltado. Tenho certeza que será ainda mais infeliz se der ouvidos a isso.

- Absolutamente. Ela traz a mais graciosa mensagem do mundo. E depois, você não é a guardiã da minha consciência, portanto, não fique apreensiva. Venha, entre, bela viajante!

Ele disse essas palavras como se falasse com uma visão, invisível a todos menos a ele. Então, cruzando sobre o peito os braços que havia estendido, parecia incluir no abraço o ser invisível.

- Agora - ele continuou, dirigindo-se a mim - recebi a peregrina, uma divindade disfarçada, acredito. Já está me fazendo bem. Meu coração era uma espécie de capela mortuária, agora será um santuário.

- Para falar a verdade, senhor, não consigo compreendê-lo de modo algum. Não posso manter a conversa porque saiu fora do meu alcance. Só sei de uma coisa: o senhor disse que não era tão bom quanto deveria, e que lamentava a sua própria imperfeição... Insinuou que ter uma memória maculada era uma maldição perpétua. Parece-me que, se tentasse com mais empenho, com o tempo veria que é possível tornar-se aquilo que o senhor desejava. E que, se decidir corrigir seus pensamentos e ações a partir de agora, em poucos anos terá uma nova e imaculada coleção de memórias, à qual poderia recorrer com prazer.

- Muito bem pensado e corretamente dito, Miss Eyre. E neste momento estou pavimentando o inferno com energia.

- Como, senhor?

- Estou estabelecendo novas e boas intenções, que são tão duráveis quanto a rocha. Com certeza, meus companheiros e objetivos deverão ser diferentes do que eram.

- E melhores?

- Melhores... Tanto quanto o minério puro é melhor do que o entulho imundo. Você parece duvidar de mim. Pois eu não duvido, sei qual é o meu alvo e quais são os meus motivos. Neste momento promulgo uma lei, inalterável como a dos Medos e dos Persas, de que ambos estão certos.

- Não podem estar, senhor, se exigiram um novo estatuto para dirigi-los.
- Eles estão, Miss Eyre, embora realmente pedissem um novo estatuto: uma combinação insólita de circunstâncias implica em regras insólitas.
- Parece uma máxima perigosa, senhor. Pode-se perceber que está sujeita ao abuso.
- Frase muito sábia. E assim é, mas juro pelos meus espectadores familiares não abusar dela.
- O senhor é humano e falível.
- Sou. E você também. E então?
- O humano e falível não pode se arrogar um poder que só ao divino e ao perfeito pode ser confiado com segurança.
- Que poder?
- Aquele de dizer de qualquer linha de ação estranha e não sancionada: “Está certa!”
- “Está certa!” São as palavras exatas, e você as pronunciou.
- Pode estar certa, então – eu disse, retificando.

Levantei-me, considerando inútil continuar uma conversa que era incompreensível para mim. E também tinha consciência de que o caráter

do meu interlocutor estava além da minha compreensão. Pelo menos, além do meu alcance no momento. Sentia a incerteza, o vago sentimento de insegurança que acompanha a convicção da ignorância.

- Aonde vai?
- Vou colocar Adele na cama, já passou da sua hora de dormir.
- Está com medo de mim, porque falo como uma esfinge.
- Sua linguagem é enigmática, senhor, mas embora eu esteja perturbada, com certeza não estou com medo.
- Você está com medo. Seu amor-próprio teme cometer um erro.
- Nesse sentido realmente me sinto apreensiva. Não tenho nenhuma vontade de falar bobagens.
- Se falasse, seria de uma maneira tão calma e grave que eu tomaria isso por bom senso. Nunca ri, Miss Eyre? Não se incomode em responder. Raramente a vi sorrindo, mas seu riso pode ser bastante feliz. Acredite, você não é austera, não mais do que eu sou naturalmente mau. A disciplina restrita de Lowood de alguma forma ainda está impregnada em você: controlando suas expressões, abafando sua voz e restringindo seus movimentos. E na presença de um homem – seja um irmão, ou pai, ou patrão, ou o que for – teme rir muito ruidosamente, falar livremente, ou mover-se com desembaraço.

Mas com o tempo acho que aprenderá a ser natural comigo, assim como acho impossível ser convencional com você. E então seus olhares e movimentos terão mais graça e vivacidade do que ousa oferecer agora. De vez em quando vislumbro em você um curioso tipo de pássaro, entre as grades de uma gaiola. É um cativo muito vívido, inquieto e resolutivo o que está lá dentro. Se acaso fosse livre, voaria até as alturas. Ainda deseja ir embora?

- Já são nove horas, senhor.

- Não faz mal... espere um pouco. Adele ainda não está pronta para deitar-se. Minha posição, Miss Eyre, de costas para o fogo e de frente para a sala, favorece a observação. Enquanto falava com você, eu também observava Adele ocasionalmente (tenho minhas próprias razões para considerá-la um caso curioso... razões que eu posso, não, não, que eu devo compartilhar com você qualquer dia). Ela tirou da caixa, dez minutos

atrás, um pequeno vestido de seda rosa. O enlevo brilhava em seu rosto enquanto o desembrulhava. A faceirice corre no seu sangue, mistura-se aos seus miolos, e tempera a medula dos seus ossos. “Il faut que je l’essaie! Et a l’instant même!” – Preciso experimentá-lo agora mesmo! – ela gritou, e correu para o quarto. Agora está com Sophie, no processo de vestir-se. Em alguns minutos estará de volta, e sei bem o que vou ver:

uma miniatura de Celine Varens, como ela costumava aparecer nos palcos, quando levantava a cortina... Mas isso não importa. Meus sentimentos mais ternos estão em vias de receber um choque, no entanto, esse é o meu pressentimento. Fique um pouco mais, para ver se ele se realiza.

Não demorou muito e ouviram-se os passinhos de Adele soando no saguão. Ela entrou, transformada como seu tutor havia previsto. Um vestido de cetim rosa, muito curto e todo cheio de babados, substituíra o vestido marrom que ela vestia antes. Uma guirlanda de botões de rosa cingia-lhe a fronte. Nos pés calçava meias de seda e pequenos sapatinhos de cetim branco.

- Est-ce que ma robe va bien? – exclamou ela, adiantando-se. – Et mes souliers ? Et mes bas ? Tenez, je crois que je vais dancier! [4]

E sacudindo o vestido, ela deslizou num passo de balé através da sala até que, alcançando Mr. Rochester, rodeou graciosamente na ponta dos pés em frente a ele, então caiu de joelhos aos seus pés, exclamando:

- Monsieur, je vous remercie mille fois de votre bonté.[5] E levantando-se acrescentou:

- C'est comme cela que maman faisait, n'est pas, monsieur? [6]

- E-xa-ta-mente! – foi a resposta. – E “comme cela” ela arrancava meu ouro inglês dos bolsos das minhas calças

britânicas. Eu também já fui verde, Miss Eyre... Ah! Muito verde! O matiz que a alma agora não pode ser mais primaveril do que aquele que uma vez me animou. Minha primavera se foi, no entanto, mas deixou-me nas mãos esta florzinha francesa de que, de alguma maneira, eu gostaria de me livrar. Não podendo avaliar a raiz de onde ela provém, e tendo descoberto que é de um tipo que somente o pó de ouro pode adubar, sinto um pouco de tristeza em vê-la florir, especialmente quando se mostra tão artificial como agora. Eu a

mantenho e a educo mais pelo princípio católico romano que manda praticar uma boa ação para expiar inúmeros pecados, grandes ou pequenos. Algum dia lhe explicarei tudo isso. Boa noite.

[1] Em francês no original: “Minha caixa! Minha caixa!”

[2] Em francês no original: “Fique quieta, menina. Compreende?”

[3] Em francês no original: “Oh, Deus! É tão linda!”

[4] Em francês no original: “Acha que o vestido ficou bem? E os sapatos? E as meias? Esperem, acho que vou dançar!”

[5] Em francês no original: “Senhor, agradeço muito a sua bondade.”

[6] Em francês no original: “Era assim que mamãe fazia, não é, senhor?”

CAPÍTULO XV

E chegou o dia em que Mr. Rochester explicou o caso. Foi numa tarde, quando ele, por acaso, encontrou-me com Adele no jardim. Enquanto ela brincava com Pilot e a sua peteca, ele me pediu que o acompanhasse numa volta pela alameda coberta de faias, de onde poderíamos ver a menina.

Então contou que ela era filha de uma dançarina de ópera francesa, Celine Varens, pela qual ele uma vez nutrira o que chamava de “grande paixão”. Celine declarou sentir por ele a mesma paixão, ainda mais intensa. Ele achou que fosse o seu ídolo, feio como era, acreditando que ela preferia seu porte de atleta à elegância do Apollo Belvedere[1].

- Miss Eyre, acredite que fiquei tão envaidecido por essa preferência daquela sílfide gaulesa por seu gnomo inglês que a instalei num hotel. Dei-lhe uma equipe completa de empregados, uma carruagem, roupas de cashmere, diamantes, rendas, etc. Em suma: comecei o processo que me levaria à ruína na forma considerada clássica, como qualquer outro bobo apaixonado. Não tive, parece, a originalidade de traçar um novo caminho para a vergonha e a destruição, mas percorri a velha estrada com estúpida exatidão, sem me desviar um centímetro sequer do seu eixo. Tive

- como merecia - o destino de todos os outros tolos apaixonados. Fui visitá-la uma noite, sem ser esperado, e não a

encontrei. Como a noite estava quente e eu cansado de rodar por Paris, sentei-me em seu boudoir – a sala íntima – feliz de respirar o ar consagrado pela presença dela. Não, estou exagerando... Nunca pensei que ela tivesse alguma virtude sagrada: era apenas um tipo de pastilha perfumada que ela deixara no incensório. Mais um perfume de almíscar e âmbar do que um odor de santidade. Começava a me sentir sonolento com o cheiro das flores de estufa e das essências espalhadas pelo ar, quando tive a ideia de abrir a janela e ir até a sacada. Além da iluminação a gás havia luar, e a noite era serena e calma.

Na sacada tinha uma ou duas cadeiras, por isso sentei-me e peguei um charuto. Vou fumar um agora, se me permitir.

Houve uma pausa, quando ele pegou um charuto e o acendeu. Colocou-o nos lábios e soprou a fumaça perfumada do Havana para o ar frio e sem sol. Então continuou:

- Eu gostava de bombons naquela época, Miss Eyre, e estava mastigando – perdoe o barbarismo – estava mastigando confeitos de chocolate e fumando alternadamente. Ao mesmo tempo observava os veículos que rodavam nas ruas elegantes em direção ao teatro próximo, quando vi uma esplêndida carruagem fechada, puxada por um lindo par de cavalos ingleses distintamente visíveis na noite clara, e reconheci a “voiture” que eu havia dado a Celine. Ela estava de

volta. É claro que meu coração deu um salto com impaciência. A carruagem parou, como eu esperava, na porta do hotel. Minha paixão (esta é a palavra exata para uma namorada atriz) desceu. Embora envolta numa capa – uma coisa desnecessária naquela noite quente de junho – reconheci-a imediatamente pelos pequeninos pés, que espreitavam debaixo da barra do vestido enquanto ela descia do estribo. Inclinado no balcão, estava a ponto de gritar “mon ange” – num tom apenas audível para o ouvido do meu amor, é claro – quando uma pessoa saltou da carruagem atrás dela. Também estava coberta por uma capa, mas agora era um salto com esporas que pisava no pavimento, e foi uma cabeça coberta por um chapéu que passou sob o arco da porte-cochère – o pórtico – do hotel.

- Nunca sentiu ciúme, não é Miss Eyre? Claro que não: não preciso perguntar, pois nunca sentiu amor. Ainda vai experimentar os dois sentimentos. Sua alma está adormecida. Então surge o choque que a acordará. Você acha que toda a existência desliza nesta calma corrente em que até hoje deslizou sua juventude. Vagando com os olhos fechados e os ouvidos surdos, nem vê os arrecifes surgindo, não muito distantes, na margem, nem vê as ondas quebrando em volta deles. Mas eu lhe digo – e pode guardar estas palavras – um dia você chegará a uma passagem escarpada nesse canal, em que toda a corrente da vida se despedaçará em redemoinho e tumulto, espuma e bramidos. E então, ou será arrastada para

os átomos em tumulto, ou levantada e segura no alto de alguma onda gigante em direção a uma calma corrente – como eu agora.

- Gosto de um dia como hoje, desse céu de chumbo. Gosto da severidade e imobilidade do mundo sob esse frio. Gosto de Thornfield, sua antiguidade, seu isolamento, seus velhos viveiros de gralhas e espinheiros, sua fachada cinzenta e as fileiras de janelas escuras refletindo o céu de metal. E ainda assim, por quanto tempo odiei a mera lembrança desta casa, evitando-a como se fosse a morada da peste! Como ainda abomino...

Mr. Rochester cerrou os dentes e ficou em silêncio. Diminuiu o passo e bateu o pé contra o solo duro. Parecia que algum pensamento odioso o dominava, e tão fortemente que ele não conseguia continuar.

Estávamos subindo a alameda quando ele parou. A casa estava à nossa frente. Levantando os olhos para as ameias, dardejou-lhes um olhar tão rancoroso como eu nunca vi antes. Dor, vergonha, ira, impaciência, desgosto e aborrecimento pareciam travar momentaneamente uma frenética luta nas grandes pupilas dilatadas sob as negras sobrancelhas. A luta era selvagem e quase o dominava, mas outro sentimento surgiu e triunfou. Alguma coisa de duro e cínico, de voluntarioso e

resoluto: ele dominou a paixão e seu semblante tornou-se pétreo. Continuou:

- Enquanto estive silencioso, Miss Eyre, estava acertando umas contas com o destino. Ela estava lá, perto do tronco daquela faia: uma bruxa como as que apareceram a Macbeth nas matas de Forres. “Gosta de Thornfield?” ela me perguntou, apontando o dedo. Então escreveu no ar uma frase, que parecia um pálido hieróglifo e tomava toda a frente da casa, entre as fileiras de janelas de baixo e de cima. Dizia: “Goste dela se puder, goste dela se tiver coragem!”

- “Hei de gostar” eu disse “eu ousei gostar” e (ele acrescentou melancólico) vou manter minha palavra, vou enfrentar os obstáculos para a felicidade, para a bondade... Sim, bondade! Desejo ser um homem melhor do que tenho sido, melhor do que sou. Como o leviatã de Jó quebrou a lança, o dardo e o arpão, instrumentos que os outros consideravam como de aço e bronze, vou considerá-los apenas como palha e madeira podre.

Adele correu para ele nesse momento com a sua peteca.

- Vá embora! - ele gritou, asperamente. - Fique longe, menina, ou vá procurar Sophie!

Então continuou a andar em silêncio. Aventurei-me a lembrá-lo do ponto em que estava, quando começou a se desviar do assunto.

- E o senhor deixou a sacada quando Mademoiselle Varens entrou? - perguntei.

Esperei uma recusa por aquela pergunta tão fora de hora. Mas ocorreu o contrário. Como se acordasse daquela abstração voltou os olhos para mim, e seu rosto parecia desanuviado.

- Ah! Tinha me esquecido de Celine. Bem, para resumir, quando vi minha sedutora chegar assim acompanhada por um cavalheiro julguei ouvir um silvo, e a cobra verde do ciúme, surgindo ondulante na sacada iluminada pela lua, escorregou para o meu colete e em dois minutos atingiu-me o coração.

Então exclamou de repente, saindo novamente do assunto.

- Estranho! É muito estranho que eu tenha escolhido você para confidente disso tudo, minha jovem. Mais estranho ainda é que você tenha me ouvido calmamente, como se fosse a coisa mais natural do mundo para um homem como eu contar histórias de sua amante atriz a uma mocinha estranha e inexperiente como você! Mas a última estranheza explica a primeira, como já insinuei uma vez: você, com sua gravidade, consideração e discrição, foi feita para ser um receptáculo de segredos. Além disso, sei que tipo de mente eu coloquei em comunicação com a minha. Sei que não está sujeita à contaminação. É uma mente singular. É única. Felizmente não pretendo feri-la, mas se o fiz, não foi por mal. Quanto mais conversarmos, você e eu, melhor. Pois embora eu não possa prejudicá-la, você poderá consolar-me.

Depois dessa digressão, ele prosseguiu.

- Permaneci na sacada. Pensei que eles viriam direto ao boudoir, e preparei uma emboscada. Enfiando a mão pela janela aberta, fechei a cortina, deixando apenas uma pequena abertura através da qual poderia observar tudo. Depois fechei a porta que levava à sacada, mas deixei uma fresta, por onde poderia ouvir a voz sussurrada dos amantes. Então sentei novamente na cadeira, justo quando o casal entrou. Coloquei o olho na abertura. A criada de Celine veio, acendeu um candeeiro, deixou-o sobre a

mesa e saiu. O casal então apareceu bem iluminado e ambos tiraram as capas. Ali estava “a Varens” brilhando em seda e jóias (presentes meus, é claro) e ali estava o seu companheiro, numa farda de oficial. Eu o conhecia: era um jovem visconde devasso, rapaz desmiolado e corrompido, a quem eu já havia encontrado algumas vezes na sociedade, e a quem nunca pensara em detestar porque votava-lhe um desprezo absoluto. Ao reconhecê-lo, a picada da serpente do ciúme dissolveu-se como por encanto, pois no mesmo instante meu amor por Celine extinguiu-se, como sob um extintor. Uma mulher que podia trair-me com semelhante rival não merecia que se lutasse por ela, era digna apenas de desprezo. Ainda assim merecia menos do que eu, que havia sido o seu juguete. Começaram a conversar, e o teor do que diziam me deixou completamente à vontade. Era uma conversa tão frívola, mercenária, desalmada

e insensata, que mais parecia calculada para cansar do que enraivecer um ouvinte. Meu cartão de visita estava sobre a mesa, e isso os levou a falar de mim. Nenhum dos dois possuía energia ou inteligência para me difamar seriamente, mas insultaram-me com aspereza, no seu modo mesquinho. Especialmente Celine, que trouxe à luz os meus defeitos pessoais, minhas deformidades, como ela as chamou. Na época ela costumava proclamar sua ardente admiração pelo que considerava minha “beleza máscula”. Nisso diferia totalmente de você, que me disse sem rodeios no nosso segundo encontro, que não me considerava bonito. O contraste me espantou na ocasião...

Adele veio correndo outra vez.

- Monsieur, John veio dizer que o seu procurador chegou, e deseja vê-lo.

- Ah! Neste caso tenho que abreviar a história. Abrindo a janela, caminhei para eles. Dispensei Celine da minha proteção, disse-lhe que deixasse o hotel e dei-lhe dinheiro para as despesas imediatas. Desconsiderei os gritos, a histeria, as súplicas, os protestos e as convulsões. Marquei um duelo com o visconde no Bois de Boulogne. Na manhã seguinte tive o prazer de encontrá-lo e deixar uma bala num dos seus pobres braços desmilinguidos, que mais parecia a asa de um pombo doente. Assim pensei ter acabado com todo o bando. Mas infelizmente a Varens, seis meses antes, havia me dado esta pequena Adele que, segundo

afirmava, era minha filha. E talvez seja, embora eu não veja sinais dessa sombria paternidade no seu semblante. Pilot se parece mais comigo do que ela. Alguns anos depois que terminei com a mãe, ela abandonou a filha e partiu para a Itália, com um músico ou um cantor, não sei bem. Eu não reconhecia nenhum direito por parte de Adele de ser sustentada por mim, nem reconheço agora, pois não sou seu pai, mas sabendo que ela estava inteiramente ao abandono, tirei a pobre criança da imundície e do lodo de Paris e a trouxe para cá, para crescer limpa no solo saudável do campo inglês. Mrs. Fairfax a contratou para ensiná-la, mas agora que sabe que ela é o fruto ilegítimo de uma dançarina francesa, talvez faça uma ideia diferente da sua missão e da sua pupila. Qualquer dia virá me dizer que encontrou uma nova colocação, e me pedirá que procure uma nova governanta. Não é?

- Não. Adele não é culpada pelos erros da mãe nem pelos erros do senhor. Tenho carinho por ela, e agora que sei que ela é, de certa forma, órfã - abandonada pela mãe e renegada pelo senhor - devo ficar ainda mais próxima dela do que antes. Como eu poderia preferir o rebento mimado de uma família rica, que odiaria sua governanta como um estorvo, a uma pequenina órfã solitária, que se atira para a governanta como uma amiga?

- Ah, então vê a coisa por esse prisma! Bem... devo ir agora, e você também. Está escurecendo.

Mas eu fiquei mais um tempo no jardim com Adele e Pilot. Corri um pouco com ela e joguei peteca. Quando entramos, tirei seu casaco e a touca e peguei-a no colo. Fiquei com ela assim por uma hora, deixando-a falar o que quisesse. Não reprimi nem mesmo algumas trivialidades e atrevimentos em que ela costumava incorrer quando recebia muita atenção, o que lhe traía a superficialidade de caráter, provavelmente herdada da mãe, e dificilmente compatível com uma mente inglesa. Mas ela tinha alguns méritos, e eu estava disposta a apreciar no mais alto grau tudo que ela tinha de bom. Procurei em seus traços alguma semelhança com Mr. Rochester, mas não encontrei nada. Nenhum traço, nenhuma expressão indicava parentesco. Era uma pena: se ao menos se parecesse com ele, Mr. Rochester teria mais consideração por ela.

Somente quando me recolhi ao quarto para dormir pude pensar com tranquilidade na história que Mr. Rochester me contara. Como ele tinha dito, talvez não houvesse nada de extraordinário na narrativa em si: era a paixão de um rico inglês por uma dançarina francesa. E a traição dela era coisa corriqueira na sociedade, sem dúvida. Mas havia algo decididamente estranho no paroxismo de emoção que subitamente tomou conta dele, quando expressava o seu feliz estado de ânimo atual, e o prazer revivido com relação a casa e os arredores. Meditei sobre o incidente, ainda espantada. Aos poucos deixei de pensar nisso, pois o considerava inexplicável.

Voltei a refletir sobre as maneiras do meu patrão em relação a mim. A confiança que ele julgara conveniente fazer-me parecia um tributo à minha descrição. Eu a considerei e a aceitei dessa forma. Sua conduta comigo, nas últimas semanas, fora mais uniforme do que no começo. Eu nunca estava no seu caminho, ele não precisava mais se dar ares de fria altivez. Quando me encontrava inesperadamente, o encontro parecia agradá-lo. Sempre me dirigia uma palavra ou um sorriso. Quando formalmente convidada à sua presença, era honrada com uma recepção cordial, que me fazia sentir como se realmente tivesse o poder de distraí-lo, e que essas conferências noturnas serviam tanto para o prazer dele quanto para o meu benefício.

Eu falava comparativamente pouco, mas saboreava o que ele dizia. Era da natureza dele ser comunicativo. Gostava de descortinar para uma mente que desconhecia o mundo alguns relances das suas paisagens e caminhos (não falo das paisagens impróprias ou caminhos difíceis, mas daqueles que eram interessantes pela sua escala ou caracterizados por alguma peculiaridade). Eu sentia profundo deleite em ouvir as novas ideias que ele me apresentava, imaginando os retratos desconhecidos que ele pintava, e seguindo-o em pensamento às novas regiões que desbravava, nunca perturbada ou confusa por alguma alusão nociva.

A intimidade das suas maneiras libertou-me de dolorosas restrições. A franqueza amigável, tão correta e cordial, com que

ele me tratava, atraiu-me. Sentia, às vezes, que ele era mais parente do que patrão. Ainda assim era autoritário em certas ocasiões, mas eu não me importava. Sabia que era o jeito dele. Fiquei tão feliz e gratificada com esse novo interesse que surgira em minha vida que deixei de ansiar por uma família.

O fino crescente do meu destino parecia tornar-se maior. Os vazios da minha existência agora estavam preenchidos. Minha saúde física melhorou, ganhei corpo e energia.

E será que Mr. Rochester ainda era feio aos meus olhos? Não, leitor. A gratidão e muitos outros sentimentos associados a ela, todos prazerosos e cordiais, tornaram seu rosto a coisa que eu mais gostava de ver. Sua presença numa sala era mais acolhedora que o fogo mais vivo. Ainda assim não esqueci seus defeitos. Não podia esquecer, de fato, pois ele constantemente os mencionava para mim. Ele era orgulhoso, sardônico, e duro com a inferioridade de qualquer espécie. No fundo da alma eu sabia que sua grande bondade para comigo era contrabalançada por uma injusta severidade em relação a vários outros. Ele era mal-humorado também, e enigmático. Mais de uma vez, quando chamada para ler para ele, encontrei-o sentado sozinho na biblioteca, com a cabeça sobre os braços cruzados. E quando levantava o olhar, uma carranca sombria, quase maligna, anuviava-lhe as feições. Mas eu acreditava que seu mau humor, sua dureza, e seus antigos erros morais (digo antigos, pois agora ele parece que os corrigiu) tinham origem

em alguma crueldade do destino. Acreditava que ele era naturalmente dotado de boas intenções, altos princípios e gostos mais puros do que aqueles que as circunstâncias desenvolveram, a educação instilou e o destino encorajou. Sentia que possuía em si um material excelente, embora naquele momento estivesse um tanto emaranhado e confuso. Não posso negar que a tristeza dele me entristecia, fosse qual fosse, e eu daria tudo para aplacá-la.

Embora já tivesse apagado a vela e me deitado, não podia dormir pensando no olhar dele, quando parara na alameda e me contara como o destino surgira à sua frente e o desafiara a ser feliz em Thornfield.

“Por que não?” pensei comigo. “O que o afasta desta casa? Será que vai partir outra vez em breve? Mrs. Fairfax disse que ele nunca fica aqui mais de uma quinzena de cada vez. E agora já está aqui há oito semanas. Se partir, a mudança será angustiante. E se ficar ausente toda a primavera, verão e outono, como aqueles dias ensolarados e belos parecerão tristes!”

Não sei com certeza se dormi ou não depois dessas meditações. De qualquer forma, acordei completamente ao ouvir um vago murmúrio, característico e lúgubre, que me parecia soar justamente sobre mim. Desejei ter deixado o candeeiro aceso, pois a noite estava terrivelmente escura e

meu espírito melancólico. Sentei na cama, apurando o ouvido. O som silenciara.

Tentei dormir de novo, mas meu coração batia com ansiedade. Minha paz de espírito fora destruída. O relógio bateu duas horas, no vestibulo lá em baixo. Nesse momento senti que tocavam na porta do meu quarto, como se dedos roçassem pelos painéis das portas, tateando um caminho ao longo do corredor escuro. Perguntei “quem está aí?” Ninguém respondeu. Tremi de medo.

De repente me lembrei que podia ser Pilot que, quando a porta da cozinha ficava aberta, subia e se postava na soleira do quarto de Mr. Rochester. Eu o vira várias vezes deitado ali pela manhã. A ideia me sossegou um pouco. Deitei-me. O silêncio acalmou-me os nervos. E como uma quietude absoluta agora reinava na casa inteira, comecei a sentir o sono voltar. Mas não era meu destino dormir naquela noite. Um sonho mal tinha tomado conta de mim, quando fugiu espavorido, aterrorizado por um incidente capaz de gelar alguém até a medula.

Era um riso demoníaco – baixo, abafado e profundo – articulado, ao que parecia, no próprio buraco da fechadura. A cabeceira da cama ficava perto da porta e pensei a princípio que aquele duende risonho estivesse ao meu lado na cama, ou melhor, agarrado ao meu travesseiro. Levantei, olhei em torno e não vi nada. Enquanto ainda olhava ao redor o som sobrenatural irrompeu outra vez, e percebi que vinha do

corredor. Meu primeiro impulso foi levantar e passar o ferrolho na porta. O segundo foi gritar de novo “quem está aí?”.

Alguma coisa gargarejou e gemeu. Ouvi passos que se afastavam pelo corredor, em direção à escada do terceiro andar. Depois ouvi o barulho de uma porta lá em cima. Ouvi-a abrir e fechar-se, e tudo ficou silencioso.

“Será que foi Grace Poole, possuída por algum demônio?” pensei. Era impossível agora ficar mais tempo sozinha, devia procurar Mrs.

Fairfax. Enfiei o vestido e o xale às pressas. Destravei o ferrolho e abri a porta com as mãos trêmulas. Havia um candeeiro aceso bem do lado de fora do quarto, no chão da corredor. Fiquei surpresa com essa circunstância, e mais surpresa ao ver o ar bastante turvo, como se estivesse tomado pela fumaça. E olhando à direita e à esquerda, para ver de onde saíam essas espirais azuis, senti um forte cheiro de queimado.

Ouvi um rangido. Era uma porta entreaberta – a porta do quarto de Mr. Rochester – de onde a fumaça saía como uma nuvem. Não pensei mais em Mrs. Fairfax, não pensei mais em Grace Poole, nem pensei na sua risada: num instante estava dentro do quarto. Línguas de fogo dançavam ao redor da cama, as cortinas estavam em chamas. E, no meio do fogo e da fumaça, jazia imóvel Mr. Rochester, em profundo sono.

- Acorde! Acorde! – gritei.

Sacudi-o, mas ele apenas murmurou algo e se virou. Estava intoxicado pela fumaça. Não havia um minuto a perder, os próprios lençóis estavam queimando. Corri para a bacia e o jarro, que felizmente eram grandes e estavam cheios de água. Levantei-os, inundei a cama e o seu ocupante, e corri de volta para o meu quarto. Peguei minha própria jarra, molhei a cama de novo e, com a ajuda de Deus, consegui extinguir aquele incêndio voraz.

O choque da água fria, o barulho de uma das vasilhas que se quebrara, escapando-me das mãos enquanto a esvaziava e, sobretudo, o jato da ducha que eu despejara fartamente sobre ele, afinal acordaram Mr. Rochester. Apesar de ainda estar escuro, percebi que ele despertara, pois o ouvi fulminando estranhas pragas ao se ver mergulhado numa poça.

- Isso é uma enchente? – ele gritou.
- Não, senhor – respondi – mas era um incêndio. Levante-se, por favor, o senhor está ensopado. Vou trazer-lhe um candeeiro.
- Em nome de todos os santos da cristandade, é Jane Eyre que está aí? – ele perguntou. – O que fez comigo sua feiticeira? Quem mais está aqui, além de você? Planejava afogar-me?
- Vou pegar um candeeiro, senhor. E, pelo amor de Deus, levante-se. E alguém planejou algo, sim... O senhor não vai conseguir descobrir

logo quem foi, nem o que foi.

- Bem! Já estou de pé. Mas não vá ainda buscar o candeeiro, espere dois minutos até que eu vista umas roupas secas, se houver alguma. Sim, aqui está o meu roupão. Agora, apresse-se!

Eu corri. Trouxe o candeeiro que ainda estava no corredor. Ele o pegou das minhas mãos, levantou-o e observou a cama toda enegrecida e queimada, os lençóis ensopados, o tapete redondo mergulhado em água.

- O que é isto? Quem fez tudo isto? - ele perguntou.

Relatei brevemente o que acontecera. O estranho riso que ouvira no corredor, os passos subindo ao terceiro andar, a fumaça, o cheiro de incêndio que me conduzira ao quarto dele, em que estado o encontrara, e como o havia ensopado com toda a água que pude carregar.

Ele ouviu gravemente. Sua face, enquanto eu falava, expressava mais preocupação do que espanto. Quando concluí, ele não falou imediatamente.

- Devo chamar Mrs. Fairfax? - perguntei.

- Mrs. Fairfax? Não, para que diabo chamar Mrs. Fairfax? O que ela pode fazer? Deixe que durma sossegada.

- Então vou chamar Leah, e acordar John e a esposa.

- De modo algum. Apenas fique quieta. Você está com um xale, mas se estiver com frio pode pegar a minha capa ali.

Enrole-se nela e sente-se nessa poltrona... Vou vesti-la. Agora ponha os pés no banquinho, para não pegar umidade. Preciso deixá-la por alguns minutos e levarei o candeeiro. Fique onde está até eu voltar, imóvel como um ratinho. Devo fazer uma visita ao andar de cima. Lembre-se: não se mexa nem chame ninguém.

Ele saiu e vi a luz que se afastava. Andou na ponta dos pés pelo corredor, abriu a porta da escada quase sem fazer ruído, fechou-a atrás de si... e o último clarão apagou-se. Fiquei em total escuridão. Tentei escutar algum barulho, mas não ouvi nada. Um longo tempo se passou e comecei a ficar cansada. Sentia frio, apesar da capa, e não vi sentido em permanecer onde estava, já que não podia acordar a casa inteira. Estava a ponto de me

arriscar a desagradar Mr. Rochester por não obedecer às suas ordens, quando a luz brilhou de novo fracamente no corredor, e ouvi seus pés descalços pisarem no assoalho.

“Espero que seja ele” pensei, “e não alguma coisa pior.” Ele entrou no quarto, muito pálido e sombrio.

- Descobri tudo - disse ele, colocando o candeeiro sobre o lavatório. - Foi como pensei.
- Como, senhor?

Ele não respondeu, apenas ficou de braços cruzados, olhando para o chão. Ao fim de alguns minutos, perguntou num tom peculiar.

- Esqueci-me se você disse que viu alguma coisa, quando abriu a porta do seu quarto.
- Não, senhor, apenas o candeeiro no chão.
- Mas ouviu um riso estranho? Já ouviu esse riso antes, eu acho, ou alguma coisa parecida...
- Sim, senhor. Há uma mulher que costuma costurar ali, chamada Grace Poole. Ela ri dessa maneira... é uma pessoa muito esquisita.
- Exatamente. Grace Poole... você adivinhou. Ela é bastante esquisita, como você disse. Bem, preciso refletir sobre a questão. Enquanto isso, estou feliz que você seja a única pessoa, além de mim, que conhece os detalhes do incidente desta noite. Você não é de falar à toa, portanto, não diga nada sobre o assunto. Vou cuidar desse problema (apontando para a cama), e agora volte para o seu quarto. Vou ficar muito bem instalado no sofá da biblioteca pelo resto da noite. São quase quatro horas, dentro de duas horas os criados estarão de pé.
- Boa noite, então, senhor - eu disse, enquanto me afastava.

Ele pareceu surpreso... O que era muito estranho, uma vez que acabara de me mandar sair.

- Quê? – ele exclamou. – Já vai me abandonar? E dessa maneira?

- O senhor disse que eu devia ir.

- Mas não sem se despedir. Não sem ouvir uma ou duas palavras de agradecimento. Não dessa maneira breve e seca. Afinal, você salvou a minha vida! Arrebatou-me de uma morte horrível e torturante! E você se afasta de mim como se fôssemos estranhos um ao outro! Ao menos aperte a minha mão.

Ele estendeu a mão. Dei-lhe a minha. Ele tomou-a, primeiro uma só, depois as duas.

- Você salvou a minha vida: tenho prazer em ser devedor de uma dívida tão grande. Não posso dizer mais do que isso. Eu não toleraria mais ninguém como credor de um favor assim imenso. Mas com você é diferente. Sinto que seus favores não me pesam, Jane.

Ele fez uma pausa e olhou-me fixamente. Palavras quase visíveis tremiam-lhe nos lábios, mas a voz estava presa.

- Outra vez boa-noite, senhor. Não há nenhuma dívida, nem benefício, nem favor ou obrigação neste caso.

- Eu sabia – continuou ele – que você algum dia me faria o bem, de alguma maneira. Vi isso nos seus olhos, quando os contemplei pela primeira vez. Não foi em vão... (ele parou

novamente)... não foi em vão (prosseguiu rapidamente) que seu olhar e seu sorriso me inspiraram uma alegria que atingiu o fundo do meu coração. As pessoas falam de simpatias instintivas. Ouvi falar de boas fadas. Há grãos de verdade na fábula mais selvagem. Minha querida protetora, boa-noite!

Havia uma estranha energia em sua voz, um estranho fogo em seu olhar. Vá!

- Fiquei contente de estar acordada - eu disse. E fiz menção de sair.
- O quê? Deseja mesmo ir?
- Estou com frio, senhor.
- Frio? É claro... parada sobre uma poça d'água. Vá, então, Jane.

Mas ele ainda segurava minha mão, e não queria largá-la.

Pensei

em um artifício.

- Acho que ouvi Mrs. Fairfax vindo, senhor - eu disse.
- Bem, então vá.

Ele relaxou os dedos e eu saí. Voltei à minha cama, mas não consegui dormir. Até clarear o dia, fiquei vagando num mar

inquieta, onde vagas de tormenta se misturavam com ondas de alegria. Para além dessas águas revoltas, pensei ver uma praia, suave como as colinas de Beulah. E, aqui e ali, uma refrescante ventania despertada pela esperança alçava meu espírito triunfante em direção ao destino. Mas eu não podia atingi-lo, nem na imaginação. Uma brisa contrária soprava da terra e empurrava-me para trás. O bom senso devia resistir ao delírio; a razão devia dominar a paixão. Agitada demais para dormir, levantei-me assim que nasceu o dia.

CAPÍTULO XVI

No dia que se seguiu àquela noite insone, eu desejava e ao mesmo tempo temia ver Mr. Rochester. Queria ouvir de novo a sua voz, embora temesse encontrar o seu olhar. Durante a primeira parte da manhã esperei sua chegada a qualquer momento. Não era seu hábito entrar na sala de aulas, mas às vezes ele parava ali por alguns minutos. Eu tinha a impressão de que naquele dia ele viria.

Mas a manhã passou como sempre. Nada aconteceu para interromper o calmo curso dos estudos de Adele. Somente depois do almoço ouvi algum movimento perto do quarto de Mr. Rochester. A voz de Mrs. Fairfax, a de Leah, a da cozinheira – esposa de John – e até mesmo os grunhidos do próprio John. Havia exclamações assim:

- Que sorte o patrão não ter queimado em sua própria cama!
- Deixar um candeeiro aceso à noite é sempre perigoso.
- Que sorte ele ter a presença de espírito de pegar o jarro d'água!
- Me espanta ele não ter acordado ninguém!
- Espero que ele não tenha pegado um resfriado por dormir no sofá da biblioteca.

A essas confabulações seguiu-se um barulho de arrumação e limpeza do ambiente. Quando passei pelo quarto, ao descer para jantar, vi através da porta que tudo fora restaurado em completa ordem. Apenas a cama estava despojada dos cortinados. Leah estava junto à janela, esfregando as vidraças enegrecidas pela fumaça. Ta me dirigir a ela, pois queria saber qual a história que havia sido contada, mas ao entrar vi uma segunda pessoa no quarto – uma mulher, sentada numa cadeira ao lado da cama, costurando presilhas para as cortinas novas. Não era outra senão Grace Poole.

Ali estava ela, calma e taciturna como sempre, no seu vestido marrom, o avental xadrez, lenço branco e touca. Estava atenta ao trabalho, no qual parecia inteiramente absorvida. Na sua face rude, de traços vulgares, não havia nada da palidez ou desespero que seria de se esperar no semblante de uma mulher que tentara um assassinato, e cuja pretensa vítima a tinha seguido na noite passado até o seu covil, e (imagino eu) a tinha acusado do crime que ela tentara perpetrar. Fiquei surpresa e confusa. Ela me olhou, enquanto eu a fitava fixamente: nenhum sobressalto, nenhum rubor traindo alguma emoção, ou consciência da culpa, ou medo de ser descoberta. Disse “bom dia, Miss” na seu modo habitual, breve e fleumático. Pegando outra presilha e mais um pedaço de fita, continuou costurando.

“Vou colocá-la à prova,” pensei “esta impenetrabilidade absoluta está além da minha compreensão.”

- Bom-dia, Grace – eu disse. – Aconteceu alguma coisa por aqui? Pensei ter ouvido os criados todos falando ao mesmo tempo, ainda há pouco.

- Foi só o patrão que estava lendo na cama, na noite passada. Caiu no sono com o candeeiro aceso e as cortinas incendiaram. Por sorte ele acordou antes que as roupas de cama pegassem fogo, e conseguiu apagar as chamas com a água do jarro.

- Que caso estranho! – eu disse, falando baixo e olhando fixamente para ela. – Mr. Rochester não acordou ninguém? Ninguém ouviu o movimento?

Ela levantou os olhos para mim de novo, e desta vez havia um clarão de consciência em sua expressão. Pareceu examinar-me cuidadosamente. Então respondeu:

- Os quartos dos criados são muito distantes, a senhorita sabe, eles não poderiam ouvir. O quarto de Mrs. Fairfax e o da senhorita são os mais próximos do quarto do patrão. Mas Mrs. Fairfax disse que não ouviu nada: quando as pessoas ficam mais velhas, muitas vezes dormem profundamente.

Ela parou. Então acrescentou, com um tipo de estudada indiferença, mas num tom ainda forte e incisivo:

- Mas a senhorita é jovem, deve ter o sono leve. Talvez tenha ouvido algum barulho?

- Ouvi, sim - eu disse, baixando a voz para que Leah, que ainda limpava as vidraças, não pudesse me ouvir. - Primeiro pensei que fosse Pilot. Mas Pilot não pode rir, e tenho certeza que ouvi uma risada, e bem estranha.

Ela pegou um pedaço de linha, ajeitou-a cuidadosamente, enfiou-a na agulha com a mão firme e então observou, com perfeita compostura:

- Eu acho bastante improvável que o patrão tenha rido quando estava em tal perigo, Miss. A senhorita deve ter sonhado.

- Eu não sonhei - disse.

Falei com veemência, pois a sua fria insolência me irritava. Ela me olhou de novo, com o mesmo olhar consciente e penetrante.

- Contou ao patrão que ouviu uma risada? - ela perguntou.

- Não tive oportunidade de falar com ele esta manhã.

- A senhorita não pensou em abrir a porta e olhar no corredor? - perguntou ainda.

Ela parecia estar me questionando, tentando obter de mim alguma informação que não soubesse. Veio-me de repente a ideia de que se ela descobrisse que eu sabia ou suspeitava da sua culpa, podia preparar-me alguma das suas ciladas malignas. Julguei mais prudente precaver-me.

- Ao contrário, tranquei a porta! – eu disse.
- Então não costuma trancar sua porta toda noite, antes de se deitar?

“Que demônio! Quer saber meus hábitos para tecer seus planos de acordo!” A indignação outra vez venceu a prudência. Respondi asperamente:

- Até hoje deixei de trancar a porta: achei que não era necessário. Não sabia que devia temer algum perigo ou aborrecimento em Thornfield

Hall. Mas, de agora em diante (pronunciei bem as palavras), vou tomar muito cuidado para ficar em segurança antes de me deitar.

- Será uma atitude sábia – foi a resposta. – Estas vizinhanças são bastante calmas, e nunca ouvi falar que a casa fosse assaltada por ladrões alguma vez. Mas todos sabem que há centenas de libras em prataria, no armário das baixelas. E além disso, há muito poucos criados para uma casa tão grande, pois o patrão passa pouco tempo aqui. E quando ele vem, sendo solteiro, precisa de poucos para atendê-lo. Mas acho que é sempre melhor se precaver. Uma porta deve ser fechada logo e é sempre melhor ter uma boa tranca entre a

gente e algum mal que possa rondar por aí. Muita gente deixa tudo por conta da Providência. Mas eu acho que a Providência não pode ajudar a todos, se Deus não os abençoa.

E assim ela terminou sua arenga. Bastante longa para alguém como ela, além de ser pronunciada com a modéstia de uma puritana.

Eu ainda estava parada, muda de espanto com o que me parecia um miraculoso autodomínio e a mais impenetrável hipocrisia, quando a cozinheira entrou.

- Mrs. Poole - disse ela, dirigindo-se a Grace - o jantar dos criados logo estará pronto. Vai descer?

- Não. Apenas coloque a minha caneca de cerveja e um pedaço de pastelão numa bandeja, vou levá-la para cima.

- Quer um pouco de carne?

- Só uma fatia, e um pedacinho de queijo. Só isso.

- E o sagu?

- Não se preocupe com isso. Vou descer antes do chá, e eu mesma me sirvo.

A cozinheira então se virou para mim dizendo que Mrs. Fairfax estava à minha espera. Saí.

Mal ouvi o relato de Mrs. Fairfax durante o jantar, sobre a queima das cortinas, tão ocupada estava quebrando a cabeça com o caráter enigmático de Grace Poole. Tntrigava-me ainda

mais a sua posição em Thornfield, e me perguntava como ela não ficara detida esta manhã ou,

pelo menos, dispensada de servir o patrão. Na noite passada ele chegara quase a expressar a sua convicção de que fora ela a culpada. Qual a misteriosa causa que o impedia de acusá-la? Porque ele me impusera segredo? Era estranho: um cavalheiro destemido, vingativo e arrogante parecia de alguma forma em poder de uma das suas criadas mais insignificantes. Estava sob tal poder, que quando ela levantara a mão para tirar-lhe a vida, não ousara acusá-la abertamente dessa tentativa, muito menos puni-la.

Se Grace fosse jovem e bonita, eu seria tentada a pensar que sentimentos mais ternos que a prudência ou o medo influenciaram Mr. Rochester a seu favor. Mas, pouco favorecida pela natureza e matronal como era, essa ideia não era admissível.

“Ainda assim” pensei “ela já foi bonita uma vez. Deve ter sido jovem na mesma época que o patrão. Mrs. Fairfax contou-me que ela vive aqui há muitos anos. Não acho que ela algum dia tenha sido bonita mas, por menos que eu saiba, ela deve possuir originalidade e força de caráter para compensar a falta de atrativos pessoais. Mr. Rochester é um admirador de tudo que é excêntrico. Grace é excêntrica ao extremo. Que outra coisa senão um antigo capricho (uma extravagância bastante

possível, para uma natureza tão impulsiva e teimosa como a dele) o colocou sob o poder dessa mulher? E ela agora exercia uma secreta influência sobre ele, resultado da sua própria indiscrição, da qual ele não podia se libertar nem ousava desprezar.”

Neste ponto das minhas conjeturas, no entanto, veio-me à mente tão distintamente a figura quadrada e achatada de Mrs. Poole, sua face árida, sem atrativos e até mesmo grosseira, que pensei “Não! Impossível! Minha suposição não pode estar certa!”

“Ainda assim,” sugeriu-me a voz secreta que nos fala do fundo do coração “você também não é bonita, e talvez Mr. Rochester goste de você. De qualquer modo, você muitas vezes pensou que ele sentisse isso. E na noite passada... lembre-se das palavras dele, do seu olhar, da sua voz!”

Eu me lembrava muito bem de tudo. As palavras, o olhar e o tom de voz que pareciam vividamente renovados.

Eu estava agora na sala de aulas, e Adele estava desenhando. Inclinei-me sobre ela e corrigi a posição do lápis. Ela me olhou com uma espécie de sobressalto.

- Qu’avez-vous Mademoiselle? - disse ela - Vos doigts tremblent come la feuille, et vos joues sont rouges: mais, joues comme des cerises! [1]

- Estou com calor, Adele, de ficar com a cabeça inclinada !
Ela prosseguiu desenhando e eu pensando.

Apressei-me a tirar da mente a odiosa ideia que eu havia concebido a respeito de Grace Poole. Causava-me repulsa. Comparei-me com ela e percebi que éramos diferentes. Bessie Leaven dissera que eu era uma verdadeira dama, e falara a verdade. Eu era uma dama. E minha aparência agora estava muito melhor do que quando Bessie me vira. Estava mais corada e também mais encorpada. Tinha mais saúde e mais vivacidade, porque tinha esperanças mais belas e distrações mais refinadas.

“A noite está chegando” pensei, enquanto olhava pela janela. “Não ouvi a voz nem os passos de Mr. Rochester na casa durante todo o dia, mas com certeza vou vê-lo antes da noite. Temia o encontro hoje de manhã, mas agora o desejo, porque a expectativa foi tão frustrante que me deixou impaciente.”

Quando a noite caiu de fato, e Adele deixou-me para brincar com Sophie em seu quarto, desejei o encontro com mais ardor. Esperava que o sino tocasse lá embaixo. Esperava que Leah chegasse com um recado. Algumas vezes imaginei ouvir os próprios passos de Mr. Rochester e voltei-me para a porta, esperando que se abrisse e ele entrasse. A porta permaneceu fechada, apenas a escuridão entrou pela janela. Ainda assim não era tarde, às vezes ele me chamava às sete ou oito horas, e agora ainda eram seis. Com certeza não ficaria totalmente desapontada esta noite, quando tinha tantas coisas a dizer-lhe!

Queria tocar novamente no assunto de Grace Poole, e ver o que ele respondia. Queria perguntar-lhe abertamente se ele acreditava que fora ela a responsável pelo terrível atentado da noite passada. E se fosse assim, porque ele mantivera sua maldade em segredo. Pouco me importava se minha curiosidade o

irritasse. Conhecia o prazer de irritá-lo e agradá-lo, alternadamente. Era uma coisa que eu apreciava muito, e um instinto poderoso me impedia de ir longe demais. Nunca me aventurei além dos limites da provocação. Na beira do abismo eu gostava de testar a minha destreza. Mantendo todas as formas usuais do respeito, sempre atenta às normas da minha condição, podia ainda assim manter com ele uma discussão sem medo e sem restrições constrangedoras. Isso nos servia muito bem, tanto a ele quanto a mim.

Finalmente ouvi o ranger de passos na escada. Leah entrou, mas apenas para dizer que o chá estava servido nos aposentos de Mrs. Fairfax. Fiquei feliz de descer, finalmente, pois pensei que logo estaria na presença de Mr. Rochester.

- Tome o seu chá - disse a boa senhora, quando me juntei a ela. - Comeu tão pouco no almoço. Tenho medo que não esteja bem, hoje. Parece corada e febril.
- Oh, estou muito bem! Nunca me senti melhor.

- Então deve prová-lo mostrando grande apetite. Quer servir o chá, enquanto termino com esta agulha?

Tendo completado o tricô, ela levantou-se para baixar a persiana, que até ali estivera aberta. Presumo que ficara assim para aproveitar totalmente a luz do dia, embora nesse momento a tarde caísse rapidamente, mergulhando a sala na escuridão.

- A noite está bonita - ela disse, ao olhar pelas vidraças - embora o céu não esteja estrelado. De qualquer modo Mr. Rochester teve um dia bem favorável para a sua viagem.

- Viagem? Mr. Rochester foi a algum lugar? Eu não sabia que ele estava fora.

- Ah, sim! Saiu logo após o café da manhã! Foi a Leas, a propriedade de Mr. Eshton, dezesseis quilômetros além de Millcote. Acho que há um grupo bastante grande reunido lá: Lord Tngam, Sir George Lynn, Coronel Dent e vários outros.

- E ele voltará ainda esta noite?

- Não... Nem amanhã. É provável que fique lá uma semana ou mais. Quando essas pessoas finas e ricas se encontram ficam tão envolvidas em elegância e alegria, com tantos divertimentos e prazeres, que não tem pressa de ir embora. Os cavalheiros são especialmente disputados nessas ocasiões, e Mr. Rochester é tão talentoso e tão animado em sociedade que

acho que é o favorito de todos. As damas o adoram, embora não tenha uma aparência que o recomende muito aos olhos delas. Mas acho que suas habilidades e talentos, e talvez a riqueza e o sangue nobre compensem qualquer defeito na aparência.

- E tem muitas damas em Leas?

- Estão lá Mrs. Eshton e suas três filhas, todas moças muito elegantes. E também a Honorável Blanche Tngam e Mary Tngam, as mais belas de todas, imagino. De fato, vi Blanche seis ou sete anos atrás, quando ela era uma menina de dezoito. Veio a Thornfield para um baile e uma festa de Natal que Mr. Rochester ofereceu. Devia ter visto a sala de jantar naquele dia. Que decoração rica! Que iluminação brilhante! Acredito que havia cinquenta damas e cavalheiros presentes, todos das melhores famílias da região. E Miss Tngam foi considerada a rainha da noite.

- A senhora disse que a viu. Como ela era?

- Sim, eu a vi. As portas do salão de jantar estavam totalmente abertas e, como era época de Natal, os criados tiveram permissão para se reunir no saguão, para ouvir algumas das damas cantarem e tocarem. Mr. Rochester pediu-me que entrasse. Sentei-me num canto quieto e fiquei observando. Nunca vi uma cena mais esplêndida. As damas estavam magnificamente vestidas, a maioria era bonita... pelo

menos as mais jovens. Mas Miss Tngram certamente era a rainha.

- E como ela era?
- Alta, busto elegante, ombros inclinados. Pescoço longo e gracioso. Uma tez morena clara. Feições nobres e olhos parecidos com os de Mr. Rochester, grandes, negros e faiscantes como joias. E tinha um cabelo tão lindo, preto e brilhante e arrumado caprichosamente. Na parte de trás uma coroa de tranças, e na frente os cachos mais longos e brilhantes que já vi. Vestia-se inteiramente de branco, com um xale cor de

âmbar sobre o ombro e o peito, amarrado de lado e descendo em longas pontas até os joelhos. Também usava uma flor cor de âmbar no cabelo, que contrastava com a massa negra dos cachos.

- Foi muito admirada, com certeza?
- Sim, muito. E não apenas pela beleza, mas por suas qualidades. Foi uma das damas que cantaram. Um cavalheiro acompanhou-a ao piano e ela e Mr. Rochester cantaram um dueto.
- Mr. Rochester? Eu não sabia que ele cantava.
- Sim! Ele tem uma linda voz de barítono e excelente gosto para

música.

- E Miss Tngam? Que tipo de voz ela tem?
- Uma voz cheia e poderosa: canta deliciosamente, foi um prazer

ouvi-la. E ela tocou também. Não sou boa conhecedora de música, mas Mr. Rochester é, e ouvi-o dizer que a execução dela fora notavelmente boa.

- E essa bela e talentosa dama ainda não está casada?
- Parece que não. Tmagino que nem ela nem a irmã possuam grande fortuna. As propriedades do velho Lord Tngam estavam em sua maioria vinculadas à herança, e o filho mais velho ficou com quase tudo.
- Mas fico pensando se algum nobre ou cavalheiro rico não teve uma simpatia por ela. Mr. Rochester, por exemplo. Ele é rico, não é?
- Oh, sim! Mas pode ver que há uma grande diferença de idade.

Mr. Rochester tem quase quarenta, ela apenas vinte e cinco.

- Que importa? Todos os dias são realizados casamentos ainda mais desiguais.
- É verdade. Ainda assim, acho que Mr. Rochester dificilmente alimentaria esse tipo de ideia. Mas você não comeu nada! Mal tocou na comida, e só tomou chá.
- Não. Estou com muita sede. Gostaria de outra taça de chá... Estava a ponto de voltar à probabilidade de uma união entre Mr.

Rochester e a bela Blanche quando Adele chegou, e a conversa mudou de rumo.

Novamente sozinha, revi as informações que recebera. Examinei meu coração, seus pensamentos e sentimentos, e esforcei-me para trazer de volta às regras seguras do bom senso, com uma mão rígida, todas as suas enganosas fantasias sem limites e seus devaneios sem rumo.

Levada a juízo em meu próprio tribunal, tive a Memória como testemunha das esperanças, desejos e sentimentos que eu estivera cultivando desde a noite anterior, e do estado de espírito geral que eu permitira que me dominasse por quase uma quinzena. Depois a Razão se adiantou e contou, em seu modo calmo, uma história simples e comum de como eu

rejeitara o real e gulosamente devorara o ideal... Então pronunciei o seguinte julgamento:

Que nunca uma tola maior que Jane Eyre havia respirado o ar da vida. Que nunca uma idiota mais completa havia se alimentado com doces mentiras, e engolido veneno como se fosse néctar.

“Você,” disse a mim mesma “a favorita de Mr. Rochester? Você, dotada do poder de agradá-lo? Você representar alguma coisa para ele, seja o que for? Vá embora! Sua loucura me deixa doente! E você encontrou prazer em alguns sinais de favorecimento – sinais equivocados – dispensados por um cavalheiro de alta linhagem e homem do mundo em relação a uma subalterna inexperiente. Como se atreveu? Pobre e estúpida tola! Nem mesmo o seu próprio interesse é capaz de torná-la mais sábia? E hoje reviu em sua mente a breve cena da última noite, não foi? Cubra o rosto de vergonha! Ele disse algo a respeito dos seus olhos, não disse? Cadelinha cega! Abra esses olhos enevoados e olhe para sua maldita falta de senso! Não faz bem à mulher alguma, ser elogiada por um superior, que não tem a menor possibilidade de casar-se com ela. E é loucura uma mulher permitir que um amor secreto queime dentro dela. Amor que, desconhecido e não correspondido, devora a própria vida que o alimenta. E, se revelado e retribuído, pode levar, como um fogo-fátuo, a um pântano de onde não há como sair.”

“Escute bem, Jane Eyre, eis a sua sentença: amanhã, coloque o espelho na sua frente e desenhe o seu próprio retrato, fielmente, sem suavizar qualquer defeito. Não omita as linhas mais rudes, nem disfarce

alguma desproporção desagradável. Abaixo dele escreva:

Retrato de uma Governanta, pobre, simples e sem família.”

“Depois, pegue uma placa de fino marfim – você tem uma na caixa de pintura – prepare a sua paleta, misture as tintas mais claras, frescas e delicadas e escolha pincéis de suave pêlo de camelo. Desenhe a face mais adorável que puder imaginar e pinte-a nas cores mais ternas e doces, de acordo com a descrição que Mrs. Fairfax fez de Blanche Tngam. Lembre-se dos cachos negros e dos olhos amendoados. O quê? Você está tomando de novo Mr. Rochester como modelo! Ordem! Nada de lamúrias! Nada de sentimentalismos! Nada de tristezas! Permito apenas bom senso e decisão. Lembre dos traços nobres e harmoniosos, o busto e o pescoço de estátua grega, deixe o braço redondo e fascinante bem à vista, assim como a mão delicada. Não esqueça os anéis de diamante nem o bracelete de ouro. Retratar fielmente os trajés, os laços diáfanos e o cetim brilhante, o gracioso xale e a rosa dourada. Chame-o de ‘Blanche, uma perfeita dama da alta sociedade’.”

“Quando, no futuro, por acaso pensar que Mr. Rochester tem algum sentimento por você, pegue esses dois retratos e

compare-os. Diga: Mr. Rochester provavelmente ganhará o amor dessa nobre dama, se realmente desejar. Será possível que perca tempo pensando seriamente numa plebeia indigente e insignificante?”

“Assim o farei” decidi. E tendo tomado essa decisão, tranquilizei-me e adormeci.

Mantive a palavra. Em uma ou duas horas desenhei meu próprio retrato a crayon, e em menos de quinze dias havia completado uma miniatura em marfim de uma Blanche Tngam imaginária. O rosto parecia suficientemente adorável para, comparado ao retrato real feito em crayon, oferecer um contraste forte o bastante para manter minha resolução. Tirei algum proveito da tarefa, pois mantive as mãos e a cabeça ocupadas, e conferi força e estabilidade aos novos sentimentos que desejava gravar de forma indelével no coração.

Tinha mais uma razão para congratular-me pela saudável disciplina a que submetera meus sentimentos. Graças a ela fui capaz de suportar os acontecimentos que se sucederam com uma serenidade digna,

a qual não seria capaz de manter, nem mesmo aparentemente, caso me encontrasse despreparada.

[1] Em francês no original: “O que tem, senhorita? Seus dedos tremem como uma folha, e suas faces estão vermelhas. É... vermelhas como duas cerejas!”

CAPÍTULO XVII

Passou-se uma semana sem nenhuma notícia de Mr. Rochester. Dez dias, e ele ainda não voltara. Mrs. Fairfax disse que não ficaria surpresa se ele fosse direto de Leas para Londres, e de lá para o continente, e só aparecesse novamente em Thornfield no ano seguinte. Mais de uma vez ele partira assim, dessa maneira súbita e inesperada. Quando ouvi isso, comecei a sentir um estranho frio e uma fraqueza no coração. Na verdade, já estava tendo uma doentia sensação de desapontamento. Mas, reunindo minhas energias e recordando meus princípios, dominei esses sentimentos. E foi espantoso como superei esse engano temporário, como afastei o erro de supor que os movimentos de Mr. Rochester tivessem algum interesse vital na minha vida. Não que eu me sentisse humilhada por algum escravizante sentimento de inferioridade. Ao contrário. Apenas disse a mim mesma:

“Você não tem nada a ver com o dono de Thornfield, além de receber o salário que ele lhe paga para ensinar a menina e ser grata pelo tratamento respeitoso e gentil que, se cumprir bem sua missão, tem o direito de esperar da parte dele. Esteja certa de que esse é o único laço que ele reconhece entre vocês dois. Assim, não faça dele o objeto dos seus belos sentimentos, seus devaneios, suas agonias... e siga adiante! Ele não é do seu nível: mantenha-se no seu lugar. Seja respeitosa e não se permita

amar com toda a força do seu coração e da sua alma alguém que não deseja essa dádiva e pode desprezá-la.”

Prosegui com tranquilidade nas minhas ocupações diárias. Mas, aqui e ali, surgiam em minha mente vagas sugestões de motivos pelos quais eu deveria deixar Thornfield. E me vi involuntariamente preparando anúncios e conjeturando sobre novas colocações. Não pensei em reprimir esses pensamentos. Que germinassem e dessem frutos, se pudessem.

Mr. Rochester estava ausente há mais de quinze dias, quando o carteiro trouxe uma carta para Mrs. Fairfax.

- É do patrão - ela disse, enquanto olhava o endereço. - Agora imagino que saberemos melhor se ele volta ou não.

E enquanto ela quebrava o lacre e examinava o documento, prossegui tomando meu café (estávamos na mesa do café da manhã). Fazia calor, e atribui a essa circunstância o intenso rubor que de repente tomou conta do meu rosto. Preferi não conjeturar porque minhas mãos tremiam, e porque derramei metade do café no pires.

- Bem, às vezes penso que a casa está muito quieta. Mas agora teremos uma chance de nos ocupar bastante, ou pelo menos por um tempo

- disse Mrs. Fairfax, ainda segurando a carta diante do rosto.

Antes de me permitir pedir alguma explicação, atei o laço do avental de Adele, que estava solto. Ajudei a servi-la de outro pãozinho e tornei a encher sua caneca com café. Disse então, com o maior sangue frio:

- Tmagino que Mr. Rochester não vai retornar tão cedo...

- Na verdade, ele vai... Daqui a três dias estará aqui, diz ele. Quinta-feira próxima, portanto. E não vem sozinho. Não sei quantos daqueles elegantes convidados de Leas virão com ele. Só sei que mandou preparar todos os melhores quartos e limpar a biblioteca e as salas de visitas. Devo mandar vir ajudantes de cozinha da Estalagem George em Millcote, e de onde mais puder. As damas trarão suas criadas de quarto e os cavalheiros também virão com seus valetes. Vamos ter uma casa cheia.

E Mrs. Fairfax engoliu o café e saiu apressada para começar os preparativos.

Como ela previra, foram três dias bastante cheios. Sempre achei todos os cômodos de Thornfield agradavelmente limpos e bem arranjados, mas parece que me enganava. Vieram três mulheres para ajudar. E foi um tal de esfregar, escovar, lavar, bater tapetes, tirar e recolocar quadros, polir espelhos e lustres, acender lareiras nos quartos, arejar lençóis e cobertores, como eu nunca vi antes na minha vida, nem voltei a ver depois. Adele corria no meio de tudo aquilo, completamente agitada. As preparações e a perspectiva da chegada de convidados

pareciam levá-la ao delírio. Pediu a Sophie que examinasse todas as suas “toilettes”, como ela chamava os

seus vestidos, separasse os que estivessem “passées” – fora de moda – além de arejar e reparar os mais novos. Fora isso, nada mais fazia senão dar cambalhotas nos quartos da frente, pular em cima dos estrados das camas, e esparramar-se nos colchões e nas pilhas de almofadas e travesseiros diante dos enormes fogos que rugiam nas lareiras. Estava dispensada dos deveres escolares. Mrs. Fairfax havia pedido minha ajuda e eu passava o dia na despensa, ajudando (ou atrapalhando) a ela e à cozinheira, e aprendendo a fazer pudins de ovos, tortas de requeijão e doces franceses, e a preparar pratos de caça e guarnecer sobremesas.

A chegada do grupo estava prevista para a tarde de quinta-feira, a tempo de jantar às seis. Durante esse período não tive tempo para alimentar quimeras, e acho que estava mais ativa e alegre do que qualquer um... exceto Adele. Ainda assim, vez por outra recebia um golpe desalentador na minha alegria e, a despeito de mim mesma, voltava à nebulosa região das dúvidas, presságios e negras conjeturas. Era quando via por acaso a porta da escada do terceiro andar (que ultimamente vivia trancada) abrir-se devagar e dar passagem ao vulto de Grace Poole, de touca limpa, avental branco e lenço; quando a via deslizar pelo corredor, seus passos leves abafados pelas chinelas macias; quando a via olhar para dentro dos quartos –

onde reinava a agitação – apenas para dizer uma palavra à faxineira sobre a maneira correta de polir uma grade de metal, ou um consolo de mármore, ou tirar as nódoas do papel de parede, e depois seguir adiante. Ela ainda descia até a cozinha uma vez por dia, almoçava, fumava um pequeno cachimbo junto ao fogo e voltava, levando a caneca de cerveja com ela para a solidão do seu sótão triste e sombrio. Das vinte e quatro horas do dia, ficava apenas uma com suas companheiras lá embaixo. Todo o resto do seu tempo era passado em algum quarto de teto baixo e forrado de carvalho, no terceiro andar. Ali sentava-se e costurava – e provavelmente ria sozinha – tão solitária quanto uma prisioneira numa masmorra.

A coisa mais estranha de tudo era que ninguém na casa, exceto eu, estranhava os seus hábitos, ou parecia reparar neles. Ninguém discutia sua posição na casa, nem tinha pena de sua solidão e isolamento. Uma vez, no entanto, ouvi parte de um diálogo entre Leah e uma das faxineiras em que

o assunto era Grace. Leah havia dito algo que eu não ouvira, e a faxineira observou:

- Ela deve ganhar um bom salário, não é?
- Sim – disse Leah – quem me dera eu recebesse um salário tão bom! Não que eu possa me queixar, não há mesquinharria em Thornfield, mas não ganho um quinto do que Mrs. Poole ganha. E ela está economizando: uma vez a cada três meses vai ao

banco em Millcote. Não me espanta se já tiver o bastante para ser independente, se acaso deixar Thornfield. Mas acho que se acostumou aqui. Ainda assim, não tem nem quarenta anos, e ainda está bem forte e capaz. É muito cedo para ela deixar de trabalhar.

- Ela deve ser de grande ajuda - disse a faxineira.

- Ah, sim! Ela sabe o que deve fazer, melhor do que ninguém! - respondeu Leah, de modo significativo. - E não é qualquer uma que pode fazer o que ela faz... mesmo com o seu salário.

- Ah, é mesmo! - foi a resposta. - Fico pensando se o patrão...

A faxineira ia continuar, mas Leah voltou-se nesse momento, notou minha presença e, imediatamente cutucou a companheira.

- Ela não sabe? - ouvi a mulher cochichar.

Leah sacudiu a cabeça e mudaram de assunto. Tudo que entendi da conversa foi isto: havia um mistério em Thornfield, e eu supostamente fora excluída de qualquer participação nele.

Finalmente chegou a quinta-feira. O trabalho terminara na tarde do dia anterior. Os tapetes foram recolocados, os cortineiros enfeitados, as colchas estendidas, as penteadeiras arrumadas, a mobília lustrada e flores dispostas nos vasos. Os quartos e as salas pareciam tão brilhantes e limpos quanto possível. O saguão também fora lustrado, e a moldura do antigo relógio, os corrimões e degraus da escada estavam

polidos como cristais. Na sala de jantar, o bufê parecia resplandecer com a prataria. Na sala de visitas e no boudoir havia vasos com flores exóticas por todo o lado.

A tarde chegou e Mrs. Fairfax colocou o seu melhor vestido preto de cetim, as luvas e o relógio de ouro, pois era sua obrigação receber os

convidados e levar as damas aos seus quartos. Adele também devia ser vestida, apesar de eu achar que ela tinha pouca chance de ser apresentada ao grupo naquela noite. Todavia, para agradá-la, permiti que Sophie a vestisse com um dos seus vestidos curtos de musseline. Quanto a mim, não havia necessidade de qualquer mudança. Não deveria ser convidada a deixar o santuário da sala de aulas, pois para mim ela era agora um santuário, um refúgio agradável em tempos de tormenta.

Era um dia ameno e calmo de primavera. Um daqueles dias que, entre o fim de março e o começo de abril, brilhava sobre a terra como um arauto do verão. Já estava anoitecendo, mas ainda estava quente. Sentei-me a trabalhar na sala de aulas, com a janela aberta.

- Está ficando tarde - disse Mrs. Fairfax, ao entrar com o vestido farfalhando. - Estou feliz de ter pedido o jantar uma hora mais tarde que o habitual, pois já passa das seis. Mande

John até os portões para ver se vem vindo alguém na estrada. Dali se vê um bom pedaço na direção de Millcote.

Foi até a janela.

- Aí está ele! - disse ela - Bem, John, alguma novidade?

- Eles estão chegando, madame - foi a resposta. - Estarão aqui em dez minutos.

Adele correu para a janela. Eu a segui, tomando cuidado para ficar de lado, encoberta pela cortina, de onde podia ver sem ser vista.

Os dez minutos de John pareceram intermináveis, mas afinal ouviu-se o barulho de rodas. Quatro cavaleiros vinham à frente, seguidos por duas carruagens abertas. Véus flutuantes e plumas ondulantes enchiam os veículos. Dois dos cavaleiros eram jovens de bela aparência e arrojados. O terceiro era Mr. Rochester, no seu cavalo negro, Mesrour, com Pilot à frente. Ao lado dele havia uma dama, e os dois eram os primeiros do grupo. Seu casaco de montaria púrpura quase encostava no chão, o longo véu flutuava na brisa. E brilhando entre as dobras do véu transparente, distinguiam-se ricos cachos negros.

- Miss Tngam! - exclamou Mrs. Fairfax, e correu para assumir seu posto lá embaixo.

Os cavaleiros, seguindo a curva do caminho, logo dobraram o ângulo da casa, e eu os perdi de vista. Adele implorava para

descer. Eu a peguei no colo e a fiz entender que ela não devia, em hipótese alguma, aparecer perante as damas, nem agora nem em qualquer outra ocasião, a menos que fosse expressamente convidada. Disse-lhe que Mr. Rochester ficaria muito zangado com ela. “Ela derramou algumas lágrimas verdadeiras”[1] quando ouviu isso, mas como eu parecia muito aborrecida, resolveu enxugá-las.

Agora ouvia-se uma alegre movimentação no saguão: as vozes profundas dos cavalheiros mesclavam-se harmoniosamente com os tons argentinados das damas. Acima de todas, embora não fosse alta, ouvia-se a voz sonora do senhor de Thornfield Hall, dando as boas vindas à sua casa aos belos e galantes hóspedes. Em seguida, passos leves subiram as escadas, houve movimento no corredor, alguns risos suaves e harmoniosos, o ruído de portas que se abriam e fechavam. Depois, por algum tempo, apenas silêncio.

- Elles changent de toilettes - disse Adele, que escutava atentamente e seguia cada movimento. Então suspirou. - Chez maman, quand il y avait du monde, je le suivais partout, au salon et à leurs chambres. Souvent je regardais les femmes de chambre coiffer et habiller les dames, et c'était si amusant: comme cela on apprend [2].

- Não está com fome, Adele ?

- Mais, oui, mademoiselle: voilà cinq ou six heures que nous n'avons pas mangée.[3]

- Bem, enquanto as damas estão nos seus quartos, vou tentar descer e pegar algo para comer.

E saindo do meu refúgio com toda a precaução, procurei uma escada nos fundos que levava diretamente à cozinha. Tudo ali era fogo e comoção. A sopa e o peixe estavam sendo finalizados, e a cozinheira inclinava-se sobre as caçarolas, num frêmito de corpo e de alma que ameaçava uma combustão espontânea. Na sala dos criados, dois cocheiros e três valetes se agrupavam, de pé ou sentados ao redor do fogo. As criadas, creio, estavam no andar de cima com suas patroas. Os novos empregados, que haviam sido contratados em Millcote, movimentavam-se

por toda parte. Enveredando por esse caos, finalmente cheguei à despensa. Ali me apoderei de um frango frio, um pedaço de pão, alguns bolos, dois pratos, facas e garfos. Com o meu butim, fiz uma retirada rápida. Voltei ao corredor e estava fechando a porta de trás quando um forte rumor indicou-me que as damas estavam saindo dos quartos. Não podia ir até a sala de aulas sem passar na frente de algumas das portas, correndo o risco de ser surpreendida com a minha carga de víveres. Então fiquei parada ali no fim do corredor, que era um tanto escuro, pois não havia janelas naquela parte. Agora estava ainda mais escuro, pois o sol já havia se posto e o crepúsculo avançava.

Nesse momento, as belas hóspedes saíram de seus quartos, uma após a outra. Cada qual mais alegre e radiante, com vestidos brilhantes que luziam no escuro. Por um momento reuniram-se todas na outra extremidade do corredor, conversando num tom de controlada vivacidade. Então desceram as escadas quase sem ruído algum, como brilhantes espirais de névoa descendo de uma colina. Sua aparição coletiva deixara-me uma impressão de elegância de berço, como eu nunca vira antes.

Encontrei Adele espiando pela porta entreaberta da sala de aulas.

- Que damas lindas! - exclamou ela, em inglês. - Quem dera eu pudesse ir até elas! Acha que Mr. Rochester vai nos chamar depois do jantar?

- Não creio, na verdade. Mr. Rochester tem outras coisas em que pensar. Não se preocupe mais com as damas por hoje. Talvez possa vê-las amanhã. Aqui está o seu jantar.

Ela realmente estava com fome, assim o frango e os bolos acabaram por distraí-la durante algum tempo. Foi bom que eu garantisse essa refeição. Senão, tanto ela como eu e Sophie, a quem eu enviara um pouco de comida, corríamos o risco de ficar totalmente sem jantar. Todos lá embaixo estavam ocupados demais para pensar em nós. A sobremesa não foi servida senão às nove, e às dez os lacaios ainda estavam andando de lá para cá com bandejas e xícaras de café. Permitti

que Adele ficasse acordada até mais tarde que de costume, pois ela dissera que não poderia dormir enquanto ouvisse as portas batendo lá embaixo e pessoas se movimentando. Além disso, podia vir um chamado de Mr. Rochester

quando ela já tivesse se despido “et alors, quel dommage!” – seria uma pena!

Contei-lhe histórias enquanto ela se dispôs a ouvi-las e, para distraí-la, levei-a para o corredor. Agora a lâmpada do saguão estava acesa, e ela se distraiu olhando por sobre a balaustrada, observando o vaivém dos criados. Quando a noite já avançava, ouviu-se som de música, vindo da sala de visitas, onde fora colocado o piano. Adele e eu sentamos nos degraus mais altos da escada para escutar. Então ouviu-se uma voz que se juntava ao instrumento, de uma dama que cantava em notas muito doces. Terminado o solo, seguiu-se um dueto, e depois um coro. Um murmúrio alegre de conversas preenchia os intervalos. Escutei por muito tempo. De repente, descobri que meus ouvidos estavam inteiramente ocupados em analisar os sons misturados, tentando descobrir no meio da confusão de vozes aquela de Mr. Rochester. Ao reconhecê-la, o que não demorou, ainda tive que decifrar em palavras os sons inarticulados pela distância.

O relógio bateu onze horas. Olhei para Adele, cuja cabeça repousava no meu ombro. Seus olhos estavam pesados, então

peguei-a no colo e levei-a para a cama. Era quase uma hora quando as damas e os cavalheiros se recolheram aos seus aposentos.

O dia seguinte estava tão bonito quanto o anterior, e o grupo aproveitou para fazer um passeio a algum lugar nas vizinhanças. Saíram de manhã cedo, alguns a cavalo, o resto nas carruagens. Testemunhei tanto a partida quanto o retorno. Miss Tngam, como antes, era a única dama a cavalo. E, como antes, Mr. Rochester galopava ao seu lado. Os dois seguiam um pouco afastados do resto do grupo. Mencionei esse fato a Mrs. Fairfax, que estava ao meu lado na janela.

- A senhora me disse que não era provável que eles pensassem em casamento - observei - Mas é evidente que Mr. Rochester prefere a companhia dela a qualquer uma das outras damas.

- Sim. Não há dúvida que ele a admira.

- E ela a ele - acrescentei - veja como volta a cabeça para ele, como se estivesse numa conversa privada. Quem me dera eu pudesse ver seu rosto, ainda não pude vê-la, nem de relance.

- Vai vê-la esta noite - disse Mrs. Fairfax. - Mencionei a Mr. Rochester o quanto Adele deseja conhecer as damas e ele disse: "Ah! Mande que venha a sala de visitas após o jantar. E peça a Miss Eyre para acompanhá-la".

- Sim, mas ele disse isso apenas por delicadeza. Estou certa de que não preciso ir - respondi.

- Bem... Eu disse a ele que, como você não está acostumada à sociedade, é possível que não gostasse de aparecer diante de um grupo tão alegre, e todos estranhos. E ele disse, no seu modo brusco: “Bobagem! Se ela se recusar, diga que é um pedido especial meu. E se ainda assim resistir, diga-lhe que se teimar em não vir eu mesmo irei buscá-la”.

- Não permitirei que se dê a esse trabalho - respondi. - Eu irei, se não há outra saída. Mas não gosto. A senhora vai estar lá, Mrs. Fairfax?

- Não, pedi para ser dispensada, e ele concordou. Deixe-me dizer-lhe como deve fazer para evitar o embaraço de uma entrada formal, que é a parte mais desagradável do negócio. Vá para a sala de visitas enquanto estiver vazia, antes que as damas deixem a mesa. Escolha seu lugar no canto mais calmo que preferir. Depois que os cavalheiros vierem, não precisa ficar por muito tempo, a menos que lhe agrade. Deixe que Mr. Rochester veja que você está lá e então saia discretamente... Ninguém vai notar. tempo?

- A senhora acha que os convidados ficarão aqui por muito

- Talvez duas ou três semanas, não mais. Depois dos feriados de

Páscoa, Sir George Lynn, que foi recentemente eleito deputado por Millcote, deve ir a Londres para tomar posse. Acho que Mr. Rochester vai acompanhá-lo. Estou surpresa com essa longa estadia dele em Thornfield.

Foi com algum nervosismo que senti aproximar-se a hora em que devia descer com a minha cruz para a sala de visitas. Adele esteve em estado de êxtase durante todo o dia, depois de saber que seria apresentada às damas naquela noite. E só sossegou quando Sophie começou a vesti-la. A importância do momento acalmou-a rapidamente. Depois que Sophie arrumou os seus cabelos numa cascata de cachos macios, colocou-lhe o

vestidinho de cetim rosa, atou a longa faixa e vestiu-lhe as luvas de renda, Adele parecia tão grave quanto um juiz. Não foi preciso recomendar-lhe que não desarranjasse o traje. Quando terminou, sentou-se elegantemente na sua cadeirinha, tendo o prévio cuidado de levantar a saia de cetim para que não amassasse e prometeu que não iria se mexer até que eu estivesse pronta. Tso não demorou para acontecer.

Rapidamente coloquei o meu melhor vestido - o prateado, comprado para o casamento de Miss Temple e que eu nunca

usara desde então – ajeitei o cabelo e coloquei meu único adorno, o broche de pérolas. Descemos.

Felizmente havia outra entrada para a sala de visitas do que aquela que atravessava a sala de jantar, onde todos estavam sentados à mesa. Achamos a sala vazia. Um belo fogo ardia silenciosamente na lareira de mármore, e os candeeiros luziam naquela brilhante solidão, em meio às exóticas flores que adornavam as mesas. A cortina carmesim estava baixada diante do arco da sala. Mesmo com essa frágil separação entre os dois cômodos, os convidados falavam num tom de voz tão baixo que não se podia distinguir nada da sua conversa, além de um suave murmúrio.

Adele, que parecia estar sob a influência da mais solene impressão, sentou-se sem uma palavra na banquetta que lhe indiquei. Retirei-me para o banco junto à janela e, pegando um livro da mesa próxima, tentei ler um pouco. Adele trouxe sua banquetta para junto de mim. Pouco depois tocou o meu joelho.

- O que é, Adele?

- Est-ce que je ne peut pas prendre une seule de ces fleurs magnifiques, mademoiselle? Seulement pour compléter ma toilette ?[4]

- Você se preocupa demais com a sua “toilette”, Adele. Mas vou lhe dar a flor.

Peguei uma rosa de um vaso e prendi-a na faixa da cintura. Ela suspirou com uma satisfação inefável, como se a sua taça de

felicidade estivesse finalmente cheia. Virei o rosto para esconder um sorriso involuntário: havia algo de ridículo, tanto quanto doloroso, na séria e inata devoção daquela pequena parisiense a tudo que se referia à moda.

Agora se ouvia o som suave de pessoas se levantando. A cortina fora afastada. Através do arco via-se a sala de jantar, com seu grande lustre aceso jorrando luz sobre a prataria e os cristais de um magnífico aparelho de jantar, que cobria a longa mesa. Um grupo de senhoras parou na entrada da sala. Entraram e a cortina foi fechada atrás delas.

Não eram mais de oito, mas como se aglomeravam davam a impressão de um número bem maior. Algumas eram muito altas, muitas vestidas de branco, e todas tinham atavios tão envolventes que pareciam exaltá-las, assim como a bruma exalta a lua. Levantei-me e fiz uma reverência. Uma ou duas inclinaram a cabeça em retribuição, as demais apenas me olharam fixamente.

Espalharam-se pela sala, lembrando-me, pela leveza e flexibilidade dos seus movimentos, um bando de pássaros brancos. Algumas delas sentaram-se meio reclinadas nos sofás e otomanas. Outras examinavam as flores e os livros dispostos nas mesas. O resto formava um grupo perto do fogo. Todas falavam num tom baixo, mas nítido, que parecia normal entre elas. Soube seus nomes depois, e posso agora mencioná-los.

Primeiro, Mrs. Eshton e as duas filhas. Era evidente que ela fora uma mulher bonita, e ainda estava bem conservada. Das filhas, a mais velha, Amy, era de baixa estatura, ingênua, o rosto e os modos de criança e as formas picantes. O vestido branco com faixa azul caía-lhe muito bem. A outra, Louisa, era mais alta e mais elegante, com um rosto muito gracioso, do tipo que os franceses chamam de “minois chiffonné” – carinha de cansaço. As duas eram claras como lírios.

Lady Lynn era uma figura grande e robusta, de quarenta anos aproximadamente, muito ereta, de aparência bastante altiva, ricamente trajada num vestido de cetim furta-cor. Sob uma tiara de pedras preciosas, seu cabelo negro brilhava radiante à sombra de uma pluma azul-celeste.

A esposa do Coronel Dent era menos pomposa, mas parecia-se mais com uma dama, penso eu. Era esguia, de rosto pálido e feições nobres, e belos cabelos. Seu vestido de seda preto, seu xale de rica renda importada e os ornamentos de pérola, agradaram-me mais do que a colorida radiância da outra que tinha o título de dama.

Mas as três que mais se destacavam, em parte, talvez por serem as mais altas, eram a Matriarca Lady Tngam e suas filhas, Blanche e Mary. As três eram as mais altas entre as mulheres. A Matriarca devia ter entre quarenta e cinquenta anos, seu porte ainda era belo, o cabelo ainda era negro (pelo

menos à luz dos candeeiros), e os dentes, aparentemente, ainda eram perfeitos. Muitos a teriam considerado uma mulher esplêndida para a sua idade. E ela era, sem dúvida, fisicamente falando. Mas havia uma expressão de quase insuportável arrogância no seu porte e semblante. Tinha traços romanos, e um queixo duplo que desaparecia no pescoço grosso como uma coluna. Seus traços me pareceram inflados e sombrios, ainda mais estufados pelo orgulho. O queixo era sustentado pelo mesmo princípio, numa posição ereta quase sobrenatural. Tinha os olhos igualmente duros e cruéis, que me lembravam de Mrs. Reed. Escandia as palavras com uma voz profunda, de inflexões muito pomposas e muito dogmáticas... em suma: muito intoleráveis. O vestido de veludo carmim e um xale-turbante de algum tecido indiano de estampa dourada, investiam-na (creio que ela assim pensava) de uma verdadeira dignidade imperial.

Blanche e Mary tinham a mesma estatura... altas e eretas como álamos. Mary era muito magra para a altura, mas Blanche tinha as formas de uma Diana. Olhei-a com especial interesse, é claro. Primeiro queria ver se sua aparência estava de acordo com a descrição de Mrs. Fairfax. Depois, se tinha alguma semelhança com a miniatura imaginária que pintara dela. E por fim – confesso! – para ver se era a mulher que eu imaginava contentar o gosto de Mr. Rochester.

Tanto quanto possível, Blanche assemelhava-se bastante à minha pintura e à descrição de Mrs. Fairfax. O busto nobre, os

ombros inclinados, o gracioso pescoço, os olhos escuros e os negros cachos estavam todos lá... Mas e o rosto? O rosto parecia com o da mãe. Era mais jovem e mais liso, mas tinha o mesmo cenho carregado, os mesmos traços altaneiros, o mesmo orgulho. No entanto, seu orgulho não era tão melancólico! Ria continuamente, mas era um riso mordaz, como a expressão habitual do lábio arqueado e arrogante.

Dizem que o talento é presunçoso. Não sei dizer se Miss Tngam era talentosa, mas presunçosa ela era... notavelmente presunçosa, aliás. Engajou-se numa discussão sobre botânica com a gentil Mrs. Dent. Parece

que Mrs. Dent não entendia muito dessa ciência, mas gostava de flores, como disse, “especialmente das flores silvestres”. Miss Tngam sim, conhecia o assunto, e começou a desfilar o vocabulário apropriado com ares superiores. Então percebi que ela (como se fala corriqueiramente) ironizava Mrs. Dent, isto é, zombava da sua ignorância... Sua ironia podia ser inteligente, mas não revelava bom caráter. Tocou piano: sua execução foi brilhante. Cantou: tinha uma bela voz. Falava francês com a mãe, e falava bem, com fluência e boa pronúncia.

Mary tinha uma natureza mais meiga e aberta que Blanche, traços mais suaves e a pele bem mais clara (Miss Tngam era morena como uma espanhola)... Mas Mary tinha pouca

vivacidade, faltava-lhe brilho no olhar. Não tinha nada a dizer, e uma vez que sentava ficava imóvel como uma estátua no seu nicho. Ambas as irmãs estavam trajadas em branco imaculado.

E agora? Seria Miss Tngam, no meu modo de ver, uma provável escolha de Mr. Rochester? Não saberia dizer... Não conhecia o gosto dele em matéria de beleza feminina. Se gostasse do majestático, ela era o tipo perfeito de majestade, e também prendada e esperta. A maioria dos cavalheiros devia admirá-la, pensei. E que ele a admirava, parecia que já havia provas. Para remover qualquer sombra de dúvida, faltava-me apenas vê-los juntos.

Não imagine, leitor, que Adele ficou esse tempo todo sentada imóvel na banquetta aos meus pés. Não. Quando as senhoras entraram ela levantou-se, foi ao seu encontro, fez uma majestosa reverência e disse gravemente:

- Bonjour, mesdames.[5]

Miss Tngam olhou-a com ar de deboche e exclamou:

- Olhem! Que linda bonequinha! Lady Lynn observou:

- Deve ser a protegida de Mr. Rochester... A pequena menina francesa de quem ele estava falando.

Mrs. Dent pegou bondosamente a mão dela e deu-lhe um beijo.

Amy e Louisa Eshton exclamaram ao mesmo tempo:

- Que amor de criança!

E, então, levaram-na para o sofá, onde ela agora estava sentada, refestelada no meio delas, falando alternadamente em francês e inglês estropiado. Absorvia a atenção não só das jovens damas, como também de Mrs. Eshton e Lady Lynn, e estava sendo muito mimada, para sua enorme felicidade.

Por fim trouxeram o café, e os cavalheiros foram chamados. Eu estava sentada na sombra, se é que havia alguma sombra naquele salão iluminado. A cortina da janela me escondia parcialmente. O arco se abriu novamente e eles entraram. A aparência coletiva dos cavalheiros era tão imponente quanto a das damas. Estavam todos de preto, a maioria era alta e alguns eram jovens. Henry e Frederick Lynn eram arrojados galanteadores. O Coronel Dent era um belo homem, do tipo militar. Mr. Eshton, o magistrado da região, tinha a aparência de um cavalheiro: cabelos brancos, bigode e sobancelhas ainda escuros, que lhe davam uma aparência de “père noble de theatre” – pai nobre de teatro. Lord Tngam era muito alto, como as irmãs. E, como elas, também muito bonito. Mas tinha o mesmo olhar apático e indiferente de Mary. Parecia ter mais comprimento de pernas do que vigor ou vivacidade de espírito.

E onde estava Mr. Rochester?

Ele chegou, afinal. Embora eu não estivesse olhando para a arcada, senti quando ele entrou. Tentei concentrar minha atenção nas agulhas de tricô e nas malhas da bolsa que tecia...

Quis pensar apenas no trabalho que tinha nas mãos, ver apenas as contas prateadas e os fios de seda que estavam no meu colo. Apesar disso, vi distintamente sua figura, e não pude evitar de pensar na última vez que o vira. Fora logo após haver-lhe prestado o que ele chamou de serviço essencial, quando ele, segurando minhas mãos e olhando para o meu rosto, observou-me com olhos que revelavam um coração cheio e ansioso para transbordar numa emoção que me envolvia. Como estive próxima dele naquele momento! O que ocorrera desde então, para mudar a posição dele e a minha? Como estávamos distantes e estranhos agora! Tão estranhos que nem sequer esperei que

viesse falar comigo. Não me admirei quando ele, sem me olhar, sentou-se no outro lado da sala e começou a conversar com algumas das damas.

Logo que percebi que a atenção dele estava concentrada nas senhoras e que podia contemplá-lo sem ser vista, meus olhos dirigiram-se involuntariamente para o seu rosto. Não podia controlá-los, de qualquer forma eles se ergueriam e se fixariam nele. Olhei, e senti profundo prazer em olhar – um prazer precioso, apesar de pungente. Ouro puro, ainda que misturado a uma ponta afiada de agonia. Um prazer como aquele que sente o peregrino sedento, quando descobre que o poço até o qual rastejou está envenenado, e mesmo assim bebe algumas gotas.

Mais verdadeiro ainda é o ditado que diz que “a beleza está nos olhos de quem vê”. Aquele rosto do meu patrão – a face morena e pálida, a fronte quadrada e maciça, as sobrancelhas cerradas, os olhos profundos, as feições marcantes, o queixo firme e cruel, tudo energia, decisão, vontade – não eram traços bonitos de acordo com o gosto comum. Mas para mim pareciam mais do que belos. Tinham um interesse e uma influência que me dominavam, que arrebatavam de mim meus próprios sentimentos e os colocava sob o poder dele. Não pretendia amá-lo. O leitor sabe que trabalhei duro para extirpar da minha alma os germes desse amor que ali se haviam instalado. E agora, quando pela primeira vez lancei os olhos sobre ele, esses sentimentos voltaram, mais firmes e fortes! Ele ganhou o meu amor sem sequer me olhar.

Comparei-o com os seus hóspedes. O que era a galante graça dos Lynns, a lânguida elegância de Lord Tngam – e até a distinção militar do Coronel Dent – comparada ao seu olhar de seiva nativa e genuína força? Não me despertavam simpatia, nem pela aparência nem pela expressão. Mesmo assim imaginava que a maioria das pessoas poderia achá-los atraentes, bonitos, imponentes – e que considerariam Mr. Rochester um homem de traços rudes e olhar melancólico. Eu os vi sorrir e dar risadas... e isso não era nada. A luz das velas tinha mais alma do que os seus sorrisos. As badaladas do sino mais significado do que as suas risadas. Vi Mr. Rochester sorrir. Suas feições sérias se abrandaram. Seus olhos tornaram-se

brilhantes e gentis, e a sua luz aguda e doce. Naquele momento estava conversando com Louisa e Amy Eshton. Admirei-me ao ver a calma com que receberam aquele olhar que me parecia tão

penetrante. Esperava que baixassem os olhos e corassem ante aquele olhar. Fiquei contente ao perceber que ficavam impassíveis.

“Ele não é para elas o que é para mim,” pensei “não é da sua espécie, e sim da minha. Estou convencida disso, sinto-me ligada a ele, entendo a linguagem do seu rosto e dos seus gestos. Embora a situação social e a riqueza nos afastem profundamente, tenho alguma coisa no coração e na mente, no sangue e nos nervos, que me liga espiritualmente a ele. E eu que disse, dias atrás, que não tinha nada a ver com ele a não ser receber das suas mãos o meu salário! E eu que proibi a mim mesma de pensar nele de outra forma que não fosse como patrão! Que atentado contra a natureza! Todos os meus sentimentos bons, verdadeiros e vigorosos dirigem-se impulsivamente para ele. Sei que devo esconder meus sentimentos. Devo sufocar a esperança, lembrar-me que ele não pode ligar muito para mim. Pois quando digo que somos da mesma espécie, não quero dizer que tenho a sua força de influência, nem seu poder de atração. Quero dizer apenas que tenho certos gostos e sentimentos em comum com ele. Devo então repetir, continuamente, que estamos separados para

todo o sempre... Ainda assim, enquanto me restar vida e alento, vou amá-lo.”

O café foi servido. As damas, com a chegada dos cavalheiros, tornaram-se vivas e divertidas. A conversa fluía alegre e jovial. O Coronel Dent e Mr. Eshton discutiam política, enquanto as esposas ouviam. As duas orgulhosas matronas, Lady Lynn e Lady Tngam, confabulavam. Sir George – a quem, por acaso, esqueci de descrever – era um cavalheiro do campo, bastante robusto e saudável. Estava de pé junto ao sofá, com a xícara de café na mão, e ocasionalmente fazia algum comentário. Mr. Frederick Lynn sentava-se ao lado de Mary Tngam, e mostrava a ela as gravuras de um esplêndido álbum. Ela olhava, sorria de vez em quando, mas aparentemente falava pouco. O alto e fleumático Lord Tngam debruçava-se, de braços cruzados, no espaldar da cadeira da pequena e viva Amy Eshton. Ela levantava o olhar para ele e tagarelava como uma cambaxirra. Gostava mais dele do que de Mr. Rochester. Henry Lynn dividia uma otomana com Adele, aos pés de Louisa. Tentava falar em francês com a menina, e Louisa ria dos seus erros. Quem seria a companhia de Blanche Tngam? Ela estava sentada numa mesa, inclinada

graciosamente sobre um livro. Parecia esperar que a procurassem. Mas resolveu não esperar mais: ela mesma escolheu seu par.

Mr. Rochester, tendo deixado as Eshtons, parara junto à lareira, tão solitário quanto estava na mesa. Miss Tngram parou em frente a ele, posicionou-se no lado oposto do consolo da lareira, e perguntou-lhe:

- Mr. Rochester, acho que não gosta muito de crianças...

- Não gosto mesmo, não.

- Então, o que o levou a tomar conta de uma bonequinha como aquela? - e apontou para Adele. - Onde foi que a pegou?

- Eu não a peguei, ela foi deixada em minhas mãos.

- Devia tê-la mandado para o colégio.

- Não pude me permitir isso ainda: colégios são muito caros.

- Mas suponho que contratou uma governanta. Vi uma pessoa com ela ainda há pouco... Será que já foi? Oh, não! Ainda está lá, atrás da cortina. O senhor lhe paga um salário, naturalmente. Acho que isso é tão caro quanto o colégio, até mais, pois ainda tem que manter as duas.

Eu temia - ou devo dizer que esperava? - que a alusão feita a mim fizesse Mr. Rochester olhar para o meu lado. E, involuntariamente, mergulhei ainda mais na sombra. Mas ele não olhou.

- Nunca pensei no assunto - disse ele, indiferente, olhando direto para a frente.

- Não, os homens nunca pensam em economia e bom senso. Devia ouvir o que a mamãe diz a respeito de governantas. Mary e eu tivemos, pelo menos, uma dúzia delas. A metade era detestável e o resto era ridículo. E todas eram um pesadelo... Não é verdade, mamãe?

- Perguntou alguma coisa, minha filha?

A jovem dama assim chamada, como propriedade especial da matriarca, repetiu a pergunta com uma explicação.

- Minha querida! Não me fale em governantas, só a palavra já me deixa nervosa. Sofri um martírio com sua incompetência e caprichos. Graças a Deus, agora estou livre delas.

Mrs. Dent, então, inclinou-se para a piedosa senhora e sussurrou algo em seu ouvido. Eu imagino, pela resposta que deu, que fora lembrada de que uma representante dessa raça amaldiçoada estava presente.

- Tant pis!... Tanto pior! - exclamou a digníssima dama - Espero que faça bom proveito!

Depois disse num tom mais baixo, mas alto o suficiente para que eu ouvisse.

- Eu a vi. Sou boa fisionomista: vi no rosto dela todos os defeitos da sua classe.

- Quais são eles, madame? - inquiriu Mr. Rochester, em voz alta.

- Vou dizer-lhe em particular - replicou a dama com prodigiosa importância, sacudindo o turbante três vezes.

- Mas a minha curiosidade pode perder o apetite, precisa de alimento agora.

- Pergunte a Blanche, ela está mais perto do senhor do que eu.

- Oh, não o remeta a mim, mamãe! Tenho apenas uma palavra a dizer sobre esse bando todo. São um aborrecimento. Não que eu tenha sofrido muito nas mãos delas. Tive o cuidado de inverter os papéis. Quantos truques Theodore e eu costumávamos aplicar nas nossas Miss Wilsons ou Miss Greys ou Madame Jouberts! Mary era boba demais para pensar em alguma trama espirituosa. As mais engraçadas eram com Madame Joubert. Miss Wilson era uma pobre coisinha tão doente, lacrimosa e sem espírito, que não valia a pena tripudiar sobre ela. E Miss Grey era grosseira e insensível, nenhum golpe a atingia. Mas a coitada da Madame Joubert!... Ainda a vejo nas suas explosões de raiva, quando nós a levávamos ao extremo - derramando nosso chá, esmigalhando nosso pão com manteiga, jogando nossos livros para o alto, e fazendo um tumulto com as réguas, as carteiras, os atiçadores e o guarda-fogo da lareira. Theodore, você se lembra daqueles dias felizes?

- Ah, com certeza que sim - falou lentamente Lord Tngam. - E a pobre coitada da velha costumava gritar: "Vocês, suas crianças perversas"... E então nós lhe passávamos um sermão pela sua pretensão de

querer ensinar crianças tão inteligentes quanto nós – ignorante do jeito que ela era.

- É verdade. E você se lembra, Tedo, que eu o ajudava a seguir (ou perseguir) o seu preceptor, aquele Mr. Vining de cara-de-coalhada? O padre fracassado, como o chamávamos. Ele e Miss Wilson tomaram a liberdade de se apaixonar um pelo outro, ou pelo menos foi o que Tedo e eu pensamos.

Surpreendemos vários olhares ternos e suspiros, que interpretamos como sinais da “belle passion” – a bela paixão. Prometi que todo mundo gozaria da nossa descoberta. Usamos isso como motivo para livrar a nossa casa daqueles dois estorvos. A querida mamãe, assim que desconfiou do negócio, viu que havia algo de imoral no caso. Não foi assim, senhora minha mãe?

- Certamente, meu tesouro. E tinha toda a razão. Acredite em mim: há milhares de motivos para que não se tolerem ligações entre governantas e preceptores numa casa de família, nem por um momento. Primeiro...

- Ah, querida mamãe! Poupe-nos da citação! Au reste – de resto – todos nós as conhecemos. Mau exemplo para a inocência das crianças. Distrações e conseqüente negligência no dever, por parte dos apaixonados. Pacto de confiança entre os dois. Segredos acompanhados de insolência. Rebelião e confusão geral. Estou certa, Baronesa Tngram, de Tngram Park?

- Sim, meu lírio! Está certa, como sempre.

- Então não há nada mais a ser dito. Mudemos de assunto.

Amy Eshton, não ouvindo ou não tendo prestado atenção no que fora dito, aparteu com sua voz suave e infantil:

- Louisa e eu também costumávamos caçoar da nossa governanta. Mas ela era uma pessoa tão boa, que suportava tudo: nada a incomodava. Nunca ficava aborrecida conosco, não é Louisa?

- Não, nunca. Podíamos fazer o que quiséssemos. Saquear sua escrivaninha, mexer na sua caixa de costura, virar suas gavetas no chão. Ela era tão boa, nos dava tudo que pedíamos.

- Suponho - disse Miss Tngam, curvando o lábio sarcasticamente

- que agora temos um resumo das memórias de todas as governantas do

mundo. Podemos evitar essa punição. Novamente sugiro a introdução de um novo tópico. Mr. Rochester, apoia a minha moção?

- Senhorita, eu a apoio nesse ponto e em qualquer outro.

- Então cabe-me o ônus de levá-lo adiante. Signior Eduardo, está disposto a usar sua voz?

- Donna Bianca, se a senhora ordena, assim seja.

- Então, signior, conforme o meu desejo soberano, ordeno-lhe que prepare seus pulmões e outros órgãos vocais para o meu real serviço.

- Quem não quer ser o Rizzio[6] de uma Mary tão divina?

- Rizzio coisa nenhuma! - exclamou ela, sacudindo a cabeça com os cachos enquanto se dirigia ao piano. - Na minha opinião, aquele trapaceiro do David era um tipo muito insípido. Gosto mais do moreno Bothwell[7]. Para mim, um homem não é nada sem uma pitada de demônio. A história pode dizer o que quiser de James Hepburn, mas eu tenho a ideia de que ele era o tipo do herói bandido, orgulhoso e feroz, a quem eu consentiria em premiar com a minha mão.

- Ouviram, cavalheiros? Qual de vós se parece mais com Bothwell? - exclamou Mr. Rochester.

- Eu diria que é o senhor mesmo... - respondeu o Coronel Dent.

- Muito grato pela honra, senhor - foi a resposta.

Miss Tngam, que agora se sentara ao piano com uma graça arrogante, espalhando os vestidos à volta qual uma rainha, começou um brilhante prelúdio. Enquanto isso, falava. Estava de veneta naquela noite. Suas palavras e seus movimentos pareciam calculados para suscitar não apenas admiração, mas também pasmo na audiência. Era evidente que ela estava inclinada a assombrá-los com algo muito arrojado e audacioso.

- Oh! Estou tão enjoada dos jovens de hoje! - exclamou ela, falando sem parar enquanto estava ao piano. - Pobres fracotes, sem coragem de dar um passo além dos portões do jardim do papai. Nem de ir mais longe sem a permissão e a proteção da mamãe! Tão absorvidos em cuidar da beleza do rosto, das mãos brancas e dos delicados pés, como se os homens tivessem alguma coisa a ver com beleza! Como se a formosura

não fosse uma prerrogativa das mulheres, sua legítima herança, seu especial apanágio! Admito que uma mulher feia seja uma mancha na bela face da criação. Mas, quanto aos cavalheiros, basta que se dediquem a possuir força e valor. Seu lema deve ser: “Caçar, atirar e lutar: o resto não vale um piparote”. Se eu fosse um homem, esta seria a minha divisa.

- Quando me casar - continuou ela, após uma pausa que ninguém interrompeu - estou resolvida a não permitir que meu marido seja um rival. Ele deve ser uma moldura para mim. Não vou aceitar competição pelo trono. Exigirei admiração total. Sua devoção não poderá ser dividida entre mim e a imagem que ele vê no seu espelho. Mr. Rochester, cante um pouco, vou tocar para o senhor.

- Obedeço-a cegamente - foi a resposta.

- Vou tocar uma canção de corsários. Sabe como adoro os corsários, portanto, cante-a com espírito.

- Uma ordem dos lábios de Miss Tngram poria espírito até numa caneca de leite ou de água.
- Tome cuidado, então. Se não me agradar, vou envergonhá-lo mostrando como tais canções devem ser cantadas.
- Mas isso é premiar a incompetência! Assim, farei o possível para fracassar.
- Gardez-vous en bien! – Tenha cuidado! – Se errar de propósito, vou planejar uma punição de acordo.
- Miss Tngram deve ser clemente, pois está em seu poder infligir um castigo além da resistência humana.
- Ah! Explique-se! – ordenou a dama.
- Perdoe-me, senhora, não há necessidade de explicação. Sua fina inteligência deve informá-la que apenas o franzir de uma das suas sobrancelhas seria suficiente para substituir a pena capital.
- Cante! – disse ela.

E recomeçando a tocar, começou um acompanhamento de estilo vivaz.

“Chegou a minha hora de escapar” pensei. Mas os sons que encheram o ar me prenderam. Mrs. Fairfax dissera que Mr. Rochester possuía uma bela voz. Ele possuía, de fato. Era uma

voz de baixo, melodiosa e cheia, na qual colocava seus próprios sentimentos e sua força, traçando um caminho que levava do ouvido ao coração. Despertava estranhas sensações. Esperei até que terminasse a última nota profunda e vibrante. Até que o rumor das conversas, parado por um momento, retomasse seu curso. Então deixei meu cantinho abrigado e comecei a retirada pela porta lateral, que felizmente ficava perto. Ali, uma passagem estreita levava ao saguão. Ao cruzá-lo, percebi que minha botina estava desamarrada. Parei para atá-la, ajoelhando-me no pequeno tapete aos pés da escada. Ouvi a porta da sala de jantar se abrir: um cavalheiro saiu. Levantei-me apressada e fiquei frente a frente com ele: era Mr. Rochester.

- Como vai? - ele perguntou.

- Estou muito bem, senhor.

- Porque não veio falar comigo no salão?

Pensei que podia fazer-lhe a mesma pergunta, mas não devia tomar essa liberdade. Respondi:

- Não quis incomodá-lo, pois vi que estava ocupado, senhor.

- O que tem feito na minha ausência?

- Nada de especial. Ensinando Adele, como sempre.

- E ficando mais pálida do que era. Percebi no primeiro olhar.

Qual é o problema?

- Nenhum, senhor.

- Pegou algum resfriado naquela noite em que quase me afogou?

- Nem um pouco.

- Volte para o salão, você está desertando muito cedo.

- Estou cansada, senhor.

Ele me olhou por um momento.

- E está um pouco deprimida, também. O que aconteceu? Diga-me.

- Nada... Não é nada, senhor. Não estou deprimida.

- Eu digo que está. Tão deprimida, que algumas palavras mais vão acabar trazendo lágrimas aos seus olhos. Na verdade, aí estão elas, brilhando e escorrendo. E uma gota escorreu dos seus cílios e caiu no ladrilho. Se eu tivesse tempo, e não estivesse com um medo terrível do falatório mesquinho de algum criado que nos visse, ia descobrir o que significa tudo isso. Bem, esta noite está dispensada. Mas saiba que, enquanto os meus convidados estiverem aqui, conto com você na sala de visitas todas as noites. É o meu desejo, não esqueça. Agora vá, e mande Sophie buscar Adele. Boa-noite, minha...

Ele parou, mordeu o lábio, e deixou-me bruscamente.

[1] Citação do conto “A Gipsy Party”, de Thomas Hood (1799/1845), poeta e humorista britânico.

[2] Em francês no original: “Estão trocando de roupa. Na casa da mamãe, quando havia muita gente eu os seguia a toda parte, ao salão e aos seus quartos. Muitas vezes via as criadas pentearem e vestirem as damas e era muito divertido: aprende-se muito.”

[3] Em francês no original: “Claro que sim, senhorita. Faz cinco ou seis horas que não comemos nada.”

[4] Em francês no original: “Será que não posso pegar uma só dessas lindas flores, senhorita? Apenas para complementar o meu traje?”

[5] Em francês no original: “Muito prazer, senhoras”

[6] David Rizzio (1533/1566) – cortesão italiano que tornou-se secretário particular da rainha Mary da Escócia e, segundo os rumores, também seu amante.

[7] James Hepburn, 4º Conde de Bothwell (1534/1578), terceiro marido da rainha Mary da Escócia.

CAPÍTULO XVIII

Dias felizes, aqueles em Thornfield Hall. E ocupados também. Tão diferentes dos três primeiros meses de calmaria, solidão e monotonia que eu passara ali! Todos os sentimentos ruins pareciam ter sido banidos da casa, todas as sombrias meditações foram esquecidas. Havia vida e movimento em toda parte, durante o dia todo. Não se podia mais atravessar o corredor, antes tão silencioso, nem entrar em algum dos quartos da frente, antes tão vazios, sem encontrar uma polida camareira ou um elegante valete.

A cozinha, a despensa, a sala dos empregados, o saguão, todos estavam cheios de vida. E os salões só se esvaziavam quando o céu azul e o belo sol dos suaves dias de primavera chamavam os hóspedes para o campo. Mesmo quando o tempo estava ruim, e por vários dias choveu continuamente, nenhuma umidade parecia empanar a diversão. Os jogos de salão pareciam ainda mais vivos e variados, dada a interrupção das diversões ao ar livre.

Perguntava-me o que fariam na primeira noite em que foi proposta uma mudança de diversão: falaram em “representar charadas”, mas na minha ignorância, não sabia o que era. Os criados foram chamados, a mesa de jantar foi afastada, as luzes trocadas de lugar e as cadeiras colocadas em semicírculo em frente à arcada. Enquanto Mr. Rochester e os cavalheiros

orientavam essas mudanças, as damas subiam e desciam as escadas chamando as criadas. Mrs. Fairfax foi convocada para dar informações sobre o que havia na casa em termos de xales, vestidos e mantos de qualquer tipo. Alguns armários do terceiro andar foram vasculhados e o seu conteúdo – saias de brocado, mantôs de cetim, costumes pretos, babados de renda – foi trazido para baixo em braçadas pelas criadas. Então se fez uma seleção, e as peças escolhidas foram levadas para o boudoir anexo à sala de visitas.

Enquanto isso, Mr. Rochester reunira as senhoras à sua volta, e selecionava algumas para comporem o seu grupo.

- Miss Tngam é minha, naturalmente – disse ele.

Depois chamou as duas Eshton e Mrs. Dent. Olhou para mim. Por acaso eu estava perto, fechando o bracelete de Mrs. Dent, que se abria.

- Vai participar? – ele perguntou.

Sacudi a cabeça. Ele não insistiu, o que eu temia que fizesse.

Permitiu que eu retornasse tranquilamente ao meu lugar costumeiro.

Ele e as suas ajudantes desapareceram atrás da cortina. O outro grupo, liderado pelo Coronel Dent, sentou-se no semicírculo das cadeiras. Um dos cavalheiros, Mr. Eshton, observando-me, pareceu propor que me convidassem para

fazer parte do grupo. Mas Lady Tngram rechaçou imediatamente a ideia.

- Não - ouvi-a dizer - ela parece estúpida demais para esse tipo de jogo.

Logo uma sineta tocou e as cortinas subiram. Dentro da arcada, a

figura robusta de Sir George Lynn - a quem Mr. Rochester também escolhera - surgiu envolta num lençol branco. Em frente a ele, sobre uma mesa, havia um grande livro aberto. Ao seu lado estava Amy Eshton, envergando a capa de Mr. Rochester e segurando um livro na mão. Alguém escondido tocou alegremente a sineta. Então Adele (que insistira em fazer parte do grupo do seu tutor) adiantou-se, espalhando ao redor de si o conteúdo de uma cesta que levava no braço. Depois apareceu a magnífica figura de Miss Tngram, vestida de branco, um longo véu na cabeça e uma coroa de rosas cingindo-lhe a fronte. Ao seu lado vinha Mr. Rochester, e os dois se aproximaram da mesa. Ajoelharam-se, enquanto Mrs. Dent e Louisa Eshton, também vestidas de branco, ocupavam seus lugares ao fundo. Seguiu-se uma cerimônia em mímica, na qual era possível reconhecer a pantomina de um casamento. Quando terminou, o Coronel Dent e seu grupo cochicharam por dois minutos. Depois o Coronel gritou:

- Noiva!

Mr. Rochester anuiu e a cortina desceu.

Passou-se um intervalo considerável até que a cortina levantasse novamente. Essa segunda cena era mais cuidadosamente elaborada do que a primeira. Como já havia reparado, a sala de estar ficava dois degraus acima da sala de jantar. No topo desses degraus, uns poucos metros para dentro do cômodo, surgiu uma grande bacia de mármore – que eu reconheci como um dos ornamentos da estufa, onde ficava normalmente cercada de plantas exóticas e cheia de peixinhos dourados, e de onde devia ter sido transportada a muito custo, por causa do peso e do tamanho.

Sentado no tapete ao lado da bacia via-se Mr. Rochester, trajando um manto e com um turbante na cabeça. Seus olhos negros, a pele morena e os traços pagãos combinavam perfeitamente com o traje. Parecia a própria imagem de um emir do Oriente. Miss Tngam avançou para a cena. Também vestia trajes orientais. Um xale escarlate rodeava-lhe a cintura, fazendo as vezes de uma faixa, e um lenço dobrado fora amarrado sobre as têmporas. Os braços lindamente torneados estavam nus, um deles erguido para segurar um jarro graciosamente pousado em sua cabeça. As suas formas, as feições, a compleição geral e o seu ar sugeriam a ideia de alguma princesa israelita do tempo dos patriarcas. Esse era, sem dúvida, o personagem que ela pretendia representar.

Aproximou-se da bacia e inclinou-se como se fosse encher o jarro. Colocou-o de novo na cabeça. O personagem à beira da fonte pareceu dirigir-se a ela para fazer algum pedido. Ela solicitamente tomou o jarro nas mãos e deu-lhe de beber. Das dobras do manto ele então tirou um pequeno estojo, abriu-o, exibindo magníficos braceletes e brincos. Ela demonstrou espanto e admiração. Ajoelhando-se, ele espalhou o tesouro a seus pés. Ela expressava incredulidade e agrado, por gestos e olhares. O estranho colocou-lhe os braceletes nos braços e os brincos nas orelhas. Tratava-se de Eliezer e Rebecca: faltavam apenas os camelos.

O grupo dos adivinhadores juntou novamente as cabeças. Aparentemente, não conseguiam concordar sobre o episódio representado pela cena. O Coronel Dent, seu porta-voz, pediu “o quadro total”. Em seguida a cortina desceu.

Na terceira cena, apenas uma parte da sala era visível. O resto fora escondido por um biombo, coberto por algum tipo de pano escuro e

grosseiro. A bacia de mármore fora removida. Em seu lugar via-se uma mesa grande e uma cadeira de cozinha, visíveis à fraca luz de uma lanterna de chifre, pois os candelabros todos haviam sido apagados.

No centro dessa sórdida cena sentava-se um homem, as mãos apertadas sobre os joelhos e os olhos postos no chão.

Reconheci Mr. Rochester, apesar de que a face suja, a roupa descomposta (o casaco pendendo em farrapos, como se tivesse sido quase arrancado durante uma rixa), a expressão desesperada e raivosa, o cabelo duro e eriçado, quase pudessem escondê-lo. O homem moveu-se e uma corrente rangeu. Havia algemas atadas aos seus pulsos.

- Prisão - exclamou o Coronel Dent, e a charada foi resolvida.

Transcorreu um intervalo suficiente de tempo para que colocassem suas roupas normais, e então entraram na sala. Mr. Rochester conduzia Miss Tngam, que o cumprimentava pela atuação.

- Sabe - disse ela - que dos três personagens gostei mais do último? Ah! Se tivesse vivido apenas alguns anos atrás, que galante salteador-cavalheiro teria sido!

- Já saiu toda a fuligem do meu rosto? - perguntou ele, virando-se para ela.

- Ah, sim! Mas é uma pena! Nada fica melhor para o seu tipo do que esse colorido de bandido.

- Gosta de um bandoleiro de estrada, então...

- Um bandoleiro de estrada inglês seria a melhor coisa do mundo, depois de um bandido italiano. E esse só poderia ser superado por um pirata do Levante.

- Bem, não importa quem eu seja, lembre-se de que é minha esposa. Nós nos casamos uma hora atrás, na frente de todas estas testemunhas...

Ela deu um sorriso constrangido e corou.

- Bem, Dent, é a sua vez - disse Mr. Rochester.

Quando os outros saíram, Mr. Rochester e seu grupo ocuparam os assentos vagos. Miss Tngam sentou-se à direita do líder. Os outros

participantes sentaram-se nas cadeiras de cada lado dele e dela. Eu não olhava mais para os atores, não esperava com interesse que a cortina se erguesse. Minha atenção estava dirigida aos espectadores. Meus olhos, antes fixados na arcada, agora eram irresistivelmente atraídos para o semicírculo de cadeiras. Qual a charada que o Coronel Dent e seu grupo representaram, que palavras escolheram, como se saíram, são coisas que não consigo lembrar. Mas lembro-me da consulta que se seguia a cada cena. Vi Mr. Rochester voltar-se para Miss Tngam, e Miss Tngam para ele. Vi-a inclinar a cabeça na sua direção até que os negros cachos quase tocassem seu ombro e roçassem seu queixo. Ouvi seus cochichos mútuos, lembro-me dos olhares que trocaram. E mesmo a comoção provocada pelo espetáculo me vem à memória no momento.

Eu lhe contei, leitor, que tinha aprendido a amar Mr. Rochester. Não podia deixar de amá-lo agora, apenas porque ele não

reparava mais em mim; porque podia passar horas na sua presença sem que ele me olhasse uma vez sequer; porque via toda a sua atenção tomada por uma grande dama, que roçava a barra dos seus vestidos em mim quando passava, com o maior desprezo. E se, por acaso, seu olhar escuro e majestoso caísse sobre mim, ela o desviava imediatamente, como se eu fosse um objeto insignificante demais para merecer atenção. Não podia deixar de amá-lo, só porque sabia que ele logo iria se casar com essa verdadeira dama; porque lia no rosto dela diariamente a orgulhosa segurança das intenções dele a seu respeito; porque testemunhava a cada hora nele um modo de fazer a corte que, embora displicente e pretendendo mais ser visto do que ver, ainda assim era cativante na sua própria desatenção e irresistível no seu próprio modo orgulhoso.

Nessas circunstâncias não havia nada para esfriar ou extinguir o amor, embora houvesse muito para provocar desespero. E você pode pensar, leitor, que havia muito para provocar ciúme também, se uma mulher na minha posição ousasse ter ciúme de alguém como Miss Tngam. Mas eu não sentia ciúme – ou, ao menos, sentia raramente. Essa palavra não é suficiente para explicar a natureza da dor que eu sofria. Miss Tngam estava abaixo do ciúme, era muito inferior para provocar esse sentimento. Perdoe o aparente paradoxo, mas sei o que digo. Ela se exibia muito, mas não era verdadeira. Era bela, possuía muitos dotes brilhantes, mas sua

mente era pobre. Seu coração era árido por natureza, nada crescia espontaneamente naquele solo, nenhum fruto natural podia deliciar-se no seu frescor. Não era boa, não era original, costumava repetir frases feitas tiradas dos livros. Nunca tinha uma opinião própria. Falava muito em sentimentos, mas não conhecia a simpatia ou a piedade. Não havia nela ternura nem sinceridade. Muitas vezes traía esses sentimentos, expressando exageradamente a despeitada antipatia que nutria contra a pequena Adele, repelindo-a com alguma palavra insultuosa, se a menina por acaso se aproximava dela. Algumas vezes a mandava sair da sala, e sempre a tratava com frieza e acrimônia. Outros olhos, além dos meus, observavam essas manifestações de caráter... e bem de perto, de modo profundo e sagaz. Sim, o futuro noivo, o próprio Mr. Rochester, exercia sobre a sua prometida uma vigilância incessante. E foi por essa sagacidade, por essa cautela da parte dele, essa perfeita e clara consciência dos defeitos da sua pretendida, pela óbvia ausência de paixão em relação a ela – foi por isso que o meu sofrimento torturante começou.

Vi que Mr. Rochester se casaria com ela por questões de família, talvez por razões políticas, e porque a posição social e as ligações da dama lhe convinham. Senti que ele não lhe dera o seu amor, e que as virtudes que ela possuía não bastavam para conquistar dele tal tesouro. Este era o ponto, o ponto nevrálgico. Era neste ponto que residia e se alimentava a minha febre: ela não podia conquistá-lo.

Se ela obtivesse uma vitória, se ele se rendesse e sinceramente depositasse seu coração aos pés dela, eu viraria a minha face e (é um modo de dizer) morreria para ambos. Se Miss Tngam fosse uma dama boa e nobre, dotada de força, fervor, bondade e bom senso, eu lutaria uma luta vital com dois tigres: o ciúme e o desespero. Então, com o coração dilacerado e devorado, eu a admiraria, reconheceria sua superioridade e me calaria pelo resto dos meus dias. E quanto mais absoluta fosse a superioridade dela, mais profunda seria a minha admiração, mais suave e tranquila a minha quietude. Mas do jeito que as coisas eram, observar os esforços de Miss Tngam para fascinar Mr. Rochester, testemunhar seus repetidos fracassos e sua inconsciência deles – em vão pensando que cada seta lançada atingia o alvo e emplumando-se enfatuadamente com o sucesso, sem perceber que o seu orgulho e autocomplacência afastavam

mais e mais aquilo que desejava conquistar – testemunhar isso, era estar ao mesmo tempo sob constante excitação e cruel constrangimento.

Porque, quando ela falhou, eu vi como seria possível ser bem-sucedida. Setas que constantemente resvalavam do peito de Mr. Rochester, e caíam inofensivas a seus pés, poderiam – eu mesma sabia – penetrar no seu orgulhoso coração, se lançadas por mão mais certa. Teriam enchido de amor o seu olhar severo e inundado de suavidade o seu rosto sardônico. Ou,

melhor ainda, poderia vencer com uma conquista silenciosa e sem armas.

“Porque ela não consegue influenciá-lo mais, quando tem o privilégio de estar tão perto dele?” perguntei a mim mesma. “Certamente não o ama de verdade! Não lhe dedica uma verdadeira afeição! Se gostasse dele, não precisaria esbanjar tantos sorrisos, enviar olhares tão persistentes, ostentar uma pose tão elaborada, espalhar graças com tal profusão. Parece-me que apenas sentando ao lado dele, falando pouco e olhando menos, poderia conquistar seu coração. Já vi no rosto dele uma expressão bem diferente daquela que o endurece agora, quando ela o interpela com tanta vivacidade. É algo que vem de dentro dele: não se consegue com manobras calculadas nem artes espúrias, apenas se aceita. Basta responder o que ele pergunta sem pretensão alguma, dirigir-se a ele quando necessário com sinceridade, e ele então pode se tornar bondoso e doce, e aquecer como um raio de sol. Como Miss Tngram conseguirá agradá-lo quando estiverem casados? Não acho que ela consiga. E, no entanto, seria possível. E a sua esposa pode vir a ser, estou certa disso, a mulher mais feliz da face da terra.”

Ainda não disse nada censurável sobre o projeto de Mr. Rochester de casar-se por interesse e laços sociais. Fiquei surpreendida quando percebi que ele tinha tal intenção. Pensei que fosse o tipo de homem que não se deixaria influenciar por motivos tão banais na escolha de uma esposa. Mas quanto

mais considerava a posição, educação e demais qualidades dos dois, menos justificativa encontrei para julgar ou condenar tanto ele quanto Miss Tngam. Agiam de acordo com as ideias e princípios que lhes foram ensinados, sem dúvida, desde a infância. Todos os da sua classe seguiam os mesmos princípios: suponho que possuíam razões para mantê-los que fogem à minha compreensão. Parecia-me que, se eu fosse

um cavalheiro como Mr. Rochester, abrigaria no meu coração apenas uma esposa que eu amasse. A própria evidência das vantagens da felicidade do marido, considerada nesse contexto, convenceram-me que devia haver argumentos em contrário que eu ignorava completamente. Se não fosse assim, todo o mundo agiria de acordo com o meu pensamento.

Mas em outros pontos, tanto quanto nesse, eu estava me tornando muito indulgente com meu patrão. Esquecia todos os seus defeitos, que já haviam me mantido em estreita vigilância. Antes era meu propósito estudar todas as facetas do seu caráter: pegar o bom e o mau, pesá-los com justiça e formar um julgamento isento. Agora não via mais o lado mau. O sarcasmo que me repelira, a dureza que uma vez me assustara, eram como condimentos apurados num prato seleta: sua presença era picante, mas sua ausência podia tornar o prato comparativamente insípido. E aquele algo indefinível... expressão sinistra, pesarosa, culpada ou triste?... que de vez em quando se mostrava a quem observasse cuidadosamente o seu

olhar, e que se fechava novamente antes que fosse possível compreender a estranha profundidade parcialmente revelada. Aquele algo que me causava temor e me deixava transida, como se eu perambulasse entre montanhas vulcânicas e sentisse subitamente a terra tremer e o chão se abrir. Aquele algo que eu às vezes ainda via, com o coração palpitante, mas não com os nervos tensos. Em vez de desejar afastar-me, ansiava por ser ousada... adivinhar aquilo. E achei que Miss Tngram era feliz, pois um dia poderia olhar para dentro daquele abismo à vontade, explorar seus segredos e analisar sua natureza.

Nesse meio tempo, enquanto pensava no meu patrão e sua futura esposa - via apenas os dois, ouvia apenas as suas palavras, e considerava importante apenas os seus movimentos - o resto do grupo estava ocupado com seus próprios interesses e prazeres particulares. Lady Lynn e Lady Tngram continuavam juntas em solene conferência, acenando os turbantes uma para a outra e levantando as quatro mãos em gestos de surpresa, mistério ou horror, conforme o tema da conversa, como um par de magníficas bonecas. A doce Miss Dent conversava com a bondosa Mrs. Eshton, e as duas às vezes me dirigiam uma palavra cortês ou um sorriso. Sir George Lynn, o Coronel Dent e Mr. Eshton discutiam política, assuntos do condado ou negócios da justiça. Lord Tngram flertava com Amy Eshton.

Louisa tocava e cantava junto com um dos jovens Lynn, e Mary Tngam ouvia languidamente os discursos galantes do outro. Algumas vezes todos eles, como por consenso, suspendiam seus jogos paralelos para observar e ouvir os dois atores principais. Pois, acima de tudo, Mr. Rochester e – por estar intimamente ligada a ele – Miss Tngam, eram o corpo e a alma do grupo. Se ele ficasse ausente da sala por uma hora, um visível tédio parecia pairar sobre os espíritos dos seus convidados. E a sua entrada garantia um novo impulso à vivacidade das conversas.

A falta de sua animadora presença pareceu particularmente notada um certo dia, quando Mr. Rochester foi chamado a Millcote a negócios, e só voltaria tarde da noite. O dia estava úmido, e um passeio que fora programado pelo grupo para ver um grupo de ciganos – estabelecidos numa área pública perto de Hay – teve que ser adiado. Alguns dos cavalheiros foram aos estábulos. Os rapazes, junto com as damas mais jovens, ficaram jogando bilhar na sala de jogos. As matriarcas Tngam e Lynn procuravam conforto num quieto jogo de cartas. Blanche Tngam, após ter repelido com um silêncio arrogante os esforços de Mrs. Dent e Mrs. Eshton para conversar, sentou-se ao piano cantarolando algumas coisas sentimentais. Depois, pegando um romance na biblioteca, atirou-se num sofá com soberba indiferença, e preparou-se para enganar o tédio daquelas horas de espera com o encanto da ficção. A sala e a

casa estavam silenciosas, ouvia-se apenas, de vez em quando, as alegres risadas dos jogadores de bilhar no andar de cima.

Aproximava-se o pôr do sol, e o relógio já havia batido a hora de vestir-se para o jantar, quando a pequena Adele, sentada junto a mim no assento da janela, de repente exclamou:

- Voilà Monsieur Rochester qui revient! [1]

Eu me volvei, e Miss Tngam disparou do sofá. Os outros também levantaram os olhos das suas ocupações. Nesse momento ouviu-se o barulho de rodas e o chapinhar de cascos de cavalo no cascalho molhado. A diligência postal se aproximava.

- O que deu nele para vir para casa desse jeito? - disse Miss Tngam. - Ele levou Mesrour, o cavalo preto, quando saiu, não levou? E Pilot estava com ele... O que será que fez com os animais?

Ao dizer isso, empurrou tanto para a janela a sua alta figura e seus amplos vestidos, que fui obrigada a curvar-me para trás até quase quebrar a espinha. Na sua ansiedade não me viu ali, a princípio, mas quando me percebeu curvou os lábios com desdém e dirigiu-se à outra janela. A carruagem parou, o condutor tocou a campainha da porta e um cavalheiro desceu, vestido em roupa de viagem. Mas não era Mr. Rochester. Era um estranho, um homem alto e muito bem vestido.

- Que irritante! – exclamou Miss Tngram. E descompondo Adele:

- Você, sua macaquinha cansativa! Quem lhe mandou se pendurar

na janela para dar notícias falsas?

E lançou-me um olhar zangado, como se eu tivesse cometido alguma falta.

Ouviu-se uma conversa no vestibulo, e em seguida o estranho entrou. Fez uma reverência para Lady Tngram, por considerá-la a dama mais idosa entre os presentes.

- Parece que cheguei numa hora imprópria, madame – disse ele – quando meu amigo Mr. Rochester não está em casa. Mas fiz uma longa viagem, e creio que posso considerar-me um amigo íntimo e antigo o bastante para esperar aqui até que ele volte.

Seus modos eram polidos. Quando falou, me espantei com seu sotaque um tanto esquisito: não era exatamente estrangeiro, mas também não era totalmente inglês. Regulava em idade com Mr. Rochester, entre trinta e quarenta anos. Sua compleição parecia estranhamente pálida, mas de qualquer forma era um belo homem, especialmente ao primeiro olhar. Examinando-o mais de perto, notava-se alguma coisa no seu rosto que desagradava. Ou melhor, deixava de agradar. Os traços eram regulares, mas muito relaxados. Os olhos eram

grandes e bem desenhados, mas a luz que emanava deles era mansa e vazia, ao menos assim pensei.

O som da campainha, anunciando o momento de vestir-se para o jantar, dispersou o grupo. Só fui vê-lo novamente depois do jantar. Parecia bastante à vontade, mas apreciei ainda menos o seu rosto: intrigava-me por ser ao mesmo tempo inconstante e inerte. Seus olhos vagavam pelo

ambiente, mas não se fixavam em nada. Tinha um olhar estranho, como nunca vi antes. Mesmo sendo um homem bonito e amigável, causava-me estranheza: não havia energia naquela face macia e ovalada, nem firmeza no nariz aquilino e na boca pequena como uma cereja. Não parecia haver pensamentos na testa baixa e plana, nem autoridade nos olhos castanhos e vazios.

Quando sentei no meu canto de sempre e olhei-o à luz dos candelabros do consolo, que brilhavam em cheio sobre ele – pois ocupava uma poltrona junto da lareira e se mantinha encolhido como se estivesse com frio – comparei-o com Mr. Rochester. Acho (com todo o respeito, é preciso dizer) que o contraste não podia ser muito maior do que o existente entre um suave cisne e um feroz falcão. Nem entre o manso carneiro e o cão bruto e de olhos ferozes que o guarda.

Ele falara de Mr. Rochester como de um velho amigo. Curiosa amizade devia ter sido. Um perfeito exemplo, de fato, do velho dito de que “os opostos se atraem”.

Dois ou três cavalheiros sentavam-se junto a ele e, de vez em quando, eu ouvia pedaços da sua conversa. No início não entendi muito bem o que diziam, pois a conversa de Louisa Eshton e Mary Tngram, que sentavam perto de mim, confundia as frases soltas que chegavam aos meus ouvidos. As duas moças falavam sobre o estranho e ambas se referiam a ele como “um homem bonito”. Louisa disse que ele era “um amor de pessoa” e que ela “o adorava”. Mary citava sua “linda boquinha” e o “belo nariz” como seu ideal de beleza.

- E que fronte suave ele tem! - exclamou Louisa. - Tão macia, sem essas angulosidades que eu tanto detesto. E que olhar e sorriso tranquilos!

E então, para meu grande alívio, Mr. Henry Lynn chamou-as para o outro lado da sala, para acertar alguma coisa sobre a excursão adiada ao acampamento cigano em Hay.

Eu agora podia concentrar minha atenção no grupo junto à lareira. Soube que o estranho se chamava Mr. Mason e que acabara de chegar à Tnglaterra, vindo de algum país tropical. Tsso explicava, sem dúvida, porque sua face parecia tão doentia, e porque sentava-se tão perto da

lareira e vestia um sobretudo dentro de casa. As palavras Jamaica, Kingston e Spanish Town indicavam que residia nas Índias Ocidentais. E ouvi com enorme surpresa que fora lá que conhecera e se tornara amigo de Mr. Rochester. Falou do quanto seu amigo detestava o calor abrasador, os furacões e as chuvaradas da região. Eu sabia que Mr. Rochester havia viajado muito, Mrs. Fairfax me dissera. Mas achei que suas perambulações houvessem se limitado ao continente europeu. Até agora não ouvira ninguém mencionar que ele estivera em alguma terra mais distante.

Estava ponderando essas informações quando um incidente bastante inesperado cortou o fio dos meus pensamentos. Mr. Mason, tremendo como se alguém houvesse aberto a porta, pediu mais carvão para o fogo, embora ainda restasse uma massa de cinzas rubras. O laçao que trouxe o carvão, ao sair, parou perto da cadeira de Mr. Eshton e disse-lhe alguma coisa em voz baixa, da qual pude captar apenas as palavras “velha” e “muito importuna”.

- Diga a ela que vai ser posta a ferros, se não for embora - replicou o magistrado.

- Não! Espere! - interrompeu o Coronel Dent - Não a dispense ainda, Eshton, podemos aproveitar essa situação. É melhor consultar as damas.

E, falando alto, continuou.

- Senhoras, estivemos falando em ir a Hay para visitar o acampamento dos ciganos. O Sam aqui diz que uma das velhas ciganas está na ala dos criados nesse momento, e insiste em ser trazida perante “a gente fina” para dizer a sorte. Gostariam de vê-la?

- Coronel - disse Lady Tngam - o senhor com certeza não pretende incentivar uma impostora tão baixa... Mande pô-la na rua de uma vez.

- Mas não consigo convencê-la a ir embora, senhora - disse o lacaio - nem qualquer um dos criados. Mrs. Fairfax está com ela agora insistindo para que se retire. Mas ela sentou-se numa cadeira junto ao

fogão e diz que nada a convencerá a ir embora enquanto não receber permissão para vir aqui.

- O que ela quer? - perguntou Mrs. Eshton.

- Pretende “ler a sorte”, senhora, e ela jura que pode e vai fazer

isso. tempo.

- Como ela é? - perguntaram as senhoritas Eshton, ao mesmo

- Uma criatura extremamente feia e velha, senhorita, quase tão

preta quanto um pedaço de carvão.

- Então é uma autêntica feiticeira! - exclamou Frederick Lynn. - Vamos deixá-la entrar, é claro!

- Com certeza - respondeu o irmão. - Seria uma pena jogar fora tal oportunidade de diversão.

- Meus meninos, o que é que estão pensando? - exclamou Mrs. Lynn.

- Não posso permitir um procedimento tão irregular! - agregou a

Matriarca Tngam.

- De fato, mamãe, mas você pode... e deve! - falou a voz arrogante de Blanche, que se virou no banco do piano, onde até agora estava sentada em silêncio, aparentemente examinando algumas partituras.

- Tenho a maior curiosidade de ouvir a minha sorte. Sam, diga à bruxa que entre.

- Minha querida Blanche! Lembre-se...

- Eu me lembro, mamãe! Lembro-me de qualquer coisa que a senhora possa sugerir. Mas quero saber a minha sorte...

Depressa, Sam!

- Sim... sim... sim... - gritaram todos os jovens, damas e cavalheiros. - Deixem que venha. Vai ser muito divertido!

O criado ainda hesitava.

- Ela parece tão grosseira! - ele disse.

- Vá! - gritou Miss Tngam. E o homem saiu.

Imediatamente o entusiasmo percorreu o grupo. Um rumor abrasador de zombaria e diversão ainda estava em curso quando Sam retornou.

- Ela não vai vir - disse ele. - Falou que não tem obrigação de aparecer perante o "rebanho vulgar" (são palavras dela). Quer ficar sozinha numa sala, onde aqueles que desejarem consultá-la devem ir vê-la, um de cada vez.

- Você está vendo, minha princesa? - começou Lady Tngam dirigindo-se à Blanche. - Ela está passando dos limites. Eu lhe aconselho, meu anjinho...

- Coloque-a na biblioteca, naturalmente - cortou o "anjinho" - Também não sou obrigada a ouvi-la na frente do rebanho vulgar: quero tê-la apenas para mim. A lareira está acesa na biblioteca?

- Sim, madame... mas ela parece uma megera.

- Pare com essa conversa, estúpido! Faça o que mando!

Novamente Sam desapareceu. E a sala outra vez se encheu de mistério, animação e expectativa.

- Ela está pronta - disse o laçao, entrando na sala. - Quer saber quem será o seu primeiro consulente.

- Acho que devo dar uma olhada nela antes que alguma das damas vá vê-la - disse o Coronel Dent. - Diga-lhe que um cavalheiro está indo.

Sam foi e voltou. Então falou, disfarçando o riso.

- Ela disse que não vai atender nenhum cavalheiro, que eles nem precisam se dar ao trabalho de ir até lá. Nem as senhoras, apenas as jovens solteiras.

- Por Júpiter! Ela tem bom gosto! - exclamou Henry Lynn. Miss Tngram levantou-se solenemente.

- Eu vou primeiro! - ela disse, num tom que teria se ajustado perfeitamente ao líder de uma patrulha perdida, abrindo uma brecha na vanguarda para os seus homens.

mãe.

- Oh, meu encanto! Queridíssima!... Pense bem!... - exclamou a

Miss Tngam, porém, passou por ela em majestoso silêncio,

atravessou a porta que o Coronel Dent segurava aberta e entrou na biblioteca.

Seguiu-se um relativo silêncio. Lady Tngam achou que era o caso de torcer as mãos, o que efetivamente fez. Miss Mary disse que seria incapaz de se aventurar. Amy e Louisa Eshton riam à socapa e pareciam um pouco temerosas.

Os minutos escoavam-se lentamente. Quinze se passaram, antes que a porta da biblioteca tornasse a se abrir e Miss Tngam passasse sob o arco.

Ela ria? Tomara isso como uma brincadeira? Todos os olhares se dirigiram para ela com ávida curiosidade, e Miss Tngam retribuiu com um ar de hostilidade e frieza. Não parecia agitada nem feliz. Caminhou rígida até a cadeira e sentou-se em silêncio.

- Então, Blanche? - disse Lord Tngam.

- O que ela lhe disse, minha irmã? - perguntou Mary.

- O que achou dela? Como se sentiu? Ela é uma vidente de verdade? - inquiriram as senhoritas Eshton.

- Bem, bem, meus queridos - respondeu Miss Tngram - não me pressionem. Sua veia de espanto e credulidade se excita por muito pouco. Pela importância que vocês todos - inclusive minha mãe - dão a esse assunto, devem acreditar piamente que temos uma verdadeira bruxa em casa, e que está mancomunada com o velho cavalheiro. O que vi foi uma cigana vagabunda, que praticou a banal ciência da quiromancia e me contou o que as pessoas normalmente contam. Meu capricho foi satisfeito, e agora acho que Mr. Eshton deve mandar prender essa velha malévola amanhã de manhã, como ele falou.

Miss Tngram pegou um livro, recostou-se na cadeira e evitou qualquer conversa. Eu a observei por quase meia hora. Durante todo esse tempo não virou uma página sequer do livro e seu rosto tornou-se momentaneamente mais moreno, mais infeliz e mais desapontado. Com

certeza não ouvira nada de bom. Deu-me a impressão, pelo seu prolongado olhar de melancolia e mutismo, que ela mesma, negando sua confessada indiferença, dera exagerada importância às revelações que lhe haviam sido feitas.

Enquanto isso Mary Tngram, Amy e Louisa Eshton declararam que não ousavam ir sozinhas. Ainda assim todas queriam ir.

Abriu-se uma negociação por meio do embaixador – o laçao Sam. Depois de muito caminhar para lá e para cá – até que os pés do referido Sam ficassem em brasa – finalmente a rigorosa Sibila, com muita dificuldade, concedeu permissão para que as três fossem vê-la em conjunto.

A visita não foi tão silenciosa como a de Miss Tngam. Ouviam-se risinhos histéricos e pequenos gritinhos vindos da biblioteca. Depois de vinte minutos, aproximadamente, elas saíram pela porta e vieram correndo até a sala, como se estivessem assustadas com as suas previsões.

- Tenho certeza que tem algo errado com ela – gritaram ao mesmo tempo. – Ela nos disse cada coisa! Sabe tudo sobre nós!

E sentaram-se sem fôlego nas cadeiras que os cavalheiros se apressaram em trazer-lhes.

Ao serem pressionadas para dar maiores informações, disseram que ela tinha contado coisas do tempo em que elas eram apenas crianças, coisas que fizeram e disseram naquela época. Descreveu livros e adornos que tinham nos seus quartos em casa, muitos deles lembranças recebidas de diversos parentes. Contaram também que ela adivinhara seus pensamentos, e sussurrara no ouvido de cada uma o nome da pessoa amada. Também adivinhou seus mais secretos desejos.

Nesse ponto os homens fizeram veementes pedidos para serem esclarecidos quantos aos dois últimos pontos. Mas conseguiram apenas rubores, gritos, tremores e risinhos em troca da

impropriedade. As matronas, enquanto isso, ofereciam sais aromáticos e ventarolas. E de novo expressavam seu pesar por sua advertência não ter sido levada em consideração. Os cavalheiros mais velhos riam, e os mais jovens pediam ajuda para acalmar as jovens.

No meio desse tumulto, enquanto meus olhos e ouvidos estavam absorvidos pela cena à minha frente, ouvi um murmúrio ao meu lado. Voltei-me e vi Sam.

- Se me permite, senhorita, a cigana diz que há outra jovem dama solteira na sala que ainda não foi consultá-la, e ela jura que não vai sair enquanto não atender a todas. Pensei que podia ser a senhorita: não há mais nenhuma outra. O que devo dizer-lhe?

- Diga-lhe que irei, certamente - respondi.

Fiquei feliz de satisfazer a minha excitada curiosidade. Deslizei para fora da sala sem que ninguém me visse, pois o grupo todo ainda estava reunido em torno das três tremulantes mocinhas que acabavam de voltar. Fechei a porta sem fazer barulho ao sair.

- Se desejar, senhorita, posso esperar no corredor. Caso ela a assuste, é só gritar que entrarei logo.

- Não, Sam. Volte para a cozinha. Não tenho o menor medo.

E realmente não tinha. Mas estava muito interessada e agitada.

[1] Em francês no original: “Olhem, é Mr. Rochester que vem vindo!”

CAPÍTULO XIX

A biblioteca parecia bastante tranquila quando entrei, e a sibila – se era mesmo uma sibila – sentava-se confortavelmente numa poltrona junto ao canto da lareira. Vestia capa vermelha e chapéu preto: um chapéu de cigana de aba larga amarrado sob o queixo por um lenço listrado. Um candeeiro apagado jazia sobre a mesa. Ela estava inclinada para o fogo e parecia ler à luz das chamas um pequeno livro preto, como um livro de orações. Murmurava as palavras para si mesma enquanto lia, como muitas mulheres idosas fazem. Não interrompeu a leitura logo após a minha entrada, parecia estar terminando um parágrafo.

Parei no tapete e aqueci as mãos, que estavam um tanto frias, pois eu me sentara longe da lareira no salão. Sentia-me controlada como nunca estivera na vida: não havia nada na aparência da cigana que pudesse perturbar a calma de alguém. Ela fechou o livro e vagarosamente, e virou-se para mim. A aba do chapéu cobria-lhe parcialmente as feições, ainda assim pude ver que era um rosto estranho. Parecia todo marrom e preto. Mechas de cabelo saíam eriçadas de baixo da fita do chapéu e chegavam ao rosto, na altura do queixo. Seu olhar me enfrentou, com uma expressão ousada e direta.

- Bem, quer ouvir a sua sorte? – disse ela.

A voz era tão decidida quanto seu olhar e tão dura quanto as suas

feições.

- Não tenho interesse nisso. Mas pode ficar à vontade, apenas

devo preveni-la de que não acredito.

- Fala de modo insolente, mas já esperava isso de você. Senti a insolência no seu passo, quando atravessava o corredor.

- Verdade? Tem um ouvido muito bom.

- Tenho. E também um olhar muito bom e uma mente muito boa.

- Precisa de tudo isso no seu tipo de negócio?

- Preciso. Especialmente para lidar com clientes como você. Por que não treme?

- Não estou com frio.

- Por que não empalidece?

- Não estou doente.

- Por que não acredita na minha arte?

- Não sou boba.

A velha encarquilhada cacarejou uma risada por debaixo do chapéu e do lenço. Então puxou um pequeno cachimbo preto, acendeu-o e começou a fumar. Depois de apreciar algumas baforadas, levantou o corpo curvado, tirou o cachimbo da boca e, olhando para o fogo, disse com muita decisão:

- Você está com frio, está doente e é boba.
- Prove, então! - respondi.
- Vou provar em poucas palavras. Está com frio porque está sozinha: nenhum contato acende o fogo que existe em você. Está doente porque o melhor dos sentimentos, o mais doce e mais elevado concedido ao homem, está distante de você. E é boba porque, por mais que sofra, não permite que esse sentimento se aproxime, nem dá um passo para encontrá-lo onde a espera.

Novamente pôs o pequeno cachimbo preto nos lábios e voltou a puxar com vigor algumas baforadas.

- A senhora deve dizer isso para quase todas que sabe que vivem solitárias, empregadas numa casa grande.
- Sim, poderia dizer isso para quase todas: mas seria verdade para

todas?

- Nas minhas circunstâncias, sim.

- Justamente, nas suas circunstâncias. Mas me mostre outra que

esteja exatamente nas suas circunstâncias.

- Seria fácil encontrar milhares delas.

- Dificilmente poderia encontrar uma. Se ao menos soubesse... Está numa situação peculiar: muito perto da felicidade e sem poder atingi-la. Os componentes estão todos prontos, basta apenas um movimento para juntá-los. O destino os mantém separados. Permita que se aproximem e a ventura será o resultado.

- Não entendo enigmas. Nunca na minha vida consegui resolver uma charada.

- Se quer que eu fale mais claramente, mostre-me a palma da sua

mão.

- E devo colocar nela uma moeda, suponho?

- Certamente.

Dei-lhe uma moeda, que colocou numa velha meia que tirou do

bolso. Depois amarrou-a e voltou a guardá-la. Pediu-me que levantasse a mão. Assim fiz. A velha arqueou o rosto para a minha palma e olhou-a sem tocá-la.

- É bonita demais - disse ela. - Não posso fazer nada com uma mão como essa. Quase não tem linhas. Além disso, o que há para ver na palma de uma mão? Não é nela que o destino está escrito.

- Acredito - disse eu.

- Não - ela continuou - está no rosto. Na testa, nos olhos, nas linhas da boca. Ajoelhe-se e levante o rosto.

- Ah! Agora está falando alguma coisa que faz sentido! - eu disse enquanto fazia o que ela dissera. - Estou começando a acreditar no que diz.

Ajoelhei-me a um metro de distância. Ela atçou o fogo e uma chama subiu das brasas. O clarão, no entanto, apenas jogou seu rosto numa sombra ainda mais densa, enquanto iluminava o meu. A velha sentou-se.

- Eu queria saber com que sentimentos me procurou esta noite - ela disse, enquanto me examinava por alguns momentos. -

Queria saber que pensamentos abrigava no coração durante as longas horas em que se sentou naquela sala, com aqueles grã-finos esvoaçando na sua frente como

sombras numa lanterna mágica. Entre você e eles quase não existe ligação, como se eles realmente fossem apenas sombras, e não pessoas reais.

- Muitas vezes me sinto cansada ou sonolenta, mas raramente triste.

- Então você tem alguma esperança secreta que a ampara e que a

anima com acenos de um futuro melhor?

- Não. O máximo que almejo é economizar dinheiro suficiente para estabelecer uma escola algum dia, numa casinha alugada por mim.

- Um alimento substancial para o espírito. E sentada junto à janela... Vê como conheço seus hábitos?

- Deve ter ouvido isso dos criados.

- Ah! Então pensa que é esperta. Bem, talvez eu tenha ouvido mesmo... Para falar a verdade, conheço uma das criadas, Mrs. Poole.

Fiquei de pé imediatamente, quando ouvi esse nome.

“Então você a conhece...” pensei “talvez haja alguma coisa demoníaca nessa história, afinal!”

- Não se alarme - continuou aquele ser estranho - ela é uma boa serviçal, quieta e discreta, pode-se confiar nela. Mas, como eu dizia, sentada naquela janela não pensa em nada além da sua futura escola? Não tem nenhum interesse na companhia das pessoas que ocupam os sofás e cadeiras à sua frente? Não há um rosto que lhe interesse? Não segue os movimentos de nenhuma delas com um pouco mais de curiosidade?

- Gosto de observar todos os rostos e todos os movimentos.

- Mas nunca separa um dos demais... ou talvez dois?

- Faço isso com frequência, quando os gestos ou olhares de algum par parecem contar uma história. Eu me distraio observando-os.

- Que tipo de história gosta mais?

- Oh! Não tenho muita escolha! Elas geralmente são do mesmo tipo: conquista. E prometem o mesmo desfecho catastrófico: casamento.

- E gosta desse tema monótono?

mim.

- Decididamente não ligo para isso. Não representa nada para

- Não representa nada? Quando uma jovem dama cheia de vida e

saúde, dotada de beleza e dos dons de casta e de fortuna, senta-se e sorri para um cavalheiro, você...

- Eu o quê?

- Você sabe... Talvez goste dele.

- Não conheço os cavalheiros aqui. Mal troquei uma palavra com algum deles. Quanto a gostar deles, considero alguns respeitáveis, majestosos e de meia-idade. Os outros são jovens, ousados, bonitos e animados. Mas todos certamente são livres para aceitar os sorrisos que quiserem, sem que eu considere essas atitudes de alguma forma relacionadas a mim.

- Não conhece os cavalheiros que estão aqui? Não trocou uma sílaba com nenhum deles? Nem com o dono da casa, então!

- Ele não está em casa.

- Uma observação profunda! Que fuga mais ingênua! Ele foi a Millcote esta manhã e vai voltar tarde da noite ou amanhã. Essa circunstância o exclui da sua lista de amizades, ou apaga a sua existência de alguma forma?

- Não, mas não posso entender o que Mr. Rochester tem a ver com o assunto que estamos tratando.

- Eu estava falando de damas sorrindo para cavalheiros. E ultimamente tantos sorrisos foram endereçados a Mr. Rochester, que seus olhos já estão transbordando como duas taças cheias além da borda. Nunca notou isso?

- Mr. Rochester tem o direito de desfrutar da companhia dos seus hóspedes.

- Ninguém nega esse direito. Mas nunca observou que, de todas as histórias românticas que acontecem aqui, Mr. Rochester foi favorecido com a mais intensa e a mais persistente?

- A ansiedade do ouvinte desata a língua do narrador - eu disse.

Falei mais para mim mesma do que para a cigana, cuja estranha conversa, a voz e as maneiras, tinham me envolvido numa espécie de sonho. Frases inesperadas saíam dos seus lábios, uma atrás da outra, até me envolver numa rede de mistificações. E chegava a pensar que algum tipo de espírito invisível havia morado por semanas a fio no meu coração, observando seus movimentos e tomando nota de cada pulsação.

- A ansiedade do ouvinte! - repetiu ela. - Sim, Mr. Rochester tem estado calado, seu ouvido inclinado para os fascinantes lábios que exprimem tanta delícia na tarefa de falar. E Mr. Rochester parece tão disposto a ouvir e demonstra tanta gratidão por essa distinção! Notou isso?

- Gratidão! Não me lembro de ter visto gratidão no rosto dele!

- Não viu! Esteve analisando, então. E o que viu, se não foi gratidão?

Fiquei em silêncio.

- Você viu amor, não foi? E, olhando para o futuro, você o viu casado e a noiva bastante feliz?

- Hum! Não exatamente. Seus poderes de bruxa às vezes falham.

- Que diabo viu, então?

- Não importa: vim aqui para perguntar, não vim para confessar nada. Então é verdade que ele vai se casar?

- Sim, com a bela Miss Tngam.

- Muito breve?

- As aparências indicam que sim. E com certeza (apesar de você questionar isso com uma audácia que merece castigo) vão ser um casal muito feliz. Ele não pode deixar de amar uma dama tão bela, nobre, inteligente e prendada. E ela provavelmente o ama, se não pela sua pessoa, pelo menos pela

sua bolsa. Sei que ela considera os bens de Mr. Rochester como último recurso. Ainda que (e Deus me perdoe!) eu tenha dito alguma coisa a ela sobre isso, uma hora atrás, que a fez ficar extremamente séria. Os cantos da sua boca caíram alguns centímetros. Gostaria de avisar ao seu pretendente moreno para tomar cuidado. Se vier um outro, com uma lista de rendas mais longa ou mais substancial... ele está perdido...

- Mas, vovó, eu não vim para saber da sorte de Mr. Rochester.

Vim para saber da minha. E a senhora não me disse nada sobre isso.

- A sua sorte ainda é duvidosa. Quando examino seu rosto, um traço contradiz o outro. O destino lhe reservou um quinhão de felicidade: disso eu sei. Sabia antes de vir aqui esta noite. Ele está guardando cuidadosamente essa felicidade para você. Eu o vi fazer isso. Só depende de você estender a mão e tomá-la. O problema é saber se está disposta a fazer isso. Ajoelhe-se outra vez no tapete.

- Não demore muito tempo. O fogo já está me queimando.

Ajoelhei. Ela não parou junto a mim, apenas me olhava, reclinada em sua poltrona. Começou a murmurar:

- O fogo brilha nos olhos. Eles reluzem como o orvalho, parecem suaves e cheios de sentimentos. Sorriem das minhas palavras estranhas. São suscetíveis, e as impressões se

sucedem nas suas esferas claras. Quando param de sorrir se tornam tristes. Uma lassidão inconsciente pesa sobre as pálpebras: significa a melancolia que resulta da solidão. Agora fogem de mim, não querem mais aceitar este escrutínio. Um relance de zombaria parece negar a verdade das descobertas que acabei de fazer... E negam carregar o fardo da sensibilidade e do desgosto. Seu orgulho e reserva apenas confirmam minha opinião. O olhar é favorável.

- Quanto à boca, encanta quando às vezes sorri. Está disposta a dizer tudo que a mente concebe, embora mantenha silêncio sobre as experiências do coração. Mutante e flexível, não foi criada para ser esmagada pelo silêncio eterno da solidão. É uma boca que deveria falar muito e sorrir com frequência, e mostrar compreensão humana para com o seu interlocutor. Este traço também é propício.

- Não vejo nenhum empecilho à felicidade senão na frente, que parece dizer: “Posso viver sozinha, se o respeito próprio e as circunstâncias me obrigarem a isso. Não preciso vender a alma para comprar a bênção da felicidade. Tenho um tesouro interior que nasceu comigo, e que pode me manter viva mesmo que estranhas delícias me sejam negadas ou oferecidas a um preço que eu não possa pagar.” A frente declara: “A razão aqui se mantém firme. Segura as rédeas, não permite que os sentimentos extravasem e a carreguem para um abismo insondável.

As paixões podem rugir furiosamente, como verdadeiras selvagens que são, e o desejo imaginar toda a sorte de ilusões. Mas o juízo sempre terá a última palavra em cada discussão e o voto final em cada decisão. O vento selvagem, o terremoto e o fogo podem passar, mas seguirei o comando dessa voz interior que interpreta os ditames da consciência.”

- Muito bem, frente. Sua declaração será respeitada. Já fiz meus planos – planos muito sensatos – e em todos eles ouvi as reivindicações da consciência e os conselhos da razão. Sei que a juventude passaria depressa e a beleza acabaria se uma gota de vergonha ou um sabor de remorso fossem perceptíveis na taça da ventura que me oferecessem. E não quero sacrifício, tristeza, dissolução – não aprecio isso. Desejo florir e não fenecer... merecer gratidão e não derramar lágrimas de sangue. Não, nada de lágrimas! Minha colheita deve ser de sorrisos, de carinhos, de doçuras... E assim será. Creio que estou num estranho delírio. Gostaria de protelar este momento ad infinitum. Mas não ousar. Até aqui me governei completamente, agi como jurei para mim mesmo que agiria. Mas daqui para a frente o destino pode tentar-me além das minhas forças. Levante-se, Miss Eyre. Está dispensada. O jogo acabou.

Onde eu estava? Dormindo ou acordada? Estivera sonhando? Estava sonhando ainda? A voz da velha mudara. Seu tom, seus gestos, tudo era familiar para mim, como o meu próprio rosto num espelho... como as minhas próprias palavras. Levantei-me mas não saí. Olhei, aticei o fogo, e tornei a olhar. Mas ela

escondia ainda mais o rosto sob o chapéu e o lenço, e outra vez me acenou para que saísse. As chamas iluminaram sua mão estendida. Já de pé e alerta, eu agora reparava naquela mão. Era o membro encolhido de uma velha tanto quanto a minha própria. A mão era suave, com dedos macios e bem torneados. Um anel grande brilhava no dedo mínimo. Tnclinei-me para ela e olhei com mais atenção: vi uma pedra que já tinha visto centenas de vezes antes. Olhei de novo para o rosto, que não se desviava mais do meu. Pelo contrário: o chapéu fora retirado, o lenço descartado, e o rosto estava à mostra.

- Bem, Jane, está me reconhecendo? - perguntou a voz familiar.

- Apenas tire a capa vermelha, senhor, e então...

- Mas o laço está preso... ajude-me.

- É melhor arrebentá-lo, senhor.

- Aqui está!...

E Mr. Rochester livrou-se do disfarce.

- Bem, Mr. Rochester, que ideia esquisita...

- Mas bem executada, não achou?

- O senhor deve ter se saído bem com as outras damas.

- E com você, não?

- O senhor não representou o papel de uma vidente para comigo.
- Que papel representei? O meu próprio?
- Não, um outro qualquer. Em resumo: creio que o senhor tentou fazer com que eu contasse algo de mim. Esteve falando bobagens para me ver falando bobagens também. Não é muito justo, senhor.
- Você me perdoa, Jane?
- Não posso fazer isso até que tenha pensado em tudo que disse. Se, após refletir, chegar a conclusão que não disse nenhum absurdo, tentarei perdoá-lo. Mas não foi correto.
- Ah! Mas você foi muito correta... muito cuidadosa, muito sensível.

Pensei que, de forma geral, eu tinha sido mesmo. Era um consolo, de fato, mas eu estivera em guarda quase desde o começo da entrevista. Suspeitei que fosse algum tipo de encenação. Sabia que ciganas e videntes não se expressavam da mesma maneira que aquela velha havia feito. Além disso, notara a sua voz falsa e a ansiedade para esconder as feições. Mas minha mente pensava em Grace Poole... aquele enigma vivo, o mistério dos mistérios, como a considerava. Nunca pensei em Mr. Rochester.

- Bem, sobre o que está ruminando? O que significa esse sorriso tão grave?

- Espanto e congratulações a mim mesma, senhor. Creio que tenho a sua permissão para me retirar agora, não?
 - Não, fique um momento. Conte-me o que as pessoas na sala estão fazendo.

 - Discutindo sobre a cigana, imagino.
 - Sente-se! Conte-me o que eles disseram sobre mim.
 - É melhor que eu não fique aqui por muito tempo, senhor. Devem ser quase onze horas. Ah! O senhor soube que um estranho chegou depois que o senhor partiu esta manhã?
 - Um estranho! Não sabia... Não estou esperando ninguém, quem poderia ser? Ele já se foi?
 - Não. Disse que conhece o senhor há muito tempo e que podia tomar a liberdade de instalar-se aqui até que o senhor voltasse.
 - O diabo, que pode! Ele disse o nome?
 - Chama-se Mason, senhor. Vem das Índias Ocidentais, de Spanish Town na Jamaica, eu acho.
- Mr. Rochester estava de pé ao meu lado. Havia tomado minha mão para conduzir-me até a cadeira. Quando falei apertou meu pulso de repente. O sorriso congelou-lhe nos lábios. Parecia que um espasmo atravessara seu peito.

- Mason!... Índias Ocidentais! - disse num tom que lembrava um autômato que soubesse apenas estas palavras. E repetiu - Mason!... Índias Ocidentais!

Disse essas palavras três vezes, ficando mais branco que as cinzas enquanto falava. Parecia não saber o que estava fazendo.

- Está doente, senhor?

- Jane, recebi um golpe. Recebi um golpe, Jane! Estava chocado.

- Apoíe-se em mim, senhor.

- Oh, Jane! Você já me ofereceu o seu ombro uma vez, deixe que eu o aceite agora.

- Sim, senhor. E também o meu braço.

Ele sentou-se e me fez sentar ao lado dele. Tomando minha mão nas suas ele as aqueceu. Ao mesmo tempo me olhava fixamente, com um olhar profundamente perturbado e sombrio.

- Minha pequena amiga! - ele disse. - Gostaria de estar numa ilha tranquila, apenas com você. Longe dos problemas, dos perigos e das abomináveis lembranças.

- Posso ajudá-lo, senhor? Daria minha vida para servi-lo.

- Jane, se eu precisar de ajuda vou buscá-la de suas mãos, prometo.

- Obrigado, senhor. Diga-me o que devo fazer, tentarei ajudá-lo.

- Traga-me uma taça de vinho da sala de jantar, Jane. A ceia deve estar sendo servida agora. Diga-me se Mr. Mason ainda está lá e o que está fazendo.

Eu fui. Encontrei todo o grupo na sala de jantar ceando, como Mr. Rochester previra. Não estavam sentados à mesa, a ceia fora colocada sobre o bufê. Cada um pegava o que desejava e sentavam-se aqui e ali em grupos, com os pratos e taças nas mãos. Todos pareciam muito alegres, as conversas e os risos eram gerais e animados. Mr. Mason estava junto à lareira, falando com o Coronel e Mrs. Dent, e parecia tão feliz quanto qualquer um deles. Enchi uma taça de vinho (vi que Miss Tngam franzia o cenho enquanto me olhava, achando que eu estava tomando alguma liberdade, decerto) e voltei para a biblioteca.

A extrema palidez de Mr. Rochester tinha desaparecido, e ele parecia outra vez firme e grave. Pegou a taça da minha mão.

- Brindo à sua saúde, sacerdotisa espiritual! - ele disse. Bebeu todo o conteúdo e devolveu-a para mim.

- O que eles estão fazendo, Jane?

- Rindo e conversando, senhor.

- Não parecem graves e misteriosos, como se tivessem ouvido algo estranho?

- De modo algum. Parecem cheios de gracejos e alegrias.
- E quanto a Mason?
- Também está rindo.

- Se todas essas pessoas vierem aqui em grupo para me agredir, o que você faria, Jane?
- Botá-los para fora, senhor, se pudesse. Ele deu um meio sorriso.
- E se eu fosse até eles, e todos apenas me olhassem friamente, cochichando com desprezo, e depois me voltassem as costas e me deixassem um a um... O que faria? Tria com eles?
- Não faria isso, senhor. Teria mais prazer em ficar com o senhor.
- Para me consolar?
- Sim, senhor. Para consolá-lo tanto quanto puder.
- E se eles a excluíssem, por tomar o meu partido?
- Eu provavelmente não saberia nada sobre a exclusão. E se soubesse, não daria a mínima importância para ela.
- Então, ousaria enfrentar a censura por minha causa?
- Poderia enfrentar isso por qualquer amigo que precisasse do meu apoio. Como o senhor também faria, tenho certeza.

- Vá até a sala, então. Chegue discretamente perto de Mason e diga em seu ouvido que Mr. Rochester chegou e deseja vê-lo. Traga-o aqui e então me deixe.

- Sim, senhor.

Fiz o que me pedira. Todos ficaram me encarando enquanto passava direto pelo grupo. Procurei Mr. Mason, transmiti o recado e o conduzi para fora da sala. Levei-o à biblioteca e subi para o meu quarto.

Tarde da noite, depois que já estava deitada há algum tempo, ouvi os cavalheiros se dirigirem aos seus quartos. Reconheci a voz de Mr. Rochester, dizendo:

- Por aqui, Mason. Este é o seu quarto.

Falava amistosamente. O tom cordial deixou-me tranquila e logo peguei no sono.

CAPÍTULO XX

Eu tinha esquecido de fechar a cortina e de cerrar as venezianas, como sempre fazia. Por consequência, quando a lua cheia e brilhante – pois a noite estava linda – surgiu no espaço de céu em frente à janela e me olhou através das vidraças descobertas, seu brilho glorioso me despertou. Acordando no meio da noite, abri os olhos para o disco branco prateado, claro como cristal. Era lindo, mas solene demais. Arqueei o corpo e estendi o braço para fechar a cortina.

Meu Deus! Que grito horrível!

A noite, o seu silêncio, a sua calma foram invadidos por um grito selvagem, agudo, estridente, que correu de ponta a ponta a mansão de Thornfield.

Minha pulsação cessou, meu coração parou de bater, o braço que eu estendera ficou paralisado. O grito parou e não se reproduziu. De fato, quem quer que tenha emitido aquele berro medonho não poderia repeti-lo: nem o condor de asas longas dos Andes poderia, duas vezes seguidas, emitir um grito de tal ordem do seu ninho nas nuvens. A coisa que emitira esse horror teria que descansar antes que o pudesse repetir.

O grito viera do terceiro andar, pois passou pelo alto. E do mesmo lugar – sim, do quarto que ficava justo em cima do meu – ouvia-se agora um ruído de luta. Um combate mortal, a julgar pelo barulho. E uma voz meio sufocada gritou:

- Socorro! Socorro! Socorro! - gritou três vezes, rapidamente. -
Ninguém me ouve?

E então, enquanto continuava aquele barulho selvagem de tropeços e arrastar de pés, distingui através das tábuas e do reboco do teto:

- Rochester! Rochester! Pelo amor de Deus, venha logo!

Uma porta se abriu, alguém correu apressado pelo corredor. Outro passo retumbou no piso do quarto acima de mim e qualquer coisa caiu. Então fez-se silêncio.

Eu vestira algumas roupas, embora todo o meu corpo tremesse de pavor. Saí do meu apartamento. Os hóspedes estavam todos acordados: em cada quarto havia exclamações e murmúrios de terror. As portas se abriram, uma por uma. Todos espiavam para fora e o corredor encheu-se. Tanto as damas quanto os cavalheiros tinham se levantado, e ouviam-se exclamações confusas por todo o lado:

- Oh! O que é isso?

- Quem está ferido?

- O que aconteceu?

- Peguem uma lanterna!

- Foi algum incêndio?

- Tem ladrões na casa?

- Para onde devemos correr?

Se não fosse a luz da lua estariam em completa escuridão. Corriam de um lado para outro. Amontoavam-se. Algumas soluçavam, outros tropeçavam. A confusão era irremediável.

- Onde diabo se meteu Rochester? - gritou o Coronel Dent. - Não o encontrei na cama.

- Estou aqui! - gritou uma voz em resposta. - Fiquem todos calmos! Já estou indo.

Então abriu-se a porta no final do corredor e Mr. Rochester avançou, carregando um candeeiro. Havia acabado de descer do terceiro andar. Uma das damas correu direto para ele e agarrou-o pelo braço: era Miss Tngam.

- O que aconteceu de tão terrível? - disse ela. - Fale! Diga logo de uma vez o pior!

- Mas não me derrubem nem me estrangulem! - ele replicou.

Além de Miss Tngam, também as duas senhoritas Eshton agarravam-no e as duas matronas, vestidas em enormes roupões brancos, o abalroavam como navios em velocidade máxima.

- Está tudo bem!... Tudo bem! - ele gritou. - É apenas um ensaio de "Muito Barulho por Nada"... uma coisa à toa. Senhoras, afastem-se, ou vou ficar furioso.

E ele realmente parecia furioso. Seus olhos negros emitiam centelhas. Fazendo um esforço para se acalmar, acrescentou:

- Uma criada teve um pesadelo. Foi só isso. É uma pessoa muito excitável e nervosa. Sonhou que estava vendo uma aparição, um fantasma, algo desse tipo. E teve um ataque de medo. Agora, por favor, gostaria que todos voltassem aos seus quartos, pois enquanto a casa não estiver tranquila, ela não poderá ser auxiliada. Cavalheiros, tenham a bondade de dar o exemplo às damas. Miss Tngam, tenho certeza que não hesitará em demonstrar sua superioridade em relação a esses terrores vãos. Amy e Louisa, voltem para os seus ninhos, como o par de pombinhas que são. Senhoras (dirigindo-se às matronas), certamente pegarão um resfriado se ficarem por mais tempo neste corredor frio.

E assim, alternando persuasão e comando, conseguiu que todos voltassem aos seus respectivos aposentos. Não esperei para ser mandada de volta ao meu, retirei-me sem ter sido notada, como viera.

Mas não fui para a cama. Ao contrário, comecei a vestir-me cuidadosamente. Os sons que escutara depois do grito, os apelos murmurados, provavelmente foram ouvidos apenas por mim, pois vinham do quarto de cima do meu. No entanto, haviam me assegurado que não fora o grito de uma criada que espalhara o terror por toda a casa. E que a explicação de Mr. Rochester era apenas uma invenção destinada a acalmar seus hóspedes. Vesti-me para estar pronta para qualquer

emergência. Depois de vestida, sentei-me por longo tempo junto à janela, olhando para os prados silenciosos e os campos prateados, esperando algo que nem eu sabia o que era. Achava que alguma coisa devia se seguir ao estranho grito, à luta e ao pedido de socorro.

Mas não: o silêncio retornou. Todos os murmúrios e os movimentos gradualmente cessaram, e dentro de uma hora Thornfield Hall

estava de novo tão silenciosa quanto um deserto. O império do silêncio e da noite retomara seu poder. Enquanto isso, a lua declinava. Estava para se pôr. Cansada de ficar sentada no frio e no escuro, pensei em deitar-me na cama, vestida como estava. Deixei a janela e caminhei sem ruído sobre o tapete. Quando parei para tirar os sapatos, ouvi uma mão cautelosa bater suavemente na porta.

- Precisam de mim? - perguntei.

- Está de pé? - perguntou a voz que eu esperava ouvir, isto é, a do meu patrão.

- Sim, senhor.

- Está vestida?

- Sim.

- Saia em silêncio, então.

Obedeci. Mr. Rochester estava parado no corredor segurando um lampião.

- Preciso de você - ele disse. - Venha por aqui, devagar e sem fazer barulho.

Meus sapatos eram macios, podia caminhar sobre o chão atapetado com a suavidade de um gato. Ele deslizou pela galeria, subiu as escadas e parou no escuro e baixo corredor do fatídico terceiro andar. Eu o havia seguido e estava ao seu lado.

- Tem uma esponja em seu quarto? - perguntou-me num sussurro.

- Sim, senhor.

- Tem alguns sais, sais voláteis?

- Sim.

- Volte e vá pegá-los.

Voltei, peguei a esponja no lavatório, os sais na minha gaveta, e retornei. Ele esperava, com uma chave na mão. Aproximou-se de uma das pequenas portas pretas e colocou-a na fechadura. Parou e novamente se dirigiu a mim.

- Não desmaia quando vê sangue?

- Acho que não, nunca pude experimentar.

Enquanto lhe respondia, senti um tremor. Mas não fiquei fria nem assustada.

- Apenas me dê a mão - ele disse. - Não podemos arriscar que desmaie.

Coloquei meus dedos nos dele.

- Quentes e firmes - foi a sua observação. Girou a chave e abriu a porta.

Vi um quarto que já tinha visto antes, quando Mrs. Fairfax me mostrara a casa. Era forrado de tapeçarias, mas as tapeçarias agora estavam parcialmente erguidas e via-se uma porta que antes ficara escondida. Estava aberta, e uma luz brilhava lá dentro. Ouvi um som de resmungos e ranger de dentes, como o de um cão. Mr. Rochester, largando o lampião, disse-me:

- Espere um minuto.

E entrou no apartamento. Uma explosão de riso saudou sua entrada. Barulhento no início, e terminando naquele grito de duende - há! há! há! - característico de Grace Poole. Então ela estava lá! Ele fez algum tipo de acerto sem falar, embora eu ouvisse uma voz baixa que se dirigia a ele. Então saiu e fechou a porta atrás de si.

- Aqui, Jane! - disse.

Caminhei até o outro lado de uma enorme cama que, com seus dosséis abaixados, escondia a maior parte do quarto. Uma cadeira de balanço estava perto da cabeceira e havia um

homem sentado nela, sem o casaco. Estava imóvel, de cabeça baixa e com os olhos fechados. Mr. Rochester segurou o candeeiro sobre o seu rosto. Reconheci a face pálida e parecendo sem vida do estranho, Mason. Vi também que um lado da camisa e um braço estavam ensopados de sangue.

- Segure o candeeiro - disse Mr. Rochester.

Peguei-o e ele foi buscar uma bacia de água no lavatório.

- Segure isto - disse ele.

Obedeci. Mr. Rochester pegou a esponja, mergulhou-a na água e umedeceu a face que parecia a de um cadáver. Pediu a minha garrafinha de sais e levou-a às narinas. Mr. Mason abriu brevemente os olhos e gemeu. Ele então desabotoou a camisa do ferido, cujo braço e ombro estavam cobertos por uma bandagem. Passou a esponja no sangue, que gotejava rapidamente.

- Há algum perigo imediato? - murmurou Mr. Mason.

- Não! Que nada!... É só um arranhão. Não se entregue assim, homem: aguente firme! Eu mesmo vou buscar um médico para você: estará pronto para ser removido amanhã. Jane? - ele continuou.

- Senhor?

- Preciso deixá-la neste quarto, em companhia deste cavalheiro por uma ou talvez duas horas. Assim que voltar a sangrar, limpe

o sangue com a esponja. Se ele desmaiar coloque o copo com água nos seus lábios e dê-lhe o frasco de sais para aspirar. Não deve falar com ele em hipótese alguma. E... Richard, você vai arriscar sua vida, se falar com ela. Se abrir a boca, mexer os lábios, ou fizer qualquer movimento... não respondo pelas consequências.

O pobre homem voltou a gemer. Parecia que não ousava se mexer. O medo, da morte ou alguma outra coisa, quase o paralisavam. Mr. Rochester pusera em minha mão a esponja ensanguentada, e comecei a usá-la como o vira fazer. Ele me olhou por um segundo e disse:

- Lembre-se! Nada de conversa!

E deixou o quarto. Senti uma estranha sensação quando a chave girou na fechadura e parei de ouvir o ruído dos seus passos que se afastavam.

E aqui estava eu agora, no terceiro andar, presa numa das suas celas misteriosas. Em torno de mim, a noite. Em minhas mãos e ante meus olhos, um espetáculo sangrento. Uma assassina separada de mim apenas por uma simples porta. Sim! Tssso era apavorante!... O resto eu podia suportar. Mas tremia ao imaginar Grace Poole investindo contra mim.

Devia manter o meu posto, todavia, zelar por aquela figura fantasmagórica, aqueles lábios arroxeados e imóveis, proibidos de se

mover... aqueles olhos ora abertos, ora fechados, ora vagando pelo quarto, ora fixando-se em mim, sempre embotados de horror. A todo momento tinha que mergulhar a mão na bacia cheia de água avermelhada e lavar o sangue que escorria. Tinha que ver a luz do candeeiro extinguir-se aos poucos enquanto precisava dele, e as sombras envolverem as antigas tapeçarias à minha volta que pendiam escuras sobre a vasta e antiga cama, e tremulavam estranhamente sobre as portas de um grande armário fronteiro. Suas portas, divididas em doze painéis, ostentavam em terríveis pinturas as cabeças dos doze apóstolos, cada uma em sua própria moldura. No alto, sobre elas, elevava-se um crucifixo de ébano com um Cristo agonizante.

Naquela luminosidade cambiante, no brilho hesitante que se espalhava aqui e ali, ora era o médico barbudo Lucas que inclinava a testa; ora eram os longos cabelos de São João que ondulavam; ou então a diabólica face de Judas que saía do painel e parecia ganhar vida, ameaçando transformar-se na forma do arquitraidor – o próprio Satã.

No meio de tudo isso eu tinha que ouvir, além de observar. Ouvir os movimentos da besta selvagem ou do demônio que se achava no esconderijo do lado de lá da porta. Mas desde a visita de Mr. Rochester ela parecia enfeitiçada. Durante toda a noite eu ouvira apenas três ruídos, em longos intervalos. Um rumor de passos, uma momentânea repetição do ranger de dentes e dos ganidos caninos, e um profundo gemido humano.

Agora eram os meus próprios pensamentos que me atormentavam. Que crime era aquele que parecia entranhado nesta mansão isolada, e não podia ser eliminado nem subjugado pelo próprio dono? Que mistério era esse que explodira em fogo e agora em sangue, nas horas mais tardias da noite? Que criatura era aquela que, disfarçada no corpo e rosto de uma mulher, articulava as palavras ora como um demônio insolente, ora como uma selvagem ave de rapina?

E este homem, sobre o qual eu agora me debruçava, esse estranho quieto e comum, como acabara se envolvendo nessa teia de horror? E porque a Fúria investira contra ele? O que o fizera procurar essa parte da casa tão fora de hora, quando deveria estar dormindo em sua cama? Eu ouvira Mr. Rochester designar-lhe um quarto no andar de baixo... o que o

trouxera aqui? E por que se mostrava tão resignado com relação à violência e traição que se abatera sobre ele? Por que se submetia tão docilmente ao silêncio imposto por Mr. Rochester? Por que Mr. Rochester impunha esse silêncio? Seu hóspede fora ultrajado, ele mesmo sofrera anteriormente um atentado contra a própria vida. Ambos os atentados foram cobertos pelo segredo e mergulhados no esquecimento! Por fim, eu via que Mr. Mason era submisso a Mr. Rochester, que a vontade impetuosa do último mantinha completo domínio sobre a inércia do primeiro. As poucas palavras que trocaram me garantiram isso. Era evidente que no seu antigo

relacionamento a disposição passiva de um era influenciada pela ativa energia do outro. De onde, então, surgira o pavor de Mr. Rochester quando ouviu sobre a chegada de Mr. Mason? Por que a menção do nome daquele indivíduo submisso – a quem controlara como uma criança, apenas com uma palavra – caíra sobre ele, algumas horas atrás, como um raio sobre um carvalho?

Oh! Não podia esquecer seu olhar e sua palidez quando sussurrou: “Jane, recebi um golpe. Recebi um golpe, Jane!” Não podia me esquecer de como o seu braço tremia quando se apoiou no meu ombro. E, com certeza, não havia de ser qualquer coisinha que podia abater dessa maneira o espírito intrépido e fazer tremer a figura vigorosa de Fairfax Rochester.

“Quando será que ele volta? Quando será que ele volta?” Enquanto a noite se arrastava longamente e o meu doente, sangrando, arriava-se, gemia e se tornava cada vez mais fraco, eu me fazia essa pergunta. E o dia não vinha, e nem a ajuda. De instante a instante eu levava a água aos lábios lívidos de Mason. Vezes sem conta apliquei às suas narinas os sais estimulantes. Meus esforços, no entanto, pareciam não surtir efeito. O sofrimento físico ou mental, ou a perda de sangue, ou os três juntos aceleravam a sua prostração. Ele gemia tanto, estava tão fraco, aterrorizado e perdido, que temi que fosse morrer. E não podia sequer falar com ele!

A luz do candeeiro extinguiu-se, por fim. Quando acabou, percebi linhas de claridade cinzenta avançando lentamente

através da janela. A alvorada se aproximava. Nesse momento ouvi ao longe o latido de Pilot, fora do canil, no gramado. Voltou-me a esperança. Não me decepcionei. Cinco minutos depois o áspero barulho da chave e o ruído da fechadura

avisaram-me que a minha vigília acabara. Não deviam ter se passado mais de duas horas, mas muitas semanas da minha vida tem me parecido mais curtas.

Mr. Rochester entrou, acompanhado pelo médico que fora buscar.

- Bem, Carter, aja depressa - ele disse para o médico. - Você tem meia hora para vestir o ferido, fazer-lhe as ataduras, descer com ele e tudo o mais.

- Ele está em condições de se mover, senhor?

- Sem dúvida. Não é nada sério. Ele é nervoso, devemos reanimá-lo. Venha, comece a trabalhar.

Mr. Rochester afastou a cortina e abriu a persiana, permitindo que entrasse o máximo de luz do dia. Fiquei surpresa de ver como a manhã já avançava, e os tons róseos do sol começavam a surgir no levante. Depois aproximou-se de Mason, a quem o médico já estava atendendo.

- E agora, meu bom amigo, como está se sentindo? - perguntou.

- Temo que ela tenha acabado comigo - foi a débil resposta.

- Que nada... Coragem! Daqui a quinze dias não estará sentindo mais nada. Perdeu um pouco de sangue, foi tudo. Carter, diga-lhe que não há perigo.

- Posso fazer isso sem medo - disse Carter, que desamarrava as ataduras. - Mas preferia ter chegado mais cedo, assim ele não teria sangrado tanto... Mas o que é isto? A carne do ombro está cortada e arranhada. Essa ferida não foi feita por uma faca, foi uma dentada!

- Ela me mordeu - ele murmurou. - Atacou-me como um tigre, quando Rochester tirou-lhe a faca.

- Você não devia ter se rendido. Devia tê-la agarrado de uma vez

- disse Mr. Rochester.

- Mas em tais circunstâncias, o que se poderia fazer? - respondeu Mason. E acrescentou, tremendo - Oh! Foi horrível! E eu não esperava: ela parecia tão quieta!

- Eu lhe avisei - foi a resposta do seu amigo. - Disse-lhe que tomasse cuidado quando chegasse perto dela. Além disso, devia ter esperado até amanhã para ir comigo. Foi uma loucura tentar falar com ela esta noite, e sozinho.

- Pensei que poderia fazer-lhe bem.

- Pensou! Pensou! Fico irritado só de ouvi-lo. Mas você sofreu, no entanto, e provavelmente sofrerá ainda mais por ter

desprezado o meu conselho. Assim, não direi mais nada.

Carter... depressa, depressa! O sol já vai nascer, e ele tem que sair daqui antes disso.

- Pois não, senhor. Acabei de fazer a atadura no ombro, tenho ainda que ver esta ferida no braço. Ela mordeu aqui também, eu acho.

- E chupou o sangue, disse que ia esvaziar meu coração - disse Mason.

Vi Mr. Rochester estremecer. Uma expressão singular de desgosto,

horror e ódio convulsionou seus traços, até ficarem quase distorcidos. Mas ele apenas disse:

- Vamos, fique quieto, Richard, e não ligue para o que ela disse. Não vai se repetir.

- Quem me dera poder esquecer! - foi a resposta.

- Vai conseguir, quando sair do país. Quando estiver de volta a Spanish Town pode pensar nela como morta e enterrada. Melhor ainda, nem precisa pensar mais nela.

- É impossível esquecer esta noite!

- Não é impossível: tenha coragem, homem! Duas horas atrás você pensou que estivesse tão morto como um arenque defumado, e agora está vivo e falante. Bem... Carter já

terminou com você, ou quase isso. Vou deixá-lo decente num instante. Jane?

Voltou-se para mim pela primeira vez desde que entrara.

- Pegue esta chave. Vá até o meu quarto e de lá direto ao quarto de vestir. Abra a gaveta de cima da cômoda e pegue uma camisa limpa e um lenço de pescoço. Seja rápida.

Eu fui, achei o armário, peguei as coisas que ele pedira e retornei.

- Agora - disse ele - vá para o outro lado da cama enquanto providencio para que ele seja vestido. Mas não deixe o quarto, posso precisar de você de novo.

Fiz o que ele pedira.

- Viu alguém de pé quando desceu, Jane? - perguntou então Mr.

Rochester.

- Não, senhor. Tudo estava muito calmo.

- Precisamos tirá-lo daqui discretamente, Dick. Será melhor, tanto para sua segurança, como daquela criatura aí do lado. Tenho me esforçado há longo tempo para evitar escândalo, e não gostaria que isso acontecesse agora. Aqui, Carter, coloque-lhe este sobretudo. Onde deixou seu casaco de pele? Não pode viajar nem um quilômetro sem ele, neste maldito clima frio. Está

no seu quarto? Jane, corra até o quarto de Mr. Mason, o primeiro depois do meu, e pegue o casaco que o viu vestindo.

De novo eu fui e voltei, carregando um imenso sobretudo, forrado e guarnecido com pele.

- Agora, tenho mais uma tarefa para você - disse o meu incansável patrão. - Deve voltar ao meu quarto. Que sorte estar usando calçados de veludo, Jane! Um mensageiro comum nunca poderia dar conta da tarefa. Abra a gaveta do meio da minha mesa de cabeceira e pegue um pequeno frasco e um copinho que estão lá... rápido!

Corri para lá e voltei, trazendo os vasilhames que ele pedira.

- Muito bem! Agora, doutor, vou tomar a liberdade de administrar um remédio sob a minha responsabilidade. Comprei este cordial em Roma, de um charlatão italiano... um camarada a quem você teria corrido a pontapés, Carter. Não é algo que se possa usar indiscriminadamente, mas em determinadas ocasiões. Como agora, por exemplo. Jane, pegue um pouco de água.

Ele segurou o delicado copo e eu o enchi pela metade com a água da garrafa que estava sobre o lavatório.

- Assim está bom. Agora o líquido do frasco.

Mason.

Mediu doze gotas de um líquido escarlate e deu o preparado para

- Beba, Richard. Tssso vai lhe restaurar o ânimo por uma hora ou

duas horas.

- Mas não me fará mal? Não é inflamatório?

- Beba! Beba!

Mr. Mason obedeceu, porque evidentemente era inútil resistir. Já estava vestido agora. Ainda pálido, mas não estava mais sujo nem sangrando. Mr. Rochester deixou-o descansar por três minutos, após ter bebido o líquido. Então pegou-o pelo braço:

- Agora acho que conseguirá ficar de pé - ele disse. - Experimente!

O paciente ergueu-se.

- Carter, apoie o outro ombro dele. Seja um bom amigo, Richard, de alguns passos... isso mesmo!

- Sinto-me melhor, realmente - observou Mr. Mason.

- Tenho certeza que sim. Agora, Jane, vá na nossa frente até lá embaixo, abra a porta lateral e diga ao cocheiro da diligência postal para se aprontar e esperar no pátio... ou do lado de

fora, pois eu mandei que não entrasse com as rodas no calçamento. Nós estamos descendo. E se alguém estiver por aí, vá até o pé da escada e tussa.

Já eram mais ou menos cinco e meia e o sol estava a ponto de surgir, mas encontrei a cozinha ainda escura e silenciosa. A porta lateral estava trancada e abri-a com o menor ruído possível. Todo o pátio estava quieto, embora os portões estivessem escancarados. Do lado de fora estava estacionada a diligência postal, com os cavalos atrelados e o cocheiro na boleia. Aproximei-me e disse ao homem que os cavalheiros estavam vindo. Ele assentiu. Olhei cuidadosamente ao redor e escutei. A quietude da alvorada cobria tudo. Nos quartos dos criados as cortinas ainda estavam baixadas. Pequenos pássaros começavam a gorjear entre as flores esbranquiçadas que cobriam as árvores do pomar, cujos ramos de florzinhas brancas caíam como grinaldas sobre o muro que fechava um

dos cantos do pátio. Nos estábulos os cavalos da carruagem batiam os cascos de vez em quando. Tudo o mais era silêncio.

Os cavalheiros surgiram. Mason, apoiado por Mr. Rochester e o médico, parecia caminhar com relativa facilidade. Colocaram-no dentro do veículo, e Carter subiu em seguida.

- Cuide bem dele - disse Mr. Rochester ao médico - e deixe que fique em sua casa até recuperar-se completamente. Dentro de um dia ou dois irei ver como ele está. Richard, como se sente?

- O ar fresco me renovou, Fairfax.

- Deixe a janela aberta do lado dele, Carter, não está ventando...

Adeus, Dick.

- Fairfax...

- Bem, o que é?

- Cuide dela. Cuide para que seja tratada o mais ternamente possível. Deixe... - ele parou e rompeu em lágrimas.

- Eu faço tudo o que posso. Sempre fiz e sempre vou fazer - foi a resposta.

Mr. Rochester então fechou a porta da carruagem e o veículo se afastou.

- Quando, meu Deus, haverá um fim para tudo isso? - disse Mr. Rochester, enquanto fechava os pesados portões.

Feito isto, caminhou devagar e com ar absorto em direção à porta do muro que levava ao pomar. Preparei-me para voltar a casa, julgando que não precisasse mais de mim. No entanto, ele chamou outra vez:

- Jane!

Havia aberto a porta e parara, esperando por mim.

- Venha para cá, onde é mais fresco. Só por alguns momentos - disse Mr. Rochester. - Essa casa é apenas uma masmorra, não lhe parece?

- Parece-me uma esplêndida casa, senhor.

- O encanto da inexperiência cega seus olhos - ele respondeu - e a vê através desse véu de magia. Não repara que o dourado é limo e as

cortinas de seda são teias de aranha. Que o mármore é uma sórdida ardósia, e os móveis polidos são cavacos descascados, repelentes e miseráveis. Mas aqui (apontou para o verdejante pomar, onde acabávamos de entrar), tudo é real, doce e puro.

Ele enveredou por uma aleia bordada de macieiras, pereiras e cerejeiras de um lado. Do outro havia todo tipo de flores antigas, troncos, primulas e tamareiras, misturadas com abrótanos, rosas-amarelas e várias ervas aromáticas. A mistura de chuva e sol daquele mês de abril, seguida pelas belas manhãs de primavera, as deixara frescas e cheirosas. O sol começava a brilhar no nascente e sua luz iluminava as árvores floridas e cobertas de orvalho do pomar, assim como os tranquilos caminhos sob elas.

- Jane, gostaria de uma flor?

Ele pegou uma rosa entreaberta, a primeira do galho, e me ofereceu.

- Obrigada, senhor.
- Gosta do nascer do sol, Jane? Deste céu de nuvens altas e claras, que com certeza vão evaporar à medida que o dia esquentar? Desta atmosfera plácida e serena?
- Gosto muito.
- Passou uma noite estranha, Jane.
- Sim, senhor.
- E isso deixou-a pálida... Teve medo quando a deixei sozinha com Mason?
- Eu tinha medo que alguém saísse do quarto interno.
- Mas eu tranquei a porta... A chave ficou no meu bolso. Teria sido um pastor muito descuidado se deixasse uma ovelha - minha ovelha de estimação - tão perto da toca do lobo, sem proteção alguma. Você estava segura.
- Grace Poole vai continuar vivendo aqui, senhor?

disso.

- Oh, sim! Não se preocupe com ela... Não pense mais em nada

- A mim parece que sua vida não está muito segura, enquanto ela

permanecer.

- Não tenha medo. Vou tomar cuidado.

- O perigo de ontem à noite já passou de todo?

- Não posso afirmar até que Mason esteja fora da Inglaterra. E nem mesmo então. Para mim, Jane, viver significa ficar sobre uma cratera que pode entrar em erupção a qualquer momento e vomitar fogo.

- Mas Mr. Mason parece um homem fácil de se levar. É evidente que sua influência sobre ele é muito forte. Ele nunca irá desafiá-lo ou ofendê-lo deliberadamente.

- Oh, não! Mason não irá me desafiar nem me ferir por sua vontade. Mas, mesmo sem intenção - num instante, por uma palavra descuidada - pode privar-me, senão da vida, ao menos da felicidade.

- Peça-lhe para ser cuidadoso, senhor. Diga-lhe o que teme e mostre-lhe os meios de evitar o perigo.

Ele riu um riso sardônico, pegou minha mão apressadamente e largou-a mais depressa ainda.

- Se eu pudesse fazer isso, sua ingênua, onde estaria o perigo? Aniquilado na mesma hora. Desde que conheci Mason bastava

dizer “faça isso” e a coisa era feita. Mas, neste caso, não posso dar-lhe ordens. Não posso dizer-lhe “Cuidado para não me ferir, Richard”, pois é importante que o mantenha na ignorância de que pode me fazer mal. Agora você parece confusa, e vou confundi-la ainda mais. Você é minha amiguinha, não é?

certo.

- Gosto de ser-lhe útil, senhor, e obedecê-lo em tudo o que for

- Exatamente: eu vejo que age assim. Vejo um contentamento

genuíno nos seus modos, no seu aspecto, nos olhos e na face, quando está me ajudando ou fazendo alguma coisa que me agrada... ou trabalhando para mim, ou junto comigo, naquilo que você tão bem define como “tudo o

que for certo”. Pois se eu lhe propusesse fazer algo que considera errado, não correria com esses passos leves, nem ostentaria essa alegria, nem o olhar vivo e a fisionomia animada. Minha amiga se voltaria para mim, quieta e pálida, e

diria “Não, senhor, é impossível: não posso fazer isso porque é errado.” E se tornaria imóvel como uma estrela fixa. Bem, você também tem poderes sobre mim, e pode me prejudicar. Não ousou mostrar- lhe onde está o meu ponto fraco, pois confiante e amigável como é, poderia apunhalar-me com um só golpe.

- Se o senhor não tem mais a temer de Mr. Mason do que tem de mim, está bastante seguro.

- Deus permita que assim seja! Aqui, Jane, sente-se neste caramanchão.

O caramanchão era um arco no muro coberto de hera. Havia ali um banco rústico. Mr. Rochester sentou-se, deixando lugar para mim ao seu lado. Mas fiquei de pé diante dele.

- Sente-se - disse. - Há lugar suficiente para dois. Não está hesitando em sentar ao meu lado, está? Tso é errado, Jane?

Respondi-lhe sentando-me. Senti que não teria sido sábio recusar.

- Bem, minha amiguinha, enquanto o sol bebe o orvalho, enquanto todas as flores deste velho jardim acordam e desabrocham, enquanto os pássaros trazem de fora de Thornfield a comida para os seus filhotinhos e as abelhas madrugadoras começam seu primeiro turno de trabalho, vou lhe colocar um problema. Você deve se esforçar para imaginar que aconteceu com você. Mas, primeiro, olhe para mim e me diga que está à vontade, e que não acha que estou errado em detê-la, ou que você está errada em ficar.

- Não, senhor, estou satisfeita.

- Bem, Jane, então peça ajuda à fantasia e imagine que você não é mais uma moça bem-educada e disciplinada, mas um rapaz impulsivo, mimado desde a infância. Tmagine-se numa remota terra estrangeira. Pense que cometeu um erro capital, não importa de que natureza ou por quais motivos, mas um erro cujas consequências vão segui-lo por toda a vida, e manchar toda a sua existência. Observe que não falo de um crime.

Não estou falando de derramamento de sangue nem qualquer outro ato culpável, que tornaria a pessoa que o perpetrasse sujeita às penas da lei. A palavra que estou usando é erro. O resultado do seu ato com o tempo torna-se absolutamente insuportável. Você toma algumas medidas para conseguir alívio. Medidas fora do comum, mas não ilegais e nem culpáveis. Ainda assim está infeliz: a esperança deixou-a em plena juventude. Ao meio-dia o sol brilhante transforma-se num eclipse, e você sente que não o deixará mais até que chegue o crepúsculo. A amargura e as más recordações tornam-se o único alimento da sua memória. Passa a vagar de um lado a outro, procurando descanso no exílio, felicidade no prazer – falo do prazer sensual e cruel – aquele que embota o cérebro e deteriora os sentimentos. Com o coração seco e a alma amargurada volta para casa após anos de exílio. Faz uma nova amizade – como ou onde não importa. Encontra nesse estranho

muitas das boas e sólidas qualidades que desejou por vinte anos, e nunca encontrou antes. E todas são suaves, sadias, sem mancha e sem vícios. Essa companhia revive e regenera: você vê que voltaram os dias melhores, os desejos mais elevados, os sentimentos mais puros. Deseja recomeçar a vida e passar o que resta dos seus dias de maneira mais digna, como cabe a um ser humano. Para atingir esse fim justifica-se passar por cima de um obstáculo de preconceito social – um impedimento meramente convencional, que nem a sua consciência justifica nem a sua razão aprova?

Ele fez uma pausa e esperou a resposta. E o que eu devia dizer? Oh! Quem sabe um bom espírito poderia me sugerir uma resposta correta e satisfatória? Vã aspiração! O vento do oeste sussurrava na hera atrás de mim. Mas nenhum arcanjo Ariel gentil usou esse murmúrio como forma de expressão. Os pássaros cantavam no alto das árvores, mas seu canto, embora doce, também não dizia nada.

Mr. Rochester propôs novamente a questão:

- Um peregrino e pecador, mas agora arrependido e à procura de paz, estaria justificado se afrontasse a opinião do mundo para prender junto a ele para sempre este estranho gentil, gracioso e alegre – e assim assegurar a própria paz de espírito e a regeneração da sua vida?

- Senhor - respondi - o repouso de um andarilho ou a regeneração de um pecador nunca deveria depender de um companheiro. Os homens e mulheres morrem, os filósofos falham em sua sabedoria, e os cristãos em sua bondade. Se alguém que conhece errou e sofreu, deixe que olhe acima dos seus iguais em busca de força para a mudança e consolo para a cura.

- Mas o instrumento! O instrumento! Deus, que opera o milagre, também manda o instrumento. Eu mesmo tenho sido - e digo isso sem rodeios - um homem dissipado, mundano e inquieto. E acredito que achei o instrumento para a minha cura em...

Ele parou. Os pássaros continuaram cantando, as folhas murmurando suavemente. Eu quase me surpreendia de que não houvessem parado seus cantos e sussurros para ouvir a revelação suspensa no ar. Mas teriam que esperar vários minutos, tão prolongado foi o silêncio. Por fim, levantei os olhos para o vagaroso interlocutor: ele me olhava avidamente

- Minha amiguinha - disse ele, num tom muito diferente, enquanto sua face mudava também, perdendo toda suavidade e atração para tornar-se dura e sarcástica - você notou minha inclinação por Miss Tngam. Não acha que se eu desposá-la ela me regeneraria impetuosamente?

Levantou-se de súbito. Foi até o outro lado do caminho e, quando voltou, cantarolava uma canção.

- Jane, Jane - falou, parando em frente a mim - você ficou muito pálida com essa vigília. Não tem raiva de mim por perturbar seu sono?
- Raiva? Não, senhor...
- Então, apertemos as mãos para confirmar o trato. Que dedos frios! Estavam quentes a noite passada, quando os toquei na porta do quarto misterioso. Jane, quando voltaremos a fazer uma vigília juntos?
- Quando eu for necessária, senhor.
- Por exemplo, na véspera do meu casamento! Tenho certeza de que não serei capaz de dormir. Promete ficar sentada comigo me fazendo companhia? Com você posso falar da minha adorada, porque você a viu e a conhece.
- Sim, senhor.
- Ela é uma raridade, não acha, Jane?
- Sim, senhor.
- Uma conquistadora, uma verdadeira conquistadora, Jane: alta, morena e jovial. E com o mesmo cabelo que deviam ter as mulheres de Cartago! Valha-me Deus! O Dent e o Lynn estão nos estábulos. Vá andando pelos arbustos, por aquela passagem ali.

Enquanto eu ia por um lado, ele ia pelo outro. Ouvi-o no pátio, chamando alegremente:

- Mason tomou a dianteira de todos vocês e partiu antes do alvorecer. Levantei-me às quatro para me despedir dele!

CAPÍTULO XXI

Estranhas coisas são os pressentimentos, as simpatias e os sinais! Os três juntos constituem um mistério que a humanidade ainda não conseguiu decifrar. Nunca ri de um pressentimento em minha vida, pois eu mesma já tive os pressentimentos mais estranhos. Existem simpatias, eu acho, que desafiam a compreensão humana. Por exemplo, entre parentes distantes, longamente afastados, totalmente estranhos um ao outro e que, apesar dessa separação, comprovam a unidade da fonte da qual se originaram. E os sinais, por tudo que sabemos, podem ser as simpatias da Natureza em relação ao homem.

Quando eu era bem pequena, com apenas seis anos, ouvi uma noite Bessie Leaven dizer à Martha Abbot que havia sonhado com uma criança, e que sonhar com crianças era um sinal seguro de problemas para a própria pessoa ou alguém da família. Eu poderia ter esquecido essas palavras, não fosse uma circunstância que se seguiu, e que serviu para fixá-las na minha mente. No dia seguinte Bessie foi mandada para casa, para junto do leito de morte da sua irmãzinha.

Nos últimos dias muitas vezes recordei essas palavras e esse incidente, pois durante a semana anterior não se passara uma só noite sem que eu fosse para a cama e sonhasse com uma criança. Algumas vezes eu a acalentava nos braços, outras vezes a punha no colo, ou então a via brincar com as

margaridas no gramado ou mergulhar as mãos na água de um regato. Uma noite era uma criança que chorava, na outra uma que ria. Às vezes aninhada ao meu lado, outras vezes fugindo de mim. Mas, qualquer que fosse a sua aparência ou aspecto, não deixou nunca, durante sete noites seguidas, de vir ao meu encontro sempre que eu entrava na terra dos sonhos.

Não me agradava a repetição desse sonho, nem a estranha recorrência da imagem, e ficava nervosa quando se aproximava a hora de deitar-me e o momento da visão se aproximar. Foi da companhia dessa

criança-fantasma que fui despertada naquela noite de luar ao ouvir um grito. E foi na tarde do dia seguinte que fui chamada ao andar térreo, com a mensagem de que alguém desejava ver-me na sala de Mrs. Fairfax. Havia um homem à minha espera, parecendo o criado de algum cavalheiro. Vestia luto fechado, e na aba do chapéu ostentava uma faixa de crepe.

- Creio que não se lembra de mim, Miss - disse ele, levantando-se ao me ver entrar - mas meu nome é Leaven. Fui cocheiro de Mrs. Reed quando a senhorita estava em Gateshead, há oito ou nove anos, e ainda vivo lá.

- Oh, Robert! Como vai? Lembro-me de você muito bem. Costumava me deixar montar o pônei baio de Georgiana. E como vai Bessie? Casou-se com ela, não é?

- Sim, Miss. Minha esposa está muito bem, obrigado. Deu-me outro filhinho, dois meses atrás - agora temos três. Tanto a mãe quanto o pequeno estão muito bem.

- E como estão as pessoas na mansão, Robert?

- Lamento não poder dar-lhe notícias melhores, Miss. Estão muito mal no momento, em grande aflição.

- Espero que ninguém tenha morrido - disse, olhando para sua roupa preta.

Ele também olhou para a faixa no chapéu e disse:

- Ontem fez uma semana que Mr. John morreu, no seu apartamento em Londres.

- Mr. John?

- Sim.

- E como a mãe dele está suportando esse golpe?

- A senhorita sabe, Miss Eyre, não foi uma desgraça qualquer. Mr. John teve uma vida muito dissipada. Nos últimos três anos esteve metido em coisas horríveis e teve uma morte chocante.

- Bessie me disse que ele não estava agindo bem.

- Agir bem! Não podia agir pior! Arruinou sua saúde e sua fortuna com o pior tipo de gente, homens e mulheres. Contraiu dívidas e acabou preso. Sua mãe ajudou a soltá-lo duas vezes, mas assim que ficava livre voltava aos velhos hábitos e às más

companhias. Sua cabeça era fraca. Os patifes com os quais andava o enganavam como eu jamais vi na vida. Há três semanas, mais ou menos, voltou a Gateshead e queria que a patroa desse tudo para ele. Ela recusou-se. Sua fortuna já estava bem reduzida pela extravagância dele. Então ele voltou - e depois veio a notícia de que tinha morrido. Como morreu ninguém sabe, dizem que se matou.

Fiquei em silêncio, as notícias eram apavorantes. Robert Leaven recomeçou:

- A patroa anda doente há bastante tempo. Ela sempre foi muito robusta, mas não era forte o bastante para tudo isso. A perda de dinheiro e o medo da pobreza estão aniquilando-a. A notícia da morte de Mr. John - e o tipo de morte que teve - veio de repente. Ela teve uma crise. Ficou três dias sem falar, mas na última terça-feira melhorou. Parecia querer dizer alguma coisa, murmurava e fazia sinais para minha mulher. Foi só ontem pela manhã que Bessie entendeu que ela pronunciava o seu nome. Por fim ela conseguiu dizer: "Tragam Jane Eyre... Busquem Jane Eyre. Quero falar com ela". Bessie não sabe se ela está boa da cabeça, ou se sabe o que diz, mas contou para Miss Reed e Miss Georgiana e aconselhou-as a chamá-la. As duas moças não ligaram muito para isso no início, mas a mãe ficou tão agitada, dizendo "Jane, Jane" tantas vezes, que por fim elas consentiram. Deixei Gateshead ontem, e se a senhorita puder se aprontar gostaria de voltar consigo amanhã de manhã.

- Sim, Robert. Estarei pronta. Acho que devo ir.

- Também acho, Miss. Bessie disse que sabia que a senhorita não recusaria. Imagino que tenha que pedir licença antes de partir, não é?

- Sim. E vou fazer isso agora mesmo.

Encaminhei Robert para a ala dos criados, e recomendei-o aos cuidados da esposa de John e às atenções do próprio John. Então saí à procura de Mr. Rochester.

Ele não estava em nenhuma das salas do térreo, nem no pátio, nos jardins ou nos estábulos. Perguntei a Mrs. Fairfax se o vira. Sim, achava que estava jogando bilhar com Miss Tngam. Apressei-me em direção ao salão de bilhar, de onde vinha o barulho das bolas e o rumor de vozes. Mr. Rochester, Miss Tngam, as duas Misses Eshton e os seus admiradores estavam todos ocupados em jogar. Precisei de alguma coragem para interromper uma partida tão interessante. A minha missão, no entanto, não podia ser postergada e me aproximei do patrão que estava ao lado de Miss Tngam. Ela se virou quando cheguei e me olhou com arrogância. Seus olhos pareciam dizer “O que este verme quer agora?”. E quando falei em voz baixa “Mr. Rochester” ela fez um movimento como se fosse me enxotar. Lembro-me de sua aparência naquele momento. Estava muito graciosa e cativante: usava um vestido leve de crepe azul claro, e um lenço de gaze azul prendendo o cabelo.

Parecia muito animada com o jogo e o orgulho satisfeito não diminuía a arrogância dos seus traços.

- É com você que essa pessoa quer falar? - perguntou a Mr. Rochester.

E Mr. Rochester virou-se para ver quem era a “pessoa”. Fez uma careta curiosa - uma das suas esquisitas e duvidosas demonstrações - largou o taco de bilhar e me seguiu para fora da sala.

- Bem, Jane? - ele disse, apoiando as costas na porta da sala de aulas, depois de fechá-la.

- Peço permissão, senhor, para tirar uma licença de uma ou duas semanas.

- O que vai fazer? Aonde vai?

- Ver uma senhora doente que mandou me chamar.

- Que senhora doente é essa? Onde ela mora?

- Em Gateshead, no condado de...

- Condado de...? Fica a mais de cento e cinquenta quilômetros!

Quem ela pensa que é, para chamar uma pessoa de tão longe para vê-la?

- Seu nome é Reed, senhor... Mrs. Reed.

- Reed, de Gateshead? Havia um Reed em Gateshead, um magistrado.

- É a viúva dele, senhor.

- E o que você tem a ver com ela? Como a conhece?

- Mr. Reed era meu tio, o irmão da minha mãe.

- O diabo, que ele era! Você nunca me contou isso antes. Sempre disse que não tinha parentes.

- Nenhum que me quisesse, senhor. Mr. Reed morreu e sua viúva me expulsou.

- Por quê?

- Porque eu era pobre, era um incômodo e ela não gostava de mim.

- Mas o Reed deixou filhos? Você deve ter primos, então?
Ontem

mesmo Sir George Lynn estava falando de um Reed de Gateshead que, segundo ele, é o mais completo patife da cidade. E Miss Tngram mencionou uma tal de Georgiana Reed, do mesmo lugar, que foi muito admirada em Londres por sua beleza, um ou dois anos atrás.

- John Reed também morreu, senhor. Ele arruinou-se e quase arruinou a família, e depois se imagina que tenha cometido suicídio. As notícias chocaram tanto a mãe que ela teve um ataque apoplético.

- E que bem você pode fazer a ela? Bobagem, Jane! Eu jamais viajaria cento e sessenta quilômetros para ver uma velha senhora que, provavelmente, estará morta antes que chegue lá. Além disso, você disse que ela a expulsou.

- Sim, senhor. Mas foi há muito tempo, e quando a situação dela era muito diferente. Eu não me sentiria bem de negligenciar seu desejo agora.

- Quanto tempo ficará fora?

- O menos possível, senhor.

- Prometa-me que ficará apenas uma semana...

- É melhor que eu não lhe dê minha palavra. Posso ser obrigada a quebrá-la.

- De qualquer maneira prometa que vai voltar. Será que não vai ser induzida, sob qualquer pretexto, a residir permanentemente com ela?

- Oh, não! Certamente voltarei, se tudo estiver bem.

- E quem irá com você? Não vai viajar essa distância toda

sozinha.

- Não, senhor. Ela mandou o cocheiro.
- É pessoa de confiança?
- Sim, senhor. Está há dez anos na família. Mr. Rochester meditou.
- Quando pretende ir?
- Amanhã bem cedo, senhor.
- Bem, precisa de algum dinheiro. Não pode viajar sem dinheiro,

e acho que não possuo muito. Ainda não lhe paguei o salário. Qual é a sua fortuna neste mundo, Jane? – perguntou Mr. Rochester, sorrindo.

Abri a minha bolsa, que era bem magra.

- Cinco xelins, senhor.

Ele pegou a bolsa, pesou o tesouro na palma da mão e começou a rir, como se a sua escassez o divertisse. Pegou então sua própria bolsa.

- Tome – disse ele, oferecendo-me uma nota.

Era uma cédula de cinquenta libras, e ele me devia apenas quinze.

Disse-lhe que não tinha troco.

- Não quero troco, você sabe disso. São os seus ordenados.

Recusei receber mais do que me era devido. Ele ficou zangado no início. Depois, como se lembrasse de alguma coisa, disse:

- Certo, certo! É melhor não lhe dar tudo agora. Você poderia ficar três meses fora, se tivesse cinquenta libras. Tome dez, então. Não é o bastante?

- Basta sim, mas agora o senhor me deve cinco.

- Volte para buscar, então. Vou guardar quarenta libras para você, como seu banqueiro.

- Mr. Rochester, eu queria falar um outro assunto de negócios com o senhor, enquanto tenho uma oportunidade.

- Assunto de negócios? Estou curioso para ouvir.

- O senhor me disse que brevemente vai se casar, não é?

- Sim, e daí?

- Neste caso, senhor, deve mandar Adele para a escola. Tenho certeza que vai perceber a necessidade disso.

- Para tirá-la do caminho da minha noiva, que de outra forma poderá marchar sobre ela com força excessiva? Há bom senso na sua sugestão, sem dúvida. Adele, como diz, deve ir para a escola. E você, é claro, deve ir direto para o... inferno?

- Espero que não, senhor. Mas devo procurar outra colocação em algum lugar.

- É mesmo? - disse Mr. Rochester, com a voz aguda e uma distorção dos traços ao mesmo tempo fantástica e ridícula.

Olhou-me durante alguns minutos.

- E pedirá a velha senhora Reed, ou às suas filhas, para arranjar-lhe uma colocação, suponho?

- Não, senhor. Não tenho tão boas relações com meus parentes que justifique pedir-lhes favores. Mas posso colocar um anúncio.

- Você vai é subir as pirâmides do Egito! - ele grunhiu. - Nem se atreva a colocar um anúncio! Quem dera tivesse lhe dado apenas um soberano, em vez de dez libras. Devolva-me nove libras, Jane! Preciso delas.

- Eu também, senhor - respondi, escondendo as mãos e a bolsa nas costas. - Não posso me desfazer desse dinheiro em hipótese alguma.

- Pequena avarenta! - disse ele - Recusando-me um empréstimo!

Dê-me cinco libras, Jane.

- Nem cinco xelins, senhor. Nem cinco pence.

senhor.

- Então só me deixe ver o dinheiro.

- Não. Não dá para confiar no senhor.

- Jane!
- Senhor?
- Prometa-me uma coisa.
- Eu lhe prometo qualquer coisa que eu seja capaz de cumprir,

- Prometa que não vai anunciar, e que deixará a meu cargo

procurar-lhe outra colocação. Vou lhe encontrar uma quando chegar o momento.

- Prometerei com prazer se o senhor, por sua vez, me prometer que tanto eu quanto Adele estaremos longe desta casa quando a sua mulher entrar aqui.
- Muito bem, então. Dou-lhe minha palavra. Vai partir amanhã

mesmo?

- Sim, senhor. Bem cedo.
- Virá ao salão após o jantar?
- Não, senhor. Preciso preparar-me para a viagem.

- Então você e eu devemos nos despedir por algum tempo?
- Acho que sim, senhor.
- E como as pessoas fazem a cerimônia do adeus, Jane?

Me

ensine. Não tenho muita experiência nisso.

- Elas dizem 'Adeus' ou qualquer outra palavra que preferam.
- Então diga, Jane.
- Adeus, Mr. Rochester. Até a volta.
- O que eu devo dizer?
- O mesmo, se desejar, senhor.
- Adeus, Miss Eyre. Até a volta. Tsso é tudo?
- Sim, acha pouco?

- Parece muito econômica para os meus padrões, além de seca e pouco cordial. Gostaria de alguma coisa mais, uma pequena adição ao ritual. Apertar a mão, por exemplo, mas não... isso também não me satisfaria. Então não vai fazer nada além de dizer adeus, Jane?
- É o suficiente. Um voto sincero cabe tão bem numa única palavra dita de coração quanto em muitas palavras.

- É provável. Mas ainda parece vazia e fria. Adeus.

“Quanto tempo ele ainda vai ficar encostado nessa porta?”
perguntei a mim mesma. “Preciso fazer as malas.”

A campainha tocou para o jantar. Mr. Rochester, de repente, afastou-se sem dizer mais nada. Não o vi durante o resto do dia, e parti antes que ele se levantasse de manhã.

Cheguei à portaria de Gateshead às cinco horas da tarde do primeiro dia de maio. Parei no chalé antes de ir até a casa. Tudo era limpo e organizado. Das janelas ornamentadas pendiam pequenas cortinas brancas; o chão não tinha uma única mancha; a grelha e os metais da lareira brilhavam e havia um belo fogo aceso. Bessie sentava-se junto à lareira, amamentando o recém-nascido, enquanto o pequeno Robert e a irmã brincavam tranquilamente num canto.

- Deus a abençoe! Eu sabia que viria! - exclamou Bessie quando

entrei.

- Sim, Bessie - eu disse, depois de beijá-la. - espero não ter chegado tarde demais. Como está Mrs. Reed? Ainda viva, espero.

- Sim, está viva. E mais sensível e controlada do que era. O médico disse que ela deve durar ainda uma semana ou duas. Mas não acredita que consiga se recuperar.

- E ela falou de mim, ultimamente?

- Falou em você ainda esta manhã, desejando que viesse. Mas está dormindo agora, ou estava há dez minutos, quando vim da casa. Ela geralmente fica a tarde toda numa espécie de letargia e acorda às seis ou sete horas. Quer descansar aqui por uma hora, Miss, e então eu lhe acompanho até lá?

Robert chegou nesse momento, e Bessie colocou o bebê no berço para recebê-lo. Depois insistiu para que eu tirasse o chapéu e tomasse chá, dizendo que eu parecia pálida e cansada. Fiquei contente de aceitar a sua hospitalidade. Permitted que tirasse a minha capa de viagem, tão passivamente como no tempo de criança, quando ela me despia.

Os velhos tempos voltaram à minha memória enquanto observava a sua atividade – pegando a bandeja de chá com sua melhor louça, cortando pão e manteiga, assando um bolo e, nos intervalos, passando um pito ou dando um repelão nos pequeninos Robert e Jane, como costumava fazer comigo antigamente. Bessie mantivera seu temperamento impulsivo, assim como o andar lépido e a aparência bonita.

Pronto o chá, eu ia me aproximando da mesa, quando ela me ordenou que ficasse quieta, no seu antigo tom decidido. Disse que eu seria servida na sala, perto da lareira. Colocou junto a mim uma pequena banquetta redonda, com a xícara e o prato de torta, exatamente como costumava me acomodar numa

cadeira da ala das crianças, com alguma guloseima roubada. Sorri e obedeci como fazia naqueles tempos.

Bessie queria saber se eu estava feliz em Thornfield, e que espécie de pessoa era a dona da casa. Quando eu lhe disse que só havia um dono, quis saber se era um cavalheiro bonito e se eu gostava dele. Conteí então que ele era feio, mas muito educado. Que me tratava gentilmente e que eu estava bastante satisfeita. Seguí contando sobre os alegres visitantes que ultimamente estavam na casa, e Bessie ouviu os detalhes com muita atenção, pois eram exatamente do tipo de que gostava.

E assim a hora se passou rapidamente. Bessie devolveu-me o chapéu e, acompanhada por ela, saí do chalé em direção à casa. Fora também na companhia dela, quase nove anos atrás, que eu descera o mesmo caminho que agora subia. Numa manhã de janeiro, escura, nevoenta e gelada, eu deixara um teto hostil com o coração em desespero e amargurado. Sentia-me condenada, quase proscrita, em busca do frio abrigo de Lowood, que ficava tão distante e me era desconhecido. O mesmo teto hostil agora se abria diante de mim, mas minhas perspectivas ainda eram duvidosas e meu coração continuava dolorido. Novamente me senti como se vagasse pela face da terra. Mas agora tinha uma confiança

mais firme em mim mesma e nas minhas forças, e já não temia tanto a opressão. A enorme ferida das injúrias, também, estava completamente curada, e a chama do ressentimento extinta.

- Deve ir primeiro à sala de almoço - disse Bessie, enquanto me precedia no saguão. - As moças devem estar lá.

Num momento eu estava dentro da peça. Todos os móveis e ornamentos continuavam do mesmo modo que naquela manhã em que fui apresentada a Mr. Brocklehurst. O mesmo tapete em que ele se plantara jazia estendido no chão. Lançando um olhar para a estante pensei distinguir os dois volumes de “História dos Pássaros Tngleses”, de Bewick, ainda ocupando seu antigo lugar na terceira prateleira. As “Viagens de Gulliver” e “As Mil e Uma Noites” ficavam logo acima. Os objetos inanimados não haviam mudado, mas os vivos estavam irreconhecíveis.

Duas jovens surgiram diante de mim. Uma era muito alta, quase tão alta quanto Miss Tngram. Muito magra, também, com uma face pálida de traços severos. Havia algo de ascético no seu aspecto, aumentado pela extrema austeridade do vestido preto de saia reta, da gola de linho engomada, do cabelo penteado para trás das têmporas e dos adornos de freira: um rosário de contas de ébano e um crucifixo. Esta devia ser Eliza, embora eu achasse pouca semelhança entre o rosto antigo e este rosto esquelético e sem cor.

A outra com certeza era Georgiana, mas não a Georgiana de quem eu me lembrava, uma menina de onze anos esbelta e

com ares de fada. Esta era uma moça bastante robusta, bonita como uma figura de cera, com belos traços, lânguidos olhos azuis e cabelos loiros cacheados. Vestia-se de preto também, mas o modelo era tão diferente do da irmã – muito fluido e bem cortado – que parecia tão elegante quanto o outro parecia puritano.

Em cada uma das irmãs havia um traço da mãe, e apenas um. A filha mais velha, magra e pálida, tinha os olhos dos Cairngorm. A moça mais nova, rosada e radiante, tinha o mesmo queixo e contorno do rosto – talvez um pouquinho mais suave, mas ainda assim emprestando uma dureza indisfarçável ao semblante que de outra forma seria voluptuoso e jovial.

As duas moças se levantaram para me receber, e ambas se dirigiram a mim como “Miss Eyre”. O cumprimento de Eliza foi feito em voz abrupta, seca, sem um sorriso. Depois sentou-se novamente, fixou os olhos no fogo e pareceu esquecer-se da minha existência. Georgiana, depois de um “como tem passado?” acrescentou várias banalidades sobre a minha viagem, o tempo, e coisas assim, sempre num tom vagaroso. Acompanhava essas expressões com vários olhares de esguelha que me examinavam dos pés à cabeça, ora reparando nas dobras da minha capa de lã, ora passeando pelos modestos enfeites do meu chapéu. As jovens têm uma maneira especial de fazer alguém saber que é considerada uma “pobre coitada”, sem realmente dizer uma palavra. Um certo

olhar superficial, uma frieza de maneiras, um tom descuidado, expressam plenamente seus sentimentos a respeito, sem comprometê-las com nenhuma grosseria de palavras ou ações.

Um olhar de desprezo, todavia, disfarçado ou ostensivo, já não exercia sobre mim o mesmo efeito de antigamente. Quando me sentei entre as minhas primas, fiquei surpresa de perceber como me sentia à vontade sob o total desprezo de uma e as atenções meio sarcásticas da outra. Eliza não me mortificava, nem Georgiana me irritava. O fato era que eu tinha outras coisas em que pensar. Nos últimos meses fora movida por sentimentos muito mais potentes do que qualquer um que elas pudessem despertar. Senti dores e prazeres tão mais intensos e deliciosos do que qualquer um que elas pudessem me infligir ou conceder. Suas atitudes não me causavam impressão, nem de bem nem de mal.

- Como está Mrs. Reed? – perguntei, olhando calmamente para Georgiana que empinou o nariz à minha pergunta direta, como se fosse alguma inesperada ousadia.

- Mrs. Reed? Ah! Mamãe, você quer dizer! Está muito mal, acho que não conseguirá vê-la esta noite.

- Se pudesse apenas subir e dizer a ela que estou aqui, eu ficaria muito agradecida – disse eu.

Georgiana quase se assustou. Arregalou para mim uns belos olhos azuis e furiosos.

- Sei que ela tem um desejo particular de me ver -
continuei. - E não pretendo adiar o atendimento do seu pedido
por mais tempo que o necessário.

- Mamãe não gosta de ser perturbada à noite - observou
Eliza.

Então levantei-me, peguei calmamente o chapéu e as luvas e,
sem esperar convite, disse que ia procurar Bessie - que devia
estar na cozinha - e pedir-lhe que fosse saber se Mrs. Reed iria
ou não receber-me naquela noite. Saí, e depois de encontrar
Bessie e designar-lhe a incumbência, comecei a tomar outras
medidas. Até aqui eu tivera por hábito sempre retrair-me diante
da arrogância. Se fosse recebida dessa mesma maneira um
ano atrás, teria decidido deixar Gateshead bem cedo no dia
seguinte. Mas agora isso me parecia um plano sem sentido.
Havia viajado mais de cento e sessenta quilômetros para ver
minha tia e devia ficar com ela até que estivesse melhor... ou
morresse. Quanto ao orgulho ou loucura das filhas, devia pô-los
de lado e distanciar-me. Assim, dirigi-me à governanta, pedi
que me indicasse um quarto, disse que talvez ficasse de visita
por uma ou duas semanas, solicitei que levassem minha
bagagem para o quarto e fui para lá. Encontrei Bessie no
caminho.

- A senhora está acordada - ela disse. - Conte-lhe que está
aqui.

Venha, vamos ver se ela a reconhece.

Não precisava que me guiassem àquele quarto bem conhecido, onde nos velhos tempos muitas vezes fora chamada para receber um castigo ou uma reprimenda. Fui na frente de Bessie. Abri mansamente a porta: uma luz suave brilhava na cabeceira, pois estava anoitecendo. Ali estava a antiga cama de quatro pilares, com seus cortinados cor de âmbar. A penteadeira, a poltrona e o escabelo, onde muitas vezes fora obrigada a me ajoelhar e pedir perdão por ofensas que não cometi. Olhei para um canto conhecido, meio que esperando ver a fina silhueta de um outrora temível açoite, que costumava ficar escondido ali, esperando para espantar o demônio e fustigar minhas mãos trêmulas ou meu pescoço encolhido. Aproximei-me da cama, abri o cortinado e olhei para a alta pilha de travesseiros.

Lembrava-me muito bem do rosto de Mrs. Reed e procurei ansiosamente aquela imagem familiar. Felizmente o tempo acalma os

desejos de vingança e ameniza os impulsos da raiva e da aversão. Havia deixado esta mulher com amargura e ódio e voltava para ela agora apenas com um tipo de piedade pelos seus sofrimentos, e um forte desejo de esquecer e perdoar todas as injúrias. Queria reconciliar-me e trocar um aperto de mãos de amizade.

A face bem conhecida ali estava: severa e rígida como sempre. Ali estavam os olhos, que nada podia enternecer, e as

sobrancelhas altas, imperiosas e despóticas. Quantas vezes haviam me imposto medo e ódio! E enquanto olhava seus duros traços, voltavam-me todas as lembranças dos meus sofrimentos de criança! Ainda assim, abaixei-me e beijei-a. Ela me olhou.

- É Jane Eyre? - perguntou.

- Sim, tia Reed. Como está, querida tia?

Eu havia jurado nunca mais chamá-la de tia. Pensei que, naquele momento, não seria pecado esquecer isso e quebrar o juramento. Meus dedos tomaram-lhe a mão, que pendia para fora dos lençóis. Se ela a tivesse apertado gentilmente, eu teria ficado bastante feliz. Mas as naturezas duras não se dobram tão depressa, nem tão facilmente se erradicam as antipatias naturais. Mrs. Reed retirou a mão, e virando o rosto disse que a noite estava quente. Tornou a me olhar com tanta frieza que pensei que sua opinião sobre mim - ou seus sentimentos por mim - não haviam mudado, e nem mudariam. Vi nos seus olhos duros, impermeáveis à ternura, imunes às lágrimas, que ela resolvera me considerar má até o fim dos meus dias.

Considerar-me boa não lhe daria nenhum prazer, apenas um sentimento de humilhação.

Senti dor e senti raiva. Decidi subjugá-la, ser a sua mestra, a despeito da sua natureza e da sua determinação. Lágrimas me vieram aos olhos, como quando eu era criança, e mandei-as de

volta. Trouxe uma cadeira para junto do leito. Sentei-me e inclinei-me para o travesseiro.

- A senhora mandou me chamar - eu disse - e aqui estou. É minha intenção ficar até ver a senhora melhorar.

- Sim, claro! Já viu minhas filhas?

- Sim.

- Bem, diga-lhes que desejo que fique até que possa conversar com você algumas coisas que tenho na cabeça. Hoje já está tarde, e não consigo me lembrar. Mas há algo que quero lhe dizer... deixe-me ver...

O olhar vago e a voz sumida mostraram-me o quanto estava arruinado aquele corpo outrora vigoroso. Virou-se agitada, afastando as cobertas de si. Meu cotovelo prendeu a coberta no canto: ela ficou logo irritada.

- Levante-se! - disse - Não me aborreça segurando as cobertas.

Você é Jane Eyre?

- Sim, sou Jane Eyre.

- Tive mais problemas com essa criança do que qualquer um possa acreditar. Era um fardo que foi deixado em minhas mãos. Ela me causava tanto incômodo, todo dia, toda hora, com sua disposição belicosa e seus ataques repentinos de

cólera... Além disso vivia continuamente vigiando os movimentos das pessoas, isso não era natural! Uma vez falou comigo como se fosse uma entidade má, um demônio!... Uma criança jamais falaria ou olharia daquele modo! Fiquei feliz quando a vi longe de casa. O que será que foi feito dela em Lowood? A febre devastou o lugar, muitas alunas morreram. Ela, no entanto, não morreu. Mas eu disse que tinha morrido – quem dera tivesse morrido!

- Um desejo estranho, Mrs. Reed. Porque a odiava tanto?

- Nunca gostei da mãe dela. Era a única irmã do meu marido, e sua grande favorita. Ele se opôs quando a família quis deserdá-la por causa do casamento inferior que fizera. E quando veio a notícia de sua morte, chorou como um tolo. Mandou buscar a criança, apesar de eu insistir que era melhor mandá-la para algum lugar e pagar para que fosse cuidada. Eu a odiei desde que pus os olhos nela... Era uma coisinha doentia, chorosa e consumida! Passava a noite toda choramingando no berço... não gritava com energia, como qualquer outra criança, mas ficava gemendo e resmungando. Reed tinha pena, e costumava niná-la e cuidá-la como se fosse sua filha, embora nunca tivesse cuidado dos próprios filhos naquela idade. Tentou fazer com que as minhas crianças fossem amigas daquela mendigazinha, mas os queridos não podiam tolerar isso. Ele ficava muito zangado com eles, quando mostravam seu desprezo. Na última vez que

ficou doente, pedia sem cessar que a levassem para junto da sua cama. E apenas uma hora antes de morrer, arrancou-me a promessa de que cuidaria daquela criatura. Antes eu tivesse sido encarregada de cuidar de um bando de indigentes num asilo. Mas ele era fraco, naturalmente fraco. John não saiu ao pai, graças a Deus. Fico contente, pois John é como eu, como os meus irmãos... é um Gibson dos pés à cabeça. Oh! Gostaria que parasse de me mandar essas cartas pedindo dinheiro! Não tenho mais dinheiro para lhe dar, estamos ficando pobres. Terei que mandar embora a metade dos criados e fechar uma parte da casa, ou então deixar as coisas correrem. Não poderei jamais me submeter a isso... mas como vamos sobreviver? Dois terços da minha renda são para pagar os juros da hipoteca! John joga muito, e perde sempre... pobre rapaz! Está sendo importunado por esses tubarões, está arruinado e degradado. Seu olhar é terrível, sinto vergonha por ele quando o vejo.

Mrs. Reed estava ficando muito agitada.

- Acho melhor deixá-la agora - eu disse para Bessie, que estava do outro lado da cama.
- Talvez seja melhor, Miss, mas ela sempre fica assim à noite...

De manhã está mais calma.

Levantei-me.

- Espere! - exclamou Mrs. Reed. - Tem outra coisa que queria dizer. Ele me ameaçava - me ameaçava constantemente - com a sua própria morte ou a minha... Eu sonho às vezes com ele, vejo-o atirado ao chão, com uma grande ferida na garganta, ou então com o rosto inchado e escuro. Cheguei numa encruzilhada, tenho problemas enormes. Que devo fazer? Onde está o dinheiro para fazer alguma coisa?

Bessie agora tentava fazê-la tomar um calmante. Conseguiu-o com dificuldade. Em seguida, Mrs. Reed ficou mais calma e caiu num estado letárgico. Então me retirei.

Passaram-se mais de dez dias até que eu tivesse uma nova conversa com ela. Mrs. Reed continuava alternando entre o delírio e a letargia, e o médico proibiu qualquer coisa que pudesse excitá-la. Enquanto isso, procurei me arranjar da melhor maneira com Georgiana e

Eliza. A princípio, realmente, foram muito frias. Eliza passava o dia costurando, lendo ou escrevendo, e raramente trocava uma palavra comigo ou com a irmã. Georgiana podia passar uma hora falando bobagens com o seu canário, e não me dava a menor importância. Mas eu estava decidida a não ficar parada, sem ocupação ou divertimento. Trouxera meus materiais de pintura que me serviam para ambas as coisas.

Com algumas folhas de papel e um conjunto de lápis, costumava sentar-me longe delas, perto da janela, e me

ocupava esboçando fantasiosas vinhetas. Representavam alguma cena que no momento tomasse forma no movimentado caleidoscópio da minha imaginação. Uma nesga de mar entre duas rochas. A lua que surgia e um navio cruzando à frente do seu disco. Um grupo de juncos e plantas aquáticas, e a cabeça de uma náiade, coroada de flores de lótus, surgindo entre eles. Um elfo sentado num alto ninho de pardais, sob uma grinalda de espinheiros.

Certa manhã me aconteceu de desenhar um rosto. Que tipo de rosto seria, eu não sabia e nem me importava. Peguei um lápis preto macio, fiz-lhe uma ponta larga e comecei a trabalhar. Logo havia desenhado uma testa larga e proeminente, e um rosto de linhas quadradas. O contorno me agradou, e meus dedos começaram a trabalhar agilmente, completando-lhe as feições. Sobrancelhas horizontais bem marcados eram o ideal para essa testa. Seguiu-se um nariz bem modelado, com sulcos estreitos e narinas cheias. Então uma boca flexível, que não fosse estreita. Um queixo firme, com uma decidida covinha no meio. Havia necessidade de suíças pretas, é claro. E também um cabelo cheio, com tufos nas têmporas, e ondulado sobre a testa. Os olhos ficaram para o final, porque exigiam um trabalho bastante cuidadoso. Desenhei-os bem grandes, e caprichei nos contornos – cílios longos e escuros, íris grandes e brilhantes.

“Estão bons, mas não exatamente fiéis” pensei, enquanto olhava o efeito “precisam de um pouco mais de força e

espírito”. E aprofundei as sombras, para que as partes claras sobressaíssem. Mais um ou dois traços e pronto... Ali estava, tinha sob os olhos um rosto amigo. E que importava que aquelas jovens damas me virassem as costas? Olhei de novo o desenho e sorri ante a semelhança evidente. Estava ocupada e contente.

- É o retrato de algum conhecido? - perguntou Eliza, que se aproximara sem que eu percebesse.

Respondi que era apenas um rosto imaginário, e me apressei a escondê-lo entre os outros esboços. Menti, é claro: era, na verdade, um retrato bastante fiel de Mr. Rochester. Mas o que isso poderia significar para ela, ou para qualquer um além de mim? Georgiana também aproximou-se para ver. Os outros desenhos agradaram-lhe muito, mas sua opinião sobre o retrato foi “um homem feio”. As duas pareciam muito impressionadas com a minha habilidade. Ofereci-me para retratá-las, e cada uma, por seu turno, sentou-se para posar. Georgina trouxe o seu álbum e prometi-lhe uma aquarela. Tssso logo a deixou de bom humor. Propôs uma caminhada pelos jardins, e antes que estivéssemos fora por duas horas, já se achava imersa em profundas confidências. Teve a bondade de me descrever em detalhes a brilhante temporada que passara em Londres dois anos antes - a admiração que havia provocado, as atenções que recebera, fez até alusões a uma conquista. Durante a tarde e a noite essas insinuações

aumentaram. Reportou-me várias conversas íntimas e representou-me cenas sentimentais. Em suma: improvisou para mim, nesse dia, um volume de um romance sobre a vida mundana. As confidências continuaram dia após dia, sempre caindo no mesmo tema – ela mesma, seus amores, suas angústias. Era estranho que não se referisse uma vez sequer à doença da mãe, à morte do irmão ou ao estado calamitoso de suas finanças no momento. Sua mente parecia tomada pelas reminiscências de alegrias passadas e aspirações de gozos futuros. Georgiana passava cinco minutos por dia no quarto da mãe, não mais.

Eliza ainda falava pouco, evidentemente não tinha tempo para conversar. Nunca vi ninguém parecer mais ocupada. Ainda assim era difícil determinar o que fazia, ou melhor, ver o resultado da sua ocupação. Tinha um despertador para acordá-la de manhã cedo. Não sei o que fazia até a hora do café da manhã, mas depois dessa refeição dividia seu tempo em porções regulares, e cada hora tinha a sua tarefa específica. Três vezes por dia lia um pequeno livro, que eu descobri, bisbilhotando, tratar-se de um “Livro das Orações Diárias”. Perguntei-lhe uma vez qual era o atrativo desse livro e ela me disse: “a Rubrica”. Três horas eram destinadas a bordar com linha dourada a barra de um pano quadrado, cor de carmim,

quase tão grande quanto um tapete. Respondendo à minha pergunta sobre a sua utilidade, disse tratar-se de uma toalha para o altar da nova igreja que fora erigida perto de Gateshead. Devotava duas horas ao seu diário. Duas para trabalhar no jardim e uma para cuidar das suas contas. Parecia não desejar companhia nem conversa. Acredito que era feliz à sua maneira: essa rotina bastava-lhe, e nada a incomodava mais do que a ocorrência de algum incidente que a forçasse a alterar essa perfeita regularidade.

Uma noite, quando estava mais comunicativa que o habitual, contou-me que a conduta de John e a ameaça de ruína da família havia sido para ela uma fonte de profunda aflição. Mas agora, disse, já serenara o espírito e firmara a sua resolução. Tratara de assegurar sua parte da fortuna, e quando a mãe morresse – pois era muito improvável, observou tranquilamente, que ela viesse a se recuperar ou durasse muito tempo – ela se dedicaria a um projeto longamente acalentado. Procuraria um convento

– onde as regras a livrassem de qualquer perturbação – e colocaria barreiras seguras entre ela e este mundo frívolo. Perguntei-lhe se Georgiana iria acompanhá-la.

“Claro que não! Georgiana e ela nada tinham em comum, e nunca tiveram. Ela não seria sobrecarregada com a companhia da irmã em hipótese alguma. Georgiana devia seguir seu próprio caminho, e ela, Eliza, seguiria o dela.”

Georgiana, quando não estava me abrindo seu coração, passava a maior parte do tempo reclinada no sofá, preocupando-se com a melancolia da casa, e desejando vezes sem conta que sua tia Gibson lhe mandasse um convite para ir à capital.

- Seria muito melhor - ela disse - se pudesse apenas ficar longe de Gateshead por um mês ou dois, até que tudo esteja acabado.

Não lhe perguntei o que queria dizer com “estar tudo acabado”, mas imagino que se referisse à esperada morte da mãe e aos tristes ritos funerários que se seguiriam. Eliza geralmente não dava muita atenção à indolência e às queixas da irmã. Via-a apenas como um objeto lamuriento e suspirante que estivesse diante de si. Um dia, no entanto, enquanto deixava de lado o livro de orações e pegava o bordado, de repente começou a dizer:

- Georgiana, nunca se permitiu que a terra fosse sobrecarregada com um animal mais inútil e absurdo que você! Você não tinha o direito de nascer, pois não utiliza sua vida para nada. Em vez de viver com, em e para você mesma, como deve fazer um ser humano sensato, procura apenas escorar sua fraqueza na força de outra pessoa. E se não encontra ninguém disposto a carregar um fardo tão pesado, fraco, inflado e inútil como você, grita aos quatro ventos que está

sendo maltratada, que está sendo negligenciada e que é uma infeliz. Para você a vida tem que ser um cenário em contínua mudança, cheio de excitação, ou então acha que o mundo é uma masmorra. Você tem que ser admirada, cortejada, elogiada... tem que ter música, dança e companhia, senão enlanguesce e morre. Será que não tem cabeça para imaginar uma maneira de ser independente de qualquer esforço ou desejo que não sejam os seus próprios? Pegue um dia, divida-o em seções, e designe uma tarefa para cada seção. Não deixe tempo nenhum sem emprego, seja um quarto de hora, dez minutos, cinco minutos... utilize tudo. Faça cada coisa a seu tempo, com método e regularidade rígida. O dia vai se passar quase antes que se dê conta. E você não deverá a ninguém o fato de ter ocupado todo o seu tempo livre. Não precisará buscar a companhia, nem a conversa, nem a simpatia ou a paciência de qualquer pessoa. Terá vivido como um ser humano independente deve viver. Aceite este conselho: é o primeiro e último que lhe dou. Assim não precisará de mim nem de mais ninguém, aconteça o que acontecer. Se o recusar - e continuar a agir como fez até agora, desejando, lamentando e vivendo ociosa - sofrerá as consequências da sua insensatez, que serão ruins e insuperáveis. Digo-lhe isso com franqueza. Escute, portanto, pois não repetirei o que estou lhe dizendo, vou apenas agir. Depois da morte da mãe vou lavar as mãos no que diz respeito a você. No dia que o caixão for levado para o túmulo na igreja de Gateshead, você e eu vamos nos separar como se nunca nos houvéssemos conhecido. Não fique

achando que só porque aconteceu de nascermos dos mesmos pais vou permitir que me detenha, mesmo com as súplicas mais chorosas. Garanto-lhe isso: se toda a raça humana, com exceção de nós duas, fosse varrida da face da terra, e eu e você ficássemos sozinhas no planeta – assim mesmo eu a deixaria no velho mundo e me dirigiria para o novo.

Então cerrou os lábios.

- Você podia ter-se poupado o incômodo de desfiar essa ladainha

- respondeu Georgiana. – Todos sabem que você é a criatura mais egoísta e sem coração do mundo. E eu sei do ódio rancoroso que tem de mim. Já tive uma prova disso com os truques que usou no caso do Lord Edwin Vere. Não podia suportar que eu ficasse acima de você, que tivesse um título, que fosse recebida nos altos círculos onde você nem ousa mostrar a cara. Então bancou a espia e delatora e arruinou para sempre os meus planos.

Georgiana tomou do lenço e ficou quase uma hora assoando o nariz. Eliza continuou sentada, impassível, e persistiu nas suas ocupações.

Os sentimentos verdadeiros e generosos não são para todos. Ali estavam expostas duas naturezas: uma, intoleravelmente azeda, a outra abominavelmente insípida. O sentimento sem o juízo é uma droga impotente, de fato. Mas o juízo sem o

tempero do sentimento é um bocado amargo e duro demais para a deglutição humana.

A tarde estava úmida e ventosa. Georgina pegara no sono no sofá, sobre as páginas de um romance. Eliza fora ao serviço do Santo do Dia na igreja nova, pois em matéria de religião era uma formalista rigorosa. Não havia mau tempo que a impedisse de cumprir com o que considerava seus deveres religiosos. Fizesse chuva ou sol, ia à igreja três vezes cada domingo, e várias vezes durante a semana, quando havia orações.

Pensei em subir e ver como estava a enferma, que jazia no seu leito, quase ignorada. Até os criados lhe devotavam pouca atenção. A enfermeira contratada, não tendo ninguém para vigiá-la, escorregava para fora do quarto sempre que podia. Bessie era mais dedicada, mas tinha sua própria família para cuidar e só podia vir à mansão ocasionalmente. Como esperava, encontrei o quarto deserto. A enfermeira não estava. A doente permanecia imóvel, num estado de letargia, a face pálida afundada nos travesseiros. O fogo estava se extinguindo. Reavivei o fogo, arrumei as cobertas, olhei alguns instantes para ela que não podia me reconhecer, e fui até a janela.

A chuva batia forte contra as vidraças, o vento rugia tempestuosamente.

“Eis alguém que logo estará ao abrigo das revoltas dos elementos terrestres” pensei. “Esse espírito que agora luta para deixar seu invólucro mortal, conseguirá elevar-se ao céu quando for finalmente libertado?”

Pensando sobre esse grande mistério, lembrei-me de Helen Burns. Recordei suas palavras antes de morrer, sua fé e sua doutrina da igualdade das almas desencarnadas. Ainda ouvia, em pensamento, a sua voz gentil. Lembrava-me do seu aspecto pálido e espiritual, da sua face lívida e do olhar sublime quando jazia no leito de morte, sussurrando seu desejo de ser restituída ao reino do Divino Pai. Nesse momento ouvi uma voz fraca, vinda da cama atrás de mim:

- Quem está aí?

Eu sabia que Mrs. Reed não falava há dias. Estaria ressuscitando?

Fui até ela.

- Sou eu, tia Reed.

- Eu, quem? Quem é você?

Olhava-me com surpresa e uma espécie de alarme, embora sem

rancor.

- Não a conheço, absolutamente. Onde está Bessie?
- Está no chalé, tia.
- Tia... Quem me chama de tia? Você não é uma das Gibsons. Mas

acho que a conheço... Esse rosto, essa testa e os olhos me parecem familiares. Você parece... Parece Jane Eyre!

Não disse nada. Temia provocar um choque ao declarar minha identidade.

- No entanto – disse ela – tenho medo que seja um engano: minha mente me engana. Desejo tanto ver Jane Eyre que talvez tenha imaginado uma semelhança que não existe. Além disso, em oito anos ela deve ter mudado bastante...

Gentilmente assegurei-lhe que eu era a pessoa que ela pensava e desejava que fosse. Quando vi que ela me compreendera e que seus sentidos estavam lúcidos, expliquei-lhe que Bessie havia mandado o marido buscar-me em Thornfield.

- Sei que estou muito doente – ela disse, após algum tempo.
- Há pouco tentava me virar na cama e descobri que não posso mexer um músculo. Ainda bem que consigo dominar a minha mente antes de morrer: aquilo que desprezamos quando temos

saúde, nos mortifica numa hora como esta. A enfermeira está aí, ou você está sozinha?

Assegurei-lhe que estávamos sozinhas.

- Bem, por duas vezes causei-lhe um mal de que agora me arrependo. Um foi quebrar a promessa que fiz ao meu marido de criá-la como se fosse minha filha. O outro... - ela parou.

“Afinal, esse mal talvez não tenha tido grande importância” murmurou para si mesma “e depois, ainda posso melhorar. Humilhar-me assim diante dela é doloroso...”

Fez um esforço para mudar de posição, mas não conseguiu. Sua fisionomia alterou-se, como se experimentasse alguma sensação interior, precursora, talvez, do suspiro final.

- Bem, tenho que ir até o fim. A eternidade me espera. É melhor que eu lhe diga... Vá até a minha gaveta, abra e pegue uma carta que está lá.

Obedeci as instruções.

- Leia a carta - ela disse.

Era curta, e escrita nestes termos:

"Senhora

Peço-lhe a gentileza de mandar-me o endereço de minha sobrinha, Jane Eyre, e contar-me como ela está. É minha intenção escrever-lhe sem demora, e pedir-lhe que venha morar

comigo na ilha da Madeira. Graças à Providência consegui fazer fortuna, e como sou solteiro e sem filhos, gostaria de adotá-la enquanto eu viver, e torná-la minha herdeira assim que eu me for.

Sou, senhora, etc. etc... JOHN EYRE

Madeira”

Era datada de três anos atrás.

- Por que nunca fui informada disso? – perguntei.
- Por que eu a detestava tão firmemente, tão completamente, a ponto de negar-lhe a oportunidade de prosperar. Não pude esquecer da sua conduta para comigo, Jane... da fúria com que me enfrentou uma vez. O tom que usou para dizer que me odiava mais do que a qualquer pessoa na face da terra. Da sua voz e do seu olhar, tão diferentes dos de uma criança, quando me disse que só de me ver ficava doente e que eu a tratava com miserável crueldade. Não consegui esquecer o que senti quando você me atacou e destilou o veneno que trazia na alma. Senti medo, como se um animal que eu tivesse golpeado ou irritado, de repente me olhasse com olhos humanos e me amaldiçoasse com voz humana. Traga-me um pouco de água! Depressa!

- Querida Mrs. Reed - eu disse, enquanto lhe entregava a água - não pense mais nessas coisas. Tire isso da sua mente. Perdoe a minha linguagem passional: eu era uma criança então. Oito ou nove anos já se passaram desde aquele dia.

Ela não escutou nada do que eu disse. Depois de tomar o gole de água e recuperar o fôlego, continuou:

- Já lhe disse que não pude esquecer isso. Então me vinguei, pois não suportava a ideia de que fosse adotada pelo seu tio e passasse a desfrutar de uma situação de prosperidade e conforto. Escrevi para ele. Disse-lhe que sentia pelo desapontamento que iria causar, mas Jane Eyre estava morta, morrera de febre tifoide em Lowood. Agora faça como quiser: escreva-lhe e desminta as minhas palavras, exponha-lhe a minha falsidade. Você nasceu para ser a minha provação, tenho certeza. Devo passar a minha última hora de vida lembrando de um ato que, se não fosse por você, jamais teria cometido.

- Se ao menos eu pudesse convencê-la a não pensar mais nisso, tia, e olhar-me com bondade e perdão...

- Você tinha um temperamento mau - disse ela - que até hoje eu não consigo compreender. Como você conseguiu, por nove anos, ser paciente e cordata em relação ao tratamento que recebia, e no décimo ter um ataque de fúria e violência? É algo que nunca compreenderei.

- Meu temperamento não é tão mau quanto a senhora pensa. Sou passional, mas não vingativa. Muitas vezes, quando era criança, teria ficado feliz em amá-la se tivesse me permitido. Desejo ardentemente reconciliar-me com a senhora agora. Beije-me, tia.

Aproximei meu rosto dos seus lábios. Ela não o tocou. Disse que a deixava oprimida, inclinando-me assim sobre o leito, e novamente pedi água. Quando a deitei outra vez – pois a levantara e segurara enquanto bebia – cobri-lhe a mão gelada com a minha. Seus dedos frios tremeram ao contato, os olhos brilhantes evitaram os meus.

- Ame-me ou me odeie, como desejar – eu disse por fim. – A senhora tem o meu total e completo perdão. Agora peça a bênção de Deus, e descanse em paz.

Pobre mulher! Como sofria! Era muito tarde para tentar uma mudança no seu modo de ser. Enquanto vivera, sempre me odiara. Morrendo, ainda me odiava.

A enfermeira entrou, seguida de Bessie. Fiquei por ali ainda uma meia hora, esperando ver algum sinal de amizade. Mas foi em vão. Estava agora caindo em torpor, e sua mente não voltou a se recuperar. Morreu à meia-noite desse dia. Eu não estava presente para fechar-lhe os olhos, nem tampouco as suas filhas. Vieram nos contar na manhã seguinte que tudo havia acabado. No momento em que a tiravam do quarto, Eliza e eu fomos vê-la. Georgiana, que desatara num choro convulso,

disse que não tinha coragem de ir. Ali estava o antigo corpo robusto e ativo de Sarah Reed, agora imóvel e rígido. Seus olhos duros como pedra, estavam fechados pelas pálpebras frias. Sua testa e os traços marcantes ainda expressavam a sua alma inexorável. Para mim, esse cadáver era um objeto estranho e solene. Fixei o olhar nele com tristeza e dor, pois não inspirava nada de suave, nem doce, nem piedoso, esperançoso ou submisso. Tnspirava apenas uma grande angústia pelos seus infortúnios... não pela minha perda. E um

terror sombrio e sem lágrimas, pelo horror de uma morte em tais circunstâncias.

Eliza observava a mãe calmamente. Após alguns minutos de silêncio, disse:

- Ela tinha saúde para viver até uma idade avançada. Sua vida foi abreviada pelos desgostos que teve.

Então um espasmo contraiu-lhe a boca por um instante.

Quando passou, ela virou-se e deixou o quarto. Eu também saí.

Nenhuma de nós derramou uma lágrima sequer.

CAPÍTULO XXII

Mr. Rochester me concedera apenas uma semana de licença, mas um mês se passou antes que eu deixasse Gateshead. Quis partir logo após o funeral, mas Georgiana pediu-me que ficasse até que ela fosse para Londres: recebera afinal um convite do tio, Mr. Gibson, que tinha vindo para providenciar o funeral da irmã e resolver os negócios da família. Georgiana disse que temia ficar sozinha com Eliza, pois não receberia dela nem simpatia pela sua tristeza, nem apoio nos seus temores, nem ajuda em suas arrumações. Então suportei tão bem como pude seus débeis lamentos e suas queixas egoístas. Dei o melhor dos meus esforços costurando e empacotando suas roupas. É verdade que, enquanto eu trabalhava, ela ficava à toa. Eu pensava comigo mesma: “Se nós tivéssemos que viver juntas, minha prima, nosso relacionamento seria bem diferente. Não me sujeitaria docilmente a esse papel de boba. Você haveria de ter a sua parte na tarefa, e teria que cumpri-la, senão o trabalho ficaria por fazer. Também insistiria em que guardasse no silêncio do seu peito essas queixas bobas e quase falsas. Só concordo em fazer as coisas com tanta paciência, sem reclamar, porque nosso relacionamento é muito transitório, e tem lugar num momento de luto.”

Por fim Georgiana partiu. Então foi a vez de Eliza pedir-me para ficar mais uma semana. Seus planos exigiam-lhe todo o tempo e atenção de que dispunha: estava em vias de partir para

algum destino desconhecido. Passava o dia todo em seu quarto, trancada por dentro, enchendo baús, esvaziando gavetas, queimando papéis, sem se comunicar com ninguém. Pediu-me que cuidasse da casa, recebesse as visitas e respondesse às mensagens de condolências.

Certa manhã, disse-me que eu estava livre para partir.

- E - acrescentou - fico-lhe muito grata pelos seus inestimáveis serviços e sua conduta discreta! Há uma grande diferença entre viver com

alguém como você e com Georgiana. Você faz as tarefas que lhe cabem e não sobrecarrega ninguém.

Então prosseguiu:

- Amanhã partirei para o continente. Vou viver numa casa de religiosas perto de Lisle... um convento, como você diz. Lá ficarei tranquila, sem ninguém me molestar. Vou me dedicar por algum tempo ao estudo dos dogmas da Religião Católica Romana, e a uma cuidadosa avaliação das obras do seu sistema. Se concluir que são, como imagino, o melhor meio para assegurar que todas as coisas sejam feitas com correção e ordem, abraçarei os dogmas de Roma e provavelmente tomarei o hábito.

Não expressei surpresa diante dessa resolução nem tentei dissuadi-la.

“A vocação lhe cai como uma luva!” pensei. “Faça bom proveito dela!”

Quando nos despedimos, ela disse:

- Adeus, prima Jane Eyre, desejo-lhe felicidades. Você é uma

pessoa de juízo.

Então respondi:

- Você também não é destituída de bom senso, prima Eliza. Mas o seu, eu creio, dentro de mais um ano estará enterrado num convento francês. Entretanto, isso não é assunto meu. Se for do seu agrado, para mim não tem a menor importância.

- Está certa - disse ela.

E, com estas palavras, cada uma tomou seu próprio caminho. Como não terei mais ocasião de me referir novamente a ela nem à irmã, devo mencionar aqui que Georgiana fez um casamento altamente vantajoso com um cavalheiro da alta-rodada, rico e envelhecido. Eliza tomou o hábito, e hoje é superiora no convento onde fez o noviciado - e que ela dotou com sua fortuna.

Eu não sabia dizer como as pessoas se sentem quando voltam para casa, depois de uma ausência curta ou longa: nunca experimentara essa sensação. Sabia como era voltar a Gateshead após uma longa caminhada,

quando ainda era uma criança, e ser repreendida por estar com frio e triste. E depois, como era voltar da igreja até Lowood, esperando por uma refeição abundante e uma bela lareira, sem conseguir uma coisa nem outra. Nenhuma dessas voltas era agradável ou desejável. Não havia um imã para me atrair ao ponto de chegada, aumentando seu poder de atração à medida que eu me aproximasse. O retorno para Thornfield ia ser uma experiência.

A viagem me pareceu monótona, muito monótona. Oitenta quilômetros num dia, uma noite passada numa estalagem, mais oitenta quilômetros no dia seguinte. Nas primeiras doze horas pensava nos últimos momentos de Mrs. Reed. Via seu rosto sem cor e desfigurado e ouvia sua voz estranha e alterada. Meditei sobre o funeral, o caixão, o cortejo, a procissão de reдеiros e empregados – poucos eram os parentes. Depois o túmulo, a igreja silenciosa, o rito solene. Então pensei em Eliza e Georgiana. Tmaginei a primeira como o centro de interesse de um salão de baile; a outra como interna numa célula de convento. E dediquei-me a analisar suas diferenças de temperamento e caráter. A chegada ao escurecer à grande cidade de... dispersou esses pensamentos, e

a noite lhes deu um rumo bem diferente. Já deitada, no meu leito de viajante, troquei as reminiscências pelas previsões.

Estava voltando para Thornfield. Mas quanto tempo ainda ficaria ali? Não muito, eu sabia. Recebera carta de Mrs. Fairfax, contando-me que o grupo de convidados se fora. Mr. Rochester viajara para Londres três semanas atrás, mas era esperado de volta dentro de quinze dias. Mrs. Fairfax supunha que ele fora tomar providências para o casamento e falara em comprar uma carruagem nova. Disse que a ideia dele casar-se com Miss Tngam ainda lhe parecia estranha, mas pelo que todos falavam e pelo que observara não duvidava que isso logo aconteceria. “A senhora seria muito incrédula se achasse que não” foi o meu comentário mental. “Eu não tenho a menor dúvida a respeito.”

A questão seguinte era: “Para onde irei?”. Sonhei com Miss Tngam toda a noite. Num vívido sonho vi-a fechar os portões de Thornfield na minha cara, apontando-me outro caminho. E Mr. Rochester apenas olhou, de braços cruzados. Sorria sardonicamente, para mim e para ela.

Eu não havia avisado Mrs. Fairfax do dia exato do meu retorno, pois não queria carro nem carruagem me esperando em Millcote. Propus-me a andar a distância até Thornfield sozinha, com toda a calma. Deixei minha bagagem aos cuidados do hospedeiro e deslizei para fora da Hospedaria George às seis

horas de uma tarde de junho. Peguei a velha estrada para Thornfield, que passava apenas pelos campos e era pouco frequentada.

Não era uma noite de verão esplêndida ou brilhante, mas era bonita e amena. Os cortadores de feno trabalhavam ao longo da estrada, e o céu, embora não fosse límpido, prometia tempo bom o bastante. O azul – onde podia ser visto – era meigo e suave, e as nuvens altas e tênues. O poente também estava bonito, sem indícios de frio ou umidade. Parecia haver um leito de fogo, um altar de sacrifícios ardendo atrás daquela cortina de vapor – e por entre as aberturas havia manchas de vermelho-ouro.

Sentia-me contente enquanto o caminho encurtava diante de mim. Tão contente que me perguntei o que significava essa alegria. Chamei a razão para lembrar-me que não estava voltando para o meu lar, ou algum lugar de descanso permanente, onde amigos queridos me procurassem com o olhar, esperando a minha chegada. “Com certeza Mrs. Fairfax vai dar-lhe as boas-vindas tranquilamente” pensei comigo mesma “e Adele vai bater palmas e pular para recebê-la. Mas você sabe que está pensando em outra pessoa além delas, e ele não está pensando em você.”

Mas existe algo mais teimoso que a juventude? Ou mais cego que a inexperiência? A juventude e a inexperiência me diziam que era prazer suficiente ter o privilégio de olhar novamente para Mr. Rochester, quer ele olhasse para mim ou não. E diziam

ainda: “Apreste-se! Corra! Fique com ele enquanto pode. Mais alguns dias ou semanas e vai se separar dele para sempre!” Então senti uma súbita agonia... uma coisa informe que eu não podia possuir nem cultivar... e corri.

Nos campos de Thornfield também estavam cortando o feno. Ou melhor, os trabalhadores acabavam de deixar os campos e voltavam para casa, com os ancinhos ao ombro. Tinha que atravessar um ou dois campos ainda, para então cruzar a estrada e chegar aos portões. As sebes exalavam

o odor das rosas! Mas não tive tempo de colher nenhuma. Queria chegar na casa. Passei por uma alta roseira selvagem, que espalhava ramos e flores brancas pelo chão. Vi a escada estreita com os degraus de pedra... E sentado lá, com um caderno e um lápis na mão, vi Mr. Rochester: estava escrevendo.

Bem! Ele não era um fantasma!... Ainda assim, todos os nervos do meu corpo se retraíram. Por um momento perdi o controle sobre mim mesma. O que significava isso? Eu não sabia que tremeria assim ao vê-lo, ou que perderia a voz e os movimentos na sua presença. Voltaria assim que pudesse me mexer, não precisava fazer-me de tola na frente dele! Conhecia outro caminho para a casa. Bem, não adiantava conhecer nem vinte outros caminhos, pois ele acabara de me ver.

- Olá, olá...! - largou o livro e o lápis - Aí está você, afinal!

Venha até aqui, por favor.

Acredito que fui, só não sei como. Mal tinha consciência dos meus movimentos, queria apenas parecer calma. Acima de tudo, queria controlar os músculos da face, que se rebelavam contra a minha vontade e lutavam para expressar o que eu pretendia esconder. Mas eu tinha um véu, que ajudava a comportar-me com decente compostura.

- Então essa é Jane Eyre? Está vindo de Millcote a pé? Sim, mais um dos seus truques... Não pedir a carruagem e vir andando a pé pelas estradas e campos como uma simples mortal. E chegar na casa ao crepúsculo, como se fosse uma sombra ou um sonho. Que diabo aconteceu com você no último mês?

- Estive com a minha tia, senhor. Ela morreu.

- Uma verdadeira resposta ao estilo Jane Eyre! Que os anjos me guardem! Ela vem do outro mundo... do túmulo dos mortos. E me diz isso assim que me vê aqui, em pleno crepúsculo. Se tivesse coragem eu a tocaria, para ver se é substância ou visão, sua fada! Mas seria o mesmo que tentar pegar um fogo-fátuo num pântano.

- Gazeteira! Gazeteira! - disse ele, e parou um instante. - Fica longe de mim um mês inteiro e então me esquece. Vou ficar zangado!

Eu sabia que ficaria feliz de encontrar de novo o meu patrão, embora triste pelo fato de que ele logo deixaria de ser o meu patrão, e de que eu não representava nada para ele. Mas Mr. Rochester sempre possuía (pelo menos assim pensei) tamanho poder de transmitir felicidade, que para mim era motivo de festa apenas pegar as migalhas que ele atirava aos pássaros estranhos como eu. Suas últimas palavras foram um bálsamo. Davam a entender que se importava que eu o esquecesse ou não. E falava de Thornfield como se fosse o meu lar. Como eu gostaria que fosse!

Ele não saíra da escada, e eu dificilmente lhe pediria licença para ir. Perguntei-lhe se fora a Londres.

- Sim. Imagino que soube disso por adivinhação.
- Mrs. Fairfax contou-me numa carta.
- E ela lhe contou o que fui fazer lá?
- Oh, sim senhor! Todo mundo sabe!
- Deve ver a carruagem, Jane. Tem que me dizer se ela é ou não perfeita para Mrs. Rochester, e se ela não vai parecer a Rainha Boadiceia[1], reclinada naqueles coxins cor de púrpura. Eu queria, Jane, ser um pouco mais adequado à aparência externa dela. Diga-me, então, como a fada que é, não pode me dar uma poção, ou um filtro, ou qualquer coisa desse tipo para me transformar num homem bonito?

- Tssso ultrapassa o poder da magia, senhor. E acrescentei em pensamento:

“Um olhar amoroso é mágica suficiente para torná-lo bonito. E sua virilidade tem uma atração ainda maior que a beleza.”

Mr. Rochester algumas vezes lia o meu pensamento com uma acuidade que me era incompreensível. Desta vez não tomou conhecimento da minha resposta em voz alta, mas sorriu com um certo sorriso que possuía, e que só usava em raras ocasiões. Parecia pensar que era bom demais para propósitos fúteis. Era uma expansão de sentimento, aquele sorriso que agora me envolvia.

- Passe, Janet! – disse ele, abrindo espaço para que eu subisse a escada. – Vá para casa e descanse seus pezinhos cansados e andarilhos sob

um teto amigo.

Tudo que eu precisava fazer era obedecê-lo em silêncio, não havia necessidade de mais conversa. Subi a escada sem uma palavra, e pretendia deixá-lo calmamente. Um impulso me lançou para a frente... e uma força me reteve. Então eu disse – ou alguma coisa dentro de mim disse – a despeito de mim mesma:

- Obrigada, Mr. Rochester, pela sua enorme bondade. Fico estranhamente feliz de voltar para junto do senhor. E onde o senhor estiver será o meu lar... meu único lar.

Saí dali tão depressa que mesmo ele, se tentasse, não conseguiria alcançar-me. A pequena Adele ficou meio louca de alegria quando me viu. Mrs. Fairfax recebeu-me com sua habitual amabilidade singela. Leah sorriu e até Sophie me dirigiu um alegre “bon soir” – boa-noite. Foi muito agradável, não há felicidade igual a de ser amado pelos seus companheiros, e sentir que a sua presença é um conforto a mais para eles.

Nesta noite, fechei resolutamente os meus olhos ao futuro. Tapei os ouvidos àquela voz interior que me advertia sobre a separação próxima e a tristeza que chegava. Depois do chá, quando Mrs. Fairfax pegou o tricô e eu sentei-me numa banquetta baixa ao seu lado, quando Adele ajoelhou-se no tapete e se aninhou perto de mim, quando uma sensação de afeto mútuo parecia rodear-nos como um círculo dourado de paz – fiz uma prece pedindo que não nos separássemos tão cedo. E quando Mr. Rochester entrou inesperadamente, e olhando para nós pareceu ficar contente de ver um grupo tão afetuosos; quando disse que achava que a velha senhora devia estar feliz, pois sua filha adotiva voltara, e acrescentou que Adele estava “prête a croquer sa petite maman anglaise” – pronta a conquistar sua mamãezinha inglesa – quase me aventurei a esperar que ele pudesse, mesmo após o casamento,

manter-nos juntas em algum lugar sob a sua proteção, e não exiladas da alegria solar da sua presença.

Passou-se uma quinzena de calma duvidosa, depois do meu retorno a Thornfield Hall. Nada mais foi dito a respeito do casamento do patrão, e não vi preparação alguma para um evento desse tipo. Quase todos os dias perguntava a Mrs. Fairfax se ela soubera de alguma coisa definitiva, mas sua resposta era sempre negativa. Uma vez – disse-me –

havia perguntado a Mr. Rochester quando ele traria a esposa para a casa. Ele, porém, respondera-lhe com algum tipo de brincadeira e um de seus olhares estranhos, que ela não conseguira entender.

Uma coisa me surpreendia especialmente: não havia viagens para lá e para cá, nem visitas a Tngam Park. Está certo que ficava a mais de trinta quilômetros, quase na divisa de outro condado, mas o que era uma distância dessas para um coração apaixonado? Um cavalheiro tão experiente e incansável como Mr. Rochester seria apenas o passeio de uma manhã. Comecei a sentir esperanças que não tinha o direito de acalentar: de que o noivado fora desfeito, de que os rumores fossem infundados, de que uma ou ambas as partes houvessem mudado de ideia. Costumava examinar o rosto do meu patrão, para ver se havia sinais de tristeza ou irritação. Mas não podia lembrar de um tempo em que ele estivesse tão

desanuviado e livre dos maus sentimentos. Quando, nos momentos em que eu e minha aluna passávamos com ele, eu perdia o ânimo e caía em depressão, ele se tornava até mesmo alegre. Nunca requisitara a minha companhia com tanta frequência. Nunca fora mais bondoso comigo e - ai de mim! - nunca eu o amara com tanto ardor!

[1] Rainha de uma das tribos celtas que viviam na Inglaterra. Lutou contra as forças do Império Romano que ocupavam a ilha e sua figura tornou-se um mito durante a era vitoriana.

CAPÍTULO XXIII

Um esplêndido verão brilhava sobre a Inglaterra: céus tão azuis e sóis tão radiantes, em longa sucessão, raramente eram vistos sobre a nossa ilha sempre tão coberta de bruma. Era como se uma multidão de dias italianos viesse do sul, como um bando de pássaros migrantes, e descesse para descansar nos rochedos de Albion. O feno fora todo ceifado. Os campos ao redor de Thornfield estavam verdes e aparados. As estradas, brancas e queimadas de sol. As árvores, em pleno vigor. Os bosques e as sebes, coloridos e cobertos de folhagem, contrastavam com as cores suaves das campinas ensolaradas.

No dia do solstício de verão, Adele, cansada de colher morangos selvagens durante boa parte do dia, fora para a cama com o sol. Cuidei dela até que dormisse. Então, deixei-a e saí para o jardim.

Das vinte e quatro horas do dia, esta era a mais doce. “O dia dissipara seus fogos ardentes” e o orvalho caía frio e disperso sobre a planície e os cumes crestados. Lá onde o sol descambava, sem a pompa das nuvens, espalhava-se em um púrpura solene, brilhando como a luz da rubra joia, surgindo como fornalha sobre o cume do monte e se estendendo alto e amplo, cada vez mais suave, até o meio do céu. O oriente tinha seu próprio encanto, no lindo céu azul profundo e na sua joia

modesta: uma estrela solitária. Logo a lua surgiria, mas agora ainda estava escondida no horizonte.

Caminhei um pouco sobre a calçada, mas um perfume sutil, bem conhecido – o perfume de um charuto – veio de uma das janelas. Vi que a janela da biblioteca estava entreaberta. Sabia que estava sendo observada, então me dirigi ao pomar.

Nenhum esconderijo era tão abrigado e paradisíaco: cheio de árvores e coberto de flores. Num dos lados, um alto muro escondia-o da casa. No outro, uma alameda de faias impedia que fosse visto do gramado. Ao fundo havia uma velha cerca, separando-o dos campos desertos. Chegava-se até lá por um caminho sinuoso, ladeado por

loureiros e terminando num castanheiro-da-índia gigante, cuja base era circundada por um banco. Ali uma pessoa podia se supor escondida. Sob o suave orvalho de verão que caía, no silêncio reinante, no crepúsculo que se adensava, sentia como se pudesse ficar para sempre naquela penumbra. Movendo-me cautelosamente entre os canteiros de flores e frutas da parte mais alta do terreno, onde fora atraída pela luz que a lua nascente espalhava naquela área descampada, de repente detive meu passo... Não tinha ouvido nem visto coisa alguma, mas sentira um perfume que me advertiu.

Roseiras selvagens, arbustos, jasmims, cravos e rosas já há muito tempo ofereciam à noite seu sacrifício de incenso. O

perfume que eu agora sentia, no entanto, não era nem de seiva nem de flor. Era, como eu bem sabia, do charuto de Mr. Rochester. Olhei ao redor e escutei. Vi árvores carregadas de frutos e ouvi o canto de um rouxinol na mata, quinhentos metros adiante. Não se via forma alguma em movimento, não se escutava o rumor de passos, mas o perfume aumentava de intensidade. Era preciso escapar. Corri para o portãozinho que levava ao bosque e vi Mr. Rochester chegando. Fiquei de lado, junto à hera do muro. Com certeza ele não ficaria ali por muito tempo, devia voltar logo, e se eu ficasse quieta ele não me veria.

Mas não. A noite era tão atrativa para ele como era para mim, assim como esse antigo jardim. Ele caminhava, ora puxando os galhos carregados da groselheira para admirar os frutos, ora pegando uma cereja madura, ora parando junto a uma grinalda de flores para inalar o seu perfume ou admirar as gotas de orvalho em suas pétalas. Uma enorme mariposa passou zumbindo por mim e pousou numa planta aos pés de Mr. Rochester. Ele a viu e abaixou-se para examiná-la.

“Agora ele está de costas para mim, e também está distraído.

Talvez, se eu andar devagarinho, ele nem me veja” pensei.

Caminhei pela relva, que não estalaria sob os meus pés para me trair. Ele estava parado entre os canteiros, a um ou dois metros de onde eu teria que passar. A mariposa parecia prender sua atenção. “Tudo vai dar certo” pensei. Quando

atravessei a sua sombra, alongada no chão pela lua que ainda não estava alta, ele disse calmamente, sem se virar:

- Jane, venha ver esse bichinho.

Eu não havia feito barulho, ele não tinha olhos nas costas. Será que a sua sombra era sensível? A princípio hesitei. Depois fui até ele.

- Olhe as suas asas - ele disse - lembra-me de um inseto das Índias Ocidentais. Não se vê com frequência na Inglaterra um espécime noturno tão grande e tão bonito. Aí está! Voou!

A mariposa se fora. Eu também estava fugindo vergonhosamente, mas Mr. Rochester me seguiu. Quando chegamos ao portãozinho ele disse:

- Volte. Numa noite tão bonita é um crime sentar-se dentro de casa. E ninguém decerto vai querer dormir quando o pôr do sol se confunde assim com a luz da lua.

É um dos meus defeitos. Embora minha língua seja rápida demais para dar uma resposta, muitas vezes falha terrivelmente quando tem que arranjar uma desculpa. E o lapso sempre ocorre em momentos cruciais, quando uma simples palavra ou um pretexto plausível são indispensáveis para me tirar de algum doloroso embaraço. Eu não queria, naquele momento, andar sozinha com Mr. Rochester no pomar escuro. Mas não consegui uma desculpa para dar. Segui-o

vagarosamente, os pensamentos ocupados em achar um modo de sair de tal situação. Mas ele próprio parecia tão compenetrado e sério, que fiquei envergonhada de sentir tanta confusão. O mal – se algum mal havia – parecia existir apenas em mim. A mente dele estava tranquila e calma.

- Jane – ele recomeçou, quando entramos na alameda dos loureiros e descemos na direção da cerca antiga e do grande castanheiro- da-índia. – Thornfield é um belo lugar no verão, não acha?

- É, sim.

- Você deve ter se afeiçoado ao lugar, pelo menos um pouquinho, pois tem olhos para as belezas naturais e um grande espírito de união.

- Gosto da casa, realmente.

- E, embora eu não compreenda, vejo que também dedica algum afeto a Adele, essa menininha boba. E mesmo à simplória Mrs. Fairfax, não é assim?

- Sim, senhor. De modo diferente, tenho afeto pelas duas.

- E ficaria triste em separar-se delas?

- Sim.

- Que pena! – disse ele, suspirando. Fez uma pausa. Depois continuou:

- É sempre assim nesta vida. Logo que conseguimos um lugar agradável e repousante para descansar, vem uma voz e nos manda partir, pois a hora do repouso terminou.
- Devo partir, senhor? – perguntei. – Devo deixar Thornfield?
- Acredito que sim, Janet. Sinto muito, mas acho que sim. Foi um golpe. Mas não ia permitir que me abatesse.
- Bem, senhor, estarei pronta quando chegar a ordem de partir.
- Já chegou... Devo dá-la esta noite.
- Então vai se casar, realmente?
- E-xa-ta-men-te... Precisamente. Com sua habitual argúcia, colocou o dedo na ferida.
- Em breve, senhor?
- Muito breve, minha... isto é, Miss Eyre. E você deve lembrar-se, Jane, a primeira vez que eu, ou o Boato, deu-lhe pleno conhecimento que era minha intenção colocar meu velho pescoço de solteirão no laço sagrado, e entrar no santificado estado do matrimônio. Tomar Miss Tngam a meu encargo, em resumo (ela vai exigir um enorme espaço, mas isso não vem ao caso, nunca se pode ter demais de uma coisa tão boa quanto minha doce Blanche)... Bem, como eu estava dizendo... Ouça-me, Jane! Não está virando a cabeça para procurar outras mariposas, está? Era apenas um inseto desgarrado, menina,

'voando para casa'. Devo lembrá-la que foi você quem primeiro me disse – com essa descrição que tanto admiro, com essa perspicácia, essa prudência e humildade tão adequadas à sua posição de responsabilidade e dependência – que no caso de eu me casar com Miss Tngam, tanto você quanto Adele estariam melhor em outro lugar. Fiz vista grossa quanto à calúnia sobre o caráter da minha amada contida nessa

sugestão. No entanto, quando você estiver longe, Janet, vou tentar esquecer a ofensa: vou pensar apenas na sabedoria que ela encerra, que é tão grande que farei dela o meu guia de conduta. Adele deve ir para a escola e você, Miss Eyre, deve procurar uma nova colocação.

- Sim, senhor. Vou colocar um anúncio imediatamente. Suponho...

Estava a ponto de dizer “suponho que posso ficar aqui até encontrar um outro lugar para ir” mas parei. Sabia que não devia dizer uma frase muito longa, pois minha voz estava falhando.

- Dentro de um mês espero me casar – continuou Mr. Rochester – e nesse ínterim eu mesmo vou procurar uma colocação e um abrigo para você.

- Obrigada, senhor. Lamento dar-lhe...

- Oh! Não há necessidade de desculpas! Acho que, quando uma empregada cumpre o seu dever tão bem quanto você, adquire uma espécie de direito a que o patrão lhe preste alguma ajuda que esteja ao seu alcance. Na verdade, ouvi a minha futura sogra mencionar um lugar que considero adequado. É para educar as cinco filhas de Mrs. Dionysius O’Gall, de Bitternut Lodge, em Connaught, na Irlanda. Creio que você gostará da Irlanda: dizem que as pessoas lá são muito calorosas.

- É longe demais, senhor.

- Não importa! Uma moça sensata como você não fará objeção a uma viagem ou a distância.

- A viagem não, mas a distância. Além disso, o mar é um obstáculo...

- A quê, Jane?

- À Inglaterra, a Thornfield e...

- Bem?

- Ao senhor...

Disse isso quase involuntariamente. E, também contra a minha vontade, as lágrimas correram. Não chorava alto, para não ser ouvida. Evitava soluçar. A ideia de uma Mrs. O’Gall e de Bitternut Lodge enchia

meu coração de tristeza. Ainda mais triste era a ideia do mar e das espumas que pareciam destinadas a erguer-se entre mim e o meu patrão, a cujo lado eu agora caminhava. E o mais triste de tudo era a lembrança daquele oceano ainda mais vasto – riqueza, casta e convenções, que se interpunha entre mim e aquele que eu amava, natural e inevitavelmente.

- É um longo caminho – disse outra vez.

- Realmente, muito longo... E quando você for para Bitternut Lodge, Connaught, Irlanda, nunca mais a verei, Jane. Isso é certo. Eu nunca irei à Irlanda, pois não aprecio muito o país. Temos sido bons amigos, não temos, Jane?

- Temos sim, senhor.

- E quando os amigos estão em vias de se separar, costumam passar o pouco tempo que lhes resta juntos. Venha! Vamos falar calmamente sobre a viagem e a separação durante algum tempo, enquanto as estrelas despertam e brilham no céu distante. Aqui está o castanheiro-da-índia e o banco ao redor. Venha, vamos sentar-nos em paz aqui esta noite, porque estamos destinados a nunca mais sentar-nos juntos.

Ajudou-me a sentar e depois se sentou.

- É um longo caminho até a Irlanda, Janet, e lamento mandar minha amiguinha numa viagem tão aborrecida. Mas se não há outro remédio, que fazer? Você não se parece nada comigo, não é, Jane?

A esta altura eu não conseguia arriscar resposta alguma. Meu coração estava gelado.

- Eu às vezes tenho um estranho sentimento em relação a você... especialmente quando está perto de mim, como agora. É como se eu tivesse um cordão do lado esquerdo do meu corpo, amarrado firmemente a outro cordão semelhante, localizado também no lado esquerdo do seu pequenino corpo. E se colocarmos entre nós esse tempestuoso canal e mais de trezentos quilômetros de terra, receio que esse pequeno cordão seja rompido. Tenho a angustiante sensação de que, nesse caso, eu sangrarei por dentro. Quanto a você... acho que me esquecerá.

- Tssso nunca vai acontecer. O senhor sabe...

Não pude prosseguir.

- Jane, está ouvindo esse rouxinol cantando no bosque?

Ouça!

Ao ouvir, comecei a soluçar convulsivamente. Não podia mais suportar. Era obrigada a ceder, e tremia dos pés à cabeça com tão agudo sofrimento. Quando falei, foi apenas para expressar o desejo de que nunca tivesse nascido, que nunca tivesse vindo para Thornfield.'

- Porque se sente triste em deixá-lo?

A violência da emoção, aumentada pela tristeza e pelo amor dentro de mim, pedia para dominar, lutava para afirmar-se, clamava pelo direito de predominar, de superar, de elevar-se e, por fim, de reinar. Sim – e por falar.

- Lamento deixar Thornfield. Amo Thornfield, e amo porque... porque vivi aqui uma vida plena e deliciosa, pelo menos por algum tempo. Não fui humilhada, nem paralisada. Não fui enterrada viva com mentes inferiores, nem excluída de contato ou comunhão com tudo que é brilhante, vital e elevado. Conversei, face a face, com aquilo que reverencio, que me seduz – com uma mente aberta, original e atenta. Eu conheci o senhor, Mr. Rochester. E fico tomada de angústia e pavor ao pensar que devo me separar do senhor para todo o sempre.

- Onde é que você vê essa necessidade? – ele perguntou, de súbito.

- Onde? O senhor mesmo a colocou diante de mim.

- De que forma?

- Na forma de Miss Tngam. Uma nobre e bela dama... sua noiva.

- Minha noiva! Que noiva? Eu não tenho noiva!
- Mas terá.
- Sim... Terei! Terei! – e cerrou os dentes.
- Então tenho que partir. O senhor mesmo disse isso.
- Não: deve ficar! Eu juro... E um juramento deve ser mantido.
- Não! Eu devo partir! – retorqui, provocada por algo que devia

ser paixão. – Acha que posso ficar para não representar nada para o

senhor? Acha que sou um autômato, uma máquina sem sentimentos? E que posso suportar que me arrebatem dos lábios o pedaço de pão e derramem a minha taça de água fresca? O senhor pensa, que porque sou pobre, obscura, simples e pequena, que não tenho alma nem coração? Então está pensando errado! Tenho tanta alma quanto o senhor, e até mais coração! E, se Deus tivesse me dotado de alguma beleza e grande fortuna, tornaria tão difícil para o senhor deixar-me quanto para mim é difícil deixar o senhor. Não estou lhe falando através do costume, das convenções ou da carne mortal: é o meu espírito que se dirige ao seu, como se os dois

houvessem passado pelo túmulo e agora estivessem aos pés de Deus, iguais – como somos.

– Como somos! – repetiu Mr. Rochester.

E acrescentou, tomando-me nos braços, apertando-me ao peito, pressionando seus lábios nos meus:

– Assim? Assim, Jane?

– Sim, senhor. Assim! – respondi. – Mas ainda não assim, pois o senhor é um homem casado – ou quase isso – e vai se unir a alguém inferior. Alguém por quem não tem a menor simpatia, e a quem não acredito que ame de verdade, pois vi os olhares de escárnio que dirigia a ela. Eu desprezo essa união! Sou, portanto, melhor que o senhor... Deixe-me ir!

– Para onde, Jane? Para a Irlanda?

– Sim, para a Irlanda... Já controlei a minha mente, e agora posso ir a qualquer lugar.

– Jane, fique calma. Não lute assim, como um pássaro selvagem e furioso que no seu desespero arranca as próprias penas.

– Não sou um pássaro, e nenhuma gaiola vai me prender. Sou um ser humano livre, com vontade soberana, a mesma vontade que me ordena deixá-lo!

Outro esforço e consegui libertar-me. Fiquei parada em frente a ele.

- E a sua vontade deve decidir o seu destino – ele disse. –

Ofereço-lhe minha mão, meu coração, e uma parte de tudo que possuo.

- Está interpretando uma farsa, que só me faz rir.

- Eu lhe peço que passe a vida ao meu lado... Que seja o meu segundo eu, e a minha amada companheira neste mundo.

- Para isso já fez a sua escolha, e deve obedecê-la.

- Jane, fique calada um momento, está muito exaltada. Prometo que ficarei calado também.

Uma lufada de vento veio através da alameda de loureiros e sacudiu os galhos do castanheiro. Depois subiu, subiu e perdeu-se na distância. O canto do rouxinol era o único som que agora se ouvia. Chorei de novo ao ouvi-lo. Mr. Rochester sentava-se calado, olhando para mim com ar gentil e grave. Passou-se algum tempo antes que falasse. Por fim, disse:

- Sente-se ao meu lado, Jane. Vamos conversar e tentar entender um ao outro.

- Nunca mais me sentarei ao seu lado. Já me afastei, e não posso retornar.

- Mas, Jane, eu lhe peço como minha esposa. É apenas com você

que pretendo me casar.

Fiquei em silêncio. Achei que ele estava brincando comigo.

- Venha, Jane. Venha para cá.
- A sua noiva se interpõe entre nós.

Ele levantou-se, e em duas passadas alcançou-me.

- Minha noiva está aqui – ele disse, puxando-me outra vez para si
- porque aqui está a minha alma gêmea e a minha eleita. Jane, quer se casar comigo?

Ainda assim não respondi. E mais uma vez tentei escapar ao seu abraço. Não conseguia acreditar.

- Dúvida de mim, Jane?
- Totalmente.
- Não tem confiança em mim?
- Nem um pouco.
- Por acaso sou um mentiroso aos seus olhos? – ele perguntou, calorosamente. – Sua pequena incrédula, você será convencida. Que amor eu poderia sentir por Miss Tngam? Nenhum, e você sabe disso. Que amor tem ela por mim? Nenhum, como me dei ao trabalho de provar. Fiz chegar até ela um rumor de que a minha fortuna não chegava a um terço do que ela pensava. Depois me apresentei para ver o resultado: fui

recebido friamente, por ela e pela mãe. Eu não pretendia... não poderia casar-me com Miss Tngam. Você, sua coisinha estranha e quase sobrenatural! Eu a amo como a minha própria carne. Você, pobre e obscura, pequena e simples como é... Peço-lhe humildemente que me aceite como marido.

- Quem... Eu? - exclamei, começando a acreditar na sua sinceridade, pela seriedade e, principalmente, pela descortesia com que ele se expressava. - Eu, que não tenho um único amigo no mundo a não ser o senhor, nem um xelim, a não ser os que recebi do senhor?

- Sim, você, Jane. Preciso que seja minha, inteiramente minha.

Aceita ser minha esposa? Vamos, diga logo que sim!

- Mr. Rochester, deixe-me olhar para o seu rosto. Vire-se na direção do luar.

- Por quê?

- Porque quero ler a sua fisionomia... Vire-se!

- Aí está! Vai achar que ela é pouco mais legível que uma página amarrotada e riscada. Leia, então, mas ande depressa, pois eu sofro demais.

Tinha o rosto perturbado e bastante ruborizado. Suas feições se mexiam e os olhos irradiavam um brilho estranho.

- Oh, Jane! Está me torturando! - ele exclamou. - Você me tortura com esse olhar observador, mesmo sendo fiel e generoso!

- Como eu poderia fazer tal coisa? Se está sendo honesto, e sua oferta é verdadeira, meus únicos sentimentos só podem ser de gratidão e devotamento - não de tortura.

- Gratidão! - exclamou. E acrescentou, ardorosamente - Jane, aceite-me logo. Diga: Edward... fale o meu nome... Diga: Edward, aceito me casar com você.

- Está falando sério? Ama-me de verdade? Deseja realmente que eu seja sua esposa?

- Sim. E se for necessário um juramento para satisfazê-la, eu

juro.

- Então aceito me casar com o senhor.

- Edward, minha mulherzinha!

- Querido Edward!

- Seja minha... inteiramente minha - disse ele.

E acrescentou no seu tom mais profundo, falando ao meu ouvido,

enquanto seu rosto encostava no meu:

- Faça a minha felicidade... e eu farei a sua.
- Que Deus me perdoe! - ele disse, por fim. - Que ninguém se intrometa: ela é minha e hei de conservá-la.
- Não há ninguém para se intrometer, senhor. Não tenho parentes que possam interferir.
- Não, realmente... E isso é o melhor de tudo - ele disse.

Se eu o amasse menos, teria achado no seu tom de voz e no seu olhar uma exultação selvagem. Mas sentada ao seu lado, livre do pesadelo da partida, alçada ao paraíso da união, pensei apenas na ventura que me era dada a beber naquela fonte caudalosa.

De vez em quando ele perguntava:

- Está feliz, Jane? E eu respondia:
- Sim.

Depois ele murmurou:

- Vai compensar... vai compensar. Por acaso não a encontrei sozinha, sem amigos e sem conforto? Não vou protegê-la, cuidá-la e

consolá-la? Não há amor no meu coração e firmeza nas minhas decisões? Haverá entendimento no tribunal divino. Sei que o Criador confirma o que estou fazendo. Quanto ao julgamento dos homens – lavo as minhas mãos. Eu desafio o julgamento dos homens.

Mas o que acontecera com a noite? A lua ainda não se escondera e as sombras já cobriam tudo. Eu mal podia ver o rosto do meu patrão, perto como estava. E o que agitava o castanheiro? Ele se retorcia e gemia, enquanto o vento passava pela alameda de loureiros e vinha em redemoinhos na nossa direção.

- Devemos voltar – disse Mr. Rochester. – O tempo está mudando.

Eu poderia ficar sentado assim, com você, até de manhã, Jane.

“E eu com o senhor” pensei. Teria dito isso em voz alta, talvez, se um relâmpago lívido e nítido não tivesse brilhado na nuvem para a qual eu olhava. Houve um estrondo tremendo e um trovão retumbou perto de nós. Pensei apenas em esconder meus olhos amedrontados no ombro de Mr. Rochester.

A chuva desabou. Ele me conduziu apressadamente pela alameda e através dos jardins, até chegarmos a casa. Quando finalmente cruzamos o limiar da porta estávamos encharcados. Mr. Rochester me ajudava a tirar a capa no vestíbulo, sacudindo a água dos meus cabelos, quando Mrs.

Fairfax surgiu, vinda da saleta. Eu não a vi a princípio, nem ele. A lâmpada estava acesa. O relógio ia bater meia-noite.

- Corra e tire essas roupas molhadas - ele disse. - Mas antes que se vá, boa-noite... Boa-noite, minha querida!

Beijou-me repetidamente. Quando olhei para cima, ao sair dos seus braços, vi a viúva - pálida, grave e assombrada. Apenas sorri para ela e corri para a escada.

“As explicações ficarão para outra hora” pensei.

Ainda assim, quando cheguei ao meu quarto, senti um temor de que ela pudesse entender mal o que tinha visto. Mas a alegria logo afastou qualquer outro sentimento. E não tive medo algum, nem me importei que o vento continuasse a rugir, que algum raio caísse, que os trovões riscassem o céu com toda força, ou que desabasse uma tempestade de duas

horas, violenta como uma catarata. Durante a tempestade, Mr. Rochester veio três vezes à minha porta, perguntando se eu estava segura e tranquila. E isso me dava conforto e força suficientes para suportar qualquer coisa.

Antes que eu saísse da cama, na manhã seguinte, a pequena Adele veio correndo contar-me que o grande castanheiro-da-índia, no final do pomar, fora atingido por um raio na noite anterior e estava destruído pela metade.

CAPÍTULO XXIV

Enquanto me levantava e me vestia, pensei no que acontecera e me perguntei se não tinha sido um sonho. Não podia acreditar na realidade até que visse Mr. Rochester outra vez, e ouvisse dele a renovação de suas palavras de amor e de promessa.

Ao pentear os cabelos, olhei meu rosto no espelho. Senti que não era mais um rosto comum: havia esperança e vida no seu aspecto e colorido. Meus olhos pareciam ter conquistado a fonte da felicidade, e tomado emprestado os raios de suas ondas brilhantes. Muitas vezes evitei olhar para o meu patrão, com receio de que ele não gostasse da minha aparência. Mas agora tinha certeza que poderia levantar o rosto para ele sem temor de que sua afeição diminuísse. Peguei na gaveta um vestido simples de verão, leve e claro. Parecia que nunca uma roupa me caíra tão bem, porque nunca a usara num momento tão abençoado.

Não fiquei surpresa ao ver, quando descí para o vestíbulo, que uma brilhante manhã de junho sucedera à tempestade da véspera, nem de sentir, através das portas abertas, o arfar de uma brisa fresca e fragrante. A natureza devia estar radiante de me ver tão feliz. Uma mendiga com seu filhinho – ambos pálidos e andrajosos – vinha andando pelo caminho. Corri e dei-lhe todo o dinheiro que por acaso tinha na bolsa – três ou

quatro xelins. Bem ou mal, eles partilhariam da minha felicidade. As gralhas grassavam e os pássaros, alegres, cantavam. Mas nada era tão feliz ou musical quanto o meu próprio coração em festa.

Mrs. Fairfax surpreendeu-me ao olhar pela janela com um rosto triste, dizendo gravemente:

- Miss Eyre, vai tomar café da manhã?

Durante a refeição ela estava quieta e distante. Mas não cabia a mim livrá-la dessa decepção. Meu dever era esperar que o patrão desse as

explicações. E o dever dela era o mesmo. Comi o que pude e apressei-me em subir. Encontrei Adele saindo da sala de aulas.

- Aonde vai? Está na hora da sua aula.

- Mr. Rochester me mandou para o quarto.

- Onde está ele?

- Ali dentro - e apontou para a sala de onde saíra. Entrei e encontrei-o ali.

- Venha me desejar bom-dia - disse ele.

Avancei alegremente, mas não recebi apenas uma palavra cortês ou mesmo um aperto de mãos. Recebi um abraço e um beijo. Pareceu-me natural. Era maravilhoso ser tão amada e tão acarinhada por ele.

- Jane, você parece esplendorosa, sorridente e bonita esta manhã

- ele disse - verdadeiramente bonita. É essa a minha pequena e pálida fada? O meu grãozinho de mostarda? Será você essa pequena menina de face corada de sol, covinha no queixo e lábios rosados? De cabelos cor de avelã, macios como cetim, e radiantes olhos castanhos?

Meus olhos são verdes, querido leitor, mas peço que desculpe o engano. Para ele tinham acabado de ser tingidos, eu creio.

- Esta é Jane Eyre, senhor.

- Logo será Jane Rochester - ele acrescentou. - Dentro de quatro semanas, Janet. Nem um dia a mais. Ouviu?

Eu ouvira, e não podia compreender bem: achava irrefletido. A forma como anunciara e o sentimento contido na frase pareciam ditados por algo mais intenso que a mera alegria. Algo que golpeava e surpreendia. Era quase medo.

- Você corou e agora está pálida. Por que isso, Jane?

- Porque o senhor me deu um novo nome: Jane Rochester. Parece tão estranho!

- Sim, Mrs. Rochester - disse ele. - A jovem Mrs. Rochester... A esposa de Fairfax-Rochester.

- Nunca o serei, senhor. Não me parece provável. Neste mundo, os seres humanos nunca conseguem a felicidade completa. Não nasci para ter um destino diferente do resto da minha espécie. Imaginar que me caiba tamanha bênção é um conto de fadas... um sonho.
- Um sonho que eu posso e vou realizar. Estou começando hoje. Esta manhã escrevi ao meu banqueiro em Londres, para que me mande algumas joias que estão em seu poder, relíquias de família das damas de Thornfield. Dentro de um ou dois dias espero depositá-las no seu regaço. Pois devo-lhe todas as atenções e privilégios que eu destinaria à filha de um par do reino, se eu fosse me casar com uma.
- Oh, senhor! Nada de joias. Não gosto de ouvir falar disso. Joias para Jane Eyre parecem algo pouco natural e estranho. Preferia não tê-las!
- Eu mesmo porei o colar de diamantes no seu pescoço e o diadema em sua frente... E você será digna deles. A natureza, pelo menos, colocou o sinal de sua nobreza na frente, Jane. Colocarei braceletes nesses pulsos finos e carregarei de anéis esses dedos de fada.
- Oh, não! Não, senhor. Pense em outras coisas e fale de outras coisas, e de outra maneira. Não se dirija a mim como se eu fosse uma beldade. Sou sua governanta, simples e puritana.
- Aos meus olhos você é uma beldade, e também para o desejo do meu coração – delicada e etérea.

- Fraca e insignificante, é o que quer dizer. O senhor está delirando... ou zombando de mim. Pelo amor de Deus, não seja irônico!

- Farei o mundo reconhecê-la como uma beldade, também!
- ele continuou.

Eu estava ficando realmente constrangida pelas sugestões que fazia, porque via que ele estava se iludindo, ou tentando me iludir.

- Vestirei minha Jane de cetim e rendas, e colocarei flores nos seus cabelos. Cobrirei essa cabeça que tanto amo com um véu de valor incalculável.

- E então não me reconhecerá mais, senhor. Não serei mais a sua Jane Eyre, mas um macaco numa jaqueta de arlequim.
Um pavão em

plumas emprestadas. Prefiro ver o senhor, Mr. Rochester, adornado em roupas teatrais do que a mim mesma num vestido de dama da corte. Eu não lhe digo que é bonito, senhor, embora o ame ternamente. Amo-o demais para adulá-lo, portanto, não me adule também.

Ele insistiu no assunto, no entanto, sem tomar conhecimento da minha súplica.

- Hoje mesmo vou levá-la de carruagem a Millcote, e você vai escolher alguns vestidos. Já lhe disse que nos casaremos

em quatro semanas. O casamento será feito sem alarde, na igreja aqui ao lado. Depois vou levá-la para a capital. Após uma breve estada em Londres, vou levar o meu tesouro para lugares ensolarados, para os vinhedos franceses e as planícies italianas. Verá todos os lugares famosos da história antiga e da modernidade. Conhecerá a vida nas cidades, e aprenderá a valorizar-se em comparação com os outros.

- Vou viajar?... E com o senhor!
- Vai passar uma temporada em Paris, Roma e Nápoles, em Florença, Veneza e Viena. Quero rever com você todos os lugares em que estive nas minhas andanças. Onde imprimi as minhas patas, você pisará com seus pezinhos de sílfide. Faz dez anos que vaguei pela Europa meio desesperado. Meus companheiros eram apenas a raiva, o desgosto e o ódio. Agora quero visitar esses lugares curado e redimido, tendo como consolo um verdadeiro anjo.

Sorri ao ouvir estas palavras.

- Não sou um anjo - afirmei - e nunca serei enquanto viver. Sempre serei eu mesma. Mr. Rochester, não deve esperar nem exigir nada de angelical da minha parte. Não vai consegui-lo, assim como não o conseguirei do senhor. Aliás, nem imagino que isso possa acontecer.
- E o que espera que aconteça?
- Por algum tempo, pouco tempo, o senhor será talvez como é agora. Então vai se tornar frio, depois caprichoso,

depois ríspido. Terei muito trabalho para contentá-lo. Mas depois que se acostumar comigo, talvez volte a gostar de mim. Digo gostar, e não amar. Acho que o seu amor vai se extinguir em seis meses, no máximo. Nos livros escritos por

homens tenho observado que este é o tempo máximo que dura o ardor de um marido. Ainda assim, como amiga e companheira, espero nunca me tornar desagradável para o meu querido senhor.

- Desagradável! Voltar a gostar de você! Acho que gostarei de você de novo, e de novo... E farei com que confesse que não apenas gosto de você, mas que a amo. Com sinceridade, fervor e constância.

- Então não é caprichoso, senhor?

- Com as mulheres que só me agradam pela aparência, posso me tornar um verdadeiro demônio ao descobrir que elas não têm coração nem alma. Quando me oferecem apenas uma perspectiva de vaidade, banalidade, rispidez, mau gênio e talvez imbecilidade. Mas para o olhar límpido e a língua eloquente, para a alma forjada no fogo e o caráter que se curva, mas não quebra – ao mesmo tempo flexível e firme, dócil e consistente – sou sempre terno e sincero.

- Já teve uma experiência com alguém que tivesse tal caráter, senhor? Já amou alguém assim?

- Eu amo agora.
- E antes de mim, se é que eu realmente me aproximo do seu difícil padrão?
- Nunca encontrei alguém semelhante a você, Jane. Você me agrada e me domina... Parece submissa, e gosto do jeito dócil que transmite. Enquanto estou enrolando nos dedos esse fio suave e sedoso, ele traça um caminho pelo meu braço até o meu coração. Sou dominado e conquistado, um domínio mais doce do que posso expressar. E a conquista a que me submeto agora tem uma magia que está além de qualquer triunfo meu. Por que sorri, Jane? O que significa esse semblante inexplicável e misterioso?
- Estava pensando, senhor, (desculpe a minha ideia, foi involuntária), estava pensando em Hércules e Sansão, com suas feiticeiras...
- Você estava, sua pequena maligna...
- Silêncio, senhor! Não está sendo muito sábio agora, não mais do que aqueles dois cavalheiros. No entanto, se fossem casados, não haveria dúvida que seriam tão severos como maridos quanto foram ternos como pretendentes. E o senhor também, receio. Imagino o que vai me responder daqui a um ano, se eu lhe pedir algum favor que não lhe agrade ou não lhe convenha conceder.

- Peça-me alguma coisa agora, Jane... Qualquer coisa. Desejo que me peça...
- Pois vou pedir, senhor. Já tenho até o pedido pronto.
- Fale, então. Mas se me olhar ou sorrir desse modo, vou prometer concedê-lo antes mesmo de saber o que é, e isso vai me tornar um tolo.
- Absolutamente, senhor. Peço apenas isto: não mande buscar as joias, nem me coroe com rosas. Em vez disso pode ornar com rendas de ouro esse lenço simples que tem no bolso.
- Em vez disso posso dourar com ouro puro, sei disso. Seu pedido está concedido, por enquanto. Vou cancelar a ordem que mandei para o meu banqueiro. Mas você ainda não pediu nada, na verdade, apenas solicitou que um presente deixasse de ser concedido. Tente outra vez.
- Bem, senhor, então peço que satisfaça a minha curiosidade num ponto em que ela está muito excitada.
Ele pareceu perturbado.
- Qual? Qual? – perguntou, precipitadamente. – A curiosidade é perigosa. Ainda bem que não jurei conceder todos os seus pedidos.
- Mas não há perigo algum em conceder este, senhor.
- Fale, Jane. Mas preferia que, em vez de me fazer perguntas sobre algum possível segredo, pedisse a metade do meu patrimônio.

- Ora, Rei Ahasueros![1] O que eu faria com a metade dos seus bens? Acha que sou alguma usurária judia, procurando bons investimentos em terras? Preferia muito mais contar com toda a sua confiança. Vai deixar de confiar em mim, se me admitir no seu coração?

- Você tem de mim toda a confiança que merece, Jane. Mas, pelo amor de Deus, não pretenda carregar um peso inútil! Não procure por veneno... Não se torne nas minhas mãos uma Eva como as demais!

- Por que não? O senhor mesmo acaba de me dizer o quanto lhe agrada ser conquistado e persuadido. Não acha que é melhor que eu tire partido dessa confissão e comece logo a seduzi-lo - implorando, chorando, exigindo e fazendo birra, se necessário - apenas para testar o meu poder?

- Desafio você a experimentar. Passe dos limites, atreva-se a fazê-lo e o jogo está acabado.

- Está mesmo, senhor? Logo vai ceder. Como está sério agora! Suas sobrancelhas estão tão finas como o meu dedo, e sua testa parece o que se chama - numa interessante poesia que uma vez ouvi alguém referir

- de “um céu carregado de trovões”. Será esse o seu modo de homem casado, senhor?

- E se esse for o seu olhar de casada, eu, como cristão, vou desistir bem depressa da ideia de casar-me com um mero fantasma ou uma salamandra. Mas o que quer pedir, sua coisinha? Diga logo...

- Bem, agora não está sendo educado, mas gosto muito mais da rudeza do que da lisonja. Prefiro ser uma coisa a ser um anjo. Eis o que quero perguntar: porque se deu a tanto trabalho para me fazer acreditar que queria se casar com Miss Tngram?

- Tssso é tudo? Graças a Deus! Podia ser pior!

Então desfranziu as sobrancelhas negras, olhou-me sorrindo e acariciou meu cabelo, como se ficasse feliz de ver um perigo afastado.

- Acho que devo confessar - continuou - mesmo que a deixe um pouco indignada, Jane. E sei o quanto seu espírito fica exaltado quando está indignada. Você se inflamou sob a fria luz do luar na noite passada, quando se rebelou contra o destino e declarou que éramos iguais. E, a propósito, Janet, foi você quem se declarou a mim.

- Claro que sim! Mas voltemos ao ponto, senhor... Miss Tngram!

- Bem, fingi cortejar Miss Tngram porque queria deixá-la tão apaixonada por mim como eu estava por você. E sabia que o ciúme seria o

meu melhor aliado para atingir esse fim.

- Excelente! Agora se tornou pequeno... Menor até que a ponta do meu dedinho. Foi uma vergonha clamorosa e uma desgraça agir dessa forma. Não pensou nos sentimentos de Miss Tngam, senhor?

- Seus sentimentos concentram-se num só: orgulho. E o orgulho precisa de humildade. Ficou enciumada, Jane?

- Não importa, Mr. Rochester. Não existe interesse algum no senhor saber disso. Responda-me com sinceridade uma vez mais. Acha que Miss Tngam não sofreu com sua conquista desonesta? Não terá se sentido enganada e abandonada?

- Impossível. Eu já lhe contei como ela mesma me abandonou. A ideia de que eu estivesse falido esfriou, ou até extinguiu, a chama do seu amor na mesma hora.

- Tem uma mente curiosa e intrigante, Mr. Rochester. Tenho receio de que os seus princípios sejam um tanto excêntricos.

- Meus princípios não foram desenvolvidos, Jane. Podem ter crescido um tanto tortos, por falta de atenção.

- Mais uma vez, me responda sinceramente. Posso usufruir do grande bem que me foi concedido, sem temer que alguém esteja sofrendo a mesma amarga infelicidade que eu sofria tempos atrás?

- Pode com certeza, minha boa menina. Não há nenhum outro ser humano no mundo que tenha por mim um amor tão puro como o seu. Pois trago na alma essa agradável sensação, Jane: a crença no seu amor.

Voltei a cabeça e beijei a mão que repousava no meu ombro. Eu o amava muito - mais do que conseguia dizer - mais do que as palavras podiam exprimir.

- Peça alguma coisa mais. Gosto que me peçam, gosto de conceder.

Novamente eu tinha o pedido pronto.

- Comunique suas intenções a Mrs. Fairfax, senhor. Ela me viu com o senhor ontem à noite, no vestibulo, e ficou chocada. Dê-lhe alguma

explicação antes que eu torne a vê-la. Tsoo me faz sofrer, ser assim mal interpretada por uma pessoa tão boa.

- Vá para o seu quarto e coloque um chapéu - ele respondeu. - Quero que me acompanhe a Millcote esta manhã. Enquanto se prepara, vou esclarecer o entendimento da velha senhora. Será que ela pensa, Jane, que você renunciou totalmente ao amor?

- Acho que ela pensa que esqueci minha posição e a sua, senhor.

- Posição! Posição! Sua posição é no meu coração. E no cangote daqueles que ousarem insultá-la, agora ou no futuro. Vá!

Não demorei a me aprontar. Quando ouvi Mr. Rochester deixar a saleta de Mrs. Fairfax corri para lá. A velha senhora estava fazendo a sua leitura diária das Escrituras, a lição do dia. A Bíblia jazia aberta à sua frente, com os óculos por cima. Essa ocupação, suspensa pela visita de Mr. Rochester, parecia agora esquecida. Seus olhos, fixos na parede em frente, expressavam a surpresa de uma mente calma perturbada por notícias indesejadas. Ao me ver, levantou-se, fez um esforço para sorrir e disse algumas palavras de congratulações. Mas o sorriso fugiu-lhe dos lábios e a frase ficou por terminar. Ela colocou os óculos, fechou a Bíblia e afastou a cadeira.

- Estou tão espantada - ela começou - que mal sei o que lhe dizer, Miss Eyre. Acho que estive sonhando... Ou será que não? Às vezes, quando estou sentada sozinha, adormeço e imagino coisas que nunca aconteceram. Mais de uma vez, quando tive um desses cochilos, me pareceu que meu querido esposo, morto há mais de quinze anos, veio e sentou-se ao meu lado. E até mesmo me chamou pelo meu nome, Alice, como costumava fazer. Então pode me dizer se é verdade que Mr. Rochester pediu-a em casamento? Não se ria de mim, mas eu tenho quase certeza que ele entrou aqui há cinco minutos e me disse que dentro de um mês você será sua esposa.

- Ele me disse a mesma coisa - respondi.

- Disse!... E você acreditou nele? Aceitou sua proposta?
- Sim.

Ela me olhou desconcertada.

- Eu jamais imaginaria uma coisa dessas! Ele é um homem orgulhoso. Todos os Rochester eram orgulhosos: e o pai dele, pelo menos, gostava de dinheiro. E o próprio Mr. Rochester sempre foi considerado cuidadoso neste assunto. Então ele pretende se casar com você?

- Ele me garantiu que sim.

Ela me observou de alto a baixo. Percebi nos seus olhos que não encontrara em mim nenhum encanto suficientemente poderoso para solucionar o enigma.

- Tso ultrapassa a minha compreensão! - continuou Mrs. Fairfax.

- Mas não há dúvida de que é verdade, se você o afirma. O que vai acontecer, realmente não sei. Nesses casos é sempre prudente que haja igualdade de posição e fortuna, pois há vinte anos de diferença entre vocês. Ele quase poderia ser seu pai.

- Não, realmente, Mrs. Fairfax! - exclamei, incomodada - Ele não parece meu pai! Ninguém que nos veja juntos pode imaginar tal coisa, nem por um instante. Mr. Rochester parece um jovem, e é tão jovem quanto um homem de vinte e cinco anos.

- É mesmo por amor que ele vai se casar com você? – ela perguntou.

Eu estava tão ferida pela sua frieza e ceticismo, que me vieram lágrimas aos olhos.

- Lamento magoá-la – continuou a viúva – mas você é tão jovem, não conhece nada dos homens. Desejo apenas alertá-la. Tem um velho ditado que diz: “nem tudo que reluz é ouro”. E neste caso, eu realmente temo que se acabe por descobrir alguma coisa muito diferente do que você e eu esperamos.

- Por quê? Sou algum monstro, por acaso? – eu disse. – Acha impossível que Mr. Rochester tenha por mim uma afeição sincera?

- Não, você é muito boa. E melhorou muito, ultimamente. Creio que Mr. Rochester gosta bastante de você. Sempre notei que você era um tipo de talismã para ele. Houve momentos em que, pela sua segurança, fiquei um pouco preocupada com a preferência que ele expressava. Desejei avisá-la para tomar cuidado, mas preferi não sugerir a possibilidade de

algum erro. Sabia que tal ideia iria chocá-la, talvez ofendê-la. E você é tão discreta, perfeitamente modesta e sensível, que achei que saberia se proteger. Na noite passada, você não imagina o que sofri quando procurei pela casa toda e não a encontrei, nem ao patrão. E então, à meia-noite, vejo-a chegar com ele.

- Bem, isso não importa mais – interrompi, pacientemente. –
O importante é que tudo está bem.

- Espero que tudo acabe bem – ela disse – mas acredite-me: nunca é demais ter cuidado. Tente manter Mr. Rochester à distância. Desconfie de você mesma, tanto quanto dele. Cavalheiros na posição dele não costumam casar-se com governantas.

Eu estava ficando cada vez mais irritada. Felizmente, Adele entrou correndo na sala.

- Leve-me, leve-me para Millcote, também! – ela exclamou.

- Mr. Rochester não quer deixar, mesmo tendo lugar na carruagem nova! Peça para ele me deixar ir, mademoiselle.

- Vou pedir, Adele.

E apressei-me a sair com a menina, feliz de deixar a minha sombria conselheira. A carruagem estava pronta, e fora trazida para a frente da casa. Mr. Rochester estava na calçada, com Pilot a segui-lo de um lado a outro.

- Adele pode ir conosco, não é, senhor?

- Eu disse a ela que não. Não quero pirralhos! Quero só você.

- Deixe que ela vá, Mr. Rochester, por favor. Vai ser melhor.

- Não. Ela vai ser um estorvo!

Ele foi bastante incisivo, na voz e no olhar. O frio das advertências de Mrs. Fairfax e o desânimo das suas dúvidas se apossaram de mim. Minhas esperanças foram toldadas por alguma coisa irreal e incerta. Perdi um pouco do poder sobre ele. Estava a ponto de obedecê-lo maquinalmente, mas quando ele me ajudou a subir na carruagem olhou para o meu rosto.

- Qual é o problema? - perguntou. - Acabou-se toda a alegria. Deseja realmente que essa criança vá junto? Ficaré aborrecida se ela não for?

- Gostaria mais se ela fosse, senhor.

- Vá correndo buscar o seu chapéu, então! E volte rápido como um raio! - ele gritou para Adele.

Ela o obedeceu, tão rápido quanto pode.

- Afinal, uma única manhã interrompida não vai significar muita coisa - disse Mr. Rochester - quando estou perto de ter você - seus pensamentos, sua conversa, sua companhia - por toda a vida.

Assim que entrou Adele começou por beijar-me, para agradecer a minha intervenção, mas foi logo colocada num canto do outro lado, junto a ele. Depois ficou espiando o meu lugar. Aquele vizinho tão severo era uma restrição para ela. No humor em que ele estava, ela não ousava sussurrar um comentário ou pedir-lhe alguma informação.

- Deixe que ela se sente comigo – eu pedi – pois talvez o incomode, senhor. Há lugar bastante neste lado.

Ele passou-a para o outro lado como se fosse um cãozinho de colo. sorriso.

- Ainda a mando para a escola – ele disse, mas agora com um Adele ouviu-o e perguntou se iria mandá-la para a escola “sans

mademoiselle” – sem a senhorita.

- Sim – ele disse. – Absolutamente “sans mademoiselle”! Vou levar mademoiselle para a lua, e lá vou procurar uma caverna num dos vales nevados entre os topos dos vulcões, onde ela viverá comigo, e só comigo.

- Ela não vai ter nada para comer. O senhor vai matá-la de fome – observou Adele.

- Vou recolher maná para ela, dia e noite. As planícies e montanhas da lua estão cobertas de maná, Adele.

- Ela precisa se aquecer. Como vai conseguir fazer uma fogueira?

- O fogo sobe das montanhas lunares. Quando ela sentir frio vou levá-la para o alto de uma montanha e acomodá-la junto de uma cratera.

- Oh! Qu'elle y sera mal... peu comfortable ! [2] E as suas roupas vão acabar se estragando. Como ela vai conseguir roupas novas?

Mr. Rochester fingiu estar confuso.

- Hum! - ele disse. - O que você faria, Adele? Puxe pela cabeça para achar um expediente. Talvez uma nuvem branca ou rosa sirva para fazer um vestido, não acha? E dá para fazer um bonito xale de um pedaço de arco-íris.

- Ela está muito melhor como está agora - concluiu Adele, depois de pensar um pouco. - Além disso, ela vai ficar cansada de viver só com o senhor na lua. Se eu fosse mademoiselle, nunca concordaria em ir.

- Ela já concordou. Deu a sua palavra.

- Mas o senhor não pode levá-la para lá. Não há estrada para a lua. É só ar, e nem o senhor nem ela podem voar.

- Adele, olhe aqueles campos.

Estávamos agora fora dos portões de Thornfield, rodando suavemente na estrada macia que levava a Millcote. A poeira fora assentada pela tempestade e as baixas sebes e altas árvores de cada lado cintilavam verdes e frescas da chuva.

- Naquele campo, Adele, eu estava caminhando uma noite, faz uns quinze dias... na noite daquele dia em que você me ajudou a fazer feixes de feno no pomar. Como eu estava cansado de amarrar o feno, sentei-me para descansar numa escadinha. Peguei um lápis e um caderninho e comecei a escrever sobre a infelicidade que me persegue há tanto tempo e desejei que viessem dias mais felizes. Eu escrevia muito depressa, enquanto a tarde caía, quando alguma coisa veio pela estrada e parou a dois metros de mim. Olhei para aquilo. Era uma coisa pequenina com um véuzinho muito fino na cabeça. Pedi que a aparição se aproximasse e ela veio até junto de mim. Nunca falou comigo, nem eu

com ela, pelo menos em palavras. Mas li os seus olhos e ela leu os meus e nosso diálogo sem palavras foi assim:

- Ela me disse que era uma fada e vinha da Terra das Fadas. Sua missão era fazer-me feliz. Eu devia ir com ela para longe deste mundo comum até um lugar solitário – como a lua, por exemplo. Então ela apontou para o crescente, brilhando sobre a colina de Hay. Contou-me da caverna de alabastro e do vale de prata onde poderíamos viver. Eu disse que gostaria de ir, mas lembrei-a, como você fez comigo, que não tinha asas para voar.

- “Oh!” disse a fada “isso não tem importância! Eis aqui um talismã que removerá todas as dificuldades”. E puxou um belo

anel de ouro. “Ponha-o no quarto dedo da minha mão esquerda: então eu serei sua e você será meu. Deixaremos a terra e faremos nosso próprio céu naquele lugar.” E ela apontou de novo para a lua. O anel, Adele, está no meu bolso, sob o disfarce de uma moeda de ouro. Mas logo vou transformá-lo de novo em anel.

- Mas o que mademoiselle tem a ver com essa história? Não ligo para a fada. O senhor não disse que era mademoiselle que o senhor queria levar para a lua?

- Mademoiselle é uma fada – ele disse, sussurrando misteriosamente.

Então eu disse a Adele que não ligasse para os seus gracejos. Ela, por sua vez, manifestou um verdadeiro ceticismo francês. Disse que Mr. Rochester era “un vrai menteur” – um verdadeiro mentiroso. Assegurou-me que não fizera caso algum de seus “contes de fée” – contos de fadas, e disse-me que “além disso, as fadas não existem. E se existissem, tinha certeza que nunca apareceriam para ele, muito menos lhe dariam anéis ou se ofereceriam para viver com ele na lua.”

A hora que passamos em Millcote foi um tanto aflitiva para mim. Mr. Rochester obrigou-me a ir até uma loja de sedas e me ordenou que escolhesse meia dúzia de vestidos. Não gostei e implorei para que adiasse a compra. Não... teria que ser agora. Por meio de súplicas enérgicas, sussurradas ao seu ouvido,

consegui reduzir a meia dúzia a dois. Mas então ele jurou-me que esses seriam escolhidos por ele. Tomada de

ansiedade, observei seus olhos passearem pelos coloridos mostruários. Fixou-se numa rica seda num tom de ametista brilhante e num soberbo cetim cor-de-rosa. Numa nova série de cochichos, disse-lhe que podia até comprar-me um vestido de ouro e um chapéu de prata, que eu certamente não os usaria. Com enorme dificuldade, pois ele era teimoso como uma pedra, convenci-o a fazer uma troca por um sóbrio cetim preto e uma seda cinza-pérola.

- Por essa vez passa - ele disse. - Mas ainda hei de vê-la brilhando como um canteiro florido.

Fiquei feliz de arrastá-lo para fora da loja de sedas e depois para fora da joalheria: quanto mais ele me comprava coisas, mais as minhas faces queimavam numa sensação de contrariedade e humilhação. Quando voltamos para a carruagem e me sentei, febril e exausta, lembrei-me de algo que eu havia esquecido inteiramente, na sucessão de acontecimentos escuros e brilhantes: a carta do meu tio John Eyre para Mrs. Reed, e sua intenção de me adotar e fazer de mim sua herdeira.

“Seria um alívio” pensei “se eu tivesse alguma independência, mesmo que pequena. Nunca aceitarei ser vestida como uma boneca por Mr. Rochester, ou sentar-me como uma segunda

Danae, com uma chuva de ouro caindo diariamente sobre mim. Vou escrever para o meu tio na ilha da Madeira assim que chegar em casa, contando que vou me casar e com quem. Se eu tiver a perspectiva de um dia ser dotada com alguma fortuna, poderia suportar melhor ser mantida por ele no momento.”

Um tanto aliviada por essa ideia (que não deixei de executar naquele mesmo dia), aventurei-me a fitar novamente os olhos do meu patrão e meu amado, que buscavam os meus com persistência, pois eu desviara a face e o olhar. Ele sorriu. Achei que seu sorriso parecia o de um sultão que, num momento de adoração e felicidade, derrama sobre uma escrava seu ouro e suas pedras preciosas. Apertei-lhe vigorosamente a mão, que buscava a minha, e a devolvi vermelha pelo raivoso apertão.

- Não precisa me olhar desse modo! - eu disse. - Se o fizer, vou vestir apenas os meus uniformes de Lowood até o fim dessa história. Vou me casar com este vestidinho de algodão lilás. O senhor pode fazer um

roupão para si mesmo com a seda cinza-pérola, e uma série infinita de coletes com o cetim preto.

Ele deu um risinho e esfregou as mãos.

- Oh, não é maravilhoso vê-la e ouvi-la? - ele exclamou. - Ela não é mesmo original? Não é mesmo atrevida? Eu nunca trocaria esta garotinha inglesa por todo o serralho de Grão-

Turco, com seus olhos de gazela, suas formas exuberantes e tudo o mais!

A alusão ao oriente picou-me de novo.

- Eu não o suportaria nem por um minuto, num local como um serralho! - eu disse. - Portanto não me considere igual a uma escrava. Se procura algo desse gênero, senhor, vá sem demora a algum bazar de Tstambul e gaste numa grande compra de escravas esse dinheiro que parece tão disposto a gastar aqui!

- E o que fará, Jane, enquanto estou negociando tantas toneladas de carne e tal sortimento de olhos negros?

- Estarei me preparando para partir como missionária e pregar a liberdade para as escravas... entre elas as habitantes do seu harém. Arranjaria um modo de entrar lá e começaria um motim. E o senhor, como um fantástico paxá, acabaria acorrentado nas nossas mãos. Não consentiria em cortar suas amarras antes que assinasse uma carta de direitos, a mais liberal que um déspota jamais assinou!

- E eu concordaria em ficar à sua mercê, Jane.

- Não teria misericórdia, Mr. Rochester, se pedisse por ela com um olhar como este de agora. Enquanto me olhasse dessa maneira teria certeza que, não importa a carta de direitos que assinasse sob coação, seu primeiro ato, quando liberto, seria violar as suas condições.

- O que há com você, Jane? Receio que vá me obrigar a fazer uma cerimônia de casamento privada, além daquela que se realizará no altar. Vejo que exigirá coisas bem peculiares... Quais seriam elas?

- Quero apenas uma consciência tranquila, senhor, não oprimida por enormes favores. Lembra-se do que disse de Celine Varens? Sobre os diamantes e roupas finas que lhe deu? Não vou ser a sua Celine Varens

inglesa. Continuarei sendo a governanta de Adele: com isso ganharei meu sustento e meu teto, além de trinta libras por ano. Comprarei as minhas roupas com o meu próprio dinheiro, e o senhor não precisa me dar nada além... quitado.

- Além do quê, Jane?

- Do seu afeto. E se em troca eu lhe der o meu, o débito estará

- Bem, para esse descaramento tão frio e esse orgulho tão puro,

que nasceram com você, vejo que não tem igual! - ele disse.

Estávamos nos aproximando de Thornfield e, ao cruzamos os portões, Mr. Rochester indagou:

- Gostaria de jantar comigo esta noite?
- Não, obrigada, senhor.
- E por que responde “não, obrigada”, se é que posso perguntar?
- Nunca jantei com o senhor, e não vejo razão para fazê-lo agora, até que...
- Até que o quê? Você adora meias palavras...
- Até que eu não possa evitar.
- Então acha que me alimento como um ogro, ou como um ser grotesco, e tem medo de ser minha companheira no jantar?
- Não tenho opinião formada a esse respeito, senhor. Mas gostaria de continuar como estou durante mais um mês.
- Deve desistir de ser uma governanta, de uma vez por todas.
- De fato. Mas, perdoe-me, senhor: não vou desistir Quero continuar como antes. Ficarei longe do senhor durante todo o dia, como me acostumei a fazer. Pode chamar-me depois do jantar, se tiver disposição de me ver, e então irei. Mas não em outra hora.
- Preciso de um charuto, ou então de uma pitada de rapé, para me confortar de tudo isso. “Pour me donner une

contenance” – para aliviar o espírito – como diria Adele.

Infelizmente não tenho comigo nem a minha charuteira nem a caixinha de rapé. Mas escute... (sussurrando) Você

ganhou essa, pequena tirana, mas a próxima será minha. E quanto eu a tiver devidamente amarrada – na saúde e na doença – vou, para falar em sentido figurado, atá-la a uma corrente como esta (tocando a corrente do relógio). Sim, sua coisinha bonita, vou usá-la no meu bolso, para não perder a minha joia.

Mr. Rochester disse isso ao me ajudar a descer da carruagem. Enquanto fazia o mesmo com Adele, entrei na casa e retirei-me para o andar de cima.

À noite fui chamada pontualmente à sua presença. Eu havia preparado algo para que ele se ocupasse, pois não desejava passar o tempo todo numa conversa tête-à-tête. Lembrei-me da sua bela voz e sabia que ele gostava de cantar – os bons cantores geralmente gostam. Eu não era vocalista e, no seu exigente julgamento, nem sequer era musicista. Mas gostava de ouvir quando o desempenho era bom. Logo que o crepúsculo – essa hora romântica – começou a estender seu manto azul e estrelado sobre a casa, levantei-me, abri o piano, e supliquei-lhe que cantasse, pelo amor de Deus. Ele disse que eu era uma feiticeira caprichosa e que preferia cantar em outra ocasião.

Mas eu afirmei que nenhuma hora era melhor do que o momento presente.

- Gosta da minha voz? – ele perguntou.

- Muito.

Não me agradava adular aquela sua vaidade tão suscetível. Mas desta vez, por razões de conveniência, eu até mesmo a incensei e incentivei.

- Então, Jane, deve acompanhar-me ao piano.

- Muito bem, senhor, vou tentar.

Tentei, mas fui logo arrancada do banquinho e chamada de “pequena incompetente”. Puxando-me sem cerimônia para o lado – que era o que eu pretendia – ele tomou meu lugar e passou a fazer seu próprio acompanhamento. Tocava tão bem quanto cantava. Apressei-me a sentar no recesso junto à janela. E enquanto ficava ali olhando as árvores tranquilas e o jardim sombrio, o ar foi preenchido com os doces tons de uma melodia:

O verdadeiro amor que um coração sente queimar no seu íntimo

Corre em cada veia, em rápida explosão Como onda que enfim se derrama.

Tua chegada era a minha esperança Era meu terror tua partida
O acaso que atrasava os teus passos Era gelo a correr por
minhas veias.

Sonhava com a ventura indizível De amar e ser amado
E por essa felicidade procurei
Entregue à cegueira e ao desespero.

Mas entre as nossas duas vidas
A distância era ampla e intransitável E perigosa como as
espumas
Das verdes tempestades do mar.

E assombrado como a trilha de um ladrão Pelos desertos e
florestas
Pois o Poder e o Direito, a Desgraça e a Fúria
Espreitavam nossas almas.

Afrontei perigos, desdenhei obstáculos, Desafiei presságios
E transpus impetuosamente
O que fosse ameaça, interferência, aviso.

Meu arco-íris, rápido e fulgurante moveu-se E como num sonho,
voei

Glorioso ergueu-se à visão

O começo da Chuva e da Luz.

Ainda brilhante entre turvas nuvens Reluz, suave e solene, essa
alegria

Nem me importa agora, se são intensas e amargas As
desgraças que a noite traz.

Nada me importa nesse doce momento Embora o que
conquistei tenha perdido Amputado, forte e rápido
Proclamando uma vingança pungente.

Ainda que o soberbo Ódio em explosão Venha de mim acercar-
se

E o opressivo Poder, com seu furioso olhar Jure-me uma guerra
sem fim.

Meu amor pousou sua pequenina mão Na minha, com nobre
confiança

E jurou que o sagrado laço do matrimônio

Unirá nossos espíritos.

Meu amor jurou, selando com um beijo, Comigo viver, comigo morrer.

Tive afinal minha ventura indizível De ser amado... como amo.

Ele levantou-se e veio ao meu encontro. Vi seu rosto todo iluminado, seus olhos de falcão brilhando intensamente, e a ternura e a paixão em cada um dos seus traços. Por um momento cedi... e então me controlei. Não queria cenas de romance, nem demonstrações ousadas. E corria perigo de ambas as coisas. Devia preparar uma arma de defesa, e afiei a língua. Quando ele chegou junto a mim, perguntei-lhe asperamente:

- E com quem esse cantor pretende se casar?
- Esta é uma pergunta bem estranha para ser feita pela querida

Jane.

- Acha mesmo? Considero a pergunta muito natural e necessária:

ele fala da futura esposa morrendo com ele. O que significa essa ideia tão pagã? Não tenho a menor intenção de morrer com o senhor, pode contar com isso!

- Ah! Tudo o que ele desejava, tudo o que pedia, era que ela vivesse com ele! A morte não é para alguém como eu!

- Certamente. Tenho tanto direito de morrer quando chegar a minha hora, quanto o senhor também tem ao chegar a sua. Mas quero viver plenamente até esse momento, e não ser apressada como a viúva que se joga na pira funerária.

- Posso perdoar a ideia egoísta e provar o meu perdão com um beijo de reconciliação?

- Não. Peço que me perdoe.

Nesse ponto ele me taxou de “coraçãozinho de pedra” e acrescentou:

- Qualquer outra mulher derreteria até a medula, ao ouvir tais versos cantados em sua homenagem.

Assegurei-lhe que eu era dura por natureza, muito áspera, e que ele muitas vezes acharia isso. Também lhe disse que estava determinada a mostrar-lhe as diversas arestas do meu caráter, antes que se esgotassem aquelas quatro semanas. Ele devia saber bem que negócio tinha feito, enquanto ainda era tempo de desfazê-lo.

- Quer ficar calma e falar racionalmente?

- Ficarei quieta se me pedir. Quanto a falar racionalmente, acredito que estou fazendo isso agora.

Ele irritou-se, manifestou seu desprezo e ficou amuado.

“Muito bom” pensei. “Pode se irritar e ficar espumando o quanto quiser, mas esta é a melhor maneira de tratá-lo, tenho certeza. Amo-o mais do que posso dizer, mas não vou me envolver num melodrama. E com essas agulhadas engenhosas, eu o mantenho distante da beira do abismo também. Além disso, conservar essa distância entre nós dois só pode nos levar a vantagens mútuas.”

Um pouco aqui e ali, acabei por conduzi-lo à mais completa irritação. Então, quando ele se retirou indignado para o outro lado da sala, levantei-me dizendo da maneira mais natural e respeitosa:

- Desejo-lhe boa-noite, senhor. Escapei pela porta lateral e fui embora.

Este sistema, que começou assim, continuou durante todo o tempo do noivado. E com amplo sucesso. Ele se tornou aborrecido e irritável, mas, no geral, vi que se entretinha bastante. Uma disposição submissa de cordeiro, ou a suavidade de uma pomba, teriam satisfeito sua vontade e senso comum e até agradado mais ao seu gosto, mas encorajariam seu despotismo.

Na presença de outras pessoas eu era, como antes, respeitosa e quieta. Nenhuma outra linha de conduta seria adequada.

Apenas nos nossos encontros noturnos eu o afligia e o frustrava dessa maneira. Ele continuou a chamar-me pontualmente às sete da noite. Mas agora, quando eu aparecia diante dele, não usava mais os termos “amor” nem “querida”. As melhores palavras à minha disposição eram “bonequinha irritante”, “fada maliciosa”, “assombração” e “criança malcriada”. Em vez de carícias, eu agora recebia caretas. Por um aperto de mão, dava-me um beliscão no braço; por um beijo no rosto, um puxão de orelhas. Estava tudo bem: nesse momento eu preferia essas demonstrações violentas a algo mais terno. Percebi que Mrs. Fairfax aprovava a minha conduta: sua ansiedade em relação a mim desaparecera. Então tive certeza que agia bem. Nesse meio tempo, Mr. Rochester afirmava que eu o estava deixando

em pele e osso, e que tramava uma terrível vingança que teria lugar muito em breve. Ri interiormente das suas ameaças. E refleti: “Agora posso mantê-lo sob razoável controle. E não há dúvida de que sou capaz de fazê-lo no futuro: se um expediente perde a força, é preciso lançar mão de outro.”

Ainda assim, minha tarefa não era fácil. Muitas vezes eu preferia agradá-lo a irritá-lo. Meu futuro marido estava se tornando todo o meu mundo. Mais do que o meu mundo: minha visão do paraíso. Ele se interpunha entre mim e os meus princípios religiosos, como o eclipse se interpõe entre o homem

e a plenitude do sol. Naqueles dias, eu não podia ver Deus na sua criatura, pois havia feito dela um ídolo.

[1] Nome dado ao rei dos persas, Xerxes, na Bíblia hebraica do século XTX – Livro de Ester.

[2] Em francês no original: “Ela vai ficar muito mal, pouco confortável”

CAPÍTULO XXV

O mês de noivado logo passou, e suas últimas horas foram contadas uma a uma. Não havia como postergar aquele dia que se aproximava: o dia do casamento. Tudo estava pronto, nem eu tinha mais nada a fazer. Minhas bagagens estavam prontas, empacotadas, trancadas e amarradas, no corredor do meu pequeno quarto. Amanhã, a esta hora, estariam viajando para Londres, assim como eu... Ou melhor, não eu, mas Jane Rochester, uma pessoa que me era estranha. Faltava apenas pregar na bagagem os cartões de endereço. Estavam na gaveta, quatro pequenos quadrados. O próprio Mr. Rochester havia escrito o endereço em cada um: “Mrs. Rochester – Hotel... – Londres”. Eu não conseguira colocá-las, nem permitira que alguém o fizesse. Mrs. Rochester! Ela não existia: só nasceria na manhã seguinte, um pouco depois das oito horas. E antes de designar-lhe todas aquelas propriedades, iria esperar para ver se ela nascia com vida. Já era suficiente que, no guarda-roupa em frente à penteadeira, algumas roupas destinadas a ela houvessem substituído o meu antigo uniforme preto de Lowood e meu chapéu de palha. Pois não me pertenciam aqueles trajes de casamento: nem o vestido cor de pérola, nem o vaporoso véu que pendia do armário usurpado. Fechei-lhe a porta para esconder seu conteúdo estranho e espectral. Naquela hora da noite – nove horas – tinham um brilho ainda mais fantasmagórico nas sombras que envolviam o quarto. Pensei:

“Vou deixá-lo sozinho, sonho branco! Tenho febre. Ouço o vento rugindo, vou sair para senti-lo.”

Não fora apenas a agitação dos preparativos que me deixara febril. Nem a expectativa daquela grande mudança, a vida nova que devia começar no dia seguinte. As duas coisas tinham sua participação, sem dúvida, naquela intranquilidade e agitação que me impeliam em direção aos campos escuros numa hora tão tardia. Mas havia uma terceira causa, que influenciara o meu espírito mais do que as outras.

Havia no meu coração um estranho pressentimento. Acontecera algo que eu não conseguia compreender. Ninguém vira ou ouvira falar do acontecimento, a não ser eu mesma. Fora na noite passada, quando Mr. Rochester estava ausente. E ele ainda não retornara. Viajara a negócios para uma pequena propriedade que possuía a cerca de cinquenta quilômetros, constituída de duas ou três fazendas, e que exigiam sua presença antes que partisse para Londres. Eu estava esperando a sua volta, ansiosa para aliviar minha mente e obter dele a explicação para aquele enigma que me deixava perplexa. Espere até que ele volte, leitor, e então, quando eu revelar meu segredo a ele, você o conhecerá.

Procurei pelo pomar, conduzida pelo vento que durante todo o dia rugira fortemente, vindo do sul, sem contudo trazer uma gota de chuva. Ao invés de amainar enquanto a noite

avançava, parecia aumentar de intensidade e rugir ainda mais forte. As árvores se curvavam todas para um lado, sem conseguir endireitar-se, tão forte era a corrente que as empurrava para o norte. Enormes massas de nuvens se moviam rapidamente de um pólo a outro. Nem uma nesga de céu azul era visível nesse dia de julho.

Foi com certo prazer selvagem que corri contra o vento, despejando a inquietação da minha mente naquela corrente trovejante de ar que se dissipava no espaço. Descendo a alameda de loureiros, cheguei às ruínas do castanheiro. Ainda estavam de pé, negras e rachadas. O tronco, fendido ao meio, rangia de um modo medonho. As metades partidas não se separaram, pois a base firme e as raízes fortes as mantiveram unidas embaixo. Mas a vitalidade fora destruída: a seiva não mais podia fluir. Os ramos de cada lado estavam mortos, e na próxima tempestade de inverno cairiam no chão. Como estavam agora, entretanto, podia se dizer que formavam uma árvore - era uma ruína, mas uma ruína inteira.

“Fizestes bem de vos segurar um no outro” eu disse, como se os galhos mortos fossem entes vivos e pudessem me ouvir. “Acho que, mesmo feridos e queimados como estão, deve haver um pouco de vida em vós, vinda dessas honestas raízes em que estão presos... Nunca mais terão folhas, nunca mais verão os pássaros fazerem ninhos nem cantar idílios nos seus ramos. Acabou-se o tempo do prazer e do amor, mas não estais

tristes. Cada um de vós tem um companheiro para apoiá-lo na desventura.” Quando olhei para os galhos, a lua apareceu por alguns momentos naquela parte do céu que ficava acima deles. Seu disco era vermelho como sangue, e meio encoberto pelas nuvens. Pareceu lançar-me um olhar confuso e sombrio, e depois enterrou-se novamente na massa de nuvens. Por um instante, o vento diminuiu ao redor de Thornfield. Mais além, no entanto, sobre os bosques e as águas, derramava-se um lamento selvagem e melancólico. Era muito triste de ouvir, e fugi novamente.

Parei algumas vezes no pomar, juntando as maçãs que estavam espalhadas pela grama, ao redor das árvores. Comecei a separar as maduras das verdes. Levei-as para a casa e coloquei-as na despensa. Então fui até a biblioteca para ver se o fogo estava aceso, pois, mesmo sendo verão, sabia que num dia nublado como esse Mr. Rochester gostaria de ver um belo fogo quando retornasse. Sim, a lareira fora acesa e o fogo crepitava. Coloquei sua poltrona perto da lareira e arrastei a mesa para junto dela. Baixei a cortina e deixei os candeeiros prontos para serem acesos. Mais agitada do que antes, após ter completado esses arranjos, não conseguia sentar-me quieta, nem mesmo ficar na casa. Um pequeno relógio no cômodo e o velho carrilhão do saguão bateram simultaneamente as dez.

“Como está tarde!” pensei. “Vou até os portões. A lua cheia brilha de vez em quando, e posso ver um bom pedaço da

estrada. Ele deve estar vindo, e encontrá-lo lá vai me poupar alguns minutos de ansiedade.”

O vento uivava forte nas grandes árvores que ladeavam os portões. Mas a estrada, tanto quanto pude ver, à direita e à esquerda, estava deserta e solitária. Fora as sombras de nuvens que a cruzavam a intervalos, não se via nada além de uma longa e pálida faixa, sem uma forma que se movesse.

Uma lágrima pueril veio-me aos olhos: lágrima de impaciência e desapontamento. Envergonhada, enxuguei-a. Eu me demorava. A lua escondeu-se inteira no seu leito e baixou sua cortina de densas nuvens. A noite ficou mais escura e a chuva desabou intensa, açoitada pela ventania.

“Quem dera se ele viesse! Quem dera se ele viesse!” exclamei, tomada por presságios hipocondríacos. Esperava sua chegada desde a hora

do chá e já estava escuro. O que o estava detendo? Será que houvera algum acidente? O evento da noite passada veio novamente à minha lembrança. Tnterpretei-o como um aviso de desgraça. Temia que as minhas esperanças fossem brilhantes demais para se realizar. E que, tendo sido tão feliz ultimamente, minha felicidade já houvesse alcançado seu ponto culminante, e agora começasse a declinar.

“Bem, não posso voltar para a casa” pensei “Não posso nem sentar-me junto ao fogo, enquanto ele está lá fora com esse

tempo inclemente. Melhor cansar as pernas que angustiar o coração. Vou encontrá-lo lá na frente.”

Saí. Caminhava depressa, mas não fui longe. Não tinha andado nem quatrocentos metros quando ouvi o rumor de cascos. Um cavaleiro se aproximava, a pleno galope. Havia um cão ao seu lado. Meus maus pressentimentos se foram! Era ele: ali estava, montando Mesrour e acompanhado de Pilot. Ele me viu, pois a lua havia aberto um campo azul no céu e ali brilhava como cristal. Ele tirou o chapéu e agitou-o sobre a cabeça. Então corri ao seu encontro.

- Venha! - ele exclamou, enquanto esticava a mão e se inclinava na sela. - Não pode ir sem mim, é claro. Apoie o pé na minha bota e me dê as duas mãos. Monte!

Obedeci. A alegria me tornava ágil. Saltei para a sela. Recebi um caloroso beijo de boas vindas e orgulhosos elogios, que engoli tão bem como pude. Ele controlou a exultação para perguntar:

- Está havendo alguma coisa, Jane, para vir me encontrar a esta hora? Há algo errado?

- Não, mas me parecia que nunca mais ia voltar. Não consegui esperá-lo na casa, ainda mais com essa chuva e vento!

- Chuva e vento! É verdade! E você está molhada como um pinto. Embrulhe-se na minha capa. Acho que está febril, Jane!

Seu rosto e suas mãos estão queimando. Torno a perguntar: há algo errado?

- Agora não. Não estou mais com medo nem infeliz.
- Então já esteve sentindo as duas coisas?

- Bastante. Mas vou contar-lhe tudo aos poucos, senhor. E creio que vai apenas rir-se dos meus temores.
- Vou rir alegremente quando se passar o dia de amanhã. Até lá não ousarei fazê-lo. Meu prêmio ainda não está assegurado. E é você, Jane. Quem andou escorregadia como uma enguia no último mês, e tão espinhosa como uma rosa silvestre? Eu não podia tocar com o dedo em lugar algum que era logo picado. E agora parece que acolhi nos braços uma ovelhinha desgarrada. Você deixou o aprisco para sair em busca do seu pastor, não foi, Jane?
- Queria o senhor, mas não se envaideça. Chegamos a Thornfield, deixe-me apear.

Mr. Rochester pousou-me na calçada. Enquanto John pegava o cavalo e ele me seguia no vestíbulo, pediu-me que vestisse roupas secas e voltasse para encontrá-lo na biblioteca. Quando eu estava na escada, fez-me parar e prometer que não me demoraria. Não me demorei. Em cinco minutos voltei e encontrei-o ceando.

- Sente-se e faça-me companhia, Jane. Queira Deus que esta seja a penúltima refeição que fará em Thornfield, por um longo tempo.

Sentei-me junto a ele, mas disse-lhe que não conseguia comer.

- É porque tem uma longa viagem pela frente, Jane? É a perspectiva de ir a Londres que lhe tira o apetite?

- Não posso ver claramente minhas perspectivas esta noite, senhor. Mal sei dizer quais os pensamentos que tenho na mente. Tudo me parece tão irreal!

- Exceto eu, que sou bastante substancial. Toque-me!

- O senhor é o mais irreal de todos: é apenas um sonho.

Ele estendeu sua mão, rindo, e colocou-a diante dos meus olhos.

- Então, isto é um sonho? - disse.

Tinha uma mão maciça, musculosa e forte, assim como um braço longo e vigoroso.

- Sim, mesmo tangível, ainda é um sonho - eu disse, enquanto a afastava do meu rosto. - Já terminou de cear, senhor?

- Sim, Jane.

Toquei o sino e mandei que retirassem a bandeja. Quando ficamos de novo sozinhos, aticei o fogo e sentei-me numa banqueta aos pés do meu patrão.

- É quase meia-noite - eu disse.
- Sim, Jane. Mas lembre-se que prometeu velar comigo na véspera do meu casamento.
- Prometi. E vou manter a minha promessa, ao menos por uma ou duas horas. Não tenho vontade de me deitar agora.
- Já preparou tudo para a viagem?
- Sim.
- Da minha parte também está tudo pronto - ele respondeu.
- Já organizei tudo. Vamos deixar Thornfield amanhã, meia hora depois que voltarmos da igreja.
- Muito bem, senhor.
- Com que extraordinário sorriso você diz esse “muito bem”, Jane! Suas faces estão coradas e os olhos têm um brilho estranho! Você está bem?
- Acho que sim.
- Acha? Qual é o problema? Diga-me o que está sentindo.
- Não posso, senhor. Não há palavras para descrever o que sinto. Gostaria que essa hora nunca tivesse fim. Quem sabe o que nos reserva a hora seguinte?

- Tssso é hipocondria, Jane. Você está superexcitada, ou muito fatigada.
- E o senhor? Está calmo e feliz?
- Calmo? Não! Mas feliz, sim. De todo o coração.

Olhei-o, para ver os sinais dessa felicidade no seu rosto. Estava ardente e corado.

- Faça-me a sua confiança, Jane - ele disse. - Alivie a sua mente e divida esse peso comigo. Do que tem medo? Que eu não seja um bom marido?

- Essa é a última ideia que passa pela minha mente.

- Está preocupada com o novo círculo a que vai pertencer? Com a nova vida que a espera?

- Não.

- Você me confunde, Jane. O seu olhar e esse tom de pesarosa coragem me deixam perplexo e triste. Quero uma explicação.

- Então, escute, senhor. Esteve fora de casa a noite passada?

- Estive. Já sei. Você insinuou há pouco que aconteceu alguma coisa na minha ausência. Não deve ter sido nada de importância, mas em todo caso perturbou-a. Conte-me o que foi. Mrs. Fairfax disse alguma coisa, talvez? Ou você ouviu a

conversa dos criados? Seu amor-próprio, tão sensível, foi ferido de alguma forma?

- Não, senhor.

Soaram as doze horas. Esperei até que o pêndulo cessasse o seu bater vibrante e claro. Então, prossegui:

- Durante todo o dia de ontem estive muito atarefada e muito feliz com essa ocupação incessante. Não estou perturbada por nenhum temor a respeito do novo círculo a que vou pertencer, como o senhor pensa. Acho maravilhoso poder viver com o senhor, porque o amo. Não, não me acaricie agora, deixe-me terminar. Ontem eu confiava na Providência, e acreditava que os acontecimentos estavam trabalhando juntos para a minha felicidade e a sua. Deve lembrar-se que o dia estava bonito, e a beleza do ar e do céu me deixaram tranquila quanto à segurança e conforto da sua jornada. Caminhei um pouco pela calçada depois do chá, pensando no senhor. Sentia-o tão perto na minha imaginação, que mal dava pela falta da sua presença. Pensei na vida que estava diante de mim – a sua vida, senhor – uma vida mais aberta e mais movimentada do que a minha.

Como são as águas profundas do mar em que deságua o rio, comparadas ao canal estreito por onde ele corre. Pergunto-me por que os moralistas chamam esse mundo de vastidão sombria: para mim ele é florido como um jardim de rosas. Ao

pôr do sol, o tempo ficou nublado e frio. Então entrei. Sophie chamou-me para ver o meu vestido de noiva que acabara de chegar. E dentro da caixa achei o seu presente, aquele véu que o senhor, na sua extravagância principesca, mandou vir de Londres. Decerto para fazer-me aceitar alguma coisa mais cara, uma vez que rejeitei as joias. Sorri ao desembrulhá-lo, pensando em quanto iria importuná-lo por ter gostos tão aristocráticos, e por seus esforços em disfarçar a sua noiva plebeia nos atributos de uma fidalga. Pensei em como estaria abaixo do senhor o véu simples e sem rendas que eu havia preparado para cobrir minha cabeça humilde. Perguntei-me se não era bom o suficiente para uma mulher que não podia trazer ao marido nem fortuna, nem beleza, nem relações familiares. Vi claramente o seu olhar e ouvi suas respostas impetuosas e democráticas, sua orgulhosa negação da necessidade de aumentar sua fortuna ou elevar sua posição, casando-se com um dote ou uma fidalga.

- Como você me compreende bem, sua feiticeira! - interrompeu Mr. Rochester. - Mas o que foi que viu no véu além dos bordados? Havia veneno, ou uma adaga, a ponto de você parecer tão desolada?

- Não, não, senhor. Além da riqueza e delicadeza do tecido, só vi o orgulho dos Fairfax Rochester. Não me assustei com isso, pois já estou acostumada com a visão do diabo em pessoa. Mas, quando escureceu, o vento começou. Ventou muito a noite passada, não como está ventando agora, alto e

forte, mas com um som triste e lastimoso, longínquo e assustador. Desejei que estivesse em casa. Vim para esta sala, e a visão da cadeira vazia e da lareira sem fogo enregelou-me. Fui para a cama e, por algum tempo, não consegui adormecer. Estava angustiada, com uma sensação de ansiedade. A ventania parecia abafar um outro som mais baixo, como um lamento. Se era na casa ou fora dela, não pude distinguir a princípio – mas ele voltava, ainda mais triste, a cada trégua do vento. Afinal achei que era algum cão latindo à distância. Fiquei contente quando parou. Quando dormi, levei para os sonhos a imagem daquela noite escura e tempestuosa. Desejei estar com o senhor, e experimentei a estranha e pesarosa sensação de que havia uma barreira nos separando. Durante todo

o meu primeiro sono, seguia as curvas de uma estrada desconhecida. A escuridão me envolvia, a chuva fustigava-me. Eu carregava uma criança. Era uma criatura febril, muito pequena e fraca para andar, que tremia nos meus braços frios e chorava lamentosamente no meu ouvido. O senhor também ia por essa estrada, mas estava bem à minha frente. Apressei o passo para alcançá-lo, e fiz esforços e mais esforços para chamar seu nome e pedir-lhe que parasse. Mas os meus movimentos eram freados e minha voz morria inarticulada, enquanto o senhor se afastava cada vez mais.

- E ainda sente o pavor desses pesadelos, Jane, agora que estou ao seu lado? Minha pequena nervosa! Esqueça essas

desgraças imaginárias e pense apenas na felicidade real. Você disse que me ama, Jane. Sim... Não vou me esquecer disso. Nem você pode negá-lo. Essas palavras não morreram inarticuladas nos seus lábios. Eu as ouço claramente, um pouco solenes, talvez, mas doces como música: “Acho que é uma coisa abençoada ter a esperança de viver ao seu lado, Edward, porque o amo.” Você me ama, Jane? Repita isso.

- Amo, senhor. Amo com todo o meu coração.
- Bem - disse ele, depois de alguns minutos de silêncio - é estranho, mas essa sua frase penetrou dolorosamente no meu peito. Por quê? Acho que foi porque você disse isso com uma espécie de energia séria e religiosa, e porque o olhar que agora me dirige é de fato sublime em confiança, honestidade e dedicação. É como se um espírito estivesse perto de mim. Seja malvada, Jane, como sabe fazer tão bem! Dê um daqueles sorrisos irritantes, provocadores e desconfiados. Diga que me odeia, provoque-me, atormente-me. Faça qualquer coisa, mas não me deixe em paz. Prefiro sentir raiva a tristeza.
- Vou provocá-lo e importuná-lo até o fundo do coração, quando terminar de contar-lhe a minha história. Mas ouça até o fim.
- Pensei que tivesse contado tudo, Jane. Achei que o sonho tinha sido o motivo da sua melancolia.

Sacudi a cabeça negativamente.

- Quê? Tem mais, então? Mas não creio que seja algo importante.

Aviso-a, antecipadamente, que não acreditarei. Continue.

Sua aparência inquieta, e as maneiras um tanto apreensivas e impacientes, me surpreenderam. Continuei mesmo assim.

- Sonhei outra coisa, senhor: que Thornfield Hall era uma ruína sombria, refúgio de morcegos e corujas. Sonhei que, de toda a majestosa frente da casa, nada mais restava a não ser uma parede, bastante alta e parecendo muito frágil. Era uma noite de luar, e eu vagava nos cômodos cobertos de capim, tropeçando aqui e ali num mármore de lareira ou no fragmento de uma cornija caída. Ainda tinha nos braços a criança desconhecida, envolta num xale. Não podia largá-la em lugar nenhum, apesar dos meus braços estarem cansados. Mesmo que seu peso atrasasse a minha marcha, devia retê-la. Ouvi o galope de um cavalo na estrada, ao longe. Tinha certeza que era o senhor, que partia por muitos anos para um país muito distante. Galguei a parede com uma pressa frenética e perigosa, ansiosa por vê-lo ainda, lá do alto. As pedras rolavam sob os meus pés. Eu abria caminho por entre os ramos de hera, e a criança agarrava-se ao meu pescoço em desespero, quase me estrangulando. Por fim cheguei ao topo. Avistei-o como um ponto longínquo na estrada branca, tornando-se cada vez mais diminuto. O vento soprava tão forte que não pude manter-me de pé, e sentei-me na borda estreita. Aconcheguei ao peito a criança assustada. O senhor fez a volta na estrada e me inclinei

para a frente a fim de vê-lo pela última vez. A parede desmoronou. Fui sacudida, a criança rolou do meu colo, perdi o equilíbrio, caí e então acordei.

- Bem, Jane, isso foi tudo?

- Foi só o início, senhor. A história ainda está por vir.

Quando acordei, um brilho feriu meus olhos. Pensei que fosse o dia chegando. Mas estava enganada, era apenas a luz de um candeeiro. Achei que Sophie tinha entrado. A luz estava sobre a mesa, e a porta do armário, onde, antes de dormir eu pendurara meu vestido de noiva e o véu, estava aberta. Ouvi um barulho e perguntei: “Sophie, o que está fazendo?” Ninguém respondeu, mas um vulto surgiu. Pegou o candeeiro, levantou-o e examinou os trajes que estavam lá. “Sophie! Sophie!” gritei de novo, mas o silêncio continuou. Ergui-me na cama e inclinei-me. Primeiro fiquei surpresa,

depois a confusão tomou conta de mim, e então o sangue gelou-me nas veias. Mr. Rochester, aquilo não era Sophie, não era Leah, não era Mrs. Fairfax. Aquilo não era – tive certeza então, e ainda tenho – não era nem mesmo aquela estranha mulher, Grace Poole.

- Deve ter sido uma delas – interrompeu o meu patrão.

- Não, senhor, afirmo-lhe solenemente o contrário! A forma que estava diante de mim jamais cruzara a minha vista antes

no recinto de Thornfield Hall. A altura e as formas me eram estranhas.

- Descreva-a, Jane.

- Parecia uma mulher alta e grande, senhor, com cabelos grossos e negros caindo pelas costas. Não sei a roupa que vestia, mas era branca e justa. Se era um vestido, um lençol ou uma mortalha, não sei dizer.

- Viu o seu rosto?

- A princípio, não. Mas então ela pegou o meu véu. Segurou-o, olhou-o longamente, colocou-o na própria cabeça e voltou-se para o espelho. Nesse momento, vi distintamente as suas feições refletidas no cristal escuro.

- E como eram essas feições?

- Pareceram-me medonhas e terríveis! Oh, senhor, nunca vi um rosto como aquele! Era um rosto sem cor, selvagem. Quem dera se eu pudesse esquecer aqueles olhos injetados e o horrendo inchaço daqueles traços escuros!

- Os fantasmas costumam ser pálidos, Jane.

- Mas este era púrpura, senhor. Os lábios eram grossos e escuros. A testa enrugada, os cílios negros arqueados sobre os olhos injetados. Quer que lhe diga o que me fez lembrar?

- Diga.

- Lembrou-me o espectro alemão, o Vampiro.

- Ah! E o que ela fez?
- Senhor, ela retirou o véu da sua cabeça tenebrosa e partiu-o em dois. Então atirou-o no chão e pisou em cima.

- E depois?
- Depois afastou a cortina e olhou para fora. Talvez tenha visto que o dia se aproximava, pois pegou o candeeiro e se dirigiu à porta. Quando chegou perto da minha cama, parou: olhou-me furiosamente com aqueles olhos tenebrosos, puxou o candeeiro para perto do meu rosto e apagou-o na minha frente. Eu tinha consciência daquele rosto fúnebre flamejando sobre o meu, e perdi a consciência. Pela segunda vez na minha vida – apenas a segunda – o terror me imobilizou.
- Quem estava com você quando voltou a si?
- Ninguém, senhor, apenas a claridade do dia alto. Levantei-me, banhei o rosto e a cabeça, bebi um longo gole de água. Senti que, apesar de febril, não estava doente. Decidi que não contaria isso a ninguém, só ao senhor. Agora, Mr. Rochester, diga-me: quem ou o quê era aquela mulher?
- A criação de um cérebro superexcitado: isso é certo. Tenho que ter cuidado com você, meu tesouro. Nervos como os seus não são feitos para fortes sustos.
- acredite, senhor, meus nervos não falharam. A criatura era real, realmente houve aquele encontro.

- E seus outros sonhos, também eram reais? Thornfield Hall está em ruínas? Estou separado de você por algum obstáculo intransponível? Estou abandonando você sem uma lágrima, sem um beijo, sem uma palavra?

- Ainda não.

- E estou a ponto de fazê-lo? Mal amanheceu o dia em que nos uniremos para sempre! E depois que estivermos casados, esses terrores mentais não voltarão a ocorrer: eu lhe garanto.

- Terrores mentais, senhor! Gostaria de acreditar que são apenas isso. Desejo-o mais do que nunca, pois nem o senhor consegue explicar o mistério dessa horrível visitante.

- E se não posso fazê-lo, Jane, é porque deve ter sido imaginação.

- Bem, senhor, quando me levantei esta manhã disse isso a mim mesma. Ao olhar à volta do quarto, no entanto, pensando em ganhar

coragem e conforto com a aconchegante visão dos objetos conhecidos em plena luz do dia, vi ali no tapete aquilo que negava a minha hipótese: o véu, rasgado de alto a baixo.

Senti Mr. Rochester assustar-se e tremer. Apressadamente, me abraçou.

- Graças a Deus! – exclamou – Se alguma coisa de maligno

chegou perto de você na noite passada, foi só o véu que sofreu. Oh! Tmaginar o que podia ter acontecido!

Ele respirava apressado, e me apertava tanto contra si que eu mal podia respirar. Depois de alguns minutos de silêncio, continuou, carinhosamente:

- Bem, Jane, vou lhe explicar tudo isso. Metade foi sonho, metade realidade. Uma mulher entrou, de fato, no seu quarto. E essa mulher era... deve ter sido, Grace Poole. Você diz que ela é um ser estranho. Por tudo que sabe, tem razões para considerá-la assim. O que foi que ela fez a mim? O que foi que ela fez a Mason? Num estado entre o sono e a vigília, você notou que ela entrava e viu as suas ações. Mas, como estava febril, emprestou-lhe uma aparência estranha, diferente da que ela realmente tem. Os longos cabelos negros, a face escura e inchada, a estatura exagerada, foram produto da sua imaginação. Resultado do pesadelo. O maldoso rasgar do véu foi real, e é bem próprio dela. Sei que vai perguntar porque mantenho tal mulher na minha casa. Quando estivermos casados há um ano e um dia, eu lhe direi: mas não agora. Está satisfeita, Jane? Aceita a minha solução para o mistério?

Refleti e achei que aquela era a única explicação possível. Não estava satisfeita, mas, para agradá-lo, esforcei-me para parecer aliviada. E certamente me sentia mais confortada.

Respondi com um sorriso contente. E então, como já passara muito da uma hora, preparei-me para deixá-lo.

- Sophie está dormindo no quarto de Adele? – ele perguntou, enquanto eu acendia o candeeiro.
- Sim, senhor.
- Há lugar bastante na caminha de Adele para você, Jane. Deve dividir a cama com ela esta noite. Não é de estranhar que o incidente que

me relatou a tenha deixado nervosa, e prefiro que não durma sozinha. Prometa que irá para o quarto de Adele.

- Ficarei bastante feliz de fazer isso, senhor.
- E tranque a porta seguramente por dentro. Acorde Sophie quando subir, sob o pretexto de pedir-lhe que a chame bem cedo amanhã. É preciso que esteja vestida e tome o café da manhã antes das oito. E agora, chega de pensamentos sombrios. Mande para longe essas tristezas, Janet. Não ouviu que o vento está sussurrando suavemente? E a chuva não bate mais contra as vidraças? Olhe (levantou a cortina), está uma noite linda!

E estava mesmo. A metade do céu brilhava, límpida. As nuvens, agora agrupadas pelo vento, afastavam-se em longas colunas. A lua brilhava pacificamente.

- Bem – disse Mr. Rochester, olhando inquisitivamente para os meus olhos – como está a minha Jane agora?
- Serena como a noite.

- E não sonhe mais com separação ou tristeza esta noite, mas sim com o amor feliz e a união abençoada.

Essa predição se cumpriu apenas pela metade. Não tive nenhum sonho triste, mas tampouco tive algum sonho alegre, pois não dormi nem um minuto. Com a pequena Adele nos braços, fiquei observando o sono da infância - tranquilo, inocente, desapaixonado. Esperei pelo dia que nascia. Toda a minha vida estava alerta e vívida na minha mente. Logo que o dia raiou, levantei-me. Adele agarrou-se em mim quando tentei deixá-la. Beijei-a enquanto afastava suas mãozinhas do meu pescoço. Chorei emocionada, e deixei-a porque temi que meus soluços pudessem acordá-la de seu sono profundo. Ela parecia o símbolo da minha vida passada. E ele, a quem eu me preparava para encontrar, o temível e adorado emblema da minha desconhecida vida futura.

CAPÍTULO XXVI

Sophie chegou às sete para me vestir. Levou muito tempo para completar a tarefa, tanto que Mr. Rochester, impaciente com a minha demora, mandou perguntar porque eu não descia. Ela estava justamente prendendo o véu no meu cabelo com um broche (o véu simples e sem rendas, afinal de contas). Escapuli das suas mãos assim que pude.

- Espere! - ela gritou em francês. - Olhe-se no espelho! A senhorita ainda não deu nem uma olhadinha!

Voltei-me da porta, então. Vi uma figura de vestido longo e véu, tão diferente de mim mesma que parecia quase uma estranha.

- Jane! - chamou uma voz.

Desci apressada, e fui recebida ao pé da escada por Mr. Rochester.

- Vagarosa! - ele disse - Meus miolos estão queimando de impaciência e você demora tanto!

Levou-me para a sala de jantar, olhou-me cuidadosamente, e disse que eu era “bela como um lírio, e não apenas o orgulho da sua vida, mas o desejo dos seus olhos.” Então, concedeu-me exatos dez minutos para comer alguma coisa e tocou a sineta. Um dos criados que contratara recentemente, um lacaio, atendeu.

- John já aprontou a carruagem?

- Sim, senhor.
- Já desceram a bagagem?
- Estão descendo agora, senhor.
- Vá você mesmo até a igreja e veja se Mr. Wood (o pároco) e o sacristão estão lá. Volte e venha me dizer.

A igreja, como o leitor já sabe, ficava logo após os portões. O laçao voltou em seguida.

- Mr. Wood está na sacristia, colocando a sobrepeliz.
- E a carruagem?
- Os cavalos estão sendo atrelados.
- Não vamos precisar dela para ir até a igreja, mas deve estar pronta quando voltarmos. Todos os baús e bagagens arrumados e atados, e o cocheiro na boleia.
- Sim, senhor.
- Está pronta, Jane?

Levantei-me. Não havia criados, nem damas de honra, nem parentes para esperar por nós ou organizar a cerimônia. Apenas Mr. Rochester e eu. Mrs. Fairfax estava no vestíbulo quando passamos. Pararia de bom grado para falar com ela, mas minha mão foi segura por uma mão de aço. Fui levada pela estrada num passo tão rápido que mal podia acompanhar. Bastava olhar para Mr. Rochester para perceber que nenhum

minuto de atraso seria tolerado, sob pretexto algum. Duvido que tenha havido algum dia um noivo que se parecesse com ele: tão determinado nesse propósito, tão terrivelmente resoluto. Ou que, sob o cenho carregado, mostrasse um olhar tão ardente e brilhante.

Eu nem sabia se o dia estava bonito ou feio. Descendo pelo caminho, não olhava para o céu nem para a terra. Meu coração seguia os meus olhos, e estes estavam fixos na pessoa de Mr. Rochester. Queria ver aquela coisa invisível para a qual, enquanto descia, ele parecia lançar um olhar terrível e feroz. Queria saber quais eram os pensamentos cuja força ele parecia enfrentar e resistir.

No portão traseiro da igreja ele parou: descobriu que eu estava sem fôlego.

- Estou sendo cruel no meu amor? - ele disse. - Descanse um momento, Jane, apoie-se em mim.

E agora me recordo da imagem da velha e cinzenta casa de Deus, que se elevava tranquila diante de mim; de uma gralha voejando em torno do campanário; do róseo céu matinal mais ao longe. Lembro também da colina verdejante do cemitério, e das figuras de dois estranhos, perdidos

entre as sepulturas, lendo as inscrições nas poucas lápides cobertas de musgo. Reparei neles porque, quando nos viram, dirigiram-se aos fundos da igreja. Não tive dúvida de que iam

entrar pela porta lateral e assistir à cerimônia. Mr. Rochester não os viu: estava olhando fixamente para o meu rosto, de onde, decerto, o sangue fugira. Sentia a minha testa fresca, e a face e os lábios frios. Quando me recuperei, pouco depois, ele caminhou gentilmente comigo até o pórtico.

Entramos no templo humilde e silencioso. O padre, com sua sobrepeliz branca, esperava junto ao modesto altar, o sacristão ao lado. Tudo estava quieto, apenas duas sombras se moviam num canto remoto. Minha suposição estava correta: os estranhos haviam entrado antes, e agora se achavam junto ao jazigo dos Rochester, as costas voltadas para nós. Olhavam através das grades o velho túmulo de mármore patinado pelo tempo, onde um anjo ajoelhado guardava os restos mortais de Damer de Rochester, morto em Marston Moor no tempo das guerras civis, e de sua esposa Elizabeth.

Tomamos nosso lugar no banco. Ouvindo um passo cauteloso atrás de mim, olhei por sobre o ombro: um dos estranhos – um cavalheiro, evidentemente – avançava pela capela. A cerimônia começou. Terminado o sermão sobre o objetivo do matrimônio, o padre deu um passo à frente e, inclinando-se levemente para Mr. Rochester, prosseguiu:

- A culpa será vossa (pois tereis que responder no temível dia do Juízo Final, quando os segredos de todos os corações serão revelados), caso um dentre vós souber de algum impedimento para a realização deste matrimônio, e não falar agora. Pois saibam que a união feita em desacordo com a

palavra de Deus, não será abençoada por Deus, nem será um matrimônio legítimo.

Fez uma pausa, como manda o costume. Quantas vezes essa pausa foi quebrada por alguma réplica? Talvez nem uma vez em cem anos. E o padre, que não havia levantado os olhos do livro, apenas suspendera a respiração por um momento, ia prosseguir. Sua mão já estava estendida para Mr. Rochester e seus lábios se abriam para perguntar “Aceita esta mulher como sua legítima esposa?” quando uma voz distinta e próxima disse:

- O casamento não pode se realizar. Eu declaro a existência de um impedimento.

O padre levantou os olhos para o declarante e ficou mudo. O sacristão fez o mesmo. Mr. Rochester estremeceu, como se um terremoto houvesse rolado sob seus pés. Firmando-se outra vez, e sem mover a cabeça ou os olhos, disse:

- Prossiga.

Um profundo silêncio caiu quando ele pronunciou essa palavra, num tom grave e baixo. Então Mr. Wood disse:

- Não posso prosseguir sem fazer alguma investigação sobre o que foi declarado, e procurar indícios de sua verdade ou falsidade.

- A cerimônia está interrompida - acrescentou a voz atrás de nós.

- Tenho condições de provar o que alego. Existe um impedimento insuperável para este casamento.

Mr. Rochester ouviu, mas não prestou atenção. Continuou teimoso e rígido, sem fazer outro movimento além de agarrar a minha mão. Que garra forte ele tinha! E como parecia de mármore a sua frente pálida, firme e maciça! Como seus olhos brilhavam, vigilantes e ferozes!

Mr. Wood parecia perdido.

- Qual é a natureza do impedimento? – perguntou. – Talvez ele possa ser anulado... ou explicado.

- Dificilmente! – foi a resposta – Eu disse que era insuperável e falei com cautela.

O homem adiantou-se e se inclinou sobre o banco. Então continuou, pronunciando cada palavra de modo distinto, calmo e firme, mas não em tom alto.

- Consiste simplesmente na existência de um casamento anterior.

Mr. Rochester tem uma esposa que ainda vive.

Meus nervos tremeram ao ouvir estas palavras como nunca haviam tremido diante de uma tempestade. Meu sangue latejou com violência, como nunca antes diante do fogo ou do gelo.

Mas eu estava controlada, não corria o risco de desmaiar. Olhei para Mr. Rochester e

obriguei-o a olhar para mim. Seu rosto parecia de pedra, sem cor alguma. Seus olhos eram ao mesmo tempo faiscantes e duros. Não negou nada, mas parecia querer desafiar a tudo e a todos. Sem falar, sem sorrir, sem parecer mesmo ver em mim um ser humano, apenas segurou meu pulso e pregou-me ao seu lado.

- Quem é você? – perguntou ao intruso.
- Meu nome é Briggs, sou advogado em Londres.
- E está me imputando uma esposa?
- Apenas lembro-o da existência da sua esposa, senhor, que a lei reconhece, mesmo que o senhor não o faça.
- Faça o favor de me informar alguma coisa sobre ela: seu nome, sua família, sua residência.
- Certamente.

Calmamente, Mr. Briggs tirou um papel do bolso e leu com uma espécie de voz oficial e nasalada:

“Eu afirmo e posso provar que em 20 de outubro de... (uma data de quinze anos atrás), Edward Fairfax Rochester, de Thornfield Hall, no condado de..., e de Ferndean Manor, distrito de..., Inglaterra, casou-se com minha irmã, Bertha Antoinette Mason, filha de Jonas Mason, comerciante, e de Antoinette, sua esposa, uma crioula[1], na Igreja de..., Spanish Town, Jamaica. O registro do casamento poderá ser encontrado nos registros

dessa igreja, e uma cópia do mesmo acha-se agora em meu poder. Assinado, Richard Mason.”

- Este documento, se for legítimo, prova apenas que eu fui casado, mas não prova que a mulher mencionada como minha esposa esteja viva.

- Ela estava viva há três meses – retrucou o advogado.

- Como o senhor sabe?

- Tenho uma testemunha do fato, cujo testemunho dificilmente pode ser contestado, mesmo pelo senhor.

- Apresente-a, ou vá para o inferno!

- Primeiro vou apresentá-la, está à vista. Mr. Mason, tenha a bondade de aparecer.

Ao ouvir esse nome, Mr. Rochester rangeu os dentes.

Experimentou também um tipo de tremor convulsivo. Perto como estava, vi distintamente aquele movimento espasmódico de fúria e desespero sacudi-lo. O segundo estranho, que havia ficado ao fundo, agora se aproximava. Um rosto pálido espiou por sobre o ombro do advogado. Sim, era mesmo Mr. Mason. Mr. Rochester voltou-se e encarou-o. Seus olhos, como já disse, eram negros, mas agora tinham uma cor marrom avermelhada, ou melhor, um brilho raiado de sangue. Seu rosto ruborizara-se. As faces cor de oliva e a fronte pálida pareciam ter pegado fogo. Moveu-se, estendeu o poderoso braço – poderia ter

esmurrado Mason, atirando-o no chão da igreja, esmagando-o com um golpe brutal. Mas Mason esquivou-se e gritou fracamente:

- Oh, meu Deus!

O desprezo aplacou a ira de Mr. Rochester, sua cólera foi substituída pelo gelo. Apenas perguntou:

- O que você tem a dizer?

Os lábios lívidos de Mason articularam uma resposta inaudível.

- Vai haver o diabo, se você não responder com clareza.

Repito: o que você tem a dizer?

- Senhor, por favor... - interrompeu o padre - Não esqueça que está num lugar sagrado.

Então, dirigindo-se à Mason, perguntou gentilmente:

- O senhor tem conhecimento se a esposa deste cavalheiro está viva ou não?

- Coragem! - incitou o advogado. - Fale!

- Ela está em Thornfield Hall - disse Mason, numa voz mais clara - Eu a vi lá, no mês de abril passado. Sou irmão dela.

- Em Thornfield Hall! - exclamou o padre. - É impossível! Sou morador antigo desta região, senhor, e nunca ouvi falar de uma Mrs. Rochester em Thornfield Hall.

Vi um sorriso amargo contorcer os lábios de Mr. Rochester, e ele murmurou:

- Não, por Deus! Tomei cuidado para que ninguém soubesse disso, ou ouvisse falar dela sob esse nome.

Ele meditou. Durante dez minutos consultou a sua consciência.

Tomou uma resolução e anunciou-a:

- Basta! Tudo deve ser escancarado de uma vez, como a bala que sai da arma. Wood, feche o livro e tire a sobrepeliz. John Green (para o sacristão), pode ir embora, não haverá casamento hoje.

O homem obedeceu. Mr. Rochester continuou, com ousadia e sem medir consequências.

- Bigamia é uma palavra horrível! Pretendia, no entanto, tornar-me um bígamo. Mas o destino contrariou-me, ou a Providência me impediu... talvez a última. Sou pouco mais que um demônio neste momento. E também, como o meu pastor me diria, mereço o mais severo julgamento de Deus, e até mesmo o fogo perpétuo e a danação eterna. Senhores, meu plano foi descoberto: o que este advogado e o seu cliente estão dizendo é verdade. Eu fui casado, e a mulher com quem me casei ainda vive! Você diz que nunca ouviu falar de uma Mrs. Rochester na minha casa, Wood. Mas creio que mais de uma vez já apurou o ouvido para os falatórios a respeito de uma misteriosa lunática, mantida lá sob vigilância e guarda. Alguns devem ter-lhe dito que é a minha meia-irmã bastarda. Outros,

que é uma amante abandonada. Agora lhe digo que é minha esposa, com quem me casei há quinze anos, chamada Bertha Mason. Trmã deste resoluto personagem que agora, com o corpo trêmulo e as faces pálidas, está mostrando como deve agir um homem de coração enérgico. Ânimo, Dick! Não tenha medo de mim! Eu não bateria num covarde como você. Bertha Mason é louca, vem de uma família de loucos que produz maníacos e idiotas há três gerações! A mãe dela, a crioula, era louca e também bêbada, como vim a descobrir depois que casei com a filha... Eles guardaram silêncio sobre esses segredos de família. Bertha, como uma criança obediente, copiou a mãe em ambos os pontos. Tive uma companheira encantadora... pura, sensata, modesta. Podem imaginar como fui um homem feliz. Vi belos espetáculos! Minha experiência foi

paradisíaca, se apenas soubessem! Mas não quero cansá-los com longas explicações. Briggs, Wood, Mason, convido-os todos a irem até a casa e visitar a paciente de Mrs. Poole, a minha esposa! Verão com que espécie de ente fui ludibriado para me casar, e poderão julgar se eu tinha ou não o direito de quebrar o compromisso, e procurar um pouco de simpatia em algo que ao menos seja humano. Esta moça (ele continuou, olhando para mim), não sabia mais do que você, Wood, sobre este segredo horrível. Pensou que tudo estava certo e legal, e nunca sonhou que seria arrastada a um falso casamento com

um miserável impostor, já ligado a uma esposa má, embrutecida e louca! Venham todos, sigam-me!

Ainda me segurando firmemente, ele deixou a igreja. Os três cavalheiros nos seguiram. Na frente da casa encontramos a carruagem pronta.

- Leve-a de volta para a cocheira, John. Não vamos precisar dela hoje - disse Mr. Rochester friamente.

Quando entramos, Mrs. Fairfax, Adele, Sophie e Leah adiantaram-se para nos felicitar.

- Saiam do caminho... todas vocês! - gritou o patrão. - Fora com as suas congratulações! Quem precisa delas? Eu não!... Estão quinze anos atrasadas!

Passou por elas e subiu as escadas, ainda segurando a minha mão, e encorajando os cavalheiros a segui-lo. Eles obedeceram. Subimos o primeiro lance de escadas, atravessamos o corredor e nos dirigimos ao terceiro andar. Mr. Rochester abriu a porta preta e baixa com sua chave mestra e nos fez entrar no quarto das tapeçarias, com sua enorme cama e seu armário pintado.

- Você conhece este lugar, não é, Mason? - disse o nosso guia. - Foi aqui que ela mordeu e esfaqueou você.

Levantou a tapeçaria da parede e descobriu a segunda porta, que também abriu. Num quarto sem janelas, um fogo crepitava, protegido por um alto e forte guarda-fogo. Uma lâmpada ardia, suspensa do teto por uma corrente. Grace

Poole estava inclinada para o fogo, aparentemente cozinhando alguma coisa numa caçarola. No fundo do quarto, envolto nas

sombras, um vulto caminhava de um lado a outro. Se era uma fera ou um ser humano, não se poderia dizer à primeira vista. Rastejava, de quatro, saltando e rosnando como um estranho animal selvagem. Mas estava coberto com roupas, e uma massa de cabelos escuros e emaranhados, revoltos como uma juba, escondia-lhe a cabeça e a face.

- Bom-dia, Mrs. Poole. Como vai a senhora? E como está hoje o seu fardo?

- Tolerável, senhor, obrigada - respondeu Grace, colocando cuidadosamente a panela fumegante ao lado do fogão. - Está um pouco exaltada, mas não raivosa.

Um grito feroz pareceu desmentir essa informação favorável. A hiena vestida ergueu-se e pôs-se de pé sobre as patas de corça.

- Ah, senhor, ela o viu! É melhor que o senhor se vá agora! - exclamou Grace.

- Só alguns minutos, Grace. Conceda-me alguns minutos.

- Tome cuidado, senhor! Pelo amor de Deus, tome cuidado!

A maníaca urrou. Tirou os cabelos desgrenhados da cara e olhou selvagememente para os visitantes. Reconheci bem aquela face purpúrea, aquelas feições inchadas. Mrs. Poole avançou.

- Fique fora do caminho – disse Mr. Rochester, empurrando-a para o lado. – Acho que agora ela não tem uma faca, e estou em guarda.
- Nunca se sabe o que ela tem, senhor. É tão esperta! Não faz parte da compreensão humana entender suas artimanhas.
- É melhor deixá-la... – sussurrou Mason.
- Vá para o diabo! – foi a sugestão do cunhado.
- Cuidado! – gritou Grace.

Os três cavalheiros deram um passo para trás ao mesmo tempo. Mr. Rochester colocou seu corpo na minha frente. A lunática saltou e agarrou-lhe o pescoço cruelmente, cravando os dentes no seu rosto. Lutaram. Ela era uma mulher possante, quase da altura do marido, e mais corpulenta. Tinha uma força viril, mais de uma vez quase o sufocou,

atlético como ele era. Mr. Rochester poderia tê-la acertado com um soco potente, mas não queria bater, apenas imobilizá-la. Por fim conseguiu segurar-lhe os braços. Grace Poole deu-lhe uma corda e ele os amarrou. Com mais corda, que estava à mão, prendeu-a numa cadeira. A operação ocorreu sob os mais ferozes gritos e os empurrões mais convulsivos. Mr. Rochester, então, virou-se para os espectadores, e olhou-os com um sorriso ao mesmo tempo ácido e desolado.

- Tsto é a minha esposa - disse ele. - Esse é o único abraço conjugal que jamais terei. Essas são as palavras de carinho que confortam as minhas horas de repouso! E isto é o que eu desejei obter (descansando a mão no meu ombro), esta jovem, que se mantém tão grave e serena na boca do inferno, olhando, senhora de si, as investidas do demônio. Eu a queria como um contraste a esta ferocidade. Wood e Briggs, vejam a diferença! Comparem estes olhos claros com aquelas bolas vermelhas ali, este rosto com aquela máscara, esta forma com aquela massa. Então me julguem, padre do Evangelho e homem da Lei. E lembrem-se de que, pelo julgamento que fizerem, por ele serão julgados! Agora saiam. Preciso acalmar o meu tesouro.

Sáimos todos. Mr. Rochester ficou ainda por um momento, para dar algumas ordens a Grace Poole. O advogado dirigiu-se a mim, enquanto descia a escada.

- A senhorita está isenta de qualquer culpa - disse ele. - Seu tio ficará feliz de saber disso, se ele ainda estiver vivo quando Mr. Mason retornar para Madeira.

- Meu tio! Que é feito dele? O senhor o conhece?

- Mr. Mason o conhece. Mr. Eyre foi o correspondente da empresa dele em Funchal durante alguns anos. Quando seu tio recebeu a carta em que a senhorita comunicava a projetada união com Mr. Rochester, Mr. Mason por acaso estava com ele. Havia ido para Madeira a fim de recuperar a saúde em seu

caminho de volta à Jamaica. Mr. Eyre mencionou as notícias, pois sabia que o meu cliente conhecia um cavalheiro de nome Rochester. Mr. Mason, surpreso e aflito, como a senhorita bem pode imaginar, informou Mr. Eyre do verdadeiro estado das coisas. Seu tio, lamento dizer, está muito doente, acamado. Considerando a natureza da

sua doença - física - e o estado que já alcançou, não há mais esperanças de recuperação. Ele não podia, portanto, vir em pessoa à Inglaterra salvá-la dessa armadilha em que a senhorita ia cair. Implorou a Mr. Mason que tomasse medidas para impedir esse falso casamento. Ele buscou a minha assistência. Corri o mais que pude e agradeço não ter chegado tarde demais, como a senhorita também deve estar agradecida, sem dúvida. Se eu não estivesse intimamente convencido de que seu tio não estará mais vivo quando a senhorita chegar à Madeira, eu a aconselharia a acompanhar Mr. Mason na volta. Mas como as coisas estão, acho melhor que fique na Inglaterra, até que volte a ter notícias de ou sobre Mr. Eyre.

Voltou-se para Mr. Mason e perguntou:

- Há alguma outra coisa a fazer aqui?
- Não, não. Vamos embora - foi a ansiosa resposta.

E sem esperar para se despedir de Mr. Rochester, ambos saíram pela porta do vestibulo. O sacerdote ficou para trocar

algumas palavras de censura ou advertência com seu soberbo paroquiano. Feito isso, também partiu.

Ouvi-o sair, enquanto estava junto à porta semiaberta do meu quarto, para onde me retirara. Com a casa deserta entrei no quarto, tranquei-me por dentro, para que ninguém me perturbasse e comecei – não a chorar e lamentar, estava muito calma para isso – mas a despir maquinalmente meu vestido de noiva e colocar o vestido caseiro que usara na véspera, pensando que o fazia pela última vez. Sentei-me: estava fraca e cansada. Cruzei os braços sobre a mesa e deitei a cabeça sobre eles. Então, pensei: até aqui havia apenas ouvido, visto, me movido para cima ou para baixo, conforme era conduzida ou arrastada – e visto um acontecimento depois do outro, uma revelação depois da outra. Mas, agora, eu pensava.

A manhã fora bastante calma, com exceção da breve cena com a louca. O incidente na igreja não fora barulhento. Não houvera explosão de cólera, nem altercação em voz alta, nem disputa, nem desafio, nem lágrimas ou soluços. Algumas palavras foram pronunciadas, uma objeção ao casamento fora calmamente proferida, algumas perguntas curtas e sérias colocadas por Mr. Rochester. Dadas as respostas e explicações,

adicionou-se uma evidência, e uma sincera confissão da verdade foi feita pelo meu patrão. Então apresentou-se a prova viva, os intrusos se retiraram, e tudo terminou.

Eu estava em meu próprio quarto como sempre – apenas eu, sem nenhuma mudança aparente. Não fora golpeada, nem ferida, nem mutilada. Mesmo assim, o que fora feito da Jane Eyre de ontem? Da sua vida? Dos seus planos?

Jane Eyre, que fora uma ardente e esperançosa mulher – quase uma esposa – era de novo uma moça fria e solitária. Sua vida era apagada, suas perspectivas desoladas. Um Natal gelado chegara no meio do verão; uma tempestade de neve típica de dezembro desabara no meio de junho. A neve congelara as maçãs maduras, as chuvas devastaram as rosas em botão; os campos de feno e os milharais cobriram-se de uma capa de gelo; as alamedas que ontem estavam coloridas de flores, hoje se estendiam intransitáveis com a neve acumulada; os bosques, que há doze horas ondulavam cobertos de folhagem como as alamedas tropicais, agora se espalhavam tristes, selvagens e brancos, como as florestas de pinheiros no inverno da Noruega. Minhas esperanças estavam todas mortas, golpeadas por uma sutil maldição, como aquela que numa noite caiu sobre todos os recém-nascidos do Egito. Revi os meus sonhos dourados, ontem tão viçosos e brilhantes, e que hoje jaziam completamente frios, lívidos como cadáveres que nunca poderiam ressuscitar. Revi o meu amor: aquele sentimento que pertencia ao meu patrão, criado por ele. Agora estremecia no meu coração, como uma criança tiritando num berço frio. Fora atingido pela doença e pela angústia; não poderia mais procurar alívio nos braços de Mr. Rochester, nem aquecer-se

no seu peito. Oh, esse sentimento jamais poderia voltar para ele! A fé fora abalada, a confiança destruída! Mr. Rochester não era mais para mim o que tinha sido, pois não era quem eu pensava que fosse. Não lançaria sobre ele a acusação de maldade, não diria que ele me traiu, mas o atributo da verdade inquebrantável não estava mais ligado a ele. Devia sair de perto dele. Isso eu percebia claramente. Quando, como e para onde, não saberia dizer. Mas ele mesmo, com certeza, me apressaria para sair de Thornfield. Pareceu-me que nunca tivera uma afeição sincera por mim. Fora apenas uma paixão momentânea, que se acabara. Ele não me queria mais. Eu devia ter medo até de cruzar o

seu caminho: minha presença devia ser odiosa para ele. Oh, como fora cega! Como tinha sido fraca!

Meus olhos estavam cobertos e fechados: um redemoinho escuro parecia girar ao meu redor, e as reflexões vinham à minha mente numa torrente confusa. Abandonada a mim mesma, sem forças, eu me sentia depositada à margem seca de um grande rio. Ouvia uma correnteza nas montanhas distantes, sentia a água descendo, mas não tinha vontade de levantar-me nem forças para correr. Jazia fraca, desejando estar morta. Apenas uma ideia parecia viva dentro de mim: a lembrança de Deus. Foi ela que me inspirou uma prece muda. As palavras vagavam para cima e para baixo na minha mente sem luz, como algo que eu devesse murmurar, mas não

encontrei energia para dizê-las “Não te afastes de mim, pois a provação está perto. Não tenho nenhuma ajuda.”

Sim, a provação estava perto. E como eu não houvesse dirigido nenhuma prece aos céus para evitá-la – não tivesse juntado as mãos, nem me ajoelhado, nem movido os lábios – ela chegou. A correnteza me atingiu como uma onda gigante. Toda a consciência da minha vida destruída, do meu amor perdido, da minha esperança aniquilada, da minha fé apunhalada de morte, elevou-se completa e poderosa sobre mim, como uma massa sombria. Essa hora amarga não pode ser descrita. Na verdade, “as águas invadiram minha alma; caí no turbilhão; não conseguia levantar-me; mergulhei nas águas profundas; o dilúvio submergiu-me.”

[1] Pessoa de raça branca nascida nas colônias espanholas, no caso a Jamaica.

C A P Í T U L O XXVII

Em algum momento naquela tarde, levantei a cabeça. Olhando ao redor, e vendo o sol poente dourando na parede os sinais do ocaso, perguntei:

“Que devo fazer?”

Mas a resposta que a minha mente deu – “deixe Thornfield imediatamente” – foi tão pronta, tão terrível, que tapei os ouvidos. Disse que não toleraria tais palavras nesse momento. Aleguei:

“Que eu não seja mais a noiva de Edward Rochester é o menor dos meus males. Que eu tenha despertado para ver que os meus sonhos mais gloriosos eram todos vazios e inúteis, é um horror que posso suportar e dominar. Mas que eu tenha de deixá-lo tão decididamente, instantaneamente, inteiramente, é intolerável. Não posso fazer isso.”

Então uma voz dentro de mim declarou que eu podia fazê-lo, e profetizou que eu o faria. Lutei contra a minha própria resolução. Desejei ser fraca para evitar o terrível sofrimento que eu sabia que me fora reservado. E a Consciência, transformada em tirana, estrangulou a Paixão e disse-lhe de forma insultante que ela já havia afundado os delicados pés na lama, e jurou que, com esse braço de ferro, iria empurrá-la para as insondáveis profundezas da agonia.

“Deixe-me sair” gritei. “Permita que alguém me ajude!”

“Não, você mesma deve sair! Ninguém pode ajudá-la. Arranque você mesma o seu olho direito! Corte você mesma a sua mão direita! Seu coração deve ser sacrificado, e você será a sacerdotisa que o matará!”

Levantei-me de súbito, aterrorizada pela solidão em que fora proferido tão cruel julgamento, pelo silêncio em que soara aquela voz tão terrível. Quando fiquei de pé, minha cabeça tonteou. Percebi que estava esgotada, pela excitação e pela fome. Nenhum alimento ou bebida havia tocado meus lábios nesse dia, pois nem tomara o café da manhã. E com

um estranho sobressalto, eu agora me dava conta que, embora tivesse ficado ali o dia inteiro, não viera nenhuma mensagem para saber como eu estava, nem para me convidar a descer. Nem mesmo a pequena Adele viera bater à minha porta, nem Mrs. Fairfax me procurara. “Os amigos sempre esquecem daqueles a quem a fortuna abandona” murmurei, enquanto destrancava a porta e saía. Deparei-me com um obstáculo: minha cabeça ainda estava tonta, minha vista turva e minhas pernas enfraquecidas. Não pude me manter de pé. Caí, mas não cheguei ao chão: um braço estendido segurou-me... fui amparada por Mr. Rochester, que sentava-se numa cadeira em frente à porta do meu quarto.

- Finalmente você saiu - ele disse. - Estou aqui há longo tempo, esperando e escutando, embora não tenha ouvido nem um movimento nem um soluço. Mais cinco minutos desse silêncio de morte e eu teria forçado a fechadura como um ladrão. Então está me evitando? Você se trancou e sofreu sozinha! Preferia que tivesse vindo me censurar com veemência. Você é passional, esperei uma cena qualquer. Preparei-me para uma torrente de lágrimas, pedia apenas que fossem derramadas no meu peito. Mas foi o piso frio que as recebeu ou o seu lenço ensopado. Mas estou enganado: você nem chegou a chorar! Vejo uma face pálida e uns olhos turvos, mas nenhum sinal de lágrimas. Devo supor que seu coração esteve chorando sangue?

- Bem, Jane! Nem uma palavra de censura? Nenhuma palavra amarga, nem ferina? Nada que acabe com um sentimento ou aguilhoie uma paixão? Senta-se quieta onde a deixei, e me olha com um olhar cansado e passivo.

- Jane, nunca pretendi feri-la dessa forma. Um homem que tivesse apenas uma ovelhinha, que fosse querida para ele como uma filha, que comesse do seu pão e bebesse da sua taça, que descansasse junto ao seu peito - se esse homem, por acaso, a abatesse na confusão, não se arrependeria do seu terrível engano mais do que eu me arrependo do meu. Será que algum dia poderá me perdoar?

Creia, leitor, eu o perdoei naquele momento, ali mesmo. Havia um remorso tão profundo nos seus olhos, uma piedade tão

verdadeira no seu tom de voz, uma energia tão viril nos seus modos e, mais do que tudo,

havia um amor tão imutável no seu olhar e semblante, que eu lhe perdoei tudo. Não em palavras, não exteriormente, apenas no fundo do meu coração.

- Você me acha um canalha, Jane? - perguntou ele, ansiosamente. Tntrigava-o, decerto, o meu profundo silêncio e docilidade, que era mais o resultado da minha fraqueza do que uma atitude deliberada.

- Acho, senhor.

- Então me diga, de forma rude e sincera. Não me poupe.

- Não posso. Estou cansada e fraca, quero um pouco de água.

Mr. Rochester me lançou um olhar estremeado e, tomando-me nos braços, carregou-me para baixo. No início não vi em que sala estávamos. Tudo era escuridão para o meu olhar turvo. Então senti o calor reconfortante de uma lareira, pois, mesmo sendo verão, eu ficara gelada dentro do meu quarto. Ele derramou algumas gotas de vinho nos meus lábios. Provei-o e me senti reanimada. Comi alguma coisa que ele me ofereceu, e logo estava de novo dona de mim. Achava-me na biblioteca - sentada na cadeira dele - e Mr. Rochester estava bem perto.

“Se eu pudesse morrer agora, sem uma dor muito profunda, seria o melhor para mim” pensei. “Então não precisaria fazer o esforço de quebrar as fibras do meu coração para arrancá-las do coração dele. Devo deixá-lo, parece. Mas não quero deixá-lo, não posso deixá-lo...”

- Como está se sentindo, Jane?
- Muito melhor, senhor, logo estarei bem.
- Tome um pouquinho mais de vinho.

Obedeci. Ele colocou a taça na mesa, parou diante de mim e estudou-me atentamente. De repente virou-se, com uma exclamação inarticulada, cheia de emoção. Caminhou depressa pelo cômodo e voltou. Parou junto a mim, como se fosse me beijar. Lembrei-me de que as carícias estavam agora proibidas. Virei meu rosto e afastei o dele.

- Quê! O que é isso? – ele exclamou, ríspidamente. – Oh! Já entendi! Você não quer beijar o marido de Bertha Mason! Acha que meus braços estão ocupados e meus abraços já têm dona?
- De qualquer modo, neles não há lugar para mim, nem de fato nem de direito, senhor.
- Por que, Jane? Vou poupar-lhe o trabalho de falar muito. Vou responder por você. Porque eu já tenho uma esposa, é o que você diria... Adivinhei corretamente?
- Sim.

- Se pensa assim, deve ter uma estranha opinião a meu respeito. Deve me ver como um conspirador libertino... Um canalha vil e ordinário que fingiu um amor desinteressado com o fim de arrastá-la deliberadamente para uma armadilha, e tirar-lhe a honra e roubar-lhe o respeito próprio. O que diz a isso? Vejo que não diz nada. Em primeiro lugar por que ainda está fraca e precisa recuperar o fôlego. Segundo, porque ainda não se acostumou a me acusar e a me injuriar. Além disso, as comportas das lágrimas ainda estão abertas, e podem transbordar se você falar muito. Você não deseja me admoestar, me censurar, fazer uma cena. Está pensando em como deve agir. Quanto a falar, acha que não é de muita utilidade. Eu conheço você – estou atento.

- Não desejo agir contra o senhor – eu disse.

A instabilidade da minha voz levou-me a encurtar a frase.

- Não no modo como você entende essa palavra. Mas no meu modo de entender, está se preparando para me destruir. É como se dissesse que eu sou um homem casado. E como homem casado você me evitará, sairá do meu caminho. Acabou de recusar o meu beijo. Pretende tornar-se uma estranha para mim, viver sob este teto apenas como a governanta de Adele. E se eu ousar lhe dizer uma palavra amiga, se acaso um sentimento amigável incliná-la novamente para mim, você dirá “este homem quase me fez sua amante; devo ser fria e dura como pedra para com ele”. E fria e dura como pedra você se tornará.

Cuidei para que minha voz saísse firme e clara, quando respondi:

- Tudo mudou na minha vida, senhor. Eu devo mudar também. Não há a menor dúvida disso. E para evitar as flutuações de sentimentos e a luta contínua com lembranças e recordações, só há um caminho: Adele deve ter uma nova governanta, senhor.

- Oh! Adele irá para a escola! Já acertei isso. Nem pretendo atormentá-la com as abomináveis lembranças e recordações de Thornfield Hall – esse lugar amaldiçoado, essa tenda de Achan – esse túmulo insolente, que oferece o terror da morte-em-vida em plena luz do dia, esse estreito inferno de pedra com um demônio de verdade, pior do que uma legião inteira daqueles demônios que imaginamos. Jane, você não gostaria de ficar aqui. Nem eu. Errei até mesmo em trazê-la a Thornfield Hall, sabendo como esse lugar é assombrado. Antes mesmo de conhecê-la, mandei que lhe escondessem tudo que se referisse à maldição desta casa. Fiz isso porque achei que Adele jamais teria uma governanta que residisse aqui, se soubesse com que tipo de hóspede ia coabitar. Meus planos não me permitiam remover a maníaca para outro lugar, embora eu possua outra velha casa, Ferndean Manor, ainda mais retirada e escondida do que esta, onde poderia alojá-la com bastante segurança. Porém tive escrúpulos, achei que o local era insalubre, no meio de uma floresta, e desisti da ideia. Provavelmente aquelas

paredes úmidas ajudariam a livrar-me mais cedo da minha carga, mas a cada vilão a sua vilania: a minha não é o assassinato indireto, nem mesmo de quem eu mais odeio.

- Esconder de você a vizinhança dessa mulher demente, entretanto, era o mesmo que cobrir uma criança com uma capa e colocá-la sob uma árvore venenosa. Essa vizinhança com o demônio é venenosa e sempre foi. Mas vou fechar Thornfield Hall. Vou pregar a porta da frente e fechar com tábuas as janelas mais baixas. Darei a Mrs. Poole duzentas libras por ano para viver aqui com a minha esposa, como você chama essa bruxa medonha. Grace fará qualquer coisa pelo dinheiro, e poderá trazer o filho, que é guarda em Grimsby Retreat, para lhe fazer companhia e ajudá-la nos ataques, quando minha esposa se dispõe a queimar pessoas nas suas camas à noite, ou esfaqueá-las, ou morder-lhes a carne até o osso, e assim por diante...

- Senhor - eu o interrompi - está sendo implacável com essa pessoa tão infeliz. Fala dela com ódio, com uma antipatia vingativa. Isso é cruel... ela não tem culpa de ser louca.

- Jane, minha menina querida (chamo-a assim porque assim você é), não sabe do que está falando. Está me julgando mal novamente: não é por ser louca que eu a odeio. Se você fosse louca, acha que a odiaria?

- Acho, senhor.

- Então está enganada, não me conhece, nem sabe o tipo de amor de que sou capaz. Cada átomo da sua própria carne me é tão querido como a minha própria. No sofrimento e na doença, ainda assim seria querida para mim. Sua mente é o meu tesouro, e se falhasse, ainda assim seria o meu tesouro. Se ficasse enfurecida, seria confinada aos meus braços e não a uma apertada camisa de força. Se me agarrasse, mesmo em fúria, isso ainda teria encanto para mim. Se me atacasse selvagememente, como essa mulher fez esta manhã, eu a receberia com um abraço, pelo menos tão amoroso quanto restritivo. Não me encolheria de desgosto com você como faço com ela. Nos seus momentos de calma não teria outro enfermeiro e acompanhante que não fosse eu. E me inclinaria sobre você com infatigável ternura, mesmo que não recebesse nem um sorriso. E nunca me cansaria de olhá-la nos olhos, ainda que não houvesse mais neles um brilho de reconhecimento. Mas por que enveredei por esse caminho? Eu estava falando de tirar você de Thornfield. Tudo está pronto para a partida, pode ir amanhã mesmo. Só lhe peço que suporte mais uma noite sob este teto, Jane. E então poderá dar adeus às suas misérias e terrores para sempre! Eu também tenho um lugar para onde me retirar. Um lugar que será um santuário seguro contra as lembranças odiosas, as intrusões indesejadas, e até contra a falsidade e a calúnia.

- Leve Adele com o senhor - eu interrompi - ela lhe fará companhia.

- O que quer dizer, Jane? Já lhe disse que vou mandar Adele para a escola. E o que eu poderia querer com uma criança como companhia? Uma criança que nem é minha filha, mas a bastarda de uma dançarina francesa? Por que me importuna a respeito dela? Por que me empurra Adele como companhia?

- O senhor fala em retiro, e o retiro e a solidão são tristes, muito tristes para o senhor!

- Solidão! Solidão! - ele respondeu, irritado. - Vejo que preciso dar-lhe maiores explicações. Não sei que tipo de expressão misteriosa é essa que está se formando em seu rosto. Você vai partilhar da minha solidão! Compreende?

Sacudi a cabeça em negativa. Era preciso coragem até para fazer tal sinal de discordância, pela maneira como ele estava nervoso. Mr. Rochester caminhava em volta da sala, e então parou, como se de repente ficasse preso ao chão. Olhou-me com dureza, por longo tempo. Desviei os olhos dele, fixei-os no fogo, e tentei assumir e manter uma postura calma e composta.

- Agora tropecei no caráter de Jane - ele disse por fim, falando mais calmamente do que eu poderia supor pela sua expressão. - O carretel de seda correu suavemente até aqui, mas eu sempre soube que em algum ponto chegaria um nó: aí está ele. E vem a irritação, a exasperação, o aborrecimento

sem fim! Por Deus! Eu gostaria de usar um fragmento da força de Sansão e levar esse emaranhado a reboque!

Recomeçou a andar, mas logo parou de novo, desta vez diante de mim. Inclinou-se e aproximou os lábios do meu ouvido.

- Jane! Quer ouvir a voz da razão? Se não o fizer, vou apelar para a violência.

Tinha a voz rouca e o olhar de um homem que estava a ponto de romper todas as amarras e mergulhar precipitadamente num desatino selvagem. Percebi que, dentro de mais um minuto, com outro ímpeto de fúria daqueles, eu não seria mais capaz de contê-lo. O presente... o segundo de tempo que passava... era tudo que eu tinha para controlá-lo e refrear seus ímpetos. Um movimento de repulsa, de fuga, de medo, teria selado a minha maldição... e a dele. Mas eu não tinha medo, nem um pouco. Senti uma força interior, uma sensação de poder que me amparou. A crise era perigosa, mas não deixava de ter o seu encanto: como o índio que desliza rapidamente pelas corredeiras na sua canoa, talvez. Tomei-lhe a mão fechada, afrouxei-lhe os dedos contraídos, e disse-lhe suavemente:

- Sente-se. Vou conversar com o senhor por quanto tempo quiser, e ouvirei tudo o que tem a dizer, seja razoável ou absurdo.

Ele sentou-se. Mas não teve licença para falar imediatamente. Eu estivera lutando com as lágrimas por algum tempo, e fizera

um grande esforço para reprimi-las, pois sabia que Mr. Rochester não gostaria de me ver chorar. Agora, porém, achei melhor deixá-las fluir livremente, pelo

tempo que desejassem. Se o choro o irritasse, tanto melhor. Então cedi e chorei sentidamente.

Ele logo pediu, em tom sério, que eu me controlasse. Disse-lhe que isso não seria possível enquanto ele estivesse tão zangado.

- Mas eu não estou zangado, Jane. Apenas a amo demais, e você pôs nesse rostinho pálido um olhar tão frio e resolutivo que não pude suportar. Fique calma, agora, e enxugue os olhos.

A voz suave mostrou que ele fora subjugado. E eu, por minha vez, me tranquilizei. Mr. Rochester fez um esforço para descansar a cabeça no meu ombro, mas não permiti. Tentou me abraçar. Não deixei.

- Jane! Jane! - disse ele, num tom de voz tão amargo e triste que fez tremer todos os meus nervos. - Não me ama, então? Era apenas a minha posição e a situação social de esposa que desejava? Agora que me viu sem condições de me tornar seu marido, recusa meus carinhos como se eu fosse um sapo ou um macaco?

Essas palavras me feriram. Mas o que poderia fazer ou dizer? Provavelmente seria melhor não dizer nem fazer nada. Mas estava tão torturada pelo remorso de ter ferido os sentimentos

dele, que não controlei o impulso de derramar um pouco de bálsamo nas feridas que causara.

- Eu o amo de verdade, mais do que nunca - disse - mas não posso me permitir esse sentimento, nem ostentá-lo. Esta é a última vez que digo isso.

- A última vez, Jane? Como? Então acha que pode viver comigo, ver-me todos os dias e ainda assim - se continuar a me amar - conservar- se sempre fria e distante?

- Não, senhor. Estou certa de que não poderia fazê-lo. Por isso vejo apenas um caminho, mas o senhor ficaria furioso se eu o mencionasse.

- Oh! Pode mencionar! Se eu me enfurecer, você ainda tem o recurso das lágrimas...

- Mr. Rochester, eu devo deixá-lo.

- Por quanto tempo, Jane? Por alguns minutos, enquanto escova o cabelo, que está um pouco desalinhado? Ou enquanto refresca o rosto, que parece um tanto febril?

- Devo deixar Adele e Thornfield. Devo separar-me do senhor pelo resto da vida. Devo começar uma nova existência, entre rostos e lugares estranhos.

- É claro. Eu mesmo disse que devia partir. Vou desconsiderar a sugestão de que deseja ficar afastada de mim, você sabe que já se tornou parte do meu ser. Quanto à nova

existência, não há impedimento algum. Você ainda será a minha esposa: não sou casado. Você será Mrs. Rochester, virtual e nominalmente. Vou cuidá-la enquanto nós dois vivermos. Trá para uma propriedade que eu tenho no sul da França, uma vila toda branca na costa do Mediterrâneo. Ali poderá viver uma vida feliz, protegida e inocente. Não precisa temer que eu a induza a erro... que pretenda torná-la minha amante. Por que sacode a cabeça? Jane, deve ser razoável, ou vou ficar furioso outra vez.

Suas mãos e a voz tremiam, as narinas grandes estavam dilatadas, os olhos brilhavam. Ainda assim ousei falar:

- Senhor, a sua esposa está viva. O senhor mesmo admitiu isso esta manhã. Se eu vivesse com o senhor como deseja, seria a sua amante. Dizer outra coisa é sofisma, e é falso.

- Jane, não sou um homem de temperamento gentil. Você se esquece que eu já não suporto mais. Não sou frio e desapaixonado. Pare de ter pena de mim e de si mesma, ponha seus dedos no meu pulso, veja como lateja e... cuidado!

Ele desnudou o pulso e ofereceu-o para mim. O sangue abandonava-lhe o rosto e os lábios, estava se tornando lívido. Eu ficava cada vez mais angustiada. Era cruel agitá-lo tanto assim, opondo uma resistência que ele detestava. Ceder estava fora de questão, então fiz o que os seres humanos fazem instintivamente, quando são levados a extremos – busquei ajuda em Alguém que está acima dos homens. As palavras “Oh,

meu Deus! Ajude-me!” brotaram involuntariamente dos meus lábios.

- Sou um tolo! – exclamou Mr. Rochester de repente. – Fico dizendo a ela que não sou casado e não explico por quê. Esqueço que ela não sabe nada do caráter dessa mulher, ou das circunstâncias que envolveram a minha fatídica união com ela. Oh! Tenho certeza que Jane vai concordar comigo quando souber tudo que eu sei! Apenas me dê as suas mãos, Janet, assim terei o tato, além da visão, para me certificar que está perto de mim. Em poucas palavras vou colocá-la a par do caso. Quer me ouvir?

- Sim, senhor. Durante horas, se desejar.

- Peço apenas alguns minutos. Jane, já ouviu dizer que eu não era o filho mais velho desta casa? Que eu tinha um irmão mais velho?

- Lembro-me que Mrs. Fairfax me disse isso uma vez.

- E ouviu dizer também que meu pai era um homem avarento e ganancioso?

- Entendi algo desse tipo.

- Bem, Jane, sendo assim ele desejava manter a propriedade intacta. Não podia suportar a ideia de dividir seus bens e deixar-me uma porção justa. Resolveu que tudo ficaria para o meu irmão, Rowland. Ainda assim, não podia suportar

que um filho seu fosse pobre. Era preciso fazer um casamento rico. Logo procurou-me uma noiva. Mr. Mason, um comerciante e proprietário de uma plantação nas Índias Ocidentais, era seu velho conhecido. Ele havia investigado e tinha certeza que as suas possessões eram vastas e ricas. Descobriu também que ele tinha um filho e uma filha, e soube pelo próprio Mr. Mason que este pretendia dotar a filha com a quantia de trinta mil libras. Era suficiente. Quando deixei o colégio, fui mandado para a Jamaica, a fim de desposar uma noiva já arranjada para mim. Meu pai não mencionou o seu dote, mas disse que Miss Mason era o orgulho de Spanish Town por causa da sua beleza. E não era mentira. Achei-a muito bela, no estilo de Blanche Tngam: alta, morena e majestosa. Sua família queria me agarrar, porque eu era de boa linhagem. E ela também queria. Foi-me apresentada em festas, ricamente trajada. Raramente a vi sozinha e tivemos muito poucas conversas privadas. Ela me lisonjeava, e me agradava dispensando-me fartamente seus encantos e talentos. Todos os homens do seu círculo pareciam admirá-la e invejar-me.

Fiquei fascinado, encorajado: meus sentidos foram excitados e, sendo ignorante, jovem e inexperiente, pensei que a amava. Não há pior loucura do que as rivalidades idiotas da sociedade, a lascívia, a precipitação, a cegueira da juventude, para apressar um homem no cumprimento do seu dever. Os parentes me encorajavam; os rivais me provocavam; ela me seduzia.

Antes mesmo que eu soubesse onde pisava, o casamento se realizou. Oh! Não tenho respeito nenhum por mim mesmo, quando penso nesse ato. Sou dominado por uma onda de desprezo! Eu nunca a amei, nunca a estimei, nem mesmo a conhecia. Não tinha certeza se havia sequer alguma virtude na sua natureza: não vi modéstia, nem benevolência, nem candura, nem refinamento de espírito ou maneiras. E mesmo assim casei-me: bruto, desprezível, imbecil e toupeira que eu era! Com menos torpeza eu poderia... Mas é melhor que me lembre com quem estou falando.

- Nunca havia visto a mãe da minha esposa. Achei que estivesse morta. Depois da lua de mel, soube do meu erro: ela era demente, e estava trancada num asilo de loucos. Havia também um irmão mais novo... mudo e idiota completo. O mais velho, a quem você viu (e a quem não consigo odiar, apesar de abominar toda a família, porque ele tem na alma alguns lampejos de afeição, revelados no contínuo interesse que demonstra pela infeliz irmã, e também na afeição canina que um dia teve por mim) - esse provavelmente um dia ficará no mesmo estado. Meu pai e meu irmão Rowland sabiam de tudo, mas pensaram apenas nas trinta mil libras e se uniram no complô contra mim.

- Essas descobertas foram odiosas e aviltantes. Mas, exceto pela traição de me esconder a verdade, nenhuma delas me daria motivo para reprovar a minha esposa. Mesmo quando percebi que sua natureza era totalmente estranha para mim;

que os seus gostos eram ofensivos; que sua mente era comum, baixa, estreita e singularmente incapaz de alçar-se a algo mais elevado ou expandir-se num âmbito maior; nem quando descobri que não podia passar um único dia tranquilo ao seu lado, nem mesmo uma única hora; que não poderia haver uma conversa cordial entre nós, porque, não importa o assunto que eu escolhesse, imediatamente recebia respostas grosseiras e banais, perversas e imbecis; quando percebi que nunca mais conseguiria uma governanta para a casa, pois nenhuma empregada aguentaria os acessos do seu temperamento violento e

desarrazoado, ou o tormento das suas ordens absurdas, contraditórias e exigentes. Mesmo então eu me contive. Evitei censuras, evitei protestos, tentei tragar em segredo o meu arrependimento e o meu desgosto. Reprimi a profunda aversão que sentia.

- Jane, não vou aborrecê-la com detalhes abomináveis: algumas palavras fortes podem exprimir o que tenho a dizer. Vivi com essa mulher quatro anos, e antes disso ela já havia me submetido às maiores provações. Seu temperamento se exacerbava e se expandia com assustadora rapidez. Seus vícios brotaram e cresceram muito depressa. Eram tão violentos que apenas a crueldade era capaz de contê-los, e eu não era capaz de usar a crueldade. Que intelecto anão e que tendências gigantescas ela tinha! Como eram medonhas as maldições que

atirava sobre mim! Bertha Mason, a legítima filha de uma mãe infame, arrastou-me a todas as agonias abomináveis e degradantes que deve suportar um homem ligado a uma esposa ao mesmo tempo descontrolada e dissoluta.

- Nesse intervalo meu irmão morreu, e ao final de quatro anos morreu meu pai. Eu agora estava bastante rico - e ainda assim me sentia pobre, em terrível indignação. A natureza mais bruta, impura e depravada que jamais vi estava associada a mim, e aceita pela lei e pela sociedade como parte do meu ser. E eu não podia me libertar desse peso por nenhum meio legal, pois os médicos descobriram então que minha esposa estava louca - seus excessos haviam desenvolvido prematuramente os germes da insanidade. Jane, vejo que não gosta da minha história, você parece doente... Quer que eu deixe o resto para outro dia?

- Não senhor, termine agora. Tenho pena do senhor... Sinceramente, tenho pena do senhor.

- A piedade de algumas pessoas, Jane, é uma espécie de tributo nocivo e insultuoso, que justifica a gente quebrar os dentes de quem a oferece. Mas esse tipo de piedade é o que nasce dos corações endurecidos e egoístas. É um sentimento híbrido ouvir desgraças, aborrecido pelo desprezo ignorante por aqueles que tem que sofrê-las. Mas a sua piedade não é dessa espécie, Jane. Não é o sentimento que todo o seu rosto expressa neste momento, do qual os seus olhos estão quase

transbordantes, de que o seu coração está cheio e que faz a sua mão tremer na minha. Sua

piedade, minha querida, é um sofrimento filho do amor. A sua angústia é a verdadeira dor nascida de uma paixão divina. Eu a aceito, Jane, deixe que ela tenha livre curso. Meus braços anseiam por recebê-la.

- Continue, senhor. O que fez quando descobriu que ela estava

louca?

- Atingi as raias do desespero, Jane. Um resquício de respeito

próprio era tudo que me separava do abismo. Sem dúvida, aos olhos do mundo eu estava coberto de odiosa desonra, mas resolvi ser limpo aos meus próprios olhos, e repudiei até o fim a contaminação dos seus crimes e evitei ter qualquer ligação com seus desvios mentais. Mas a sociedade ainda associava o meu nome e a minha pessoa a ela. E eu ainda a via e ouvia diariamente. Um pouco do seu hálito (que horror!) misturava-se ao ar que eu respirava. Além disso, lembrava-me que um dia fora seu marido. Essa lembrança era - e ainda é - extremamente odiosa para mim. Sabia que, enquanto ela vivesse, eu jamais poderia ser o marido de outra esposa melhor. E que, apesar de cinco anos mais velha (a família havia mentido até mesmo sobre a sua idade), era provável que ela

vivesse tanto quanto eu, pois era tão robusta no físico quanto frágil na mente. Assim, aos vinte e seis anos, sentia-me desesperado.

- Uma noite fui acordado pelos seus gritos (desde que os médicos a declararam louca ela fora trancada, naturalmente). Era uma noite abafada, típica das Índias Ocidentais, daquelas que, naqueles climas, costumam preceder os furacões. Incapaz de ficar na cama, levantei-me e abri a janela. O ar cheirava a enxofre... e eu não conseguia encontrar refrigério em lugar algum. Os mosquitos zumbiam teimosamente à volta do quarto. O mar, que eu ouvia dali, bramava sombrio como uma avalanche, coberto de nuvens negras. A lua se punha sobre as ondas, enorme e rubra como uma bala de canhão incandescente, e lançava seu último olhar sanguíneo sobre um mundo que tremia com a agitação da tempestade. Fui influenciado fisicamente pela atmosfera e pelo cenário, os ouvidos cheios das pragas da maníaca, que ainda berrava. De vez em quando ela gritava o meu nome num tom de ódio demoníaco - e com que linguagem! Nem uma prostituta confessa tinha um vocabulário tão imundo quanto o dela! Embora estivesse a dois quartos de distância, ouvia cada palavra. As finas

paredes das casas das Índias Ocidentais ofereciam um obstáculo muito frágil para os seus uivos de lobo.

- “Esta vida é um inferno” disse a mim mesmo. “Este ar... aqueles sons... são de um poço sem fundo! Tenho o direito de me livrar disso, se puder. Os sofrimentos da condição de mortal me abandonarão juntamente com a carne incômoda que agora sobrecarrega a minha alma. Não tenho medo do fogo eterno dos fanáticos: não existe uma vida futura pior do que o inferno que enfrento agora. Deixem-me acabar com tudo e ir para junto de Deus!”

- Disse isso enquanto me ajoelhava e abria um baú que continha um estojo de pistolas carregadas. Pretendia me matar. Mas essa intenção durou apenas um momento, pois não era um insano. A crise de estranho e puro desespero – que originou o desejo e o desígnio de autodestruição – passou em um segundo. Um vento fresco vindo da Europa soprou sobre o oceano e precipitou-se pelas janelas abertas. A tempestade desabou, jorrou, trovejou e inflamou, purificando o ar. Então formei e consolidei uma decisão. Enquanto caminhava entre as laranjeiras gotejantes do meu jardim molhado, entre as romãs e os abacaxis, e sentia o refulgente crepúsculo dos trópicos envolver-me, raciocinei desta forma, Jane. E agora escute, pois foi a verdadeira Sabedoria que me consolou naquela hora, e me indicou o caminho correto a seguir.

- O vento suave da Europa ainda sussurrava nas folhas refrescadas, e o Atlântico trovejava em gloriosa liberdade, quando meu coração, há longo tempo seco e destruído, tomou forma e encheu-se de sangue vivo. Meu ser ansiava por

renovação, minha alma estava sedenta de uma fonte pura. Senti a esperança renascer, e pensei que a regeneração era possível. De um arco florido, nos fundos do jardim, observei o mar – mais azul do que o céu. O velho mundo ficara lá longe, e assim se abriram claras perspectivas.

- “Vá” me disse a Esperança “e viva de novo na Europa: lá ninguém sabe do nome manchado que carrega, nem do fardo imundo a que está amarrado. Leve a louca junto para a Inglaterra. Confine-a em Thornfield, com a devida assistência e precaução. Então viaje para onde quiser, e forme novas ligações onde desejar. Essa mulher, que tanto

contribuiu para o seu longo sofrimento, que manchou o seu nome, ultrajou a sua honra e acabou com a sua juventude, não é sua esposa, nem você é o seu marido. Cuide para que seja tratada como exige o seu estado e terá feito tudo o que Deus e a humanidade exigem de você. Deixe que caiam no esquecimento a sua identidade e a sua ligação com você, não é obrigado a dividi-las com nenhum ser vivo. Cerque-a de conforto e segurança, esconda a sua degradação – e deixe-a.”

- Agi exatamente como foi sugerido. Meu pai e meu irmão não haviam participado o meu casamento aos seus amigos. Na primeira carta que lhes escrevi para noticiar a união – tendo já começado a experimentar o extremo desgosto de suas consequências – e prevendo um terrível futuro à minha frente

devido ao seu caráter familiar e constituição física, lancei um pedido angustiado para que o fato fosse mantido em segredo. E logo a infame conduta da esposa que meu pai me escolhera foi tal, que ele mesmo se envergonhava de chamá-la de nora. Longe de pretender tornar pública a união, ficou tão ansioso quanto eu em ocultá-la.

- Trouxe-a, então, para a Inglaterra. Tive uma viagem medonha, com tal monstro no navio. Fiquei feliz quando finalmente a coloquei em Thornfield e a vi alojada em segurança no terceiro andar. Ela ocupa aquele aposento secreto há dez anos, e o transformou na caverna de um demônio, na cela de um duende. Tive algum trabalho para encontrar alguém que tomasse conta dela. Teria que ser uma pessoa em quem eu confiasse plenamente, pois em seus ataques de raiva ela inevitavelmente trairia o segredo. Além disso, ela tinha momentos de lucidez, às vezes semanas inteiras, que ocupava me injuriando. Por fim, contratei Grace Poole em Grimsby Retreat. Ela e o médico, Carter (que cuidou dos ferimentos de Mason, naquela noite em que ele foi esfaqueado e mordido), são as duas únicas pessoas a quem confidenciei o segredo. Mrs. Fairfax talvez tenha suspeitado de algo, mas não conseguiu ter um conhecimento completo dos fatos. Grace provou-se, de modo geral, uma boa guardiã. Embora, devido parcialmente a uma falha da parte dela, da qual parece que ninguém consegue curá-la, e que faz parte de uma profissão tão exaustiva, sua vigilância mais de uma vez foi

burlada e iludida. A doida é ao mesmo tempo esperta e maligna, nunca deixou de aproveitar os lapsos temporários de sua guardiã. Uma vez para esconder a faca com a qual

esfaqueou o irmão, e duas vezes para apropriar-se da chave da sua cela, e sair dali no meio da noite. Na primeira vez perpetrou o crime de tentar queimar-me em minha cama. Na segunda, fez aquela visita fantasmagórica a você. Agradeço à Providência, que velou por você e fez com que ela descarregasse a fúria no seu traje de noiva, que deve ter lhe trazido vagas lembranças de seu próprio noivado. Mas não suporto pensar no que poderia ter acontecido. Quando penso naquela coisa que voou na minha garganta esta manhã, inclinando a cabeça escura e intumescida sobre o ninho da minha pombinha, sinto o coração parar.

- E o que fez, senhor - perguntei, quando ele fez uma pausa - depois de estabelecê-la aqui? Para onde foi?

- O que fiz, Jane? Transformei-me num fogo-fátuo. Para onde fui? Fiz perambulações selvagens, dignas de um espírito marciano. Busquei o continente, e andei vagando por todas as suas terras. Minha ideia fixa era procurar e encontrar uma mulher inteligente, a quem eu pudesse amar. Um contraste para a louca que deixara em Thornfield.

- Mas o senhor não podia se casar...

- Eu havia decidido que sim, e estava convencido de que podia e devia. Não era minha primeira intenção decepcionar, como decepcionei você. Pretendia contar minha história simplesmente, sem esconder nada, e fazer abertamente a minha proposta. Parecia-me tão absolutamente razoável que eu me considerasse livre para amar e ser amado, que nunca duvidei que pudesse encontrar alguma mulher desejosa e capaz de entender a situação e me aceitar, a despeito da maldição com a qual eu fora sobrecarregado.

- E então, senhor?

- Quando está tão curiosa, Jane, sempre me faz sorrir. Abre seus olhos como um pássaro assustado e de vez em quando faz um movimento de impaciência, como se as respostas não lhe bastassem. Parece que deseja ler no coração do outro. Mas antes que eu continue, diga-me o que quer dizer com o seu “e então, senhor?” É uma frasezinha muito frequente na sua conversa, e que várias vezes levou-me a discursos intermináveis, não sei muito bem por quê.

- Eu quero dizer: O que aconteceu depois? Como o senhor procedeu? O que resultou disso?

- Precisamente! E o que deseja saber agora?

- Se encontrou alguém que lhe agradasse. Se a pediu em casamento e o que ela respondeu.

- Posso dizer-lhe se encontrei alguém que me agradasse, e se a pedi em casamento. Mas o que ela respondeu ainda está para ser registrado no livro do Destino. Por dez longos anos eu vaguei por aí, vivendo primeiro numa capital, depois em outra. Algumas vezes em São Petersburgo, com mais frequência em Paris, outras vezes em Roma, Nápoles e Florença. Provido de muito dinheiro e da credencial de um nome antigo, pude escolher minhas próprias companhias. Nenhum círculo se fechou para mim. Procurei meu ideal de mulher entre damas inglesas, condessas francesas, signoras italianas e grafinnen alemãs. Não consegui encontrá-lo. Às vezes, por um momento fugaz, pensei captar um olhar, ouvir uma entonação, vislumbrar uma forma – que prenunciavam a realização do meu sonho. Mas eu não o merecia ainda. Não deve imaginar que eu desejava perfeição, de corpo ou espírito. Ansiava apenas por alguma coisa que me conviesse, pela antítese da crioula. Mas ansiei em vão. Entre todas não encontrei uma sequer a quem – fosse eu livre e, avisado como estava dos riscos, dos horrores, das abominações de uma união incompatível – tivesse pedido para casar comigo. O desapontamento me tornou impulsivo. Entreguei-me à dissipação, mas não ao deboche, que eu odiava e ainda odeio. Esse era o atributo da minha messalina das Índias. O profundo desgosto que votava a isso e a ela me refrearam, mesmo nos prazeres. Qualquer diversão que me aproximasse da baderna parecia identificar-me com ela e com seus vícios, então a evitava.

- Mas não podia viver sozinho. Assim, busquei a companhia de alguma amante. A primeira que escolhi foi Celine Varens. E foi um desses casos cuja lembrança faz um homem se sentir desprezível. Você já sabe o que ela era e como nossa ligação terminou. Celine Varens teve duas sucessoras: uma italiana, Giacinta, e uma alemã, Clara. Ambas consideradas extremamente bonitas. Depois de algumas semanas, o que podia representar para mim a sua beleza? Giacinta era violenta e sem

princípios, cansei-me dela em três meses. Clara era calma e honesta, mas era espessa, fútil e embotada, não chegava nem aos pés do que eu desejava. Fiquei contente de dar-lhe dinheiro suficiente para que se estabelecesse muito bem no comércio, e assim livrar-me decentemente dela. Mas, Jane, vejo pelo seu rosto que agora já não faz um juízo muito lisonjeiro de mim. Está achando que sou um patife, um libertino sem princípios, não é verdade?

- Realmente, não o aprecio tanto como fazia antes. Nunca lhe pareceu pelo menos errado viver assim, primeiro com uma amante, depois com outra? O senhor fala disso como se fosse uma coisa muito natural.

- Para mim, era. Mas eu não gostava. Era um tipo de existência abjeto, espero nunca mais voltar a ele. Sustentar uma amante só não é pior do que comprar uma escrava. As

duas são criaturas inferiores, muitas vezes por natureza, e sempre pela condição. E é degradante viver intimamente com pessoas inferiores. Agora odeio até a lembrança do tempo que passei com Celine, Giacinta e Clara.

Senti que ele estava sendo sincero. Das suas palavras pude deduzir que – se eu fosse longe o bastante para esquecer os meus princípios e tudo que me fora ensinado, a ponto de, sob qualquer pretexto ou justificativa, ou até mesmo por tentação, tornar-me a sucessora daquelas pobres moças – ele um dia me votaria o mesmo sentimento que agora na sua alma tornava execrável a recordação dessas criaturas. Não expressei esta convicção em voz alta: bastava-me senti-la. Calei-a fundo no coração, para que me servisse de ajuda no momento da provação.

– Bem, Jane, por que não diz “e então, senhor”? Está muito séria, vejo que ainda me desaprova. Mas não terminei, deixe-me chegar ao ponto. Em janeiro último, livre de todas as amantes – num estado de espírito sombrio e amargurado, resultado de uma vida inútil, solitária e errante – corroído pela decepção, amargamente disposto contra todos os homens, e especialmente contra toda a raça das mulheres (pois começara a considerar apenas um sonho a ideia de uma mulher inteligente, fiel e amorosa), por exigências de negócios voltei finalmente para a Inglaterra.

- Numa tarde fria de inverno achei-me cavalgando à vista de Thornfield. Que lugar abominável! Dele eu não esperava nem paz nem

satisfação. Numa pequena cancela em Hay Lane, vi uma figurinha sentada sozinha. Passei por ela tão negligentemente como pelo salgueiro desfolhado do outro lado. Não tive nenhum pressentimento do que ela viria a significar para mim. Nenhum aviso interior de que o árbitro da minha vida futura – meu anjo da guarda para o bem e para o mal – esperava ali, num disfarce humilde. Não sabia disso, nem quando Mesrour se acidentou e ela veio a mim para oferecer ajuda. Que criaturinha débil e infantil! Era como se um passarinho saltitasse aos meus pés e propusesse carregar-me na sua asinha diminuta. Fui grosseiro, mas aquela criatura não ia embora. Manteve-se ao meu lado, com uma estranha perseverança e um jeito de autoridade no olhar e na voz. Eu devia ser ajudado, e por aquelas mãos. E ajudado eu fui.

- Quando me apoiei no seu ombro frágil, alguma coisa nova – uma sensação e uma seiva frescas – infiltraram-se no meu corpo. Foi bom que eu já soubesse que esta fada devia voltar para mim, que pertencia à minha casa lá embaixo – do contrário não teria podido, sem uma mágoa singular, vê-la esvair-se pelas minhas mãos e desaparecer atrás da turva cerca viva. Ouvi quando chegou em casa à noite, Jane, embora você provavelmente não soubesse que pensei em você e a

aguardava. No dia seguinte observei-a escondido por uma meia hora, enquanto brincava com Adele no corredor. Lembro-me que nevava muito e você não tinha podido sair. Eu estava no meu quarto, com a porta entreaberta. Podia ver e ouvir, quando Adele reclamou a sua atenção por algum tempo. Tmaginei que seus pensamentos estavam em outro lugar, mas foi muito paciente com ela, minha pequena Jane. Conversou com a menina e distraiu-a por um longo tempo. Quando por fim Adele a deixou, você entrou em profunda meditação. Dedicou-se a caminhar vagarosamente pelo corredor. Vez por outra, quando passava por uma janela, lançava um olhar para a grossa neve que caía e ouvia o assobio do vento. E voltava a caminhar vagarosamente e a meditar. Acho que naquele dia suas fantasias não eram tristes. Ocasionalmente havia uma luz de alegria no seu olhar, uma suave animação no seu semblante, que mostrava que as suas rumações não eram amargas, raivosas ou hipocondríacas. Seu olhar revelava antes as doces reflexões da juventude, quando o espírito acompanha com asas ardentes o voo da Esperança na direção de um céu perfeito. A voz de Mrs.

Fairfax, falando com uma criada no saguão, a despertou. E como sorriu curiosamente para si mesma, Janet! Era um sorriso sagaz que iluminava sua abstração. Parecia dizer: “Minhas belas visões são todas excelentes, mas não posso me esquecer de que não são reais. Tenho na mente um céu cor-de-rosa e um

Éden florido. Mas lá fora, estou consciente disso, jaz aos meus pés um longo caminho para percorrer, e à minha volta se juntam negras tempestades que devo enfrentar.” Você correu para baixo e pediu à Mrs. Fairfax alguma coisa para fazer: escriturar as contas da casa ou algo desse tipo, me pareceu. Fiquei irritado com você por ter saído da minha vista.

- Esperei impaciente pela noite, quando poderia chamá-la à minha presença. Suspeitava que seu caráter era algo perfeitamente novo para mim, bastante incomum. Desejava investigá-lo com mais profundidade e conhecê-lo melhor. Você entrou na sala com uma atitude ao mesmo tempo tímida e altiva. Estava vestida de modo singelo, muito mais do que agora. Fiz com que falasse e logo vi que era fonte de estranhos contrastes. Sua aparência e maneiras eram restringidas pelas regras sociais. Muitas vezes assumia um ar acanhado, mas no geral parecia refinada por natureza, embora desacostumada à sociedade, e muito temerosa de fazer-se inconvenientemente notada por algum solecismo ou engano. Ainda assim, quando solicitada a falar, alçava para o seu interlocutor um olhar perspicaz, ousado e brilhante. E em cada um desses olhares havia penetração e energia. Quando acuada por perguntas diretas, encontrava respostas prontas e completas. Não tardou a se acostumar comigo. Creio que sentiu a existência de uma simpatia entre você e o seu desgostoso patrão, Jane, pois era espantoso ver como logo as suas maneiras se tornaram agradavelmente desembaraçadas. Rabugento como eu era,

you não se mostrou surpresa, medrosa, aborrecida ou desgostosa com a minha melancolia. Observava-me e de vez em quando me sorria com uma graça simples, mas sagaz, que não consigo descrever. Eu estava então contente e estimulado com o que via: gostava e queria ver mais. Ainda assim, por um longo tempo, tratei-a com distância e raramente busquei sua companhia. Eu era um epicurista intelectual, e queria prolongar a sensação de travar essa nova e estimulante relação. Por um tempo fui perturbado pelo medo de que a flor, se colhida bruscamente,

perdesse a beleza e o doce encanto do seu frescor. Na época eu não sabia que a florescência não era transitória, mas algo semelhante à radiância indestrutível de uma pedra preciosa. Queria ver também se iria me procurar, caso eu me afastasse. Mas você não o fez: continuou na sala de aulas, tão imóvel quanto a carteira e o cavalete. Se, por acaso, nos encontrávamos, você passava por mim tão depressa quanto o respeito lhe permitia, apenas com um pequeno aceno de reconhecimento. Sua expressão habitual naqueles dias, Jane, era um olhar pensativo. Não desanimado, porque você não é doentia, nem tampouco alegre, pois tinha pouca esperança e nenhum prazer real. Imaginava o que pensava de mim, se é que pensava em mim, e resolvi descobrir.

- Voltei a prestar-lhe atenção. Quando conversava, havia algo de alegre no seu olhar e de cordial nos seus gestos. Vi que

tinha um coração sociável: era o silêncio da escola, era o tédio da sua vida que a fazia parecer melancólica. Permiti-me o deleite de ser bondoso com você. A bondade não tardou a despertar emoções: a expressão do seu rosto se tornou mais suave, sua voz mais gentil. Eu gostava de ouvir meu nome pronunciado pelos seus lábios num tom de grata felicidade. Nessa época, Jane, eu costumava apreciar um encontro casual com você, pois havia uma curiosa hesitação nos seus modos: você me olhava com uma leve perturbação, como se uma dúvida pairasse no ar. Não sabia qual seria o meu capricho: se eu iria me comportar como patrão, e ser severo, ou como amigo, e ser agradável. Naquela época eu já estava gostando demais de você para fazer o primeiro papel. E quando lhe estendia cordialmente a mão, seus traços jovens e ansiosos se iluminavam com tal brilho, viço e felicidade, que eu precisava de enorme controle para evitar estreitá-la ao peito ali mesmo.

- Não fale mais daqueles dias - interrompi, enxugando furtivamente algumas lágrimas.

Suas palavras me torturavam, pois eu sabia o que devia fazer - e fazer logo - e todas essas reminiscências e revelações de sentimentos só faziam dificultar a minha tarefa.

- Não, Jane - ele respondeu. - Que necessidade existe em insistir no Passado, quando o Presente é muito mais certo e o Futuro muito mais

radiante?

Tremi ao ouvir esta afirmação apaixonada.

- Você vê agora em que pé está o caso, não é? - ele continuou. - Após uma juventude e mocidade passadas metade em indizível miséria e metade em sombria solidão, pela primeira vez havia encontrado alguém a quem podia realmente amar - havia encontrado você. Você é a minha simpatia, a melhor parte de mim, meu anjo bom, e estou ligado a você por uma forte afeição. Acho-a boa, talentosa, adorável. Meu coração foi tomado por uma paixão sincera e ardente. E esse coração se inclina para você, torna-a o centro e a fonte da minha vida, envolve a minha existência na sua e, ardendo em pura e intensa chama, funde-nos em um único ser.

- E foi porque eu senti e me convenci disso que resolvi desposá-la. Dizer-me que eu ainda tinha uma esposa é uma brincadeira sem sentido: você agora sabe que eu tinha apenas um demônio repugnante. Errei ao tentar enganá-la, mas temia essa teimosia que existe no seu temperamento. Temia também os preconceitos arraigados: queria tê-la segura antes de me arriscar em confidências. Tssso foi covardia. Primeiro, devia ter apelado para a sua nobreza de caráter e magnanimidade, como faço agora - e contado a você, simplesmente, a minha vida de agonia, descrito a minha fome e sede de uma existência mais alta e mais digna, mostrado a você não a minha resolução (esta palavra é fraca), mas a minha irresistível inclinação para amar fiel e ardentemente, se fiel e

ardentemente eu fosse amado. E então devia ter lhe pedido que aceitasse a minha promessa de fidelidade, e me concedesse a sua. Peço-lhe que me conceda agora, Jane.

Silêncio.

- Por que está calada, Jane?

Eu passava por uma prova: uma garra de ferro dilacerava-me as entranhas. Terrível momento: pleno de luta, escuridão, fogo! Nenhum ser humano que jamais tenha vivido podia desejar ser amado tanto quanto eu era. E àquele que me amava assim, eu simplesmente idolatrava. E devia renunciar ao amor e à idolatria. Uma única palavra resumia o meu inexorável dever: “Partir”!

- Jane, você entendeu o que quero de você? Apenas esta promessa: “Serei sua, Mr. Rochester.”

- Mr. Rochester, eu não serei sua. Outro longo silêncio.

- Jane – ele recomeçou, com uma gentileza que me arrasou de

tristeza e me deixou fria de sinistro terror, pois esta calma era o arquejar do leão que se erguia. – Jane, você pensa em seguir um caminho no mundo e me deixar seguir outro caminho?

- Penso.

- Jane (inclinando-se para mim e me abraçando), ainda pensa isso

agora?

- Penso.

- E agora? - beijando-me suavemente a testa e o rosto.

- Penso - disse, arrancando-me do abraço rápida e inteiramente.

- Oh, Jane! Tso é doloroso! Tso é... Tso é cruel. Amar-me não

devia ser cruel.

- Mas obedecê-lo seria.

Um olhar selvagem cruzou-lhe o semblante e ele arqueou as sobrancelhas. Ergueu-se, mas ainda hesitava. Pousei a mão no encosto de uma cadeira para me apoiar. Eu tremia, tinha medo. Mas estava decidida.

- Só um momento, Jane. Pense um instante na vida horrível que terei quando você partir. Toda a felicidade vai partir com você. O que restará então? Como esposa tenho apenas a louca lá de cima: seria melhor que tivesse um cadáver em algum

cemitério. Que devo fazer, Jane? Onde procurar uma companheira e alguma esperança?

- Faça como eu: creia em Deus e em si mesmo. Acredite no céu e espere que nos encontremos de novo lá.

- Então não vai ceder?

- Não.

- Então me condena a viver miserável e morrer maldito? -
alteou

a voz.

- Eu o aconselho a viver sem pecado, e desejo que morra tranquilo.

- Então você arrebatou de mim o amor e a inocência? Você me atira de volta à luxúria e ao vício, em vez da paixão e da atividade?

- Mr. Rochester, não desejo esse destino para o senhor, como não o desejo para mim. Nascemos para lutar e sofrer, o senhor e eu: então lute e sofra. O senhor me esquecerá antes que eu consiga esquecê-lo.

- Falando dessa maneira você me declara um mentiroso, e fere a minha honra. Eu lhe disse que não posso mudar, e você me diz, na cara, que logo mudarei! Sua conduta está mostrando a distorção do seu julgamento e a perversidade das suas ideias!

Acha melhor condenar ao desespero uma criatura amiga do que transgredir uma simples convenção humana, mesmo que ninguém seja ferido por essa transgressão? Existe algum parente ou amigo seu a quem ofenderá se viver comigo?

Era verdade. Enquanto ele falava, minha consciência e minha razão voltaram-se contra mim, e me acusaram do crime de resistir a ele. Falavam quase tão alto quanto o Sentimento, sendo que este clamava em altos brados. “Oh! Aceite!” dizia o Sentimento. “Pense na infelicidade dele e no perigo que corre. Veja o estado em que ficará quando estiver sozinho, lembre da sua natureza impulsiva. Considere a sua vida negligente seguida pelo desespero. Tranquelize-o. Salve-o. Ame-o. Diga-lhe que o ama e que será dele. Quem, neste mundo, se importa com você? Quem será ofendido pelo que você fizer?”

A resposta foi implacável: “Eu cuido de mim. Quanto mais solitária, quanto mais sem amigos, quanto mais desamparada estiver, mais respeitarei a mim mesma. Mantereí a lei deixada por Deus e sancionada pelo homem. Mantereí os princípios que recebi quando era sã, e não louca como agora. As leis e os princípios não foram feitos para as horas em que não há tentação. São para momentos como este, em que corpo e alma se insurgem contra o seu rigor. São leis severas, devem ser invioláveis. Se eu pudesse quebrá-las segundo a minha conveniência, qual seria o seu valor? E elas têm valor, foi o que sempre acreditei. E se não consigo mais acreditar nisso é porque estou louca – completamente louca: nas minhas veias

corre fogo e meu coração bate tão rápido que nem posso contar as

pulsações. Opiniões formadas de antemão, ditames antigos, são tudo que tenho para me apoiar neste momento: sobre eles devo firmar meus pés.”

Foi o que fiz. Pela minha expressão, Mr. Rochester percebeu a decisão que eu tomara. Sua cólera foi levada ao extremo, a qualquer momento cederia a ela. Cruzou a sala, pegou meu braço e agarrou-me pela cintura. Parecia querer devorar-me com seu olhar flamejante. Fisicamente, sentia-me naquele momento tão impotente como se estivesse exposta ao calor de uma fornalha. Mentalmente, ainda era dona da minha alma, e por isso tinha certeza da vitória final. A alma, felizmente, tem um intérprete – às vezes inconsciente, mas ainda assim um intérprete verdadeiro – o olhar. Meu olhar levantou-se para ele e, quando olhei sua face orgulhosa, suspirei involuntariamente. A pressão dos seus dedos era dolorosa, e minhas forças extenuadas estavam quase no fim.

- Nunca – disse ele, rangendo os dentes. – nunca existiu alguém tão frágil e tão irredutível. Sente-se um simples junco em minhas mãos! (e ele me sacudiu com força) Posso vergá-la entre o polegar e o indicador, mas de que adiantaria vergá-la, quebrá-la, esmagá-la? Vejam estes olhos: vejam a pessoa resoluta, selvagem, livre, que olha através deles, desafiando-me

com mais do que coragem – com inflexível triunfo. Mesmo que eu lhe faça uma jaula, não poderei aprisioná-la – a esta selvagem e bela criatura! Se eu rasgasse e destruísse a leve prisão que a tranca, meu castigo seria deixar a cativa livre. Posso conquistar a casa, mas a moradora escaparia para o céu antes que eu pudesse me considerar dono da sua morada. E é você, espírito – com a vontade e a energia, a virtude e a pureza – é a você que eu quero, não apenas a carne frágil. Por si mesma, se quisesse, poderia vir num voo suave e aninhar-se no meu coração. Mas se for coagida, vai evadir-se do cárcere como uma essência – e desaparecer antes que eu possa aspirar a sua fragrância. Oh, Jane! Venha! Venha!

Mr. Rochester libertara-me do abraço enquanto falava, e apenas me olhava. Era muito mais difícil resistir ao olhar do que ao seu aperto colérico. No entanto, só uma débil sucumbiria agora. Eu havia desafiado e vencido a sua fúria: cabia-me escapar à sua tristeza. Dirigi-me para a porta.

- Já está indo, Jane?

- Estou, senhor.

- Vai me deixar?

- Sim.

- Não virá comigo? Não será o meu conforto, a minha salvação? Não significam nada para você o meu amor

profundo, a minha desventura cruel, o meu pedido desesperado?

Que tom sofrido havia na sua voz! Como foi difícil repetir com firmeza: “Vou-me embora.”

- Jane!

- Mr. Rochester!

- Retire-se, então. Tem a minha permissão. Mas lembre-se que está me deixando em profunda agonia. Volte para o seu quarto e pense em tudo que lhe disse, Jane. Peço que olhe para os meus sofrimentos e pense em mim.

Ele voltou-se e desabou no sofá, escondendo o rosto com as mãos.

- Oh, Jane! Minha esperança... meu amor... minha vida! – explodiram as palavras angustiadas dos seus lábios.

E, então, ouviu-se um soluço, profundo e sofrido.

Eu já alcançara a porta. Mas saiba, leitor, que eu voltei. Voltei tão determinada como partira. Ajoelhei-me ao lado dele e virei para mim o rosto escondido na almofada. Beije-ihe a face, acariciei-ihe os cabelos.

- Deus o abençoe, meu querido senhor! – eu disse. – Que Deus o proteja do sofrimento e do erro. Que Deus o conforte e o guie, e o recompense fartamente pela sua bondade para comigo.

- O amor da pequena Jane seria a minha melhor recompensa - ele respondeu. - Sem isso, meu coração ficará despedaçado. Mas Jane me dará o seu amor. Sim, com nobreza e generosidade.

O sangue afluiu-lhe ao rosto, a luz voltou aos seus olhos. Mr. Rochester levantou-se num ímpeto e abriu os braços para mim. Mas eu me esquivei ao abraço, e deixei definitivamente a sala. “Adeus” gritou meu coração ao deixá-lo.

“Para sempre!” acrescentou o desespero.

Nem cogitei em dormir naquela noite, mas o sono tomou conta de mim tão logo me deitei. Fui transportada em pensamento para as cenas da infância. Sonhei que estava deitada no quarto vermelho de Gateshead, que a noite estava escura e minha mente atormentada por estranhos temores. A luz, que tantos anos atrás me causara um desmaio, lembrada nessa visão parecia subir deslizando pela parede e tremulamente pairar no centro do teto escuro. Levantei a cabeça para olhar: o teto se desfez em nuvens, altas e turvas. O brilho era intenso, emprestado pela lua às nuvens de onde vinha surgindo. Observei a lua aproximar-se em estranha expectativa, como se alguma profecia estivesse escrita no seu disco. Ela surgiu, perfurando as nuvens como nunca antes uma lua havia feito. Primeiro uma grande mão penetrou nas sombras escuras, afastando-as. Então, não a lua, mas uma branca forma

humana brilhou no espaço azul, inclinando sua gloriosa frente para a terra. Olhou e fixou seu olhar em mim. Falou para o meu espírito. A voz vinha de uma distância imensurável, mas parecia próxima ao sussurrar dentro do meu coração:

- Minha filha, fuja da tentação.
- Sim, mãe, fugirei.

Assim respondi, depois de ter acordado desse sonho em forma de transe. Ainda era noite, mas em julho as noites são curtas. Pouco depois da meia-noite vem o alvorecer.

“Não há de ser cedo demais para começar a tarefa que preciso cumprir” pensei. Levantei-me. Já me encontrava vestida, tirara apenas os sapatos. Sabia onde encontrar nas gavetas alguma roupa branca, um broche, um anel. Procurando essas coisas, encontrei as contas de um colar de pérolas que Mr. Rochester me forçara a aceitar alguns dias antes. Deixei-o. Não me pertencia: era da noiva imaginária, que se desmanchara no ar. Fiz um pacote com os demais objetos. Coloquei no bolso a minha carteira contendo vinte xelins (era tudo que eu possuía). Amarrei o chapéu de palha, preendi o xale com os alfinetes, peguei o pacote e os sapatos, que ainda não havia colocado, e deixei o quarto.

“Adeus, minha bondosa Mrs. Fairfax!” sussurrei enquanto passava silenciosamente pela sua porta. “Adeus, minha querida Adele!”

disse, olhando furtivamente para o quarto da menina. Não havia a menor possibilidade de entrar para abraçá-la. Tinha que ludibriar um ouvido muito apurado que, por tudo que eu sabia, devia agora estar à escuta.

Eu teria passado pela porta de Mr. Rochester sem parar. Mas como meu coração estacou quando passei junto ao limiar, meu passo foi obrigado a parar também. Ali não se dormia: o ocupante do quarto caminhava impaciente, de um lado para outro. Enquanto eu escutava, suspirou várias vezes. Nesse quarto, se eu quisesse, havia um paraíso para mim – um paraíso efêmero. Bastava-me entrar e dizer:

“Mr. Rochester, vou amá-lo e viver com o senhor por toda a vida, até morrer”, e uma fonte de êxtase brotaria dos meus lábios. Pensei nisso.

Aquele bondoso patrão, que agora não podia dormir, esperava impaciente pelo raiar do dia. Mandaria me chamar pela manhã: eu estaria longe. Ele me procuraria: em vão. E se sentiria abandonado, seu amor rejeitado: ele sofreria; talvez se desesperasse. Também pensei nisso. Minha mão se moveu em direção à maçaneta. Mas recolhi-a, e segui adiante.

Cuidadosamente, descí as escadas. Sabia o que devia fazer e agi maquinalmente. Na cozinha, procurei a chave da porta lateral. Busquei também um frasco de óleo e uma pena, e untei a chave e a fechadura. Peguei um pouco de água e pão, pois talvez tivesse que andar muito e as minhas forças, gravemente

abaladas pelos acontecimentos recentes, não deviam desfalecer. Fiz tudo isso sem o menor barulho. Abri a porta, saí e fechei-a suavemente. As sombras da aurora refletiam-se no pátio. Os enormes portões estavam fechados e trancados, mas a portinhola de um deles estava apenas encostada. Saí por ali e fechei-a também. E, então, vi-me fora de Thornfield.

Uma milha adiante, além dos campos, passa uma estrada que segue na direção contrária a Millcote. Era uma estrada que eu nunca percorrera, mas já vira várias vezes e perguntara aonde conduzia. Dirigi-me para lá. Agora não podia mais me permitir reflexão alguma, nem sequer lançar um olhar para trás. Nem mesmo para frente. Não devia pensar mais, nem no passado nem no futuro. O primeiro era uma página tão divinamente doce – e tão mortalmente triste – que ler uma só de suas

linhas dissolveria a minha coragem e extinguiria a minha energia. O último era um vazio terrível: algo parecido com o mundo depois do dilúvio.

Atravessei campos, e cercas, e veredas, até depois do sol nascer. Acho que era uma bela manhã de verão: sei que meus sapatos, que calçara ao sair da casa, logo ficaram molhados de orvalho. Mas eu não olhava nem para o sol nascente, nem para o céu risonho, nem para o despertar da natureza. Aquele que, a caminho do cadafalso atravessa um belo cenário, não pensa nas flores que sorriem no seu caminho, mas no cepo e no

fio do machado, no desmembramento dos ossos e das veias e na cova escancarada que o espera. Eu pensava na minha fuga terrível e naquela peregrinação sem um lar para viver. Também pensava – sim! com extrema agonia! – naquilo que havia abandonado. Não podia evitar. Pensava nele agora... no seu quarto... olhando o sol nascer, na esperança de que eu logo chegasse para dizer que ficaria com ele e seria sua. Eu desejei ser dele. Desejei regressar: ainda não era tarde demais. Podia poupá-lo do amargo sofrimento da privação. Tinha certeza que a minha fuga ainda não havia sido descoberta. Podia voltar e ser o seu conforto – o seu orgulho. Salvá-lo do sofrimento, talvez da ruína. Oh! O medo do seu próprio abandono – muito pior do que o meu – como me aguilhoava! Era uma flecha afiada cravada no meu peito: dilacerava-me quando tentava arrancá-la. E atormentava-me quando as lembranças me atingiam. Os pássaros começaram a cantar nos bosques e matagais. Os pássaros eram fiéis aos seus parceiros. Os pássaros eram símbolos de amor. E eu, o que era? Entre o sofrimento do coração e o esforço desesperado para manter meus princípios, eu detestava a mim mesma. Não obtinha consolo na autoaprovação, nem no respeito próprio. Eu havia ofendido, ferido, abandonado o meu senhor. Sentia-me odiosa aos meus próprios olhos. Ainda assim não podia voltar, nem refazer um só passo. Deus deve ter me conduzido. Se dependesse de minha própria vontade ou consciência, o enorme pesar teria enfraquecido a primeira e reprimido a segunda. Enquanto prosseguia no meu caminho solitário,

chorava copiosamente. Logo, logo, me tornei delirante. Uma fraqueza, a princípio despercebida, acabou por se espalhar pelos meus membros, tomou conta de mim, e eu caí. Fiquei no chão alguns minutos, o rosto pressionado contra a grama

molhada. Tive medo – ou talvez esperança – de morrer ali mesmo. Mas logo me ergui, rastejei para frente e então me firmei sobre os pés... ansiosa e determinada como nunca a alcançar a estrada.

Quando cheguei lá fui obrigada a sentar-me sob uma sebe e descansar um pouco. Enquanto estava sentada ouvi o barulho de rodas, e um coche se aproximou. Levantei-me e acenei. O coche parou. Perguntei para onde ia: o cocheiro nomeou um lugar bem distante, onde eu sabia que Mr. Rochester não tinha conhecidos. Perguntei-lhe por quanto me levaria até lá, e ele mencionou trinta xelins. Respondi-lhe que só tinha vinte. Bem, ele ia ver o que podia fazer por vinte xelins. Além disso me deu permissão para entrar, pois o veículo estava vazio. Entrei, a porta foi fechada e o coche partiu.

Querido leitor, desejo que nunca sinta o que eu senti naquele momento! Que os seus olhos nunca derramem lágrimas tão copiosas e escaldantes, vindas do coração, como as que correram dos meus. Que nunca implore aos céus em preces tão desesperadas e agoniadas como aquelas que saíram dos meus lábios. E que nunca venha a ser, como eu, oprimido pelo terror

de ter sido o instrumento do mal contra aquilo que ama mais profundamente!

C A P Í T U L O XXVIII

Dois dias se passaram. É uma noite de verão. O cocheiro me deixou num lugar chamado Whitcross. Não podia levar-me mais longe por aquela soma, e eu não tinha nem mais um xelim neste mundo. A essa hora o coche já está a alguns quilômetros de distância. Estou sozinha. Neste momento descubro que esqueci de pegar o pacote no bagageiro do coche, onde o colocara para maior segurança. Lá está, e lá deverá ficar. E agora estou absolutamente sem recursos.

Whitcross não é uma cidade, nem sequer um vilarejo. Não é nada mais que um pilar de pedra colocado num local onde se cruzam quatro estradas. Foi pintado de branco, creio, para ficar mais visível à distância e no escuro. Do alto do pilar saem quatro placas. A cidade mais próxima dali, conforme a inscrição, dista dezesseis quilômetros. A mais afastada, quase trinta. Pelos nomes das cidades, bastante conhecidos, fico sabendo em que condado desembarquei: uma região centro-norte, pantanosa e atravessada por montanhas. Tsoo eu podia ver. Atrás de mim, e à direita e à esquerda, existem vastas charnecas, e também cadeias de montanhas desdobrando-se muito além do profundo vale à minha frente. A população daqui deve ser escassa, pois não há ninguém transitando pelas estradas que se estendem para leste, oeste, norte e sul – todas brancas, largas e desertas. Elas atravessam a charneca, e os matagais crescem espessos e selvagens às suas margens.

Mesmo assim pode passar um viajante fortuito, e não desejo que ninguém me veja agora, pois um estranho poderia se perguntar o que estou fazendo parada junto ao marco de pedra, evidentemente perdida e sem destino. Eu poderia ser questionada, e não conseguiria dar resposta alguma que não parecesse inacreditável ou despertasse suspeitas. Naquele momento, nenhum laço me ligava à sociedade dos homens, nenhum encanto ou esperança me atraía para junto dos meus semelhantes, ninguém que me visse teria para mim um pensamento bom ou um desejo generoso. Não tenho parente algum, além da mãe universal: a Natureza. É no seu seio que buscarei repouso.

Entrei direto na mata. Parei junto a uma escavação que eu vira cortar fundamente a charneca. Arrastei-me de joelhos pela extensão escura. Segui as curvas e, ao encontrar uma rocha coberta de musgo num ângulo mais escondido, sentei-me sob ela. Acima de mim ficavam grandes bancos de urzes. A rocha protegia-me, e além dela estava o céu.

Mesmo ali, levei algum tempo para me tranquilizar. Tinha um vago pavor de que houvesse gado selvagem por perto, ou que algum esportista ou um caçador furtivo pudesse me descobrir. Se uma rajada de vento soprava no vazio, eu olhava para cima, temendo que fosse o resfolegar de um touro. Se alguma ave piava, eu imaginava que era o assobio de um homem. No entanto, vendo que minhas apreensões eram infundadas, e

tranquilizada pelo profundo silêncio que reinava enquanto o entardecer se transformava em noite fechada, fui ganhando confiança. Até ali eu não pensara em nada, apenas ouvira, observara, temera. Agora recuperava a faculdade da reflexão.

O que fazer? Para onde ir? Oh, questões intoleráveis essas, quando eu não podia fazer nada e nem ir a lugar algum! Quando meus membros fatigados e trêmulos deviam ainda percorrer um longo caminho, antes que pudesse chegar a alguma habitação humana. Quando devia implorar pela caridade fria, antes de conseguir alojamento. E por certo devia ainda ser importunada por uma simpatia relutante, até uma recusa, antes que a minha história pudesse ser ouvida ou alguma das minhas necessidades atendida.

Toquei a vegetação: estava seca e ainda morna do calor do sol de verão. Olhei para o céu: estava límpido, uma linda estrela brilhando logo acima da fenda. O sereno caiu, mas com suavidade, não soprava brisa alguma. A natureza me parecia benigna e compassiva. Pensei que, mesmo sendo uma pária, ela me amava. E eu, que dos homens podia esperar apenas descrença, rejeição e insulto, apeguei-me à natureza com devoção filial. Nesta noite, pelo menos, seria sua hóspede, assim como era sua filha: minha mãe me abrigaria de graça, sem necessidade de dinheiro. Eu ainda tinha um pedaço de pão, o resto de um pãozinho que havia comprado numa cidade por onde passáramos ao meio-dia, com uma moeda desgarrada... a última que me restara. Vi mirtilos maduros

brilhando aqui e ali, como contas saindo dos arbustos. Peguei um punhado e comi com o

pão. Minha fome, que era aguda, se não foi satisfeita pelo menos foi apaziguada com essa refeição de eremita. Rezei as preces quando terminei, e então escolhi um lugar para dormir.

Ao lado da rocha o matagal era cerrado. Quando me deitei, meus pés afundaram e a vegetação cobriu-me, deixando apenas uma estreita abertura para entrar o ar da noite. Dobrei o xale e estendi-o sobre o corpo, como um cobertor. Um tufo de musgo, baixo e macio, serviu-me de travesseiro. Assim abrigada não sentia o menor frio, pelo menos no começo da noite.

Meu repouso podia ser bastante tranquilo. Apenas um coração triste o perturbava. Um coração que se queixava de suas feridas abertas, sua dor escondida, suas fibras partidas. Temia por Mr. Rochester e sua perdição, lamentava-o com amarga piedade, pedia por ele com incessante saudade – impotente como um pássaro com as duas asas quebradas, mas que ainda assim agita os membros rotos em vãs tentativas de alcançá-lo.

Exausta com essa tortura mental, ajoelhei-me. A noite chegara, e com ela os seus planetas. Era uma bela e calma noite, serena demais para a companhia do medo. Sabemos que Deus está em toda parte, mas certamente sentimos melhor a Sua presença quando vemos Suas obras espalhadas diante de nós

em larga escala. E é no límpido céu noturno que Suas palavras seguem um curso silencioso, e onde percebemos claramente Sua infinitude, Sua onipotência, Sua onipresença. Eu me ajoelhara para rezar por Mr. Rochester. Olhando para o alto, os olhos marejados de lágrimas, vi a poderosa Via Láctea. E lembrando do que ela representa – as incontáveis constelações que ali cruzam o espaço, como um suave traço de luz – senti a força e o poder de Deus. Logo estava confiante na Sua capacidade de salvar aquilo que Ele mesmo criara. Convenci-me ainda mais que nem a Terra acabaria, nem se perderiam as almas que ela abriga. Minha oração então foi de graças: a Fonte da Vida era também o Salvador dos espíritos. Mr. Rochester estava salvo, era uma criatura de Deus e por Ele seria guardado. Aninhei-me outra vez no seio da terra e logo dormi, esquecendo a tristeza.

No dia seguinte, porém, a Necessidade veio a mim, pálida e nua. Muito depois dos passarinhos terem deixado seus ninhos. Muito depois

das abelhas partirem, ao romper do dia, para colher o néctar antes que o orvalho secasse. Quando as sombras da noite já se haviam desvanecido e o sol invadia a terra e o céu – levantei-me e olhei ao meu redor.

Que dia calmo, tépido, perfeito! A extensa charneca parecia um deserto dourado! O sol invadia tudo. Quem dera eu pudesse

viver ali com a natureza! Vi um lagarto correr sobre a pedra. Vi uma abelha ocupada entre os doces mirtilos. Naquele momento ficaria feliz em ser um lagarto ou uma abelha, pois aqui encontraria alimento e abrigo. Mas eu era um ser humano e tinha necessidades próprias dos seres humanos: não devia me demorar onde não havia nada para supri-las. Levantei-me e olhei para o leito que acabara de deixar. Sem esperanças no futuro, desejava apenas que o meu Criador tivesse achado por bem chamar a minha alma enquanto eu dormia. E que o meu corpo, dispensado pela morte de qualquer confronto futuro com o destino, pudesse agora apenas tombar suavemente e unir-se ao solo e à natureza. Mas a vida ainda pulsava em mim, com todas as suas necessidades, dores e responsabilidades. Teria que carregar meu fardo, prover minhas necessidades, suportar o sofrimento, cumprir os meus deveres. Parti.

Chegando a Whitcross peguei uma estrada que me permitisse caminhar de costas para o sol, agora alto e escaldante. Só esta circunstância guiou a minha escolha. Caminhei por longo tempo, e quando pensei que já havia feito o bastante, e que podia conscienciosamente descansar da fadiga que quase vencida as minhas forças, sentei-me numa pedra e entreguei-me à apatia que invadia meu corpo e meu coração. Então ouvi o toque de um sino – um sino de igreja.

Voltei-me na direção do som, e ali, no meio daquelas românticas montanhas cuja beleza e aspecto eu deixara de notar uma hora atrás, vi um vilarejo e a torre de uma igreja.

Todo o vale que se estendia à minha direita era coberto de pastagens, milharais e bosques. Um riacho serpenteava por entre os vários tons de verde, os grãos maduros, o bosque sombrio, as claras e ensolaradas campinas. Alertada pelo barulho de rodas na estrada atrás de mim, vi uma carroça, pesadamente carregada, subindo pela encosta. Não muito longe viam-se duas vacas e o boiadeiro. A vida e a lida humana estavam perto. Eu devia lutar: esforçar-me para viver e ganhar o pão de cada dia, como todos.

Às duas horas da tarde, mais ou menos, entrei no vilarejo. No final da única rua havia uma pequena loja, com alguns pães na vitrina. Desejei um pedaço de pão. Com essa leve refeição talvez pudesse recobrar um pouco as energias. Sem isso, seria difícil prosseguir. Voltou-me o desejo de ganhar alguma força e vigor tão logo me vi entre meus semelhantes. Senti que seria degradante desmaiar de fome na entrada de um vilarejo. Será que eu não tinha comigo nada que pudesse oferecer em troca de um desses pães? Pensei no assunto. Tinha um pequeno lenço de seda atado ao pescoço. Tinha também minhas luvas. Mas quase não sabia como agem os homens e mulheres nos extremos da privação. Não sabia nem se esses objetos seriam aceitos: provavelmente não, mas eu tinha que tentar.

Entre na loja. Havia ali uma mulher. Vendo uma pessoa respeitavelmente vestida, uma dama, como ela deve ter pensado, adiantou-se educadamente. Em que me podia ser

útil? Fui tomada pela vergonha: meus lábios não conseguiram expressar o pedido que eu havia preparado. Não ousava oferecer-lhe as luvas meio gastas, nem o lenço amarrotado. Além disso, senti que seria absurdo. Pedi apenas permissão para sentar-me um momento, pois estava cansada. Desapontada por eu não ser uma cliente, ela concordou friamente. Apontou-me uma cadeira, e eu desabei sobre ela. Senti uma vontade urgente de chorar mas, consciente do quanto isso seria inapropriado, eu me contive. Logo perguntei-lhe “se havia um alfaiate ou costureira na cidade”.

- Sim, dois ou três. Exatamente os que são necessários.

Refleti. Chegara agora ao ponto, fora colocada frente a frente com a Necessidade. Estava na posição de alguém sem nenhum recurso, sem um amigo, sem um níquel. Devia fazer algo, mas o quê? Devia me empregar em algum lugar. Onde?

- Sabe de alguém nas vizinhanças que precise de uma empregada?

- Não... não sei informar.

- Qual é o negócio principal da cidade? O que faz a maioria das pessoas?

- Alguns trabalham nas fazendas. Muitos trabalham na fábrica de agulhas de Mr. Oliver e na fundição.

- Mr. Oliver emprega mulheres?
- Não. É trabalho de homem.
- E o que fazem as mulheres?
- Não sei... - foi a resposta. - Algumas fazem isso, outras aquilo.

As mulheres pobres se agarram ao que aparece.

Ela parecia estar cansada das minhas perguntas. E, de fato, que direito eu tinha de importuná-la? Uma ou duas pessoas entraram na loja. Era evidente que a minha cadeira seria necessária. Saí.

Subi a rua, enquanto olhava para todas as casas, do lado direito e esquerdo. Mas não pude achar um pretexto nem um encorajamento para entrar em alguma delas. Perambulei pelo vilarejo por mais de uma hora, andando um pedaço e voltando. Completamente exausta, sentido agora uma fome terrível, entrei por uma viela lateral e sentei-me sob uma sebe. Passou-se algum tempo, e novamente coloquei-me de pé, procurando alguma coisa - algum recurso, ou pelo menos um informante. No alto da viela havia uma bela casinha com um jardim na frente, perfeitamente limpo e brilhantemente florido. Parei. Que desculpa eu tinha para me aproximar da porta branca e tocar a aldrava reluzente? Que interesse teriam os habitantes daquela moradia em me prestar algum favor? Ainda assim me aproximei e bati. Uma moça de aspecto meigo e roupas asseadas abriu a porta. Numa voz que seria de se esperar de

uma pessoa sem esperança no coração e desfalecendo de fome – uma voz miseravelmente baixa e hesitante – eu perguntei se precisavam de uma criada.

- Não – ela disse. – Não temos criadas.
- Sabe me dizer onde posso encontrar um emprego de qualquer tipo? – continuei. – Sou forasteira, não tenho conhecidos neste lugar. Preciso de um trabalho: qualquer coisa serve.

Mas não era obrigação dela pensar por mim, nem procurar uma colocação para mim. Além disso, meu caráter, minha posição, minha história devem ter lhe parecido muito duvidosos. Ela sacudiu a cabeça “sentia muito, mas não podia me dar qualquer informação”, e fechou a

porta branca, com gentileza e civilidade. Mesmo assim eu fora enxotada. Se ela mantivesse a porta aberta um pouco mais acredito que teria implorado por um pedaço de pão, pois eu atingira o ponto mais baixo.

Não podia suportar a ideia de voltar àquele sórdido vilarejo, onde, além de tudo, não via possibilidade alguma de ajuda. Era preferível enveredar por um bosque que vira próximo dali e que parecia, pela sua sombra, oferecer um convidativo abrigo. Mas eu estava tão fraca, tão fatigada, tão atormentada pelas necessidades da natureza, que o instinto me manteve perambulando pelas moradias, onde havia esperança de obter

comida. A solidão não seria solidão, o descanso não seria descanso enquanto aquele predador – a fome – assim cravasse o bico e as garras nas minhas entranhas.

Aproximei-me das casas. Afastei-me e voltei. E afastei-me de novo, sempre contida pela consciência de não ter nada o que pedir, nem direito a esperar interesse pela minha situação. Enquanto isso a tarde avançava, e eu continuava a perambular como um cachorro perdido e faminto. Cruzando um campo, vi a torre da igreja à minha frente. Apressei-me naquela direção. Perto do adro, no meio de um jardim, erguia-se uma casa pequena e bem construída. Tinha certeza que se tratava da casa paroquial. Lembrei-me que os estranhos que chegam a um lugar onde não tem amigos, e que desejam um emprego, muitas vezes se dirigem ao pároco para obter ajuda. É função do pároco ajudar, pelo menos com conselhos, aqueles que desejam ajudar a si próprios. Achei que tinha o direito de buscar conselho ali. Renovando minha coragem e juntando os últimos resquícios das minhas forças, avancei. Cheguei na casa e bati na porta da cozinha. Uma velha abriu e perguntei-lhe se ali era a casa paroquial.

- Sim.
- E o pároco está em casa?
- Não.
- Ele volta logo?
- Não. Ele viajou.

- Para muito longe?

- Nem tanto, mais ou menos cinco quilômetros. Foi chamado, por causa da morte repentina do pai. Está agora em Marsh End e provavelmente ficará lá por quinze dias.

- Há alguma senhora na casa?

- Não, apenas eu, que sou a governanta.

E dessa senhora, leitor, eu não podia esperar receber o alívio para as necessidades que me faziam sucumbir. Ainda não conseguia implorar. E de novo arrastei-me para longe.

Uma vez mais peguei o meu lençinho... uma vez mais pensei nos pães na vitrina da lojinha. Oh! Apenas uma migalha! Só um bocadinho para amainar a pontada da fome! Instintivamente voltei-me para o vilarejo e procurei de novo a loja. Entrei. E embora ali estivessem outras pessoas além da mulher que me atendera, aventurei-me a perguntar:

- A senhora me daria um pão em troca deste lenço? Ela olhou-me com evidente suspeita.

- Não faço negócios desse tipo!

Quase desesperada, pedi então a metade do pão. Ela voltou a recusar.

- Como é que vou explicar onde consegui esse lenço?
- Aceitaria então as minhas luvas? – perguntei.
- Não. O que eu faria com elas?

Leitor, não é agradável narrar esses detalhes. Alguns dizem que

existe alegria em recordar as experiências dolorosas do passado. Mas até agora mal pude suportar reviver os tempos a que me refiro. A degradação moral misturada ao sofrimento físico constitui uma recordação por demais dilacerante para ser voluntariamente evocada. Não culpo as pessoas que me rejeitaram. Sentia que isso era o que devia esperar e que era inevitável. Um mendigo comum é frequentemente objeto de suspeitas, quanto mais um mendigo bem vestido. É verdade que eu pedia apenas emprego, mas a quem competia encontrar-me uma colocação? Certamente não às pessoas que me viam pela primeira vez e que nada sabiam do meu caráter. E quanto a mulher que não aceitou o meu lenço em troca do pão, porque

culpá-la? Ela tinha razão em fazê-lo, se a oferta lhe pareceu suspeita ou a troca pouco lucrativa. Vou resumir. Estou cansada do assunto.

Pouco antes do anoitecer passei por uma casa de fazenda a cuja porta o proprietário estava sentado, comendo o seu jantar de pão e queijo. Parei e disse:

- Pode me dar um pedaço de pão? Estou com muita fome.

Ele lançou-me um olhar de surpresa. Mas, sem responder, cortou uma fina fatia de pão e me deu. Creio que não acreditou que eu fosse uma mendiga, mas algum tipo de dama excêntrica, que se encantara com o seu pão preto. Logo que me afastei da casa, sentei-me e comi.

Não podia esperar conseguir abrigo sob um teto, e resolvi procurá-lo no bosque a que já me referi. Mas a minha noite foi miserável, meu sono interrompido. O terreno estava úmido, o ar frio. Além disso, mais de uma vez passaram intrusos perto de mim e eu tive que mudar constantemente de lugar. Não fui agraciada com nenhuma sensação de segurança ou tranquilidade. Quando amanhecia começou a chover, e choveu durante quase todo o dia seguinte. Não me peça, leitor, para fazer um relato minucioso desse dia. Como antes, procurei trabalho. Como antes, fui repelida. Como antes, passei fome. Apenas uma vez, alguma comida passou pelos meus lábios. Na porta de uma cabana vi uma menina a ponto de jogar uma porção de mingau frio no cocho dos porcos.

- Você me daria esse mingau? – perguntei. Ela me olhou.

- Mamãe! – exclamou. – Tem uma mulher aqui que quer que eu dê esse mingau para ela.

- Pode dar - respondeu uma voz, lá de dentro. - Se for uma mendiga, pode dar. O porco não quer mais.

A menina derramou a massa endurecida do mingau na minha mão, e eu devorei-a com entusiasmo.

Quando aquele entardecer chuvoso virou noite, parei numa trilha solitária, que eu estivera seguindo por mais de uma hora.

“Minhas forças estão me abandonando” disse para mim mesma. “Sinto que não posso ir muito longe. Serei uma criatura abandonada ainda esta noite? Terei que repousar a cabeça no chão frio e molhado, enquanto cai a chuva? Sinto que não há outra coisa a fazer, pois quem me dará abrigo? Mas será pavoroso, com essa sensação de fome, fraqueza, frio, e esse sentimento de desolação, a perda total da esperança! É bem provável, no entanto, que eu morra antes do amanhecer. E por que não aceitar a perspectiva da morte? Por que lutar para manter uma vida sem valor? Porque sei, ou suponho, que Mr. Rochester ainda está vivo. E assim, morrer de fome e frio é um destino que a minha natureza não pode aceitar passivamente. Oh, Divina Providencia! Mantém-me um pouco mais! Ajuda-me... e guia-me!”

Meus olhos vidrados vaguearam pela paisagem turva e nebulosa. Vi que me afastara do vilarejo. Dele não se via quase mais nada. As próprias pastagens que o circundavam haviam desaparecido de vista. Por atalhos e caminhos secundários, eu

tinha me aproximado outra vez da charneca. E agora só havia uns poucos campos, quase tão selvagens e improdutivos quanto o terreno em que medravam, estendendo-se entre mim e a colina escura.

“Bem, prefiro morrer lá longe do que numa rua ou estrada movimentada” refleti. “É bem melhor que os corvos e abutres – se existirem abutres nestas paragens – arranquem a carne dos meus ossos, do que ser aprisionada num caixão e jogada na lama da vala comum.”

Voltei, então, para a colina. Alcancei-a. Faltava agora apenas encontrar uma cova onde pudesse me deitar e sentir-me ao menos escondida, já que não podia estar segura. Mas toda a superfície do terreno parecia plana. Variava apenas de cor: verde, onde o musgo e a grama cobriam o terreno pantanoso; preto, onde o solo seco sustentava as urzes. Apesar da escuridão, ainda podia distinguir essas nuances. As cores haviam desaparecido com a chegada da noite, mas eu me guiava pela alternância de sombra e luz.

Meus olhos ainda percorriam o triste terreno e a encosta da charneca, que desaparecia naquele cenário selvagem, quando num ponto escuro, bem distante, entre os pântanos e montanhas, uma luz brilhou.

“Deve ser um fogo-fátuo” foi meu primeiro pensamento, e esperei que logo desaparecesse. Ele continuou aceso, no

entanto, bastante firme, sem diminuir nem aumentar. “Será uma fogueira recém acesa?” perguntei-me. Observei para ver se a luz aumentava: mas não. Assim como não aumentava, também não diminuía. “Deve ser uma vela em alguma casa,” conjecturei “mas se for, nunca poderei alcançá-la, está longe demais. E mesmo que esteja a poucos metros, de que me adianta? Vou bater na porta apenas para vê-la fechada na minha cara.”

Deixei-me cair onde estava, e escondi o rosto no chão. Fiquei assim por longo tempo. O vento da noite passava em rajadas sobre a montanha e sobre mim, para morrer gemendo na distância. A chuva aumentou, molhando-me até os ossos. Se eu pudesse desmaiar com o frio e sentir o amigável abraço da morte teria me entregado. Não sentiria nada. Mas meu corpo ainda vivo tremia sob o frio. Então, levantei-me.

A luz continuava lá, brilhando fraca mas constante sob a chuva. Tentei caminhar de novo. Arrastei meus membros exaustos vagorosamente em direção a ela. A luz levou-me por um caminho enviesado pela montanha, através de um enorme pântano que seria intransitável no inverno, pois mesmo agora, em pleno verão, estava enlameado e escorregadio. Caí duas vezes mas, como sempre, levantei-me e reuni as minhas forças. Essa luz era minha última esperança: devia alcançá-la.

Após cruzar o pântano, vi um traço branco em meio à vegetação. Aproximei-me. Era uma estrada ou uma trilha, e levava para cima, direto para a luz que agora brilhava no topo

de uma espécie de pequeno outeiro, no meio de um grupo de árvores – abetos, ao que parecia, tanto quanto eu podia distinguir das formas e da folhagem no meio da escuridão. Quando me aproximei, minha estrela desapareceu: algum obstáculo se interpusera entre mim e ela. Estendi a mão para tatear a massa escura à minha frente. Distingui as pedras duras de um muro baixo: sobre ele havia uma espécie de cerca e dentro uma sebe alta e espinhosa. Tateei. Outra vez um objeto esbranquiçado brilhava à minha frente: era um portão... uma cancela. Quando o toquei, moveu-se nos gonzos. De cada lado havia arbustos ou árvores.

Transposto o portão, passados os arbustos, surgiu a silhueta de uma casa – escura, baixa e muito comprida. Mas a luz que me guiara não brilhava mais. Tudo era escuridão. Teriam os moradores se recolhido para dormir? Temi que tivesse sido isso. Procurando a porta, dobrei o ângulo da casa: lá estava a luz amistosa brilhando novamente, através das vidraças em losango de uma janela emoldurada por ripas de madeira. Parecia menor, pois estava coberta de hera ou outra trepadeira qualquer, cujas folhas subiam pela parede da casa em que ela se achava. A abertura da janela era tão estreita e fechada que tornava desnecessário qualquer tipo de cortina ou sanefa. Quando me inclinei e afastei a folhagem pude ver todo o interior da peça. Vi claramente uma sala com piso de cimento, limpo e escovado. Um armário de nogueira, com

pratos de estanho dispostos nas prateleiras, refletindo a rubra luminosidade de um brilhante fogo de turfa. Pude ver um relógio, uma grande mesa branca, algumas cadeiras. O candeeiro, cuja luz fora o meu farol, ardia em cima da mesa. Sob essa luz, uma mulher idosa de aspecto um tanto grosseiro, mas escrupulosamente limpa como tudo ao seu redor, tricotava uma meia.

Percebi tudo isso apenas superficialmente, pois não tinha nada de extraordinário naquilo. Perto da lareira havia um grupo mais interessante, imóvel sob a rósea paz e calor do ambiente. Duas graciosas jovens, verdadeiras damas em todos os aspectos, estavam sentadas: uma numa cadeira de balanço, a outra numa banquetta baixa. As duas vestiam luto fechado, em crepe e bombazina, cuja elegância sombria ressaltava singularmente os pescoços e as faces muito alvas. Um enorme cachorro perdigueiro descansava sua cabeça maciça no colo de uma das moças. No regaço da outra aninhava-se um gato negro.

Que estranho, uma casinha tão humilde para pessoas com aquela aparência! Quem eram elas? Não podiam ser as filhas da senhora sentada à mesa, pois ela parecia rústica enquanto as moças eram só delicadeza e trato. Eu nunca vira rostos como aqueles, e ainda assim, quanto mais olhava, mais me sentia íntima de cada um dos seus traços. Não podia dizer que eram lindas... eram muito pálidas e sérias para merecer essa palavra. Como se debruçavam sobre um livro, sua expressão pensativa parecia quase severa. Uma estante baixa entre elas

servia de suporte para outro candeeiro e dois grandes volumes, os quais elas consultavam

constantemente, comparando-os com os pequenos volumes que tinham nas mãos. Parecia que consultavam um dicionário para ajudá-las em alguma tradução. A cena era silenciosa, como se todas as figuras fossem sombras e a sala iluminada fosse um quadro. O silêncio era tanto que eu podia ouvir as cinzas caírem na lareira e o tique-taque do relógio num canto escuro. Imaginei distinguir até o clique-clique das agulhas de tricô. Por isso, quando uma voz quebrou o estranho silêncio, foi perfeitamente audível para mim.

- Ouça, Diana! - disse uma das ocupadas estudantes - Franz e o velho Daniel estão juntos uma noite, e Franz está contando um pesadelo que o fez acordar aterrorizado. Ouça!

E ela começou a ler alguma coisa em voz baixa, da qual não consegui entender uma só palavra. Era uma língua que eu desconhecia. Não era francês nem latim. Não sei dizer se era grego ou alemão.

- É bom! - ela disse, quando terminou. - Gostei muito!

A outra moça, que levantara a cabeça para ouvir a irmã, repetiu uma linha do que fora lido, enquanto fitava o fogo. Dias depois descobri qual era a língua e o livro de que falavam. Vou reproduzir aqui a citação, embora, quando a ouvi pela primeira

vez, não tivesse significado algum para mim, parecia apenas um som metálico e inarticulado.

"Da trat hervor Einer, anzusehen wie die Sternen Nacht!"

- Muito bom! Muito bom! – ela exclamou, com os olhos negros e profundos brilhando. – Aí está um belo e poderoso arcanjo diante de você, bem a tempo! Esta citação merece cem páginas de considerações retumbantes. "Ich wage die Gedanken in der Schale meines Zornes und die Werke mit dem Gewichte meines Grimms." Gosto disso!

Ambas voltaram a ficar em silêncio.

- E tem alguma terra onde se fala desse jeito? – perguntou a velha, levantando os olhos do tricô.

- Sim, Hannah. Há um país bem maior que a Inglaterra, onde só se fala assim.

- Bem, de todo jeito, não sei como eles se entendem uns com os outros. E se uma de vocês for lá, vai poder entender o que eles falam, não é mesmo?

- Provavelmente vamos entender alguma coisa, mas não tudo... Não somos tão espertas como você pensa, Hannah. Não

falamos alemão, e não conseguimos ler sem ajuda do dicionário.

- E o que isso vai trazer de bom para vocês?
- Pretendemos ensiná-lo, algum dia... ou pelo menos os rudimentos, como se diz. Então teremos mais dinheiro do que temos agora.

Mary?

- Decerto. Mas chega de estudo, já estudaram muito esta noite.
- Acho que sim. Eu, pelo menos, estou cansada. Você também,
- Mortalmente cansada. Afinal, é um trabalho muito duro

aprender uma língua sem outro mestre além do dicionário.

- Se é... Especialmente uma língua difícil, apesar de gloriosa, como o alemão. Quando será que St. John vai chegar?

- Com certeza não vai demorar muito. Já são dez horas (olhando para um pequeno relógio de ouro que tirou do bolsinho). Está chovendo muito, Hannah. Quer ter a bondade de atizar o fogo no salão?

A mulher levantou-se e abriu uma porta. Avistei um corredor na penumbra. Logo ouvi-a atizar o fogo em algum cômodo interno. Então retornou.

- Ah, crianças! - disse. - Que agonia ir até a sala agora. Parece tão solitária com a cadeira vazia, encostada na parede! Secou os olhos com o avental. As duas moças, que antes pareciam sérias, agora estavam tristes.

- Mas ele está num lugar melhor - continuou Hannah. - Não seria bom para ele continuar aqui. E depois, ninguém teria uma morte melhor do que ele teve.

- Você disse que ele nem falou no nosso nome? - inquiriu uma das moças.

- Ele não teve tempo, menina. Seu pai morreu num minuto. Ele estava um pouco indisposto na véspera, mas não era nada preocupante. E quando Mr. St. John perguntou se ele queria mandar chamar uma de vocês, ele riu. No outro dia começou de novo com um peso na cabeça - faz quinze dias - e foi dormir. Nunca mais acordou. Estava quase morto quando o irmão de vocês entrou no quarto e o encontrou. Ah, crianças!

Ele era o último da velha guarda – vocês e Mr. St. John são bastante diferentes do falecido. Parecem mais com a mãe, até no gosto pelos livros. Você é o retrato da sua mãe, Mary. Diana parece mais com o pai.

Eu as achava tão parecidas que não sabia onde a velha criada (o que agora concluí que ela era) encontrara alguma diferença. Ambas tinham a pele clara e a compleição delicada. Ambas possuíam rostos muito distintos e inteligentes. Na verdade, uma tinha o cabelo um pouco mais escuro do que a outra, e penteavam-se de modo diferente. Os cachos castanhos de Mary eram repartidos e puxados para trás. Os cabelos de Diana, de tom um pouco mais escuro, desciam pelo pescoço em cachos abundantes. O relógio bateu dez horas.

- Bem, vocês com certeza querem cear. E Mr. St. John também, quando chegar.

E começou a preparar a refeição. As moças se levantaram. Pareciam dirigir-se ao salão. Até aquele momento eu estivera bastante interessada em observá-las. Sua aparência e conversa me despertaram um interesse tão intenso que eu quase me esquecera da minha infeliz situação. Agora ela me voltava à lembrança. O contraste tornava minha situação mais desoladora e desesperada do que nunca. Como me pareceu impossível sensibilizar as moradoras da casa para agir em meu favor, fazê-las acreditar nas minhas necessidades e tristezas, induzi-las a pôr um fim nas minhas peregrinações! Enquanto

procurava a porta e batia, hesitantemente, senti que a última ideia era apenas uma quimera. Hannah abriu.

- O que deseja? – ela perguntou, numa voz surpresa, enquanto me observava à luz do candeeiro que trazia na mão.

você?

- Posso falar com as suas patroas? – eu disse.

- É melhor me dizer primeiro o que quer com elas. De onde vem

- Venho de longe.

- O que deseja aqui a esta hora?

- Desejo abrigo para passar a noite, no pátio ou em qualquer outro

lugar, e um pedaço de pão para comer.

A suspeita, o único sentimento que eu temia, apareceu no rosto de

Hannah.

- Vou lhe dar um pedaço de pão – ela disse, depois de uma pausa.
- Mas não podemos abrigar uma andarilha. Não é possível.
- Deixe-me falar com as suas patroas.
- Não, não vou deixar. O que elas podem fazer por você? Não devia estar perambulando a esta hora. Parece muito errado.
- Mas para onde irei, se a senhora me expulsa? Que fazer?
- Ah! Garanto que sabe muito bem para onde ir e o que fazer. Só lhe digo para não agir errado, isso é tudo. Tome uma moeda, agora vá...
- Uma moeda não pode me alimentar, e não tenho forças para prosseguir. Não bata a porta... Oh, não! Pelo amor de Deus!
- Preciso fechar, a chuva está entrando...
- Fale com as senhoritas. Deixe-me vê-las...
- Não vou falar, isso não. Você não é o que parece, ou não estaria fazendo esse estardalhaço. Vá embora!
- Mas vou morrer se me enxotar daqui...
- Ah, não vai não! Você deve estar com más intenções, batendo na porta das casas a esta hora da noite. Se tem alguns companheiros aqui por perto – arrombadores e tipos como

esses – pode dizer a eles que não estamos sozinhas aqui. Temos um homem na casa, cães e espingardas.

Então a criada, honesta mas inflexível, bateu a porta e trancou-a por dentro.

Esse foi o clímax. A dor de um sofrimento indizível, um espasmo de puro desespero, tomaram conta do meu coração. Estava esgotada, não suportava dar nem mais um passo. Desabei no degrau molhado da porta. Gemi, retorci as mãos e chorei em total agonia. Ah, o espectro da morte! A hora derradeira aproximando-se no meio de um tal horror! E esta desolação... ser banida da própria espécie! Não perdera apenas a esperança, mas a fortaleza moral – pelo menos por um momento. Mas a última eu ainda esperava recobrar.

- Só me resta morrer... – disse. – Mas acredito em Deus, esperarei em silêncio que se cumpra a Sua vontade.

Eu não apenas pensara nessas palavras, mas falara em voz alta. E recolhi ao coração a minha miséria, esforçando-me para mantê-la ali – silenciosa e imóvel.

- Todos devemos morrer – disse uma voz, bem perto de mim. – Mas nem todos estão condenados a uma morte lenta e prematura, como seria a sua se morresse aqui abandonada.

- Quem é ou o que é que fala? – perguntei.

Estava aterrorizada com o som inesperado, e incapaz de perceber naquela ocorrência alguma esperança de ajuda. Havia um vulto perto de mim, mas a minha visão enfraquecida e a noite escura me impediam de distinguir a sua forma. O recém-chegado bateu na porta, com uma batida forte e sonora.

- É o senhor, Mr. St. John? - gritou Hannah.
- Sim, sou eu. Abra depressa.
- Bem, o senhor deve estar molhado e com frio, numa noite como esta! Entre. Suas irmãs já estão preocupadas com a sua demora, e acho que há malfeitores rondando a casa. Uma mendiga veio aqui e... Ah! Ainda está aqui. Está deitada ali. Levante-se! Que vergonha! Vá embora, estou dizendo!
- Silêncio, Hannah! Preciso dizer uma palavra a esta mulher. Você fez o seu dever, enxotando-a. Agora deixe-me fazer o meu, acolhendo-a. Eu estava perto e ouvi o que você e ela disseram. Acho que este é um caso

especial... Desejo examiná-lo melhor. Jovem, levante-se e entre em casa. Passe na frente.

Obedeci com dificuldade. Então me vi dentro daquela cozinha limpa e brilhante, perto do fogo. Estava trêmula e febril. Tinha consciência do meu aspecto miserável, de quem desceu ao último grau do desespero. Devia parecer medonha, selvagem,

abatida pela intempérie. As duas jovens e o irmão, Mr. St. John, e a velha criada – todos me encaravam.

- Que é isto, St. John? – ouvi alguém perguntar.
- Não sei dizer. Encontrei-a na porta – foi a resposta.
- Está tão pálida! – disse Hannah.
- Pálida como o gesso ou a morte – responderam. – Ela vai cair, faça-a sentar-se.

E minha cabeça, de fato, estava girando. Caí, mas uma cadeira me amparou. Eu ainda estava consciente, embora não conseguisse falar.

- Traga um pouco de água, Hannah, talvez a reanime. Mas ela está reduzida a nada. Como está magra e pálida!
- Parece um espectro!
- Será que está doente, ou apenas faminta?
- Faminta, eu acho. Isso é leite, Hannah? Traga um pouco, e também um pedaço de pão.

Diana (reconheci-a pelos longos cachos que se interpuseram entre mim e o fogo, quando ela se inclinou na minha direção) partiu o pão em pedaços, mergulhou-o no leite e colocou-o nos meus lábios. Seu rosto estava perto do meu: vi que nele havia piedade, e também solicitude na sua respiração apressada. Suas palavras tinham a mesma emoção, que era um bálsamo para mim, quando disse:

- Tente comer um pouco.
- Sim... Tente - repetiu Mary, gentilmente.

E as mãos de Mary removeram meu chapéu encharcado e levantaram minha cabeça. Provei o que elas me ofereciam, primeiro

fracamente, logo com ansiedade.

- Não lhe dê muito no início, contenha-a... - disse o irmão. - Bem... Já foi o suficiente.

E ele retirou a caneca de leite e o prato de pão.

- Um pouco mais, St. John. Olhe a avidez nos olhos dela!
- No momento não é bom dar-lhe mais, irmã. Veja se ela consegue falar agora, pergunte o seu nome.

Senti que podia falar e respondi:

- Meu nome é Jane Elliot.

Ansiosa para evitar que me descobrissem, eu já havia resolvido assumir um nome suposto.

- E onde você mora? Onde estão seus amigos? Fiquei em silêncio.
- Quer mandar chamar alguém que conheça?

Sacudi a cabeça.

- O que pode nos contar sobre você?

De algum modo, uma vez que havia cruzado a soleira daquela casa e estava frente a frente com seus moradores, não me sentia mais uma proscrita, uma errante, abandonada pelo mundo inteiro. Ousei deixar de lado a mendicância e retomar meu modo natural de ser e meu caráter. Voltei a ter consciência de mim mesma, e quando Mr. St. John pediu-me um relato – que no momento eu estava ainda muito fraca para fazer – disse após uma breve pausa.

- Senhor, esta noite não tenho condições de fornecer detalhes.

- Mas então – ele perguntou – o que espera que eu faça por você?

- Nada – respondi.

Minha força era suficiente apenas para respostas curtas. Diana tomou a palavra.

- Está querendo dizer – ela perguntou – que já lhe demos toda a ajuda de que precisa? E que podemos mandá-la de volta para o pântano

nesta noite chuvosa?

Olhei-a. Pensei que ela tinha um modo de ser notável, dotada tanto de energia quanto de bondade. Tomei coragem de repente, e respondendo com um sorriso ao seu olhar de compaixão, disse:

- Confio em vocês. Se eu fosse um cão perdido e sem dono sei que não me enxotariam do calor do seu lar numa noite assim. Por isso, realmente não temo nada. Façam comigo o que acharem melhor. Mas me perdoem por não falar muito, estou sem fôlego... Sinto uma pontada no peito quando falo.

Os três me observaram em silêncio.

- Hannah - disse Mr. St. John, por fim - deixe-a sentada aqui por enquanto e não lhe faça perguntas. Dentro de dez minutos dê-lhe o restante do leite e do pão. Mary e Diana, vamos para o salão conversar sobre este caso.

Eles saíram. Logo uma das moças voltou... não sei qual. Sentada junto daquele fogo reconfortante, uma espécie de torpor tomara conta de mim. Num tom baixo, a moça deu algumas instruções a Hannah. Pouco depois, com a ajuda da criada, esforcei-me para subir uma escada. Removeram minhas roupas molhadas e logo um leito morno e seco me acolheu. Agradei a Deus. No meio daquela exaustão terrível senti um clarão de alegria agradecida - e adormeci.

CAPÍTULO XXIX

Minhas lembranças dos três dias e três noites que se seguiram são muito vagas. Recordo de algumas coisas que senti nesse período, mas não me lembro de ter tido um pensamento lúcido ou de ter praticado alguma ação. Sei que estava num quarto pequeno, numa cama estreita. A cama parecia enorme para mim. Jazia nela imóvel como uma pedra, e tirar-me dali seria quase a morte. Não notava o passar do tempo, nem a passagem da manhã para o meio-dia, ou do meio-dia para a noite. Percebia quando alguém entrava ou saía do aposento, podia até mesmo dizer de quem se tratava. Entendia o que diziam, quando falavam perto de mim, mas não podia responder. Abrir os lábios ou mover os membros era igualmente impossível. Hannah, a criada, era a visita mais frequente. Sua presença me perturbava, pois tinha a impressão de que ela me queria longe dali, que não me compreendia, nem às circunstâncias em que eu me encontrava, e que tinha prevenção contra mim. Diana e Mary apareciam uma ou duas vezes ao dia. Ao lado da minha cama, diziam frases como estas:

- Foi muito bom que a acolhêssemos.
- Sim. Se a tivéssemos deixado lá fora a noite inteira, de manhã ela estaria morta na porta da casa. O que será que aconteceu com ela?

- Alguma grande desgraça, eu acho... Pobre andarilha, tão emaciada e pálida.
- E, pelo seu modo de falar, não parece uma pessoa sem instrução. Sua pronúncia é impecável. Além disso, as roupas que vestia, apesar de molhadas e rasgadas, eram novas e muito finas.
- Ela tem um rosto interessante. Agradou-me muito, mesmo magra e abatida como está. Imagino que sua fisionomia seja bastante agradável, quando recobrar a saúde e o ânimo.

Nos seus diálogos, nunca ouvi uma sílaba sequer de arrependimento por terem me acolhido, ou de suspeita, ou de aversão.

Senti-me confortada.

Mr. St. John veio apenas uma vez. Olhou-me e disse que o meu estado de letargia era a reação do organismo contra a fadiga excessiva e prolongada. Achou que não havia necessidade de chamar um médico, pois a natureza – ele estava certo disso – se encarregaria de me curar por si só. Disse que todos os meus nervos haviam sido exigidos ao extremo e que o sistema ficaria entorpecido por algum tempo. Mas não havia doença.

Acreditava que logo que começasse, o processo de recuperação seria rápido. Emitiu essas opiniões em poucas palavras, num tom baixo e pausado. Depois de um momento

acrescentou, como alguém pouco acostumado a comentários expansivos:

- Uma fisionomia bem singular. Com certeza não indica vulgaridade nem degradação.
- Pelo contrário - respondeu Diana. - Para falar a verdade, St. John, meu coração se enternece por essa pobre alma. Gostaria que pudéssemos ajudá-la de forma permanente.
- Isso é pouco provável - foi a resposta. - Você acabará descobrindo que ela é alguma jovem dama que teve um desentendimento com seus familiares e, provavelmente, abandonou-os num momento de desatino. Talvez consigamos levá-la de volta para junto deles, se ela não for teimosa. Mas vejo traços de obstinação no seu rosto, o que me deixa cético quanto à sua docilidade.

Continuou examinando meu rosto por alguns minutos. Então

disse:

- Ela parece sensível, mas não é bonita, absolutamente.
- Ela está enferma, St. John.
- Enferma ou sã, sempre será comum. Faltam ao seu rosto a graça

e a harmonia da beleza.

No terceiro dia senti-me melhor. No quarto já conseguia falar, mover-me, sentar na cama e me virar. À hora do jantar, creio eu, Hannah trouxe um pouco de mingau e torradas. Comi com gosto, a comida era boa... Não tinha mais o travo de febre que até ali envenenara todos os alimentos que eu comera. Quando ela saiu, senti-me relativamente forte e

animada. Logo me cansei do repouso e ansiei por alguma ação. Desejava me levantar, mas o que poderia vestir? Tinha apenas minhas roupas úmidas e enlameadas, com as quais eu dormira ao relento e caíra no pântano. Sentia vergonha de aparecer vestida assim diante dos meus benfeitores. Mas fui poupada da humilhação.

Na cadeira ao lado da cama estavam todas as minhas roupas, limpas e secas. Meu vestido de seda preta fora pendurado junto à parede. As manchas de lama haviam sido removidas e as rugas alisadas. Estava bastante decente. Meus próprios sapatos haviam sido limpos e lustrados, e agora estavam apresentáveis. Havia um lavatório no quarto e também pente e escova para o cabelo. Depois de um cansativo processo em que parei para descansar a cada cinco minutos, consegui me vestir. Minhas roupas estavam largas, pois eu perdera muito peso, mas cobri as deficiências com um xale. E assim, outra vez

limpa e apresentável – e sem nenhum traço da sujeira e desordem que eu tanto detestava e que parecia me degradar – descii uma escadaria de pedra apoiando-me no corrimão, desemboquei numa passagem estreita e logo achei o caminho para a cozinha.

Meus sentidos foram envolvidos pelo perfume de pão recém assado e pelo calor de um generoso fogo. Hannah fazia pão. Os preconceitos, todos sabem, são mais difíceis de erradicar do coração cujo solo nunca foi revolvido nem fecundado pela educação. Eles se enraízam ali, firmes como ervas daninhas no meio das pedras. No início Hannah foi fria e rígida, é verdade. Depois começou a demonstrar um pouco de pena. E quando me viu chegar, limpa e bem vestida, ela até sorriu.

- Quê? Já está de pé? – ela disse. – Então está melhor? Se quiser pode se sentar na minha cadeira, junto do fogão de pedra.

Apontou para a cadeira de balanço. Sentei-me. Ela continuou suas tarefas, lançando-me um olhar de vez em quando com o canto do olho. Voltando-se para mim, enquanto pegava alguns pães do forno, perguntou simplesmente:

- Nunca mendigou, antes de vir aqui?

Fiquei indignada por um momento. Lembrei-me, no entanto, que não devia me zangar, e que realmente aparecera para ela como uma

mendiga. Respondi calmamente, mas não sem certa firmeza:

- Está errada em acreditar que eu seja uma mendiga. Não sou mendiga, não mais do que você ou as senhoritas.

Depois de uma pausa ela disse:

- Não entendo. Você não tem casa nem “cobre”, não é?

- A falta de uma casa ou de “cobre” (que para você deve significar dinheiro, eu acho) não torna uma pessoa mendiga, no verdadeiro sentido da palavra.

- Você tem estudo? - ela indagou, então.

- Sim, bastante.

- Mas nunca estive num colégio?

- Fiquei num colégio por oito anos. Ela arregalou os olhos.

- E como não consegue se sustentar, então?

- Eu ganhava o meu sustento e, acredite, posso voltar a ganhar. O que vai fazer com essas groselhas? - perguntei, ao vê-la pegar um cesto com as frutas.

- Vou fazer tortas.

- Dê-me então, que eu vou picá-las.

- Não, não quero que você faça nada.

- Mas tenho que fazer alguma coisa. Dê-me as frutas.

Ela concordou, e até trouxe uma toalha para colocar sobre o meu vestido, para não sujar.

- Não está acostumada a fazer serviço de criada, vejo pelas suas mãos - ela observou. - Era costureira?

- Não, está enganada. E agora, não importa o que eu era: não se incomode mais comigo. Mas me diga o nome da casa em que estamos.

- Alguns a chamam de Marsh End, outros de Moor House.

- E o cavalheiro que mora aqui se chama St. John?

- Não, ele não mora aqui, está só passando uns tempos. Ele mora na paróquia de Morton.

- Aquele vilarejo a alguns quilômetros daqui?

- É.

- E o que ele faz?

- Ele é pastor.

Lembrei-me da resposta da velha governanta da casa paroquial, quando lhe perguntei se podia ver o pastor.

- Então esta é a casa do pai dele?

- É. O velho Mr. Rivers morava aqui, e o pai dele, o avô e o bisavô, antes dele.

- O nome do cavalheiro, então, é Mr. St. John Rivers?

- É. St. John é o nome de batismo.

- E as irmãs se chamam Diana e Mary Rivers?

- Sim.
- O pai deles morreu?
- Morreu há três semanas, de enfarte.
- Eles não têm mãe?
- Este mês faz um ano que a senhora morreu.
- Vive há muito tempo com a família?
- Vivo aqui há trinta anos, criei todos os três.
- Isso mostra que é uma criada honesta e dedicada. Digo isso, mesmo que tenha sido indelicada, me chamando de mendiga.

Ela me olhou de novo com surpresa.

- Acho que estava enganada quanto à senhorita. Mas há tantos tratantes por aí, não pode me culpar.
- Além disso – continuei, com severidade – fechou a porta na minha cara, numa noite em que não se enxota nem um cão.
- Bem, isso foi cruel, mas o que podia fazer? Pensava mais nas meninas do que em mim, pobrezinhas! Elas não têm ninguém para cuidar delas, só eu. Tenho que ser desconfiada.

Mantive um grave silêncio por alguns minutos.

- Não deve pensar mal de mim – ela recomeçou.

- Mas eu penso mal da senhora - eu disse. - E lhe digo por que: não é porque me recusou abrigo, ou porque me olhou como uma impostora, mas porque agora há pouco fez uma careta de reprovação dizendo que eu não tinha casa nem “cobre”. Algumas das melhores pessoas que passaram pela face da terra foram tão pobres quanto eu. E se é cristã, não deve considerar a pobreza um crime.

- Não vou mais fazer isso! - ela disse - Mr. St. John vive me dizendo a mesma coisa. E sei que estava errada - agora tenho uma ideia bem diferente da senhorita. Parece uma mocinha muito decente.

- Assim está melhor. Eu a perdoo, vamos apertar as mãos. A velha criada pousou sua mão áspera e enfarinhada na minha, e outro sorriso cordial iluminou sua face rústica. Desde então ficamos amigas.

Era evidente que Hannah gostava de falar. Enquanto eu picava as frutas e ela preparava a massa para as tortas, começou a me contar várias coisas sobre seus falecidos patrões, assim como sobre as “crianças”, como ela chamava os jovens.

O velho Mr. Rivers, ela disse, era um homem bastante simples. Mas era um cavalheiro, pertencente a uma das famílias mais antigas do condado. Marsh End pertencia aos Rivers desde que fora construída, há quase duzentos anos, embora parecesse humilde e pequena, se comparada com a enorme residência de Mr. Oliver, lá embaixo em Morton Vale. Ela recordava do pai de

Bill Oliver como um artesão que fazia agulhas, enquanto os Rivers já eram fidalgos desde os tempos dos Henriques, como qualquer um podia ver se olhasse os registros da igreja de Morton.

- Além disso - ela acrescentou - o velho patrão era como qualquer pessoa... Do jeito antigo, louco por caçadas, pela fazenda, pelos animais, coisas assim. Já a patroa era diferente. Adorava ler e estudara

muito, e as “crianças” puxaram a ela. Não há ninguém como eles nesta região, nem nunca houve. Gostavam de estudar quase desde que começaram a falar, todos os três. E sempre mostraram a “marca” da família. Mr. Sr. John, quando cresceu, foi para a escola estudar para ser pastor. E as moças, logo que deixaram o colégio arrumaram colocação como governantas, pois alguns anos atrás seu pai havia perdido muito dinheiro, confiando num homem que entrou em falência. E como ele não era mais rico o suficiente para lhes deixar uma herança, elas tiveram que cuidar de si mesmas. Passam muito pouco tempo na casa, e só vieram agora para ficar algumas semanas por causa da morte do pai. Mas gostam muito de Marsh End e Morton e de todas estas montanhas e pântanos. Já foram a Londres e outras grandes cidades, mas sempre dizem que não há nenhum lugar como o lar. E eles se dão tão bem uns com os outros, nunca brigam. Não conheço uma família mais unida.

Terminando minha tarefa de picar groselhas, perguntei onde estavam agora as jovens e seu irmão.

- Foram até Morton, caminhar um pouco. Mas devem voltar dentro de meia hora, para o chá.

Eles voltaram dentro do prazo estimado por Hannah, e entraram pela porta da cozinha. Quando Mr. Sr. John me viu, apenas fez um cumprimento de cabeça e passou. As jovens pararam. Mary, em poucas palavras, expressou calma e afetuosamente o prazer de me ver quase recuperada. Diana tomou a minha mão e balançou a cabeça.

- Devia ter me esperado para descer! - ela disse. - Parece ainda muito pálida... E tão magra! Pobre menina!

Para os meus ouvidos, Diana tinha uma voz doce como o arrulhar de uma pomba. Seus olhos possuíam um brilho que eu gostava de fitar. Todo o seu rosto me parecia encantador. O semblante de Mary também era muito inteligente - e seus traços igualmente bonitos. Mas tinha uma expressão mais reservada, e suas maneiras, embora gentis, eram mais distantes. Diana olhava e falava com certa autoridade. Tinha personalidade, era evidente. Era da minha natureza sentir prazer em acatar uma autoridade como aquela e, tanto quanto minha consciência e respeito próprio permitissem, inclinar-me ante uma vontade firme.

- E o que é que está fazendo aqui? – ela prosseguiu. – Este não é o seu lugar. Às vezes Mary e eu nos sentamos na cozinha, porque gostamos de ter liberdade na nossa casa, ficar à vontade... Mas você é uma hóspede: seu lugar é no salão.

- Estou muito bem aqui.

- De modo algum, com Hannah andando de um lado para outro e cobrindo você de farinha.

- Além disso, o fogo está muito forte para você – interpôs Mary.

- Certamente! – acrescentou a irmã. – Venha, deve ser obediente. Ainda segurando a minha mão, fez-me levantar e me levou para o salão.

- Sente-se aqui – ela disse, colocando-me no sofá – enquanto

mudamos de roupa e preparamos o chá. É outro privilégio que exercemos no nosso lar da charneca: preparar nossas próprias refeições quando temos vontade. Ou então quando Hannah está fazendo pão, fazendo cerveja, lavando ou passando a roupa.

Fechou a porta, deixando-me a sós com Mr. St. John, sentado no lado oposto, com um livro ou jornal nas mãos. Examinei primeiro o salão, depois o dono da casa.

A peça era pequena e mobiliada com simplicidade. Mesmo assim era bastante confortável, clara e limpa. As cadeiras de estilo antigo eram muito polidas, e a mesa de imbuia parecia um espelho. Alguns estranhos e antigos retratos de homens e mulheres de outros tempos decoravam as paredes caiadas. Um armário com portas de vidro continha alguns livros e um conjunto de porcelana antigo. Não havia ornamentos supérfluos na sala, nenhuma peça moderna de mobília a não ser um conjunto de carteiras e uma escrivaninha feminina em pau-rosa, junto a uma mesa lateral. Tudo, inclusive o carpete e as cortinas, parecia ao mesmo tempo bastante usado e muito bem conservado.

Mr. St. John, sentado imóvel como as desbotadas gravuras das paredes, os olhos fixos na página que lia, os lábios cerrados, oferecia-se a um exame. Se fosse uma estátua em vez de um homem, o exame não teria sido mais fácil. Era jovem – talvez entre vinte e oito e trinta anos – alto e

esguio. Tinha um rosto de estilo grego, de perfil muito bem delineado. Nariz reto, bastante clássico. A boca e o queixo de um ateniense. Raramente um rosto inglês se parecia tanto com o modelo clássico quanto o dele. Devia ter ficado chocado com a irregularidade dos meus traços, já que os dele eram tão harmoniosos. Seus olhos eram grandes e azuis, com cílios castanhos. A testa alta, branca como mármore, estava parcialmente encoberta por belos cachos de cabelo claro.

É uma descrição gentil, não acha, leitor? Mesmo assim, aquele que descrevi jamais daria a impressão de uma natureza gentil, ou complacente, ou sensível ou mesmo plácida. Tranquilo como estava, havia algo nas narinas, na boca, nas sobrancelhas que, na minha percepção, indicava algo próximo da impaciência, da dureza ou da ansiedade. Não me dirigiu uma palavra, nem mesmo me lançou um olhar, até que suas irmãs voltassem. Diana, que ia e vinha preparando o chá, trouxe-me um bolinho recém saído do forno.

- Coma isso - ela disse - deve estar com fome. Hannah disse que você não comeu nada além de um prato de mingau, desde o café da manhã.

Não recusei, pois meu apetite voltara, e muito agudo. Mr. Rivers então fechou o livro, aproximou-se da mesa e, enquanto sentava, fixou diretamente sobre mim os olhos tão azuis que pareciam uma pintura. Havia no seu olhar uma sinceridade sem reservas, uma decisão de inquirir, mostrando que fora por intenção, e não por desconfiança, que se mantivera afastado da intrusa até agora.

- Está com muita fome - notou ele.

- Estou, sim senhor.

É o meu jeito - e sempre foi o meu jeito, instintivamente - tratar o que é breve com brevidade, o que é direto com simplicidade.

- Foi bom que a febre a impedisse de comer muito nestes três dias. Seria perigoso ceder ao apetite no começo. Agora pode comer, mas com moderação.

- Espero não comer muito tempo às suas custas, senhor - foi a minha resposta desajeitada e rude.

- Não - ele disse, friamente. - Quando nos informar o endereço dos seus parentes podemos escrever para eles, e você voltará para sua casa.

- Isso, devo dizer-lhe francamente, está fora das minhas possibilidades, pois não possuo nem casa nem parentes.

Os três me encararam, mas não com desconfiança. Senti que não havia suspeita nos seus rostos, mas apenas curiosidade. Falo principalmente das moças. Os olhos de St. John, embora claros no sentido literal, eram, no sentido figurado, difíceis de penetrar. Ele parecia usá-los mais como instrumento para sondar os pensamentos alheios do que para revelar os seus. Aquela combinação de perspicácia e reserva era muito mais calculada para embaraçar do que para encorajar.

- Quer dizer - ele perguntou - que está completamente isolada de qualquer laço familiar?

- Estou. Nenhum laço me liga aos seres vivos. Não tenho nenhum direito de ser admitida sob qualquer teto da Inglaterra.

- Uma situação bastante estranha, na sua idade!

Senti que seu olhar se dirigia direto às minhas mãos, cruzadas sobre a mesa diante de mim. Perguntei-me o que estaria pensando, e suas palavras logo me esclareceram a questão.

- Nunca foi casada? É solteira? Diana riu.
- Ela deve ter apenas dezessete ou dezoito anos, St. John – disse.
- Tenho quase dezenove. Mas não sou casada, não.

Senti um rubor subir ao meu rosto, pois a alusão ao casamento me trouxera amargas e perturbadoras recordações. Todos viram o embaraço e a emoção. Diana e Mary delicadamente voltaram os olhos para outra coisa que não fosse o meu rosto rubro. Mas o irmão, mais frio e mais sério, continuou a me olhar, até que o problema que ele levantara trouxe-me lágrimas aos olhos, além do rubor.

- Onde morava antes? – perguntou.
- Você faz muitas perguntas, St. John – murmurou Mary, numa voz baixa.

Mas ele debruçou-se sobre a mesa e esperou uma resposta, dando-me outro olhar agudo e firme.

- O nome do lugar e da pessoa com quem eu morava é o meu segredo – respondi simplesmente.

- O qual, na minha opinião, você tem todo o direito de manter, se quiser. Pode negá-lo tanto a St. John quanto a qualquer pessoa que a interrogue – interpôs Diana.
- Ainda assim, se eu não souber nada sobre você ou sua história, não tenho como ajudá-la – ele disse. – E você precisa de ajuda, não precisa?
- Preciso, sim. Procurei muito, senhor, que algum filantropo verdadeiro me conseguisse qualquer trabalho que eu possa executar, por qualquer remuneração. Basta que eu possa pagar pelas minhas necessidades mais elementares.
- Não sei se sou um verdadeiro filantropo, mas desejo ajudá-la tanto quanto possa nesse propósito tão honesto. Primeiro, então, me diga o que está acostumada a fazer, e o que sabe fazer.

Eu tinha acabado o meu chá. A bebida havia me renovado as forças, como um gigante que bebesse vinho. Senti que a infusão imprimira novo tônus aos meus nervos, e que era capaz de enfrentar com firmeza este jovem e arguto juiz.

- Mr. Rivers – disse, virando-me para ele e olhando-o abertamente e sem desconfiança, como ele fizera comigo – o senhor e suas irmãs me prestaram um imenso favor... o maior que um homem pode prestar ao seu semelhante. Salvaram-me da morte, concedendo-me hospitalidade. Este benefício lhes confere direitos ilimitados sobre a minha gratidão, e direitos também, até certo limite, sobre o meu segredo. Vou contar-lhes

a história da andarilha que vocês abrigaram, tanto quanto possa sem comprometer minha própria paz de espírito e minha segurança moral e física, ou a de outras pessoas.

- Sou órfã, filha de um clérigo. Meus pais morreram antes que eu pudesse conhecê-los. Tornei-me uma asilada, e fui educada numa instituição de caridade. Posso dizer-lhe até o nome desse estabelecimento, onde passei seis anos como aluna e dois como professora. Chama-se Asilo de Órfãs de Lowood, no condado de... Já deve ter ouvido falar dele, Mr. Rivers, o tesoureiro é Mr. Robert Brocklehurst.

- Já ouvi falar de Mr. Brocklehurst, e conheço a escola.

- Deixei Lowood há quase um ano para tornar-me governanta. Obtive uma boa colocação e era feliz. Fui obrigada a deixar esse lugar quatro dias antes de chegar aqui. Não posso e não ousa revelar a razão da minha partida. Seria inútil e perigoso, e pareceria inacreditável. Não cometi falta alguma, estou tão isenta de culpa quanto o senhor e suas irmãs. Sou infeliz e devo ser ainda por algum tempo, pois a desgraça que me tirou da casa que eu considerava um paraíso é de natureza estranha e terrível. Considerei duas coisas ao planejar minha partida: rapidez e segredo. Para garantir isso tive que deixar para trás tudo que possuía, exceto um pequeno pacote que, na minha pressa e confusão mental, acabei por esquecer no coche que me trouxe até Whitcross. Cheguei a esta vizinhança, então,

absolutamente sem nada. Dormi duas noites ao relento e andei durante dois dias sem transpor uma soleira de porta. Provei comida apenas duas vezes durante esse tempo. E foi quando estava tomada pela fome, exaustão e desespero, quase no meu último alento, que o senhor, Mr. Rivers, me impediu de morrer de fome na porta da sua casa, e me deu abrigo sob seu teto. Sei tudo que suas irmãs fizeram por mim desde então, pois não estava inconsciente durante o meu torpor. Devo à compaixão espontânea, sincera e bondosa das suas irmãs tanto quanto devo à caridade cristã que o senhor demonstrou, Mr. Rivers.

- Não a faça falar mais, St. John – disse Diana, quando fiz uma pausa. – É evidente que ela ainda não está bem o suficiente para essas emoções. Venha para o sofá e sente-se, Miss Elliot.

Dei um suspiro involuntário ao ouvir o nome suposto: havia me esquecido do meu novo nome. Mr. Rivers, a quem nada parecia escapar, percebeu logo.

- Disse que seu nome era Jane Elliot? – observou.

- Eu disse. É o nome pelo qual eu acho melhor ser chamada no momento, mas não é meu nome verdadeiro. Por isso achei estranho, quando o ouvi.

- E não vai dizer seu verdadeiro nome?

- Não. Receio que assim tudo seja descoberto, e evito qualquer coisa que possa levar a isso.
- Estou certa de que você tem razão – disse Diana. – Agora chega, meu irmão, deixe-a em paz por enquanto.

Mas, após meditar por alguns momentos, St. John recomeçou, mais imperturbável e arguto do que nunca.

- Você não gostaria de depender da nossa hospitalidade por muito tempo e deseja, pelo que vejo, dispensar a compaixão das minhas irmãs tão logo possa. E, acima de tudo, quer dispensar a minha caridade (estou consciente da distinção que você fez, mas não me sinto ofendido... acho justo). Quer ser independente de nós?

- Quero, como já disse. Mostre-me onde trabalhar ou como conseguir trabalho: isso é tudo que lhe peço agora. Depois deixe-me ir, nem que seja para uma humilde cabana. Até lá, permita que eu fique aqui. Temo experimentar de novo os horrores da falta de um teto.

- Você deve ficar aqui, de fato – disse Diana, colocando sua mão alva na minha cabeça.

- Deve, sim – disse Mary, no tom de contida sinceridade que lhe era natural.

- Minhas irmãs, como vê, têm prazer em acolhê-la – disse Mr. St. John – como teriam prazer em acolher e tratar de um passarinho meio congelado de frio que algum vento de inverno

atirasse janela adentro. Eu me sinto mais inclinado a colocá-la em condições de se manter por si mesma, e me esforçarei para fazê-lo. Mas veja que minha influência é limitada. Sou apenas o encarregado de uma pobre paróquia do interior, minha ajuda seria de um tipo humilde. E se você se sente inclinada a desprezar as coisas humildes, procure uma ajuda mais eficiente do que aquela que posso oferecer.

- Ela já disse que aceita qualquer trabalho honesto que possa realizar - respondeu Diana por mim. - E você sabe, St. John, que ela não pode escolher quem a ajude, tem que se contentar com uma pessoa rabugenta como você!

- Posso ser costureira, operária, criada ou ama-seca, se não conseguir coisa melhor - respondi.

- Certo - disse Mr. St. John, friamente. - Se este é o seu desejo, prometo ajudá-la, do meu próprio modo.

Então retomou o livro que estivera lendo antes do chá. Saí em seguida, pois já falara e ficara sentada por todo o tempo que me permitiam as minhas forças.

CAPÍTULO XXX

Quanto mais eu conhecia os moradores de Moor House mais gostava deles. Em poucos dias havia recuperado a saúde, de tal modo que podia ficar sentada o dia todo e fazer uma caminhada de vez em quando. Podia participar de todas as ocupações de Mary e Diana, conversar com elas por quanto tempo desejassem, e ajudá-las quando e onde me permitissem. Havia um prazer renovado nesta relação, de um tipo que eu experimentava pela primeira vez – o prazer surgido de uma perfeita coincidência de gostos, sentimentos e princípios.

As minhas leituras preferidas eram as que elas gostavam; o que as divertia, também me encantava; o que elas aprovavam eu reverenciava. Adoravam aquela casa retirada. Eu também achava um encanto poderoso e perene na sua estrutura antiga, pequena e cinzenta, no seu teto baixo, nas janelas envidraçadas, nos seus muros rachados, na sua aleia de antigos abetos – crescidos sob os ventos das montanhas. Gostava do jardim sombreado pelos teixos e azevinhos, onde só havia flores das espécies mais resistentes. Mary e Diana pertenciam à charneca púrpura que se estendia por trás e ao redor da casa, ao profundo vale para o qual descia o caminho coberto de brita que saía dos portões, e que serpenteava primeiro entre bancos de samambaias, e depois entre as pequenas e selvagens pastagens que margeavam os matagais e sustentavam os rebanhos de carneiros de cor cinza, com seus

pequenos focinhos cobertos de limo. As duas moças se uniam a esse cenário com perfeito entusiasmo e prazer. Eu compreendia esse sentimento, e partilhava de sua força e autenticidade. Via o fascínio daquele local. Sentia a bênção daquele isolamento: olhava com prazer para aquela silhueta de colinas e ondulações, para o selvagem colorido conferido às montanhas e vales pelo musgo, as flores das urzes, as turfas salpicadas de florzinhas. Apreciava as brilhantes samambaias e as suaves escarpas de granito. Esses detalhes representavam para mim as mais puras e doces fontes de prazer, assim como acontecia com elas. Os ventos fortes e a brisa suave, a dureza e a suavidade do dia, as horas do

nascer e do pôr do sol, o luar e as noites brumosas tinham para mim o mesmo fascínio e feitiço que as encantava.

Dentro de casa concordávamos da mesma forma. Ambas eram leitoras melhores e mais talentosas do que eu. Mas segui com entusiasmo a trilha do conhecimento que elas haviam percorrido antes de mim. Devorei os livros que me emprestaram, e era uma satisfação discutir com elas à noite aquilo que eu lera durante o dia. Nossos pensamentos combinavam, as opiniões eram as mesmas. Andávamos, em suma, perfeitamente de acordo.

Se em nosso trio havia uma líder e superiora, era Diana. Fisicamente, ela me excedia muito: era bonita e vigorosa.

Dispunha de uma força vital e de uma confiança em si mesma que excitavam minha imaginação, enquanto fugiam à minha compreensão. No começo da noite eu costumava falar um pouco, mas passado o primeiro fluxo de vivacidade e fluência, sentava-me de bom grado numa banquetta aos pés de Diana. Descansava a cabeça nos seus joelhos e ouvia, alternadamente, ela e Mary discutirem profundamente o assunto que eu mal havia afluído. Diana ofereceu-se para me ensinar alemão. Gostava de aprender com ela, vi que se sentia contente e à vontade na posição de mestra. A de aluna me agradava e combinava comigo da mesma forma. Nossas naturezas se encaixavam, e a afeição mútua, do tipo mais profundo, foi o resultado. Descobriram que eu sabia pintar, e colocaram seus pincéis e caixas de tintas imediatamente à minha disposição. Minha habilidade, que nesse assunto era maior que a delas, surpreendeu-as e encantou-as. Mary sentou-se e me observou enquanto pintava. Depois resolveu tomar umas lições, tornando-se uma aluna dócil, inteligente e dedicada. Assim ocupadas e mutuamente distraídas, os dias corriam como horas, e as semanas como dias.

Quanto a Mr. Sr. John, não se estendeu a ele aquela intimidade que surgira tão rápida e naturalmente entre mim e as suas irmãs. Uma das razões para essa distância entre nós é que ele raramente estava em casa. Uma boa parte de seu tempo era empregada em visitar os pobres e doentes, entre a escassa população da sua paróquia.

Não havia tempo ruim que o impedisse nessas excursões pastorais. Fizesse chuva ou sol, terminadas as suas horas de estudo matinal, pegava seu chapéu e, seguido pelo velho cachorro perdigueiro do pai, Carlo, saía na sua missão de amor ou de dever - não sabia bem como ele considerava essa tarefa. Algumas vezes, quando o tempo era muito ruim, suas irmãs o censuravam. Ele então dizia, com um sorriso peculiar, mais solene do que alegre:

- Se eu deixar que uma rajada de vento ou alguns pingos de chuva me afastem dessas tarefas tão simples, como poderei me preparar para o futuro a que aspiro?

Diana e Mary geralmente respondiam a essa indagação com um suspiro e alguns minutos de triste meditação.

Mas além da sua ausência frequente, havia outra barreira para a minha amizade com St. John: ele parecia ter uma natureza reservada, difícil e mesmo rancorosa. Zeloso nos seus deveres pastorais, irrepreensível na sua vida e nos seus hábitos, ainda assim não parecia desfrutar da serenidade de alma e da alegria interior que deviam ser a recompensa de todo cristão sincero e do filantropo militante. Muitas vezes, à noite, quando sentava-se junto à janela, com a escrivaninha e os papéis diante de si, costumava parar de ler ou escrever e pousar o queixo nas mãos, entregando-se a não sei que gênero de pensamentos. Mas que esses pensamentos eram perturbadores

e agitados podia-se ver pelos frequentes clarões e pela mudança de expressão dos seus olhos.

Creio que a Natureza não era para ele o tesouro de felicidade que representava para as irmãs. Uma vez, e apenas uma vez, ouvi-o expressar um forte sentimento de encanto pela rude beleza das colinas e um sentimento interior de afeição pelo teto negro e as paredes brancas daquilo que chamava de lar. Mas no tom das palavras com que manifestou o sentimento havia mais melancolia do que prazer. Nunca o vi dirigir-se às montanhas em busca do seu suave silêncio, nem procurar pelos milhares de prazeres que elas podiam proporcionar.

Fechado como era, passou-se algum tempo antes que eu tivesse oportunidade de sondar-lhe a mente. Primeiro tive uma ideia dos seus poderes ao ouvi-lo pregar na sua paróquia em Morton. Quisera poder

descrever esse sermão, mas está além das minhas forças. Não posso nem relatar fielmente o efeito que causou em mim.

Começou calmo – e, de fato, no que diz respeito à maneira com que foi dito e ao tom de voz, foi calmo até o final. Um sentimento sério, de ardor restrito, palpitava na sua linguagem – que depois crescia mais forte e entusiasmada, mas condensada, comprimida, controlada. Meu coração se agitou, minha mente espantou-se com o poder do pregador. Nada era suave. Havia uma estranha amargura e total falta de gentileza

consoladora. Sérias alusões à doutrina calvinista – arbítrio, predestinação, reprobção – eram frequentes. E cada referência a essas coisas parecia uma sentença de condenação. Quando ele terminou, ao invés de me sentir melhor, mais calma e enlevada pelo sermão, experimentei uma profunda tristeza, pois me pareceu – embora eu saiba que não foi assim para todos – que a eloquência que eu estivera ouvindo vinha de uma profundidade onde jaziam túrbidos depósitos de desapontamento. Onde se moviam, em perturbadores impulsos, desejos insatisfeitos e aspirações inquietantes. Tinha certeza que St. John Rivers, de vida ilibada, consciencioso, zeloso, ainda não havia encontrado a paz de Deus que superava tudo. Não a encontrara mais do que eu, com minhas lamentações secretas pelo meu ídolo esfacelado e meu paraíso perdido... Lamentações às quais eu ultimamente evitava me referir, mas que ainda me dominavam e tiranizavam.

Um mês se passou. Diana e Mary logo deviam deixar Moor House, e retornar para a vida muito diferente que as esperava, como governantas numa cidade grande e sofisticada do sul da Inglaterra. As duas tinham colocações em famílias cujos membros ricos e arrogantes tratavam-nas apenas como humildes empregadas, sem conhecer ou saber de suas qualidades inatas. Apreciavam apenas suas habilidades adquiridas, como apreciavam as qualidades da cozinheira ou a perícia da arrumadeira. Mr. St. John ainda não me dissera nada

sobre o emprego que me prometera. Mesmo assim, tornava-se urgente que eu tivesse uma ocupação de algum tipo. Certa manhã, ficando sozinha com ele por alguns minutos no salão, arrisquei me aproximar do recesso junto à janela – onde sua escrivaninha, a cadeira e a mesa formavam uma espécie de estúdio. Estava a ponto de falar, embora não soubesse que palavras usar para questioná-lo.

Achava difícil quebrar o gelo da reserva que cobria uma natureza como aquela, quando ele veio em meu auxílio, começando o diálogo. Olhou-me, quando me aproximei, e disse:

- Quer me perguntar alguma coisa?
- Sim. Queria saber se o senhor já soube de algum emprego a que eu possa me dedicar?
- Cheguei a pensar em algo três semanas atrás, mas como você me parecia útil e feliz aqui – pois é evidente que minhas irmãs se afeiçoaram muito a você e sentem prazer com a sua presença – achei que não devia interromper o conforto de todas até que a aproximação da partida delas tornasse a sua necessária.
- E elas devem partir dentro de três dias? – eu disse.
- Sim. E quando elas partirem retornarei à paróquia em Morton.

Hannah me acompanhará, e esta velha casa será fechada.

Esperei alguns momentos, pensando que ele prosseguiria com o assunto principal. Mas parecia imerso em outro tipo de cogitações. Seu olhar mostrava distância de mim e do meu assunto. Fui obrigada a chamá-lo de volta ao tema, que para mim era uma necessidade urgente e motivo de ansioso interesse.

- Qual o emprego que o senhor tinha em vista para mim, Mr. Rivers? Espero que o tempo decorrido não tenha aumentado a dificuldade de obtê-lo.

- Oh, não! É um emprego que depende apenas de mim oferecer e de você aceitar.

Ele parou novamente, parecia relutante em continuar. Fiquei impaciente. Fiz um ou dois movimentos nervosos e lancei-lhe um olhar ansioso e sério, que bastaram para comunicar-lhe os meus sentimentos, melhor do que as palavras e com menos trabalho.

- Não precisa ter pressa - ele disse. - Francamente, não tenho nada adequado nem lucrativo para oferecer. Antes que eu explique, lembre-se, por favor, que eu lhe disse claramente que se viesse a ajudá-la seria como o cego ajudando o coxo. Sou pobre. Descobri que, após pagar

as dívidas do meu pai, todo o patrimônio que me restará vai ser esta granja, o bosque de álamos e o terreno pantanoso com os teixos e azevinhos em frente. Sou obscuro: embora Rivers seja um nome antigo, dos três únicos descendentes da raça, dois ganham a vida como empregados entre estranhos, e o terceiro se considera um estrangeiro na sua própria terra – não somente em vida, mas na morte. Sim, e julga-se, e é obrigado a julgar-se, muito honrado pela parte que lhe cabe, e não aspira senão pelo dia em que recaia sobre seus ombros a cruz da separação dos laços carnis, e que o Chefe da igreja de que ele é um dos mais humildes membros dê-lhe a ordem: “Levanta-te e segue-me!”

St. John disse essas palavras como se pronunciasse um sermão, com voz calma e profunda, a face pálida e um brilho intenso no olhar. Continuou:

– E como sou pobre e obscuro, só posso oferecer-lhe um trabalho pobre e obscuro. Talvez você o considere degradante – pois vejo agora que os seus hábitos são do tipo que se costuma chamar de refinados. Seus gostos são excelentes, e foi criada, pelo menos, entre pessoas de educação. Mas eu acho que nenhum trabalho é degradante quando melhora a nossa espécie. Sustento que quanto mais árido e difícil o solo destinado ao trabalhador cristão – quanto mais árdua a sua tarefa – maior a recompensa. Nestas circunstâncias, seu destino é o mesmo do pioneiro. E os primeiros pioneiros do

Evangelho foram os Apóstolos, comandados por Jesus, o próprio Redentor.

- Bem... - eu disse, quando ele tornou a se calar. - Prossiga.

Mr. St. John me olhou, antes de prosseguir. Na verdade, ele parecia ler calmamente o meu rosto, como se os seus traços e linhas fossem letras impressas numa página. As conclusões da sua observação, deixou entrever parcialmente nas considerações que fez a seguir.

- Creio que aceitará o posto que tenho a lhe oferecer - ele disse - e que vai mantê-lo por algum tempo. Mas não de forma permanente, acho. Ninguém, além de mim, poderia aceitar permanentemente o que é estreito e limitado - o pacato e obscuro ofício de encarregado de uma paróquia inglesa no campo. Pois na sua natureza, como na minha, existe algo de inquietação, embora de um tipo diferente.

pausa.

- Queira explicar, por favor - pedi, quando ele fez mais uma

- Explicarei. E você verá como é pobre a minha oferta, como é

trivial e árdua. Não ficarei muito tempo em Morton, agora que meu pai morreu e que sou dono do meu destino. Devo deixar o lugar provavelmente dentro de um ano, mas enquanto lá estiver me esforçarei ao máximo para melhorá-lo. Quanto cheguei a Morton, dois anos atrás, não havia escola: os filhos dos pobres não tinham esperança alguma de progredir.

Consegui criar uma escola para meninos, agora desejo abrir uma para meninas. Aluguei um prédio para esse fim, com uma casinha de duas peças anexa para a residência da professora. Seu salário será de trinta libras por ano. A casa já está mobiliada – de modo simples, mas suficiente

– pela bondade de uma dama, Miss Oliver, a única filha do único homem rico da minha paróquia. Mr. Oliver é o proprietário da fábrica de agulhas e da fundição lá do vale. A mesma dama pagará pela educação e o vestuário de uma órfã de operário da fábrica, sob a condição de que ela ajude a professora em algumas tarefas domésticas relacionadas à casa e à escola, quando a ocupação de professora não lhe permitir realizá-las pessoalmente. Aceita ser a encarregada da escola?

Fez a pergunta apressadamente. Parecia esperar uma rejeição indignada, ou pelo menos desdenhosa. Sem conhecer todos os meus pensamentos e sentimentos, embora adivinhasse alguns, não sabia sob que luz eu consideraria a oferta. Na verdade era humilde, mas havia um teto para mim, e eu necessitava de um

abrigo seguro. Era fatigante, mas comparado ao posto de governanta numa casa rica, era mais independente. E o medo da servidão entre estranhos penetrou na minha alma como uma lâmina de aço. A tarefa não era ignóbil, não era inadequada - nem mentalmente degradante. Tomei minha decisão.

- Agradeço-lhe pela oferta, Mr. Rivers, e aceito-a de todo o coração.

- Mas você compreendeu bem? - ele disse. - É uma escola de

vilarejo, suas alunas serão apenas meninas pobres, vindas dos casebres, no máximo filhas de lavradores. Ler, escrever, fazer contas, costurar, tecer... é

tudo que precisará ensinar. O que fará com suas habilidades? Com a maior parte da sua inteligência, seus sentimentos, seus gostos...?

- Guardá-los para quando forem necessários.
Eles ficarão

seguros.

- Sabe o que a espera, então?
- Sei.

Ele sorriu. Não foi um sorriso amargo ou triste, mas de alívio e profunda gratidão.

- E quando começará a exercer a sua função?
- Irei para minha casa amanhã. E abrirei a escola, se o senhor permitir, na próxima semana.
- Muito bem. Que seja assim, então.

Levantou-se e caminhou pela sala. De repente parou, olhou-me outra vez e sacudiu a cabeça.

- O que desaprova, Mr. Rivers? – perguntei.
- Não ficará em Morton muito tempo. Oh, não!
- Por quê? Que razões tem para achar isso?
- Leio nos seus olhos. Não são do tipo que promete manter uma ocupação permanente na vida.
- Não sou ambiciosa.

Mr. St. John estacou ao ouvir a palavra “ambiciosa”. Disse:

- Não. O que a fez pensar em ambição? Quem é ambicioso? Sei que eu sou, mas como descobriu?
- Falava de mim mesma.

- Bem, se não é ambiciosa, então é... - parou.
- O quê?
- Estava a ponto de dizer apaixonada, mas talvez você entendesse mal a palavra e ficasse incomodada. Quero dizer que as paixões e simpatias humanas exercem grande influência sobre você. Estou certo que não ficará contente de passar na solidão os seus momentos de folga, nem

de dedicar suas horas de trabalho a uma atividade monótona e totalmente isenta de desafios. Não há de gostar mais do que eu - ele acrescentou, com ênfase - de viver aqui enterrado em um pântano, enclausurado pelas montanhas. A natureza que Deus me deu vive sufocada; as faculdades com que o céu me agraciou estão paralisadas, inúteis. Vê agora como eu me contradigo. Eu, que prego estar contente com o meu humilde quinhão, e justifico a vocação até dos cortadores de lenha e carregadores de água[l] como serviço de Deus, eu, Seu ministro ordenado, vivo atormentado na minha inquietação. Bem, os desejos e os princípios devem ser conciliados de alguma forma.

Deixou a sala. Naquela breve hora eu aprendera mais sobre ele do que em todo o mês anterior. Ainda assim fiquei espantada.

Diana e Mary se tornaram mais tristes e silenciosas a medida que se aproximava o dia de deixar sua casa e seu irmão.

Ambas tentavam parecer como de costume, mas a tristeza contra a qual lutavam era do tipo que não se consegue

dominar ou esconder inteiramente. Diana dissera que esta seria uma despedida diferente de qualquer outra que eles já tinham conhecido. Provavelmente, pelo menos no que dizia respeito a St. John, seria uma separação que duraria anos, talvez a vida toda.

- Ele sacrificará tudo pelos seus propósitos longamente amadurecidos - ela disse - e por suas afeições naturais e sentimentos ainda mais poderosos. St. John parece quieto, Jane, mas esconde um intenso fervor dentro de si. Pode achar que ele é gentil, ainda que em algumas coisas seja inexorável como a morte. E o pior é que minha consciência dificilmente me permitirá dissuadi-lo de sua dura decisão. E não posso culpá-lo nem por um momento, pois é certa, é nobre, é cristã, embora me parta o coração!

As lágrimas rolaram dos seus belos olhos. Mary baixou a cabeça para a costura.

- Agora não temos mais o nosso pai, logo não teremos lar nem irmão! - murmurou.

Neste momento aconteceu um pequeno incidente, que parecia ordenado pelo destino expressamente para provar a verdade do adágio “uma desgraça nunca vem só” - e para acrescentar-lhes o tormento de que

seus planos podiam não dar certo, pois no último minuto alguma coisa ainda podia acontecer. St. John passou pela janela lendo uma carta. Então entrou.

- Nosso tio John morreu - ele disse.

As duas irmãs pareciam atônitas, mas não chocadas ou alarmadas.

A notícia mais parecia trazer-lhes uma momentânea expectativa.

- Morreu? - repetiu Diana.

- Sim.

Ela lançou um olhar intenso para o irmão.

- E o que vai acontecer? - perguntou em voz baixa.

- O que vai acontecer? - ele replicou, as feições imóveis como mármore. - Ora... nada, eu acho. Leia.

Jogou a carta no colo da irmã. Ela passou-lhe os olhos e entregou-a a Mary. Mary leu em silêncio e devolveu-a ao irmão. Os três se olharam e sorriram... um sorriso triste e melancólico.

- Amém - disse Diana, por fim. - Ainda podemos viver.

- De qualquer forma, isso não nos deixa pior do que estávamos antes - observou Mary.

- Apenas nos traz mais forte a ideia do que poderia ter sido - disse Mr. Rivers - em vívido contraste com o que de fato é.

Ele dobrou a carta, trancou-a na escrivadinha e saiu de novo. Por alguns minutos ninguém falou. Diana voltou-se para mim.

- Jane, você deve estar admirada conosco e os nossos mistérios - disse - achando que somos pessoas sem coração, que não se comovem com a morte de um parente tão próximo como um tio. Mas nós não o conhecemos, nunca o vimos. Era irmão da minha mãe. Meu pai e ele brigaram muito tempo atrás, pois foi a conselho dele que meu pai arriscou a maior parte da nossa propriedade numa especulação que o arruinou. Os dois acusaram um ao outro, separaram-se brigados e nunca se reconciliaram. Depois disso, meu tio se envolveu em negócios mais prósperos e parece que amealhou uma fortuna de vinte mil libras. Nunca

se casou. Não tinha herdeiros além de nós três e de uma outra pessoa, que também não o conhecia, assim como nós. Meu pai sempre acalentou a ideia de que ele tentasse reparar seu erro deixando-nos os seus bens. Esta carta veio nos informar que ele deixou toda a sua fortuna para esta outra pessoa, com exceção de trinta guinéus, a serem divididos entre St. John, Diana e Mary Rivers para a compra de três coroas funerárias. Ele tem direito, é claro, de fazer como desejar. Ainda assim, um desapontamento passageiro nos passou pelo espírito ao receber tais notícias. Mary e eu nos consideraríamos ricas se tivéssemos mil libras cada uma. E para St. John uma soma dessas seria inestimável, pelos benefícios que poderia realizar.

Dada esta explicação, o assunto foi esquecido, e nem Mr. Rivers nem as irmãs voltaram a referir-se a ele. No dia seguinte deixei Marsh End e fui para Morton. No outro dia, Diana e Mary partiram também para um lugar distante. Uma semana depois, Mr. Rivers e Hannah voltaram para a paróquia de Morton. E a velha granja ficou deserta.

[1] No original “hewers of wood and drawers of water”: tarefas árduas e humildes. Alusão a um versículo da Bíblia, Joshua 9:21, na qual os gibeonitas foram condenados por Joshua a realizar essas tarefas para os israelitas, em troca de suas vidas.

C A P Í T U L O XXXI

Meu lar – agora que, finalmente, tenho um lar – é um chalé. Uma pequena peça de paredes caiadas e piso cimentado, com quatro cadeiras e uma mesa pintadas, um relógio, um armário com dois ou três pratos e travessas, e um jogo de chá de porcelana azul. Em cima há um quarto do mesmo tamanho da cozinha, com uma cama e uma cômoda. Embora pequena, é grande demais para guardar o meu parco guarda-roupa – ainda que acrescido de algumas peças mais necessárias pela bondade das minhas gentis e generosas amigas.

Entardecia. Eu tinha dispensado, com o presente de uma laranja, a orfãzinha que me servia de ajudante. Estava sentada sozinha junto à lareira. Abrira a escola naquela manhã, com vinte alunas. Apenas três sabiam ler; escrever ou fazer contas, nenhuma; muitas sabiam tecer e algumas costuravam um pouco. Falavam com o sotaque rústico das pessoas da região. No momento, tínhamos dificuldade em entender a linguagem umas das outras. Algumas são mal-educadas, rudes e intratáveis, além de ignorantes. Outras, porém, são dóceis, têm desejo de aprender e mostram uma disposição que me agrada. Não posso esquecer que essas pequenas camponesas pobremente vestidas são da mesma carne e sangue dos descendentes da mais alta genealogia. Nos seus corações, assim como nos das pessoas bem-nascidas, podiam germinar os dons inatos da excelência, refinamento, inteligência e

sentimentos elevados. Minha tarefa seria desenvolver esses dons. Com certeza eu teria algum prazer nessa missão. Não esperava muitas alegrias na nova vida que se descortinava para mim, mas se controlasse a mente e exercesse domínio sobre as minhas vontades, sem dúvida poderia viver dia após dia.

E naquela manhã, e na primeira tarde que eu passara na escola humilde e pobre – sentira-me feliz, em paz e contente? Para não enganar a mim mesma, devo responder: não. Sentia-me desolada ao extremo. Sentia-me... sim, idiota que sou!... humilhada. Temia que tivesse dado um passo

que me levara para baixo, ao invés de me elevar na escala social. Estava um pouco consternada com a ignorância, a pobreza e a vulgaridade de tudo que vira ao meu redor. Mas não me permiti odiar nem desprezar a mim mesma por esses sentimentos. Sabia que eram errados, e isso já era um passo adiante. Devia lutar para superá-los. No dia seguinte, acreditava, estariam abrandados, e dentro de algumas semanas quase dominados. Dentro de alguns meses, talvez, a felicidade de ver o progresso e a melhora de algumas das minhas alunas viesse a substituir o desgosto pela gratificação. Nesse meio tempo, faço-me uma indagação. O que teria sido melhor? Ter cedido à tentação, dado ouvidos à paixão, não ter feito esforços penosos, evitado a luta... ter me deixado

capturar numa armadilha dourada, dormir nas flores que a cobrem e acordar num clima ameno, entre os luxos de uma casa no sul da França como amante de Mr. Rochester. Delirado com o seu amor por um bom tempo... Sim, porque ele teria me amado por muito tempo. Ele me amou... como ninguém jamais me amará outra vez. Nunca mais desfrutarei da doce homenagem prestada à beleza, à juventude e à graça, pois a ninguém mais parecerei possuidora desses encantos. Ele me tinha afeto e se orgulhava de mim... coisa que nenhum outro homem jamais fará. Mas o que estou imaginando, o que estou dizendo, e sobretudo o que estou sentindo? Devo na verdade me perguntar se é melhor ser escrava num paraíso em Marselha - encantada com a ventura de um momento, sufocada pelas lágrimas amargas do remorso e da vergonha no momento seguinte - ou ser uma professora de aldeia, livre e honesta, num saudável refúgio entre as montanhas no coração da Inglaterra?

Senti então que estava certa quando escolhi os princípios e as normas e repudiei e esmaguei os insanos impulsos de um delírio momentâneo. Deus me conduziu para o caminho correto - e como sou grata à Ele por ter me guiado!

Naquele ponto das minhas reflexões, levantei-me, fui até a porta e fiquei olhando o pôr do sol sobre os serenos campos que se estendiam diante do meu chalé que, com a escola, distava oitocentos metros do vilarejo. Os pássaros trinavam seus últimos cantos.

“O ar era suave, o orvalho balsâmico”[1]

Enquanto olhava, achei que era feliz, e me surpreendi ao ver que chorava. E por quê? Pela tristeza que me afastara de Mr. Rochester. Porque eu nunca mais o veria. Pela dor desesperada e a loucura – consequências da minha partida – que agora, talvez, o tivessem arrancado do caminho do bem, a ponto de não haver mais recuperação. Pensando assim, virei o rosto ao adorável céu do solitário vale de Morton. Disse solitário, pois na parte dele que me era visível não havia nenhuma construção, salvo as torres da igreja e a casa paroquial, meio escondida entre as árvores. Na extremidade via o teto de Vale Hall, onde viviam o rico Mr. Oliver e sua filha. Fechei os olhos e apoiei a cabeça no marco de pedra da porta, mas logo um leve ruído perto da cancela que separava meu pequenino jardim da campina, me fez olhar para lá. Um cão – o velho Carlo, o perdigueiro de Mr. Rivers, reconheci logo – empurrava a cancela com o focinho. O próprio St. John apoiava-se nela, os braços cruzados, o cenho franzido, o semblante carregado. Seu olhar grave estava fixo em mim. Convidei-o a entrar.

– Não, não posso me demorar. Vim apenas para trazer um pacote que minhas irmãs deixaram para você. Acho que contém uma caixa de tintas, lápis e papel.

Aproximei-me para pegá-lo. Que presente bem-vindo era aquele! St. John examinou meu rosto com seriedade, quando

me aproximei. Os traços de lágrimas deviam ser claramente visíveis.

- Seu primeiro dia de trabalho foi mais duro do que esperava? - perguntou.
- Oh, não! Ao contrário! Acho que, com o tempo, vou me dar muito bem com as minhas alunas.
- Mas talvez as suas acomodações... o chalé... a mobília... tenham desapontado as suas expectativas? Na verdade, são muito modestos, mas...

Eu o interrompi:

- O chalé é limpo e abrigado. Os móveis são confortáveis e suficientes. Tudo que vi me deixou grata, e não desapontada. Não sou assim tão tola e fútil a ponto de lamentar a falta de um tapete, um sofá, uma salva de prata. Além disso, cinco semanas atrás eu não tinha nada -

era uma pária, uma mendiga, vagando por aí. Agora tenho amizades, um lar, um trabalho. Admiro-me da bondade de Deus, da generosidade dos meus amigos, da sorte que me coube. Não estou aflita.

- Talvez considere a solidão opressiva? A sua casinha é escura e vazia.

- Mal tive tempo de apreciar a tranquilidade, muito menos de me

impacientar com a solidão.

- Muito bem. Espero que se sinta contente como diz. De qualquer forma, seu bom senso lhe dirá que ainda é muito cedo para ceder às vacilações e aos temores da esposa de Lot.

Ignoro, é claro, o que deixou para trás antes de nos conhecermos, mas aconselho-a a resistir firmemente a qualquer tentação de olhar para o passado. Prossiga na sua carreira com vontade, pelo menos por alguns meses.

- É o que pretendo fazer - respondi. St. John continuou.

- É um trabalho difícil controlar os impulsos do caráter e as inclinações da natureza. Mas deve ser feito, sei disso por experiência. Deus nos deu, em certa medida, o poder de fazermos o nosso próprio destino. E quando as nossas energias parecem exigir algo que não podemos ter, quando nossa vontade persiste num caminho que não devemos seguir, não precisamos morrer de inanição nem ficar paralisados pelo desespero. Devemos apenas procurar outro alimento para a mente, tão nutritivo quanto o alimento proibido que provamos antes - e talvez mais puro. E traçar com os nossos pés um caminho tão reto e largo quanto aquele que a Sorte nos vedou, por mais duro que seja.

- Um ano atrás eu estava profundamente infeliz, pois achava que tinha cometido um erro ao entrar para o serviço de

Deus. Suas tarefas rotineiras me entediavam. Ansiava por uma vida mais ativa, pelas excitações de uma carreira literária – pela trajetória de um artista, um autor, um orador. Qualquer coisa que não fosse a tarefa simples de um pastor. Sim! O coração de um político, de um soldado, de um caçador de glórias, de um amante da celebridade, de um fanático pelo poder, pulsava sob a minha sobrepeliz de padre. Refleti. Minha vida era tão infeliz que eu

teria que mudá-la, ou morreria. Após alguns meses de escuridão e luta, a luz surgiu. Fiquei aliviado. Minha existência limitada de repente tornou-se uma vasta planície sem fronteiras. Minhas forças receberam um chamado do céu para elevar-me, reunir o máximo de si mesmas, abrir as asas e pairar além desta existência. Deus me designara uma tarefa. Para levá-la à distância e desempenhá-la bem eram necessárias habilidade e força, coragem e eloquência, as melhores virtudes do soldado, do estadista e do orador. Pois todas estão reunidas no bom missionário.

- Resolvi me tornar um missionário. Desse momento em diante meu estado de espírito mudou. As algemas se partiram, não deixando nada do cativo além dos tormentos da dor... que apenas o tempo podia curar. Meu pai, na verdade, se opôs a essa decisão, mas agora que morreu não há mais qualquer obstáculo legítimo que me impeça. Depois de acertados alguns negócios, conseguindo um substituto para a paróquia em

Morton, quebrados ou cortados um ou dois dos laços sentimentais – um último conflito com a fraqueza humana, que eu sei que vou superar, porque desejo superar – e deixarei a Europa, irei para o Oriente.

Disse isso na sua voz peculiar, suave, mas enfática. Quando parou de falar não olhava para mim, mas para o sol poente. Eu olhava também. Estávamos ambos de costas para o caminho que levava do campo até a cancela. Não ouvimos nenhum passo no caminho gramado. O murmúrio da água correndo no vale era o único som naquele cenário e naquele momento. Ficamos sobressaltados quando uma voz alegre, doce como o tinir de um sino de prata, exclamou:

– Boa tarde, Mr. Rivers! E boa tarde, velho Carlo! Seu cachorro é mais rápido para reconhecer os amigos que o senhor, Mr. Rivers. Levantou as orelhas e abanou a cauda quando eu ainda estava lá no início do caminho, e o senhor ainda está de costas para mim.

Era verdade. Embora Mr. Rivers tivesse se sobressaltado ao ouvir essa voz musical, como se um raio explodisse sobre a sua cabeça, ainda assim continuava na mesma atitude em que a moça o surpreendera quando acabou de falar. O braço apoiado na cancela, o rosto para o poente. Por fim voltou-se, com estudada deliberação. Uma visão, assim me parecia, surgira ao seu lado. A cerca de um metro apareceu uma forma vestida de

branco imaculado – jovem e graciosa. Corpo sadio, ainda que esbelto. Quando, depois de inclinar-se para acariciar Carlo, levantou a cabeça e afastou o longo véu, surgiu uma face de perfeita beleza. Perfeita beleza é uma expressão poderosa, mas não vou mudá-la nem amenizá-la. O termo era justificado, nesse caso, por traços tão doces como nunca moldara o suave clima de Albion[2] e por tons tão puros de rosa e branco como nunca os ventos úmidos e os céus vaporosos geraram ou exibiram. Nenhum encanto lhe faltava, nenhum defeito era perceptível. A jovem tinha traços regulares e delicados, olhos de formato e cor iguais aos que vemos nas pinturas mais adoráveis – grandes, escuros e vivos. Longos e bastos cílios circundavam os olhos de forma fascinante; sobrancelhas perfeitamente traçadas conferiam-lhes nitidez. A testa branca e lisa abrandava o vívido tom e o brilho do rosto; as faces eram ovais, frescas e suaves. Lábios também frescos, rubros, saudáveis e docemente delineados; dentes regulares e brilhantes, sem falhas; queixo pequeno, com uma covinha... E o ornamento de longos e bastos cachos. Possuía em abundância todas as vantagens que, combinadas, formavam o ideal de beleza. Fiquei maravilhada enquanto olhava para esta bela criatura, admirava-a com todo o meu coração. A natureza devia estar com um humor favorável quando a criou, e esquecendo sua usual avareza de madrasta, ainda concedera a este ser, sua querida, a generosidade de uma grande dama.

O que pensaria St. John Rivers daquele anjo da Terra? Eu, naturalmente, me fiz esta pergunta quando o vi virar-se para olhá-la. E, naturalmente, procurei a resposta no seu semblante. Ele já havia tirado os olhos do poente e olhava para um humilde tufo de margaridas que cresciam ao lado do portão.

- A tarde está bonita, mas é tarde para uma jovem estar fora de casa sozinha - ele disse, enquanto amassava as margaridas brancas com o pé.

- Oh! Cheguei agora à tarde de S... (e ela mencionou uma grande cidade, a mais de trinta quilômetros de distância). Papai contou-me que o senhor havia inaugurado a escola e que a nova encarregada já tinha chegado. Assim, logo que acabou o chá, coloquei o chapéu e corri para cá para conhecê-la. É ela? - e apontou para mim.

- É - disse St. John.

- Acha que gostará de Morton? - perguntou-me a jovem, num tom de simplicidade ingênua, agradável, apesar de infantil.

- Espero que sim. Tenho todas as razões para gostar.

- Achou suas alunas tão aplicadas quanto esperava?

- Bastante.

- Gosta do chalé?

- Muito.
- Acha que o mobiliei bem?
- Muito bem, de fato.
- E fiz boa escolha indicando Alice Wood para sua ajudante?
- Fez, realmente. Ela aprende rápido e é prestativa.

“Então esta é Miss Oliver, a herdeira” pensei. “Tão dotada de fortuna quanto de beleza! Que feliz conjunção de astros teria presidido o seu nascimento!”

- Devo vir ajudá-la na escola de vez em quando – ela acrescentou.
- Para mim será uma boa mudança visitá-la uma vez ou outra, e gosto de mudanças. Me diverti tanto durante a minha estada em S..., Mr. Rivers! Na noite passada, ou melhor, hoje, dancei até as duas da manhã! Há um regimento sediado lá desde que aconteceram os motins, e os oficiais são os homens mais agradáveis do mundo. Colocam todos os nossos jovens afiadores de facas e comerciantes de tesouras no bolso.

Pareceu-me que Mr. St. John contraiu um pouco o lábio inferior, e o superior se encrespou. Sua boca parecia comprimida, de qualquer modo, e seu rosto extremamente sério e duro, quando a sorridente moça deu-lhe esta informação. Também levantou o olhar das margaridas e fixou-o nela. Era um olhar sério, penetrante, significativo. Ela respondeu com outra risada, e o

riso realçava sua juventude, suas faces rosadas, suas covinhas e o brilho dos seus olhos.

Enquanto ele se mantinha sério e calado, ela novamente acariciou

Carlo.

- O pobre Carlo me adora - ela disse. - Ele não é sério e distante com os amigos. E, se pudesse falar, não ficaria em silêncio.

Enquanto ela aflagava a cabeça do cão, inclinando-se com graça natural ante seu jovem e austero dono, vi um rubor subir pela face de St. John. Vi seus olhos frios se incendiarem e faiscarem com emoção incontrolável. Assim, corado e emocionado, parecia quase tão belo como homem quanto ela o era como mulher. Inflou o peito, como se o seu grande coração, cansado de restrições despóticas, se expandisse contra a sua vontade num vigoroso movimento para alcançar a liberdade. Mas ele se dominou, como um cavaleiro resolutos refrearia um ginete. Não respondeu, por gestos ou palavras, às amáveis insinuações feitas por ela.

- Papai já se queixou que o senhor não vem mais nos visitar - continuou Miss Oliver, olhando para cima. - Tornou-se um estranho em Vale Hall. Ele está sozinho esta noite, e não se sente muito bem. Gostaria de voltar comigo e visitá-lo?

- Não é uma hora adequada para visitar Mr. Oliver -
respondeu

St. John.

- Não é adequada! Mas se estou dizendo que é! É justo a
hora em

que papai mais gosta de companhia: quando os trabalhos
estão encerrados e não tem nada para ocupá-lo. Então, Mr.
Rivers, venha por favor. Por que é assim tão tímido e sombrio?

E ela encheu o intervalo de silêncio respondendo a si mesma.

- Oh, esqueci! - ela exclamou, sacudindo os belos cachos
com ar de espanto. - Sou uma cabeça de vento! Tão
descuidada! Por favor, me perdoe. Esqueci completamente que
o senhor tem boas razões para não se sentir disposto a
conversar. Diana e Mary partiram, e Moor House está fechada.
Deve se sentir muito só! Estou com tanta pena... Venha, venha
comigo visitar o papai!

- Hoje não, Miss Rosamond, hoje não.

Mr. St. John falava quase como um autômato. Só ele sabia o
quanto lhe custava aquela recusa.

- Bem, se está tão decidido, vou deixá-lo. Não ouse ficar
mais, o sereno começou a cair. Boa-noite!

Estendeu a mão para ele, que apenas a tocou.

- Boa-noite! – ele repetiu, numa voz baixa e cava como um eco. Ela virou-se, e um momento depois voltou.

- Está se sentindo bem? – perguntou.

A pergunta fazia sentido: a face dele estava tão branca quanto o vestido que ela usava.

- Muito bem – ele disse, e com um cumprimento de cabeça deixou o portão.

Ela foi para um lado, ele para o outro. Ela se voltou duas vezes para olhá-lo, enquanto descia pelo campo como uma fada. Ele seguiu firmemente seu caminho, sem se voltar nem uma vez.

Este espetáculo do sofrimento e sacrifício de outra pessoa distraiu meus pensamentos do meu próprio sofrimento. Diana Rivers dissera que o irmão era “inexorável como a morte”. Não havia exagerado.

[1] Frase do poema “The lay of the Last Minstrel”, de Sir Walter Scott (1771/1832). Em inglês: “the air was mild, the dew was balm”.

[2] Antigo nome pelo qual era conhecida a Grã-Bretanha.

C A P Í T U L O XXXII

Continuei com meu trabalho na escola, com o máximo de diligência e fidelidade possível. Era um trabalho realmente difícil, no início. Passado algum tempo, com muito esforço já conseguia compreender as minhas alunas e a sua natureza. Analfabetas de todo, com as faculdades embotadas, me pareciam irremediavelmente estúpidas. À primeira vista, todas igualmente, mas eu me enganava. Havia uma diferença entre elas, como existe entre as crianças educadas. E quando passei a conhecê-las, e elas a mim, essa diferença logo apareceu. Uma vez acalmado o espanto em relação à minha pessoa, meu modo de falar, minhas regras e meus processos, descobri que algumas dessas camponesas obtusas e boquiabertas se haviam transformado em meninas suficientemente espertas e inteligentes. Muitas se mostravam gentis e amáveis, e descobri entre elas não poucos exemplos de polidez natural e autorrespeito inato, assim como excelente aptidão, que conquistaram a minha boa vontade e admiração. Estas logo demonstraram prazer em fazer bem os seus trabalhos, em manter-se limpas, aprendendo suas tarefas regularmente e adquirindo maneiras ordeiras e discretas. Em alguns casos, a rapidez do seu progresso era mesmo surpreendente. Fiquei tomada por um orgulho honesto e feliz. Além disso, comecei a estimar pessoalmente algumas das melhores meninas, e elas gostavam de mim. Entre as alunas havia muitas filhas de

lavradores, quase moças feitas. Já conseguiam ler, escrever e costurar, e ensinei-lhes os elementos de gramática, geografia, história e trabalhos de agulha mais elaborados. Entre elas encontrei algumas de bom caráter, desejosas de aprender e dispostas a melhorar. Com elas passava uma hora agradável durante a tarde, em suas próprias casas. Seus pais (o lavrador e a esposa) me cumulavam de atenções. Era um prazer aceitar a sua bondade simples e retribuir-lhes com consideração

- com um respeito escrupuloso pelos seus sentimentos - ao qual eles talvez não estivessem acostumados, e que ao mesmo tempo os encantava e

beneficiava. Isso os elevava perante seus próprios olhos, e os fazia lutar para merecer o tratamento diferente que recebiam.

Senti que me tornara querida na vizinhança. Onde quer que fosse ouvia por todo o lado saudações gentis, e era recebida com sorrisos amistosos. Viver entre a aprovação geral, ainda que vinda apenas de pessoas pobres, é como “sentar-se ao sol calmo e doce”, sentimentos de serenidade brotam e florescem sob os seus raios. Nesse período da minha vida, meu coração mais comumente se enchia de gratidão do que afundava no desânimo. E ainda assim, leitor, para dizer-lhe tudo, no meio dessa existência calma e útil, após um dia passado em meio ao meu ofício entre as alunas, ou de uma noite solitária ocupada em ler ou desenhar, eu costumava mergulhar em estranhos

sonhos à noite. Sonhos cheios de cor, de agitação, de ideais, de movimentos, de tempestades. Sonhos em que, entremeando cenas inusitadas – carregadas de aventura, de perigos, agitação e mudanças românticas – eu encontrava Mr. Rochester uma e outra vez, e sempre em alguma crise excitante. E a impressão de estar nos braços dele, ouvindo sua voz e fitando os seus olhos, tocando sua mão e sua face, amando-o, sendo amada por ele, renovava com todo o ardor a esperança de passar a vida ao seu lado. Então acordava. Lembrava de onde estava, e em que situação. Levantava-me da cama sem cortinas, tremendo, tiritando. E a noite escura e calma testemunhava a convulsão do desespero e ouvia o grito da paixão. Às nove horas da manhã seguinte, pontualmente, estava abrindo a escola. Tranquila, composta, preparada para as duras tarefas do dia.

Rosamond Oliver cumpriu sua palavra de vir me visitar. Geralmente visitava a escola durante sua cavalgada matutina. Chegava galopando até a porta com seu pônei, seguida por um criado de libré, também montado. Não se podia imaginar nada mais delicioso que a sua aparência: o traje cor de púrpura, o chapéu de amazona de veludo negro graciosamente pousado sobre os longos cachos que beijavam suas faces e cascadeavam pelos ombros. E era assim que ela entrava na escola rústica, e passeava entre as fileiras de espantadas aldeãs. Costumava vir na hora em que Mr. Rivers estava dando sua aula diária de catecismo. Creio que os olhos da visitante

penetravam profundamente no coração do jovem pastor. Uma espécie de instinto parecia avisá-lo da sua entrada, mesmo quando

não estava olhando. E se ele estivesse olhando para a porta quando ela aparecia, ficava ruborizado, e suas feições de mármore, mesmo sem relaxar, mudavam de modo indescritível. Expressavam um fervor reprimido na sua própria quietude, mais intenso do que indicavam a contração dos músculos ou os lampejos do olhar.

Estava claro que ela conhecia o seu poder. Na verdade, St. John não escondia – porque não conseguia – o efeito que ela lhe causava. Apesar do seu estoicismo cristão, quando ela surgia e se dirigia a ele, sorrindo-lhe de modo alegre, encorajador e mesmo afetuoso, suas mãos tremiam e os olhos brilhavam. Era como se ele dissesse, com seu olhar triste e resoluto, o que os lábios não diziam: “Eu a amo, e sei que também me ama. Não é o medo do fracasso que me mantém calado: se oferecesse meu coração acredito que o aceitaria. Mas meu coração já foi destinado a um altar sagrado, as chamas já se acenderam em torno dele. Logo não será mais do que um sacrifício consumado”.

E ela então ficava zangada, como uma criança desapontada. Uma nuvem empanava sua radiante vivacidade. Tirava rapidamente a mão de entre os dedos dele e dava as costas

com petulância à sua figura ao mesmo tempo heroica e martirizada. Sem dúvida, quando ela o deixava desse modo, St. John daria o mundo para segui-la, chamá-la, detê-la. Mas não concederia uma oportunidade aos céus, nem desistiria, pela bem-aventurança do seu amor, da esperança de alcançar o verdadeiro e eterno Paraíso. Além disso, não poderia abrigar tudo o que tinha em sua natureza

- o refugiado, o ambicioso, o poeta, o sacerdote - nos limites de uma única paixão. Ele não podia - e não queria - renunciar ao seu árduo campo de luta de missionário pelos salões e a paz de Vale Hall. Aprendi tanto sobre ele ao invadir uma vez os seus segredos, apesar da sua reserva.

Miss Oliver já me honrara com frequentes visitas ao meu chalé. Eu já conhecia seu caráter por completo, pois não tinha mistérios nem disfarces. Era coquete, mas não insensível. Exigente, mas não desprezivelmente egoísta. Havia sido agraciada pelo nascimento, mas não era totalmente mimada. Arrebatada, porém bem-humorada. Vaidosa (nem poderia deixar de sê-lo, quando qualquer olhar no espelho mostrava-lhe tantos atributos adoráveis), mas não arrogante. Era generosa, isenta do orgulho da riqueza, ingênua, bastante inteligente, alegre, vivaz e

descuidada. Encantadora, em suma, mesmo para uma fria observadora do seu próprio sexo como eu. Mas não despertava

um interesse profundo, nem era inteiramente empolgante. Tinha uma mente muito diferente, por exemplo, das irmãs de St. John. Gostava dela quase como gostava da minha aluna Adele. Exceto que, quando se cuida e ensina uma criança, cria-se um afeto mais intenso do que aquele que se dedica a uma pessoa adulta igualmente atraente.

Ela se tomou de um amável capricho por mim. Dizia que eu era parecida com Mr. Rivers, mas, acrescentava “não tem nem um décimo da beleza dele, apesar de ser uma almazinha pura e bela; ele, porém, é um anjo”. Mas eu era, no entanto, boa, inteligente, equilibrada e firme como ele. Como professora de aldeia eu era uma *lusus naturae*[1], afirmou. Estava certa que a minha história, se fosse conhecida, daria um delicioso romance.

Uma tarde, enquanto inspecionava o armário e a gaveta da mesa na minha pequena cozinha, com seu habitual jeito infantil e suas perguntas indiscretas, embora inofensivas, primeiro descobriu dois livros franceses, um volume de Schiller, uma gramática e um dicionário de alemão. Depois encontrou meus materiais de desenho e alguns esboços, incluindo um desenho a lápis de uma menina de rosto angélico, uma das minhas alunas, e diversas vistas do Vale de Morton e da charneca ao redor. Primeiro foi tomada pela surpresa, depois vibrou de satisfação. Aqueles desenhos haviam sido feitos por mim? Eu sabia francês ou alemão? Que amor, que milagre eu era! Desenhava melhor que a sua professora na principal escola de S... Será que aceitaria fazer um retrato dela, para oferecer ao pai?

- Com prazer - respondi.

Senti a excitação do artista ante a ideia de fazer um retrato de um modelo tão perfeito e radiante. Ela usava um vestido de seda azul profundo, o pescoço e os braços nus. Seu único adorno eram os cabelos castanhos, que ondulavam sobre seus ombros com toda a graça dos cachos naturais. Tomei uma fina tela e tracei um cuidadoso perfil. Prometi a mim mesma o prazer de colori-lo. Quando já estava ficando tarde, disse-lhe que podia voltar outro dia para posar.

Ela falou de mim ao pai de tal maneira que o próprio Mr. Oliver acompanhou-a na tarde seguinte. Era um homem alto, de meia-idade, feições maciças e cabelos grisalhos. Ao lado dele sua adorável filha parecia uma flor vicejando radiosa ao lado de uma torre vetusta. Dava a impressão de um homem taciturno e talvez orgulhoso, mas foi muito gentil comigo. O esboço do retrato de Rosamond agradou-o imensamente. Disse que daria um belo quadro. Insistiu, também, para que eu passasse a tarde seguinte em Vale Hall.

Fui. Achei a residência grande e bonita, mostrando em abundância a riqueza do proprietário. Rosamond demonstrou muita alegria e prazer durante todo o tempo em que estive ali. Seu pai foi afável e, quando começou a conversar comigo após o chá, expressou em termos veementes sua aprovação pelo trabalho que eu estava realizando na escola de Morton. Disse

que, pelo que vira e ouvira, só temia que eu fosse boa demais para o lugar, e que logo o deixasse em busca de uma situação melhor.

- Na verdade - exclamou Rosamond - ela é inteligente o suficiente para ser governanta de uma família de alta classe, papai.

Pensei que preferia muito mais estar onde estava do que em qualquer família de alta classe do país. Mr. Oliver falou de Mr. Rivers - da família Rivers - com grande respeito. Disse que era um nome muito antigo naquela vizinhança e que os ancestrais haviam sido ricos. Que antigamente toda a Morton pertencia a eles e que, mesmo agora, os descendentes dessa casa poderiam, se quisessem, fazer uma aliança com as melhores famílias. Considerava uma pena que um jovem tão educado e talentoso tivesse decidido partir para longe como missionário, era desperdiçar uma existência valiosa. Parecia, então, que o pai não colocaria obstáculos a uma união entre Rosamond e St. John. Mr. Oliver, com certeza, achava que a boa linhagem do jovem clérigo, seu nome antigo e sua profissão sagrada eram compensações suficientes para a falta de fortuna.

Estávamos em cinco de novembro, um feriado. Minha pequena ajudante, após me prestar auxílio na limpeza da casa, fora embora bem feliz com a moeda de um centavo que eu lhe dera. Tudo a minha volta

estava limpo e brilhante: o chão escovado, a grelha polida, as cadeiras enceradas. Já fizera minha toalete e tinha a tarde inteira diante de mim para passar como eu quisesse.

Ocupei-me por uma hora traduzindo algumas páginas do alemão. Então peguei minha paleta e os pincéis e dediquei-me à tarefa mais agradável, porque mais fácil, de completar o retrato em miniatura de Rosamond Oliver. A cabeça já estava pronta, só faltava pintar o fundo e um drapeado para sombrear. Adicionar um toque de carmim aos lábios, um cacho macio aqui e ali, um pouco de cor na sombra dos cílios sob as pálpebras. Estava absorta na execução desses detalhes quando, após uma rápida batida, a porta abriu-se para dar entrada a St. John Rivers.

- Vim ver como está passando o feriado - ele disse. - Não está melancólica, está? Não. Isso é bom: enquanto pinta não se sentirá sozinha. Veja que eu ainda desconfio de você, embora tenha se saído muitíssimo bem até aqui... Trouxe-lhe um livro para as horas solitárias da noite.

Colocou sobre a mesa um livro novo. Era um poema: uma dessas publicações originais frequentemente destinadas ao público afortunado daquela época - a era de ouro da literatura moderna. Ah! Os leitores atuais são menos favorecidos.

Coragem! Não vou fazer acusações nem me afligir. Sei que a poesia não morreu, nem a imaginação foi perdida. Tampouco Mammon[2] tem poder sobre qualquer delas, para amordaçá-las ou destruí-las. Um dia virá em que ambas afirmarão

novamente sua existência, sua presença, sua liberdade e força! São anjos poderosos, seguros no céu! Sorriem quando as almas sórdidas se vangloriam e as almas fracas choram diante da sua destruição. A poesia morreu? A imaginação perdeu-se? Não! Mediocridade, não: não permita que a inveja o leve a esse pensamento. Não! Elas não apenas vivem, como reinam e redimem, e sem a sua influência divina espalhada por toda parte estaríamos no inferno... O inferno da nossa própria mesquinhez!

Enquanto eu percorria ansiosamente as brilhantes páginas de “Marmion”[3] (porque era “Marmion”), St. John parou para examinar a minha pintura. Voltou a aprumar o corpo esbelto com um sobressalto. Não disse nada. Olhei para ele, mas evitou o meu olhar. Eu conhecia bem seus pensamentos e podia ler claramente no seu coração. No momento me

sentia mais calma e fria do que ele: tinha temporariamente sobre ele essa vantagem. Resolvi fazer-lhe algum bem, se pudesse.

“Com toda sua firmeza e autocontrole” pensei “ele exige demais de si mesmo. Tranca no coração qualquer sentimento e dor – não expressa, não confessa nem partilha nada. Sei que seria benéfico para ele falar um pouco da doce Rosamond, com quem acha que não deve se casar. Vou fazê-lo falar.”

Comecei dizendo:

- Sente-se, Mr. Rivers.

Mas ele respondeu, como sempre, que não podia ficar.

“Muito bem” respondi, mentalmente. “Fique de pé se quiser, mas não irá embora assim tão depressa. Estou decidida: a solidão, afinal, é tão ruim para o senhor quanto é para mim. Vou tentar descobrir a fonte secreta da sua confiança e abrir uma brecha nesse peito de mármore, por onde possa derramar uma gota do bálsamo da simpatia.”

- O retrato está parecido? – perguntei, sem rodeios.

- Parecido? Parecido com quem? Não olhei direito.

- Olhou, sim, Mr. Rivers.

Ele quase se assustou com a minha estranha e repentina brusquidão: olhou-me espantado.

“Isso ainda não é nada” disse para mim mesma. “Não pretendo ficar embaraçada com uma pequena carranca da sua parte. Estou decidida a ir muito longe.”

Continuei:

- O senhor observou-o de perto, distintamente. Mas não faço objeções a que olhe outra vez.

Levantei-me e coloquei-lhe o retrato nas mãos.

- Uma pintura muito bem executada – ele disse. – Muito suave, de cores claras. O desenho está correto e gracioso.

- Sim, sim. Sei disso. Mas que tal a semelhança? Com quem se parece?

Controlando a hesitação, respondeu:

- Miss Oliver, creio eu.

- É claro. E agora, senhor, para premiá-lo pela arguta resposta, prometo-lhe pintar cuidadosa e fielmente uma réplica desta mesma pintura, desde que admita que o presente seria do seu agrado. Não pretendo perder meu tempo e trabalho oferecendo-lhe algo que considere sem valor.

Ele continuava a observar a pintura. Quanto mais a olhava, quanto mais firme a segurava, mais parecia cobiçá-la.

- É parecida! - murmurou. - Os olhos estão bem desenhados: sua tonalidade, a luz e a expressão são perfeitas. E ela sorri!

- Seria um conforto ou uma tortura para o senhor possuir uma pintura similar? Diga-me. Quando estiver em Madagascar, ou no Cabo, ou na Índia, seria um consolo ter essa lembrança consigo? Ou a visão dela lhe traria recordações que o deixariam angustiado e aflito?

Ele levantou os olhos furtivamente. Lançou-me um olhar perturbado, hesitante. Voltou a fitar o retrato.

- Que eu gostaria de tê-la, é certo. Se isso seria sensato ou prudente, é outra questão.

Desde que me convencera que Rosamond gostava dele, e que seu pai provavelmente não se oporia ao casamento, eu – menos exaltada na minha análise do que St. John – firmei no coração a decisão de promover a união dos dois. Parecia-me que, se ele possuísse a enorme fortuna de Mr. Oliver, poderia fazer com ela tanto bem quanto se fosse para o exterior desperdiçar seu talento e suas forças sob o sol tropical.

Persuadida disso, respondi:

- Pelo que posso ver, seria mais sábio e sensato levar consigo o original logo de uma vez!

Naquele momento ele já havia se sentado. Colocara a pintura na mesa diante de si e, com a frente apoiada nas mãos, debruçava-se amorosamente sobre ela. Percebi que não ficara zangado nem chocado com a minha audácia. Vi mesmo que, falar assim francamente de um

assunto que ele considerava inabordável – e vê-lo ser tratado com tanta liberdade – começava a dar-lhe um novo prazer, um alívio inesperado. As pessoas reservadas muitas vezes precisam discutir livremente seus sentimentos e aflições, muito mais do que as pessoas expansivas. Os que parecem estoicos também são humanos, afinal de contas, e “irromper” com audácia e boa

vontade no “mar silencioso” das suas almas é, frequentemente, fazer-lhes um favor.

- Tenho certeza que ela gosta do senhor – eu disse, postada atrás da sua cadeira – e o pai dela o respeita. Além disso, ela é uma moça adorável, embora um pouco insequente. Mas o senhor tem juízo suficiente para os dois. Deve casar-se com ela.

- Ela gosta de mim? – perguntou.

- Certamente. Mais do que de qualquer outra pessoa. Fala no senhor o tempo todo: não há assunto de que goste mais ou mencione com mais frequência.

- É muito agradável ouvir isso – ele disse – muito mesmo: prossiga por mais um quarto de hora.

E ele realmente tirou o relógio do bolso e colocou-o sobre a mesa, para medir o tempo.

- Mas qual é o sentido em prosseguir – perguntei – se o senhor provavelmente está preparando algum firme argumento em contrário ou forjando algum par de algemas para aprisionar seu coração?

- Não imagine coisas tão duras. Imagine que me sinto agora dócil e enternecido. O amor humano jorrando como uma fonte refrescante e inundando docemente todo o campo que eu lavrei com tanto trabalho e cuidado – que tão assiduamente semeei com sementes de boas intenções e renúncias. E que nesse momento foi inundado por uma torrente de néctar... os

brotos afogados... um delicioso veneno a consumi-los. Vejo-me agora esparramado numa poltrona em Vale Hall, ao pé da minha esposa Rosamond Oliver. Ela está falando comigo na sua voz doce, olhando-me com aqueles olhos que a sua mão habilidosa retratou tão bem, sorrindo-me com seus lábios de coral. Ela é minha... eu sou dela... A vida presente e o passado me bastam. Oh, não! Não diga nada. Meu coração está tomado de

prazer, meus sentidos extasiados... Deixe que se passe tranquilamente o tempo que eu marquei.

Fiz-lhe a vontade: o relógio prosseguia em seu tique-taque, ele ofegava baixinho. Permaneci calada. No meio desse silêncio, o quarto de hora passou. Ele guardou o relógio, deitou a pintura na mesa, levantou-se e parou junto à lareira.

- Bem - disse ele - já concedi espaço ao delírio e à ilusão. Pousei a fronte no seio da tentação e, voluntariamente, coloquei meu pescoço no seu jugo de flores. Provei da sua taça. Os coxins queimavam: há uma serpente entre as flores e o vinho tem um gosto amargo. Suas promessas são vazias, suas dádivas falsas. Eu vejo e conheço tudo isso.

Olhei-o, espantada.

- É estranho - ele prosseguiu. - Embora eu ame Rosamond Oliver tão intensamente - com toda a intensidade, na verdade, de um primeiro amor cujo objeto é especialmente belo,

gracioso e fascinante – ao mesmo tempo sinto uma calma e isenta convicção de que ela não seria uma boa esposa para mim; de que não é a companheira que me convém, e que vou descobrir isso um ano depois do casamento. E a esses doze meses de ventura se sucederá uma vida de remorsos. Disso eu tenho certeza.

- Realmente, é muito estranho! – não pude evitar exclamar.

- Enquanto alguma coisa dentro de mim é muito sensível aos seus encantos – ele continuou – outra é profundamente consciente dos seus defeitos. Ela não simpatiza com nenhuma das minhas aspirações, nem coopera com nada que eu me empenhe em realizar. Rosamond, uma sofredora, uma trabalhadora, um apóstolo mulher? Rosamond, a esposa de um missionário? Não!

- Mas o senhor não precisa se tornar um missionário. Pode abrir mão disso.

- Abrir mão? Renunciar à minha vocação? Desistir da grande obra da minha vida? Das fundações que farei na terra para erguer minha mansão no céu? Desistir da esperança de entrar para o rol daqueles que renunciam a todas as ambições pela glória de melhorar a vida dos seus semelhantes... de levar o conhecimentos ao reino da ignorância... de

substituir a guerra pela paz... o cativo pela liberdade... a superstição pela religião... o temor do inferno pela esperança

do céu? Devo renunciar a tudo isso? Isso me é mais caro do que o sangue que corre nas minhas veias. É isso que tenho que buscar, é para isso que devo viver.

Depois de uma longa pausa, perguntei:

- E Miss Oliver? Sua tristeza e desapontamento não importam para o senhor?
- Miss Oliver está sempre cercada de admiradores e bajuladores. Em menos de um mês a minha imagem se apagará do seu coração. Ela me esquecerá, e provavelmente se casará com alguém que a fará muito mais feliz do que eu.
- O senhor fala com bastante frieza, mas sofre com esse conflito.

Está se desgastando.

- Não. Se eu estou um pouco inquieto, é por ansiedade com meus projetos ainda não concluídos – minha partida constantemente adiada. Somente hoje recebi a comunicação de que o meu sucessor, cuja chegada espero há longo tempo, não poderá vir antes de três meses. E talvez esses três meses se estendam para seis...
- O senhor treme e fica ruborizado sempre que Miss Oliver entra na escola.

De novo uma expressão de surpresa cruzou-lhe a face. Ele não imaginava que uma mulher pudesse falar desta forma com um homem. Já eu me sentia à vontade com esse tipo de conversa.

Nunca consegui me comunicar com pessoas de mente firme, discreta e refinada – fossem homens ou mulheres – até que superasse a reserva convencional, ultrapassasse o portal da confiança e conquistasse um lugar no aconchego dos seus corações.

- Você é original – disse ele – e não é nem um pouco tímida. Há qualquer coisa de corajoso no seu espírito, assim como há algo de penetrante no seu olhar. Mas deixe-me dizer-lhe que se engana parcialmente na interpretação das minhas emoções. Acha que são mais profundas e intensas do que realmente são. Você me concede um grau maior de simpatia do que realmente mereço. Quando fico ruborizado ou

sombrio perto de Miss Oliver, não me perdoe. Desprezo essa fraqueza. Sei que é ignóbil: um mero fremir da carne e não, afirmo-lhe, uma convulsão da alma. Esta continua tão firme como uma rocha firmemente plantada nas profundezas de um mar agitado. Conheça-me como sou: um homem duro e frio.

Sorri com descrença.

- Você desvendou o meu segredo sem reservas – continuou St. John – e agora ele está ao seu dispor. No meu estado natural, despido desse manto manchado de sangue com o qual o cristianismo cobre as deformidades humanas, sou simplesmente um homem frio, rude e ambicioso. De todos os sentimentos, apenas a afeição natural exerce uma influência

permanente sobre mim. O meu guia é a razão, não o sentimento. Minha ambição não tem limites, meu desejo de me elevar mais alto e fazer mais do que os outros é insaciável. Admiro o esforço, a perseverança, a dedicação e o talento, pois são os meios com os quais os homens executam grandes obras e sobem ao mais alto grau de eminência. Observo sua carreira com interesse, porque a considero um tipo de mulher diligente, ordeira e enérgica: não porque tenha pena do que sofreu ou ainda esteja sofrendo.

- O senhor se descreve como um simples filósofo pagão - eu disse.

- Não. Há uma diferença entre mim e os filósofos pagãos: eu

acredito em Deus, acredito no Evangelho. Você errou na classificação: não sou pagão, mas um filósofo cristão. Um seguidor de Jesus. Como Seu seguidor, adoto as Suas doutrinas puras, misericordiosas e benignas. Sou um defensor do Senhor: jurei difundir a Sua doutrina. Cresci na religião, e ela cultivou minhas qualidades inatas. Do germe da afeição natural fez brotar a árvore frondosa da filantropia. Da selvagem e fibrosa raiz da sinceridade fez crescer o senso de justiça divina. Da ambição de obter renome e poder para a minha desprezível pessoa, formou a ambição de propagar o reino do meu Senhor e obter vitórias para o estandarte da Cruz. A religião me deu

tudo isso, transformando a matéria original em algo melhor, aparando e aperfeiçoando a natureza. Mas não pôde sufocar por

completo a natureza. Não, ela não será sufocada até que este invólucro mortal passe para a imortalidade.

Dito isto, pegou seu chapéu que estava sobre a mesa, ao lado da minha paleta. Olhou novamente para o retrato.

- Ela é adorável - murmurou. - Realmente merece o nome de Rosa do Mundo.

- E não devo pintar uma cópia para o senhor?

- Cui bono?[4] Não.

Colocou sobre o retrato a fina folha de papel na qual eu costumava descansar a mão enquanto pintava, para evitar sujar a tela. O que ele de repente viu naquele papel branco é impossível dizer, mas algo chamou-lhe a atenção. Pegou-a com pressa e olhou para a borda. Então fixou em mim um olhar extremamente peculiar, de todo incompreensível. Um olhar que parecia esquadrihar e gravar mentalmente cada traço do meu rosto, do meu corpo, do meu vestido. Atravessava tudo, penetrante, rápido e afiado. Seus lábios se abriram, como se quisesse falar, mas reprimiu o que ia dizer, fosse o que fosse.

- O que aconteceu? - perguntei.

- Nada deste mundo - foi a resposta.

Ao recolocar o papel vi-o rasgar um pedacinho da margem, que desapareceu dentro da sua luva. E com um rápido aceno de cabeça e um “boa-noite”, saiu.

- Bem! - exclamei, usando uma expressão da região. - Esta é de tirar o chapéu, realmente!

Examinei o papel, por minha vez, mas não vi nada nele a não ser algumas pequenas manchas de tinta, onde havia testado o pincel. Ponderei sobre o mistério por um ou dois minutos. Achando-o insolúvel, porém, e certa de que não devia ser importante, desisti do assunto e logo o esqueci.

[1] Em latim no original = brincadeira da natureza. Termo criado pelos naturalistas medievais para designar qualquer criatura ou espécime que desafia a classificação.

[2] Mammon é um demônio, filho de Lúcifer, responsável pela avareza e também pela concessão de riquezas.

[3] Marmion é um poema épico de Sir Walter Scott, publicado em 1808.

[4] Expressão latina que significa “para o benefício de quem?”

C A P Í T U L O XXXIII

Quando Mr. St. John saiu, estava começando a nevar. A tempestade prosseguiu durante toda a noite. No dia seguinte um vento forte trouxe chuvas frias e torrenciais. Ao crepúsculo o vale inteiro estava alagado e quase intransitável. Fechei a persiana, coloquei um capacho na soleira da porta para evitar que a neve entrasse, aticei o fogo e sentei-me junto à lareira por uma hora, ouvindo a fúria da tempestade. Então acendi um candeeiro, peguei “Marmion” e comecei a ler.

Finda o dia sobre a escarpa do castelo de Northam E sobre o rio Tweed, belo largo e profundo

E sobre as solitárias montanhas de Cheviot. As torres maciças, o calabouço guardado, As paredes que o rodeiam,

Brilham em dourado resplendor...

No ritmo da poesia, esqueci a tempestade.

Então ouvi um barulho. Pensei que fosse o vento balançando a porta. Não. Era St. John Rivers que, tendo aberto o trinco, emergiu da tormenta gelada, da escuridão profunda – e se postou diante de mim. A capa que cobria sua alta figura estava branca como uma geleira. Fiquei quase confusa, pois, com o vale bloqueado, não esperava nenhum visitante naquela noite.

- Alguma notícia ruim? – perguntei. – Aconteceu alguma coisa?

- Não. Como você se alarma à toa! – respondeu.

Tirou a capa e pendurou-a atrás da porta. Recolocou também o capacho que saíra do lugar com a sua entrada. Sacudiu a neve das botas.

- Devo ter manchado a limpeza do seu assoalho – ele disse – mas deve perdoar-me desta vez.

Aproximou-se do fogo.

- Tive bastante trabalho para chegar até aqui, acredite! – observou, enquanto esquentava as mãos nas chamas. – Uma rajada de vento quase me derrubou. Por sorte a neve ainda está bastante macia.

- Mas por que veio, então? – perguntei, sem conseguir me conter.

- Não é uma pergunta muito hospitaleira para se fazer a um visitante. Mas já que perguntou, respondo que vim simplesmente para conversar um pouco com você. Estava cansado dos meus livros silenciosos e dos meus aposentos desertos. Além disso, desde ontem tenho experimentado a ansiedade de uma pessoa a quem foi contada apenas a metade de uma história, e que está impaciente para ouvir o resto.

Sentou-se. Lembrei-me da sua conduta estranha no dia anterior, e comecei a temer que suas faculdades mentais tivessem sido abaladas. Mas se estava louco, sua insanidade era do tipo mais comedido e frio. Eu nunca vira seu belo rosto parecer mais cinzelado em mármore como agora, enquanto ele afastava da testa os cabelos molhados de neve e deixava que a luz do fogo batesse em cheio no seu rosto pálido. Senti pesar ao ver os profundos traços de sofrimento e preocupação gravados ali. Esperei, calada, que ele dissesse alguma coisa que eu pudesse ao menos compreender. Mas agora ele apoiava a mão no queixo, o dedo sobre os lábios: estava pensando. Espantei-me ao ver que sua mão parecia lívida, como o rosto. Uma onda involuntária de piedade invadiu meu coração. Fui levada a dizer:

- Gostaria que Diana ou Mary viessem morar com o senhor, não é bom que viva assim sozinho. Além disso o senhor é muito descuidado com a sua saúde.
- Absolutamente - ele disse. - Eu me cuido quando necessário.

Estou bem, agora. O que vê de errado em mim?

St. John disse isso de forma descuidada, com indiferença, deixando evidente que a minha solicitude era totalmente supérflua, ao menos na sua opinião. Fiquei em silêncio.

Ele ainda movia vagarosamente o dedo sobre o lábio superior, e seus olhos ainda vagavam, sonhadores, sobre as chamas brilhantes. Considerando urgente dizer alguma coisa, perguntei-lhe então se não estava sentindo uma corrente de ar vinda da porta atrás dele.

- Não, não! - respondeu, de modo breve e um tanto impaciente. “Muito bem!” refleti “Se não quer falar, pode ficar calado. Vou deixá-lo sozinho e retornar ao meu livro”.

Avivei o candeeiro e retomei a leitura de “Marmion”. Não tardou que ele se mexesse, e meus olhos se dirigiram instantaneamente para os seus movimentos. Pegou no bolso uma carteira forrada em marroquim, tirou uma carta de dentro, leu-a em silêncio, dobrou-a e colocou-a de volta. Voltou a meditar. Era inútil tentar ler com aquela figura fixa e impenetrável na minha frente. Nem podia, na minha impaciência, consentir em ficar calado. Ele que me censurasse, se quisesse, mas eu iria falar.

- Teve notícias de Diana ou Mary recentemente?
- Não desde aquela carta que lhe mostrei semana passada.
- E quanto aos seus planos, houve alguma mudança? Será chamado a deixar a Inglaterra antes do que espera?
- Temo que não, de fato. Uma coisa assim é boa demais para acontecer comigo.

Embaraçada, mudei de assunto. Pensei em falar da escola e das minhas alunas.

- A mãe de Mary Garnett está melhor, e Mary voltou hoje a frequentar as aulas. Na semana que vem devo receber mais quatro alunas, de Foundry Close. Não puderam vir hoje por causa da neve.

- De fato!

- Mr. Oliver está pagando por duas alunas.

- É mesmo?

- E ele pretende oferecer uma ceia para todas as alunas, no Natal.

- Eu sei.

- Foi ideia sua?

- Não.

- De quem, então?

- Da sua filha, eu acho.

- É bem típico dela. É tão generosa!

- É.

Novamente houve uma pausa na conversa. O relógio bateu oito horas. O som pareceu despertá-lo. Descruzou as pernas, sentou-se ereto e voltou-se para mim.

- Deixe seu livro por um momento e venha sentar-se mais perto do fogo – ele disse.

Espantada, e como meu espanto não tinha fim, obedeci.

- Meia hora atrás – ele começou – falei da minha ansiedade em ouvir o final de uma história. Pensando nisso, acho que será melhor que eu assuma o papel do narrador e que você seja a ouvinte. Antes de começar, é justo avisá-la que talvez ache a história um tanto banal, mas detalhes comuns às vezes ganham novo frescor quando contados por outra pessoa. Além disso, é curta, por velha ou nova que seja.

- Há vinte anos, um pobre pároco – não importa o seu nome neste momento – apaixonou-se pela filha de um homem rico. Ela também se apaixonou por ele e desposou-o, contra o conselho de todos os seus parentes. Em consequência disso foi deserdada imediatamente após o casamento. Antes de dois anos, o imprudente casal estava morto, e estão enterrados lado a lado, sob a mesma lápide (vi o seu túmulo: é parte do campo de um enorme cemitério que circunda a catedral, soturna e enegrecida pela fuligem, de uma cidade industrial no condado de...). Deixaram uma criança que, desde o seu nascimento, foi entregue ao regaço da Caridade... tão frio quanto a neve na qual eu quase afundei esta noite. A Caridade levou a pequena orfãzinha para a casa dos seus ricos parentes maternos. Foi criada por uma tia postiça, chamada (agora chegamos aos nomes) Mrs. Reed de Gateshead. Você estremeceu... ouviu

algum barulho? Acho que é apenas um rato correndo pelas vigas da escola ao lado. Era um

celeiro, antes que eu a reformasse, e os celeiros costumam ser abrigos de ratos. Prossigamos. Mrs. Reed manteve a órfã por dez anos. Se estava feliz ou não com ela não sei dizer, nunca me contaram. Mas, ao final desse tempo, a menina foi transferida para um lugar que você conhece: a Escola de Lowood, onde você mesma morou por tanto tempo. Parece que a carreira dela lá foi honrosa: de aluna tornou-se professora, como você... É espantoso como existem paralelos entre a sua história e a dela! Então deixou a escola para ser governanta. Nisso também o destino dela é igual ao seu. E a moça encarregou-se de educar a protegida de um certo Mr. Rochester.

- Mr. Rivers! - interrompi.

- Posso imaginar o que sente - ele disse - mas contenha-se um pouco mais. Já estou quase terminando, ouça-me até o fim. Nada sei do caráter de Mr. Rochester, a não ser o simples fato de que ofereceu um casamento honroso a essa jovem, e que ela descobriu, no próprio altar, que ele tinha uma esposa ainda viva, embora fosse louca. Qual foi sua conduta subsequente ou seus propósitos, fica no terreno da simples conjectura. Mas, quando surgiu um fato que tornou necessária a presença da governanta, descobriu-se que ela fugira... Ninguém sabia dizer

quando, como, nem para onde. Deixara Thornfield Hall à noite e todas as buscas para descobrir o seu paradeiro foram infrutíferas. Reviraram o condado de um canto a outro, e não se achou qualquer vestígio de informação a seu respeito. Como era questão de extrema urgência que ela fosse encontrada, foram colocados anúncios em todos os jornais. Eu mesmo recebi uma carta de um tal Mr. Briggs, um procurador, comunicando os detalhes que acabei de lhe contar. Não é uma história estranha?

- Diga-me apenas uma coisa – eu disse. – Já que sabe tanto pode seguramente contar-me isto: o que foi feito de Mr. Rochester? Como e onde ele está? O que está fazendo? Ele está bem?

- Ignoro qualquer coisa a respeito de Mr. Rochester: a carta só se refere a ele para contar a tentativa fraudulenta e ilegal a que me referi. Você devia perguntar o nome da governanta... e a natureza do evento que requer a sua presença.

- Ninguém foi a Thornfield Hall, então? Ninguém viu Mr. Rochester?

- Creio que não.

- Mas escreveram-lhe?

- Naturalmente.

- E o que ele disse? Quem está com as suas cartas?

- Mr. Briggs declarou que a resposta ao seu pedido não veio de Mr. Rochester, mas de uma senhora que se assinava “Alice Fairfax”.

Senti frio e empalideci. Meus piores temores provavelmente eram verdadeiros. Mr. Rochester devia ter deixado a Inglaterra, com toda probabilidade, e se precipitado em desespero para algum antigo refúgio no continente. E qual o alívio que teria encontrado lá para seus severos sofrimentos? Que objeto para suas fortes paixões? Oh, meu pobre patrão - quase meu marido - a quem eu tantas vezes chamei de “meu querido Edward”!

- Ele deve ter sido um homem mau - observou Mr. Rivers.

- O senhor não o conhece... não o julgue! - repliquei, com veemência.

- Muito bem - respondeu ele, calmamente. - De qualquer forma, meus pensamentos estão ocupados com outras coisas além dele: tenho que terminar minha história. Se você não pergunta o nome dessa governanta tenho que dizê-lo por minha própria conta. Espere! Tenho o nome aqui... Sempre é melhor tomar nota das coisas mais importantes, para que fique tudo preto no branco.

E ele pegou de novo a carteira, deliberadamente. Abriu-a, vasculhou-a e de um dos seus compartimentos extraiu uma tirinha de papel bem desgastada, rasgada às pressas.

Reconheci na sua textura e nas manchas de tinta azul, roxa e

vermelha, a margem arrancada da folha que cobria o retrato de Rosamond. Ele a colocou sob os meus olhos. E eu li – escrita a nanquim, na minha própria letra – as palavras “Jane Eyre”, resultado, sem dúvida, de algum momento de abstração.

- Briggs escreveu-me a respeito de uma Jane Eyre – continuou – os anúncios pediam por Jane Eyre. Eu conhecia uma Jane Elliot... Confesso que tive minhas suspeitas, mas foi apenas ontem à tarde que elas se transformaram em certeza. Aceita o nome e renuncia ao nome suposto?

- Sim... Sim! Mas onde está Mr. Briggs? Talvez ele saiba mais de Mr. Rochester do que o senhor.

- Briggs está em Londres. Duvido que ele saiba de qualquer coisa sobre Mr. Rochester. Não é nele que Briggs está interessado. Enquanto isso, você esquece dos pontos principais para se interessar por ninharias: não perguntou por que Mr. Briggs está à sua procura... o que ele quer com você.

- Bem, o que ele quer?

- Apenas contar-lhe que seu tio, Mr. Eyre, residente em Madeira, morreu. Que ele lhe deixou todos os seus bens e que você agora é rica... Nada mais que isso.

- Eu? Rica?

- Sim. Você. Rica. Uma legítima herdeira. Silêncio.

- Terá que provar sua identidade, é claro - continuou St. John. -

algo que não deve oferecer dificuldades. Depois entrará imediatamente na posse da herança. Sua fortuna está investida em títulos ingleses, Briggs tem o testamento e os documentos necessários.

Então, as cartas mudavam de mãos! É muito bom, leitor, ser alçada da indigência à riqueza em apenas um momento... Realmente muito bom. Mas não é uma coisa que se possa entender e, por conseguinte, desfrutar tão de repente. Existem outros tipos de sorte na vida, até mais emocionantes e sensacionais. Esta, no entanto, é uma coisa sólida, um negócio do mundo real, não há nada de romântico em relação a isso. Todas as suas ligações e manifestações são sólidas e racionais. Uma pessoa não pula, ou salta, ou grita ao ouvir que ganhou uma fortuna. Começa a pensar em responsabilidades, a ponderar negócios, a ver que uma satisfação tão sólida exige certos cuidados, e se contém, pensando na sua bênção com solenidade.

Além do mais, as palavras Herança e Legado andam de mãos dadas com as palavras Morte e Funeral. Acabara de ouvir que meu tio morreria... o único parente que eu tinha. Desde que soube da sua existência tinha acalentado a ideia de um dia conhecê-lo: agora isso nunca aconteceria. E assim aquele

dinheiro vinha apenas para mim, não para mim e uma família que se alegrasse também. Apenas para mim. Sem dúvida era um grande benefício. E a independência seria gloriosa – sim, eu o sentia – meu coração se alargava com a ideia.

- Levantou a cabeça, afinal – disse Mr. Rivers – Pensei que Medusa tivesse olhado para você e que a tivesse transformado em pedra. Talvez agora pergunte quanto irá receber?

- Quanto vou receber?

- Oh! Uma ninharia! Nada que valha a pena mencionar... Vinte mil libras, eu acho... Mas o que vale isso, não é mesmo?

- Vinte mil libras?

Levei outro susto... Havia pensado em quatro ou cinco mil. Essa notícia me tirou o fôlego por um momento e Mr. St. John, a quem eu nunca ouvira rir, agora ria.

- Bem – disse ele – se você tivesse cometido um assassinato e eu lhe dissesse que seu crime foi descoberto, dificilmente poderia parecer mais perplexa.

- É uma quantia muito alta... Não acha que há algum engano?

- Não há engano nenhum.

- Talvez tenha lido errado as cifras... Devem ser duas mil!

- Foi escrito em letras, não em números – vinte mil.

Senti-me novamente como um indivíduo que, avaliando mal seus poderes gastronômicos, senta-se sozinho para festejar numa mesa abarrotada de comida para cem pessoas. Mr. Rivers levantou-se e vestiu a capa.

- Se a noite não estivesse tão terrível - ele disse - mandaria buscar Hannah para fazer-lhe companhia. Parece desesperada demais para ficar sozinha. Mas Hannah, coitada!, não consegue enfrentar a neve tão

bem como eu, suas pernas não são tão firmes. E por isso devo deixá-la só com sua tristeza. Boa-noite.

Ele já ia abrindo o trinco quando, de repente, me ocorreu um pensamento.

- Espere um minuto! - gritei.

- O que foi?

- Quero saber o motivo pelo qual Mr. Briggs lhe escreveu a meu respeito. Como ele o conhecia, ou como pôde imaginar que o senhor, vivendo num lugar tão retirado, pudesse ajudá-lo a me encontrar.

- Ah! Eu sou um clérigo - ele disse - e os clérigos são sempre consultados sobre casos estranhos.

O trinco rangeu outra vez.

- Não. Essa resposta não me basta! - exclamei.

E, de fato, havia algo naquela resposta apressada e pouco esclarecedora que, em vez de apacuar, provocou ainda mais a minha curiosidade.

- É um negócio muito estranho! - acrescentei. - Preciso saber mais a respeito disso.

- Numa outra ocasião.

- Não! Agora... Agora!

Como ele fizesse menção de sair, coloquei-me entre ele e a porta.

St. John pareceu muito embaraçado.

- O senhor não irá embora até que me conte tudo - disse.

- Eu preferia não dizer agora.

- O senhor pode dizer... deve dizer!

- Preferia que Diana ou Mary lhe contassem.

É claro que essas objeções levaram minha ansiedade ao máximo.

Ele devia satisfazer a minha curiosidade, e sem demora. Disse-lhe isso.

- Mas eu lhe informei que era um homem duro - ele disse - difícil de persuadir.

- E eu sou uma mulher dura - impossível de dissuadir.

- Também sou frio – ele continuou. – Nenhuma emoção me afeta.
- Enquanto eu sou passional, e o fogo derrete o gelo. O calor daquele fogo derreteu toda a neve da sua capa e espalhou-a sobre o meu assoalho, transformando-o numa rua suja. Se deseja ser perdoado, Mr. Rivers, pelo alto crime e a deselegância de ter estragado o meu piso, diga-me o que quero saber.
- Está bem, então – ele disse. – Concordo. Senão pela sua ansiedade, ao menos pela sua persistência. Como água mole em pedra dura... Além disso, algum dia vai descobrir... Tanto faz agora ou depois. Seu nome é Jane Eyre?
- Naturalmente. Isso já foi esclarecido antes.
- Você não sabe, talvez, que eu tenho o seu sobrenome? Que fui batizado St. John Eyre Rivers?
- Não, realmente! Lembro-me agora de ter visto a letra “E” no meio das suas iniciais, escritas nos livros que me emprestou tantas vezes. Mas nunca perguntei a que nome se referia. E então? Certamente...

Parei. Não confiava em mim para imaginar, muito menos para expressar, a ideia que me assaltou... que tomou corpo... e que em poucos segundos se tornou uma forte e sólida probabilidade. As circunstâncias se entrelaçavam, se ajustavam, entravam em ordem. A cadeia que até aqui sustentara uma sucessão de elos sem forma definida, surgia

agora coordenada – todos os aros perfeitos, em conexão completa. Eu soube, por instinto, como as coisas eram, antes mesmo que St. John dissesse uma palavra. Mas não posso esperar que o leitor tenha a mesma percepção intuitiva, por isso repito a sua explicação.

- O nome da minha mãe era Eyre. Ela tinha dois irmãos. Um, o clérigo que casou-se com Miss Jane Reed, de Gateshead. O outro era John Eyre, proprietário de terras, comerciante, até há pouco estabelecido em Funchal, na ilha da Madeira. Mr. Briggs, na qualidade de procurador de Mr. Eyre, escreveu-nos em agosto passado para informar a morte do nosso tio, e dizer que ele deixara sua fortuna para a filha órfã de seu irmão clérigo. Negligenciou-nos no testamento por causa de uma briga, jamais

esquecida, entre ele e meu pai. Escreveu novamente há poucas semanas para nos contar que a herdeira não fora localizada, e perguntar se sabíamos algo a respeito dela. Um nome, casualmente escrito numa folha de papel, permitiu-me encontrá-la. O resto você sabe.

Novamente tentou sair, mas encostei-me na porta para impedi-lo.

- Deixe-me falar – eu disse – mas preciso de um momento para recobrar o fôlego e refletir.

Fiz uma pausa. Ele continuou parado diante de mim, chapéu na mão, parecendo bastante sereno. Continuei:

- Sua mãe era irmã do meu pai?
- Sim.
- E, portanto, minha tia? Ele assentiu.
- O meu tio John também era o seu tio John? O senhor, Diana e

Mary são filhos da irmã, assim como eu sou filha do irmão dele?

- Inegavelmente.
- Vocês três, portanto, são meus primos? Metade do nosso sangue provém da mesma fonte?
- Somos primos, sim.

Observei-o. Sentia como se tivesse encontrado um irmão. Um irmão de quem podia me orgulhar, a quem podia amar. E duas irmãs, cujas qualidades eram tais que, mesmo quando as conhecera como simples estranhas, inspiraram-me sincera afeição e admiração. As duas moças a quem – ajoelhada no chão molhado e espiando pela baixa janela envidraçada da cozinha de Moor House, eu fitara com uma mistura tão estranha de interesse e desespero – eram minhas parentas próximas. E o jovem e soberbo cavalheiro que me encontrara quase morrendo na soleira da sua porta era meu parente de sangue. Que gloriosa descoberta para uma infeliz solitária! Isso

era a verdadeira riqueza! A riqueza do coração! Uma mina de afetos puros e felizes. Era uma verdadeira bênção: brilhante, vívida e revigorante. Não era como a dádiva do ouro, pesada e medida: bem-vinda ao seu modo, mas moderada no seu efeito. Bati palmas, numa

explosão de súbita felicidade... Meu pulso se acelerou, minhas veias latejavam.

- Oh! Estou feliz! Estou feliz! – exclamei. St. John sorriu.
- Eu não disse que você esquece os pontos essenciais para se

ocupar com ninharias? – perguntou. – Quando lhe contei que ganhou uma fortuna, ficou séria. E agora, por uma coisa sem importância, está exultante.

- O que quer dizer? Pode não ter importância para o senhor, pois tem irmãs e não liga para uma prima. Mas eu não tinha ninguém, e agora três parentes – ou dois, se o senhor prefere não ser incluído – surgiram no meu mundo adulto. Repito: estou feliz!

Caminhei a passos largos pela sala. Parei, meio sufocada pelos pensamentos que se sucediam mais rápido do que eu os podia receber, entender e ajustar... Ideias sobre o que podia, devia, seria e poderia ser dali para frente. Olhei para a parede branca: parecia um céu cheio de estrelas ascendentes, cada uma

iluminando um desejo ou um propósito. Agora poderia beneficiar aqueles que me salvaram a vida, a quem até aqui amara de forma estéril. Estavam sob um jugo: eu podia libertá-los. Achavam-se dispersos: eu podia reuni-los. A independência e a abundância que me abençoavam poderiam ser deles também. Não éramos quatro? Vinte mil libras, divididas igualmente, dariam cinco mil para cada um. Seria justo para com todos, nossa felicidade mútua estaria assegurada. A riqueza, então, não me seria pesada. Não representaria mais um legado de moedas, mas um legado de vida, esperança e alegria.

Qual era a expressão do meu rosto enquanto essas ideias tomavam conta do meu espírito, não saberia dizer. Mas percebi que Mr. Rivers colocara uma cadeira atrás de mim e delicadamente tentava me fazer sentar. Também pediu que eu me acalmasse. Desprezei a insinuação de desamparo e perturbação, afastei sua mão e comecei a andar novamente.

- Escreva amanhã para Diana e Mary - eu disse - e digalhes para virem para casa imediatamente. Diana me disse que elas se considerariam ricas se tivessem mil libras. Com cinco mil, vão viver muito melhor.

- Diga-me onde posso pegar um copo-d'água - disse St. John. - Deve realmente fazer um esforço para controlar suas emoções.

- Bobagem! E qual seria o efeito desse legado sobre o senhor? Será que o manteria na Inglaterra e o induziria a casar-se com Miss Oliver e estabelecer-se como um mortal comum?
- Você está divagando: sua cabeça ficou confusa. Fui muito abrupto ao comunicar-lhe as notícias. Excitou-se além das suas forças.
- Mr. Rivers! O senhor me faz perder a paciência. Estou no meu juízo perfeito, é o senhor que não compreende. Ou melhor, finge não compreender.
- Talvez eu possa compreender, se você se explicar um pouco melhor.
- Explicar! O que há para ser explicado? Será que não vê que vinte mil libras, a soma em questão, dividida igualmente entre um sobrinho e três sobrinhas dá cinco mil para cada um? O que lhe peço é que escreva para suas irmãs e lhes conte da fortuna que virá para elas.
- Para você, é o que quer dizer.
- Já firmei meu ponto de vista sobre este caso, e sou incapaz de adotar outro. Não sou uma egoísta brutal, nem cegamente injusta, nem maldosamente ingrata. Além do mais, estou decidida a ter um lar e uma família. Gosto de Moor House

e viverei ali. Gosto de Diana e Mary e vou apegar-me a elas pela vida inteira. Seria agradável e benéfico para mim possuir cinco mil libras. Com vinte mil me sentiria atormentada e oprimida, pois não me pertenceriam por justiça, mas por imposição da lei. Abro mão, então, daquilo que é supérfluo para mim. Não deve haver oposição nem discussão sobre isso. Vamos entrar em acordo e decidir esse ponto de uma vez por todas.

- Está agindo num primeiro impulso. Deve pensar no assunto durante alguns dias, para que sua decisão seja considerada válida.

- Ah! Se está duvidando da minha sinceridade, fico tranquila.

Consegue ver a justiça do caso?

- Eu vejo uma certa justiça, mas isso é contrário ao costume. Além do mais, a fortuna é toda sua por direito. Meu tio a ganhou por seu próprio esforço e estava livre para deixá-la a quem quisesse. Deixou para você. Afinal de contas, a justiça lhe permite recebê-la. Deve considerá-la, em sua consciência, inteiramente sua.

- Para mim - eu disse - é mais uma questão de sentimento do que de consciência. Devo seguir os ditames do meu coração, raramente tive oportunidade de fazê-lo. Mesmo que o senhor discuta, faça objeção e me aborreça por um ano inteiro,

não posso abrir mão do delicioso prazer que antevi: o de pagar em parte uma pesada obrigação e ganhar afetos perenes.

- Pensa assim agora - respondeu St. John - porque ainda não sabe o que é possuir riqueza, ou aproveitá-la. Não tem noção da importância que vinte mil libras lhe darão, do lugar que será capaz de ocupar na sociedade, das perspectivas que se abrirão para você. Você não pode...

- E o senhor? - interrompi. - Pode imaginar, de alguma forma, o desejo que sempre senti pelo amor fraterno, de irmãos? Nunca tive um lar, nunca tive irmãos ou irmãs. Agora quero e pretendo tê-los. O senhor não está relutante em me aceitar e adotar como irmã, está?

- Jane, serei seu irmão, minhas irmãs serão suas irmãs - sem que seja preciso sacrificar o seu legítimo direito.

- Irmão? Sim. A uma distância de mil léguas! Irmãs? Sim. Escravizadas entre estranhos! E eu, rica! Feliz com um ouro que nunca ganhei e que não mereço! E vocês, sem um centavo! Bela igualdade e fraternidade! Estreita união! Afeto íntimo!

- Mas, Jane, seu desejo de ter laços de família e felicidade doméstica pode ser realizado de outra maneira que não seja essa. Você pode se casar.

- Bobagem, de novo! Casar! Não quero me casar e nunca vou me casar!

- Isso é ir longe demais. Essas afirmações perigosas são uma

prova da perturbação em que se encontra.

- Não é ir longe demais. Sei o que sinto, e como tenho aversão à simples ideia do casamento. Ninguém casará comigo por amor, e nunca

aceitarei ser vista apenas como uma transação financeira. Não quero um estranho, um forasteiro insensível, diferente de mim.

Quero pessoas afins, aqueles com quem eu tenha um sentimento de afinidade espiritual. Diga de novo que será meu irmão: fiquei feliz e satisfeita quando disse essas palavras.

Repita, se puder, repita-as sinceramente.

- Acho que posso. Sei que sempre amei minhas próprias irmãs. Sei em que se baseia minha afeição por elas: respeito pelo seu valor e admiração por suas qualidades. Você também tem dignidade e princípios, seus gostos e hábitos são semelhantes aos de Diana e Mary. Sua presença me é sempre agradável, encontro conforto na sua conversa. Sinto que posso, fácil e naturalmente, acolhê-la no meu coração, como minha terceira e mais jovem irmã.

- Obrigada. Isso é suficiente por hoje. Agora é melhor que se vá, pois se ficar provavelmente voltará a me atormentar com algum escrúpulo duvidoso.

- E quanto à escola, Miss Eyre? Creio que agora deverá ser fechada.

- Não. Mantereí meu cargo de professora até que o senhor encontre uma substituta.

Mr. St. John sorriu com aprovação. Apertamo-nos as mãos e ele se foi.

Não preciso narrar em detalhes as lutas que se seguiram.

Consegui, à custa de muita argumentação, que os assuntos relativos à herança fossem dispostos segundo o meu desejo. Minha tarefa foi muito difícil. Mas, como eu estava absolutamente decidida – e meus primos viram, afinal, que minha mente estava realmente fixada no propósito de fazer uma divisão justa da fortuna – acabaram por sentir, nos seus próprios corações, a equidade da intenção. Além disso, devem ter se convencido intimamente que, em meu lugar, teriam feito exatamente a mesma coisa. Consentiram, afinal, que o assunto fosse submetido à arbitragem. Os juízes escolhidos foram Mr. Oliver e um hábil advogado e ambos concordaram com o meu parecer: mantive minha decisão. Os papéis da transferência foram emitidos, e St. John, Mary, Diana e eu fomos legalmente habilitados.

C A P Í T U L O XXXIV

Quando tudo ficou pronto, estávamos quase no Natal. O período das férias se aproximava. Então fechei a escola de Morton, tomando cuidado para que a minha despedida não passasse em branco. A boa fortuna abre tanto as mãos quanto o coração. E distribuir um pouco do muito que recebemos é como criar um respiradouro para a exaltação dos sentimentos. Há muito descobrira, com alegria, que muitas das minhas alunas gostavam de mim, e quando nos despedimos confirmei isso. Elas manifestaram plena e fortemente sua afeição. Foi enorme o meu prazer ao perceber que conquistara, realmente, um lugar nos seus singelos corações. Prometi que, no futuro, não se passaria uma semana sem que eu fosse visitá-las na escola e lhes desse uma hora de aula.

Mr. Rivers surgiu quando – tendo passado em revista as classes, que agora contavam sessenta meninas, perfiladas diante de mim – tranquei a porta e fiquei com a chave na mão, trocando algumas palavras de adeus com uma meia dúzia das minhas melhores alunas: algumas das mais decentes, respeitáveis, modestas e instruídas jovens que podiam ser encontradas nos meios rurais da Inglaterra. E isso é dizer muito, pois os camponeses britânicos são os mais instruídos, bem-educados e respeitados de toda a Europa. Desde aquela época vi muitas “paysannes” e “Bauerinnen”[1], e as melhores entre elas me

pareceram ignorantes, grosseiras e embotadas, comparadas com as minhas alunas de Morton.

- Acha que recebeu sua recompensa por esse período em que se empenhou tanto? - perguntou Mr. Rivers quando elas se foram. - Não lhe dá prazer, a certeza de ter feito alguma coisa realmente boa com o seu tempo e pelo seu próximo?

- Sem dúvida.

- E você trabalhou apenas uns poucos meses! Não crê que seria bem empregada uma vida inteira dedicada à regeneração dos seres humanos?

- Sim - eu disse - mas não poderia continuar assim para sempre. Quero cultivar minhas próprias faculdades, tanto quanto as dos outros. Quero desfrutá-las agora. Não me lembre novamente da escola, nem material nem espiritualmente. Já me afastei e agora quero longas férias.

Ele parecia preocupado. Perguntou:

- O que aconteceu agora? Que súbita ansiedade é essa? O que está pretendendo fazer?

- Manter-me ativa, tanto quanto possa. Mas primeiro quero pedir- lhe que me ceda Hannah e consiga alguma outra pessoa para ajudá-lo.

- Precisa dela?

- Sim, preciso que ela vá comigo para Moor House. Diana e Mary deverão chegar em casa dentro de uma semana, e quero tudo em ordem antes disso.
- Entendo. Achei que iria sair em alguma excursão. É melhor assim: pode levar Hannah consigo.
- Diga-lhe para estar pronta amanhã, então. E aqui está a chave da escola. A do chalé lhe será entregue pela manhã.

Ele pegou-a.

- Desistiu da escola com muita satisfação – ele disse. – Não consigo entender essa sua leveza de espírito, não sei que tipo de ocupação se propõe para substituir essa da qual está desistindo. Que objetivo, que propósito ou ambição tem agora na vida?
- Minha primeira tarefa será limpar (compreende o sentido amplo da expressão?) – limpar Moor House de alto a baixo. A segunda será encerá-la com verniz e cera de abelhas, e provê-la de uma coleção enorme de tecidos e roupas – até que volte a brilhar. A terceira, arrumar todas as cadeiras, mesas, camas e tapetes com precisão matemática. Depois vou quase arruiná-los com despesas de carvão e turfa, mantendo belos fogos acesos em todos os cômodos. E, finalmente, os dois últimos dias antes da chegada das suas irmãs serão dedicados por mim e Hannah a bater ovos, colher amoras, assar guloseimas, fazer bolos de Natal, cortar carne para fazer tortas e outros ritos culinários, cuja descrição não pode dar senão

uma pálida ideia a uma pessoa não iniciada como o senhor. Meu propósito, em suma, é deixar todas as coisas absolutamente prontas para receber Diana e Mary antes da próxima quinta-feira. Meu desejo é oferecer-lhes uma bela recepção de boas vindas.

St. John sorriu levemente: ainda não estava satisfeito.

- Está tudo muito bem, por enquanto - ele disse. - Acho, porém, que quando a primeira onda de animação passar, vai procurar algo um pouco mais elevado que arranjos domésticas e alegrias caseiras.

- São as melhores coisas que existem no mundo! - interrompi.

- Não, Jane, não. Este mundo não é um lugar de gozo, não tente transformá-lo nisso. Nem tampouco de descanso. Não seja preguiçosa.

- Ao contrário. Pretendo me manter ocupada.

- Jane, eu a desculpo no momento. Dou-lhe dois meses para desfrutar da sua nova posição e deliciar-se com o novo e encantador parentesco que descobriu. Mas, depois, espero que comece a olhar para mais longe de Moor House e Morton, da companhia das irmãs e do calmo, egoísta e fútil conforto da riqueza civilizada. Espero que as suas energias voltem a arrebatá-la com a sua força.

Olhei-o, surpresa.

- St. John - disse-lhe - acho que está sendo mau em me dizer isso. Estou disposta a ser feliz como uma rainha e você tenta provocar-me inquietação. Com que propósito?

- Com a intenção de fazê-la aproveitar os talentos que Deus lhe deu, e dos quais Ele um dia lhe pedirá contas. Jane, saiba que vou observá-la de perto, com muita atenção. E tente refrear um pouco esse desmedido entusiasmo com o qual se dedica aos banais prazeres domésticos. Não se apegue tão tenazmente aos laços da carne, guarde sua constância e seu ardor para uma causa mais adequada. Abstenha-se de gastá-lo em coisas fúteis e passageiras. Está me ouvindo, Jane?

- Sim, como se estivesse falando grego! Sinto que tenho bons motivos para ser feliz e hei de ser feliz. Adeus!

Estava feliz em Moor House e trabalhei duro. Hannah também. Ela ficou encantada de ver como eu conseguia manter o bom humor no meio da agitação de uma casa virada de pernas para o ar, e como sabia limpar, tirar o pó, escovar e cozinhar. Realmente, depois de um ou dois dias de confusão, era delicioso ver a ordem voltar aos poucos àquele caos que nós mesmas tínhamos feito. Antes eu passara um dia em S... para comprar alguns móveis novos, tendo obtido *carte blanche* - carta-branca - dos meus primos para efetuar as alterações que quisesse, pois reserváramos uma certa quantia para isso.

Deixei a sala de estar e os quartos quase como eram, pois sabia que Mary e Diana sentiriam mais prazer em ver as antigas mesas, cadeiras e camas do que ver alterações. Ainda assim, foi preciso algumas novidades para dar ao seu retorno o toque de excitação que eu desejava imprimir. Novos tapetes e cortinas, sóbrios e belos, uma coleção de finos ornamentos em porcelana e bronze, cuidadosamente selecionados, novas capas, espelhos e estojos para as penteadeiras, foram suficientes para esse fim. Pareciam novos sem ser ostensivos. Uma sala íntima e um dormitório foram completamente reformados, com móveis de mogno e estofados vermelhos. Coloquei passadeiras nos corredores e tapetes nas escadas. Quando tudo ficou pronto achei que, por dentro, Moor House parecia um verdadeiro modelo de conforto, brilhante e modesto, embora fosse, por fora, naquela estação, um exemplo de invernosa e deserta melancolia.

A esperada quinta-feira finalmente chegou. As moças deviam chegar à noite, e bem antes disso foram acesas as lareiras nos dois andares. A cozinha estava em perfeita ordem. Hannah e eu já estávamos vestidas e tudo o mais estava pronto.

St. John chegou primeiro. Roguei-lhe que se mantivesse longe da casa até que tudo estivesse pronto. De fato, a simples ideia da perturbação, ao mesmo tempo suja e banal, que acontecia entre as suas paredes, foi suficiente para mantê-lo afastado. Encontrou-me na cozinha, observando o progresso dos bolos que assavam para o chá. Aproximou-se do fogão e perguntou-

me “se eu estava satisfeita com o trabalho de casa”. Respondi convidando-o a me acompanhar numa inspeção-geral para ver o resultado do meu trabalho. Com alguma dificuldade, consegui que desse um passeio pela casa. Ele apenas espiava pelas portas que eu abria, e depois de

perambular pelo andar superior e pelo térreo, disse que eu devia ter tido muito trabalho para fazer tantas mudanças em tão pouco tempo. Mas não disse uma só palavra que indicasse satisfação com as melhorias realizadas na casa.

Esse silêncio me desanimou. Pensei que talvez as mudanças tivessem atingido algumas coisas que ele considerasse de valor. Perguntei-lhe se era esse o caso, é claro que num tom de voz um pouco alterado.

“De modo algum. Ao contrário, notara que eu havia respeitado escrupulosamente o arranjo antigo. Achava até que eu dedicara mais tempo a esse assunto do que realmente merecia. Quanto tempo perdera, por exemplo, estudando a disposição desta mesma peça? A propósito, será que eu podia lhe dizer onde estava tal livro?”

Mostrei-lhe o volume na estante. Pegou-o e, retirando-se para o seu costumeiro recesso junto à janela, começou a lê-lo.

Não gostei disso, leitor. St. John era um homem bom, mas comecei a achar que falara a verdade quando se definira como uma criatura dura e fria. As amenidades da vida não tinham

atração para ele, suas alegrias serenas nenhum encanto. Literalmente, vivia apenas de aspirações – que com certeza eram boas e grandiosas – mas jamais se aquietava, nem aprovava a quietude nos que o rodeavam. Enquanto eu olhava para a sua frente eminente, lisa e pálida como um mármore branco, e para os seus belos traços concentrados no estudo, compreendi de uma vez por todas que ele nunca daria um bom marido, que ser sua esposa seria uma provação. Compreendi, por intuição, a natureza do seu amor por Miss Oliver, e concordei que era uma manifestação dos sentidos. Compreendi quanto ele devia se desprezar pela ardente influência que ela exercia sobre ele, como gostaria de reprimir e destruir esse sentimento, e como devia desacreditar que isso conduzisse à felicidade de qualquer um dos dois. Percebi que ele era feito do material com que a natureza forja os seus heróis – cristãos ou pagãos – seus legisladores, estadistas, conquistadores: uma fortaleza inexpugnável para conter seus grandes interesses, mas que, no recesso de um lar, muitas vezes se transforma numa coluna fria, incômoda, melancólica e fora de lugar.

“Essa sala não é o seu ambiente” refleti. “A cordilheira do Himalaia, as savanas da África, até mesmo um pântano infecto na Costa da Guiné combinariam mais com ele. Faz bem de evitar a calma da vida doméstica, pois não é o seu elemento. Aqui as suas faculdades ficam estagnadas, não conseguem se

desenvolver ou se destacar. É nos cenários de conflito e perigo - onde se prova a coragem, se exercita a energia, se sobrecarrega a força - que ele deve atuar e pregar, ser guia e superior. Uma criança feliz teria vantagem sobre ele dentro deste lar. Está certo em escolher a carreira de missionário... Percebo agora.”

- Aí vem elas! Aí vem elas! - gritou Hannah, abrindo a porta do salão.

No mesmo instante o velho Carlo latiu alegre. Corri para fora.

Agora já estava escuro, mas se ouvia o barulho de rodas.

Hannah logo pegou uma lanterna. O veículo parou junto ao portão e o cocheiro abriu a porta: primeiro desceu uma figura bem conhecida, depois a outra. Num minuto estava com o rosto colado aos seus chapéus, primeiro sentindo a suave face de Mary, depois os cachos de Diana. Elas riram e me beijaram, depois abraçaram Hannah. Afagaram Carlo, que estava quase louco de alegria. Perguntaram ansiosamente se todos estavam bem e, recebendo resposta afirmativa, precipitaram-se para a casa.

Estavam cansadas da longa e estafante viagem por Whitcross, e sentiam frio com o ar gelado da noite. Mas seus belos rostos se alegraram à vista do aconchego da lareira. Enquanto o cocheiro e Hannah traziam as bagagens, perguntaram por St. John. Nesse momento ele entrou, vindo da sala. As duas, ao

mesmo tempo, enlaçaram-lhe o pescoço. Ele deu um calmo beijo em cada uma, pronunciou em tom baixo algumas palavras de boas vindas, parou um pouco para ouvi-las e então, dizendo que logo as veria no salão, retirou-se para lá como para um refúgio.

Eu acendera os candeeiros para que levassem aos seus quartos, mas Diana primeiro tinha que dar algumas ordens a respeito da hospedagem do cocheiro. Feito isto, elas me seguiram. Ficaram encantadas com a renovação e a decoração dos quartos: as novas cortinas, os tapetes também novos, os belos vasos de porcelana chinesa. Expressaram sua gratidão generosamente. Tive o prazer de ver que as

mudanças que fizera coincidiam exatamente com os seus desejos e acrescentavam um vívido encanto ao seu alegre retorno ao lar.

Noite encantadora, foi aquela. Minhas primas, cheias de alegria, eram tão eloquentes na narrativa e nos comentários que superavam o silêncio de St. John. Ele estava sinceramente feliz de ver as irmãs, mas não podia simpatizar com aqueles arroubos de entusiasmo e aquelas ondas de alegria. O acontecimento do dia – isto é, o retorno de Diana e Mary – agradou-o. Mas os acompanhamentos do evento, o tumulto alegre, a tagarelice risonha da recepção, irritavam-no. Percebi que ele desejava que a manhã seguinte fosse mais calma. No

auge da alegria daquela noite, mais ou menos uma hora depois do chá, ouviu-se uma batida na porta. Hannah chegou com a informação de que “um pobre rapaz tinha chegado, com aquele tempo horrível, chamando Mr. Rivers para ver a mãe que estava morrendo”.

- E onde ela mora, Hannah?
- Bem acima de Whitcross Brow, a quase sete quilômetros. O caminho todo é só pântano e lodo.
- Diga-lhe que irei.
- Acho melhor não ir, senhor. É a pior estrada que existe para viajar à noite, não existe trilha ao longo de todo o pântano. E a noite está terrível, o vento é o mais cortante que já senti. É melhor mandar dizer que irá lá amanhã de manhã.

Mas ele já estava no corredor, colocando a capa. E sem um protesto, um murmúrio sequer, partiu. Eram nove horas. Não voltou senão à meia-noite. Estava cansado e faminto, mas parecia mais feliz do que quando saíra. Tinha realizado um ato de dever, esforçara-se, sentira sua própria força de dar e negar - e estava em melhores termos consigo mesmo.

Temo que a semana seguinte tenha sido um teste para a sua paciência. Era a semana do Natal. Não nos dedicamos a nenhuma tarefa específica, mas passamos os dias numa espécie de feliz divertimento caseiro. O ar da chareca, a liberdade do lar, a prosperidade, agiam sobre o espírito de Diana e Mary como um elixir de vida: estavam alegres da

manhã ao meio-dia, e do meio-dia à noite. Falavam o tempo inteiro. Sua conversa inteligente, viva, criativa, tinha tanto encanto para mim que eu preferia ouvi-la, ou tomar parte nela, a fazer qualquer outra coisa. St. John não repreendia a nossa vivacidade, mas fugia dela. Raramente estava em casa, pois sua paróquia era grande e a população dispersa, obrigando-o a sair diariamente para visitar os pobres e enfermos em diferentes distritos.

Certo dia, durante o café da manhã, Diana, depois de pensar um pouco, perguntou-lhe “se os seus planos continuavam inalterados”.

- Inalterados e inalteráveis - foi a resposta.

E em seguida informou-nos que a sua partida da Inglaterra fora definitivamente marcada para o começo do ano.

- E Rosamond Oliver? - sugeriu Mary, como se as palavras lhe escapassem dos lábios.

Assim que falou fez um gesto como se quisesse retirar o que disse. St. John estava com um livro nas mãos, pois tinha o indelicado costume de ler às refeições. Fechou o livro e levantou os olhos.

- Rosamond Oliver - disse ele - está para se casar com Mr. Granby, um dos mais eminentes e estimados habitantes de S...,

neto e herdeiro de Sir Frederic Granby. Soube disso ontem, pelo pai dela.

Suas irmãs entreolharam-se, depois olharam para mim. Nós três olhamos para ele. Estava frio como o gelo.

- O casamento deve ter sido decidido às pressas - disse Diana. - Eles não devem se conhecer há muito tempo.

- Há dois meses: conheceram-se em outubro, no baile do condado, em S... Mas quando não há obstáculos ao casamento, como neste caso, e quando a união é recomendável em todos os sentidos, não há necessidade de esperar. Vão se casar logo que a casa que lhes foi dada por Sir Frederic seja redecorada para recebê-los.

Na primeira ocasião em que, depois dessa comunicação, encontrei St. John sozinho, senti-me tentada a perguntar se o evento o deixara triste. Mas ele parecia necessitar tão pouco de simpatia que, longe de me aventurar a oferecer-lhe mais, experimentei certa vergonha com a

lembrança da que já lhe dispensara. Além disso, perdera a prática de conversar com ele. Sua reserva voltara a ser gelada, e minha franqueza congelava-se em contato com ela. St. John não mantivera a promessa de me tratar como tratava suas irmãs. Frequentemente fazia pequenas distinções entre nós, que não estimulavam, absolutamente, o desenvolvimento da cordialidade. Em suma: agora que eu fora reconhecida como

sua parenta e vivíamos sob o mesmo teto, sentia que a distância entre nós era muito maior do que quando ele me conhecia apenas como a professora do vilarejo. Quando me lembro do quanto eu desfrutara da sua confiança, dificilmente compreendia a sua atual frieza.

Sendo assim, não foi pequena a minha surpresa quando ele de repente levantou a cabeça da escrivaninha sobre a qual estava inclinado e disse:

- Viu, Jane? Lutei e venci a batalha.

Espantada com a interpelação, não respondi logo. Depois de hesitar um momento, disse:

- Mas tem certeza que não está na situação daqueles conquistadores cujos triunfos lhes custam caro demais? Essa vitória não o destruirá?

- Creio que não. E se for assim, não significará muita coisa. Nunca devo ser chamado a responder por tal vitória. O conflito foi resolvido. Meu caminho agora é claro, graças a Deus!

E com essas palavras retornou aos seus papéis e ao seu silêncio.

Quando nossa felicidade mútua (isto é, de Diana, de Mary e minha) voltou a repousar em coisas mais calmas, e retomamos nossas atividades costumeiras e nossos estudos regulares, St. John passou a ficar mais em casa. Sentava-se conosco na mesma sala, às vezes durante horas. Enquanto Mary

desenhava, Diana seguia um curso de leitura enciclopédica que (para minha alegria e espanto) havia iniciado, e eu lutava com os estudos de alemão, ele se dedicava a um místico estudo a que havia se proposto: o conhecimento de uma língua oriental, que considerava necessário para levar adiante seus planos.

Assim ocupado, ele parecia bastante quieto e absorto no seu recanto. Mas aqueles seus olhos azuis tinham o hábito de deixar a gramática estrangeira e, vagando pelo ambiente, pousar sobre nós, suas companheiras de estudo, com uma curiosa intensidade. Se descoberto, imediatamente desviava os olhos. Mas, de tempos em tempos, voltava a olhar de modo inquisitivo para a nossa mesa. Tinha curiosidade de saber o que pretendia. Intrigava-me, também, a momentânea satisfação que exibía em ocasiões que me pareciam de pouca importância para ele, a saber, minha visita semanal à escola de Morton. Ficava espantada quando o tempo estava ruim – com neve, chuva ou vento – suas irmãs insistindo para que eu não fosse e ele, invariavelmente, menosprezando a solicitude das duas e me encorajando a cumprir minha tarefa, sem ligar importância às intempéries.

- Jane não é tão fraca quanto vocês pretendem – dizia. – Pode aguentar uma subida de montanha, uma chuvarada ou alguns flocos de neve, como qualquer um de nós. Sua constituição é sadia e elástica, melhor talhada para suportar

as mudanças de temperatura do que muitas pessoas mais robustas.

E quando eu voltava, muitas vezes bem cansada, embora não abatida pela intempérie, não ousava me queixar, pois sabia que iria irritá-lo. Ser forte era algo que o agradava em qualquer ocasião, o contrário era uma contrariedade incomum.

Uma tarde, no entanto, tirei uma folga para ficar em casa, pois estava bastante gripada. Suas irmãs foram a Morton no meu lugar. Sentei-me, lendo Schiller. Ele decifrava seus enigmáticos hieróglifos orientais. Enquanto trocava a tradução por um exercício, aconteceu-me olhar para ele: e encontrei-me sob a influência dos seus atentos olhos azuis. Quanto tempo ele estivera me olhando, não sei dizer. Era um olhar tão aguçado e tão frio que me senti um tanto supersticiosa: como se eu estivesse numa sala com algum ser misterioso.

- Que está fazendo, Jane?
- Estudando alemão.
- Gostaria que desistisse do alemão e aprendesse hindustâni.

- Não está falando sério...
- Falo com toda a seriedade que possuo. E vou dizer-lhe porquê.

Começou a explicar que o hindustâni era a língua que ele estava aprendendo no momento. Que, a medida que avançava, esquecia os princípios, e lhe ajudaria muito ter uma aluna com quem pudesse, sempre e sempre, repassar as lições elementares, e assim fixá-las totalmente na memória. Que hesitara em escolher entre mim e as irmãs por algum tempo, mas decidira por mim, pois viu que, das três, eu era a que me dedicava aos estudos com mais constância. Será que eu lhe faria este favor? Não precisaria fazer o sacrifício por longo tempo, visto que faltavam só três meses para a sua partida.

St. John não era um homem a quem se pudesse recusar algo levemente. Sentia-se que cada impressão causada nele, fosse de dor ou de prazer, gravava-se de modo profundo e permanente. Consentiu. Quando as duas moças voltaram, Diana encontrou a sua aluna transformada em aluna do irmão. Ela riu. E ambas concordaram que St. John jamais as convenceria a dar um passo como aquele. Ele respondeu calmamente:

- Sei disso.

Encontrei nele um mestre muito paciente, muito tolerante, apesar de exigente: esperava muito de mim. Quando correspondi às suas expectativas, ele, do seu jeito, demonstrou amplamente sua satisfação. Aos poucos St. John passou a exercer uma influência sobre mim que me tirou a liberdade de espírito. Seus elogios e atenções eram mais restritivos do que a sua indiferença. Já não podia mais rir ou falar livremente quando ele estava perto, pois um instinto enfadonho e

inoportuno me advertia que ele não apreciava a vivacidade (pelo menos em mim). Sentia-me tão consciente de que ele aceitava apenas as ocupações sérias e os modos graves, que eram frustrados todos os esforços para comportar-me de outro modo em sua presença. Eu parecia estar sob um encantamento paralisante. Quando ele dizia “vá”, eu ia; “venha”, eu vinha; “faça isto”, eu fazia. Mas não gostava daquela servidão: mais de uma vez desejei que ele tivesse continuado a não me dar importância.

Uma noite, na hora de dormir, quando as irmãs e eu o rodeávamos para desejar-lhe boa-noite, ele beijou cada uma delas, como era seu

costume. E, também como de costume, estendeu-me a mão. Diana, que naquele dia estava de excelente humor (ela não era controlada por ele, pois a vontade dela era igualmente forte), exclamou:

- Você costuma dizer, St. John, que Jane é sua terceira irmã, mas não a trata como tal. Devia beijá-la também.

Ela me empurrou para ele. Achei Diana muito provocativa, e fiquei embaraçada e confusa. Enquanto me sentia assim, St. John inclinou a cabeça, baixou a face grega ao nível da minha, fitou-me com seus olhos penetrantes - e beijou-me. Não existem beijos de mármore ou beijos de gelo, senão eu diria que o cumprimento do meu primo sacerdote pertencia a uma

dessas classes. Mas havia beijos de experiência, e o dele era um desses. Depois de beijar-me, olhou meu rosto para ver o resultado. Não fiquei surpresa, e tenho certeza que não corei. Talvez tenha ficado um pouco pálida, pois senti que esse beijo selava a minha prisão. Depois disso não dispensou mais a cerimônia, e a gravidade e quietude com que eu a recebia parecia investi-la de um certo encanto aos olhos dele.

Quando a mim, a cada dia desejava agradá-lo mais. Para fazê-lo, no entanto, sentia que me despojava progressivamente de metade da minha natureza, reprimia parte dos meus talentos, desviava meus gostos da sua tendência original e me forçava a adotar ocupações para as quais não tinha vocação. Ele pretendia elevar-me a uma altura que eu nunca poderia atingir, nem podia alcançar os níveis de aspiração que ele determinara. A tarefa era tão impossível quanto moldar meus traços irregulares pelo seu modelo clássico e perfeito, ou trocar a cor verde dos meus olhos inquietos pelo brilho solene dos seus olhos azuis como o céu.

Não era apenas a sua influência, no entanto, que me mantinha escravizada naquela época. Nos últimos tempos ficava triste com muita facilidade. Havia um demônio corroendo meu coração e sugando toda a minha felicidade: o demônio da incerteza.

Talvez pense, leitor, que no meio dessas mudanças de fortuna e lugar eu tivesse esquecido de Mr. Rochester. Nem por um momento. Sua imagem estava sempre comigo, pois não era

como a névoa que o brilho do sol dispersa, nem a efígie traçada na areia que a ventania apaga. Era um nome gravado em pedra, destinado a durar tanto quanto o mármore em que

estava escrito. O desejo de saber o que acontecera com ele me seguia por toda parte. Quando estava em Morton, toda tarde voltava ao meu chalé pensando nisso. E agora em Moor House, deitava-me toda noite com sua imagem na mente.

No curso da minha correspondência obrigatória com Mr. Briggs, para tratar do testamento, perguntei-lhe se sabia algo do atual paradeiro de Mr. Rochester e do seu estado de saúde. Mas, como St. John predissera, ele não sabia de nada a respeito. Então escrevi para Mrs. Fairfax, suplicando que me desse informações sobre o assunto. Calculara que essa atitude, com certeza, atenderia ao meu propósito, e me sentia confiante de obter uma resposta imediata. Fiquei surpresa quando passou-se uma quinzena sem notícias. Depois de dois meses, após a chegada diária do correio sem carta alguma para mim, fui presa de profunda ansiedade.

Escrevi novamente: talvez a minha primeira carta tivesse se extraviado. Novo esforço, novas esperanças. A esperança brilhou como antes durante algumas semanas, e então, como antes, bateu asas e desapareceu: não recebi nenhuma linha, nenhuma palavra. Quando meio ano se passou em vã

expectativa, minhas esperanças morreram e senti-me realmente triste.

Uma bela primavera brilhava à minha volta: e eu não podia desfrutá-la. O verão se aproximava. Diana tentou me animar: disse que eu parecia doente, e quis acompanhar-me à beira-mar. St. John opôs-se. Declarou que eu não precisava de divertimento, mas de ocupação, e que minha vida atual não tinha objetivos, eu precisava de um. Para suprir essa deficiência, creio eu, prolongou ainda mais as minhas aulas de hindustâni, e tornou-se mais exigente com as tarefas. E eu, como uma tola, nunca pensei em resistir-lhe – não podia resistir a ele.

Certo dia comecei a aula com o espírito mais deprimido que o habitual. A tristeza fora causada por uma aguda decepção. Hannah tinha me dito pela manhã que havia uma carta para mim, e quando descí para pegá-la, quase certa que a minha longa busca por notícias chegara ao fim, encontrei apenas uma nota sem importância de Mr. Briggs a respeito de negócios. A amarga descoberta arrancou-me algumas lágrimas. Agora,

sentada e debruçada sobre os ilegíveis caracteres e os tropos fluorescentes de um escritor hindu, meus olhos se encheram novamente.

St. John chamou-me para a lição de leitura. Mas, quando tentei ler, minha voz falhou e as palavras se perderam em soluços. Ele

e eu éramos as únicas pessoas na sala. Diana tocava piano na sala de estar e Mary cuidava do jardim. Era um belo dia de maio: claro, ensolarado e com uma brisa suave. Meu companheiro não demonstrou surpresa com essa expansão, nem perguntou-me sobre a causa. Disse apenas:

- Vamos esperar alguns minutos, Jane, até que você se recomponha.

Enquanto eu sufocava às pressas esse paroxismo, ele sentou-se calmo e paciente, apoiado na mesa e olhando-me como um médico que assistisse, com os olhos da ciência, a esperada e bem conhecida crise da doença de um paciente. Depois de abafar os soluços, enxugar os olhos e murmurar algo sobre não estar muito bem naquela manhã, retomei a minha tarefa e consegui completá-la. St. John arrumou os nossos livros, trancou sua escrivaninha e disse:

- Agora, Jane, deve caminhar um pouco. Irá comigo.

- Vou chamar Diana e Mary.

- Não. Desejo apenas uma companheira esta manhã: você. Pegue suas coisas, saia pela porta da cozinha e tome o caminho para Marsh Glen. Me juntarei a você num instante.

Eu não conhecia meios-termos. Nunca na minha vida, ao lidar com personalidades positivas e duras, antagônicas à minha, encontrara um meio-termo entre a submissão absoluta e a revolta determinada. Sempre observava a primeira, fielmente, até o momento em que me precipitava na segunda, às vezes

com vulcânica veemência. Mas agora, como nem as circunstâncias justificavam, nem meu estado de espírito se inclinava para a revolta, segui cuidadosamente as ordens de St. John. E dez minutos depois percorria a trilha íngreme ao lado dele.

Sobre as montanhas soprava uma doce brisa vinda do oeste, carregando um suave aroma de mato. O céu era de um azul perfeito. O riacho que descia a ravina, encorpado pelas últimas chuvas, fluía

abundante e cristalino, refletindo o dourado do sol e a safira do firmamento. Enquanto avançávamos e deixávamos a trilha, pisávamos na turfa suave, de fino musgo verde-esmeralda, delicadamente tapetada de pequeninas flores brancas e amarelas como estrelas. As montanhas quase se fechavam sobre nós, pois o vale que subia penetrava no coração da cadeia.

- Vamos descansar aqui - disse St. John.

Havíamos atingido as primeiras pedras de um grupo de rochas que guardavam uma espécie de passagem, além da qual o riacho se precipitava em cachoeira. E onde, um pouco mais além, a montanha espalhava relva e flores, ostentando a mata como vestuário e os penhascos como joias... onde a devastação se tornava selvagem, e o que era leve mudava em grave. Ali se

abrigavam a última esperança de solidão e o último refúgio de silêncio.

Sentei-me. St. John ficou de pé, junto de mim. Olhava para a passagem e para o penhasco. Seu olhar vagou pelo riacho e voltou para se fixar no claro céu que o coloria. Tirou o chapéu, deixando que a brisa revolvesse os seus cabelos e lhe beijasse a fronte. Parecia em comunhão com o gênio da natureza. Com o olhar dizia adeus a alguma coisa.

- E ainda verei tudo isso de novo - ele disse - em sonhos, quando estiver dormindo às margens do Ganges. E verei outra vez, em alguma hora mais remota - quando outra sonolência me invadir nas margens de um rio mais escuro!

Estranhas palavras para professar um estranho amor! Uma austera paixão de patriota pela terra natal! Ele sentou-se. Não falamos durante meia hora, nem ele comigo, nem eu com ele. Depois desse tempo, ele recomeçou:

- Jane, partirei em seis semanas. Já reservei uma cabine num navio mercante que parte para a Índia em 20 de junho.

- Deus o protegerá, pois tomou a si a tarefa de servi-lo - respondi.

- Sim - disse ele - Esta é a minha glória e a minha alegria. Sou o servo de um Mestre infalível. Não partirei guiado pelos homens, sujeitos a

leis falhas e incapazes de controlar meus indefesos irmãos-
vermes. Meu rei, meu legislador, meu comandante é o Todo-
Perfeito. Me parece estranho que todos ao meu redor não
anseiem por alistar-se sob a mesma bandeira e juntar-se à
mesma empresa.

- Nem todos têm os seus poderes, e seria loucura dos
fracos pretenderem marchar junto com os fortes.
 - Não estou falando dos fracos, nem penso neles. Refiro-me
apenas àqueles que são dignos desse trabalho e competentes
para realizá- lo.
 - Esses são poucos, e difíceis de encontrar.
 - É verdade o que diz. Mas quando os encontramos, é justo
exortá-los - apressá-los e conclamá-los para o esforço.
Mostrar-lhes os dons que possuem, e porque os receberam.
Dizer-lhes ao ouvido a mensagem do Senhor. Oferecer-lhes,
diretamente vindo de Deus, um lugar nas fileiras dos Seus
escolhidos.
 - Se estão realmente qualificados para a tarefa, seus
corações não deveriam ser os primeiros a informá-los?
- Senti como se um terrível encantamento estivesse rondando e
pronto a me arrebatá-lo. Tremi, temendo ouvir alguma palavra
fatal que ao mesmo tempo pronunciasse e fixasse o encanto.
- E o que diz o seu coração? - perguntou St. John.

- Meu coração está mudo... meu coração está mudo - respondi, impressionada e trêmula.

- Então eu devo falar por ele - continuou aquela voz profunda e cruel. - Jane, venha comigo para a Índia. Venha como minha companheira e colaboradora.

O vale e o céu avançaram. As montanhas se erguiam! Foi como se eu tivesse recebido um chamado do Céu - como se um mensageiro visionário, como aquele da Macedônia, tivesse anunciado "Vem e ajuda- nos!" Mas eu não era apóstolo... não podia receber o mensageiro... não podia atender ao chamado.

- Oh, St. John! - exclamei. - Tenha um pouco de piedade!

Eu apelava a alguém que, para cumprir o que acreditava ser o seu dever, não conhecia piedade nem remorso. Ele prosseguiu:

- Tanto Deus quanto a natureza a criaram para esposa de um missionário. Recebeu os dons da mente, não do corpo: foi talhada para o trabalho, não para o amor. Pode ser a esposa de um missionário... deve ser. Deve ser minha esposa: eu lhe peço... Não para o meu prazer, mas para o serviço do meu Soberano.

- Não sou a pessoa certa para isso: não tenho vocação - disse.

St. John previra que eu faria essas primeiras objeções, pois não ficou irritado. Na verdade, quando ele se recostou na rocha

atrás de si, cruzou os braços no peito e ficou sério, vi que estava preparado para uma longa e irritante oposição e se armara de um estoque de paciência para perseguir o seu objetivo até o fim... desde que, é claro, esse fim fosse o que ele desejava.

- Jane, a humildade é o fundamento das virtudes cristãs - disse. - Tem razão quando diz que não está preparada para a tarefa. E quem está preparado para ela? E quem, tendo sido chamado, acreditou-se merecedor de tal apelo? Eu, por exemplo, não sou mais que pó e cinzas. Como São Paulo, percebi que sou o maior dos pecadores, mas não permito que a consciência da minha própria vileza me intimide. Conheço meu Líder, que é tão bom quanto poderoso. E se ele escolheu um fraco instrumento para realizar uma grande tarefa, foi porque, nos infinitos recursos da Sua providência, suprirá com o fim o inadequado do meio. Pense como eu, Jane... Confie como eu. É a Rocha das Eras que lhe ofereço como apoio: não duvide que ela sustentará o peso da sua fraqueza humana.

- Não conheço a vida de um missionário: nunca estudei os trabalhos missionários.

- Nesse assunto, humilde como sou, poderia dar-lhe a ajuda necessária. Posso prepará-la para sua tarefa. Sentar-me sempre ao seu lado e ajudá-la a todo o momento. Faria isso no início. E logo (pois conheço a sua capacidade) estará tão forte e apta como eu, sem necessitar mais da minha ajuda.

- E as minhas forças? Onde estão elas para tal empreendimento? Não as sinto. Nada fala ou vibra dentro de mim enquanto o escuto. Não vejo nenhum clarão de luz, nenhuma vida palpitando, nenhuma voz me aconselhando ou encorajando... Ah! Quem dera eu pudesse fazê-lo ver como a minha alma parece um calabouço escuro neste momento, com um medo aterrorizante preso lá dentro. O medo de ser persuadida a empreender algo que não posso realizar!

- Tenho uma resposta para você... Ouça. Eu a venho observando desde que nos conhecemos: durante dez meses tomei-a como objeto de estudo. Nesse período submeti-a a várias provas: e o que concluí? Na escola do vilarejo vi que podia desempenhar bem, pontualmente, corretamente, um trabalho incompatível com os seus hábitos e inclinações. Vi que podia realizá-lo com capacidade e tato, e manter o controle. Na calma que demonstrou ao saber que de repente estava rica, vi uma mente livre do vício de Dimas: o dinheiro não tem influência sobre ela. Na resoluta prontidão com que dividiu sua riqueza em quatro partes, mantendo apenas uma para si e abrindo mão das outras três em nome de uma abstrata justiça, reconheci uma alma revelada na chama e na emoção do sacrifício. Na delicadeza com que, a meu pedido, desistiu de um estudo que a interessava para adotar outro que interessava a mim, na incansável assiduidade com que tem se dedicado a ele, na perseverante energia e no caráter imutável com que

enfrentou suas dificuldades, vi o conjunto de qualidades que buscava. Jane, você é dócil, diligente, desinteressada, fiel, constante e corajosa. É muito gentil e heroica: pare de se enganar. Posso confiar em você, incondicionalmente. Como encarregada de escolas indianas, como assessora entre as mulheres indianas, sua ajuda seria inestimável para mim.

A mortalha de ferro fechou-se sobre mim. A persuasão avançava a passos lentos, mas seguros. De olhos fechados como estava, as últimas palavras dele conseguiram fazer com que o caminho, até aqui obstruído, se tornasse relativamente livre. Meu trabalho, que parecera tão vago, tão desesperadamente difuso, condensou-se enquanto ele falava e tomou uma forma definida sob suas mãos. Ele esperava uma resposta. Pedi um quarto de hora para pensar, antes de me aventurar a responder.

- De bom grado - respondeu.

Levantando-se, andou um pouco pela passagem, sentou-se numa pequena elevação e ficou imóvel.

“Posso fazer o que ele me pede: sou forçada a reconhecer” pensei “isto é, se a vida me permitir. Mas sinto que a minha existência não duraria muito tempo sob o sol da Índia. E depois? Ele não se preocupa com isso. Quando chegasse a minha hora de morrer, me entregaria, com toda serenidade e santidade, ao Deus que me concedeu a vida. O caso é muito

simples. Deixando a Inglaterra, deixaria uma terra amada, mas estéril. Mr. Rochester não está aqui, e se estiver, o que isso poderia um dia significar para mim? Devo aprender a viver sem ele, agora. Nada é tão absurdo e tão frágil quanto viver, dia após dia, esperando alguma mudança impossível de circunstâncias, que viesse a nos unir novamente. É claro que (como disse St. John) preciso procurar outro interesse para substituir o que perdi. E a ocupação que ele me oferece não é, realmente, a mais gloriosa que um homem pode adotar ou que Deus lhe pode designar? Não é, pelos seus nobres cuidados e pelos sublimes resultados, a que mais se presta a preencher o vazio deixado por afetos mortos e esperanças destruídas? Creio que devo dizer “sim”... e mesmo assim hesito. Ai de mim! Se juntar-me a St. John, abandonarei metade de mim mesma. Se for para a Índia, caminho para uma morte prematura. E como preencherrei o intervalo entre a partida da Inglaterra para a Índia, e da Índia para o túmulo? Ah! Sei muito bem! Isso também eu vejo com muita clareza. Esgotando os meus nervos e músculos, na tentativa de satisfazer St. John... Deverei satisfazê-lo – correspondendo ao máximo às suas expectativas. Se eu for com ele... se fizer o sacrifício que ele me pede... vou fazê-lo inteiramente. Lançarei tudo ao altar – coração, entranhas, a vítima inteira. Ele nunca me amará, mas me aprovará. Vou mostrar-lhe energias como ele jamais viu, recursos de que nunca suspeitou. Sim, posso trabalhar tão duro quanto ele, e com menos rancor”.

“É possível, pois, consentir no que me pede, exceto por uma coisa... uma coisa terrível. Ele me pede para ser sua esposa – e não me oferece um coração de esposo mais do que essa pedra enorme e bruta, em cuja direção corre o riacho. Aprecia-me como um soldado aprecia uma boa arma, e isso é tudo. Se não me casasse com ele, isso não me incomodaria. Mas será que posso permitir que ele conclua os seus cálculos, leve adiante

friamente os seus planos, até a cerimônia de casamento? Devo receber dele a aliança de compromisso, suportar os votos de amor (que tenho certeza ele observará escrupulosamente) e saber que seu espírito não está ali? Poderei tolerar a consciência de que cada gesto de ternura que fizer será uma concessão aos seus princípios? Não. Tal martírio seria uma monstruosidade. Nunca farei isso. Como sua irmã, posso acompanhá-lo. Como esposa, não. E vou dizer-lhe isso.”

Olhei para a pequena colina. Ele continuava ali, imóvel como uma coluna tombada. Voltou o rosto, os olhos brilhando, penetrantes e agudos. Levantou-se e veio para junto de mim.

– Estou disposta a ir para a Índia, se for como uma pessoa livre.

– Sua resposta exige um comentário – ele disse. – Não entendi

bem.

- Até aqui você foi meu irmão adotivo... e eu, sua irmã adotiva.

Vamos continuar assim: é melhor que não nos casemos.

Ele sacudiu a cabeça.

- Fraternidade adotiva não dá certo nesse caso. Se você fosse minha irmã verdadeira, seria diferente: eu a levaria, sem procurar esposa. Mas, como as coisas são, ou consagramos nossa união pelo casamento ou não será possível. Há obstáculos práticos que não permitem qualquer outro plano. Você não vê, Jane. Pense um pouco, seu bom senso lhe servirá de guia.

Considerarei o assunto. Ainda assim o meu bom senso, grande como era, mostrou-me apenas o fato de que nós não nos amávamos como marido e mulher. E disso concluí que não devíamos nos casar. Falei, então:

- St. John, eu o vejo apenas como irmão... Você me vê como irmã.

Vamos continuar assim.

- Não podemos... não podemos - ele respondeu, com determinação firme e enérgica. - Assim não é possível. Você disse que iria comigo para a Índia, lembre-se que disse isso.

- Condicionalmente.

- Bem... Vamos ao ponto principal. Você não se opõe a deixar a Inglaterra junto comigo, nem cooperar nos meus trabalhos futuros. Você já pôs mãos à obra, e é forte demais para desistir. Tem apenas um objetivo em mente: fazer o seu trabalho da melhor maneira possível. Simplifique seus complicados interesses, sentimentos, pensamentos, desejos e objetivos. Reúna tudo isso num único propósito: cumprir de fato, com vontade, a missão que lhe deu o grande Mestre. Para fazer isso precisa de um companheiro: não um irmão, pois o laço é fraco, mas um marido. Eu também não desejo uma irmã, pois um dia pode ser arrebatada de mim. Preciso de uma esposa. A única companheira que posso guiar durante a vida e reter, de forma absoluta, até a morte.

Tremi enquanto ele falava. Sentia sua influência no mais profundo do meu ser. Senti-a nos meus membros.

- Procure outra que não seja eu, St. John. Alguém que seja adequada a você.

- Alguém adequada ao meu propósito, é o que quer dizer... Adequada à minha vocação. Digo-lhe de novo que não se trata de um insignificante desejo pessoal. Não é o homem, com seus desejos egoístas, que eu quero casar: mas o missionário.

- Darei ao missionário as minhas energias - é tudo que ele precisa - mas não me entregarei a ele. Seria como misturar a casca do fruto com a polpa. A casca não tem serventia: vou guardá-la para mim.

- Você não pode... não deve. Acha que Deus ficaria satisfeito com a metade de uma oferenda? Aceitaria um sacrifício mutilado? É a causa de Deus que defendo. Alisto-a sob o Seu estandarte. Não posso aceitar, em nome de Deus, uma lealdade pela metade. Ela deve ser completa.

- Oh! Darei meu coração para Deus! - eu disse. - Você não o quer.

Não vou jurar, leitor, que não houvesse algo de sarcasmo reprimido, tanto no tom com que eu disse essas palavras, quanto no sentimento que as ditou. Até agora eu temera silenciosamente St. John, porque não o compreendia. Ele me mantivera no medo, porque havia me mantido na dúvida. Até ali eu não conseguira discernir o quanto dele era santo e o quanto era mortal. Nessa conversa, no entanto, muitas coisas se

revelaram. A análise da sua natureza se processava ante meus olhos. Vi as suas fraquezas. Compreendi-as. Entendi perfeitamente, ali sentada num banco de grama, com esse belo homem junto de mim, que estava diante de alguém tão falível quanto eu. Caíra o véu da sua dureza e do seu despotismo. Vendo essas qualidades, vi também suas imperfeições, e tomei coragem. Estava diante de um igual - alguém com quem poderia argumentar... Alguém a quem, se estivesse certa, eu poderia resistir.

Ele ficara em silêncio depois de ouvir as minhas palavras. Arrisquei um olhar para o seu rosto. Seus olhos, fixos em mim, expressavam ao mesmo tempo uma surpresa severa e uma interrogação aguda. Pareciam dizer: “Ela está sendo sarcástica, e comigo. O que isso significa?”

- Não podemos esquecer que esse é um assunto muito sério - disse ele, depois de algum tempo - no qual não podemos pensar nem falar de modo leviano sem cometer um pecado. Acredito que fala sério, Jane, quando diz que entregaria seu coração a Deus. É tudo que desejo. Uma vez afastado do homem o seu coração, e entregue ao Criador, o avanço do reino de Deus na terra será o seu maior deleite e o seu maior empenho. Estará pronta para realizar qualquer coisa que leve a esse objetivo. Verá que impulso extraordinário poderão tomar os seus esforços e os meus, se nos unirmos física e mentalmente pelo casamento: a única união que dá um caráter de conformidade permanente aos destinos e desígnios dos seres humanos. E aceite contrair essa união de uma vez, superando caprichos de menor importância, todas as dificuldades triviais e delicadezas de sentimento - todo escrúpulo sobre o tipo, grau, força ou ternura da mera inclinação pessoal.

- Acha, mesmo? - eu disse, brevemente.

Olhei para os seus traços, belos em sua harmonia, mas estranhamente temíveis na sua severidade. Para sua fronte autoritária, mas não aberta. Para os seus olhos, brilhantes e

profundos e inquisidores, mas nunca ternos. Para sua figura alta e imponente. E me imaginei como sua esposa... Oh! Isso nunca! Como sua ajudante, sua discípula, tudo estaria bem. Nessa condição, poderia cruzar oceanos com ele; trabalhar sob o sol do Oriente e os desertos asiáticos; admirar e imitar sua coragem, devoção

e vigor; acomodar-me mansamente sob a sua direção; sorrir confiante à sua ambição inextirpável; separar o cristão do homem, estimando profundamente o primeiro e perdoando de bom grado o outro. Ligada a ele apenas nessa condição, muitas vezes sofreria, sem dúvida. Meu corpo estaria sob um estranho domínio, mas meu coração e minha mente seriam livres. Eu ainda teria o meu mundo indestrutível para onde me voltar, meus pensamentos livres para me amparar nas horas de solidão. Haveria recantos na minha mente que seriam só meus, aos quais ele nunca teria acesso, e ali cresceriam sentimentos, frescos e abrigados, que a austeridade dele jamais poderia destruir, nem sua marcha de soldado pisotear. Mas como sua esposa... sempre ao seu lado, sempre contida, sempre reprimida, forçada a manter sob estrito controle a chama própria da minha natureza, obrigá-la a queimar por dentro sem nunca emitir uma queixa, mesmo que a chama aprisionada consumisse minhas entranhas... Isso seria inaceitável.

- St. John! – exclamei, depois de chegar a este ponto tão avançado das minhas cogitações.
- E então? – ele respondeu, friamente.
- Repito que concordo livremente em acompanhá-lo como companheira missionária, mas não como sua esposa. Não posso desposá-lo e me tornar parte de você.
- Mas você deve tornar-se parte de mim – ele respondeu, com firmeza – do contrário todo o negócio será inválido. Como eu, um homem que ainda não completou trinta anos, poderia levar comigo para a Índia uma menina de dezenove, a menos que fosse minha esposa? Como poderemos estar sempre juntos – às vezes sozinhos, às vezes entre tribos selvagens – sem ser casados?
- Conseguiremos isso muito bem – eu disse, breve. – Nessas circunstâncias é como se eu fosse sua irmã de verdade, ou um homem e um clérigo como você.
- Todos sabem que não é minha irmã, não posso apresentá-la como tal. Tentar fazer algo assim seria lançar suspeitas injuriosas sobre nós. E quanto ao resto, embora tenha um cérebro ativo como o de um homem, tem um coração de mulher, e isso não daria certo.
- Daria, sim – afirmei, com certo desdém – daria muito certo. Tenho um coração de mulher, mas não no que se refere a

você. Para você tenho apenas a constância de uma companheira, a franqueza de um camarada de armas, fidelidade e fraternidade, se desejar. E o respeito e a submissão de uma discípula neste sacerdócio: nada mais. Não tema.

- É o que desejo - ele disse, falando consigo mesmo - é justo o que desejo. Mas há obstáculos no caminho, e devem ser vencidos... Jane, não se arrependerá de se casar comigo. Fique certa disso: devemos nos casar. Eu repito: não há outro jeito. E, sem dúvida, depois do casamento virá amor suficiente para torná-lo aceitável, mesmo aos seus olhos.

- Eu desprezo a sua ideia de amor - disse, sem poder me conter. Levantei-me e fiquei diante dele, apoiando as costas na rocha.

- Desprezo o sentimento falso que me oferece. E desprezo você também, St. John, por oferecê-lo.

Ele me olhou fixamente, comprimindo os lábios bem desenhados. Se estava irado ou surpreso, não era possível dizer: tinha total domínio das suas emoções.

- Jamais poderia imaginar ouvir tal coisa de você - ele disse. - Acho que não fiz nem disse nada que mereça desprezo. Fiquei comovida com seu tom gentil, e me senti intimidada com sua expressão calma e altiva.

- Desculpe-me as palavras, St. John, mas é por sua própria culpa que fui levada a falar de modo tão descuidado. Você

introduziu um assunto sobre o qual discordamos... um assunto que nunca deveríamos discutir. O próprio conceito de amor é um pomo de discórdia ente nós. Se a realidade se impusesse, o que faríamos? Como nos sentiríamos? Querido primo, abandone de uma vez esse seu projeto de casamento... Esqueça-o.

- Não - ele disse. - É um projeto longamente acalentado, e o único que pode garantir a grandeza dos meus propósitos. Mas não vou mais insistir com você no momento. Amanhã partirei para Cambridge: tenho muitos amigos ali a quem gostaria de dizer adeus. Ficarei fora quinze dias. Aproveite esse tempo para pensar na minha proposta, e não se esqueça de que, se rejeitá-la, não estará negando a mim, mas a Deus.

Através de mim, Ele lhe oferece uma nobre carreira, na qual só poderá entrar se tornar-se minha esposa. Recuse o casamento e se confinará a um caminho de egoísmo e a uma obscuridade estéril pelo resto da vida. Trema, pois neste caso será contada entre aqueles que renegaram a fé - e que são piores dos que os infiéis!

E ele terminou. Dando-me as costas, mais uma vez “olhou para o rio e depois para as colinas”.

Agora, porém, seus sentimentos estavam todos enclausurados no coração: eu não merecia mais ouvi-los. Enquanto caminhava para casa ao lado dele, li no seu silêncio de aço tudo o que

pensava a meu respeito: o desapontamento de uma natureza austera e despótica, que encontrara resistência onde esperava submissão; a desaprovação de um juízo frio e inflexível, que descobrira no outro sentimentos e pontos de vista com os quais não podia simpatizar. Em suma: como homem desejava coagir-me à obediência. Era apenas como um cristão sincero que ele suportou tão pacientemente a minha perversão, e me permitiu tão longo espaço para reflexão e arrependimento.

Naquela noite, após beijar as irmãs, achou mais apropriado nem sequer apertar-me a mão, e deixou a sala em silêncio. E eu – que o estimava sinceramente, embora não o amasse – fiquei ferida com essa omissão deliberada. Tão ferida que meus olhos se encheram de lágrimas.

- Vejo que você e St. John andaram discutindo durante o passeio no campo, Jane – disse Diana. – Mas vá procurá-lo. Ele agora está se demorando no corredor, esperando por você – e vai fazer as pazes.

Não sentia muito orgulho numa circunstância como aquela: sempre preferi ser feliz do que manter o amor-próprio. Corri atrás dele. St. John estava parado ao pé da escada.

- Boa-noite, St. John – disse.
- Boa-noite, Jane – ele respondeu, calmamente.
- Vamos apertar as mãos... – acrescentei.

Com que frieza e rapidez tocou os meus dedos! Estava profundamente desgostoso com o que acontecera naquele dia. Nem a cordialidade nem as lágrimas seriam capazes de comovê-lo. Não aceitaria

nenhuma alegre reconciliação... nem concederia um sorriso terno ou uma palavra generosa. Mas o cristão dentro dele ainda era paciente e calmo. E quando lhe perguntei se me perdoava, disse que não era seu hábito alimentar rancores, que não tinha nada a perdoar, pois não estava ofendido.

E com essa resposta, deixou-me. Eu preferia que ele tivesse me batido.

[1] “Paysannes”, em francês no original e “Bauerinnen”, em alemão no original, significando “camponesas”.

CAPÍTULO XXXV

Ele não partiu para Cambridge no dia seguinte, como dissera. Adiou a partida por uma semana inteira, e nesse período me fez sentir que duro castigo um homem bom, porém severo, consciencioso, mas implacável, podia infligir a quem o ofendesse. Sem um ato de hostilidade aberta, sem uma palavra de censura, ele conseguiu imprimir em mim, progressivamente, a convicção de que estava excluída do pátio da sua generosidade.

Não que St. John abrigasse em si algum espírito pouco cristão de vingança, não que fosse capaz de tocar em um fio de cabelo meu, mesmo que tivesse poder para isso. Tanto por natureza quanto por princípio, era superior ao prazer da vingança. Ele me perdoara por ter dito que desprezava a ele e ao seu amor, mas não esquecera as palavras. E nunca as esqueceria, enquanto nós dois vivêssemos. Via nos seus olhos, quando se dirigia a mim, que essas palavras estavam sempre escritas no ar, entre nós dois. Toda vez que eu falava, a minha voz as levava ao seu ouvido. E o seu eco se introduzia em qualquer resposta que ele me desse.

Não se abstinera de conversar comigo: até mesmo me chamava toda manhã, como de hábito, para juntar-me a ele na sua escrivaninha. Acredito que o homem corrompido dentro dele sentisse prazer – não partilhado pelo puro cristão – em

mostrar com que habilidade podia, enquanto agia e falava como sempre, retirar de cada gesto e de cada frase o espírito de interesse e aprovação que antigamente agregava um certo encanto austero à sua linguagem e às suas maneiras. Para mim, na verdade, ele não era mais de carne, mas de mármore. Seus olhos eram duas gemas frias, brilhantes, azuis. E a língua um instrumento de fala - nada mais.

Tudo isso era uma tortura para mim - uma lenta e refinada tortura. Gerava um fogo brando de indignação e uma triste inquietação, que me perturbavam e esmagavam totalmente. Tinha a sensação de que, se

eu fosse sua esposa, esse homem bom, puro como o profundo recesso de uma fonte, seria capaz de matar-me, sem derramar uma gota sequer do meu sangue, e sem manchar a sua cristalina consciência com a menor mácula de culpa. Sentia isso especialmente quando fazia alguma tentativa de acalmá-lo. Não havia misericórdia nele para juntar-se à minha. Ele não sentia dor com o nosso afastamento, nem prazer na reconciliação. E apesar de, mais de uma vez, as minhas lágrimas terem molhado a página do livro sobre o qual nos debruçávamos, seu coração não sentia mais emoção do que sentiria se fosse feito de pedra ou de metal. Com suas irmãs, enquanto isso, era mais bondoso do que o normal. Como se temesse que sua simples frieza não fosse suficiente para convencer-me do quanto eu estava banida e proscrita, St.

John acrescentava-lhe a força do contraste. Estou certa que ele não fazia isso por maldade, mas por uma questão de princípios.

Na noite que antecedeu a sua partida, como o visse caminhando no jardim à hora do crepúsculo, e lembrando-me, ao olhá-lo, que este homem – afastado de mim como estava agora – um dia salvara a minha vida, e que éramos parentes próximos, fui levada a fazer uma última tentativa de recobrar sua amizade. Saí e me aproximei dele, enquanto ele se debruçava no portão. Fui direto no assunto.

- St. John, estou triste porque você ainda está zangado comigo.

Vamos ser amigos.

- Creio que somos amigos – foi a sua resposta.

Continuou olhando a lua que surgia, como fazia quando eu me aproximara.

- Não, St. John. Não somos mais amigos como antes, você sabe disso.

- Não somos? É um engano. De minha parte não lhe desejo o mal, e sim todo o bem.

- Acredito em você, St. John, pois sei que é incapaz de desejar o mal a alguém. Mas, como sou sua parenta próxima,

gostaria de um pouco mais de afeição do que aquela espécie de filantropia social que você concede aos estranhos.

- Naturalmente - ele disse. - Seu desejo é razoável, e estou longe de vê-la como uma estranha.

Estas palavras, ditas num tom frio e tranquilo, foram mortificantes e embaraçosas. Se eu fosse dar ouvidos à raiva ou ao orgulho, o teria deixado imediatamente. Mas alguma coisa trabalhava dentro de mim, e era mais forte do que esses sentimentos. Tinha profunda admiração pelo talento e os princípios do meu primo. Sua amizade me era valiosa: perdê-la seria uma severa provação. Não desistiria de reconquistá-la com tanta facilidade.

- Devemos, então, nos separar deste modo, St. John? E quando for para a Índia, vai deixar-me assim, sem uma palavra mais bondosa do que estas?

Ele desistiu de olhar a lua e virou o rosto direto para mim.

- Deixá-la quando eu for para a Índia, Jane? Que significa isso?

Não vai para a Índia comigo?

- Você disse que eu não poderia ir, a menos que me casasse com

você.

- E não vai se casar? Então mantém sua decisão?

Leitor, será que conhece, como eu, o quanto de terror e gelo as

peessoas insensíveis colocam nas suas perguntas? Sabe o quanto de avalanche existe na sua cólera? Ou quanto o seu desprazer se assemelha ao gelo congelado sobre o mar, quando se estilhaça?

- Não, St. John. Não me casarei com você. Mantenho a minha

decisão. desabar.

A avalanche tremeu e avançou um pouco, mas não chegou a

- Uma vez mais: porque recusa? - perguntou ele.
- Antigamente - eu respondi - porque você não me amava.

Agora, acrescento, porque você quase me odeia. Se me casasse com você, você me mataria. Já está me matando agora.

Os seus lábios e as faces tornaram-se brancos... lívidos.

- Poderia matá-la? Estou matando você? Suas palavras são das que não se deve usar: violentas, pouco femininas e inverídicas. Traem um estado de mente infeliz e merecem severa reprovação. São imperdoáveis, mas é dever do homem perdoar seu semelhante, até mesmo setenta vezes sete.

Agora eu completara a tarefa. Enquanto desejava ansiosamente apagar da mente dele os traços da minha antiga ofensa, acabara por gravar naquela superfície rígida outra ofensa mais dura e grave.

- Então agora me odeia de verdade - eu disse. - É inútil tentar uma reconciliação. Vejo que fiz de você um inimigo eterno.

Essas palavras infligiram-lhe nova ofensa, e pior, porque se aproximavam da verdade. Os lábios trêmulos se torceram num espasmo. Eu conhecia a ira de aço que havia despertado. Meu coração se apertou.

- Você distorce totalmente as minhas palavras, St. John - disse, tomando-lhe a mão. - Não tenho nenhuma intenção de causar-lhe dor ou tristeza - não tenho, realmente.

Ele sorriu com mais amargura, e mais bruscamente ainda retirou a mão da minha.

- E agora você retira a sua promessa. Não irá comigo para a Índia, definitivamente, eu creio... - ele disse, após uma pausa considerável.

- Sim, irei. Como sua assistente - respondi.

Seguiu-se um longo silêncio. Que luta se travava no seu íntimo naquele momento, entre a Natureza e a Graça, não sei dizer: apenas clarões singulares cintilavam nos seus olhos e estranhas sombras passavam pelo seu rosto. Por fim, falou:

- Já lhe demonstrei antes o absurdo que é uma mulher solteira da sua idade se propor a acompanhar ao exterior um homem solteiro da minha idade. Demonstrei-o em termos tais que pensei ter evitado que você voltasse a se referir a esse plano. Lamento que tenha feito isso... pelo seu bem.

Interrompi-o. Uma reprovação tão concreta deu-me coragem, afinal.

- Use o bom senso, St. John. Você se aproxima da estupidez. Finge estar chocado com o que lhe disse. Mas não está chocado de verdade: com sua superioridade de mente, não pode ser tão tolo ou tão arrogante para não entender o que eu disse. Repito: serei uma colaboradora, mas não sua esposa.

De novo ele se tornou lívido. Mas, como antes, controlou-se perfeitamente. Respondeu com calma, mas de forma veemente:

- Uma colaboradora que não seja minha esposa, nunca me serviria. Parece-me, então, que não irá comigo. Mas se a sua oferta é sincera, quando estiver na cidade conversarei com um missionário casado, cuja esposa precisa de uma auxiliar. Sua própria fortuna a tornará independente da ajuda da Igreja. E assim também será poupada da desonra de quebrar sua promessa, desertando das hostes a que se juntou.

Até aqui eu não tinha, como o leitor sabe, feito nenhuma promessa formal nem me comprometido com nada. Toda essa linguagem era dura e despótica demais para a ocasião.

Respondi:

- Não há desonra alguma neste caso, nem quebra de promessa, nem deserção. Não tenho a menor obrigação de ir para a Índia, especialmente com estranhos. Com você eu me aventuraria a ir, porque admiro e confio em você e, como sua irmã, o estimo. Mas estou convencida de que, não importa quando ou com quem eu vá, não viveria muito tempo naquele clima.

- Então, teme por si - ele disse, curvando os lábios.

- Temo. Deus não me deu a vida para jogá-la fora. E fazer o que você deseja, começo a acreditar, seria o equivalente a cometer suicídio. Além disso, antes que eu resolva deixar

definitivamente a Inglaterra, tenho que ter certeza do que será melhor: ficar aqui ou partir.

- O que quer dizer?
- Seria inútil tentar explicar. Mas há um assunto sobre o qual eu sinto uma dolorosa dúvida, há muito tempo. E não irei a lugar algum até que essa dúvida seja esclarecida.
- Eu sei para onde seu coração se volta, e por que pulsa. O interesse que alimenta é ilícito e contrário aos sacramentos. Já deveria

estar esmagado há muito tempo. E agora deveria corar por tê-lo mencionado. Está pensando em Mr. Rochester, não é?

Era verdade. O meu silêncio o confessou.

- Está indo procurar Mr. Rochester?
- Tenho que saber o que foi feito dele.
- Então - ele disse - só me resta lembrar de você nas minhas preces, e pedir a Deus, com todo o fervor, que você não se torne uma renegada. Pensei que tivesse reconhecido em você uma eleita. Mas Deus não vê como o homem: seja feita a Sua vontade...

Ele abriu o portão, passou e saiu a vagar pelo vale. Logo sumiu de

vista.

Quando voltei para a sala de estar, encontrei Diana na janela, parecendo muito pensativa. Diana era bem mais alta do que eu. Colocou sua mão no meu ombro e, inclinando-se, examinou meu rosto.

- Jane - disse - você anda sempre pálida e agitada ultimamente. Tenho certeza que existe alguma coisa que a perturba. Diga-me qual é o assunto que incomoda você e St. John. Há meia hora que estou observando vocês dois pela janela. Perdoe-me por agir como uma espiã, mas faz tempo que ando fantasiando nem sei o quê. St. John é uma criatura estranha...

Fez uma pausa. Como eu não falasse, ela continuou:

- Este meu irmão acalenta alguns projetos peculiares a seu respeito, tenho certeza. Ele há muito tempo a distingue com uma atenção e um interesse que não demonstra por ninguém... mas com que propósito? Gostaria que ele a amasse... Ele a ama, Jane?

Coloquei sua mão fria na minha testa.

- Não, Diana... Nem um pouquinho.

- Então por que ele a segue com os olhos, por que busca sempre ficar sozinho com você e a mantém o tempo todo ao lado dele? Mary e eu achamos que ele deseja se casar com você.

- Ele quer... Pediu-me para ser sua esposa.

Diana bateu palmas.

- Isso é exatamente o que desejamos e esperamos! E você vai casar-se com ele, não vai, Jane? E ele vai ficar na Inglaterra!

- Bem longe disso, Diana. A única razão por que ele me pediu em casamento é para ter uma companheira-ajudante no seu trabalho na Índia.

- O quê? Ele pretende levá-la para a Índia?

- Sim.

- Isso é loucura! – ela exclamou – Você não viveria três meses lá, estou certa. Não deve ir, nunca. Você não concordou, não é, Jane?

- Eu me recusei a casar com ele...

- E o desagradou, por certo... – ela sugeriu.

- Profundamente. Temo que ele nunca me perdoe. Ainda assim me ofereci a acompanhá-lo como irmã.

- Seria rematada loucura fazer isso, Jane. Pense na tarefa que empreenderia, de uma fadiga incessante, onde a fadiga mata até os mais fortes. E você é fraca. St. John, você o conhece, iria exigir de você o impossível. Não lhe daria permissão para descansar nas horas de calor. E, infelizmente, já

notei que você se esforça para realizar tudo o que ele pede. Estou espantada que tenha tido coragem de recusar-lhe a mão. Não o ama, então, Jane?

- Não como marido.

- Mas ele é bem bonito...

- E, como vê, eu sou bem comum, Diana... Nós não combinaríamos.

- Comum? Você? De modo algum. É bonita demais e boa demais para ser queimada viva em Calcutá.

E de novo suplicou que eu desistisse de qualquer ideia de partir com o irmão.

- E vou desistir, de fato - eu disse - pois agora há pouco, quando repeti a oferta de servi-lo como colaboradora, ele se mostrou chocado com minha falta de decoro. Pareceu pensar que eu cometi uma impropriedade

propondo-me a acompanhá-lo sem ser casada. Como se eu, desde o início, não quisesse encontrar nele apenas um irmão, e não o visse sempre desse modo.

- O que a faz dizer que ele não a ama, Jane?

- Você devia ouvi-lo falar desse assunto, Diana! Ele repete, sempre e sempre, que não é por ele que deseja se casar, mas pela sua missão. Disse que fui feita para o trabalho, não para o

amor. E é verdade, sem dúvida. Mas, na minha opinião, se não fui feita para o amor, também não fui feita para o casamento. Não seria estranho, Die, comprometer-se por toda a vida com um homem que só a visse como uma ferramenta útil?

- Seria insuportável... antinatural... Fora de propósito!
- Além disso – continuei – embora eu agora só lhe dedique uma afeição de irmã, se fosse forçada a ser sua esposa imagino que poderia acabar nutrindo por ele um tipo de amor inevitável, estranho e torturante, pois ele possui tantas qualidades... Muitas vezes existe uma certa grandeza heroica no seu olhar, nas suas maneiras, na sua conversação. E, nesse caso, meu destino seria indizivelmente desgraçado. Ele não gostaria que eu o amasse, e se por acaso lhe demonstrasse esse sentimento, me faria ver que isso é uma coisa supérflua, indesejada por ele e imprópria da minha pessoa. Sei que o faria.
- Ainda assim, St. John é um homem bom – disse Diana.
- Ele é um homem bom e é um grande homem. Mas esquece, cruelmente, os sentimentos e desejos das pessoas humildes, ao perseguir seus grandiosos objetivos. É melhor, portanto, que as pessoas insignificantes fiquem fora do seu caminho, senão St. John as atropelará na sua marcha. Aí vem ele! Vou deixá-la, Diana.

Subi depressa as escadas, ao vê-lo entrar no jardim.

Mas fui forçada a encontrá-lo novamente na ceia. Durante a refeição St. John parecia tão composto como sempre. Pensei que evitaria falar comigo, pois tinha certeza que desistira dos seus planos de casamento. O que aconteceu em seguida mostrou que eu estava errada em ambas as coisas. Dirigiu-se a mim exatamente no seu modo habitual, ou como nos últimos tempos se tornara o seu modo habitual: com escrupulosa

polidez. Não havia dúvida que invocara a ajuda do Espírito Santo para dominar a raiva que eu lhe provocara, e agora acreditava que havia me perdoado uma vez mais.

Para a leitura e as orações da noite, escolheu o vigésimo primeiro capítulo da Revelação. Era sempre agradável ouvir as palavras da Bíblia fluírem dos seus lábios. Nunca sua bela voz parecera tão doce e grave, nunca os seus modos pareceram tão impressionantes na sua nobre simplicidade, como quando recitou os oráculos de Deus. Nessa noite, sua voz adquiriu um tom mais solene, seus gestos uma maneira mais emocionante, enquanto se sentava no meio do seu círculo familiar. A lua de maio brilhava através da janela sem cortinas, tornando quase desnecessária a luz do candeeiro sobre a mesa. St. John, inclinado sobre a antiga e volumosa Bíblia, descreveu a visão do novo céu e da nova terra, contando como Deus viria para residir entre os homens, enxugando-lhes as lágrimas, e prometendo-lhes que não haveria mais mortes, tristezas, pranto ou dor, porque as coisas do passado haviam terminado.

As palavras seguintes me emocionaram estranhamente, enquanto ele as recitava. Senti, pela leve e imperceptível alteração no seu tom de voz que, ao dizê-las, voltara os olhos para mim.

- Aquele que vencer herdará todas as coisas; e eu serei seu Deus, e ele será meu filho. Mas (e aqui ele leu devagar e distintamente), quanto aos medrosos e aos incrédulos, terão sua recompensa no lago que arde em fogo e enxofre, que é a segunda morte.

Dali para a frente eu soube qual o destino que St. John temia para mim.

Um triunfo calmo e controlado, mesclado com uma seriedade melancólica, marcou a sua enunciação dos últimos versos gloriosos do mesmo capítulo. St. John acreditava que seu nome já estava escrito no livro da vida do Cordeiro, e sentia júbilo antes da hora em que seria admitido na cidade para a qual os reis da terra trazem sua glória e suas honras, que não tem necessidade de sol nem de lua para brilhar, pois a glória de Deus a ilumina, e o Cordeiro é a própria luz.

Na oração que se seguiu ao capítulo, reuniu todas as suas energias e despertou todo o seu austero zelo. Estava profundamente sério, lutando

junto de Deus e disposto a conquistar. Suplicou forças para os fracos de coração, direção para os andarilhos, um retorno, mesmo na undécima hora, para aqueles a quem as tentações do mundo e da carne desviaram do caminho correto. Pediu, insistiu, clamou pela bênção da salvação de uma alma. A sinceridade é sempre profundamente solene: ao ouvir o orador, primeiro fiquei admirada; depois, enquanto a prece continuava e se elevava, fiquei comovida; e afinal, fiquei intimidada. St. John sentia tão sinceramente a grandeza e a bondade dos seus propósitos, que os que o ouvissem pedir por eles não podiam deixar de sentir-se assim também.

Terminada a prece, nos despedimos dele, que devia partir bem cedo na manhã seguinte. Diana e Mary beijaram-no e saíram da sala - atendendo, eu creio, a um sinal dele. Estendi-lhe a mão e lhe desejei uma boa viagem.

- Obrigado, Jane. Como disse, devo voltar de Cambridge dentro de quinze dias. Fica, pois, esse espaço de tempo para sua reflexão. Se eu desse ouvidos ao orgulho humano, não mais lhe pediria que se casasse comigo. Mas ouço apenas o meu dever, e mantenho firmemente à vista meu primeiro objetivo - fazer tudo pela glória de Deus. Meu Mestre sofreu longamente: assim também eu sofrerei. Não posso abandoná-la à perdição, como um vaso da ira[1]. Arrependa-se, decida enquanto é tempo. Lembre-se que devemos trabalhar enquanto ainda é dia, cientes de que “virá a noite em que nenhum homem poderá trabalhar”. Lembre-se do destino de Dives[2], que teve todas as

coisas boas em vida. Deus lhe deu forças para escolher a melhor parte, que não lhe será arrebatada!

Enquanto pronunciava as últimas palavras, ele pousara a mão na minha cabeça. Falara grave e docemente. Na verdade, não tinha o olhar de um amante contemplando a amada, mas de um pastor chamando a ovelha desgarrada. Ou melhor, de um anjo da guarda protegendo a alma pela qual fosse responsável. Todos os homens de talento, sejam ou não dotados de sentimento, sejam eles fanáticos, aspirantes ou déspotas – desde que sejam sinceros – têm seus momentos sublimes, quando dominam e comandam. Senti veneração por St. John – veneração tão forte que seu ímpeto me impeliu de uma vez para o ponto que eu evitara longamente. Fiquei tentada a deixar de resistir-lhe, a precipitar-me na torrente da sua vontade e ser engolfada pela sua existência, com o sacrifício da minha própria.

Estava quase tão duramente coagida por ele agora, como antes – em circunstâncias diferentes – já estivera por outro. Nas duas vezes fui uma tola. Ceder no caso antigo teria sido um erro de princípio; ceder agora seria um erro de julgamento. Assim penso neste momento, quando olho para essa crise através da calma passagem do tempo. No entanto, não tinha consciência da loucura naquele instante.

Fiquei imóvel sob o toque do meu sacerdote. Esqueci minhas recusas, superei os meus medos, suspendi minhas lutas. O Impossível, isto é, meu casamento com St. John, transformava-se subitamente no Possível. Tudo estava mudando, em repentina reviravolta. A Religião chamava, os Anjos acenavam, Deus ordenava – e a vida se desdobrava como uma espiral. Os portões da morte se abriram, mostrando a eternidade além deles: era como se tudo aqui devesse ser sacrificado em um segundo, para obter a segurança e as bênçãos que lá estavam. A penumbra da sala encheu-se de visões.

- Pode decidir agora? – perguntou o missionário.

Fez a pergunta num tom gentil, e atraiu-me para si com a mesma gentileza. Ah! Aquela gentileza! Como era muito mais forte do que a própria força! Eu podia resistir à ira de St. John, mas dobrei-me como um junco ante a sua bondade. Sabia o tempo todo, porém, que se cedesse agora algum dia viria a me arrepender. Sua natureza não mudara com uma hora de preces solenes: apenas se elevara.

- Poderia decidir se tivesse certeza – respondi. – Se estivesse convencida que é a vontade de Deus que eu me case com você, aceitaria me casar aqui e agora... Seja o que Deus quiser!

- Minhas preces foram ouvidas! – exclamou St. John.

Pressionou com mais firmeza a mão sobre a minha cabeça, como se eu lhe pertencesse. Passou os braços pelos meus

ombros quase como se me amasse (digo quase, pois sei a diferença, já sentira o que significa ser amada; mas agora, como ele, pusera o amor de lado e pensava apenas no dever). Lutei contra a minha visão turva, diante da qual ainda passavam nuvens. Desejava intensamente, sinceramente, fervorosamente fazer o que era certo, e apenas isso. “Mostrame o caminho!” supliquei aos céus.

Sentia-me inquieta, mais do que jamais estivera. E se o que aconteceu depois foi o efeito dessa excitação do espírito, cabe ao leitor julgar.

A casa estava imersa em silêncio, pois creio que todos, exceto eu e St. John, já se haviam recolhido. A luz do único candeeiro se extinguia, e o luar invadia o aposento. Meu coração batia alto e forte, ouvia a sua pulsação. De repente estacou, sentindo algo inexplicável que o eletrizou, e essa sensação percorreu-me todo o corpo. O que senti não era como um choque elétrico, mas era igualmente agudo, estranho e excitante. Agia sobre os meus nervos como se eles antes estivessem entorpecidos, e agora fossem convocados e forçados a acordar. Meus sentidos se aguçaram: os olhos e ouvidos esperavam, enquanto os músculos do meu corpo todo tremiam.

- Ouviu alguma coisa? Está vendo algo? - perguntou St. John. Não vira nada, mas ouvira uma voz gritar, em algum lugar, “Jane!

Jane! Jane!”), apenas isso.

- Oh, Deus! O que será? – exclamei.

Devia ter dito “Onde estará?”, pois não parecia vir da sala – nem da casa – nem do jardim. Não vinha do ar nem da terra, nem de sob a terra, nem do alto. Eu a ouvira... onde ou de onde vinha, é impossível saber! Era a voz de um ser humano, uma voz bem conhecida, amada, sempre lembrada... a voz de Edward Fairfax Rochester. Falava num tom sofrido e infeliz, de modo selvagem, assustador, urgente.

- Estou indo! – gritei – Espere por mim! Oh, sim! Eu irei!

Voei para a porta e olhei o corredor: escuro. Corri para o jardim:

vazio.

- Onde está você? – exclamei.

As montanhas em torno de Marsh Glen me responderam,

debilmente: “onde está você?” O vento sussurrava nos abetos. À volta só havia a solidão da charneca e o silêncio da meia-noite.

- Ah, superstição! - comentei, enquanto aquele espectro negro se ergueu das árvores negras junto ao portão. - Isso não é tua mistificação,

nem tua magia: é trabalho da natureza. Ela se ergueu e fez, não um milagre, mas o melhor que podia fazer.

Libertei-me de St. John, que me seguira e tentava segurar-me. Era a minha vez de assumir o comando. As minhas energias estavam ativas e fortes. Pedi-lhe que se abstivesse de fazer perguntas ou comentários. Pedi também que me deixasse: eu queria e devia ficar só. Ele obedeceu prontamente. Onde existe energia bastante para comandar, nunca falta obediência. Subi para o meu quarto e me tranquei. Fiquei de joelhos e rezei, ao meu modo. Um modo diferente daquele de St. John, mas eficiente na sua maneira antiquada. Senti que chegara bem próxima de um Espírito Poderoso, e minha alma agradecida se prostrou aos Seus pés. Acabei de dar as graças... Tomei minha decisão e deitei-me - sem medo, esclarecida, ansiosa pelo raiar do dia.

[1] “...os vasos da ira, preparados para a perdição...”. Expressão da Bíblia, em Romanos 9:22-23.

[2] Nome do homem rico na parábola do rico e de Lázaro,
conforme o Evangelho de Lucas 16:19-31

C A P Í T U L O XXXIV

O dia surgiu. Levantei-me ao amanhecer. Durante uma ou duas horas, ocupei-me em arrumar minhas coisas nas gavetas e no armário do quarto, de modo a deixá-las em ordem durante a minha breve ausência. Enquanto fazia isso ouvi St. John deixar o quarto. Parou junto à minha porta. Temi que batesse... mas não, apenas passou um bilhete por baixo da porta. Peguei-o. Continha estas palavras:

“Deixou-me subitamente na noite passada. Se esperasse um pouco mais, podia ter alcançado a cruz de Cristo e a coroa dos anjos. Espero sua decisão definitiva quando retornar, daqui a quinze dias. Nesse período, esteja alerta e reze, para não cair em tentação. Sei que o seu espírito é dócil, mas vejo que a carne é fraca. Rezarei por você a todo instante.

Seu, St. John”

“Meu espírito” respondi mentalmente, “é dócil para fazer o que é certo. E a minha carne, creio, é forte o bastante para cumprir a vontade do Céu, quando esta vontade se manifesta claramente. De qualquer forma, deve ser forte o bastante para procurar, indagar, buscar uma saída nesta nuvem de dúvidas e achar, por fim, o céu claro da certeza.”

Era o dia primeiro de junho, mas mesmo assim a manhã estava nublada e fria. A chuva batia sem parar na minha janela. Ouvi a porta da frente abrir-se e St. John sair. Olhando pela vidraça, vi-o atravessar o jardim. Tomou o caminho da charneca coberta de névoa, na direção em Whitcross, onde devia pegar a diligência.

“Em poucas horas, primo, eu também seguirei o mesmo caminho” pensei. “Também tomarei um coche em Whitcross. Também tenho algo que ver e por que perguntar aqui na Inglaterra, antes de partir para sempre.”

Faltavam ainda duas horas para o café da manhã. Passei esse tempo caminhando calmamente pelo quarto, e pensando na visita que dera aos meus planos a sua atual direção. Recordei a estranha sensação que experimentara, em toda a sua indizível estranheza. Recordei da voz que ouvira e novamente me perguntei de onde viera; e de novo perguntei em vão. Ela parecia estar dentro de mim, não no mundo exterior. Será que era apenas uma impressão nervosa? Uma ilusão? Não podia conceber nem acreditar nisso: parecia-se mais com uma inspiração. O fantástico choque espiritual viera como o terremoto que abalou os alicerces da prisão de Paulo e Sila: abriu as portas da cela da minha alma e soltou suas amarras... Acordou-a de seu sono, de onde ela se libertou trêmula, expectante, perplexa. Então vibrou nos meus ouvidos atônitos aquele grito, três vezes, e no meu coração alvoroçado e no

meu espírito. Nenhum deles tremeu ou se abalou, mas exultaram como se fossem alegres pelo sucesso do esforço que tiveram o privilégio de realizar, independente do meu corpo abatido.

“Não falta muito” pensei, ao terminar minhas meditações “para que eu saiba alguma coisa daquele cuja voz pareceu me chamar na noite passada. As cartas se provaram inúteis... é melhor fazer uma investigação pessoal.”

Durante o café da manhã anunciei a Diana e Mary que iria viajar, e estaria ausente, pelo menos, por quatro dias.

- Vai sozinha, Jane? – perguntaram.
- Sim. Vou saber notícias, ou mesmo ver, um amigo de quem tenho andado afastada há algum tempo.

Elas poderiam ter dito – como tenho certeza que pensaram – que me julgavam desprovida de amigos, exceto eles. Porque, de fato, eu dissera isso muitas vezes. Mas, com sua delicadeza natural, abstiveram-se de comentários. Diana apenas perguntou-me se eu tinha certeza que estava bem o suficiente para viajar, pois parecia muito pálida. Respondi que nada me afligia, exceto a ansiedade de espírito, que esperava aliviar em breve.

Foi fácil organizar os arranjos restantes, pois não havia dúvidas a me perturbar – nem suspeitas. Expliquei-lhes que não poderia ser explícita no momento a respeito dos meus planos, e elas aceitaram o meu silêncio

com bondade e sabedoria, concedendo-me o direito de agir livremente. O mesmo direito que, em circunstâncias semelhantes, eu lhes teria concedido.

Deixei Moor House às três horas da tarde, e pouco depois das quatro estava de pé junto ao pilar com as placas em Whitcross, esperando a chegada do coche que me levaria para a distante Thornfield. Em meio ao silêncio daquelas estradas solitárias e das montanhas desertas, ouvi a sua aproximação a uma grande distância. Era o mesmo veículo do qual, um ano atrás, eu descera neste mesmo local, numa noite de verão... tão desolada, tão sem esperança, tão sem rumo! Ele parou quando acenei. Entrei – desta vez não estava obrigada a gastar toda a minha fortuna para pagar a viagem. De novo a caminho de Thornfield, senti-me como um pombo-correio voltando para o pombal.

Foi uma viagem de trinta e seis horas. Deixei Whitcross numa terça-feira à tarde, e somente na quinta-feira, pela manhã, o coche parou para dar água aos cavalos numa estalagem na beira da estrada, situada em meio a um cenário de verde arvoredo, vastos campos e pequenas colinas de pastagem (que cenário suave e verdejante, comparado à severa charneca do centro-norte, onde se situava Morton!) – que surgiram aos meus olhos como os traços de um rosto familiar. Sim, eu conhecia este cenário: estava certa de que me encontrava perto do meu destino.

- A que distância daqui fica Thornfield Hall? – perguntei ao cavalariaço.

- Apenas três quilômetros, senhora, cruzando o campo. “Minha viagem terminou” pensei comigo.

Desci do coche, entreguei meu baú aos cuidados do cavalariaço para retirá-lo depois, paguei a tarifa, gratifiquei o cocheiro, e fui andando. O sol brilhante iluminava o letreiro da estalagem, e li em letras douradas: “Brasão de Rochester”. Meu coração deu um pulo: já me encontrava nas terras dos Rochester. Mas de novo se abateu: um pensamento me ocorrera.

“Teu patrão em pessoa pode estar do outro lado do Canal da Mancha, por tudo o que sabes. E se por acaso estiver em Thornfield Hall, para onde estás correndo, quem além dele estará lá? A esposa louca. Não

tens nada a tratar com ele. Não ousa falar-lhe nem procurar sua companhia. Perdeste o teu emprego. É melhor que não prossigas” insistia o conselheiro. “Pede informações ao pessoal da estalagem: podem dizer-te tudo que queres saber. Podem resolver de uma vez as tuas dúvidas. Vai até aquele homem e pergunta-lhe se Mr. Rochester está em casa.”

A sugestão parecia razoável, ainda assim não conseguia me obrigar a executá-la. Temia uma resposta que me atirasse ao desespero. Prolongar a dúvida era prolongar a esperança. Ainda podia ver a casa sob a luz das estrelas. Ali estavam,

diante de mim, os mesmos campos que atravessara naquela manhã em que fugira de Thornfield, desesperada, cega, surda, tomada por uma fúria de vingança que me impelia e me torturava. Antes de resolver que curso seguir já me achava no meio deles. Como caminhei rápido! Às vezes corria! Como olhava para a frente, tentando logo ver aqueles bosques tão familiares! Com que emoção saudei as árvores que conhecia, e a vista familiar das campinas e das colinas entre elas!

Por fim, avistei os bosques e o escuro viveiro das gralhas. Um grasnido alto quebrou o silêncio da manhã. Apressei-me, inspirada por um estranho deleite. Cruzei outro campo, percorri uma alameda, e lá estavam os muros do jardim e as dependências de trás da casa. A casa em si ainda estava escondida pelo viveiro de gralhas. “Minha primeira visão dela deve ser a fachada” resolvi “onde as ameias surgem nobres, e de onde posso avistar a janela de Mr. Rochester. Talvez ele esteja ali, costuma se levantar cedo. Talvez esteja agora caminhando no pomar, ou na calçada em frente. Se ao menos pudesse vê-lo... por um momento que fosse! E nesse caso, seria louca o suficiente para precipitar-me ao seu encontro? Não sei dizer. Não tenho certeza. E se fosse, que aconteceria? Que Deus o abençoe! Que aconteceria? Quem seria ferido se eu sentisse uma vez mais a vida que o seu olhar me trazia? E delirei: quem sabe se naquele momento ele não estava assistindo ao nascer do sol sobre os Pireneus, ou sobre os calmos mares do sul?”

Caminhei ao longo do muro baixo do pomar e virei uma esquina: havia ali, entre dois pilares de pedra coroados por esferas, um portão que dava para o prado. De trás de um desses pilares poderia espiar calmamente ao redor, e ver toda a fachada da casa. Avancei a cabeça com cuidado, para

verificar se alguma das janelas dos dormitórios já estava aberta. Daquele posto abrigado podia controlar tudo: as ameias, as janelas, a fachada inteira.

As gralhas que voavam acima de mim talvez estivessem me observando, enquanto eu me dirigia a esse abrigo. Imagino o que pensaram. Devem ter achado que eu fui muito cuidadosa e tímida a princípio, e que logo me tornei ousada e impulsiva. Uma espiadela... e então um longo olhar. E depois um salto para fora do meu nicho, uma investida pelo prado, uma parada repentina em frente à grande mansão, e um olhar longo e esgazeado sobre ela. As gralhas devem ter pensado “Porque afetou tanta desconfiança no início?” “E que estúpida imprudência é essa agora?”

Dou-lhe um exemplo, leitor.

Um amante encontra sua amada adormecida num banco de relva. Deseja ver sua bela face sem que ela acorde. Caminha suavemente sobre a grama, cuidando para não fazer ruído. Ele para, imaginando que ela se mexeu. Afasta-se, pois não deseja ser visto por nada no mundo. Tudo está imóvel. Ele avança

outra vez e inclina-se sobre ela. Um véu transparente cobre-lhe as feições. Ele levanta-o, inclina-se mais – seus olhos antecipando a visão de uma beleza palpitante, viçosa e adorável, em perfeito repouso. Como é ansioso o seu primeiro olhar! E como ele estremece! Como toma nos braços, subitamente e com veemência, aquele corpo em que momentos antes não ousava tocar um dedo! Como grita o seu nome, deixa tombar o fardo e olha desvairado! Ele se descontrola, grita e a olha apavorado porque não teme mais acordá-la com nenhum som que saia dos seus lábios, com nenhum movimento que possa fazer. Pensando que seu amor dormia suavemente... encontrou-a morta!

Também eu olhei com temerosa alegria para uma imponente mansão... e vi uma ruína enegrecida.

Na verdade, não havia necessidade de me esconder atrás do pilar de um portão! Nem espiar as vidraças dos quartos, temendo que houvesse alguém atrás delas! Nem ouvir se havia portas se abrindo... ou imaginar passos na calçada, ou sobre o cascalho! A alameda, os terrenos, todos estavam desgastados e desertos; o portal vazio. A fachada – como eu vira

uma vez em sonho – não era mais que uma parede, muito alta e muito frágil, perfurada por janelas sem vidros. Não havia teto, nem ameias, nem chaminés... Tudo fora destruído.

E reinava sobre tudo isso um silêncio de morte. Uma solidude deprimente e selvagem. Não era de admirar que as cartas endereçadas às pessoas que aqui viviam ficassem sem resposta. Era como despachar cartas para um jazigo na nave de uma igreja. O terrível negrume das pedras dizia qual o destino que derrubara a casa... o incêndio. Mas como queimara? Qual era a história daquele desastre? Qual fora a perda, além da alvenaria, do mármore e dos trabalhos em madeira? Teriam se perdido vidas, além da propriedade? E se assim fosse, as vidas de quem? Terrível questão: e ali não havia ninguém para responder. Não havia sequer uma pista, por muda que fosse.

Andando pelo interior devastado e ao longo das paredes enegrecidas, vi que a calamidade não era recente. As neves de inverno haviam entrado pelas arcadas vazias, a chuva de inverno penetrara nos peitoris das janelas. Em meio às pilhas molhadas de entulho a primavera fizera brotar alguma vegetação: grama e ervas daninhas cresciam aqui e ali, entre as pedras e as pilastras tombadas. E, enquanto isso, onde estaria o infeliz dono desta ruína? Em que terra? Sob os auspícios de quem? Meus olhos se dirigiram involuntariamente para a torre cinza da igrejinha perto dos portões. Perguntei-me: “Será que está agora com Damer de Rochester, dividindo o mármore da sua estreita morada?”

Devia haver alguma resposta para estas questões. Só podia encontrá-la na estalagem e, sem demora, voltei para lá. O

próprio estalajadeiro trouxe meu café da manhã na sala de estar. Pedi-lhe que fechasse a porta e se sentasse, pois tinha algumas perguntas a fazer-lhe. Mal sabia como começar, tamanho o medo que tinha das suas respostas. Ainda assim, o espetáculo de desolação que eu acabara de ver me preparara, de alguma forma, para uma história infeliz. O estalajadeiro era um homem de meia-idade, de aspecto respeitável.

- O senhor conhece Thornfield Hall, naturalmente... -
consegui afinal perguntar.

- Sim, madame. Já vivi lá.

- É mesmo?

E pensei: “Não na minha época. Não o conheço.”

- Eu era o mordomo do falecido Mr. Rochester - ele acrescentou.

O falecido! Senti como se tivesse recebido, com toda violência, o golpe que tentava evitar.

- O falecido! - murmurei. - Ele morreu?

- Não me refiro ao atual cavalheiro, mas ao pai de Mr. Edward - explicou.

Respirei novamente. Meu sangue voltou a fluir. Essas palavras me asseguraram plenamente que Mr. Edward... o meu Mr. Rochester (que Deus o abençoasse, onde quer que estivesse!),

pelo menos estava vivo. Era, em suma, o “atual cavalheiro”. Benditas palavras! Senti que podia ouvir tudo o que estava por vir – não importa quais fossem as revelações – com relativa tranquilidade. Visto que ele não estava no túmulo, podia suportar saber que ele estava até nas Antípodas.

- E Mr. Rochester está vivendo agora em Thornfield Hall? – perguntei.

Sabia, é claro, qual seria a resposta, mas desejava evitar uma pergunta direta.

- Não, madame. Oh, não! Ninguém mais vive lá. Acho que a senhora não é da região, ou teria ouvido sobre o que aconteceu lá no último outono. Thornfield Hall é agora uma ruína, incendiou-se, logo após a colheita. Uma calamidade terrível! Uma quantidade enorme de coisas valiosas destruídas, mal se salvou alguns móveis. O fogo começou no meio da noite, e antes que o socorro chegasse de Millcote o prédio todo já estava em chamas. Foi um espetáculo terrível: eu mesmo fui testemunha dele.

- No meio da noite! – murmurei.

Sim, essa era a hora da fatalidade em Thornfield Hall.

- Descobriu-se a origem do incêndio? – perguntei.

- Há suposições, madame, há suposições... Na verdade, devia dizer que o caso já está fora de dúvida. Talvez a senhora

não saiba – ele continuou, puxando um pouco mais a cadeira para perto da mesa e falando em voz baixa – que havia uma dama... uma... louca... vivendo na casa?

- Ouvi alguma coisa a respeito.

- Ela era mantida em estrito confinamento, madame. Por muitos anos as pessoas nem tinham certeza da sua existência. Ninguém nunca a viu, só sabiam através de rumores que havia tal pessoa na casa. Quem ou o quê ela era, é difícil conjecturar. Diziam que Mr. Rochester a trouxera do exterior, outros acreditavam que ela havia sido sua amante. Mas algo muito esquisito aconteceu um ano atrás... Algo muito esquisito.

Temia agora ouvir minha própria história. Esforcei-me por trazê-lo de volta ao ponto principal.

- E essa dama?

- Essa dama, madame – respondeu – acabou se descobrindo que era a esposa de Mr. Rochester! A verdade foi descoberta do modo mais estranho. Havia uma moça na casa, uma governanta, por quem Mr. Rochester se...

- Mas e o fogo? – sugeri.

- Vou chegar lá, madame... por quem Mr. Rochester se apaixonou. Os criados dizem que nunca viram alguém tão apaixonado quanto ele: estava sempre junto dela. Costumavam observá-lo... os criados fazem isso, a senhora sabe... e ele gostava muito dela, embora ninguém mais, além dele, a

considerasse muito bonita. Era uma coisinha miúda, dizem, quase uma criança. Eu mesmo nunca a vi. Mas Leah, a arrumadeira, me falou da moça. Leah gostava bastante dela. Mr. Rochester estava perto dos quarenta anos e essa governanta nem tinha vinte. E a senhora sabe, quando homens da idade dele se apaixonam por meninas, agem como se estivessem enfeitiçados. Bem, ele decidiu casar-se com ela.

- O senhor pode me contar essa parte da história uma outra hora - eu disse - no momento tenho uma razão especial para ouvir tudo sobre o incêndio. Houve suspeitas de que essa lunática, Mrs. Rochester, tivesse alguma participação nisso?

- Acertou em cheio, madame, é praticamente certo que foi ela, e ninguém mais, que ateou fogo. Ela tinha uma pessoa que tomava conta dela, Mrs. Poole. Era uma mulher muito competente na sua função, e de confiança, exceto por um erro... um erro comum entre muitas das amas e damas de companhia: mantinha uma garrafa de gim com ela, e tomava um gole aqui e ali. É desculpável, pois levava uma vida muito dura, mas mesmo assim era perigoso. Pois quando Mrs. Poole dormia profundamente depois de tomar uns goles, a louca, que era esperta como uma bruxa, tomou as chaves do seu bolso, deixou o quarto e saiu vagando pela casa, fazendo qualquer loucura que lhe viesse à cabeça. Dizem que uma vez ela já quase havia queimado o marido na própria cama, mas não sei nada sobre isso. Naquela noite, no entanto, ela primeiro ateou

fogo nas cortinas do quarto ao lado do seu. Depois desceu para o piso inferior e dirigiu-se ao quarto que havia sido da governanta (como se soubesse de tudo e tivesse ódio dela), e ateou fogo à cama. Mas não havia ninguém dormindo ali, por sorte. A governanta havia fugido dois meses antes. Mr. Rochester procurou-a por toda parte, como se ela fosse a coisa mais preciosa que ele tivesse no mundo. Mas nunca soube nada dela. Tornou-se cruel, muito cruel, por causa desse desapontamento. Ele nunca foi um homem feroz, mas depois de perdê-la tornou-se perigoso. Decidiu ficar sozinho, e mandou a encarregada da casa, Mrs. Fairfax, para junto de parentes, muito longe daqui. Mas fez isso de maneira muito correto: estabeleceu uma pensão vitalícia para ela. E Mrs. Fairfax merecia, era uma mulher muito boa. Miss Adele, uma protegida dele, foi colocada na escola. Desligou-se de todas as amizades que tinha na alta sociedade e trancou-se na casa, como um ermitão.

- Então ele não deixou a Inglaterra?
- Deixar a Inglaterra? Bom Deus, não! Ele não cruzava a soleira da porta, exceto à noite quando – tal qual um fantasma – caminhava pelos jardins e pelo pomar, como se tivesse perdido a razão... E, na minha opinião, perdeu mesmo. Nunca se viu, madame, um cavalheiro tão animado, destemido e inteligente como ele, antes que essa mirrada governanta se atravessasse em seu caminho. Não era um homem dado à bebida, ao jogo, ou às corridas, como muitos por aí. Também

não era lá muito bonito, mas tinha muita coragem e determinação, como poucos têm.

Conheço-o desde menino, veja bem, e da minha parte, muitas vezes desejei que essa Miss Eyre tivesse se afogado no mar antes de vir para Thornfield Hall.

- Então Mr. Rochester estava em casa quando houve o incêndio?

- Sim, estava. E enquanto tudo estava queimando, ele subiu ao sótão, tirou os criados da cama e ele mesmo os ajudou a descer. Depois voltou para tirar a esposa louca do quarto. Gritaram-lhe que ela estava no telhado, entre as ameias, esticando os braços e gritando. Dava para ouvi-la a um quilômetro de distância. Eu também a ouvi e a vi com meus próprios olhos. Era uma mulher robusta, com longos cabelos negros, que se agitavam por entre as chamas. Eu vi, e muitas outras pessoas também viram, quando Mr. Rochester subiu até o telhado, e ouvimos quando chamou “Bertha!” Vimos quando se aproximou dela. Então, madame, ela gritou e deu um salto, e no minuto seguinte estava esmagada no chão.

- Morta?

- Morta! Tão morta quanto as pedras onde se espalharam o seu sangue e os seus miolos.

- Santo Deus!

- Pode dizer isso, madame, pois foi terrível! Ele estremeceu.
 - E depois? - insisti.
 - Bem, madame. Depois a casa queimou até os alicerces. Só ficaram de pé algumas partes das paredes.
 - E houve mais alguma morte?
 - Não... mas talvez fosse melhor se houvesse.
 - O que quer dizer?
 - Pobre Mr. Edward! - ele exclamou. - Nunca imaginei ver uma coisa dessas! Alguns dizem que foi um castigo justo, porque ele manteve seu primeiro casamento em segredo e tentou se casar com outra, enquanto a esposa ainda vivia. Mas eu, da minha parte, tenho pena dele.
 - Disse que ele está vivo? - exclamei.
 - Sim, sim, está vivo. Mas muitos dizem que teria sido melhor se tivesse morrido.
 - Por quê? Como?
- Meu sangue gelou nas veias.
- Onde está ele? - perguntei. - Está na Inglaterra?
 - Sim... sim... Está na Inglaterra. Não pode sair da Inglaterra, agora... Acho que ficará aqui para sempre.
- Que agonia! E o homem parecia determinado a prolongá-la.

- Ele está completamente cego – disse ele, por fim. – Sim, Mr.

Edward está completamente cego.

Temia coisa pior. Temia que tivesse enlouquecido. Juntei minhas forças para perguntar o que causara esta calamidade.

- Foi sua própria coragem. E pode-se dizer que, de certo modo, foi a sua bondade, madame. Mr. Rochester não quis deixar a casa antes que todos tivessem saído. Quando, finalmente, vinha descendo pela enorme escadaria – depois que Mrs. Rochester se atirou do telhado – houve um grande desabamento, tudo ruiu. Ele foi tirado do meio dos escombros, ainda vivo, mas gravemente ferido: uma viga caíra de tal modo que o protegera parcialmente. Mas um olho fora atingido, e uma das mãos estava tão esmagada que Mr. Carter teve que amputá-la imediatamente. O outro olho inflamou e ele perdeu a visão dos dois. Agora está indefeso, na verdade... cego e aleijado.

- Onde está ele? Onde vive agora?

- Em Ferndean, na casa senhorial de uma fazenda que ele tem, a quase cinquenta quilômetros daqui. É um lugar bem desolado.

- Quem vive com ele?

- O velho John e a esposa. Ele não tem mais ninguém. Dizem que está muito enfraquecido.

- O senhor tem algum tipo de transporte?
- Temos uma carruagem, madame, uma carruagem muito bonita.

- Mande prepará-la imediatamente. E se o seu cocheiro puder me levar a Ferndean ainda hoje, antes de escurecer, pagarei ao senhor e a ele o dobro do preço normal.

C A P Í T U L O XXXVII

A casa senhorial de Ferndean era uma construção bastante antiga, de tamanho médio e sem pretensões arquitetônicas, profundamente encravada na mata. Eu já ouvira falar dela. Mr. Rochester frequentemente a mencionava e algumas vezes ia até lá. Seu pai havia comprado a casa para usar como refúgio de caça. Pretendia alugá-la, mas não achou inquilino por causa da sua localização inadequada e insalubre. Ferndean então permaneceu desabitada e sem mobília, exceto por duas ou três peças equipadas para acomodação do proprietário, quando ia lá na estação de caça.

Cheguei neste lugar pouco antes do anoitecer, numa noite de céu cinzento, frias lufadas de vento e chuva contínua e penetrante. Percorri a pé o último quilômetro, depois de dispensar a carruagem e o cocheiro com a dupla remuneração que prometera. Não é possível ver a casa, mesmo que se esteja a uma pequena distância, tão densa e escura é a vegetação do bosque que a cerca. Um portão de ferro entre pilares de granito mostrou-me o caminho e, depois de atravessá-lo, encontrei-me na penumbra de uma cerrada fileira de árvores. Havia um caminho coberto de grama alta que descia do bosque, entre um corredor de árvores nodosas e arcadas de galhos. Segui-o, esperando chegar logo à casa, mas o caminho se prolongava mais e mais, seguia sempre para mais longe, sem que se visse nenhum sinal da construção ou do jardim.

Pensei que tivesse tomado o caminho errado e me perdido. A escuridão daquele crepúsculo agreste me envolveu. Procurei por outra estrada. Não havia nenhuma: tudo eram galhos emaranhados, troncos maciços, densa folhagem de verão... Não se encontrava uma abertura em lugar algum.

Continuei. Por fim as árvores diminuíram um pouco e o caminho se abriu. Então vi uma cerca e depois a casa, mal visível entre as árvores naquela luz fraca, tão úmidas e cobertas de limo eram as suas paredes.

Transpondo um portal fechado apenas por um trinco, encontrei-me no meio de um terreno circundado pelas árvores, em forma de semicírculo. Não havia canteiros ou flores, apenas um largo caminho de cascalho cercado por um gramado e emoldurado pelo bosque. A fachada da casa tinha duas cumeeiras e janelas estreitas e envidraçadas. A porta da frente também era estreita, com um degrau. Como disse o estalajadeiro do “Brasão de Rochester”, parecia “um local bem desolado”. Tão quieta como uma igreja num dia de semana. Ao redor só se ouvia o monótono som da chuva na floresta.

- Haverá vida aqui? - perguntei-me.

Sim, havia alguma espécie de vida, pois ouvi um movimento... A estreita porta da frente estava se abrindo e um vulto se preparava para sair da granja. A porta foi aberta lentamente. Um homem sem chapéu saiu no crepúsculo e parou no degrau.

Estendeu a mão à frente, para ver se chovia. Mesmo no escuro, eu o reconheci: era meu patrão, Edward Fairfax Rochester, e nenhum outro.

Estaquei de repente, quase sem respirar, e parei para observá-lo... Para examiná-lo, escondida e – ai de mim! – invisível para ele. Foi um encontro inesperado, em que a dor refreava com força a emoção. Não tive dificuldade em abafar uma exclamação, e conter meus passos para não correr ao seu encontro.

Seu corpo parecia tão forte e vigoroso como sempre. O porte ainda era ereto, o cabelo ainda negro e lustroso. As feições não pareciam alteradas ou abatidas. Nesse espaço de um ano, não houve tristeza que pudesse abalar sua energia de atleta ou destruir o seu vigor. Mas vi mudança em seu semblante: parecia desesperado e tenso, lembrando alguma besta ou pássaro selvagem que, ferido e acorrentado, torna-se perigoso na sua furiosa desgraça. Uma águia aprisionada, cuja crueldade nos olhos dourados fora extinta – e podia bem se parecer com aquele cego Sansão.

Imagina o leitor que eu o temia na sua cega ferocidade? Se pensa assim é porque não me conhece. Minha tristeza era abençoada pela esperança de que logo pudesse depositar um beijo naquele rosto crispado e

naqueles lábios tão cruelmente cerrados. Mas ainda não. Não devia me aproximar ainda.

Ele desceu o degrau e avançou lentamente, tateando, na direção do gramado. Onde estava agora o seu andar destemido? Parou, como se não soubesse para que lado seguir. Levantou a mão e abriu as pálpebras: dirigiu com esforço o seu olhar vazio para o céu e para o anfiteatro de árvores. Sentia-se que, para ele, tudo estava imerso em vazia escuridão. Estendeu a mão direita (o braço esquerdo, mutilado, estava escondido dentro do casaco, junto ao peito). Parecia querer formar, pelo toque, uma ideia do que estava ao seu redor. Mas só encontrava o vazio, pois as árvores estavam a alguns metros de distância. Desistiu do esforço, cruzou o braço e ficou quieto e mudo sob a chuva, que agora caía em batedas sobre sua cabeça descoberta. Nesse momento John aproximou-se, vindo não sei de onde.

- Quer dar-me o braço, senhor? - disse. - Há um forte aguaceiro se aproximando: não é melhor entrar?

- Deixe-me só - foi a resposta.

John retirou-se sem perceber a minha presença. Mr. Rochester ainda tentava caminhar ao redor, inutilmente. Tudo era muito incerto. Tateou o caminho de volta até a casa, entrou e fechou a porta.

Então me aproximei e bati. A esposa de John abriu-me a porta.

- Mary - eu disse - como vai você?

Ela se espantou como se tivesse visto um fantasma. Acalmei-a. E à sua pergunta: “É mesmo a senhorita, numa hora tão tardia, neste lugar isolado?” respondi tomando-lhe a mão. Depois segui-a até a cozinha, onde John estava sentado junto a um belo fogo. Expliquei-lhes, em poucas palavras, que soubera de tudo que acontecera desde que deixara Thornfield, e que viera para ver Mr. Rochester. Pedi a John que fosse até o posto na estrada, onde dispensara a carruagem, e trouxesse a minha bagagem que ficara lá. E então, enquanto tirava o xale e o chapéu, perguntei a Mary se haveria acomodação para mim na casa para passar a noite. E quando soube que esse arranjo, embora difícil, não seria

impossível, informei-lhe então que ficaria. Neste momento tocou a sineta na sala de estar.

- Quando for até lá – falei – diga ao seu patrão que uma pessoa deseja vê-lo, mas não diga o meu nome.

- Duvido que ele a receba – ela respondeu. – Recusa-se a ver qualquer pessoa.

Ao retornar, perguntei-lhe o que ele havia dito.

- Quer que diga o seu nome e o que deseja – ela respondeu.

Então encheu um copo com água, que colocou numa bandeja junto com um candeeiro.

- Foi para pedir isto que ele chamou? – perguntei.

- Sim. Sempre que escurece exige luz, embora esteja cego.
- Dê-me a bandeja. Eu mesma a levo.

Peguei-a e Mary indicou-me a porta da sala. A bandeja balançou enquanto eu a carregava, derramando a água. Meu coração batia alvoroçado. Mary abriu a porta para mim e fechou-a depois que passei.

A sala parecia triste. Um punhado de achas queimava na lareira, de modo descuidado. Inclinado sobre o fogo, a cabeça apoiada no alto e antiquado frontão da lareira, encontrava-se o cego ocupante da sala. Seu velho cão, Pilot, jazia num canto, fora do caminho e encolhido como se temesse ser inadvertidamente pisoteado. O cão levantou as orelhas quando entrei, então pulou e me cercou, latindo e ganindo. Quase derrubou a bandeja das minhas mãos. Coloquei-a na mesa, afaguei-o e disse suavemente “Deita, Pilot.” Mr. Rochester virou-se imediatamente para ver o que era aquela perturbação toda, mas como não viu nada, voltou-se e suspirou.

- Dê-me a água, Mary - ele disse.

Aproximei-me dele com o copo agora cheio apenas pela metade.

Pilot me seguiu, ainda agitado.

- Qual é o problema? - ele perguntou.
- Deita, Pilot! - disse outra vez.

Mr. Rochester suspendeu o copo que levava aos lábios, e parou para ouvir. Bebeu e baixou o copo.

- É você, Mary, não é?

- Mary está na cozinha - respondi.

Ele esticou a mão num gesto rápido, mas sem saber onde eu estava, não me alcançou.

- Quem está aí? Quem está aí? - perguntou.

Parecia tentar enxergar com aqueles olhos cegos - tentativa inútil e dolorosa!

- Responda-me... Fale outra vez! - ordenou, em tom alto e imperioso.

- Quer mais um pouco de água, senhor? Derramei a metade do que estava no copo - eu disse.

- Quem é? Quem é? Quem está falando?

- Pilot me conhece. E John e Mary sabem que estou aqui. Cheguei apenas esta noite - respondi.

- Meu bom Deus! Estou tendo uma alucinação! Que doce loucura é essa que tomou conta de mim?

- Não é alucinação... nem loucura. A sua mente, senhor, é forte demais para delírios, e sua saúde boa demais para a loucura.

- E quem é que está falando? É apenas uma voz? Ah, não posso ver, mas preciso sentir, ou meu coração vai parar e

minha mente explodirá. Seja o que for... seja quem for, permita que a toque ou não poderei mais viver!

Ele tateou o ar. Peguei sua mão e prendi-a entre as minhas.

- São os dedos dela! - ele gritou. - Seus dedos pequenos e delicados! Se for assim, deve haver mais do que suas mãos...

A mão musculosa libertou-se das minhas. Agarrou meu braço, apalpou-me o ombro... o pescoço... a cintura... Fui arrebatada e puxada para junto dele.

- Será você, Jane? O que é isso? Sei que o corpo, a estatura, são os mesmos dela...

- E a sua voz - acrescentei. - Ela está toda aqui: o coração também. Deus o abençoe, senhor! Estou feliz de estar tão perto do senhor outra vez.

- Jane Eyre!... Jane Eyre! - era tudo que ele dizia.

- Meu querido patrão - respondi. - Sou Jane Eyre. Consegui encontrá-lo... voltei para junto do senhor.

- De verdade? Em carne e osso? A minha própria Jane, viva?

- O senhor tocou-me... segurou-me - e bem firme. Não sou fria como um cadáver, ou vaporosa como o ar, sou?

- Minha querida, viva! Com certeza esses são os seus membros e os seus traços. Mas não posso receber tamanha

bênção, depois de tanto sofrimento. Só pode ser um sonho, igual ao que tive uma noite, quando a estreitei novamente junto ao coração, como faço agora. E a beijei... assim... e senti que ela me amava, e acreditei que ela não me deixaria.

- O que não farei mais, senhor, a partir de hoje.

- Nunca me deixará, diz a visão? Mas eu sempre acordei e descobri que tudo foi uma zombaria vazia, e que continuava desolado e abandonado... A minha vida é escura, solitária, sem esperança... Minha alma sedenta proibida de beber, meu coração faminto sem alimento. Oh, sonho gentil e doce, que agora repousa nos meus braços. Sei que voarás também, como um dia voaram todas as tuas irmãs. Mas beija-me, antes de partir... Abraça-me, Jane!

- Aqui está, senhor... Aqui está!

Pressionei meus lábios contra os seus olhos, outrora brilhantes e agora sem luz... Afastei seu cabelo da frente e beijei-a também. De repente, ele pareceu endireitar-se: a realidade o atingira.

- É você? É Jane? Voltou para mim, então?

- Voltei.

- Então não está morta, tragada pela corrente de algum riacho?

Não é uma excluída, servindo a estranhos?

- Não senhor! Agora sou uma mulher independente.
- Independente! O que quer dizer, Jane?
- Meu tio que morava na Ilha da Madeira morreu, e me deixou cinco mil libras.
- Ah! Isso é prático... É real! - ele exclamou. - Nunca imaginaria uma coisa assim! Além do mais, há essa voz tão peculiar, tão animada e interessante, e também tão suave. Consola o meu fraco coração e enche-o de vida. Então, Janet! É uma mulher independente, agora? Uma mulher rica?
- Se não me deixar viver com o senhor, posso construir uma casa bem perto da sua porta. E o senhor pode vir sentar na minha sala de estar, quando desejar companhia.
- Mas, Jane, como agora é rica, sem dúvida deve ter amigos que se preocupem com você. E eles não aceitarão que você se dedique a um cego como eu...
- Disse-lhe que sou independente, senhor, tanto quanto rica. Sou dona de mim mesma.
- E ficará comigo?
- Certamente... a menos que se oponha. Serei sua vizinha, sua enfermeira, sua governanta. Encontrei-o sozinho. Serei sua companheira: para ler para o senhor, passear com o senhor, conversar com o senhor, cuidar do senhor. Serei seus olhos e suas mãos. Chega de ser tão triste, meu querido patrão. Enquanto eu viver, não ficará mais solitário.

Ele não respondeu. Parecia sério... pensativo. Suspirou, entreabriu os lábios como se fosse falar e fechou-os novamente. Senti-me um pouco embaraçada. Talvez eu tivesse me apressado em pular as convenções sociais, e ele, como St. John, achara imprópria a minha conduta. Na verdade, fizera minha proposta pensando que ele quisesse e fosse pedir-me em casamento. Uma expectativa, não menos certa por não ter sido expressa, levava-me a acreditar que ele me queria para si. Mas não havia

nenhum sinal disso no seu semblante, que se tornou sombrio. Lembrei-me, então, que talvez estivesse errada, bancando a tola sem juízo. E comecei, gentilmente, a libertar-me dos seus braços... Mas ele puxou-me de volta com ansiedade.

- Não, não, Jane... Não deve ir. Não! Eu a toquei, a ouvi, senti o conforto da sua presença... a doçura da sua consolação. Não posso desistir destas alegrias. Resta pouco de mim mesmo... preciso de você. O mundo pode rir, pode chamar-me de absurdo, de egoísta, mas isso não tem importância. A minha alma pede por você. E precisa ser satisfeita ou se vingará cruelmente no corpo que a abriga.

- Bem, senhor, eu ficarei. Já lhe disse isso.

- Sim, mas você entende uma coisa quando diz que quer ficar comigo, e eu entendo outra. Talvez você tenha se convencido a ser apenas meu guia e meu repouso... a cuidar de

mim como uma enfermeirinha bondosa (pois tem um coração afetuoso e uma alma generosa, que a leva a fazer sacrifícios por aqueles de quem tem pena), e que isso sem dúvida deveria ser suficiente para mim. Imagino que agora só possa nutrir por você sentimentos paternais. É isso que pensa? Diga-me...

- Farei como desejar, senhor. Fico contente de ser apenas sua enfermeira, se achar melhor.
- Mas não pode ser minha enfermeira para sempre, Jane. Você é jovem, algum dia se casará.
- Não me importo com o casamento.
- Mas deve se importar, Jane. Se eu ainda fosse o mesmo de antes, tentaria fazer com que se importasse... mas... uma massa cega!

Recai na melancolia. Eu, ao contrário, tornei-me mais alegre e adquiri uma coragem nova. Estas últimas palavras me mostraram onde estava a dificuldade. E como não representava dificuldade para mim, senti-me bastante aliviada do meu prévio embaraço. Retomei a conversação com mais vivacidade.

- É hora de alguém se encarregar de reumanizá-lo - eu disse, afastando seus cachos revoltos - pois vejo que está se transformando num leão, ou algo desse tipo. Com certeza tem um faux air - falso ar - de

Nabucodonosor. Seu cabelo me lembra as penas de uma águia. Só não pude ver ainda se as unhas estão crescidas como as garras de uma ave de rapina.

- Este braço não tem mão nem unhas - disse ele, tirando do peito o membro mutilado e mostrando-o. - É um simples coto, uma visão medonha! Não acha, Jane?

- É uma pena vê-lo. É uma pena também ver os seus olhos e essa cicatriz que o fogo deixou na sua testa. E o pior de tudo é o risco que se corre de amá-lo ainda mais por causa disso, e considerá-lo demais.

- Pensei que ficaria revoltada, Jane, quando visse o meu braço e a cicatriz no meu rosto.

- Pensou? Não me diga isso, para que eu não diga algo depreciativo sobre a sua capacidade de julgamento. Agora preciso deixá-lo um instante, para limpar a lareira e fazer um fogo melhor. Consegue perceber quando o fogo está bem aceso?

- Sim. Vejo um clarão com meu olho direito, uma névoa vermelha.

- E vê os candeeiros?

- Muito fracamente. Como uma nuvem luminosa.

- Consegue me ver?

- Não, minha fada. Mas já estou feliz só de ouvi-la e senti-la.
- A que horas costuma cear?
- Não ceio nunca.
- Mas tem que comer algo esta noite. Estou faminta, e tenho certeza que o senhor também está. Só que se esquece de comer.

Chamei Mary, e juntas tornamos a sala mais acolhedora. Preparei-lhe também uma saborosa refeição. Eu estava animada e, com prazer e à vontade, conversei com ele durante a ceia, e por longo tempo ainda depois dela. Com ele não havia nenhum embaraço, nenhuma obrigação de moderar a vivacidade e a alegria. Com ele sentia-me perfeitamente à vontade, pois sabia que combinávamos. Tudo o que eu fazia ou dizia parecia animá-lo e consolá-lo. Deliciosa consciência! Trouxe vida e luz

para todo o meu ser. Na sua presença eu vivia intensamente, assim como ele vivia na minha presença. Cego como estava, sorrisos brincavam-lhe na face, a alegria despontava em sua frente. Seus traços se suavizaram e se animaram.

Após a ceia ele começou a me fazer uma série de perguntas. Onde eu estivera, o que fizera, como o encontrara, mas eu lhe dei apenas respostas parciais. Estava muito tarde naquela noite para entrar em detalhes. Além disso, não pretendia tocar

em nenhum nervo sensível, para não abrir um novo poço de mágoa no seu coração. Meu único objetivo no momento era animá-lo, e o conseguira, mas ele ainda não estava preparado. Se havia uma pausa na conversação, logo ficava ansioso, tocava-me e então dizia “Jane.”

- Você é realmente um ser humano, Jane? Tem certeza disso?
- Acredito sinceramente que sim, Mr. Rochester.
- E como conseguiu aparecer de repente na porta desta casa isolada, numa noite tão escura e triste? Estendi a mão para pegar um copo de água de uma criada e recebo-o de você. Fiz uma pergunta esperando que a esposa de John me respondesse, e ouvi a sua voz.
- Porque eu entrei com a bandeja, no lugar de Mary.
- E essa hora que estou passando com você me parece encantada. Ninguém sabe a vida triste, escura e sem esperanças que eu tenho vivido nos últimos meses! Sem fazer nada, sem esperar nada, mergulhado na escuridão em pleno dia. Sentindo frio quando deixo o fogo se extinguir, ou fome quando esqueço de comer. E então uma tristeza sem fim, e às vezes um delírio de desejo de estreitar novamente a minha Jane. Sim, ansiei por sua volta muito mais do que pela visão perdida. E como pode acontecer de Jane estar agora comigo e dizer que me ama? Será que não partirá tão de repente como chegou? Amanho, temo, não a encontrarei mais.

Naquele estado de espírito, eu estava certa que o melhor para acalmá-lo era uma resposta comum e prática, sem ligação com suas ideias perturbadas. Afaguei suas sobrancelhas e observei-lhe que estavam queimadas, e que iria passar alguma coisa que as fizesse crescer cheias e negras como eram antes.

- Qual é a vantagem de me fazer algum bem, espírito benfazejo, se logo me abandonará outra vez, num momento fatal? Passará como uma sombra, sem que eu saiba como nem para onde, e se tornará para sempre inatingível para mim.

- Tem um pente de bolso, senhor?

- Para quê, Jane?

- Apenas para pentear essa juba desgrenhada. Acho sua aparência um tanto alarmante, quando o examino de perto. Diz que eu pareço uma fada, mas o senhor parece mais um duende.

- Sou horrível, Jane?

- Muito, senhor. E sempre foi, o senhor sabe disso.

- Hum! O atrevimento não a abandonou, não importa por onde tenha andado.

- Ainda assim, estive com pessoas muito boas, muito melhores que o senhor. Cem vezes melhores. Pessoas com ideias e objetivos que o senhor nunca acalentou na sua vida. Muito mais refinadas e cultas.

- Com quem diabos esteve?
- Se continuar se agitando desse modo, vou acabar arrancando-lhe os cabelos. E então creio que deixará de duvidar da minha materialidade...
- Com quem esteve, Jane?
- Esta noite o senhor não me arrancará essa história. Deve esperar até amanhã. Deixar minha história pela metade, o senhor sabe, é uma espécie de garantia de que vou aparecer na mesa do café da manhã para terminá-la. Por falar nisso, não pretendo aparecer apenas com um copo de água. Devo trazer um ovo frito, pelo menos, sem falar em presunto.
- Sua fadinha zombeteira...Nasceu fada e criou-se humana! Me faz sentir como não me sentia há doze meses. Se Saul contasse com você para Davi, teria exorcizado o espírito do mal sem a ajuda de uma harpa.
- Bem, senhor, já está penteado e animado. Agora vou deixá-lo.

Estive viajando nos últimos três dias, e estou cansada. Boa-noite!

- Só uma coisa, Jane: havia apenas mulheres na casa onde esteve?

Ri e me retirei. Ainda ria enquanto subia as escadas. “Que boa ideia!” pensei, com alegria. “Acho que encontrei uma maneira de arrancá-lo de sua melancolia por um bom tempo.”

Bem cedo na manhã seguinte ouvi-o de pé e agitado, andando de um quarto para outro. Logo que Mary desceu ouvi-o perguntar:

- Miss Eyre está aqui? E em seguida:
- Em que quarto a colocou? Estava aquecido? Ela já se levantou?

Vá ver se ela precisa de alguma coisa e pergunte a que horas vai descer.

Desci tão logo adivinhei a perspectiva de um café da manhã. Entrei na sala sem ruído, e pude vê-lo antes que percebesse a minha presença. Fiquei abatida, realmente, ao testemunhar aquele espírito vigoroso subjugado a uma enfermidade física. Mr. Rochester estava sentado em sua poltrona, imóvel, mas inquieto. Esperava, era evidente, os traços marcados pela tristeza que agora lhe era habitual. Seu semblante me lembrava uma lâmpada apagada, esperando a hora de ser novamente acesa. E o pior, ai de mim! - não estava mais em seu poder retomar sua vivacidade de expressão, dependia de outro para fazê-lo! Era minha intenção ser alegre e descuidada, mas a fraqueza daquele homem forte tocou-me o coração até o fundo. Ainda assim aproximei-me com toda a vivacidade que podia.

- Está uma manhã linda e ensolarada, senhor! - disse. - A chuva se foi e deixou um brilho suave. Deve dar um passeio sem demora.

Eu acendera a chama. Suas feições se iluminaram.

- Ah! Então está mesmo aqui, minha cotovia! Venha cá! Não foi- se embora, não desapareceu? Há uma hora ouvi uma outra da sua espécie cantando alto no bosque, mas o seu canto não tinha música para mim, como o sol nascente não tem raios. Toda a melodia do mundo está concentrada na voz da minha Jane ao meu ouvido (e fico contente que ela não seja do tipo silencioso). Toda a felicidade que posso sentir vem da sua presença.

Meus olhos se encheram de lágrimas ao ouvir essa confissão de dependência - como se uma águia-real, acorrentada a um poleiro, tivesse

que suplicar ajuda a um pardal. Mas eu não estava disposta a choradeiras. Limpei as gotas salgadas e me ocupei em preparar a refeição.

Passamos a maior parte da manhã ao ar livre. Levei-o para longe do bosque molhado e espesso, na direção de alguns belos prados. Descrevi-lhe o verde brilhante dos campos, o viço das flores e sebes, o azul ofuscante do céu. Procurei um recanto abrigado e adorável, e arranjei-lhe um lugar para sentar, no tronco seco de uma árvore. Nem recusei que ele,

depois de sentado, me colocasse sobre os seus joelhos. Por que deveria, se eu e ele ficávamos mais felizes juntos do que separados? Pilot deitou-se ao nosso lado. Tudo estava silencioso. Ele rompeu o silêncio de repente, tomando-me nos braços.

- Sua desertora cruel! Cruel! Oh, Jane! O que senti quando percebi que tinha fugido de Thornfield, e que não podia achá-la em lugar algum! E quando revistei seus aposentos e vi que não tinha levado nenhum dinheiro, ou qualquer coisa de valor! O colar de pérolas que eu lhe dera estava intacto no seu estojo. Sua bagagem continuava trancada, como quando fora preparada para a viagem de núpcias. O que fará o meu amor, pensei, desprovida de tudo e sem dinheiro? E o que fez? Conte-me agora.

Instada por ele, comecei a narrar a experiência que vivera no último ano. Suavizei bastante o que se referia aos três dias em que vaguei sem destino, faminta, porque contar-lhe isso seria infligir-lhe uma dor desnecessária. O pouco que contei, no entanto, causou-lhe no coração uma dor mais profunda do que eu desejara.

Não devia tê-lo deixado assim, ele disse, sem nenhum recurso ao meu dispor. Devia ter-lhe contado a minha intenção, confiado nele. Jamais me obrigaria a ser sua amante. Mesmo parecendo violento em seu desespero, na verdade amava-me demais para se transformar em meu tirano. Preferia dar-me metade da sua fortuna – sem pedir mais que um beijo em

retribuição – do que permitir que eu saísse por esse vasto mundo sem ter ninguém. Tinha certeza que eu sofrera muito mais do que lhe contara.

- Bem, quaisquer que tenham sido os meus sofrimentos, foram muito curtos – respondi.

E passei a contar-lhe como fora recebida em Moor House, como obtivera o cargo de professora. Prossegui com o relato do acesso à herança e a descoberta do meu parentesco. Naturalmente, o nome de St. John Rivers foi mencionado diversas vezes na minha história. Quando terminei, esse nome foi imediatamente lembrado.

- Então esse St. John é seu primo?

- Sim.

- Falou bastante sobre ele. Estima-o?

- É um homem muito bom, senhor. Não posso deixar de gostar

dele.

- Um homem muito bom. Isso significa um respeitável e bem-

comportado senhor de cinquenta anos? Ou é outra coisa?

- St. John tem apenas vinte e nove, senhor.

- Jeune encore - ainda jovem - como dizem os franceses. E será um homem baixo, fleumático, sem atrativos? Alguém cuja bondade consiste mais na ausência de vícios do que no talento para a virtude?

- Não. Ele é incansável e combativo. Deseja realizar coisas grandes e nobres na vida.

- E quanto à mente? Seria um pouco maçante? Seus propósitos são elevados, mas será que você não dava de ombros ao ouvi-lo falar?

- Ele fala pouco, senhor, e o que diz é sempre claro e objetivo. Tem um cérebro de primeira classe, não diria impressionante, mas vigoroso.

- É um homem talentoso, então?

- Verdadeiramente talentoso.

- Um homem bastante instruído?

- St. John é um completo erudito.

- Mas seus modos não lhe agradavam, foi o que disse?

Meticulosos e próprios de um pastor?

- Eu não disse nada sobre os seus modos. Mas, a menos que eu tenha péssimo gosto, acho que seus modos me agradam. São polidos,

calmos e próprios de um cavalheiro.

- E quanto à sua aparência - esqueci o que disse sobre a aparência dele... Era um tipo de padre, meio estrangulado pelo colarinho branco, e encarapitado numas botinas de sola grossa, não é?

- St. John se veste bem. É um homem bonito: alto, imponente, de olhos azuis e perfil grego.

(Para o lado) - O diabo que o carregue! (para mim) - E gostou dele, Jane?

- Sim, Mr. Rochester, gostei dele. Mas o senhor já me perguntou isso antes...

Eu percebia, é claro, a direção tomada pelo meu interlocutor. O ciúme se apoderara dele, picava-o. Mas a picada era salutar, concedia-lhe uma trégua no abatimento causado pela tristeza. Por isso não tratei de encantar a cobra tão cedo.

- Talvez prefira não continuar sentada nos meus joelhos, Miss Eyre? - foi a observação, um tanto inesperada, que se seguiu.

- Por que não, Mr. Rochester?

- O quadro que acabou de pintar sugere um contraste esmagador. Suas palavras delinearam belamente um gracioso Apolo, que está presente na sua imaginação... alto, belo, olhos azuis, perfil grego. E agora volta os olhos para um Vulcano -

um verdadeiro ferreiro, moreno, de ombros largos. E que entra no negócio cego e coxo!

- Nunca pensei nisso antes, mas o senhor certamente se parece com Vulcano.

- Bem, madame, pode deixar-me. Mas antes de ir (e ele me apertou com mais firmeza que nunca), peço que me faça o obséquio de responder a uma ou duas perguntas.

Fez uma pausa.

- Quais perguntas, Mr. Rochester? Então começou o interrogatório.

- St. John deu-lhe o cargo de professora antes de saber que era seu primo?

- Sim.

- Você o via com frequência? Ele ia à escola muitas vezes?

- Diariamente.

- E gostava das suas ideias, Jane? Sei que deviam ser inteligentes, pois você é uma criatura muito dotada!

- Gostava, sim.

- Descobriu em você muitas qualidades que não esperava encontrar? Você possui alguns dons que não são comuns.

- Isto eu não sei.

- Você disse que tinha um chalé perto da escola. Ele ia visitá-la?
- De vez em quando.
- À noite?
- Uma ou duas vezes. Uma pausa.
- Quanto tempo viveu com ele e as irmãs depois que o parentesco foi descoberto?
- Cinco meses.
- E Rivers passava muito tempo com as mulheres da família?
- Sim, a sala íntima era o gabinete de estudos tanto dele quanto nosso. Ele sentava-se perto da janela e nós na mesa.
- Ele estudava muito?
- Bastante.
- O que estudava?
- Hindustâni.
- E o que você fazia, enquanto isso?
- Estudava alemão, no início.
- Ele a ensinava?

- St. John não sabe alemão.
- Não lhe ensinava nada, então?
- Um pouco de hindustâni.
- Rivers ensinava-lhe hindustâni?
- Sim, senhor.
- Para as irmãs também?
- Não.
- Só para você?
- Só para mim.
- Você pediu para aprender?
- Não.
- Foi ele quem quis lhe ensinar?
- Sim. Outra pausa.
- Por que ele desejava isso? Que uso teria o hindustâni para você?
- Ele pretendia me levar com ele para a Índia.
- Ah! Então chegamos ao cerne da questão. St. John queria que se casasse com ele?
- Sim, pediu-me para casar com ele.
- Isso é uma invenção... uma conversa fiada só para me irritar.

- Desculpe, mas é a verdade. Pediu-me mais de uma vez, e foi tão insistente nesse ponto quanto o senhor mesmo seria.
- Miss Eyre, eu repito: está livre para me deixar. Quantas vezes preciso dizer-lhe a mesma coisa? Por que continua sentada no meu joelho com tanta pertinácia, se eu já lhe pedi que saísse?
- Porque estou confortável aqui.
- Não, Jane, não está confortável porque seu coração não está comigo: está com esse seu primo... esse tal de St. John. Oh! E eu que até esse momento pensei que a minha pequena Jane fosse apenas minha! Acreditava que ela me amava, mesmo quando me deixou, e isso sempre foi um átomo de doçura no meu amargor. Por mais que estivéssemos separados, por mais pungentes que fossem as lágrimas que chorei pela nossa separação, nunca pensei que enquanto chorava a sua perda ela estava amando outro! Mas é inútil lamentar! Jane, deixe-me: vá embora e case-se com Rivers.
- Então expulse-me, senhor, empurre-me para longe, pois pela minha vontade não o deixarei.
- Jane, sempre gostei do seu tom de voz: ainda me renova as esperanças, me soa verdadeiro. Quando a ouço, sinto-me transportado para um ano atrás. Esqueço que formou um novo laço. Mas não sou um tolo... vá...

- Para onde devo ir, senhor?
- Siga seu próprio caminho... com o marido que escolheu.
- E quem é ele?
- Você sabe... esse tal de St. John Rivers.
- Ele não é meu marido, e nunca será. Não me ama. Eu não o amo. Ele ama (da forma que pode amar, que não é a mesma sua) uma bela jovem chamada Rosamond. Quis casar comigo apenas porque achou que eu seria uma boa esposa de missionário, o que não acontecia com Rosamond. Ele é um homem extraordinário e bondoso, mas severo. E, no que me diz respeito, frio como um bloco de gelo. Não é como o senhor. Não sou feliz ao lado dele, nem perto dele, nem com ele. St. John não tem indulgência para comigo, não me tem afeição. Não vê nenhum atrativo em mim... nem mesmo a juventude. Vê apenas algumas qualidades mentais úteis. Então? Acha que devo deixá-lo, senhor, e ir para junto dele?

Estremeci involuntariamente, e aconcheguei-me ainda mais àquele homem cego, mas amado: meu patrão. Ele sorriu.

- É verdade isso, Jane? Então é assim que estão as coisas entre você e Rivers?
- Exatamente, senhor! Não precisa ficar com ciúmes! Queria espicaçá-lo um pouco para que não ficasse tão triste. Achei que a raiva seria melhor que a tristeza. Mas se deseja que o

ame, e se pudesse ver o quanto eu de fato o amo, ficaria orgulhoso e contente. Meu coração é seu por inteiro, pertence ao senhor. E com o senhor ficará, mesmo que o destino afaste o resto do meu ser da sua presença pelo resto da vida.

E de novo, enquanto me beijava, ele voltou a ter pensamentos sombrios, que lhe anuviaram o semblante.

- Minha vista perdida! Minha força debilitada! - murmurou, lamentando-se.

Acariciei-o, para consolá-lo. Sabia o que ele estava pensando, e queria falar por ele, mas não ousava. Quando virou o rosto por um momento, vi uma lágrima rolar por debaixo das pálpebras cerradas e escorrer pelo rosto viril. Meu coração se comoveu.

- Não sou melhor que aquela antiga noqueira atingida por um raio no pomar de Thornfield - observou pouco depois. - E que direito teria uma ruína como eu de cobrir sua decadência com o frescor da hera florescente?

- O senhor não é uma ruína, nem uma árvore atingida por um raio. É verdejante e vigoroso. As plantas crescerão junto das suas raízes, queira o senhor ou não, porque apreciam a sua sombra generosa. E quando crescerem se inclinarão para o senhor, porque a sua força lhes oferece um abrigo seguro.

Mr. Rochester sorriu outra vez. Eu o confortara.

- Está falando de amigos, Jane? - perguntou.

- Sim, de amigos - respondi, um tanto hesitante.

Pretendia dizer mais do que isso, mas não sabia que outra palavra empregar. Ele veio em meu auxílio:

- Ah, Jane! Mas eu preciso de uma esposa.
- Precisa, senhor?
- Sim. Isto é novidade para você? comigo?

- Naturalmente. Não me disse nada sobre isso antes.
- É uma notícia desagradável?
- Depende das circunstâncias, senhor... da esposa que escolher.
- Você pode escolher para mim, Jane. Obedecerei à sua decisão.
- Então, senhor, deve escolher... aquela que o ama mais.
- Eu escolherei... aquela que eu amo mais. Jane, quer casar-se

- Sim, senhor.
- Aceita casar-se com um pobre homem cego, a quem deverá

- conduzir pela mão?
- Sim, senhor.

- Um aleijado, vinte anos mais velho que você, de quem terá que cuidar?

- Sim, senhor.

- De verdade, Jane?

- Verdade absoluta, senhor.

- Oh, minha querida! Que Deus a abençoe e recompense!

- Mr. Rochester, se algum dia já fiz uma boa ação, se já tive um

pensamento bom, se já rezei uma oração sincera e sem culpa, se já desejei alguma coisa justa, agora estou sendo recompensada. Ser sua esposa, para mim, significa ser tão feliz quanto eu possa ser neste mundo!

- Porque você gosta do sacrifício.

- Sacrifício! O que estou sacrificando? A fome pelo alimento. A esperança pela satisfação. Ter o privilégio de abraçar aquilo que estimo, beijar aquele a quem amo, me apoiar em quem confio. Isto é fazer um sacrifício? Se é assim, então realmente gosto do sacrifício.

- Terá que suportar a minha enfermidade, Jane. Terá que relevar as minhas deficiências.
- Que para mim não existem, senhor. Amo-o mais agora que lhe posso realmente ser útil, do que antes, quando era orgulhoso e

independente. Quando desdenhava qualquer papel que não fosse o de protetor e provedor.

- Até hoje eu odiava ser ajudado... ser conduzido. De agora em diante sinto que não odiarei mais. Não gosto de dar a mão a um criado, mas é agradável senti-la junto aos delicados dedos de Jane. Preferia ficar sozinho do que ter a constante atenção dos criados, mas a doce atenção da minha Jane será uma alegria perene. Jane me convém, mas será que sou conveniente para ela?

- Até a última fibra do meu ser, senhor.

- Se é assim, então não temos nenhum motivo neste mundo para esperar: devemos nos casar imediatamente.

Mr. Rochester olhava e falava com seriedade. Sua antiga impetuosidade estava voltando.

- Devemos nos tornar uma só pessoa sem demora, Jane. Assim que conseguir a licença, nos casaremos!

- Mr. Rochester, acabei de descobrir que o sol já está declinando no horizonte. E Pilot, de fato, foi para casa em busca do jantar. Deixe-me ver o seu relógio.
- Coloque-o na sua cintura, Jane, e fique com ele daqui para a frente. Não me serve para nada.
- São quase quatro horas da tarde, senhor. Não está com fome?
- De hoje a três dias será o nosso casamento, Jane. Agora não importam roupas finas nem joias, tudo isso não vale nada.
- O sol secou toda a chuva, senhor, e o vento parou. Está bastante quente.
- Sabia, Jane, que carrego o seu pequeno colar de pérolas comigo junto ao pescoço, embaixo da gravata? Uso-o desde que perdi o meu único tesouro, como uma lembrança...
- Vamos para casa pelo bosque. Tem mais sombra.
Ele prosseguiu nos seus pensamentos, sem me dar atenção.
- Jane, creio que me considera um cão ateu. Mas agora, neste mesmo momento, meu coração se enche de gratidão pelo Deus benevolente que reina sobre a terra. Deus não vê como os homens, mas com muito mais clareza. Não julga como

os homens, mas com muito mais sabedoria. Eu errei. Maculei a inocência da minha flor, manchei de culpa a sua pureza, e o Onipotente arrebatou-a de mim. Eu, na minha teimosia, quase amaldiçoei essa provação. Em vez de acatar a Sua vontade, desafiei-

a. A Justiça Divina seguiu seu curso e a desgraça me atingiu com toda a força. Fui forçado a passar pelo vale das sombras da morte. O castigo de Deus é poderoso, e aquele que me atingiu tornou-me humilde para sempre. Você sabe como sempre me orgulhei da minha força. Mas o que é feito dela agora, quando preciso ser guiado pelos outros, como uma criança? Ultimamente, Jane – e só ultimamente – comecei a tomar consciência da mão de Deus no meu sofrimento. Comecei a sentir remorso e arrependimento, e o desejo de me reconciliar com o meu Criador. Comecei a rezar, algumas vezes. Orações muito breves, mas sinceras.

- Há alguns dias – espere, lembro-me bem, foi há quatro dias, na segunda-feira passada, à noite – fui tomado por uma estranha emoção. O pesar substituíra a fúria, a dor tomara o lugar da inquietação. Desde muito que eu achava que, se não conseguira encontrá-la, é porque devia estar morta. Muito tarde naquela noite – devia ser entre onze horas e meia-noite – quando me retirei para o meu triste repouso, supliquei a Deus que, se fosse a Sua vontade, me levasse logo desta vida para o outro mundo, onde ainda havia esperança de reencontrar a minha Jane.

- Estava no meu quarto, sentado junto à janela aberta. Me agradava sentir o bálsamo do ar noturno, embora não pudesse ver as estrelas e só soubesse da presença da lua por uma vaga neblina luminosa. Ansiei por você, Jane. Oh! Ansiei pela sua presença, em corpo e alma! Perguntei a Deus, ao mesmo tempo angustiado e humilde, se já não sofrera o bastante, assim aflito, desolado e atormentado, e se não poderia tão cedo experimentar a felicidade e a paz uma vez mais. Que eu merecia tudo o que sofria, já o sabia. Queixei-me de que já não podia aguentar mais. E os desejos encobertos no fundo do meu coração fizeram irromper involuntariamente dos meus lábios estas palavras: Jane! Jane! Jane!

- O senhor gritou estas palavras em voz alta? – perguntei.

- Gritei, Jane. Se alguém me ouvisse, pensaria que eu estava louco, pois pronunciei as palavras com uma energia desesperada.

- E foi na última segunda-feira, perto da meia-noite?

- Sim, mas não importa quando foi. O mais estranho foi o que se seguiu. Você irá pensar que sou supersticioso: a superstição está no meu sangue, sempre estive... Mas o que lhe digo é verdade. Pelo menos foi verdade para mim, o que agora vou contar. Quando exclamei “Jane! Jane! Jane!” uma voz – que eu não sei de onde veio, mas sei de quem era – respondeu:

“Estou indo! Espere por mim!”. E um momento depois o vento sussurrou estas palavras: “Onde está você?”

- Vou lhe dizer, se puder, o efeito que essas palavras causaram em minha mente. Ainda assim é difícil expressar o que quero dizer. Ferndean, como você vê, está encravada dentro de um denso bosque, onde o som chega amortecido e não existe eco. “Onde está você?” me pareceu vir das montanhas, pois ouvi as montanhas ecoarem as palavras. Naquele momento meu rosto foi atingido pelo vento frio, e pude imaginar que eu e Jane estávamos nos encontrando em algum lugar ermo e solitário. Acredito que nos encontramos em espírito. Sem dúvida, a essa hora você devia estar dormindo, inconsciente. Talvez a sua alma tenha se desprendido do corpo para confortar a minha. Pois as palavras que ouvi, Jane, eram suas - tão certo como eu estou vivo - era a sua voz!

Leitor, fora na noite de segunda-feira, perto da meia-noite, que eu recebera também o misterioso chamado. Aquelas eram as palavras exatas com que eu respondera a ele. Ouvi a narrativa de Mr. Rochester, mas não lhe revelei nada. A coincidência me abalara, e era inexplicável e terrível demais para ser exposta ou discutida. Se contasse a alguém, minha história seria tal que com certeza causaria uma impressão profunda em quem a ouvisse. E a mente de Mr. Rochester, cujos sofrimentos já lhe traziam tanta tristeza, não necessitava da sombra profunda do sobrenatural. Guardei aquilo para mim, no meu coração, para meditar.

- Você não pode se admirar de que – continuou ele – ao surgir de repente diante de mim na noite passada, eu tivesse dificuldade de acreditar que se tratava de algo mais que uma voz ou uma visão. Algo que se diluiria no ar, como antes o sussurro do vento e o eco da montanha

também se haviam dispersado. Agora, agradeço a Deus! Sei que representava outra coisa. Sim, agradeço a Deus!

Desceu-me dos seus joelhos, levantou-se e, tirando o chapéu com reverência e baixando os olhos cegos para o chão, quedou-se numa prece muda. Só ouvi as últimas palavras da sua oração.

- Agradeço a Deus que, no meio do seu julgamento, lembrou-se da piedade. Peço humildemente ao meu Redentor que me dê forças para levar daqui para a frente uma vida mais pura do que a que tenho levado!

Então estendeu a mão para que eu o guiasse. Tomei aquela mão querida, levei-a aos lábios por um momento, depois passei-a pelos meus ombros. Sendo bem mais baixa do que ele, servia-lhe ao mesmo tempo de apoio e de guia. Entramos no bosque, a caminho da casa.

CAPÍTULO 38 - FINAL

Casei-me com ele, leitor. Tivemos um casamento tranquilo: apenas eu, ele, o padre e o ajudante. Quando voltamos da igreja fui até a cozinha da casa, onde Mary estava preparando o jantar e John polindo os talheres. Disse:

- Mary, casei-me com Mr. Rochester esta manhã.

A cozinheira e o marido eram ambos daquele tipo de gente decente e fleumática, a quem a qualquer momento se pode comunicar com segurança um acontecimento notável, sem o risco de ter os ouvidos feridos por alguma exclamação estridente, e em seguida aturdidos por uma torrente de palavras de espanto. Mary levantou os olhos e fitou-me. A concha com que untava um par de frangos que assavam, ficou suspensa no ar por uns três minutos. E, pelo mesmo espaço de tempo, as facas de John viram-se livres do processo de limpeza. Mas Mary, inclinando-se de novo sobre o assado, disse apenas:

- Casou-se, senhorita? Bem... por certo! Pouco depois, ela continuou:

- Vi que a senhorita saiu com o patrão, mas não sabia que iam

para a igreja se casar - e terminou de untar o frango.

Quando olhei para John ele tinha um sorriso de orelha a orelha.

- Eu disse para Mary que isso ia acontecer – ele disse. – Eu sabia que Mr. Edward (John era um antigo criado da casa, e conhecia seu patrão desde que ele era o caçula da família, por isso muitas vezes o chamava pelo nome de batismo), eu sabia que Mr. Edward ia fazer isto mesmo, e sabia que ele não ia demorar muito. E ele fez o certo, fez muito bem! Desejo-lhe felicidades, senhorita! – e ele polidamente tirou o barrete.

- Obrigada, John. Mr. Rochester mandou que eu desse isto a você
e Mary.

Coloquei-lhe na mão uma nota de cinco libras. Não esperei para ouvir mais e deixei a cozinha. Passando, pouco depois, pela porta daquele santuário, ouvi estas palavras:

- Ela vai dar mais certo com ele do que qualquer uma dessas grã- finas. Se não é muito bonita, pelo menos é fiel e tem bom coração. E parece que ele acha ela bem bonita, a gente nota isso.

Escrevi para Moor House e para Cambridge imediatamente, contando o que fizera. Expliquei também, em detalhes, porque agira dessa maneira. Diana e Mary aprovaram a minha atitude sem reservas. Diana informou que me daria apenas tempo para a lua de mel, e logo depois viria me visitar.

- É melhor que ela não espere esse tempo todo, Jane - disse Mr. Rochester, quando li a carta para ele. - Se esperar, será tarde demais, pois nossa lua de mel há de durar a vida toda. O seu fulgor só vai se extinguir sobre o seu túmulo ou o meu.

Como St. John recebeu a notícia, não sei dizer. Nunca respondeu à carta em que lhe mandei a comunicação. Mas seis meses depois escreveu-me, sem, contudo, mencionar o nome de Mr. Rochester ou aludir ao meu casamento. Sua carta era tranquila e, embora séria, bastante afetuosa. Desde então mantivemos uma correspondência regular, ainda que espaçada. Ele esperava que eu fosse feliz, e confiava que eu não me tornaria uma daquelas pessoas que vivem sem Deus neste mundo, pensando só nas coisas terrenas.

Não esqueceu da pequena Adele, esqueceu, leitor? Eu não esqueci. Logo obtive permissão de Mr. Rochester para visitá-la na escola em que a colocara. Fiquei muito emocionada com a sua enorme alegria em me ver outra vez. Adele parecia pálida e magra. Disse que não era feliz. Eu achei as regras do estabelecimento muito severas, e o curso dos estudos rígido demais para uma criança da sua idade. Levei-a comigo para casa. Tencionava tornar-me outra vez sua governanta, mas logo vi que era impraticável. Todo o meu tempo e cuidados eram agora dedicados a outra pessoa... meu marido precisava deles. Então procurei uma escola com um sistema mais indulgente, e perto o bastante para que pudesse visitá-la com

frequência, e trazê-la para casa às vezes. Tomei cuidado para que nunca

lhe faltasse nada que pudesse contribuir para o seu conforto. Ela logo se acostumou no novo local, ficou bastante feliz e fez grandes progressos nos estudos. À medida que crescia, a saudável educação inglesa ia corrigindo muitos dos defeitos franceses. E quando deixou a escola, encontrei nela uma companheira agradável e devotada: dócil, de bom temperamento e bons princípios. Desde então pagou-me com agradecida atenção a mim e aos meus, o pouco de bondade que me foi dado lhe oferecer.

Meu conto chega ao seu fim. Uma palavra apenas sobre a minha experiência de matrimônio, um breve olhar sobre a sorte daqueles cujos nomes apareceram com mais frequência nesta narrativa – e chegarei ao fim.

Agora estou casada há dez anos. Sei o que é viver inteiramente para e com aquilo que mais amo no mundo. Considero-me abençoada – muito mais do que as palavras podem exprimir, pois sou a vida do meu marido tanto quanto ele é a minha. Nenhuma mulher jamais foi sua companheira tanto quanto eu sou: nem se tornou mais carne da sua carne, ou sangue do seu sangue. Não me canso da companhia do meu Edward, nem ele da minha. Nossos corações, embora batam em peitos separados, são um só – por isso estamos sempre juntos. Estar

juntos, para nós, é estar ao mesmo tempo tão livres como em solidão, e tão alegres como em companhia. Conversamos o dia inteiro, eu creio. Conversar um com o outro é como pensar de modo mais animado e audível. Deposito completa confiança nele e a confiança dele repousa toda em mim. Nossas mentes se completam – e o resultado é um acordo perfeito.

Mr. Rochester continuou cego nos dois primeiros anos da nossa união. Talvez tenha sido esta circunstância que nos tornou tão unidos, que nos aproximou tanto. Eu era sua visão, assim como ainda sou sua mão direita. Literalmente, eu era (como ele costumava me chamar) a menina dos seus olhos. Ele via a natureza e lia livros através de mim. E eu nunca me cansei de observar por ele, de pôr em palavras o colorido dos campos, das árvores, das cidades, dos rios, das nuvens, dos raios de sol – da paisagem diante de nós, ou da atmosfera que nos rodeava – imprimindo-lhe ao ouvido o que a visão não podia estampar. Nunca me cansei de ler para ele, nem de conduzi-lo para onde desejasse ir, ou de fazer por ele o que me pedisse. E, embora fosse triste algumas vezes, havia nessas tarefas

um prazer completo e delicado, porque ele as pedia sem nenhum doloroso constrangimento ou humilhação. Amava-me com tanta sinceridade, que não relutava em desfrutar da minha solicitude. E sentia que eu também o amava com tanta ternura, que descuidar dessa dedicação era deixar de atender aos meus mais doces desejos.

Uma manhã, ao final de dois anos, enquanto eu escrevia uma carta que ele ditava, Mr. Rochester inclinou-se sobre mim e disse:

- Jane, está com um adorno brilhante em volta do pescoço? Era a corrente de ouro do relógio que eu usava. Respondi:

- Estou.

- E está com um vestido azul claro?

Estava. Ele então me disse que havia algum tempo achava que a névoa que cobria um dos seus olhos ia se tornando menos densa. E que agora tinha certeza disso.

Fomos para Londres, onde ele consultou um eminente oculista. Com o tempo recuperou a visão de um dos olhos. Ainda não consegue ver perfeitamente, não pode ler ou escrever muito, mas pode achar o caminho sem ser levado pela mão. O céu não é mais um vácuo para ele, a terra não é mais um vazio.

Quando seu primogênito foi colocado em seus braços, pôde ver que o menino herdara os seus olhos, como eram antigamente: grandes, brilhantes e negros. Nesta ocasião, ele reconheceu outra vez, com o coração emocionado, que Deus fora misericordioso no seu julgamento.

Meu Edward e eu somos muito felizes. E mais ainda, porque aqueles a quem amamos são felizes também. Diana e Mary Rivers estão ambas casadas, e alternadamente, uma a cada ano, vêm nos visitar. Nós também as visitamos. O marido de Diana é um capitão da marinha, um oficial corajoso e um bom

homem. O de Mary é um clérigo, amigo de colégio do seu irmão e, por suas qualidades e seus princípios, merecedor dessa união. Tanto o Capitão Fitzjames como Mr. Wharton amam suas esposas, e são amados por elas.

Quanto a St. John Rivers, deixou a Inglaterra e foi para a Índia. Seguiu o caminho que havia escolhido para si, e ainda segue. Nunca um pioneiro mais resoluto e infatigável varou aquelas montanhas e afrontou

aqueles perigos. Firme, devotado, fiel, cheio de energia, zeloso e verdadeiro, trabalhou em prol da sua espécie; clareou para ela o doloroso caminho do aperfeiçoamento; combateu como um gigante os preconceitos de credo e de casta que a esmagam. Pode ser severo, rígido, e mesmo ambicioso. Mas a sua severidade é a de um guerreiro do Grande-Coração, que guarda a caravana dos peregrinos do ataque de Apollyon. Ele é o retrato do apóstolo, que fala apenas em nome de Cristo, quando diz: “Aquele que quiser vir comigo, que negue a si próprio, tome a sua cruz e siga-me”. A sua ambição é a dos espíritos elevados, que desejam ocupar um lugar nas primeiras fileiras daqueles que foram redimidos da terra... e que se perfilam imaculados perante o trono de Deus. Aqueles que partilham as poderosas vitórias do Cordeiro, que são os chamados, os escolhidos, os crentes.

St. John não se casou, e nunca mais se casará. Até agora ele bastou para a tarefa, e esta tarefa está perto do fim: seu glorioso sol precipita-se para o ocaso. A última carta que recebi dele trouxe lágrimas humanas aos meus olhos, embora enchesse de alegria divina o meu coração. Ele predizia a sua recompensa divina, sua coroa incorruptível. Sei que a próxima carta virá de uma mão estranha, para me comunicar que o bom e fiel servo foi chamado afinal para junto do seu Senhor. E por que chorar por isso? Nenhum temor da morte perturbará a derradeira hora de St. John na terra. Sua mente estará clara, seu coração destemido, sua esperança confiante, sua fé inabalável. Suas próprias palavras contêm essa promessa:

“Meu Mestre me preveniu”, diz ele. “A cada dia Ele anuncia com mais clareza: ‘Não me demorarei!’ e a cada hora eu lhe respondo com mais ansiedade: ‘Amém! Assim seja, Senhor Jesus!’ ”.

InfoLivros.org

